

Uma explicação de

ATOS DOS APÓSTOLOS



EIS UM POVO

Ger de Koning



Atos dos Apóstolos

Atos dos Apóstolos

**Uma explicação de
Atos dos Apóstolos**

Eis um povo

Ger de Koning

Eis! Série #5

Traduzido do alemão por Werner Klaes (wklaes@yahoo.com.br): agosto de 2024

Edição original holandesa :

Uitgeverij Daniel, Zwolle, Países Baixos

Loja online: www.uitgeverijdaniel.nl

Encomendas: info@uitgeverijdaniel.nl

Desenho da capa: Jan Paul Spoor

Paginação: Jan Noordhoek

Este comentário também pode ser lido no meu sítio Web www.kingcomments.com. Também pode ser lido em holandês, alemão e inglês no mesmo sítio.

Nenhuma parte desta publicação pode ser reproduzida e/ou publicada – exceto para uso pessoal – por impressão, fotocópia, microfilme ou qualquer outro meio sem autorização prévia por escrito do autor.

Conteúdo

Utilização do texto	13
Traduções	13
Abreviação de Livros Bíblicos	14
Velho Testamento	14
Novo Testamento	15
Atos dos Apóstolos	16
Introdução	16
Atos 1	20
Atos 1:1-3 Revisão	20
Atos 1:4-5 A promessa do Espírito Santo	22
Atos 1:6-8 O reino e suas testemunhas	23
Atos 1:9-11 A Ascensão	25
Atos 1:12-14 Perseverança na oração	26
Atos 1:15-19 O fim de Judas	28
Atos 1:20-26 O sucessor de Judas é escolhido	29
Atos 2	33
Atos 2:1 O dia de Pentecostes	33
Atos 2:2-4 A vinda do Espírito Santo	33
Atos 2:5-13 Falar em outras línguas	35
Atos 2:14-15 Pedro começa seu segundo discurso	37
Atos 2:16-21 A profecia de Joel	38
Atos 2:22-24 A obra de Deus e do homem	41
Atos 2:25-32 A ressurreição profetizada	43
Atos 2:33-36 Feito Senhor e Cristo	45
Atos 2:37-41 O efeito do sermão	47
Atos 2:42-47 A primeira vida da igreja	50
Atos 3	53
Atos 3:1 Indo ao templo para orar	53
Atos 3:2-7 A cura de um homem paralítico	53

Atos 3:8-11 O efeito da cura	56
Atos 3:12-16 Pedro prega Cristo	57
Atos 3:17-21 Chamado ao arrependimento e à conversão	60
Atos 3:22-26 O Profeta Despertado por Deus	62
Atos 4	65
Atos 4:1-4 Pedro e João são presos	65
Atos 4:5-7 Interrogatório do Sinédrio	66
Atos 4:8-12 Pedro responde por si mesmo	67
Atos 4:13-17 Reunião do Sinédrio	70
Atos 4:18-22 Ordem e ameaça do Sinédrio	72
Atos 4:23 Os seus	74
Atos 4:24-28 A dificuldade apresentada ao Senhor	74
Atos 4:29-31 Pedido e resposta	76
Atos 4:32-35 Unidade como comunidade	78
Atos 4:36-37 Barnabé	80
Atos 5	81
Atos 5:1-2 Ananias e Safira	81
Atos 5:3-6 Ananias é julgado	82
Atos 5:7-11 Safira é julgado	84
Atos 5:12-16 Sinais e maravilhas	86
Atos 5:17-25 Presos e libertados	88
Atos 5:26-28 Presos pela segunda vez	91
Atos 5:29-32 Testemunho de Pedro e dos apóstolos	92
Atos 5:33-39 O conselho de Gamaliel	94
Atos 5:40-42 Açoitados, libertados e seguindo em frente	96
Atos 6	97
Atos 6:1-2 Murmuração na igreja	97
Atos 6:3-7 Nomeação dos sete diáconos	99
Atos 6:8-10 O surgimento de Estêvão	101
Atos 6:11-15 A prisão de Estêvão	103
Atos 7	105
Atos 7:1 Introdução ao discurso de Estêvão	105
Atos 7:2-8 O caminho de Deus com Abraão	105
Atos 7:9-16 Rejeição e reinado de José	108

Atos 7:17-22 Nascimento e educação de Moisés	110
Atos 7:23-29 Moisés visita seus irmãos e foge	112
Atos 7:30-35 Deus aparece a Moisés	113
Atos 7:36-43 Moisés rejeitado – Idolatria – Julgamento	116
Atos 7:44-50 A morada de Deus	117
Atos 7:51-53 A acusação de Estêvão	119
Atos 7:54-60 Estêvão é apedrejado	120
Atos 8	124
Atos 8:1-4 Perseguição – Sepultando Estêvão	124
Atos 8:5-8 Filipe em Samaria	125
Atos 8:9-13 Simão, o mágico	127
Atos 8:14-17 Pedro e João em Samaria	129
Atos 8:18-25 Pedro reconhece Simão	130
Atos 8:26-29 Uma nova missão para Filipe	132
Atos 8:30-35 Filipe prega Jesus ao eunuco	135
Atos 8:36-39 Filipe batiza o eunuco	137
Atos 8:40 O ministério posterior de Filipe	138
Atos 9	140
Atos 9:1-9 A conversão de Saulo	140
Atos 9:10-16 O Senhor e Ananias	143
Atos 9:17-19 Ananias com Saulo	145
Atos 9:20-25 O sermão de Saulo e um ataque	146
Atos 9:26-30 Saulo em Jerusalém	149
Atos 9:31 A igreja tem paz	151
Atos 9:32-35 A cura de Enéias	152
Atos 9:36-43 Elevação de Dorcas	153
Atos 10	156
Atos 10:1-8 Um anjo visita Cornélio	156
Atos 10:9-16 A visão de Pedro	158
Atos 10:17-23 Os enviados de Cornélio	161
Atos 10:24-27 Pedro chega a Cornélio	162
Atos 10:28-29 Pedro relatou a razão de sua vinda	163
Atos 10:30-33 Cornélio explica o convite	164
Atos 10:34-43 O sermão de Pedro	165
Atos 10:44-48 As consequências do discurso	168

Atos 11	171
Atos 11:1-3 Pedro é acusado	171
Atos 11:4-18 Pedro responde por si mesmo	172
Atos 11:19-21 A pregação aos dispersos	176
Atos 11:22-24 Barnabé e a igreja em Antioquia	177
Atos 11:25-26 Barnabé e Saulo em Antioquia	179
Atos 11:27-30 Ágabo profetiza uma fome	180
Atos 12	183
Atos 12:1-2 Herodes mata Tiago	183
Atos 12:3-6 Pedro é feito prisioneiro	184
Atos 12:7-11 Pedro é libertado	186
Atos 12:12-17 Pedro vai para a congregação	188
Atos 12:18-19 A reação de Herodes	190
Atos 12:20-23 A morte de Herodes	191
Atos 12:24-25 A transição para o ministério de Paulo	193
Atos 13	194
Atos 13:1-3 Barnabé e Saulo são chamados	194
Atos 13:4-5 Início da primeira jornada missionária	196
Atos 13:6-12 Elimas e Sérgio Paulo	196
Atos 13:13-15 De Chipre para Antioquia na Pisídia	199
Atos 13:16-21 O tempo dos pais até Saúl	200
Atos 13:22-25 O tempo de Davi até o Senhor Jesus	202
Atos 13:26-31 O que aconteceu com o Senhor Jesus	203
Atos 13:32-39 A proclamação da promessa	204
Atos 13:40-41 Uma advertência no final	206
Atos 13:42-44 Efeito do sermão	206
Atos 13:45-52 Expulsos pelos judeus	207
Atos 14	211
Atos 14:1-7 Pregação em Icônio e fuga de Icônio	211
Atos 14:8-10 Um homem coxo é curado em Listra	212
Atos 14:11-18 O sermão de Paulo em Listra	213
Atos 14:19-20 Paulo é apedrejado	215
Atos 14:21-25 De volta a Antioquia da Síria	216
Atos 14:26-28 Chegada e relatório da viagem em Antioquia	219

Atos 15	221
Atos 15:1-2 Salvação e circuncisão	221
Atos 15:3-6 Viajando para Jerusalém	223
Atos 15:7-11 A reação de Pedro	225
Atos 15:12 Reação de Barnabé e Paulo	226
Atos 15:13-18 A reação de Tiago	227
Atos 15:19-21 O julgamento de Tiago	229
Atos 15:22-29 A carta aos gentios	231
Atos 15:30-35 Recebimento da carta em Antioquia	233
Atos 15:36-39 Separação entre Paulo e Barnabé	235
Atos 15:40-41 Início da segunda viagem missionária	236
Atos 16	238
Atos 16:1-4 Paulo leva Timóteo com ele	238
Atos 16:5 Fortalecimento e crescimento das igrejas	240
Atos 16:6-10 O Chamado Macedônio	240
Atos 16:11-15 A conversão da Lídia	242
Atos 16:16-18 Expulsão de um espírito de adivinhação	245
Atos 16:19-24 Lançado na prisão	246
Atos 16:25-26 Orando e cantando na prisão	248
Atos 16:27-34 A conversão do carcereiro	249
Atos 16:35-40 Libertação de Paulo e Silas	251
Atos 17	254
Atos 17:1-3 A pregação de Paulo em Tessalônica	254
Atos 17:4-9 Reações ao seu sermão em Tessalônica	255
Atos 17:10-15 Paulo e Silas em Beréia	258
Atos 17:16-18 Paulo em Atenas	260
Atos 17:19-21 Paulo é levado ao Areópago	262
Atos 17:22-29 O discurso de Paulo	263
Atos 17:30-31 Apelo à conversão	266
Atos 17:32-34 Reações	267
Atos 18	269
Atos 18:1 Paulo chega a Corinto	269
Atos 18:2-3 Paulo e Áquila e Priscila	269
Atos 18:4-8 O sermão de Paulo em Corinto	271
Atos 18:9-11 O Senhor incentiva Paulo	273

Atos 18:12-17 O tribunal de Gallion	274
Atos 18:18-21 Breve visita a Éfeso	277
Atos 18:22-23 Fim da segunda e início da terceira viagem missionária	278
Atos 18:24-28 Apolo em Éfeso	279
Atos 19	283
Atos 19:1-7 Os primeiros discípulos em Éfeso	283
Atos 19:8-10 A sinagoga e a escola de Tirano	286
Atos 19:11-17 Obras milagrosas de Deus e imitação diabólica	288
Atos 19:18-20 O efeito da palavra do Senhor	290
Atos 19:21-22 Jerusalém e Roma	291
Atos 19:23-32 Demétrio desencadeia um tumulto	292
Atos 19:33-41 A ira do povo diminui	294
Atos 20	297
Atos 20:1-6 De Éfeso a Trôade	297
Atos 20:7 O primeiro dia da semana	299
Atos 20:8-9 A queda de Êutico	300
Atos 20:10-12 A restauração de Êutico	302
Atos 20:13-16 De Trôade a Mileto	303
Atos 20:17 Paulo chama os anciãos de Éfeso para junto de si	304
Atos 20:18-21 O ministério de Paulo entre os efésios	305
Atos 20:22-24 O evangelho da graça de Deus	308
Atos 20:25-27 O reino e o conselho de Deus	309
Atos 20:28-31 Advertências	310
Atos 20:32 Deus e a palavra de sua graça	312
Atos 20:33-35 Paulo aponta para o seu exemplo	313
Atos 20:36-38 A despedida	314
Atos 21	316
Atos 21:1-3 De Mileto a Tiro	316
Atos 21:4-7 Em Tiro e Ptolemaida	317
Atos 21:8-14 Em Cesaréia	319
Atos 21:15-16 De Cesaréia a Jerusalém	321
Atos 21:17-19 Paulo visita Tiago	322
Atos 21:20-21 Reações ao relatório de Paulo	324
Atos 21:22-24 A proposta a Paulo	325
Atos 21:25-26 Paulo responde à proposta	327

Atos 21:27-30 Paulo é preso no templo	327
Atos 21:31-36 Paulo libertado pelos romanos	329
Atos 21:37-40 Paulo deseja falar ao povo	331
Atos 22	333
Atos 22:1-5 O modo de vida antigo de Paulo	333
Atos 22:6-10 Paulo encontra o Senhor glorificado	335
Atos 22:11-16 Paulo em Damasco com Ananias	336
Atos 22:17-21 O mandato missionário de Paulo	339
Atos 22:22-23 A reação dos judeus	340
Atos 22:24-30 Apelo à cidadania romana	341
Atos 23	344
Atos 23:1-5 Paulo em conflito com o sumo sacerdote	344
Atos 23:6-10 Paulo divide o Sinédrio	346
Atos 23:11 O Senhor encoraja Paulo	348
Atos 23:12-15 A conspiração contra Paulo	349
Atos 23:16-22 A conspiração descoberta	350
Atos 23:23-30 A carta de Lísias a Félix	352
Atos 23:31-35 Paulo é transferido para Félix	353
Atos 24	355
Atos 24:1-9 Paulo acusado perante Félix	355
Atos 24:10-13 Paulo refuta as acusações	357
Atos 24:14-21 Paulo explica sua fé ortodoxa	358
Atos 24:22-27 Félix e Paulo	360
Atos 25	363
Atos 25:1-5 Paulo acusado diante de Festo	363
Atos 25:6-12 Paulo apela ao imperador	364
Atos 25:13-22 Festo apresenta o caso a Agripa	367
Atos 25:23-27 Paulo confrontado por Agripa	369
Atos 26	371
Atos 26:1-3 O início da defesa de Paulo	371
Atos 26:4-8 A juventude de Paulo como judeu	372
Atos 26:9-11 O zelo de Paulo contra o cristianismo	373
Atos 26:12-15 A conversão de Paulo	374

Atos 26:16-18 A ordem do Senhor para Paulo	376
Atos 26:19-23 O trabalho de Paulo como apóstolo	378
Atos 26:24-26 Festo interrompe o discurso de Paulo	380
Atos 26:27-32 Uma escolha é apresentada a Agripa	380
Atos 27	383
Introdução	383
Atos 27:1-5 Um começo calmo e um vento contrário	386
Atos 27:6-10 Uma travessia difícil	387
Atos 27:11-20 Toda esperança de salvação se foi	389
Atos 27:21-26 Esperança crescente	391
Atos 27:27-32 Perto da meia-noite	393
Atos 27:33-37 Paulo incentiva todos a se alimentar	395
Atos 27:38-41 O navio naufraga	397
Atos 27:42-44 Todos chegam à terra em segurança	398
Atos 28	400
Atos 28:1-2 A recepção em Malta	400
Atos 28:3-6 Paulo é mordido por uma serpente	400
Atos 28:7-10 Curas em Malta	402
Atos 28:11-16 Chegada a Roma	403
Atos 28:17-22 Primeiro diálogo com os judeus em Roma	405
Atos 28:23-28 Segunda conversa com os judeus	407
Atos 28:29-31 Paulo continua pregando sem impedimentos	408
Outras publicações	411

Utilização do texto

Traduções

Todas as citações de texto são da Bíblia, versão João Ferreira de Almeida Corrigida, salvo indicação em contrário.

Abreviação de Livros Bíblicos

Velho Testamento

Gên – Gênesis

Êxo – Êxodo

Lev – Levítico

Núm – Números

Deu – Deuteronômio

Jos – Josué

Juí – Juízes

Rut – Rute

1Sam – 1 Samuel

2Sam – 2 Samuel

1Rei – 1 Reis

2Rei – 2 Reis

1Crô – 1 Crônicas

2Crô – 2 Crônicas

Esd – Esdras

Nee – Neemias

Est – Ester

Jó – Jó

Slm – Salmos

Pro – Provérbios

Ecl – Eclesiastes

Cân – Cânticos

Isa – Isaías

Jer – Jeremias

Lam – Lamentações

Eze – Ezequiel

Dan – Daniel

Osé – Oséias

Joel – Joel

Amós – Amós

Oba – Obadias

Jon – Jonas

Miq – Miquéias
Naum – Naum
Hab – Habacuque
Sof – Sofonias
Age – Ageu
Zac – Zacarias
Mal – Malaquias

Novo Testamento

Mat – Mateus
Mar – Marcos
Luc – Lucas
Joã – João
Atos – Atos dos Apóstolos
Rom – Romanos
1Cor – 1 Coríntios
2Cor – 2 Coríntios
Gál – Gálatas
Efé – Efésios
Flp – Filipenses
Col – Colossenses
1Tes – 1 Tessalonicenses
2Tes – 2 Tessalonicenses
1Tim – 1 Timóteo
2Tim – 2 Timóteo
Tit – Tito
Flm – Filemom
Heb – Hebreus
Tia – Tiago
1Ped – 1 Pedro
2Ped – 2 Pedro
1Joã – 1 João
2Joã – 2 João
3Joã – 3 João
Jud – Judas
Apo – Apocalipse

Atos dos Apóstolos

Introdução

O livro de Atos descreve como a igreja foi formada, o povo celestial de Deus, como um resultado impressionante da obra do Senhor Jesus, conforme descrito nos Evangelhos. Deus vem no Espírito Santo para habitar na igreja.

Balaão exclamou certa vez – sob o poderoso efeito do Espírito de Deus: “Eis que este povo habitará só e entre as nações não será contado!” (Núm 23:9). Sua exclamação dizia respeito a Israel, o povo terreno de Deus. Assim como Deus uma vez separou Israel de todas as nações para Si mesmo, isso está acontecendo agora com a igreja. Deus tomou das nações um povo para si mesmo, para o seu nome (Atos 15:14).

A igreja consiste em todos aqueles que se converteram a Deus por meio do arrependimento, confessando seus pecados, e que aceitaram o Senhor Jesus como Salvador com fé em seus corações e O reconhecem como Senhor na prática de suas vidas. É um povo celestial que está unido a um Senhor no céu e cujo futuro está na casa do Pai.

Nos Atos dos Apóstolos, vemos como esse povo de Deus se destaca cada vez mais claramente em um mundo no qual ele se encontra, mas onde não se sente em casa (João 17:16). A história desse povo nesse livro da Bíblia é determinada pelo Espírito Santo. Por isso a exclamação que antes ressoava sobre Israel do alto da rocha agora pode soar inalterada para a igreja do alto, onde o Senhor Jesus está agora: “Eis aqui um povo”. Se absorvermos os ensinamentos deste livro, concordaremos de todo o coração.

Middelburg, dezembro de 2009

Ger de Koning

Introdução aos Atos dos Apóstolos

Os Atos dos Apóstolos podem ser categorizados, a grosso modo, de acordo com o ministério dos dois personagens principais descritos nesse livro. Essas duas pessoas são os instrumentos especiais do Espírito Santo. Acima

de tudo, encontramos o ponto de partida de seus respectivos ministérios: este é o Senhor ressuscitado e glorificado no céu.

1 O Senhor ressuscitado e glorificado (capítulo 1)

2 O ministério de Pedro aos judeus e samaritanos (capítulos 2-12)

3. o ministério de Paulo aos gentios (capítulos 13-28)

O livro de Atos forma a transição dos Evangelhos para as Epístolas. Também poderíamos chamar esse livro de “Êxodo” do Novo Testamento, o livro do “Êxodo” (o segundo livro de Moisés), (os Evangelhos corresponderiam ao livro “Gênesis”, o primeiro livro de Moisés, o livro dos primórdios). Nos Atos dos Apóstolos, também lemos – como no segundo livro de Moisés – sobre um povo que Deus liberta da escravidão. Ele liberta um povo do mundo para que possa ser Seu povo, e Ele o liberta do jugo da lei (judeus) e do jugo do pecado (gentios e judeus). O objetivo de Deus, tanto em Êxodo quanto nos Atos dos Apóstolos, é libertar um povo para habitar em seu meio. Deus habita na igreja por meio do Espírito Santo (esse é o nome do povo de Deus no Novo Testamento).

Deus só pode habitar junto a um povo redimido. Ele não habitou com Adão ou Abraão, mas habitou com Israel depois que o povo foi libertado do Egito. Deus, o Espírito Santo, só poderia descer para habitar na igreja depois que o Senhor Jesus tivesse realizado a obra de redenção e retornado ao céu (João 7:39). O novo ponto de partida para a atividade de Deus é o homem Cristo ressuscitado e glorificado.

O Espírito Santo tem trabalhado na Terra desde a fundação do mundo. Foi assim que Ele pairou sobre as águas (Gên 1:2) e inspirou os profetas (2 Ped 1:21). Deus operou tudo na Terra e no céu por meio Dele. Entretanto, como dito, o Espírito só poderia habitar na Terra depois que o Senhor Jesus fosse glorificado. O Espírito de Deus agora habita na igreja (1Cor 3:16), em todo aquele que crê (Efé 1:13; 1Cor 6:19).

Lucas, que escreveu os Atos dos Apóstolos, relata em seu evangelho o nascimento e a vida do fundador da igreja. Nos Atos dos Apóstolos, ele relata o nascimento da igreja e sua vida nos primeiros dias. Ele relata a formação das igrejas locais e as descreve. Isso nos dá uma melhor compreensão das

cartas que foram escritas para algumas dessas igrejas. Essas são as cartas que seguem os Atos dos Apóstolos no Novo Testamento.

O livro mostra o desenvolvimento e a disseminação de um pequeno movimento judaico para uma comunidade mundial de fé. Nesse processo, os panos de enterro judaicos são removidos da igreja do Novo Testamento, por assim dizer; seu caráter especial como uma comunidade na qual judeus e gentios são um só corpo em Cristo torna-se claro.

É importante observar que Lucas começa os Atos dos Apóstolos com o evento com o qual ele termina seu Evangelho: a ascensão do Senhor Jesus. O Livro de Atos, portanto, não segue continuamente o Evangelho de Lucas, mas há uma sobreposição. No final de seu Evangelho, Lucas apresenta o Senhor Jesus como o homem glorificado, que para coroação de seu ministério e de sua obra concluída na cruz, entra no céu. Lucas começa os Atos dos Apóstolos com o Senhor Jesus ascendendo ao céu e assumindo Seu lugar lá como o Homem glorificado.

A posição que o Senhor Jesus assume ali é o ponto de partida para a obra do Espírito de Deus na Terra. Tudo o que se segue a esse fato é revelado neste livro. Ele começa com o envio do Espírito Santo, que imediatamente formou a igreja.

Todos os eventos descritos neste livro emanam de Cristo em glória. Por exemplo, Ele comissiona os doze apóstolos a partir do céu, envia o Espírito Santo, acrescenta homens à igreja e concede cura e libertação em Seu nome. No livro de Êxodo, Deus conduz o povo de Israel para fora do Egito realizando sinais e maravilhas para que eles possam ser seu povo no tempo do Antigo Testamento. Da mesma forma, no tempo do Novo Testamento, os homens são conduzidos para fora do mundo por meio de sinais e maravilhas para que, juntos, possam ser o Seu povo.

O livro trata da maravilhosa obra de Deus na nova criação. Ele quer que isso seja testemunhado na velha criação por meio de uma testemunha que não é outra senão o Seu próprio Espírito.

O livro começa em Jerusalém e termina em Roma. Lá está preso o homem que o Espírito escolheu para dar testemunho no mundo, do homem glorificado no céu.

Isso nos leva a outro aspecto desse livro impressionante. Nesse livro, Lucas descreve cuidadosamente a história das origens do cristianismo. No último capítulo, no entanto, lemos sobre como, ao longo dos anos, surgiu uma situação em que o cristianismo é chamado de “seita” que é “contradita em toda parte” (Atos 28:22). Portanto, também podemos ver esse livro escrito por Lucas como uma defesa do cristianismo. Nesse sentido, ele também tem grande significado prático para qualquer pessoa que esteja convencida ou queira se convencer de que a verdade só pode ser encontrada no cristianismo.

Atos 1

Atos 1:1-3 | Revisão

1 Fiz o primeiro tratado, ó Teófilo, acerca de tudo que Jesus começou, não só a fazer, mas a ensinar, 2 até ao dia em que foi recebido em cima, depois de ter dado mandamentos, pelo Espírito Santo, aos apóstolos que escolhera; 3 aos quais também, depois de ter padecido, se apresentou vivo, com muitas e infalíveis provas, sendo visto por eles por espaço de quarenta dias e falando do que respeita ao Reino de Deus.

O primeiro relato que Lucas escreveu é seu Evangelho, que – assim como os Atos dos Apóstolos – ele escreveu para um certo Teófilo. O conteúdo de seu evangelho é sobre tudo o que o Senhor Jesus fez e ensinou quando esteve aqui na Terra como Homem. Nesse contexto, Lucas fala sobre o que o Senhor “começou”. Isso significa que Ele ainda está dando continuidade ao trabalho, embora não esteja mais visivelmente presente como homem. A obra ainda não está concluída. Vemos nesse livro como Ele trabalha de forma poderosa do céu por meio de Seu Espírito na Terra. Ele ainda está fazendo isso, mesmo por meio de nós hoje.

Lucas descreveu em seu Evangelho o que o Senhor começou “tanto a fazer como a ensinar”. Fazer e ensinar estão juntos. Com o Senhor Jesus, o fazer está em primeiro lugar. Ele era a encarnação viva do que ensinava. Ele mesmo fazia o que ensinava aos outros. Suas ações não eram diferentes de Suas palavras. Muitas vezes dizemos muito mais do que mostramos na prática. Nossas palavras geralmente vão além de nossas ações. Uma vida santa reforça muito o que pregamos.

Em seu Evangelho, Lucas descreveu a vida do Senhor até o dia de sua ascensão. Neste primeiro capítulo dos Atos dos Apóstolos, ele descreve a Ascensão mais uma vez, porque ela é o ponto de partida deste livro. A ascensão do Senhor caracteriza tudo o que continua a acontecer na Terra por meio dele e para ele. O significado de Sua ascensão ao céu também é demonstrado pelo fato de que a palavra “recebido em cima” ocorre quatro vezes nesse capítulo (versos 2,9,11,22).

Lucas também ressalta que o Senhor Jesus fez tudo por meio do Espírito Santo após Sua ressurreição – bem como durante Sua vida e morte (Atos 10:38; Heb 9:14). Isso nos lembra que nós também possuiremos o Espírito Santo após a nossa ressurreição, assim como antes (João 14:16). Por meio do Espírito Santo, Ele deu Suas ordens aos apóstolos que havia escolhido quando começou a passar por Israel (Luc 6:13). Para incentivá-los nessa missão, Ele se apresentou a eles vivo depois que sofreu.

Seus discípulos precisavam desse incentivo porque estavam desanimados com o que havia acontecido com Ele. Eles acreditavam que Ele era o Messias que estabeleceria o reino prometido. Mas, em vez de reinar, Ele teve de sofrer e, por fim, morreu. Eles pensaram que tudo estava acabado. Mas Ele se apresentou vivo para eles e para muitos outros.

Além disso, Ele também deu muitas provas claras de que era realmente Ele. Ele apareceu em várias ocasiões e também mostrou em palavras e ações que era o mesmo Senhor que estivera morto, mas que agora estava vivo. Podemos ler nos Evangelhos como Ele se deu a conhecer aos discípulos de Emaús, como Ele apareceu várias vezes aos Seus discípulos, como Ele restaurou Pedro para um ministério para Ele e como Ele confortou Maria Madalena.

Também é nossa tarefa nos apresentarmos “vivos”. Para nós, isso significa que mostramos Cristo em nossa vida. A questão é que vivemos para Deus, que os homens vejam isso e que não sejamos como os mortos (Efé 5:14).

O Senhor se mostrou aos discípulos durante 40 dias. O número 40 é o número da provação. Israel, por exemplo, esteve no deserto por 40 anos, e o Senhor Jesus foi tentado no deserto por 40 dias. Durante esses 40 dias após a ressurreição, o Senhor falou a eles sobre “o que respeita ao Reino de Deus”. O reino de Deus é o reino sobre o qual Deus reina por meio de seu Filho. Esse reino foi prometido no Antigo Testamento, mas quando o reino apareceu na pessoa de seu rei, ele foi rejeitado.

Como resultado, o reino foi adiado em termos de sua manifestação pública na Terra. Até que seja estabelecido na Terra, ele tem uma forma oculta. O Senhor Jesus ensinou seus discípulos sobre isso nas parábolas de Mateus 13. Desde a ascensão de Cristo, o reino de Deus foi estabelecido no coração das pessoas que o reconhecem como seu Senhor. Seu governo se torna

visível em suas vidas quando elas se permitem ser guiadas pelo Espírito Santo. Em uma vida assim, a justiça, a paz e a alegria no Espírito Santo são reveladas (Rom 14:17).

Atos 1:4-5 | A promessa do Espírito Santo

4 E, estando com eles, determinou-lhes que não se ausentassem de Jerusalém, mas que esperassem a promessa do Pai, que (disse ele) de mim ouvistes. 5 Porque, na verdade, João batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo, não muito depois destes dias.

O Senhor dá a Seus discípulos a incumbência de permanecer em Jerusalém. Ele dá essa incumbência enquanto está reunido com eles. Ele conhece Seus discípulos. Se demorar um pouco mais, eles ficarão impacientes novamente e voltarão ao seu trabalho diário (cf. Joã 21:3). No entanto, eles devem esperar pacientemente pela promessa do Pai. Ele os lembra de que já lhes havia falado sobre isso em uma ocasião anterior (Joã 14:16,17,26; 15:26).

João Batista também já havia falado sobre o batismo com o Espírito Santo (Mat 3:11). Nessa ocasião, João também apontou a diferença entre seu batismo com água e o batismo com o Espírito Santo, com o qual o Senhor Jesus batiza. O Senhor também faz essa comparação aqui. A vinda do Espírito Santo também é um batismo, mas é de um tipo completamente diferente do de João. João batizava com água. Essa era uma água material, na terra e da terra, na qual alguém era imerso.

Embora o batismo com o Espírito Santo ocorra na terra, ele vem do céu e se conecta com o céu. Não é um evento material, embora haja fenômenos visíveis que o acompanham. O batismo com o Espírito Santo é, acima de tudo, um evento interno: O Espírito Santo desce para habitar no crente. Ao mesmo tempo, é também um evento externo: O Espírito Santo é derramado, o que faz com que toda a comunidade de pessoas seja imersa no Espírito Santo, por assim dizer. Em nenhum lugar é dito que uma pessoa é batizada com o Espírito Santo.

O Senhor não menciona aqui o batismo com fogo, do qual João Batista fala (Mat 3:11). O batismo com fogo não está relacionado à vinda do Espírito Santo no Dia de Pentecostes, mas é uma figura de julgamento, e somente

para os incrédulos. Esse julgamento ocorrerá quando o Senhor retornar à Terra.

Atos 1:6-8 | O reino e suas testemunhas

6 Aqueles, pois, que se haviam reunido perguntaram-lhe, dizendo: Senhor, restaurarás tu neste tempo o reino a Israel? 7 E disse-lhes: Não vos pertence saber os tempos ou as estações que o Pai estabeleceu pelo seu próprio poder. 8 Mas recebereis a virtude do Espírito Santo, que há de vir sobre vós; e ser-me-eis testemunhas tanto em Jerusalém como em toda a Judéia e Samaria e até aos confins da terra.

Estar junto com o Senhor é uma oportunidade maravilhosa para fazer perguntas. Os discípulos fazem uso disso. Eles não fazem perguntas sobre o Espírito Santo, mas sobre o reino. Eles gostariam de saber se Ele fará agora o que eles sempre esperaram.

Sua pergunta mostra que eles ainda estão pensando em um reino terreno, talvez justamente porque Ele ressuscitou. Com Sua ressurreição, suas antigas expectativas também foram “ressuscitadas”. Talvez estivessem pensando em Joel 3:1, onde a vinda do Espírito está ligada à vinda do reino. A forma cristã do reino, a forma oculta, não é mencionada aqui.

A pergunta deles é a ocasião para o Senhor lhes dizer o que acontecerá e o quanto a situação mudou em comparação com o tempo anterior ao seu sofrimento. O reino em sua forma visível foi adiado até o tempo que o Pai determinou. O Senhor Jesus tem uma tarefa para eles que se encaixa na nova situação que surgiu. Eles não precisam se preocupar com o tempo da restauração do reino. Tampouco devemos especular sobre a duração do novo período de tempo que começou com a ascensão do Senhor Jesus.

Também encontramos a expressão “tempos e estações” em 1 Tessalonicenses 5 (1Tes 5:1; cf. Dan 2:21; Ecl 3:1). Lá se trata da questão do que acontecerá com a Terra de acordo com o plano de Deus. Aqui se trata da questão de quando o reino será estabelecido. Tanto “tempos” quanto “estações” referem-se a determinados períodos de tempo. São sinônimos que se complementam. No entanto, há uma diferença notável.

A palavra “tempos” refere-se ao período de tempo, ao que acontece depois de um período de tempo. Em grego, é usada a palavra *chronos*. Encon-

tramos a palavra novamente em nossa palavra “cronômetro”, que é um dispositivo usado para medir o tempo. Assim, lemos em Gálatas 4 que Deus enviou seu Filho quando a “plenitude dos tempos [chronos]” havia chegado (Gal 4:4). Isso significa que o Senhor Jesus veio à Terra depois que um certo período de tempo se passou e Deus considerou o momento adequado para enviar seu Filho.

O termo “estações” não se refere à duração, mas ao que caracteriza um determinado tempo, ao caráter desse tempo. Em grego, a palavra *kairos* é usada aqui. Ela se refere a um tempo em que o homem vivia sem a lei (Rom 5:13). Depois de um período de tempo, Deus deu ao seu povo a lei por meio de Moisés para que vivessem sob a lei (João 7:19). Ele deixou as nações seguirem seu próprio caminho “nos tempos dos gentios” (Luc 21:24). Todos os diferentes períodos de tempo, às vezes consecutivos e às vezes simultâneos, têm suas próprias características. Cada época deixou claro quem é o homem e que ele falha completamente em servir a Deus. Todos esses tempos diferentes levam à “plenitude dos tempos” (plural de *kairos*) (Efé 1:10), que é o tempo do reino milenar de paz. Esse tempo será um tempo de paz porque o Príncipe da Paz reinará. Então, “virão os tempos [plural de *kairos*] do refrigério” (Atos 3:20).

Depois de o Senhor ter dito com o que eles não deveriam se ocupar, Ele agora diz com o que eles deveriam se ocupar: Ou seja, eles devem ser Suas testemunhas. Entretanto, antes de lhes dar essa incumbência, Ele primeiro lhes assegura que receberão o poder do Espírito Santo para isso. Ele já lhes prometeu a vinda do Espírito Santo nos versos 4 e 5, mas aqui (no verso 8) Ele diz que o Espírito Santo os capacitará a cumprir sua missão. O poder do Espírito Santo é necessário para que sejamos capazes de dar um testemunho verdadeiramente cristão.

“Testemunho” é uma palavra-chave neste livro da Bíblia. Ela aparece cerca de trinta vezes. Nem todos nós temos o dom de evangelista, mas todos nós podemos ser testemunhas. O resultado é que salvamos pessoas (Pro 14:25).

O Senhor diz que eles devem começar seu testemunho em Jerusalém, a cidade onde Ele foi crucificado. Em seguida, o círculo se amplia e Judá e Samaria também ficam sob a influência da Palavra de Deus. Por fim, Ele permite que a luz do Seu evangelho brilhe até os confins da terra (Isa 49:6).

Em termos práticos, isso significa que, antes de tudo, devemos dar testemunho na casa e na rua onde moramos e no local de trabalho onde trabalhamos (cf. Luc 8:39). Assim, o Senhor poderá nos usar como suas testemunhas em um círculo mais amplo. A luz que brilha mais forte em casa também brilha mais longe. Ao mencionar o círculo cada vez mais amplo em que o testemunho Dele é dado, o Senhor também nos dá uma categorização do livro de Atos:

1. temos o testemunho em Jerusalém nos capítulos 1-7.
2. o testemunho na Judeia e em Samaria se estende do capítulo 8:1-9:31.
3. vemos o testemunho até os confins da terra no restante do livro, do capítulo 9:32-28:31.

Atos 1:9-11 | A Ascensão

9 E, quando dizia isto, vendo-o eles, foi elevado às alturas, e uma nuvem o recebeu, ocultando-o a seus olhos. 10 E, estando com os olhos fitos no céu, enquanto ele subia, eis que junto deles se puseram dois varões vestidos de branco, 11 os quais lhes disseram: Varões galileus, por que estais olhando para o céu? Esse Jesus, que dentre vós foi recebido em cima no céu, há de vir assim como para o céu o vistes ir.

Com a comissão do Senhor aos discípulos para serem Suas testemunhas, Sua tarefa na Terra é cumprida. Ele é levado para cima diante dos olhos dos discípulos. Um evento espetacular é descrito de forma simples e calma. Não é um arrebatamento repentino como o de Enoque (Heb 11:5) ou o arrebatamento com uma carruagem de fogo e cavalos de fogo como o de Elias (2Rei 2:1,11). A nuvem que O arrebatou aos olhos deles deve ter sido a nuvem que alguns dos discípulos também viram quando estavam no Monte da Transfiguração (Luc 9:34). A nuvem é o símbolo da glória de Deus.

Quando eles viram o Senhor subindo ao céu dessa forma, deve ter sido uma visão extraordinária. Eles O observam até que a nuvem O leve para cima. Eles estavam tristes, adorando ou maravilhados? Deve ter sido uma mistura desses sentimentos.

Enquanto olham para o céu, seguindo o Senhor enquanto Ele parte, dois homens estão com eles. São dois anjos. Não lemos nada sobre o espanto dos discípulos com a aparência e as palavras dos anjos. Os anjos os chamam de volta à ordem.

As palavras “Por que estais olhando para o céu?” talvez devam ser entendidas como uma admoestação que também se aplica a nós. A intenção não é que, embora o Senhor esteja agora no céu, esperemos de braços cruzados pelo seu retorno. Há trabalho a ser feito. Certamente é importante continuar a esperá-Lo, mas é justamente uma expectativa viva do Senhor que nos levará à ação.

Os anjos falam do retorno do Senhor Jesus como uma promessa. Esse retorno não se refere à Sua vinda para buscar os crentes (1Tes 4:15-18), mas ao Seu retorno à Terra. Aquele que volta então é este Jesus e nenhum outro. Ele voltará para o mesmo lugar de onde foi para o céu, o Monte das Oliveiras (Zac 14:4). Ele voltará visivelmente, virá com as nuvens e virá em glória (Mat 24:30). Tudo isso é apresentado a eles como esperança, além da comissão no verso 8.

Atos 1:12-14 | Perseverança na oração

12 Então, voltaram para Jerusalém, do monte chamado das Oliveiras, o qual está perto de Jerusalém, à distância do caminho de um sábado. 13 E, entrando, subiram ao cenáculo, onde habitavam Pedro e Tiago, João e André, Filipe e Tomé, Bartolomeu e Mateus, Tiago, filho de Alfeu, Simão, o Zelote, e Judas, filho de Tiago. 14 Todos estes perseveravam unanimemente em oração e súplicas, com as mulheres, e Maria, mãe de Jesus, e com seus irmãos.

Os discípulos fazem o que o Senhor disse. Eles não voltam para casa (Joã 20:10), mas deixam o Monte das Oliveiras e vão para Jerusalém. Eles não precisam ir muito longe. A distância é dada de acordo com a unidade de medida judaica, uma caminhada de sábado. Essa é a distância que os judeus tinham permissão para caminhar no sábado, cerca de 800 metros. Tudo ainda respira a atmosfera do judaísmo.

O local que eles visitam é um lugar bem conhecido. Nessa sala, o Senhor Jesus lhes mostrou que deseja ter comunhão com eles e quais são as condições para isso (Joã 13:1-11). Ali Ele também falou sobre a casa do Pai

e o Espírito Santo (Joã 14:1-3,15-18,26). É “o cenáculo”, um lugar exaltado. É o lugar em que Ele dá a conhecer Seus pensamentos.

Primeiramente, os onze apóstolos estão reunidos ali. Lucas chama todos os onze pelo nome. Pedro é novamente mencionado como o primeiro de todo o grupo e, portanto, também como o primeiro do primeiro grupo de quatro, Filipe como o primeiro do segundo grupo de quatro e Tiago como o primeiro do terceiro grupo, que agora consiste apenas de três homens porque Judas Iscariotes está faltando. Outra pessoa será escolhida para substituir Judas Iscariotes.

A primeira coisa mencionada pelos apóstolos é que eles permaneceram em oração. Um belo começo. A primeira reunião após a ascensão do Senhor Jesus é dedicada à oração, na qual todos os apóstolos estão presentes. Eles oram constantemente e de comum acordo. A expressão “unânime / concordemente” ocorre onze vezes no Novo Testamento, dez vezes em Atos dos Apóstolos (Atos 1:14; 2:46; 4:24; 5:12; 7:57; 8:6; 12:20; 15:25; 18:12; 19:29). A décima primeira vez que lemos isso é em Romanos 15 (Rom 15:6). A unanimidade é a prática do Salmo 133 (Slm 133:1-3). Agora não há dúvida entre eles sobre quem é o maior.

Essa união, que é experimentada de forma tão impressionante na oração persistente em conjunto, é o prelúdio do derramamento do Espírito Santo. Assim, eles ficaram juntos por dez dias para orar pela vinda do Espírito Santo, entre outras coisas (Luc 11:13). Não é diferente para nós se quisermos experimentar sua poderosa obra. Nenhum ministério é bem-sucedido sem ser precedido de oração. [A oração é mencionada com frequência nos Atos dos Apóstolos. Ela percorre o livro como um fio vermelho: Atos 1:14,24; 2:42; 4:24; 6:4,6; 7:60; 8:15; 9:11,40; 10:2,9; 12:5; 13:3; 14:23; 16:13, 25; 20:36; 21:5; 27:35; 28:8].

Algumas mulheres também estão presentes nessa oração dos apóstolos, dentre as quais Maria, a mãe do Senhor, é mencionada pelo nome. Essa é a última vez que ela é mencionada no Novo Testamento. Ela participa da oração. Portanto, não se ora para ela, como é erroneamente ensinado e feito na Igreja Católica Romana. Ela é chamada de “Mãe de Jesus” e não de “Mãe de Deus”, como a Igreja Romana erroneamente ensina.

Além dos apóstolos e das mulheres, os irmãos do Senhor também estão presentes. Eles eram inicialmente incrédulos (Mar 3:21; Joã 7:5), mas depois O aceitaram como o Filho de Deus. Parece que eles se convenceram disso por meio de Sua ressurreição.

Atos 1:15-19 | O fim de Judas

15 E, naqueles dias, levantando-se Pedro no meio dos discípulos (ora a multidão junta era de quase cento e vinte pessoas), disse: 16 Varões irmãos, convinha que se cumprisse a Escritura que o Espírito Santo predisse pela boca de Davi, acerca de Judas, que foi o guia daqueles que prenderam a Jesus; 17 porque foi contado conosco e alcançou sorte neste ministério. 18 Ora, este adquiriu um campo com o galardão da iniquidade e, precipitando-se, rebentou pelo meio, e todas as suas entranhas se derramaram. 19 E foi notório a todos os que habitam em Jerusalém, de maneira que na sua própria língua esse campo se chama Aceldama, isto é, Campo de Sangue.

Durante a reunião, na qual estavam presentes cerca de 120 pessoas, Pedro se levanta. Ele se levanta “no meio dos irmãos”. Fica claro então que isso se refere principalmente aos apóstolos, pois é a eles que Ele dirige a palavra. Pedro não toma a palavra para interromper o silêncio. O que ele tem a dizer é uma mensagem das Escrituras. Ele se permite ser guiado pelas Escrituras. Seu entendimento está aberto (Luc 24:45) e, como resultado, ele entende as Escrituras, embora o Espírito Santo ainda não tenha sido derramado. No entanto, ele recebeu o discernimento do novo homem do Senhor quando Ele soprou nele (Joã 20:22).

Ele também crê incondicionalmente na inspiração do Antigo Testamento pelo Espírito Santo. Pedro atribui o que Davi disse (Slm 41:9; Joã 13:18) pelo Espírito Santo, que usou a boca de Davi para prever a traição de Judas. Isso não significa que Davi estava ciente de que estava falando sobre Judas, mas o Espírito Santo faz uma aplicação que vai além da situação real que levou Davi a fazer sua declaração. O que Davi disse, ele disse sobre alguém que inicialmente era seu amigo, em quem ele confiava, mas que mais tarde se tornou seu adversário. Por meio da percepção do mesmo Espírito Santo, Pedro aplica o que Davi disse da maneira correta e afirma claramente que Judas era o principal adversário do Senhor. Ele era o líder da horda que veio para capturá-Lo.

Pode ter sido difícil para Pedro dizer que Judas “foi contado conosco”. Judas havia seguido o Senhor junto com eles e também tinha sua parte no ministério que o Senhor lhes havia dado. Como apóstolos, eles nunca nutriram qualquer suspeita contra Judas. O fato de ele ter se revelado assim deve ter sido chocante para os apóstolos.

Não está claro se os versos 18 e 19, que tratam do fim dramático de Judas, são palavras de Pedro ou a explicação de Lucas. Lemos que esse falso apóstolo se deixou levar pelo dinheiro. O dinheiro aqui é chamado de “prêmio da injustiça”. É a mesma recompensa que Balaão também amava (2Ped 2:15). Essa é a recompensa que alguém ganha quando deixa o caminho certo.

Judas adquiriu um campo para essa recompensa sem nunca tê-lo possuído em sua vida. É o campo que príncipes dos sacerdotes compraram com o dinheiro que Judas ganhou com sua traição e que ele jogou no templo (Mat 27:3-8). No entanto, o dinheiro continuou sendo dele e o campo se tornou o seu campo.

Judas, o falso apóstolo, chega ao seu dramático fim. Ele se enforcou, caiu de cabeça e, ao cair sobre as pedras, foi dividido em dois, derramando suas entranhas (Mat 27:3-8). Nesse julgamento, seu ser interior depravado se revelou em todo o seu horror. O terrível fim de Judas ficou conhecido em toda Jerusalém.

Em seu próprio idioma, esse campo é então chamado de “Aceldama”. O significado é: campo de sangue. Há mais duas referências a um evento que nos faz lembrar de um campo de sangue, ambas as vezes (figurativamente) em conexão com o sangue de Cristo: em Gênesis 4 (Gên 4:8-15) e em Deuteronômio 21 (Deu 21:1-9).

Atos 1:20-26 | O sucessor de Judas é escolhido

20 Porque no Livro dos Salmos está escrito: Fique deserta a sua habitação, e não haja quem nela habite; e: Tome outro o seu bispado. 21 É necessário, pois, que, dos varões que conviveram conosco todo o tempo em que o Senhor Jesus entrou e saiu dentre nós, 22 começando desde o batismo de João até ao dia em que dentre nós foi recebido em cima, um deles se faça conosco testemunha da sua ressurreição. 23 E apresentaram dois: José, chamado Barsabás, que tinha

por sobrenome o Justo, e Matias. 24 E, orando, disseram: Tu, Senhor, conhecedor do coração de todos, mostra qual destes dois tens escolhido, 25 para que tome parte neste ministério e apostolado, de que Judas se desviou, para ir para o seu próprio lugar. 26 E, lançando-lhes sortes, caiu a sorte sobre Matias. E, por voto comum, foi contado com os onze apóstolos.

Pedro sabe que as palavras dos Salmos (Slm 69:25; 109:8) se aplicam a Judas, embora seu nome não seja mencionado ali. Isso também significa que o que aconteceu com Judas não foi uma vitória de Satanás. Judas foi simplesmente usado para cumprir a palavra de Deus. Isso não tira nada da responsabilidade de Judas. Ele se abriu para Satanás.

A citação do Salmo 69:25 anuncia seu julgamento, enquanto a citação do Salmo 109:8 fala sobre a sucessão do lugar vago entre os doze. Em sua escolha de um sucessor, os apóstolos são guiados pelas Escrituras (veja o verso 16) e também querem ser obedientes a elas. Eles acreditam na inspiração das Escrituras e em sua aplicação prática em sua situação.

Como isso é importante para nós também. O poder das Escrituras para nos guiar em todos os tipos de situações na igreja hoje é inquestionável. A questão, porém, é se ainda acreditamos nisso com a mesma convicção que os discípulos tinham naquela época. Considerando nosso conhecimento das Escrituras e como frequentemente as interpretamos como nos parece adequado, é de se temer que tenhamos nos afastado muito da fé dos primeiros discípulos.

Pedro não apenas tem uma visão das Escrituras, mas também conhece os requisitos que aquele que assume o lugar de Judas deve cumprir. Ele sabe sobre os homens que também acompanharam o Senhor como Seus discípulos, além dos doze que o Senhor Jesus havia escolhido para um ministério especial. Esses discípulos também passaram a conhecê-Lo como Aquele que “entrou e saiu dentre” eles. Essa é uma indicação do relacionamento de confiança do Senhor com Seus discípulos

O tempo do ministério público do Senhor Jesus começou com o batismo de João e continuou até Sua ascensão. Para se tornar um apóstolo, alguém tinha que ter andado com Ele o tempo todo. Se alguém atendesse a esse requisito, também seria testemunha de Sua ressurreição, e é disso que se trata.

Não se tratava de alguém ser capaz de dar testemunho da caminhada do Senhor na Terra, mas de Sua ressurreição. Isso enfatiza a importância da ressurreição. Ela tinha de poder ser testemunhada. A ressurreição ocupa um lugar importante no livro de Atos. Sem a ressurreição, a pregação e o ensino não têm poder ou clareza.

Há dois homens que preenchem os requisitos para ocupar o lugar de Judas. É o lugar privilegiado do qual Judas se afastou porque amava o dinheiro. Sua decisão em favor do dinheiro foi uma escolha fatal e o levou a ir para o seu próprio lugar abominável de destruição eterna (João 17:12). Os dois candidatos são apresentados ao Senhor. Talvez eles estivessem entre os 72 discípulos enviados por Ele (Luc 10:1).

Os apóstolos apresentam o assunto ao Senhor em oração, depois de consultar as Escrituras e serem guiados por elas, aplicando-as aos requisitos. A leitura da Palavra de Deus e a oração sempre andam juntas. Eles se baseiam nas Escrituras e pedem ao Senhor que indique um dos dois que preencham os requisitos. Os apóstolos não decidem por si mesmos quem deve tomar o lugar de Judas. Eles deixam a decisão para o Senhor. Assim como Ele passou a noite em oração antes de enviar os doze (Luc 6:12,13), os discípulos aqui também oram pela decisão certa.

Eles se dirigem ao Senhor como o “Conhecedor de todos os corações” (cf. Atos 15:8). Somente Ele conhece o coração de cada pessoa e sabe o que se encontra nele para Ele. Essa atitude de dependência e entrega à Sua vontade é de importância decisiva para conhecer Sua vontade. Eles também dizem em oração como chegaram à oração. Eles respondem por si mesmos, por assim dizer, referindo-se aos acontecimentos. O Senhor sabe de tudo isso, mas Ele gostaria que disséssemos a Ele por que estamos pedindo-Lhe uma decisão. É importante que coloquemos em palavras nossos motivos para um pedido.

Depois de se dirigirem ao Senhor em oração como avaliador do coração de todos, eles lançam a sorte. Nesse ponto, esse ainda é um meio permitido de conhecer a vontade de Deus (Prv 16:33). Essa também é a última vez que lemos sobre o uso de sortes na Bíblia. Após a vinda do Espírito Santo, não há mais menção ao lançamento de sortes. Depois que o Espírito Santo veio, é Ele quem esclarece a vontade de Deus (Atos 13:2).

A sorte cai sobre Matias. Ele é incluído entre os onze. Isso nos permite falar de “os doze” novamente (veja Atos 2:14; 6:2). Ao usar o termo “os doze”, o Espírito Santo deixa claro que a eleição é reconhecida por Deus.

Atos 2

Atos 2:1 | O dia de Pentecostes

| *1 Cumprindo-se o dia de Pentecostes, estavam todos reunidos no mesmo lugar;*
Os crentes ainda se reúnem no cenáculo. Então, amanhece o dia de Pentecostes. Nesse dia, eles recebem uma resposta às suas orações, que incluíam o pedido do Espírito Santo (Luc 11:13). Lucas diz que esse dia “se cumpriu”. Esse dia de Pentecostes foi predito no Antigo Testamento (Lev 23:15-21). Era uma das “festas do Senhor”. A Festa de Pentecostes ocorreu 50 dias após a Festa das Primícias (Lev 23:9-14). As primícias falam da ressurreição do Senhor Jesus, que é as primícias dentre os mortos (1 Cor 15:20).

Na Festa de Pentecostes, uma “nova oferta movida” era apresentada na forma de dois pães. Esses dois pães simbolizam judeus e gentios que foram batizados em um só por meio da vinda do Espírito Santo. Assim como a Páscoa foi cumprida com a morte de Cristo, a festa de Pentecostes foi cumprida com a vinda do Espírito Santo.

Talvez os discípulos tenham conversado uns com os outros sobre Levítico 23 enquanto esperavam o cumprimento da promessa. Nesse dia do cumprimento da promessa, eles estão todos reunidos. Eles estão reunidos porque têm um interesse comum que querem compartilhar uns com os outros. É um privilégio especial que caracteriza a igreja, de reunir-se para compartilhar a fé comum no Senhor Jesus (1 Cor 11:20; 14:23).

Atos 2:2-4 | A vinda do Espírito Santo

| *2 e, de repente, veio do céu um som, como de um vento veemente e impetuoso, e encheu toda a casa em que estavam assentados. 3 E foram vistas por eles línguas repartidas, como que de fogo, as quais pousaram sobre cada um deles. 4 E todos foram cheios do Espírito Santo e começaram a falar em outras línguas, conforme o Espírito Santo lhes concedia que falassem.*

O Espírito Santo não veio em uma forma humana visível, como o Senhor Jesus. Ele poderia ter vindo sem ser visto e sem ser notado. No entanto,

Deus queria que Sua vinda fosse notada e, para isso, usou sinais visíveis externamente. Um som vem do céu, ou seja, de Deus, como um vento forte que passa.

Esse som é ouvido, não sentido. O reconhecimento da vinda do Espírito Santo não se baseia em sentimentos, mas em percepção. Algo é ouvido (verso 2), algo é visto (verso 3) e há um resultado (verso 4). Toda a casa está cheia. Podemos imaginar que todos os que estavam na casa foram imersos e batizados com o Espírito Santo.

No preenchimento de toda a casa (verso 2), vemos uma ilustração da verdade de que o Espírito Santo habita em toda a igreja (1 Cor 3:16). No verso 3, Ele vem sobre cada um deles de forma significativa em línguas de fogo entrelaçadas. Nisso, vemos uma ilustração da verdade de que o Espírito Santo também habita em cada crente individualmente (1 Cor 6:19).

A vinda do Espírito Santo para entrar e habitar na igreja é um evento único. Ela acontece aqui. O derramamento do Espírito Santo é único, assim como a obra de Cristo no Calvário é única. A habitação do Espírito Santo em cada crente individual, passando a residir no corpo do crente, acontece no momento em que alguém chega à fé (Efé 1:13), ou seja, sempre que as pessoas se convertem.

Depois que a vinda do Espírito foi percebida de forma audível, algo agora é percebido com os olhos. Os presentes veem línguas como que de fogo que se separam e se assentam sobre cada um deles. Esse é o batismo com o Espírito Santo mencionado em 1 Coríntios 12 (1 Cor 12:13). Esse não é o batismo com fogo que ocorrerá com os incrédulos. Quando João falou a um grupo de pessoas composto por crentes e descrentes, ele mencionou os dois batismos (Mat 3:11,12; Luc 3:16,17).

As línguas que se assentam sobre cada um deles são línguas “como de fogo”. Portanto, não se trata de fogo, mas é uma lembrança dele. O fogo é uma figura do julgamento. Embora não seja um batismo de fogo que signifique julgamento, esse batismo com o Espírito Santo, com o qual os crentes são batizados, tem a ver com julgamento em certo sentido. Ele indica que a vinda do Espírito Santo significa julgamento sobre a carne. Quando o Espírito Santo vem, a carne não tem mais permissão para se manifestar e deve ser mantida na morte. As línguas apontam para o nosso

falar, para as nossas declarações. Se o Espírito Santo habita em nós, isso deve ser evidente em todo o nosso comportamento.

Ser cheio do Espírito é diferente do derramamento do Espírito ou do batismo com o Espírito Santo. Quando alguém é cheio do Espírito Santo, isso significa que ele está completamente sob a atividade do Espírito Santo para o cumprimento de um ministério específico. Portanto, ser cheio do Espírito pode acontecer várias vezes. Como já mencionado, o batismo com o Espírito Santo é um evento único no nascimento da igreja, assim como receber o Espírito Santo é um evento único que ocorre quando alguém se converte. [Ser cheio do Espírito Santo também ocorre nas seguintes passagens do Novo Testamento: Luc 1:15,41,67; Atos 4:8,31; 13:9. “Cheio do Espírito Santo” denota um estar continuamente cheio do Espírito Santo. Vemos isso com o Senhor Jesus (Luc 4:1), com Estêvão e com Barnabé (Atos 6:3,5; 7:55; 11:24)].

Outro fenômeno acompanhante e perceptível é o falar em outras línguas. As diferentes línguas são uma consequência do pecado e resultam em dispersão. As línguas faladas pelo Espírito Santo neutralizam as consequências do pecado. Os crentes entendem uns aos outros e isso resulta em unidade.

Isso anula o julgamento da confusão de idiomas que Deus impôs por causa da Torre de Babel (Gên 11:1-9). Lá, a orgulhosa construção de um edifício humano foi encerrada pelo julgamento pela confusão de línguas, enquanto aqui Deus mostra o início de seu edifício espiritual. Na Babilônia houve dispersão, aqui há união.

Uma das características de um crente cheio do Espírito é que ele fala sobre o Senhor Jesus. Isso acontece aqui de uma forma transbordante e especial. Os crentes falam em línguas sobre os grandes feitos de Deus (verso 11). Para os judeus, era impensável que se pudesse falar de Deus em outro idioma que não o hebraico. O fato de isso acontecer aqui significa que Deus não se torna mais conhecido apenas por um povo, mas que o evangelho é dirigido a todo o mundo.

Atos 2:5-13 | Falar em outras línguas

5 E em Jerusalém estavam habitando judeus, varões religiosos, de todas as nações que estão debaixo do céu. 6 E, correndo aquela voz, ajuntou-se uma

multidão e estava confusa, porque cada um os ouvia falar na sua própria língua. 7 E todos pasmavam e se maravilhavam, dizendo uns aos outros: Pois quê! Não são galileus todos esses homens que estão falando? 8 Como pois os ouvimos, cada um, na nossa própria língua em que somos nascidos? 9 Partos e medos, elamitas e os que habitam na Mesopotâmia, e Judéia, e Capadócia, e Ponto, e Ásia, 10 e Frígia, e Panfília, Egito e partes da Líbia, junto a Cirene, e forasteiros romanos (tanto judeus como prosélitos), 11 e cretenses, e árabes, todos os temos ouvido em nossas próprias línguas falar das grandezas de Deus. 12 E todos se maravilhavam e estavam suspensos, dizendo uns para os outros: Que quer isto dizer? 13 E outros, zombando, diziam: Estão cheios de mosto.

O milagre da vinda do Espírito Santo não se limitou ao cenáculo em Jerusalém. Naquela época, judeus de todas as nações debaixo do céu viviam em Jerusalém. Como eles são descritos em mais detalhes como “homens tementes a Deus”, devem ter voltado para lá por amor à cidade de Deus. Quando esse milagre se torna conhecido na cidade, ele atrai multidões.

Depois de toda a agitação do julgamento do Senhor Jesus e sua subsequente crucificação, todos terão voltado à vida cotidiana. Nada de extraordinário aconteceu durante cinquenta dias. As alegações de Jesus de ser o Messias devem ter se sepultado com Ele, devem ter pensado. Os soldados espalharam a mentira de que o corpo de Jesus havia sido roubado (Mat 28:12-15). Essa mentira provavelmente foi acreditada por todos. O culto no templo terá retomado seu curso normal.

Então, de repente, acontece esse evento e, mais tarde, até mesmo a conversão de vários milhares de homens. Cada um na multidão, que é composta de todos os tipos de nacionalidades, ouve seu próprio idioma sendo falado. Isso os confunde. Não há nenhuma menção às línguas de fogo que haviam se assentado sobre os discípulos. Parece que a multidão não as viu. De qualquer forma, o espanto é grande. O mísero punhado de discípulos iletrados, reconhecidos como nativos da atrasada Galileia, emergem da obscuridade e do esquecimento e dão testemunho com poder irresistível em línguas que não aprenderam.

A multidão reunida fala entre si de modo que todos os ouvem falando no dialeto com o qual cresceram. Lucas relaciona as nações de onde esses judeus vieram. Isso dá uma impressão da extensão da dispersão. O fato de

Deus agora apresentar a todas essas nações a sua grandeza e majestade no idioma do país de nascimento delas, ou seja, no idioma com o qual cresceram, é uma grande vitória da graça de Deus. Ele teve que dispersá-las por causa da infidelidade de Seu povo. Agora Ele reúne os homens por causa da grandeza da obra de Seu Filho.

Os discípulos falam esses diferentes idiomas e até mesmo dialetos sem tê-los aprendido. Esse é um milagre de fala, não de audição. Os discípulos são capazes de se expressar perfeitamente com a língua certa no idioma de cada país de onde vieram os emigrantes.

A propósito, há duas menções anteriores de falar em um idioma sem que ninguém o tenha aprendido. Adão e Eva foram os primeiros a falar um idioma que não haviam aprendido. O segundo caso ocorreu durante a já mencionada confusão de línguas que Deus causou por ocasião da Torre de Babel.

Lucas relata mais uma vez a enorme impressão que esse evento causou nas multidões (verso 12). Ele ressalta repetidamente o efeito que teve sobre as multidões. A vinda do Espírito Santo à Terra é um evento que não ocorre em silêncio, mas com os fenômenos necessários e apropriados que o acompanham. Os que ficam impressionados são aqueles que vieram de outros países e ouvem o idioma de seu país de origem ser falado aqui.

Mas também há “outros”. Eles provavelmente pertencem aos judeus nativos que não entendem esses idiomas. Eles revelam sua falta de temor a Deus e zombam do que está acontecendo. Para eles, é a tagarelice dos ébrios.

Atos 2:14-15 | Pedro começa seu segundo discurso

14 Pedro, porém, pondo-se em pé com os onze, levantou a voz e disse-lhes: Varões judeus e todos os que habitais em Jerusalém, seja-vos isto notório, e escutai as minhas palavras. 15 Estes homens não estão embriagados, como vós pensais, sendo esta a terceira hora do dia.

Pedro, que foi restaurado à comunhão com seu Senhor e seus companheiros apóstolos, agora pode se levantar e falar com ousadia. Não apenas Pedro se levanta, mas também os outros onze apóstolos se levantam com ele. Os onze estão ao lado dele para apoiar seu testemunho de uma forma

visível para todos. Ele se dirige à multidão como homens judeus e habitantes de Jerusalém. Seu público, portanto, é formado por judeus. Ele também concentra seu discurso inteiramente nesse público. Ele conhece completamente os pensamentos e sentimentos desses homens, porque ele próprio também é judeu. Mas, por ser convertido, crer e ter o Espírito Santo, ele pode explicar corretamente o que a multidão percebeu.

Com as palavras “Seja-vos isto notório, e escutai as minhas palavras”, ele desperta o interesse deles e pede sua atenção total. Em seu discurso, que, portanto, é dirigido apenas aos ouvintes judeus, Pedro usa as chaves que o Senhor Jesus lhe deu em Mateus 16:19 pela primeira vez para abrir o reino dos céus para os judeus.

Esse é o primeiro discurso cristão, embora seja dirigido apenas a ouvintes judeus e seja baseado no Antigo Testamento. O poder de seu testemunho está no fato de que ele baseia seu discurso nas Escrituras e em fatos. Seus ouvintes conhecem as Escrituras. Eles também conhecem os fatos inegáveis.

Em primeiro lugar, Pedro refuta a insinuação tola de que eles estão alcoolizados. Ele faz isso afirmando sobriamente que ainda é muito cedo para estarem embriagados. Ele diz o que esse novo “movimento” não é: não é uma multidão bêbada e, portanto, não é um caso passageiro de excitação emocional. Em seguida, lança-se em um discurso inflamado no qual esclarece o que esse movimento realmente é: eles podem encontrá-lo em suas próprias escrituras.

Atos 2:16-21 | A profecia de Joel

16 Mas isto é o que foi dito pelo profeta Joel: 17 E nos últimos dias acontecerá, diz Deus, que do meu Espírito derramarei sobre toda a carne; e os vossos filhos e as vossas filhas profetizarão, os vossos jovens terão visões, e os vossos velhos sonharão sonhos; 18 e também do meu Espírito derramarei sobre os meus servos e minhas servas, naqueles dias, e profetizarão; 19 e farei aparecer prodígios em cima no céu e sinais em baixo na terra: sangue, fogo e vapor de fumaça. 20 O sol se converterá em trevas, e a lua, em sangue, antes de chegar o grande e glorioso Dia do Senhor; 21 e acontecerá que todo aquele que invocar o nome do Senhor será salvo.

Para explicar o evento, Pedro se refere ao profeta Joel, que escreveu sobre tal evento. Joel escreveu sobre o derramamento do Espírito de Deus “nos últimos dias”. Os profetas Isaías e Ezequiel fizeram o mesmo (Isa 32:15; Eze 39:29). Isaías e Ezequiel falam sobre isso em conexão com os últimos dias, ou seja, como uma bênção para Israel. Joel também fala sobre os últimos dias, mas como uma bênção para “toda a carne”. Ao fazer isso, ele transcende os limites de Israel. Pedro sabe – sob a orientação do Espírito Santo – como citar a palavra certa das Escrituras. Ele também sabe onde parar com sua citação.

É digno de nota o fato de Pedro citar Joel 3:1-5 sem dizer que esse é o cumprimento dessa profecia. Nem era. Ele aponta para Joel porque o evento no dia de Pentecostes tem o mesmo caráter do que Joel anunciou. O derramamento do Espírito Santo no dia de Pentecostes foi uma lembrança do que Joel havia dito. Poderíamos dizer que isso foi um pré-cumprimento da profecia, não o cumprimento em si. O cumprimento ocorrerá quando o que Joel profetizou nos versículos anteriores tiver acontecido. As palavras Porquanto eis que, com as quais Joel 3 começa, mostram uma conexão cronológica com os versículos anteriores.

O principal objetivo de Pedro ao citar esse versículo de Joel é fazer com que os judeus percebam que esse milagre, que aconteceu tão repentinamente no meio deles, é totalmente confirmado pelo que Joel havia dito sobre o derramamento do Espírito Santo. Mas o derramamento que ocorreu agora não é o cumprimento completo do evento que Joel anunciou. O Espírito Santo veio à Terra e, por meio dele, surgiu a igreja, que Ele continuará a formar, como nos mostra o livro de Atos. Esse derramamento ocorreu com o objetivo de formar um povo para o céu. O Espírito Santo ainda está na Terra para esse propósito. O que Joel escreve ocorrerá nos últimos dias, nos dias futuros, quando os inimigos de Israel forem derrotados e o próprio povo habitar em sua terra.

A expressão “toda a carne” também é importante. Essa expressão não significa: todas as pessoas então vivas. Entretanto, ela indica que o derramamento do Espírito Santo não é um evento que se limita apenas aos judeus. Esse aspecto do derramamento do Espírito Santo nos últimos dias também se aplica ao que aconteceu no dia de Pentecostes.

Não é o caso de Deus permitir que todos os que vieram à fé falassem a língua dos judeus, mas que Ele permitiu que Suas testemunhas falassem as línguas de seus concidadãos que estavam espalhados entre os gentios. Esse é um testemunho especial da graça que também alcança os gentios. Os crentes dos gentios não são incorporados ao povo judeu, mas, como gentios, compartilham da bênção do Espírito Santo. De certa forma, isso anula o julgamento que Deus trouxe sobre a humanidade por meio da confusão de línguas. O idioma não é mais um obstáculo.

De acordo com Joel, o derramamento do Espírito sobre toda a carne resulta em profecia. Isso também acontece aqui por meio de Pedro. Seu discurso faz com que as pessoas sejam tocadas em seus corações e que muitos se convertam (versos 37, 41). Isso corresponde exatamente ao objetivo da profecia, pois profetizar significa que alguém fala da presença de Deus ao coração e à consciência das pessoas.

No que diz respeito ao derramamento do Espírito Santo sobre toda a carne, há outra diferença notável em relação ao Antigo Testamento. No Antigo Testamento, o Espírito como um dom parece estar reservado apenas para pessoas importantes, como reis e profetas. O fato de que todo o povo profetizaria continuou sendo um desejo que Moisés expressou uma vez (Núm 11:29). Mas em Joel, esse desejo de Moisés se tornou uma promessa do Senhor para todos os membros do seu povo: “Vossos filhos e vossas filhas profetizarão”, assim como “os servos” e “as servas”. Esse será o caso de todos aqueles que entrarem no reino da paz.

Mas esse aspecto do derramamento do Espírito Santo também está presente na igreja no dia de Pentecostes e desde então. O Espírito veio sobre todos os crentes, independentemente de status ou posição. Portanto, todos os que se convertem também recebem o Espírito Santo da promessa, sem distinção de gênero ou idade (para Deus não há distinção de geração) ou status social.

Embora Pedro também fale de milagres e sinais que Joel menciona em relação à vinda do Espírito Santo, eles não seguem diretamente o derramamento do Espírito. Isso se deve ao fato de que Israel, como nação, não se converteu, mas permaneceu em desobediência. Se eles tivessem se convertido, o “grande e glorioso dia do Senhor” teria surgido imediatamente,

acompanhado de sinais e maravilhas. O Senhor teria então julgado seus inimigos, tanto dentro quanto fora de Israel, para a libertação de seu povo. Sua vinda teria sido acompanhada pelas aparições mencionadas aqui. Agora, esse dia ainda não veio. Por isso as aparições ainda são futuras.

Depois que a igreja for arrebatada, essas aparições certamente ocorrerão. Encontramos isso em Apocalipse 6:12 em diante. Sob o sexto selo, que é descrito ali, ocorrem julgamentos que correspondem fortemente ao que Joel diz e Pedro cita aqui. Todos os julgamentos descritos de Apocalipse 6 em diante ocorrem no grande e terrível dia do SENHOR (cf. Joel 3:4). Esses julgamentos preparam o caminho para o retorno de Cristo à Terra para estabelecer seu reino de paz e justiça. O “grande e glorioso dia do Senhor” é o dia de seu retorno à Terra e o reinado que se seguirá a ele. O dia é grande por causa das amplas consequências que sua vinda e seu reinado terão. O dia é glorioso por causa das consequências maravilhosas e abençoadas que sua vinda e seu reinado terão.

Por causa dos julgamentos anunciados e da bênção que se seguirá, Pedro termina sua citação com a oferta de salvação para qualquer pessoa que reconheça sua situação desesperadora. A salvação só é possível se alguém invocar o nome do Senhor. Quem vier a Ele com fé confiante não perecerá, mas será salvo.

Paulo cita esse versículo em Romanos 10 (Rom 10:13) e o aplica de forma geral à proclamação do evangelho em todo o mundo. No evangelho, não há diferença em termos de julgamento nem em termos da salvação oferecida. Ele se aplica a todos. Ao longo dos séculos, há salvação somente por meio da fé no Senhor Jesus.

Atos 2:22-24 | A obra de Deus e do homem

22 Varões israelitas, escutai estas palavras: A Jesus Nazareno, varão aprovado por Deus entre vós com maravilhas, prodígios e sinais, que Deus por ele fez no meio de vós, como vós mesmos bem sabeis; 23 a este que vos foi entregue pelo determinado conselho e presciência de Deus, tomando-o vós, o crucificastes e matastes pelas mãos de injustos; 24 ao qual Deus ressuscitou, soltas as ânsias da morte, pois não era possível que fosse retido por ela.

Pedro se dirige a eles como “Varões israelitas” e não como Varões de Jerusalém ou da Judeia, porque ele está preocupado com a esperança geral de todo o povo. Ele agora explica por que esse batismo com o Espírito Santo aconteceu. Foi um ato direto do Senhor Jesus, que agora está exaltado à direita de Deus.

Cinquenta dias após os eventos durante a Páscoa, que certamente não estavam mais tão presentes, Pedro de repente confronta o povo novamente com o homem de Nazaré. Ele os lembra de como o Senhor Jesus havia realizado grandes feitos, milagres e sinais no meio deles. Tudo isso era prova de que Deus estava presente entre eles por meio dele. Deus fez isso por meio dele. Eles sabiam disso. Pedro se dirige a eles como homens totalmente responsáveis que sabem que Cristo fez tudo pelo poder de Deus. Eles tinham que reconhecer Deus nEle.

Pedro então os censura por assassiná-Lo. Embora eles mesmos não tenham feito isso, pois forçaram os gentios, na pessoa de Pilatos, a executar a pena de morte contra Ele por meio de manipulação, isso não os torna menos culpados. Pelo contrário, eles são ainda mais culpados do que Pilatos (Joã 19:11), embora ele também seja totalmente culpado pela morte do Senhor Jesus.

No entanto, a morte de Cristo não é uma surpresa, não é algo que fugiu do controle. É o cumprimento perfeito do conselho de Deus. Deus tinha perfeito conhecimento prévio do que aconteceria com Seu Filho e de como Seu povo O libertaria. Nesse versículo, vemos como Deus pode usar a ira do homem para glorificá-Lo e cumprir Seu conselho, o que, a propósito, não muda a responsabilidade do homem. O mal que o homem tinha em mente, Deus transformou em bem (Gên 50:20).

Pedro não considera a mentira sobre o corpo roubado digna de uma sílaba. Ele a ignora completamente e prega a verdade sobre como Deus ressuscitou o Senhor Jesus. Ao fazer isso, ele dá testemunho do prazer de Deus na obra de seu Filho e de sua total aceitação dela. Por causa da perfeição da obra, era impossível para Ele ser retido pelas ânsias da morte. Ele provou a morte por um breve momento (Heb 2:7), mas a morte não pôde detê-Lo. A morte não O prendeu em seu poder. Ele entrou na morte voluntariamente e a venceu. Deus dissolveu as ânsias da morte em que Ele se encontrava

por um curto período. Teria sido – para dizer isso com reverência – injusto da parte de Deus se Ele não tivesse feito isso e deixado Seu Filho para morrer.

Atos 2:25-32 | A ressurreição profetizada

25 Porque dele disse Davi: Sempre via diante de mim o Senhor, porque está à minha direita, para que eu não seja comovido; 26 por isso, se alegrou o meu coração, e a minha língua exultou; e ainda a minha carne há de repousar em esperança. 27 Pois não deixarás a minha alma no Hades, nem permitirás que o teu Santo veja a corrupção. 28 Fizeste-me conhecidos os caminhos da vida; com a tua face me encherás de júbilo. 29 Varões irmãos, seja-me lícito dizer-vos livremente acerca do patriarca Davi que ele morreu e foi sepultado, e entre nós está até hoje a sua sepultura. 30 Sendo, pois, ele profeta e sabendo que Deus lhe havia prometido com juramento que do fruto de seus lombos, segundo a carne, levantaria o Cristo, para o assentar sobre o seu trono, 31 nesta previsão, disse da ressurreição de Cristo, que a sua alma não foi deixada no Hades, nem a sua carne viu a corrupção. 32 Deus ressuscitou a este Jesus, do que todos nós somos testemunhas.

Pedro cita novamente as Escrituras para provar o que aconteceu. A escritura anterior foi usada para explicar a vinda do Espírito Santo. Dessa vez, a escritura é usada para explicar a ressurreição de Cristo. Davi escreveu este Salmo mil anos antes. Ele escreve na primeira pessoa. Está claro que ele não estava escrevendo sobre si mesmo. Ele morreu, foi sepultado e ainda não ressuscitou. Portanto, Davi é um profeta aqui e escreveu sobre outra pessoa.

Ninguém menos que o Senhor Jesus seguiu Seu caminho sem tirar os olhos de Deus, Seu Pai, por um único momento. Ele sempre viu Deus, Seu Pai, diante Dele. Ele sempre O sabia ao Seu lado (Joã 8:29). Ele se sentia completamente apoiado por Ele e, portanto, não vacilava. A comunhão com o Seu Deus deu-Lhe alegria no coração, que Ele também expressou com a boca, mesmo quando foi rejeitado (Mat 11:25).

Por meio de Sua comunhão com Deus, Ele tinha esperança quanto ao descanso para Sua carne, que é Seu corpo. Ele sabia que morreria a morte do pecador, mas foi ao encontro da morte com o Pai, que estava diante Dele e

ao Seu lado, olhando para a alegria que Lhe estava proposta (Heb 12:2). Ele sabia que Sua alma não seria “abandonada” no Hades. Isso significa que Deus não abandonaria sua alma no reino dos mortos. Deus não deixaria que ela fosse para lá. O Hades é o lugar para onde vão as almas dos que morreram na incredulidade (Luc 16:23). Mas Cristo era o Santo de Deus, que havia vivido em perfeita separação para a glória de Deus.

A agonia da morte, que todo incrédulo sofre no Hades e, por fim, eternamente no inferno, Ele sofreu em Sua alma durante as três horas de trevas na cruz, sob o julgamento de Deus, por todos os que crêem Nele. Depois de morrer, Ele foi colocado na sepultura. Mas Seu corpo não deveria ser tocado pela corrupção da morte. Mesmo em Sua morte, Ele era o Santo de Deus. Portanto, Ele sabia que não haveria decomposição. Após uma breve permanência na sepultura (“um pouco de tempo”, Heb 2:7), Ele ressuscitou dos mortos.

Depois de ouvirmos o Senhor Jesus falar na citação sobre Sua morte e a proteção de Deus nela, agora O ouvimos falar sobre vida e alegria. Essa é a vida e a alegria depois que Ele passou pela morte. Após a ressurreição, os caminhos da vida são abertos e conhecidos.

A ressurreição do Senhor Jesus é, portanto, algo completamente diferente das outras seis ressurreições da Bíblia, porque todos os crentes ressuscitados morreram novamente mais tarde. A vida da ressurreição é uma vida cheia de alegria; é a vida em que os olhos estão fixos na face de Deus. Em termos espirituais, isso se aplica hoje a todo crente que vê o Senhor diante de si (verso 25). Alguém assim sempre caminha na trilha da vida, mesmo que possivelmente passe pela morte.

Após a citação, Pedro pede novamente a atenção de seus ouvintes, dirigindo-se a eles como “irmãos”. Ele pede que eles permitam que ele fale francamente sobre Davi, a quem ele chama de “patriarca”, no sentido de progenitor da linhagem real. Ele está ciente do grande interesse de seu público por esse rei, aos olhos deles, incomparável. Mas, por maior que tenha sido Davi, ele morreu e foi sepultado. O túmulo de Davi com seus ossos ainda estava entre eles. Isso significava que ele realmente tinha visto a decomposição.

Isso deixa claro que a citação anterior não pode se referir a Davi. Portanto, o Salmo não fala de Davi, mas do Messias. Davi não era apenas um rei, mas também um profeta. Ele falava sobre coisas futuras porque Deus havia lhe prometido um descendente para o seu trono da maneira mais clara possível. Esse descendente seria o “fruto de seus lombos”, ou seja, um descendente direto dele. O descendente é Cristo, o Messias.

Davi acreditou na promessa de Deus em relação a um herdeiro para o trono. Isso permitiu que ele olhasse para o futuro. Se Deus lhe havia prometido que um descendente se assentaria em seu trono, então a morte não poderia cancelar a promessa de Deus. Portanto, não poderia ser de outra forma senão que Cristo ressuscitaria dos mortos depois de ter morrido. Ele não apenas ressuscitaria da morte, mas ressuscitaria sem nenhum sinal de morte. Tudo o que pertence à morte não O tocara.

Deus não O abandonou ao poder do reino dos mortos, o que significaria que o reino dos mortos teria poder sobre Ele. Ele entrou voluntariamente no reino dos mortos a fim de vencer a morte. Ele entrou na morte como o vencedor. Essa vitória se reflete em Sua ressurreição para uma vida incorruptível. Por isso Sua carne não viu a decomposição, porque Ele invalidou tudo o que tinha a ver com a morte por meio de Sua morte, de modo que ela não poderia exercer nenhum poder sobre Ele.

Pedro não deixa seus ouvintes no escuro sobre o significado do que ele disse sobre Davi e Cristo. O Filho de Davi e o Cristo de Deus é “este Jesus”. Novamente ouvimos o explícito “este” Jesus (Atos 1:11). O Jesus que foi ressuscitado por Deus é o mesmo que foi para a morte.

Pedro reafirma sua ressurreição dizendo que todos eles são testemunhas desse fato. Não havia dúvida quanto a isso. Afinal de contas, o Senhor Jesus apareceu a eles por 40 dias após a ressurreição e falou com eles (Atos 1:3).

Atos 2:33-36 | Feito Senhor e Cristo

33 De sorte que, exaltado pela destra de Deus e tendo recebido do Pai a promessa do Espírito Santo, derramou isto que vós agora vedes e ouvis. 34 Porque Davi não subiu aos céus, mas ele próprio diz: Disse o Senhor ao meu Senhor: Assenta-te à minha direita, 35 até que ponha os teus inimigos por escabelo de

teus pés. 36 Saiba, pois, com certeza, toda a casa de Israel que a esse Jesus, a quem vós crucificastes, Deus o fez Senhor e Cristo.

O Senhor Jesus não foi apenas ressuscitado dos mortos por Deus, Ele também foi exaltado pelo poder de Deus. Pedro atribui tudo a Deus para mostrar o quanto Deus valoriza e reconhece a obra de Seu Filho. Na Terra, os homens podem tê-Lo desprezado e rejeitado, mas, para Deus, Ele é perfeitamente glorioso, a quem Ele deu de bom grado o lugar mais alto e glorioso no céu. Como Pai, Ele deu ao Senhor Jesus o Espírito Santo, que prometeu que derramaria (Atos 1:4; João 14:16,17,26; 15:26). Depois que o Senhor Jesus foi glorificado no céu, Ele recebeu o Espírito Santo pela segunda vez. Em Seu batismo, Ele recebeu o Espírito Santo para Si mesmo, agora Ele recebe o Espírito para derramá-lo sobre outros.

Como prova de que Cristo é glorificado, Pedro cita novamente um versículo das Escrituras. Dessa vez, a prova vem do Salmo 110 (Slm 110:1). O que ele já disse sobre o Salmo 16, que esse salmo não se aplica principalmente a Davi, mas a Cristo (verso 31), ele diz novamente aqui. Assim, o Salmo 110:1 também não fala de Davi, mas do Senhor Jesus. (Nos vários salmos que Pedro cita, temos um testemunho maravilhoso em sequência, desde a morte, ressurreição e ascensão até a glorificação de Cristo).

Davi fala no Salmo 110:1 sobre a glorificação do Senhor Jesus como um ato do SENHOR, que é Deus. O Senhor Jesus foi exaltado pela mão direita de Deus, e Deus Lhe deu um lugar de honra à Sua mão direita. Esse lugar é Dele porque Ele fez por merecer esse lugar. Davi fala sobre Ele e O chama de “meu Senhor”. Como ser humano, o Senhor Jesus é o Filho de Davi, mas Ele também é o Senhor de Davi porque também é o Filho de Deus.

Esse lugar de honra à direita de Deus está ligado a um “até que”. Pois chegará um momento em que o Senhor Jesus deixará esse lugar para retornar à Terra. Ele então julgará os inimigos de seu povo – pois os inimigos de seu povo também são seus inimigos. Ele colocará a Seus pés todos aqueles que se recusaram a se converter e que continuamente se opuseram a Ele e ao Seu povo com ódio, como inimigos derrotados, para que Ele possa descansar sobre eles. Então, Sua ira terá encontrado descanso em face de toda a injustiça cometida contra Ele e Seu povo. Até esse momento, Ele

permanece em glória. O derramamento do Espírito Santo é a prova de que Ele agora ocupa esse lugar (Joã 16:8-11).

Pedro apresenta a toda a casa de Israel a confiabilidade do que Deus fez com Seu Filho. Ele também os confronta com sua iniquidade. Novamente ele fala de “este” Jesus. O contraste entre o lugar que Deus lhe dá e o lugar que o homem lhe dá não poderia ser maior. O homem O rejeitou por considerá-Lo indigno, maltratou-O e O assassinou. Deus, por outro lado, o fez Senhor, o governante que tem todo o poder no céu e na terra. Deus também O fez Cristo, o portador e administrador de todas as Suas promessas. O Senhor Jesus também foi Senhor e Cristo na Terra, mas Ele estava lá em conexão com Israel e com todas as promessas para Israel. Agora Ele está no céu como homem, e lá Ele está em vista dos conselhos eternos de Deus.

Atos 2:37-41 | O efeito do sermão

37 Ouvindo eles isto, compungiram-se em seu coração e perguntaram a Pedro e aos demais apóstolos: Que faremos, varões irmãos? 38 E disse-lhes Pedro: Arrependei-vos, e cada um de vós seja batizado em nome de Jesus Cristo para perdão dos pecados, e recebereis o dom do Espírito Santo. 39 Porque a promessa vos diz respeito a vós, a vossos filhos e a todos os que estão longe: a tantos quantos Deus, nosso Senhor, chamar. 40 E com muitas outras palavras isto testificava e os exortava, dizendo: Salvai-vos desta geração perversa. 41 De sorte que foram batizados os que de bom grado receberam a sua palavra; e, naquele dia, agregaram-se quase três mil almas.

Agora a evidência das Escrituras foi dada e aplicada por Pedro sob a orientação do Espírito Santo – juntamente com os outros apóstolos – ao coração e à consciência dos ouvintes. Isso cumpre o que o Senhor Jesus disse com relação à vinda do Espírito Santo: “Porque há de receber do que é meu e vo-lo há de anunciar” (Joã 16:14). Agora o Espírito Santo veio e mostra por meio de Pedro as coisas relativas ao Senhor Jesus.

Os ouvintes muitas vezes terão lido os Salmos ou os ouviram sendo lidos em voz alta. Eles sempre entenderam que esses salmos falam sobre o Messias. Mas agora eles ouvem que esses Salmos encontraram seu cumprimento nas últimas semanas. Agora eles veem sua iniquidade. Eles mataram aquele a quem os Salmos testificam como o Messias. O Espírito trabalha

em seus corações a consciência da terrível situação em que se encontram, e também fica claro que Ele não permaneceu na morte, mas foi ressuscitado dentre os mortos. É por isso que eles clamam por uma maneira de escapar do juízo.

Seu apelo é dirigido a Pedro e aos onze, não aos chefes dos sacerdotes e escribas. Eles acreditam que Pedro e seus companheiros podem ajudá-los. Todas as reservas sobre esses “galileus” desapareceram. Os ouvintes fazem sua pergunta a todos os apóstolos, mas é Pedro quem responde como porta-voz deles.

Sua resposta começa com a exortação: “Arrependei-vos”. Em primeiro lugar, eles devem mudar completamente sua maneira de pensar sobre o Senhor Jesus. Eles devem reconhecê-Lo como Deus O reconheceu. Isso significa que devem confessar que seu ato de rejeitar o Filho de Deus é completamente injustificado e que, por meio dele, se tornaram culpados de assassinato contra Deus.

Se tiverem remorso interior por seu passado, devem agora ser batizados. Ao fazer isso, eles também se distanciam externamente do povo ao qual pertencem como um povo que está sob o julgamento de Deus por causa da morte de seu Filho. O batismo é, por um lado, um testemunho público de que houve uma ruptura com o passado e o ambiente antigo e, por outro lado, que eles estão enveredando por um novo caminho, o caminho pelo qual seguem o Senhor Jesus.

O batismo significa uma condenação pública do povo judeu e um rompimento com ele e, por outro lado, pertencer ao novo testemunho cristão que surgiu por meio do derramamento do Espírito Santo. O batismo deve, portanto, ocorrer em nome de Jesus Cristo, o nome que eles anteriormente desprezavam, mas que agora confessam publicamente por meio do batismo como o único meio de perdão de seus pecados. Se eles cumprirem essas duas condições (conversão e batismo), receberão o Espírito Santo. Portanto, a ordem que vemos aqui é:

1. Conversão,
2. Batismo,
3. Recebimento do Espírito Santo.

No capítulo 8, onde se trata dos samaritanos, temos a mesma ordem, só que ali o Espírito Santo é dado por meio dos apóstolos. No capítulo 10, onde se trata dos gentios, a ordem é diferente. Lá a ordem é:

1. Conversão,
2. Recebimento do Espírito Santo,
3. Batismo.

Essa ordem tem sido aplicada desde então e continuará a ser aplicada enquanto a igreja estiver na Terra.

Pedro enfatiza que a promessa do Espírito Santo é especialmente para eles e para seus filhos. Ele já forneceu prova disso ao citar Joel 3 (verso 16). Agora ele acrescenta que a promessa também é para aqueles que não pertencem ao povo judeu. Eles também poderiam saber algo sobre isso por meio de suas escrituras (Isa 57:19).

A promessa de Deus do dom do Espírito Santo não pode permanecer limitada a Israel, porque essa promessa está ligada à obra realizada de Cristo, que também foi realizada para todo o mundo. É por isso que o chamado de Deus se estende a todas as nações. Ele as chama em todos os lugares para crerem em seu Filho.

Pedro disse muito mais do que Lucas escreveu. Ele pregou o evangelho com muitas palavras e fez um apelo à conversão. Ele pediu que fossem salvos “desta geração perversa”. Ao fazer isso, ele apresenta o povo como um povo que matou o Filho de Deus, como um povo do qual devemos nos permitir ser salvos, porque, caso contrário, pereceremos no julgamento que virá sobre eles. Ele faz tudo o que pode para levar o povo a se converter. Ele prega sua mensagem com convicção.

Assim, nós também devemos persuadir os homens a se deixarem salvar pela obra de Cristo de um mundo sobre o qual paira o juízo (2Cor 5:11). Só temos credibilidade se nós mesmos estivermos convencidos da verdade e da seriedade do julgamento e também nos distanciarmos do mundo sobre o qual pregamos o julgamento.

A pregação de Pedro tem um resultado tremendo. Muitos aceitam sua palavra. Sabemos que Pedro falou a palavra de Deus. No entanto, é dito que eles receberam a “sua” palavra. Ele é, por assim dizer, um com a men-

sagem de Deus. Aqueles que aceitam sua palavra e confessam sua culpa diante de Deus por causa da rejeição ao Senhor Jesus são batizados. Por meio do batismo, eles se distanciam publicamente do povo judeu culpado. As aproximadamente 3.000 almas que são batizadas são prova da palavra que o Senhor Jesus falou sobre as “obras maiores” que seriam realizadas por meio de Seus apóstolos quando Ele retornasse ao Pai (João 14:12).

Atos 2:42-47 | A primeira vida da igreja

42 E perseveravam na doutrina dos apóstolos, e na comunhão, e no partir do pão, e nas orações. 43 Em cada alma havia temor, e muitas maravilhas e sinais se faziam pelos apóstolos. 44 Todos os que criam estavam juntos e tinham tudo em comum. 45 Vendiam suas propriedades e fazendas e repartiam com todos, segundo cada um tinha necessidade. 46 E, perseverando unânimes todos os dias no templo e partindo o pão em casa, comiam juntos com alegria e singeleza de coração, 47 louvando a Deus e caindo na graça de todo o povo. E todos os dias acrescentava o Senhor à igreja aqueles que se haviam de salvar.

Após a adição de cerca de 3.000 crentes, a igreja se expandiu rapidamente. Apesar de todas as diferenças que existem entre tantos membros da igreja, há unidade. Essa unidade não foi criada pela atividade humana, nem é mantida pela organização humana. O coração desses crentes está simplesmente centrado no Senhor Jesus, e isso permite que o Espírito Santo garanta que a igreja permaneça una.

Isso acontece por meio dos quatro aspectos mencionados aqui, que permeiam completamente a vida da igreja e nos quais ela persevera. Esses aspectos também se relacionam com as reuniões dos crentes e são, por assim dizer, os destaques da comunidade cristã. No entanto, isso só acontece quando essas coisas dominam a vida como um todo.

O primeiro e mais importante é o “ensino dos apóstolos”. Ensinar sobre os pensamentos de Deus é a primeira coisa que os jovens convertidos precisam. Somente dessa forma é possível desenvolver uma vida espiritual saudável. Perseverança significa não apenas ouvir constantemente o que os apóstolos dizem, mas, acima de tudo, colocar constantemente os ensinamentos dos apóstolos em prática. Portanto, a perseverança no ensino dos apóstolos está relacionada à vida inteira dos crentes. Há comunhão por

causa desse ensino. O ensino dos apóstolos é a base bíblica para todas as formas de comunhão que a igreja reconhece.

A primeira coisa que caracteriza a igreja após sua formação é a submissão ao ensino do Espírito Santo por meio dos apóstolos. Esse é o ensino de todo o Novo Testamento hoje. Isso leva ao segundo aspecto da vida da igreja, que é a comunhão uns com os outros. A igreja é uma comunidade de pessoas que antes não se conheciam e faziam coisas completamente diferentes. O que as caracterizava eram as características do mundo. Por meio da fé no Senhor Jesus, esses homens agora se tornaram uma comunidade na qual Ele é seu “interesse” comum (1Cor 1:9). Eles querem falar sobre Ele e pensar Nele.

Esse interesse comunitário é expresso de maneira especial no terceiro aspecto, o “partir do pão”, que é a celebração comunitária da Ceia do Senhor. Na expressão da comunhão, no partir do pão, eles pensam constantemente Nele e seus sentimentos mais profundos por Ele são mantidos vivos.

Finalmente, eles percebem que não têm força em si mesmos e que dependem de Deus para tudo. Por isso, eles também “perseveram em oração”.

O que esses cristãos fazem e como vivem faz com que aqueles que não têm parte nisso temam. Os incrédulos percebem coisas que não conseguem explicar e às quais não têm acesso. O poder do Espírito é revelado de maneiras impressionantes que podem ser percebidas pelos incrédulos. Os milagres e sinais não são descritos em detalhes aqui, mas Lucas mencionará alguns deles nos capítulos seguintes. As palavras “milagres e sinais” são as mesmas usadas para o Senhor Jesus (verso 22).

Embora o temor surja fora da comunidade de crentes, há um forte senso de união entre os crentes. Eles estão juntos para compartilhar bênçãos espirituais e também compartilham todos os seus bens. Que diferença em relação ao nosso tempo, quando os crentes estão separados uns dos outros por todos os tipos de razões e nem sequer se conhecem. Muitos que se conhecem ainda vivem separados porque todos vivem para si mesmos e não compartilham nada de sua riqueza com os outros.

Um verdadeiro cristão não suporta ter muito enquanto outros têm muito pouco. Talvez a expectativa da vinda iminente do Senhor tenha sido a razão disso, porque os primeiros cristãos venderam tudo o que tinham

e compartilharam entre si. A propósito, eles fizeram isso de forma totalmente voluntária, ninguém os forçou a fazer isso.

Como eu disse, a união deles é muito forte. Eles permanecem juntos mesmo depois do fim do Pentecostes. A vida deles não consiste mais em guardar as festas do SENHOR, mas em um vínculo interno constante uns com os outros. Para vivenciar esse vínculo uns com os outros, eles se reúnem no templo e em suas casas.

Eles não constroem igrejas que consomem dinheiro, mas são caracterizados pela simplicidade e pela confiança em Deus. Um Cristo Menino enfeitado com joias na catedral de Roma e crianças de rua famintas no pátio da igreja não combinam. A primeira igreja não tinha nada do que temos hoje: nenhum prédio, dinheiro, influência política ou status social, e mesmo assim muitas almas foram conquistadas.

Por um lado, esses cristãos ainda aderem às formas judaicas de adoração, indo ao templo. Por outro lado, eles vivenciam a genuína comunhão cristã em seus lares. Todos os dias eles partem o pão em memória do Senhor e desfrutam da companhia uns dos outros durante as refeições de amor.

Em tudo isso, eles louvam a Deus. Sua alegria e louvor não são o resultado de sua redenção, como foi o caso do povo de Israel em Êxodo 15 (Êxo 15:1). A alegria dos crentes é o fato de compartilharem o amor de Deus. Eles se tornaram participantes de Sua natureza e entraram em contato com Deus como seu Pai. Além disso, o Espírito Santo passou a residir neles.

Todo o seu modo de vida impõe o respeito das pessoas. Quando os cristãos vivem como o Senhor planejou, isso é uma bênção para a vizinhança. O Senhor não deixa de ser testemunhado em tal estilo de vida. Ele acrescenta pessoas à comunidade todos os dias*. Como resultado, o número de pessoas salvas aumenta constantemente. A salvação é para a eternidade. Também é possível que a salvação mencionada aqui tenha a ver com a desolação da qual Jerusalém será vítima no ano 70, como julgamento de Deus sobre o antigo sistema. Aqueles que se converteram escaparam desse julgamento.

*O que acontecia “diariamente” na igreja primitiva: reunir-se uns com os outros (Atos 2:46); levar almas à conversão (Atos 2:47); aumentar em número (Atos 16:5); examinar as Escrituras (Atos 17:11).

Atos 3

Atos 3:1 | Indo ao templo para orar

| *1 Pedro e João subiam juntos ao templo à hora da oração, a nona.*

Dois dos apóstolos, Pedro e João, vão juntos ao templo. Embora sejam cristãos por meio do batismo com o Espírito Santo, eles ainda aderem a certos costumes judaicos. Um desses costumes é ir ao templo na hora da oração.

O primeiro período do cristianismo é uma época de transição. Por meio do ministério do apóstolo Paulo, cujo chamado é descrito mais tarde em Atos dos Apóstolos, a verdade sobre o cristianismo é totalmente revelada. Isso fará com que os corações se desprendam do judaísmo para que possam se unir ao Senhor glorificado no céu. Para todos aqueles que ainda estão lutando para abandonar o judaísmo, Deus fará a ruptura final no ano 70, quando entregará Jerusalém à devastação dos romanos. Como resultado, não será mais possível visitar o templo.

Eles irão ao templo como uma casa de oração (Isa 56:7; Luc 19:46). A hora da oração, a nona (três horas da tarde, de acordo com nosso horário), era a hora em que o holocausto da noite era oferecido. É a hora em que Elias recebeu uma resposta à sua oração (1Rei 18:36-38) e a hora em que Daniel recebeu uma resposta à sua oração séculos mais tarde (Dan 9:21). É também a hora em que o Senhor Jesus não recebeu resposta quando clamou (Mat 27:46). Nessa hora, Pedro e João sobem ao templo para revelar o poder do nome do Senhor Jesus diante das multidões. É muito bonito ver que o primeiro milagre descrito ocorre em conexão com a oração.

Atos 3:2-7 | A cura de um homem paralítico

| *2 E era trazido um varão que desde o ventre de sua mãe era coxo, o qual todos os dias punham à porta do templo chamada Formosa, para pedir esmola aos que entravam. 3 Ele, vendo a Pedro e a João, que iam entrando no templo, pediu que lhe dessem uma esmola. 4 E Pedro, com João, fitando os olhos nele, disse: Olha para nós. 5 E olhou para eles, esperando receber alguma coisa. 6 E disse Pedro: Não tenho prata nem ouro, mas o que tenho, isso te dou. Em nome de*

Jesus Cristo, o Nazareno, levanta-te e anda. 7 E, tomando-o pela mão direita, o levantou, e logo os seus pés e tornozelos se firmaram.

Enquanto a congregação estava reunida em unidade no templo todos os dias, um homem paralítico foi levado à porta do templo, que era chamada de “a Formosa”. O nome da porta – uma expressão simbólica para a esplêndida adoração dos judeus – contrasta fortemente com a aparência desse homem aleijado, que é um retrato da verdadeira condição dos judeus. Ele não podia fazer nada e dependia da bondade dos homens que o levaram ao templo. E depois que foi colocado lá, ele dependia da misericórdia dos visitantes do templo. Quando os homens estão em um estado de espírito religioso, geralmente são mais generosos. Portanto, o lugar que ele ocupa na porta do templo não é uma má escolha. Ele deve ter se sentado ali por muitos anos, pois tem mais de quarenta anos de idade (Atos 4:22).

Esse homem lembra o enfermo no tanque de Betesda, que já estava com sua doença há trinta e oito anos (Joã 5:5). Assim como ele, esse homem é um retrato de Israel sob a lei. O povo havia vagado pelo deserto sob a lei por cerca de quarenta anos e nunca teria alcançado a Terra Prometida com a bênção prometida por causa da lei. Somente a graça de Deus os levou à terra. Assim, o homem doente em Betesda foi curado pelo Senhor e, portanto, o homem paralítico aqui também será curado em nome do Senhor.

Esse homem está tão perto do lugar santo e, ao mesmo tempo, tão longe dele. E o Senhor Jesus não esteve lá muitas vezes? Será que ele não o viu quando entrou nos edifícios do templo? De qualquer forma, ele não falou com Ele.

Sem que o homem perceba, o fim de sua miséria está próximo quando Pedro e João aparecem entre os visitantes do templo. Quando ele os vê prestes a entrar no templo, também lhes pede esmolas. Será que ele não se aproximou de Pedro e João antes, já que eles haviam estado lá tantas vezes com o Senhor Jesus? Não sabemos. Mas sabemos que, dessa vez, seu pedido de esmola lhe traz muito mais do que ouro e prata. Somente Deus sabe por que alguns passam ao largo do evangelho por muitos anos e são salvos em um determinado dia.

Para Pedro e João, o pedido de esmola é a ocasião para tornar conhecido o poderoso nome de Jesus Cristo. Pedro olha para ele fixamente. Ele agora

só vê o homem paralítico. Ele não vê tanto sua necessidade, mas sim a oportunidade de glorificar o Senhor Jesus. João faz o mesmo. Ele também está preocupado apenas com a glorificação de Cristo. Embora seja Pedro quem fala e age, João tem a mesma opinião que ele. Toda a atenção deles está voltada para esse homem.

Pedro agora pede que ele olhe para eles. O homem deve desviar o olhar de tudo ao seu redor e olhar somente para os dois apóstolos que estão diante dele em nome do Senhor Jesus. Ao olhar para eles, ele está, na verdade, olhando para Ele. Ele não se dá conta disso, mas Pedro e João estão bem cientes de que estão ali na autoridade do Senhor. É por isso que Pedro também pode dizer: “Olha para nós!” Não se trata deles, mas daquele que eles representam.

O homem faz o que lhe pedem e olha para eles. A única coisa que ele espera é uma oferta. Isso é o máximo que seus pensamentos alcançam. Nossos pensamentos muitas vezes também não vão muito além disso. Estamos mais concentrados nas riquezas terrenas do que nos tesouros celestiais.

Então Pedro diz palavras que testemunham o que ele não tem e o que tem. Ele não tem prata nem ouro, mas tem a autoridade do Senhor Jesus para curar. No Antigo Testamento, a prata e o ouro eram meios que podiam ser usados para a reconciliação. No entanto, Pedro nos lembra em sua primeira carta que a verdadeira salvação não vem por meio de prata ou ouro, mas pelo precioso sangue de Cristo (1Ped 1:18,19). O nome de Cristo é o novo meio que torna a restauração possível e também dá o poder de entrar no santuário, como vemos aqui.

Em vez de riqueza terrena, Pedro tem uma fonte de felicidade e força no céu, em Jesus Cristo. Ele usa essa fonte para dar a esse homem uma bênção que vai muito além do bem-estar terreno. Em nome de Jesus Cristo, ele o instrui a se levantar e andar. Pedro chama o Senhor Jesus de “o Nazareno”, o que se refere às suas origens na desprezada cidade de Nazaré. Esse nome ressoa no pátio do templo como o nome que dá esse poder de curar. Os líderes religiosos pensaram que haviam se livrado dele, mas Ele revela um poder do céu ainda maior do que durante Sua vida na Terra.

Uma expressão de poder como essa por meio de palavras faladas é rara hoje em dia. Muitos cristãos sinceros de hoje estão ocupados juntando

prata e ouro para a obra do Senhor, enquanto o poder do nome do Senhor permanece em grande parte sem uso. Muitos dos que “curam” hoje falam o nome de Jesus com muito poder para curar, mas não conseguem repetir as primeiras palavras de Pedro (“prata e ouro não tenho”).

Pedro não apenas fala palavras de autoridade em nome do Senhor Jesus, mas também pega o homem pela mão direita e o ajuda a se levantar. Aqui, novamente, vemos a impressionante conexão entre a ação divina e a humana. Deus faz o que não podemos fazer (fortalecer seus pés e tornozelos), e nós devemos fazer o que podemos fazer (pegá-lo pela mão e levantá-lo).

Atos 3:8-11 | O efeito da cura

8 E, saltando ele, pôs-se em pé, e andou, e entrou com eles no templo, andando, e saltando, e louvando a Deus. 9 E todo o povo o viu andar e louvar a Deus; 10 e conheciam-no, pois era ele o que se assentava a pedir esmola à Porta Formosa do templo; e ficaram cheios de pasmo e assombro pelo que lhe acontecera. 11 E, apegando-se ele a Pedro e João, todo o povo correu atônito para junto deles no alpendre chamado de Salomão.

O resultado é imediato. A recuperação é completa e verificável. Não é necessário formular explicações médicas. O homem se levanta, fica de pé e anda. Seus primeiros passos o levam ao templo junto com Pedro e João. Ele sempre esteve sentado à porta, mas agora entra. Ele faz isso junto com outros. Ao mesmo tempo, ele expressa pessoalmente sua gratidão. Ele corre, pula e louva a Deus. Deus recebe a honra.

O que ele faz é um testemunho para todas as pessoas que o veem caminhando e o ouvem louvando a Deus. O povo o conhece. Ele era visto diariamente no templo, porque se sentava lá todos os dias e pedia esmolas. Algumas pessoas talvez lhe dessem algo por pena, mas ninguém conseguia libertá-lo da paralisia. É claro que todos se consolavam com o pensamento de que ele não podia ser ajudado. Mas é exatamente esse caso, que é desesperador para homens, que se torna um grande testemunho do nome do Senhor Jesus.

O homem curado segura Pedro e João para que fique claro para todos por quem ele foi curado. Isso também mostra o desejo compreensível de um jovem convertido de permanecer com aquele por quem foi convertido. Ao

mesmo tempo, é prova de uma nova vida quando ele busca a comunhão com outros que o apóiam espiritualmente e o ajudam a crescer como cristão. O homem quer pertencer a Pedro e João e ficar com eles.

Sua cura atrai uma multidão. Todo o povo vai ao templo, ao pórtico de Salomão. Foi no pórtico de Salomão que o Senhor andou quando Lhe perguntaram se Ele era o Cristo (João 10:23), e foi também onde os apóstolos se reuniram (Atos 5:12). É um lugar de encontro. O povo está maravilhado com a cura. Também é um milagre tremendo ver agora andando por ali Aquele que eles conheciam há mais de 40 anos como um paralítico no meio deles.

Atos 3:12-16 | Pedro prega Cristo

12 E, quando Pedro viu isto, disse ao povo: Varões israelitas, por que vos maravilhai disto? Ou, por que olhai tanto para nós, como se por nossa própria virtude ou santidade fizéssemos andar este homem? 13 O Deus de Abraão, e de Isaque, e de Jacó, o Deus de nossos pais, glorificou a seu Filho Jesus, a quem vós entregastes e perante a face de Pilatos negastes, tendo ele determinado que fosse solto. 14 Mas vós negastes o Santo e o Justo e pedistes que se vos desse um homem homicida. 15 E matastes o Príncipe da vida, ao qual Deus ressuscitou dos mortos, do que nós somos testemunhas. 16 E, pela fé no seu nome, fez o seu nome fortalecer a este que vedes e conheceis; e a fé que é por ele deu a este, na presença de todos vós, esta perfeita saúde.

Pedro usa o interesse por esse milagre para concentrar a atenção naquele que o realizou, o Senhor Jesus. Este milagre aconteceu em vista Dele. Ao contrário de Simão, o feiticeiro, que dizia ser alguém grande (Atos 8:9), Pedro rejeita toda honra (veja também Atos 10:26; 14:13-16) e a dá ao Senhor Jesus (cf. Apo 19:10). Os homens são rápidos em honrar uma pessoa visível, uma criatura, e não o Deus invisível, o Criador. Essa é a essência da idolatria. A honra é devida somente ao Filho de Deus. Assim como Deus O honra, nós também devemos honrá-Lo.

Pedro começa seu terceiro discurso corrigindo uma falsa impressão. Ele já havia começado com isso em seu segundo discurso no capítulo 2. Lá ele falou sobre a falsa impressão de que os homens estavam bêbados. Aqui ele contradiz a falsa impressão de que eles haviam curado o homem. Pedro

ressalta que não foi por meio da força deles que o homem agora pode andar.

Ele acrescenta que o temor de Deus deles também não é a causa da cura. Eles não têm nenhum tipo de benefício com Deus por causa de sua reverência a Deus, como se Deus fosse lhes dar um pouco mais de honra que é devida somente a Ele. Ele diz que nada neles contribuiu para sua recuperação. Na verdade, tudo se deve exclusivamente à obra de Jesus Cristo, sobre quem ele fala no que se segue.

Ele faz isso apontando para a estima que Deus tem por Ele. Ele chama Deus pelo nome que lembra as promessas que Ele fez a cada um dos patriarcas individualmente. As promessas têm como tema central o fato de que Ele enviaria Seu Filho, o Cristo, para cumprir todas as promessas. Bem, Deus de fato O enviou. Pedro chama o Senhor Jesus de “Seu servo Jesus” (veja também Isa 42:1). Isso indica que o Senhor Jesus serviu a Deus na Terra.

Mas que contraste há entre a estima que Deus tem por Seu Filho e a estima que o povo tem por Ele! O povo não O reconheceu como o Cristo de Deus, mas O entregou às autoridades como um criminoso. Pilatos, o representante dessa autoridade, testemunhou várias vezes que não encontrou nenhuma culpa nEle e, portanto, julgou que Ele deveria ser libertado. Mas o povo não estava aberto a argumentos. Em um ódio cego, negaram seu Messias, o Cristo de Deus, na presença das nações, na pessoa de Pilatos. Eles não queriam ter nada a ver com Ele e O rejeitaram.

E agora tudo estava perdido? Não, pois Deus levantou e glorificou Seu servo Jesus, que O serviu tão perfeitamente (Isa 52:13). Dessa forma, Pedro O apresenta ao povo mais uma vez.

É notável como Pedro acusa duas vezes o povo de ter negado o Senhor Jesus, enquanto algumas semanas antes ele mesmo O havia negado três vezes. No entanto, ele confessou sua negação com vergonha e lágrimas e recebeu o perdão do Senhor por isso. Portanto, ele está livre diante de Deus para confrontar o povo com esse pecado. Ele faz isso para que as pessoas se arrependam, confessem seus pecados e se reconciliem com Deus, assim como Pedro.

Ele fala sobre o Senhor Jesus como “o Santo e o Justo”. Como o “Santo”, Ele viveu na Terra completamente separado do mundo e para Deus. Ele

viveu somente para Deus. Isso também fez Dele o “justo”. Ele sempre fez tudo de acordo com o que era correto perante Deus e o homem.

Apesar de Sua vida completamente dedicada a Deus e ao homem, por meio da qual somente a bondade e a graça surgiram para eles, eles optaram por um assassino, alguém que tira a vida de outros. Eles pediram a Pilatos que lhes “desse” esse homem, enquanto rejeitavam a grande dádiva de Deus em Seu Filho. Eles preferiram viver com um assassino a viver com o autor da vida. Eles mataram a fonte e o doador da vida e, assim, cortaram todos os caminhos da vida para si mesmos.

Pedro coloca as ações do povo com o Filho de Deus diante de seus corações e consciências com muito mais ênfase do que no capítulo 2. Mas Pedro também mostra que Deus tem Seu próprio plano e que Ele triunfa sobre o ódio e as más ações do homem. Não é o homem, mas Deus que tem a última palavra, e de uma forma que silencia o homem.

Deus ressuscitou Seu Filho dentre os mortos e o apresentou a eles mais uma vez. Deus não apenas lidou com Ele de uma maneira completamente diferente da que eles fizeram, mas, em alguns aspectos, desfez o ato deles e até mesmo o relacionou com consequências especiais. Essa é uma grande graça e uma prova da perfeita bondade de Deus. Pedro explica que ele e João são Suas testemunhas. Em seu julgamento do Senhor Jesus, ele toma publicamente e incondicionalmente o lado de Deus.

Depois que Pedro reprovou o povo por seus pecados e descreveu o que Deus fez com seu Filho, ele aponta para o homem que foi curado. Eles o veem, eles o conhecem. Eles sabem como ele estava e veem como ele está agora. A mudança em sua situação é o resultado da fé no nome do Senhor Jesus. O que eles veem e o que Pedro aponta para eles, Pedro os coloca em conexão direta com o céu e com Aquele que é glorificado ali. Eles podem ver além do homem, diretamente para cima, pois lá está Ele, que realizou o que eles estão vendo.

A fé é o princípio poderoso pelo qual o Cristo glorificado se torna conhecido na Terra. Por meio da fé no Senhor Jesus, o homem recebeu “saúde perfeita”. Cristo não faz um trabalho pela metade. Todos eles ficam parados e veem que o homem está completamente curado por meio do nome de Jesus Cristo, o nome daquele que eles negaram e assassinaram.

Atos 3:17-21 | Chamado ao arrependimento e à conversão

17 E agora, irmãos, eu sei que o fizestes por ignorância, como também os vossos príncipes. 18 Mas Deus assim cumpriu o que já dantes pela boca de todos os seus profetas havia anunciado: que o Cristo havia de padecer. 19 Arrependei-vos, pois, e convertei-vos, para que sejam apagados os vossos pecados, e venham, assim, os tempos do refrigério pela presença do Senhor. 20 E envie ele a Jesus Cristo, que já dantes vos foi pregado, 21 o qual convém que o céu contenha até aos tempos da restauração de tudo, dos quais Deus falou pela boca de todos os seus santos profetas, desde o princípio.

As acusações são certas. O juízo de Deus é merecido. Mas então Pedro aponta uma saída. Guiado pelo Espírito Santo, ele pode dizer ao povo que eles cometeram seu terrível ato “por ignorância” (cf. 1Cor 2:8) e, portanto, pode chamá-los ao arrependimento e à conversão. Pedro pode dizer isso com base na intercessão do Senhor Jesus na cruz: “Pai, perdoa-lhes, porque não sabem o que fazem” (Luc 23:34). Paulo também recebeu misericórdia com base nisso (1Tim 1:13).

Seu pecado é visto como homicídio culposo, não como assassinato. De acordo com a lei, alguém culpado de homicídio culposo poderia ser morto pelo vingador do sangue. No entanto, se o homicida chegasse a tempo a uma cidade de refúgio, ele estaria seguro lá (Núm 35:9-15). Dessa forma, o povo ainda pode se refugiar no Senhor Jesus e, assim, escapar do julgamento. Em vez de julgamento, elas receberiam a bênção prometida, como Pedro está prestes a dizer. Mas primeiro ele fala sobre o conselho de Deus. Deus usou o que eles haviam feito em sua maldade com Cristo para cumprir o que Ele havia falado por meio de todos os profetas. Todos os profetas falaram sobre o sofrimento de Cristo.

Aqui, novamente, vemos os dois lados que também vimos no capítulo anterior (Atos 2:22,23). Por um lado, vemos como o homem revela sua total depravação ao rejeitar a bondade de Deus revelada em Cristo. Por outro lado, descobrimos que Deus sabia disso de antemão e o incluiu em seus planos e até mesmo o usou para cumprir seus planos. Nós, como criaturas, não podemos unir os dois lados, mas é exatamente por isso que Deus também é Deus, e nós continuamos sendo criaturas com a capacidade limitada

de raciocínio que isso implica. Por meio do ato pecaminoso deles, Deus cumpriu seu propósito em relação ao sofrimento de Cristo.

O fato de que eles são completamente responsáveis por seus pecados é demonstrado no apelo de Pedro ao povo para que se arrependa e se converta. Ele lhes mostrou claramente do que eram culpados. Isso deve levá-los ao arrependimento, à percepção de que pecaram. A conversão está intimamente ligada a essa percepção e à confissão correspondente. A conversão é uma mudança de pensamento em relação a Deus e ao Senhor Jesus. O arrependimento é a convicção interior da própria culpa, a percepção e o reconhecimento de que eu pequei.

A conversão é uma mudança em meu julgamento do que Deus disse. Em primeiro lugar, alguém rejeita o que Ele disse em Sua Palavra e o que Ele concedeu em Cristo. Aqueles que se arrependem, perceberem e confessarem seus pecados acreditarão na Palavra de Deus e aceitarão o dom de Deus em Cristo. Aqueles que se arrependem e se convertem podem saber que seus pecados foram apagados. Tudo o que estava entre ele e Deus foi removido. A barreira foi removida. Isso abre caminho para uma vida de refrigério que vem a eles “da face do Senhor”, ou seja, da presença do Senhor.

O que pode ser aplicado ao indivíduo se aplica aqui, em primeiro lugar e acima de tudo, a todo o povo, pois é a ele que Pedro está falando. Por “tempos de refrigério” ele quer dizer o tempo do reino de mil anos, no qual seu povo desfrutará de todas as bênçãos de Deus na Terra. Então, o rosto do Senhor não estará mais voltado para eles com ira (Slm 34:16), mas seu rosto brilhará como o sol (Mat 17:2). Seu povo poderá se aquecer no calor de seus raios e desfrutar de todas as bênçãos da vida de acordo com sua promessa no reino da paz (Pro 16:15).

O retorno de Cristo Jesus para cumprir isso dependia (e ainda depende) da conversão dos judeus. Pedro deixa claro que Deus está ansioso para enviar Seu Cristo, que ele diz ser o “Cristo preordenado” para eles. Ouvimos aqui o grande amor de Deus por Seu povo.

Não foi por acaso que Deus enviou Cristo ao Seu povo. Aqui Deus lhes oferece mais uma vez esse Cristo que havia sido predestinado para eles, que não é outro senão o “Jesus” que eles haviam rejeitado. Que graça con-

tínua de Deus que faz isso apesar da rejeição de seu Cristo! Ele pode fazer isso – como eu disse – por causa da intercessão do Senhor Jesus na cruz.

Vemos como Deus faz todo o possível para levar a nação ao arrependimento a fim de que Ele possa lhes dar as bênçãos prometidas. Só então, quando eles também rejeitam um Senhor glorificado, assim como O rejeitaram em Sua humilhação, é que o julgamento de Deus vem sobre o povo. Para evitar isso, Deus ainda está procurando uma maneira de enviar Seu Filho, afinal, para que os tempos de restauração de todas as coisas possam começar.

Cristo foi levado para o céu. Rejeitado pela Terra, o céu teve de recebê-Lo. O céu não fez isso com relutância, mas – com relação ao propósito pelo qual Ele veio à Terra, ou seja, estabelecer o reino de Deus lá – antes do tempo.

Mesmo assim, o objetivo original será alcançado. O momento da restauração de todas as coisas aponta para o reino de paz de 1000 anos. Durante o reino de paz, tudo na criação será restaurado de acordo com a situação que Deus tinha em mente quando criou o céu e a terra. Deus falou repetidamente sobre essa situação pela boca de Seus profetas. Ele indicou isso com antecedência.

Quando Seu Filho veio, esse tempo poderia ter chegado se Israel O tivesse aceitado. Mas Ele foi rejeitado. No entanto, isso não significa que Deus não cumprirá Seu plano. Por meio da boca de Pedro, Deus se oferece para cumprir Seu plano. Isso acontecerá se o povo como um todo ainda se converter. Sabemos que o povo não se converteu. Mas mesmo isso não significa que Deus não cumprirá mais seu plano. Ele foi adiado novamente e será cumprido no fim dos tempos.

Atos 3:22-26 | O Profeta Despertado por Deus

22 Porque Moisés disse: O Senhor, vosso Deus, levantará dentre vossos irmãos um profeta semelhante a mim; e ele ouvireis em tudo quanto vos disser. 23 E acontecerá que toda alma que não escutar esse profeta será exterminada dentre o povo. 24 E todos os profetas, desde Samuel, todos quantos depois falaram, também anunciaram estes dias. 25 Vós sois os filhos dos profetas e do concerto que Deus fez com nossos pais, dizendo a Abraão: Na tua descendência serão benditas todas as famílias da terra. 26 Ressuscitando Deus a seu Filho Jesus,

primeiro o enviou a vós, para que nisso vos abençoasse, e vos desviasse, a cada um, das vossas maldades.

O fato de que Deus fará com que os tempos de restauração de todas as coisas amanheçam tem tudo a ver com o que Pedro se refere novamente quando cita Moisés, um dos “santos profetas da antiguidade” (Deu 18:15-19; Luc 1:70). Assim como Davi, que Pedro citou no capítulo 2, os judeus também admiravam muito Moisés. Moisés falou sobre um profeta que Deus levantaria da mesma forma que Deus o havia levantado.

Deus levantou Moisés como profeta para seu povo em uma época em que o povo estava na escravidão e em grande necessidade. Foi o que aconteceu com o Senhor Jesus. Assim como Moisés foi levantado no meio de seus irmãos, o Senhor também entrou no meio de seus irmãos ao nascer como israelita. Na citação, Moisés nos convida a ouvi-Lo. Pedro apresenta isso aos seus ouvintes.

Além das semelhanças entre Moisés e o Senhor Jesus como profeta, há também uma grande diferença. Moisés foi um instrumento que transmitiu as palavras de Deus. Mas nem tudo o que Moisés dizia eram as palavras de Deus. O que o Senhor Jesus diria e de fato disse, no entanto, foi tudo exclusivamente a palavra de Deus. Por isso Moisés diz que o povo deveria ouvi-Lo “em tudo o que Ele vos falar”. Moisés também acrescenta a severa advertência de que quem não ouvisse o profeta seria excluído do povo. Como resultado, todos esses são excluídos para sempre da bênção que será a porção do povo quando Ele reinar.

E não foi apenas Moisés que falou sobre a vinda desse profeta, o Senhor Jesus. Desde Samuel, o primeiro profeta chamado por Deus entre Seu povo, Deus tem apontado para a vinda de Seu Filho. Todos os profetas que vieram depois de Samuel fizeram o mesmo. Pedro aponta para o povo sua posição privilegiada como filhos dos profetas. Ele também quer dizer que eles devem seguir os caminhos que esses profetas lhes mostraram, pois somente assim poderão receber a bênção de Deus. Esse caminho é sempre o caminho do arrependimento e da conversão.

Além disso, eles não são apenas filhos dos profetas, mas também filhos da aliança que Deus fez com seus pais e na qual Ele lhes prometeu Sua bênção. Nessa aliança, Deus anunciou a bênção para os descendentes físicos de

Abraão; esse é o povo ao qual Pedro está se dirigindo aqui. Ao mesmo tempo, Deus também prometeu a bênção para todas as famílias da Terra por meio dos descendentes de Abraão (Gên 12:3; 18:18; 22:18; 26:4; Gal 3:8). A bênção de Deus no reino de paz se espalha por Israel para toda a Terra. É por isso que Deus enviou o Senhor Jesus, a quem Pedro novamente chama de “servo” de Deus (verso 13), para eles em primeiro lugar.

“Ressuscitando” não se refere à ressurreição, mas ao surgimento do Senhor Jesus como homem na terra, seu nascimento. Quando se trata da ressurreição da morte, não lemos que Deus O ressuscitou, mas que Ele mesmo foi ressuscitado. Quando se trata da obra de Deus na ressurreição, lemos que Deus “o ressuscitou”. “Ressuscitar”, portanto, refere-se à primeira vinda do Senhor Jesus à Terra, ao Seu nascimento e à Sua vida, conforme descrito nos Evangelhos.

A bênção que Deus quer dar com o envio do Cristo glorificado é afastar o povo de sua maldade. A maldade impede a bênção. Quando eles confessam essas maldades, esse obstáculo é removido. Essa já é uma bênção tremenda que, ao mesmo tempo, abre a porta para a bênção ainda maior do reino de paz.

Atos 4

Atos 4:1-4 | Pedro e João são presos

1 E, estando eles falando ao povo, sobrevieram os sacerdotes, e o capitão do templo, e os saduceus, 2 doendo-se muito de que ensinassem o povo e anunciassem em Jesus a ressurreição dos mortos. 3 E lançaram mão deles e os encerraram na prisão até ao dia seguinte, pois era já tarde. 4 Muitos, porém, dos que ouviram a palavra creram, e chegou o número desses homens a quase cinco mil.

O relato do capítulo anterior continua aqui. Agora estamos lidando com a primeira perseguição aos cristãos. O Senhor previu várias vezes que os Seus seriam perseguidos (Mat 10:16-18; Mar 13:9; Joã 15:20). Essa perseguição é realizada pelos líderes religiosos, que atacam os apóstolos de três maneiras.

Em primeiro lugar, ela acontece por meio dos sacerdotes. Eles têm grande influência sobre o povo porque somente eles estão autorizados a fazer sacrifícios. Além disso, o capitão do templo também está envolvido. Ele comanda a segurança do templo e, portanto, é responsável pela ordem dentro e ao redor do templo. Por fim, os saduceus são mencionados.

É possível que os sacerdotes formem o ramo espiritual da seita saduceu e que os saduceus, nomeados separadamente, formem o ramo político. Os saduceus governavam o sinédrio, ou seja, o conselho (Atos 5: 17). Os seguidores dessa seita judaica não acreditam em uma ressurreição ou em anjos e no espírito (Mat 22:23; Atos 23:8). A pregação dos apóstolos sobre a ressurreição do Senhor Jesus é, portanto, uma pedra no sapato deles. Isso vai ao cerne de seu serviço de adoração característico.

Juntamente com os sacerdotes, a classe especial que tem o privilégio do sacrifício, do qual eles também se gabavam, e o chefe da guarda do templo, eles se aproximam dos dois apóstolos de forma ameaçadora. Durante a vida do Senhor Jesus, seus oponentes eram, acima de tudo, os fariseus. Esses homens, com sua justiça própria, se opunham ao Justo. Os saduceus ficavam mais em segundo plano. Agora eles vieram à tona.

Eles estavam “desgostosos” com o fato de os apóstolos “ensinarem” o povo. Eles achavam que somente eles, como sacerdotes, tinham o direito e a capacidade de fazer isso. Eles também estavam “desgostosos” com o fato de os apóstolos “proclamarem a ressurreição dos mortos em Jesus”. Os milagres já eram ruins o suficiente aos olhos desses livres-pensadores, porque aproximavam demais o poder de Deus. Mas a ressurreição dos mortos, e depois na pessoa de Jesus, é insuportável para eles.

Trata-se da ressurreição “dentre” os mortos, não da ressurreição dos mortos. A ressurreição dos mortos é geral. Mas a ressurreição dentre os mortos é outra coisa. Trata-se da ressurreição de alguém ou de um número de pessoas mortas, enquanto o restante dos mortos permanece na sepultura. A ressurreição “dentre os mortos” mostra que não existe uma ressurreição geral e comum de crentes e descrentes (1Cor 15:23; Apo 20:5).

Esses oponentes da verdade prendem os apóstolos e os levam sob custódia. Como já era noite, eles só seriam interrogados no dia seguinte. O fato de ser tarde é mais do que apenas uma descrição da hora do dia. Ele também diz algo sobre o momento em que Israel chegou. Essa é a última chance de o povo receber a bênção prometida antes que a noite caia sobre eles.

Em meio a toda a fúria do inimigo, o Espírito menciona algo sobre a obra de Deus. Os apóstolos podem ser levados cativos, mas a palavra não está presa e faz seu trabalho. Muitos ouvem a palavra e, como resultado, chegam à fé. A fé vem da proclamação e da proclamação por meio da palavra de Deus (Rom 10:17). Por meio da poderosa obra da palavra, o número de homens aumenta para cerca de cinco mil.

Atos 4:5-7 | Interrogatório do Sinédrio

5 E aconteceu, no dia seguinte, reunirem-se em Jerusalém os seus principais, os anciãos, os escribas, 6 e Anás, o sumo sacerdote, e Caifás, e João, e Alexandre, e todos quantos havia da linhagem do sumo sacerdote. 7 E, pondo-os no meio, perguntaram: Com que poder ou em nome de quem fizestes isto?

Os líderes religiosos se reúnem em Jerusalém no dia seguinte. Toda a liderança, a quem o povo está à mercê (“seus governantes, seus anciãos e seus escribas”), se propôs a interrogar os dois rebeldes. Os líderes veem sua

autoridade sobre o povo em perigo. Essa também é a razão pela qual eles mataram o Senhor Jesus.

Esse grupo é liderado por um pequeno grupo de sumos sacerdotes e suas famílias. Lucas menciona alguns nomes. Conhecemos Anás e Caifás entre eles. Caifás é o genro de Anás. Ele foi sumo sacerdote durante o julgamento do Senhor Jesus (João 18:13-14). João e Alexandre não são conhecidos. Supõe-se que eles eram filhos de Anás, mas isso não pode ser afirmado com certeza. Há também alguns membros da família do sumo sacerdote presentes, cujos nomes Lucas não menciona. Eles chamam os apóstolos e os colocam no meio deles.

Pedro e João estão agora diante de um grupo que certamente se lembrou do dia em que o Senhor Jesus esteve diante deles. Eles achavam que haviam eliminado todo o movimento com Ele, mas aqui são confrontados com Ele novamente por Seus seguidores.

Seu interrogatório não é extenso, mas muito específico. Eles não estão preocupados com o fato do milagre. Em princípio, eles não são contra os milagres. Os milagres podem trazer melhorias sociais. Sua grande acusação é que esse milagre está associado ao nome do Senhor Jesus, e isso causa muita indignação.

Eles não podem negar o milagre, mas como esses homens simples puderam realizar esse milagre espetacular? Onde obtiveram o poder e qual é o nome por trás dele? Embora saibam muito bem como os apóstolos fizeram “isso” (a cura do homem paralítico), eles ainda perguntam. Talvez eles queiram ouvir algo com base no qual possam julgá-los.

Atos 4:8-12 | Pedro responde por si mesmo

8 Então, Pedro, cheio do Espírito Santo, lhes disse: Principais do povo e vós, anciãos de Israel, 9 visto que hoje somos interrogados acerca do benefício feito a um homem enfermo e do modo como foi curado, 10 seja conhecido de vós todos e de todo o povo de Israel, que em nome de Jesus Cristo, o Nazareno, aquele a quem vós crucificastes e a quem Deus ressuscitou dos mortos, em nome desse é que este está são diante de vós. 11 Ele é a pedra que foi rejeitada por vós, os edificadores, a qual foi posta por cabeça de esquina. 12 E em nenhum outro há

salvação, porque também debaixo do céu nenhum outro nome há, dado entre os homens, pelo qual devamos ser salvos.

Aqui Pedro faz seu quarto discurso neste livro. Mais uma vez, ele aproveita a oportunidade para pregar o nome do Senhor Jesus e o evangelho. Ele é guiado pelo Espírito Santo (Luc 21:12-15). É explicitamente declarado aqui que ele está “cheio” do Espírito Santo.

Seu público agora é uma multidão de reverendos religiosos. Pedro não deixa de reconhecer a dignidade deles nem despreza sua posição, mas deixa inequivocamente claro que Jesus Cristo está muito acima deles. Ele não é nem um pouco tímido ou temeroso. Sem medo, ele confronta essa gente com o mesmo Senhor que eles condenaram à morte e mataram há apenas algumas semanas.

Pedro aponta para eles o absurdo desse interrogatório. É muito estranho que eles estejam sendo interrogados por fazerem o bem a uma pessoa doente. Certamente, essa deveria ser uma ocasião de grande alegria e gratidão, e não um interrogatório! Em vez disso, os interrogadores se sentem ameaçados em sua posição. E ele conhece o contexto. Ele sabe que a resistência deles é direcionada aos meios usados. Esse meio é agora discutido em detalhes.

Pedro diz a seus ouvintes – e a toda a nação sobre suas cabeças – quem é responsável pela saúde desse homem em termos claros e inequívocos. Não é outro senão Jesus Cristo, o Nazareno. Não pode haver nenhum mal-entendido sobre isso, todos devem saber. Esse nome deve ter penetrado em suas medulas e ossos.

Mas Pedro não deixa isso para lá. Sem medo do mais alto julgamento religioso, ele apresenta esse nome à consciência deles, acusando-os de tê-lo crucificado. Logo em seguida, ele diz o que Deus fez com Ele. Deus o ressuscitou dos mortos. A ressurreição do Senhor Jesus também desempenha um papel importante nesse discurso. O homem foi curado pelo nome de Cristo, o Cristo que Deus ressuscitou dos mortos.

Esse relato vira todo o mundo de experiências deles de cabeça para baixo e abala a existência deles até os alicerces. Esse nome desprezado, essa pessoa que eles tanto odiavam e executaram, deveria estar viva e ainda trabalhando na Terra?

Pedro continua a se defender com calma e vigor. Ele apóia sua afirmação novamente com uma citação da Palavra de Deus, que eles conhecem tão bem. Em seus discursos anteriores, ele também citou versos do Antigo Testamento e os aplicou a Cristo. No dia de Pentecostes, ele citou algumas das previsões de Davi sobre a morte, a ressurreição e a glorificação do Senhor Jesus, provando que Deus o havia feito Senhor e Cristo. Na porta do templo, que era chamada de “a Formosa”, ele falou de um profeta como Moisés.

Guiado pelo Espírito Santo, ele sempre sabe como citar o verso certo na hora certa. Dessa vez, ele cita o Salmo 118 (Slm 118:22). Ele cita o mesmo verso e já havia ouvido o Senhor Jesus mencionar esse verso aos líderes religiosos (Mat 21:42; Mar 12:10; Luc 20:17). Por meio da orientação do Espírito Santo, essa é a citação certa para deixar claro a essa gente o que eles haviam feito.

O contexto do salmo mostra que ele trata do templo, a casa de Deus. Lemos sobre a porta do Senhor pela qual os justos entram (Slm 118:20). Em seguida, fala-se da casa do SENHOR e do altar (Slm 118:26, 27). Os “construtores” são os líderes a quem Pedro se refere. Eles desprezaram e rejeitaram a pedra angular, que é Cristo.

A pedra angular é a pedra que é colocada no alicerce e sobre a qual a casa é construída. Todo o edifício é erguido a partir dessa pedra. Cristo é a pedra angular do novo templo, com a qual eles, os líderes, nada conseguem fazer (Isa 28:16). Ele também é a pedra angular do edifício que Deus está construindo agora, Sua igreja, a casa de Deus nesta época (1Ped 2:4-7; 1Tim 3:15). Todo o novo edifício, a igreja, repousa sobre Ele.

Pedro conclui sua defesa referindo-se à exclusividade do nome do Senhor Jesus. Somente por meio de Seu nome a salvação é possível. A diferença em relação a seus discursos anteriores é que lá ele ofereceu ao povo o perdão se eles se convertessem. Ele não faz isso com os líderes aqui. A única coisa é que ele fala sobre o nome que, por si só, pode salvar. Esse nome não pode ser substituído. Sem Ele não há salvação. Ele fala repetidamente sobre o “Nome”.

A afirmação de que não há salvação fora dEle significa que o Senhor Jesus afirma ser Deus, porque no Antigo Testamento Deus reivindica o direito

exclusivo de ser o único Salvador (Isa 43:11; 45:21). Para o judeu incrédulo, o Messias é apenas um homem e não Deus. Pedro afirma que o Senhor Jesus é Deus, declarando que não há salvação fora Dele. Isso é condenável para o judeu.

No entanto, se ele lesse bem o seu próprio Antigo Testamento, descobriria que ele diz que o Messias é tanto Deus quanto homem (Isa 9:6; Miq 5:2; Zac 12:10). Mas os líderes religiosos não querem reconhecer isso, pois estão cegos pela busca de sua própria honra. O sinédrio O rejeita em vez de conduzir o povo a essa pedra.

No entanto, não há salvação em ninguém que não seja somente Ele. A salvação também não se limita a Israel. “Debaixo do céu” significa: em toda a terra. Portanto, não há outro nome dado entre os homens pelo qual eles devam ser salvos a não ser o nome de Jesus Cristo, o Nazareno. Não há possibilidade de escolha e não há desculpa: Ele é isso e nenhum outro; Ele é isso para todos; Ele é absolutamente necessário.

Atos 4:13-17 | Reunião do Sinédrio

13 Então, eles, vendo a ousadia de Pedro e João e informados de que eram homens sem letras e indoutos, se maravilharam; e tinham conhecimento de que eles haviam estado com Jesus. 14 E, vendo estar com eles o homem que fora curado, nada tinham que dizer em contrário. 15 Todavia, mandando-os sair fora do conselho, conferenciaram entre si, 16 dizendo: Que havemos de fazer a estes homens? Porque a todos os que habitam em Jerusalém é manifesto que por eles foi feito um sinal notório, e não o podemos negar; 17 mas, para que não se divulgue mais entre o povo, ameacemo-los para que não falem mais nesse nome a homem algum.

As autoridades ficam maravilhadas com a franqueza de Pedro e João. Esses dois homens não vêm de círculos elevados. No entanto, eles não se impressionam com os ilustres membros do Conselho. Os conselheiros também observam que eles eram “homens iletrados”, ou seja, não tiveram formação teológica com rabinos que eles reconheciam.

Aos seus olhos, eles são leigos, ignorantes, porque esse é o significado de “sem instrução” aqui. Algo semelhante foi dito sobre o Senhor Jesus durante sua vida na Terra (Joã 7:15; cf. Mat 7:28, 29). No entanto, o poder

do Espírito pode se manifestar claramente precisamente naqueles que não podem reivindicar nenhuma vantagem mundana.

Os membros do Sinédrio ficam surpresos com o fato de conhecerem tão bem a palavra de Deus, já que não vêm de seus próprios círculos ou são conhecidos por serem instruídos nas Escrituras. Então, a verdadeira fonte de seu conhecimento vem à tona. Isso não pode permanecer oculto. Eles reconhecem que estiveram com Jesus. Será que nossos vizinhos também nos reconhecem pelo fato de vivermos uma vida com o Senhor Jesus?

Os mestres eruditos adorariam dar uma lição nesses iletrados, mas são amordaçados pelo fato de terem provas visíveis de que esses leigos estão certos. Como é grave a situação das pessoas que, por um lado, não podem negar a verdade e, por outro, recusam-se deliberadamente a se curvar a ela. Elas amam mais as trevas do que a luz porque suas obras são más (João 3:19).

Eles estão claramente envergonhados com essa situação. Eles precisam discutir o assunto. Isso precisa acontecer sem que os dois apóstolos estejam presentes. Por isso, eles são enviados para fora. Eles consultam uns aos outros porque não conseguem resolver o problema. O poder de Deus se manifestou sem deles, e isso significa que a autoridade não está mais do lado deles. Eles não querem admitir isso em hipótese alguma. Mas também não podem admitir isso publicamente, pois têm a opinião pública contra eles.

O aconselhamento ocorre a portas fechadas, mas o Espírito Santo comunica o que eles disseram. Deus revela os pensamentos ocultos onde e quando quiser. Ele vê nas trevas, pois com Ele habita a luz (Dan 2:22). Ele revela o trabalho de uma consciência endurecida.

Eles reconhecem que ocorreu um milagre inegável e até o chamam de “sinal”. Mais do que um milagre, um sinal deixa claro que Deus tem algo a dizer. O milagre significa algo. Um sinal aponta para uma realidade superior. Por exemplo, uma placa com o sinal de uma rota de fuga aponta para a rota de fuga. O sinal em si não é a rota de fuga. No caso do homem curado, isso significa que Deus está agindo em vista da glória de seu Filho, o Messias que eles haviam rejeitado. Esse nome se torna visível nesse mila-

gre, e por isso é um sinal. O nome do Senhor Jesus também deve se tornar mais visível em nossas ações. É nossa grande missão dar testemunho Dele. Não é possível encontrar nenhum argumento contra a mensagem de Pedro e João. Se as autoridades não têm argumentos para afirmar seu poder, mas ainda assim querem ter razão, elas não têm escolha a não ser agir com autoridade. Elas não têm escolha a não ser ameaçar que parem de falar em nome de Jesus. Dessa forma, eles querem deixar que o assunto seja esquecido aos poucos. Se os apóstolos mantivessem a boca fechada, depois de pouco tempo ninguém mais falaria sobre o assunto. Com muita frequência, os cristãos têm permanecido em silêncio onde deveriam ter falado.

Aros 4:18-22 | Ordem e ameaça do Sinédrio

18 E, chamando-os, disseram-lhes que absolutamente não falassem, nem ensinassem, no nome de Jesus. 19 Respondendo, porém, Pedro e João, lhes disseram: Julgai vós se é justo, diante de Deus, ouvir-vos antes a vós do que a Deus; 20 porque não podemos deixar de falar do que temos visto e ouvido. 21 Mas eles ainda os ameaçaram mais e, não achando motivo para os castigar, deixaram-nos ir por causa do povo; porque todos glorificavam a Deus pelo que acontecera, 22 pois tinha mais de quarenta anos o homem em quem se operara aquele milagre de saúde.

Os apóstolos têm permissão para voltar e ouvir o julgamento. Eles são proibidos de falar ou ensinar em nome de Jesus. Eles simplesmente não têm permissão para dizer mais nada sobre o Senhor Jesus, enquanto Deus O honra de forma tão pública e justa. A resposta correspondente de Pedro deixa claro que os líderes de Israel perderam sua posição como intérpretes da vontade de Deus. Deus não fala mais por meio deles. Pedro deixa isso claro por meio de seu confronto.

Os apóstolos não expulsam os líderes religiosos, nem os atacam. Eles deixam o julgamento para Deus. Entretanto, eles ignoram a autoridade dos líderes em relação ao trabalho que Deus lhes deu para fazer. O testemunho de Deus agora se encontra com os apóstolos e não mais com os líderes do templo. Deus habita na igreja e não mais no templo.

Também podemos ver pela reação de Pedro e João que a consciência pessoal é colocada acima da autoridade se a autoridade tomar decisões contrárias à Palavra de Deus. A consciência está ligada à Palavra e, portanto, está acima da autoridade formal. Em sua resposta, Pedro e João também colocam a consciência dos líderes diante de Deus, dizendo-lhes que eles devem responder a Deus por sua decisão. De qualquer forma, eles não podem desobedecer a Deus, quaisquer que sejam as consequências.

Também vemos essa atitude nos amigos de Daniel e no próprio Daniel, que se recusaram resolutamente a fazer algo que Deus havia proibido (Dan 3:18) ou a se abster de fazer algo que Deus os havia instruído a fazer (Dan 6:10). Eles tiveram que experimentar as consequências correspondentes, mas, ao mesmo tempo, também experimentaram a salvação de Deus.

Pedro e João explicam que não podem deixar de falar sobre o que viram e ouviram. As coisas são importantes demais para isso. Trata-se do Cristo de Deus e da salvação do povo. Como se pode ficar calado sobre isso? Da mesma forma, é impossível para Paulo permanecer em silêncio mais tarde. Ele deve proclamar o evangelho que o Senhor o incumbiu de pregar (1Cor 9:16; cf. Jer 20:9).

O Sinédrio se sentiu impotente contra os apóstolos convictos. Eles só podem intensificar suas ameaças com relutância. No entanto, isso não os impressiona nem um pouco. Os apóstolos permanecem calmos. Eles não dizem nem fazem nada que possa dar ao Sinédrio a oportunidade de puni-los. As ameaças do Sinédrio são expressões de fraqueza. Assim se expressam pessoas que temem mais o povo do que a Deus.

Os apóstolos têm permissão para ir. O Sinédrio não pode fazer outra coisa. Isso não significa que eles estejam convencidos da inocência dos apóstolos, mas porque têm medo de que o povo se volte contra eles. Perder o favor do povo é a última coisa que eles querem. O que Deus pensa sobre o assunto não é importante para eles. Eles não se importam com o fato de o povo glorificar a Deus pelo que aconteceu. Eles só veem que isso acontece por meio da influência dos apóstolos e que eles, por sua vez, agem sob a influência do nome do Senhor Jesus. Eles odeiam esse nome e, portanto, se opõem a ele.

Lucas menciona que o sinal de cura aconteceu com alguém que estava doente há mais de quarenta anos desde o seu nascimento (Atos 3:2). Isso exclui qualquer cura natural. A cura também não é o resultado de um processo lento de cura que já foi iniciado e agora está completo. O homem era carregado até a porta do templo todos os dias. Sua cura foi tão espontânea quanto inesperada.

Atos 4:23 | Os seus

23 E, soltos eles, foram para os seus e contaram tudo o que lhes disseram os principais dos sacerdotes e os anciãos.

Depois que Pedro e João são libertados, eles vão diretamente para “os seus”, para as pessoas com quem estão conectados, para sua própria família espiritual. Eles formam uma comunidade que foi reunida pelo Espírito Santo e cujo centro é o Senhor Jesus. Suas conexões não são mais com o povo judeu, que se colocou em inimizade “contra o Senhor e contra o seu Cristo” (verso 26). Eles se separaram dele e do mundo.

Eles não precisavam perguntar onde se encontravam seus irmãos e irmãs. Os crentes se reuniam com muita frequência. É possível que Pedro e João tenham ido para o cenáculo, o lugar familiar onde sempre encontramos os crentes reunidos (Atos 1:13; 2:1). Mais tarde, vemos que Pedro, que esteve novamente na prisão e foi solto, também sabe onde encontrar os crentes (Atos 12:12). Que bênção pertencer a uma comunidade como essa, onde você pode ir, onde é bem-vindo e onde pode compartilhar suas experiências porque há um interesse sincero por elas.

Pedro e João relatam em detalhes tudo o que os chefes dos sacerdotes e os anciãos disseram a eles. Não ouvimos nada sobre o testemunho claro e destemido deles. Não há relatos de nenhum comportamento corajoso. Os apóstolos estão preocupados principalmente com a ameaça de não darem mais testemunho. Essa é a necessidade deles, e eles querem lhes falar sobre isso.

Atos 4:24-28 | A dificuldade apresentada ao Senhor

24 E, ouvindo eles isto, unânimes levantaram a voz a Deus e disseram: Senhor, tu és o que fizeste o céu, e a terra, e o mar, e tudo o que neles há; 25 que disseste

pela boca de Davi, teu servo: Por que bramaram as gentes, e os povos pensaram coisas vãs? 26 Levantaram-se os reis da terra, e os príncipes se ajuntaram à uma contra o Senhor e contra o seu Ungido. 27 Porque, verdadeiramente, contra o teu santo Filho Jesus, que tu ungiste, se ajuntaram, não só Herodes, mas Pôncio Pilatos, com os gentios e os povos de Israel, 28 para fazerem tudo o que a tua mão e o teu conselho tinham anteriormente determinado que se havia de fazer.

A reação dos discípulos ao relato de Pedro e João mostra o grande vínculo entre eles. Depois que eles relataram os eventos, toda a congregação se voltou para Deus em uma reunião espontânea de oração. Agora isso se tornou uma necessidade comunitária. Essa oração vem do testemunho e do serviço ao Senhor. Se testemunhássemos mais e compartilhássemos as experiências relacionadas uns com os outros, nossas reuniões de oração assumiriam mais o caráter da reunião de oração descrita aqui. Eles oram de comum acordo. Deus ouve uma só voz, por assim dizer.

Quando se voltam para Ele, dirigem-se a Ele como “governante”, que literalmente significa “déspota”, ou seja, governante absoluto e proprietário e possuidor soberano de tudo. Em relação à necessidade deles, essa é a forma correta de se dirigir a Ele. As autoridades terrenas os ameaçaram de não poderem mais falar sobre o Senhor Jesus. Agora eles se voltam para a autoridade máxima e apelam a ela como o poder supremo e absoluto.

Em sua oração, eles são levados às Escrituras para também apelar à autoridade da Palavra. Deus e sua palavra são inseparáveis. A situação em que eles se encontram os faz lembrar do Salmo 2. Em seu significado direto, esse salmo descreve a situação nos últimos dias, mas eles citam o salmo em sua oração para aplicá-lo aos seus dias. Assim, nós também podemos citar as Escrituras em nossas orações. Não há melhor maneira de nos aproximarmos de Deus do que em conexão com Sua Palavra. Ele quer que nos acheguemos a Ele dessa forma. Isso significa que nos colocamos diante Dele no terreno que Ele mesmo ocupa.

Aqui aprendemos que o Salmo 2 é de Davi, o que não aprendemos no próprio salmo. Também ouvimos novamente que Davi é a boca do Espírito Santo nesse salmo (cf. Atos 1:16). A citação da Palavra de Deus só tem efeito se for feita com plena fé na inspiração dessa Palavra. Eles falam a

Deus sobre Davi como “teu servo”, o que cria uma conexão ainda mais próxima com a situação atual, na qual a resistência ao “santo servo de Deus, Jesus” é revelada.

Davi pergunta por que as nações se enfureceram e os povos inventaram coisas vãs. Porventura não é loucura levantar-se contra o Altíssimo? No entanto, os reis e os governantes – as autoridades do mundo – se rebelaram contra o Senhor dos céus e da terra e contra o seu Cristo. Pois, embora apenas Pedro e João sejam de fato ameaçados pelos líderes religiosos, a realidade é que – como diz esse salmo – todo o poder do inimigo se reuniu contra o Senhor Jesus. Isso atinge os apóstolos, mas o verdadeiro motivo é o ódio contra o “santo servo de Deus, Jesus”.

Cristo também é o santo servo de Deus no céu, que continua Sua obra na terra para a glória de Deus a partir do céu por meio do Espírito Santo. Deus O ungiu quando Ele estava na Terra. Essa unção ainda repousa sobre Ele. Para o mundo, no entanto, Ele é o Jesus rejeitado e desprezado. Foi isso que Ele foi na Terra e é isso que Ele ainda é.

Os discípulos mencionam os nomes de Herodes e Pôncio Pilatos como pessoas que exemplificam a hostilidade tanto do mundo religioso apóstata quanto do mundo político rebelde. Eles zombaram, maltrataram e condenaram o Senhor Jesus quando Ele estava diante deles na Terra. Eles fizeram isso junto com as nações e os povos de Israel. Os discípulos falam de Israel como pertencente ao mundo dos gentios porque, juntamente com os gentios, eles mataram o verdadeiro Servo de Deus; na verdade, eles foram os instigadores.

Assim, os discípulos apresentam as ações do povo hostil a Deus em sua oração. Ao mesmo tempo, eles também sabem que nada escapou das mãos de Deus. Os inimigos pensaram que poderiam executar seus próprios planos e intenções, mas, na realidade, eles só fizeram o que Deus queria que fizessem. Eles realizaram a obra de Deus.

Atos 4:29-31 | Pedido e resposta

29 Agora, pois, ó Senhor, olha para as suas ameaças e concede aos teus servos que falem com toda a ousadia a tua palavra, 30 enquanto estendes a mão para curar, e para que se façam sinais e prodígios pelo nome do teu santo Filho Jesus.

31 E, tendo eles orado, moveu-se o lugar em que estavam reunidos; e todos foram cheios do Espírito Santo e anunciavam com ousadia a palavra de Deus.

É impressionante ver a que conclusão chegam os que oram. Eles deram seus corações ao Senhor (Slm 62:8) e levaram sua angústia a Ele. Para eles, é suficiente que tenham pedido Sua atenção em vista das ameaças. Eles não pedem que Ele intervenha com Seu poder e destrua os inimigos ou afaste as ameaças. Eles confiam tudo a Ele com a paz em seu coração de que Ele sabe o que é necessário.

Eles simplesmente pedem liberdade para falar, apesar de toda a resistência. Afinal de contas, eles foram proibidos pelas autoridades religiosas, sob ameaça, de falar ou ensinar em nome do Senhor Jesus. Agora eles estão pedindo franqueza, a fim de poderem resistir à autoridade arrogante desses homens e não serem afetados pelo comportamento ameaçador da autoridade máxima. Tudo isso com o objetivo de “falar a tua palavra”. Os discípulos estão cheios da palavra de Deus. O inimigo, por outro lado, está tentando construir uma barragem. No entanto, a mensagem de salvação deve ser proclamada ao povo.

Os discípulos pedem ao Senhor uma prova de que Ele aprovou a oração deles. Eles gostariam que Ele continuasse a se revelar com evidências irrefutáveis de Seu poder por meio do nome do Senhor Jesus. Eles pedem que Ele continue a glorificar o nome de Seu “santo servo Jesus” curando e operando sinais e maravilhas.

Enquanto eles oram, Deus responde. No entanto, a resposta é diferente daquela que eles haviam pedido. Há uma revelação de Seu poder, mas somente os crentes que estão orando percebem isso. Não é uma revelação do poder de Deus para os adversários, mas apenas para eles mesmos. Essa revelação acontece porque o lugar onde eles estão se move. Eles sentem o lugar sendo movido.

O pedido de franqueza é atendido, exatamente como eles pediram. Eles também são cheios do Espírito Santo. Ser cheio do Espírito Santo significa que não há mais espaço para a carne trabalhar. Por estarem cheios do Espírito Santo, eles não falam em línguas, mas falam a palavra de Deus. Dois apóstolos haviam falado a palavra e foram proibidos de fazê-lo. Depois de orarem, todos os crentes reunidos falam a palavra de Deus!

Atos 4:32-35 | Unidade como comunidade

32 E era um o coração e a alma da multidão dos que criam, e ninguém dizia que coisa alguma do que possuía era sua própria, mas todas as coisas lhes eram comuns. 33 E os apóstolos davam, com grande poder, testemunho da ressurreição do Senhor Jesus, e em todos eles havia abundante graça. 34 Não havia, pois, entre eles necessitado algum; porque todos os que possuíam herdades ou casas, vendendo-as, traziam o preço do que fora vendido e o depositavam aos pés dos apóstolos. 35 E repartia-se a cada um, segundo a necessidade que cada um tinha.

Aqui encontramos outra característica dessa nova comunidade. Tudo respira a presença dAquele que condescendeu em vir à Terra para habitar nos crentes. Sem Ele, todos esses crentes teriam permanecido apenas indivíduos. Mas agora há uma unidade. Essa unidade diz respeito não apenas à nova vida na esfera espiritual, mas também a toda a vida na esfera social. Sua fé os une de modo que sejam um só coração e uma só alma.

Se existe essa unidade, não pode ser de outra forma que ela também seja vivenciada na prática. Em seu interior, há um desejo de compartilhar tudo uns com os outros. Isso é bem diferente da lei, que prescreve compartilhar certas coisas uns com os outros. Compartilhar é, então, uma obrigação. A lei também estipula que todo israelita tem um pedaço de terra que lhe é dado como uma bênção de Deus. O fato de os crentes abrirem mão desse pedaço de terra mostra a grande mudança que já ocorreu no pensamento desse povo originalmente judeu.

Aqui, a graça é a origem de todos os aspectos da vida. O amor por Cristo anda de mãos dadas com o amor pelos Seus. O amor se prova na doação. Eles estão cientes de que sua verdadeira riqueza se encontra em outro lugar. Não se fala em “comunismo cristão” aqui, porque a venda é totalmente voluntária. O comunismo é: “Tudo o que é seu é meu”; o cristianismo é: “Tudo o que é meu é seu”, com base na voluntariedade. O direito à propriedade privada não foi abandonado. A comunidade não se desfez do dinheiro até que ele tivesse sido voluntariamente depositado aos pés dos apóstolos.

O compartilhamento de bens terrenos dá força especial ao testemunho dos apóstolos a respeito da ressurreição do Senhor Jesus. Aqueles que consid-

eram as posses terrenas insignificantes só o fazem porque estão muito impressionados com a ressurreição do Senhor Jesus. Sua ressurreição abriu um reino que está fora deste mundo. Quem estiver conectado a ele sabe que todas as suas bênçãos estão lá.

Nos primeiros dias do cristianismo, essa verdade rompeu todas as resistências. A grande resistência que essa verdade provoca é prova de sua grande importância. A única consequência disso é que os apóstolos dão testemunho dessa verdade com grande vigor.

Não precisamos nos surpreender com o fato de haver grande hostilidade à pregação da ressurreição do Senhor Jesus. Pois a ressurreição de Cristo confirma a completa depravação do homem. A única coisa que resta a uma pessoa agora é reconhecer esse fato – que ao mesmo tempo lhe traz a plena libertação que Deus realizou em Cristo – ou resistir e perecer. É por isso que a ressurreição é um ponto fundamental do sermão. Quem quer que reconheça a ressurreição de Cristo a reconhecerá como uma prova de “grande graça”.

É notável o que é descrito como “grande” nos primeiros dias: Havia “grande poder” e “abundante graça” (verso 33); fala-se de “grande temor” (Atos 5:5, 11); “grande perseguição” (Atos 8:1), “grande alegria” (Atos 8:8; 15:3); “grande número” de pessoas que creram (Atos 11:21).

A “grande graça” não se refere apenas à salvação eterna, mas também à vida terrena da igreja. Deus provê para a eternidade, os crentes provêem uns aos outros durante seu tempo na Terra. Isso não significa que a igreja seja um clube de pessoas que fazem boas obras. O que eles fazem uns pelos outros é um efeito da grande graça que está sobre eles. Talvez possamos imaginar que algo só era vendido quando havia uma necessidade. O Espírito, então, deixou claro para alguém o que deveria ser vendido para que a necessidade dos outros pudesse ser aliviada. Nenhum desejo foi atendido, mas o que todos precisavam foi distribuído.

Em geral, não somos solicitados a vender nossas posses. Os ricos de hoje não são chamados a doar suas riquezas, mas a usá-las de maneira correta e não colocar sua esperança nelas (1Tim 6:17,18). Também não lemos em lugar algum que devemos depositar nossos dons aos pés de alguém. No

entanto, é importante que usemos nossas posses para o trabalho do Senhor e para as necessidades dos outros crentes.

Ainda é importante que vejamos nossas posses como confiadas a nós pelo Senhor e, portanto, as administremos para Ele. A maneira como lidamos com elas mostra se estamos concentrados no Senhor e nos Seus, ou se estamos vivendo para nós mesmos. Quem fecha o coração para um irmão ou irmã que está em necessidade não tem o amor de Deus em si (1 Joã 3:17).

Atos 4:36-37 | Barnabé

36 Então, José, cognominado, pelos apóstolos, Barnabé (que, traduzido, é Filho da Consolação), levita, natural de Chipre, 37 possuindo uma herdade, vendeu-a, e trouxe o preço, e o depositou aos pés dos apóstolos.

Entre aqueles que vendem suas posses e depositam o dinheiro aos pés dos apóstolos está José, a quem os apóstolos deram o sobrenome Barnabé. Seu nome é mencionado pelo menos 25 vezes nos Atos dos Apóstolos e mais cinco vezes nas epístolas.

Lucas explica o significado de seu nome. Literalmente, seu nome em aramaico significa: “filho [Bar] da profecia [naba]”. Portanto, Lucas não menciona a tradução literal, mas dá o significado específico completamente correto de “consolação” (cf. 1Cor 14:3). Isso porque fica claro em sua aparição posterior que seu dom especial era o de consolar ou exortar (Atos 11:23).

Barnabé é um cipriota nativo, que, portanto, nasceu na Dispersão e depois veio para Israel. Ele nasceu fora da terra, mas, de acordo com sua ascendência, era levita. O fato de ele possuir terras é notável, pois um levita não deveria ter suas próprias terras (Núm 18:20; Deu 10:9). Não sabemos como Barnabé obteve a terra. Talvez ele tivesse um pedaço de terra em Chipre, onde a lei judaica não se aplicava. Assim como os outros que vendem suas terras, ele mostra que a bênção não é mais de natureza terrena, mas que ele compartilha das bênçãos celestiais e espirituais.

Atos 5

Atos 5:1-2 | Ananias e Safira

1 Mas um certo varão chamado Ananias, com Safira, sua mulher, vendeu uma propriedade 2 e reteve parte do preço, sabendo-o também sua mulher; e, levando uma parte, a depositou aos pés dos apóstolos.

Os dois versículos sobre Barnabé no final do capítulo anterior são uma introdução aos eventos com Ananias e Safira. Ananias significa “Deus é gracioso”. No entanto, aprendemos aqui que Deus também é santo; Safira significa “bela”. Mas aprendemos aqui que seu coração está contaminado pelo pecado.

No capítulo anterior, o Espírito mostra Seu poder e autoridade fora da igreja, aqui Ele o mostra contra o mal dentro da igreja. Deus não pode suportar o mal no lugar onde Ele habita. Satanás sempre esteve disposto a exercer sua influência maligna onde Deus trabalha e abençoa. Ele também sempre encontra pessoas que estão dispostas a serem usadas por ele.

O que Ananias e Safira fazem é um forte contraste com o procedimento de Barnabé. É possível que Ananias e Safira tivessem inveja de Barnabé. Inspirado pela generosidade de Barnabé e de outros, Ananias não quer ficar para trás. Juntamente com sua esposa, ele considera a possibilidade de vender parte da propriedade, o que acaba fazendo.

Assim como fez com Judas, ele se aproveita da ganância do homem por dinheiro com Ananias e Safira. Ananias e sua esposa consideraram a possibilidade de não trazer todo o dinheiro da venda, mas apenas parte dele. Dar a quantia total é ir longe demais para eles, mas querem dar a impressão de que estão fazendo isso. Esse comportamento pode vir de alguém que possivelmente é um cristão genuíno, mas que permite que a carne atue nele.

Eles querem dar a impressão de devoção guiada pelo Espírito sem negar a si mesmos. Sua ganância está voltada tanto para o dinheiro quanto para a honra. Fazer o sacrifício completo está além de seu estado espiritual. Eles querem imitar as boas ações dos outros sem que seus corações estejam

totalmente submissos ao Senhor. Enquanto marido e mulher deveriam se corrigir mutuamente, Ananias e Safira se encorajam mutuamente no mal. A mulher aqui não é a ajuda para o marido que deveria ser de acordo com o plano de Deus.

Atos 5:3-6 | Ananias é julgado

3 Disse, então, Pedro: Ananias, por que encheu Satanás o teu coração, para que mentisses ao Espírito Santo e retivesses parte do preço da herdade? 4 Guardando-a, não ficava para ti? E, vendida, não estava em teu poder? Por que formaste este desígnio em teu coração? Não mentiste aos homens, mas a Deus. 5 E Ananias, ouvindo estas palavras, caiu e expirou. E um grande temor veio sobre todos os que isto ouviram. 6 E, levantando-se os jovens, cobriram o morto e, transportando-o para fora, o sepultaram.

Quando Ananias chega a Pedro com o dinheiro, Pedro imediatamente denuncia a fraude de Ananias sem que ouçamos Ananias dizer uma única palavra. O Espírito Santo pode deixar claro para Pedro, claramente, que chegou um homem que não é sincero e está mentindo para ele. Por meio do Espírito Santo, Pedro pode discernir o Espírito que está agindo em Ananias (1Cor 12:10). Ananias não está agindo sob a influência do Espírito Santo, mas sob a influência de Satanás, a quem ele deu acesso em seu coração e que encheu todo o seu coração. Quando Satanás enche o coração, o homem é capaz de uma hipocrisia descarada sem perceber que Deus é muito maior.

Pedro expõe a obra de Satanás. A mentira é a obra de Satanás. Satanás é o arqui-mentiroso, o pai da mentira (João 8:44; Gên 3:4,13). Ananias poderia ter retido parte dos lucros. Ninguém o obrigou a dar tudo. Mas ele também não deveria ter fingido que havia dado tudo. Isso é viver uma mentira e enganar os outros com essa mentira. Pedro deixa claro que Ananias não tinha obrigação de vender seus bens (cf. 2Cor 9:7). Se alguém se tornasse cristão, não perderia sua propriedade. Portanto, Pedro também disse que o dinheiro continuou sendo propriedade dele após a venda. Não havia obrigação de entregá-lo.

Pedro diz tudo em uma forma interrogativa. Ele não faz isso porque Ananias possivelmente não estava familiarizado com as coisas da igreja, mas

porque ele as conhecia muito bem e deliberadamente as tratou de forma diferente. Em seguida, ele pergunta a Ananias por que ele havia se empenhado nessa ação. Isso não pode ter outra razão a não ser dar a impressão de ser completamente fiel a Deus e confiar totalmente Nele, quando, na realidade, ele está confiando em bens terrenos. Esse comportamento não é mentir para as pessoas, mas mentir para Deus.

É mentir para o Espírito Santo, a quem Pedro chama explicitamente de “Deus”. O Espírito Santo é Deus. Ananias e Safira queriam trazer mentiras para o lugar onde Deus está presente. Eles haviam se esquecido de Sua presença e também de que nada está oculto a Ele. Deus habita no meio de Seu povo tanto em graça quanto em santidade. Esse é um fato extremamente importante!

Vemos o efeito correspondente no julgamento que se abateu sobre Ananias e Safira. Sem que Ananias tivesse a chance de dizer uma palavra em sua defesa ou de formular qualquer argumento, ele cai no chão ao ouvir as palavras de Pedro e morre. Vemos aqui que o pecado na igreja é uma nova ocasião para a revelação do poder de Deus.

Imediatamente após Ananias cair morto no chão, os jovens se levantam. Eles manuseiam o corpo com cuidado e o envolvem em panos, levam Ananias para fora e o sepultam. O fato de serem jovens é uma indicação do início novo e vigoroso da igreja.

Embora não saibamos nada sobre Ananias e Safira além do que lemos aqui, muito tem sido dito e escrito sobre a questão de eles estarem salvos ou perdidos.

Podemos dizer algo sobre a opinião de que os veremos novamente no céu. Eles faziam parte da igreja. Não há nenhuma indicação de que já houvesse cristãos nominais naquela época. O próprio Senhor estava aumentando a igreja diariamente (Atos 2:47), e ninguém além dos verdadeiros crentes ousava se juntar à igreja (Atos 5:13). O pecado que Ananias e Safira cometeram foi um pecado para a morte (1João 5:16,17; cf. 1Cor 11:29,30). Não apenas o que não pertence a Deus é acrescentado à igreja, mas também é retirado: o pecado.

Há também algo a ser dito sobre a visão de que não estamos lidando com cristãos genuínos, mas com cristãos falsos. Pedro fala com Ananias com ex-

pressões que dão pouca esperança de que uma nova vida esteja presente. O ato deles foi um ato extraordinariamente atrevido. As deliberações que fizeram e executaram não revelam nenhuma consciência da santidade de Deus. Pedro diz que Satanás havia enchido o coração deles; portanto, é difícil supor que o Espírito Santo tivesse espaço em seus corações. Não é dada a Ananias a oportunidade de se arrepender de sua ofensa porque não foi um pecado de ignorância, mas um ato de rebelião consciente contra Deus.

Não podemos ter a última palavra sobre a questão de Ananias e Safira terem sido salvos ou não. Deus tem a última palavra. É importante para nós que Ananias seja um exemplo de advertência de que a santidade de Deus não deve ser mal avaliada. Isso ainda é válido. O fato de que toda hipocrisia desse tipo não é mais punida com a morte mostra quão pouco o Espírito Santo ainda pode trabalhar na igreja. O poder do Espírito Santo é muito limitado pela secularização da igreja.

Vemos várias vezes nas Escrituras que sempre que Deus começa algo novo, o homem o corrompe e a santidade de Deus então se manifesta em juízo. Isso começa com Adão e Eva, que se deixaram enganar por Satanás e, como resultado, foram expulsos do paraíso por Deus (Gên 3:6,7,23). Como Deus previu (Gên 2:17), a morte entrou no mundo por meio de suas ações (Rom 5:12). O sacerdócio também mal havia sido instituído e dois dos primeiros sacerdotes já estavam trazendo fogo estranho. Deus tem de julgar Nadabe e Abiú (Lev 10:1,2). Depois que Israel acaba de entrar na Terra Prometida e Acã atenta ao anátema, ele precisa morrer (Jos 7:25).

Atos 5:7-11 | Safiras é julgado

7 E, passando um espaço quase de três horas, entrou também sua mulher, não sabendo o que havia acontecido. 8 E disse-lhe Pedro: Dize-me, vendestes por tanto aquela herdade? E ela disse: Sim, por tanto. 9 Então, Pedro lhe disse: Por que é que entre vós vos concertastes para tentar o Espírito do Senhor? Eis aí à porta os pés dos que sepultaram o teu marido, e também te levarão a ti. 10 E logo caiu aos seus pés e expirou. E, entrando os jovens, acharam-na morta e a sepultaram junto de seu marido. 11 E houve um grande temor em toda a igreja e em todos os que ouviram estas coisas.

Depois de cerca de três horas, chega “sua esposa”, a mulher que foi incumbida de ajudá-lo, mas que o apoiou em suas más intenções. Depois de algum tempo e ele não ter retornado, ela pode ter ficado inquieta e finalmente quis dar uma olhada. Durante todo esse tempo, nenhum rumor sobre o que havia acontecido chegou até ela. Safira não sabe de nada. Satanás sempre mantém seus escravos no escuro.

Não lemos que Safira tenha feito uma pergunta a Pedro e, no entanto, Pedro lhe responde. Isso parece indicar que ela fez uma pergunta. Talvez ela tenha perguntado onde estava seu marido. Ela não o viu entre os que estavam reunidos. A resposta de Pedro consiste em uma pergunta, que ele introduz com uma ordem: “Diga-me”. Ele lhe diz a quantia que seu marido havia trazido como produto da venda da terra e pergunta se essa é realmente a quantia pela qual a terra foi vendida. Essa pergunta é um apelo direto à consciência dela.

Entretanto, sua consciência não parece ter sido tocada. A ausência do marido não a faz pensar, e a pergunta direta de Pedro não a faz cair em si. Ela tem a chance de confessar honestamente. No entanto, ela não aproveita essa oportunidade, mas persiste no pecado da hipocrisia. Ela não apenas diz “sim”, mas repete a quantia que Pedro indicou como o produto da venda. Então, Pedro não pode deixar de anunciar o julgamento a ela também.

Antes que ela caia morta, ele conta a ela (e a nós) o motivo do julgamento. Juntamente com o marido, ela fez um plano para tentar o Espírito do Senhor. Tentar significa fazer algo com o espírito de incredulidade com o objetivo de testar se Deus mantém Suas palavras (Êxo 17:2; Deu 6:16). Devo acreditar no que Deus diz porque é Ele quem o diz.

Como Safira continua a apoiar o marido em sua infidelidade, ela também compartilha o destino de infidelidade dele. Entretanto, há uma diferença na morte de seu marido. Ananias morreu imediatamente após perceber o pecado, ao passo que Safira teve a chance de confessá-lo. Isso mostra que o homem tem a responsabilidade principal.

Há temor tanto dentro quanto fora da congregação (igreja), para todos que ouvem falar do fato. A presença de Deus é realmente um assunto sério, por maior que seja a bênção. Esta é a primeira vez que a palavra “igreja” é usada.

Atos 5:12-16 | Sinais e maravilhas

12 E muitos sinais e prodígios eram feitos entre o povo pelas mãos dos apóstolos. E estavam todos unanimemente no alpendre de Salomão. 13 Quanto aos outros, ninguém ousava ajuntar-se com eles; mas o povo tinha-os em grande estima. 14 E a multidão dos que criam no Senhor, tanto homens como mulheres, crescia cada vez mais, 15 de sorte que transportavam os enfermos para as ruas e os punham em leitos e em camilhas, para que ao menos a sombra de Pedro, quando este passasse, cobrisse alguns deles. 16 E até das cidades circunvizinhas concorria muita gente a Jerusalém, conduzindo enfermos e atormentados de espíritos imundos, os quais todos eram curados.

Depois que o mal na igreja é julgado, fala-se de um forte testemunho. Se o pecado não for julgado, ele sempre será uma barreira para a obra de Deus. Onde quer que o pecado seja removido, seja por julgamento próprio ou por ser removido da igreja, o caminho fica livre para a obra de Deus.

Nos primeiros dias, essa barreira foi imediatamente revelada pelo poder do Espírito Santo. Nos dias de decadência em que vivemos, há muito mal oculto, e é por isso que o Espírito não pode operar poderosamente na igreja. Se lermos a Palavra de Deus em espírito de oração, Ele certamente nos mostrará o que precisamos eliminar e também nos dará a força para fazê-lo.

As mãos dos apóstolos são ativas em bênção e graça. Todos os apóstolos, não apenas Pedro (Atos 3:6,7), realizam muitos sinais e maravilhas. Todos eles são testemunhos do Messias rejeitado, que agora está exaltado à direita de Deus. Os sinais nem sempre são milagres, mas os milagres são sempre sinais. Os sinais apontam para aquele que tem poder sobre a criação que geme. Os milagres são os poderes do tempo futuro (Hb 6:5) do reinado do Senhor Jesus, que teria começado se as pessoas ainda O tivessem aceitado naquela época.

São os sinais e as maravilhas dos primeiros dias. Mais tarde, nos Atos dos Apóstolos, eles aparecem mais algumas vezes, mas cada vez menos. Devido à rejeição constante do Senhor Jesus, o uso de sinais e maravilhas também desapareceu.

O local do evento é o alpendre de Salomão. Os crentes se reúnem ali, ainda em unidade, pois o cenáculo provavelmente se tornou pequeno demais.

Embora seja um evento público, a comunidade de cristãos é uma comunidade santa na qual a presença de Deus pode ser percebida. Portanto, nenhum dos que não fazem parte dela se atreve a se juntar a eles. Permanece uma distância.

Além da santidade, uma grande caridade também emana dessa comunidade. Todo o procedimento dos primeiros cristãos evoca respeito entre o povo. Por outro lado, um verdadeiro seguidor do Senhor Jesus provoca ódio e oposição de pessoas que são invejosas e se apegam à sua adoração obstinada. As pessoas que não têm muito a ver com adoração geralmente admiram e reconhecem aqueles que servem ao Senhor fielmente.

A relutância em se juntar aos cristãos impede um movimento de massa descontrolado. Em um interlúdio, Lucas afirma que isso não significa que a igreja não esteja crescendo. O que um observador superficial julgaria como um duro golpe para a igreja – o julgamento do mal e o fato de que ninguém ousava se juntar a eles – dá a Deus a oportunidade de realizar uma obra profunda nos corações. Para se unir a essa comunidade é necessário ter fé em Cristo e não ser atraído por ela. Não se trata de ser adicionado às pessoas, nem mesmo aos apóstolos, mas ao Senhor.

O Espírito de Deus pode trabalhar poderosamente precisamente por meio do julgamento exercido, de modo que muitos cheguem à fé e multidões sejam acrescentadas ao Senhor. Lucas também menciona mulheres sendo salvas pela primeira vez. As mulheres desempenham um papel importante na igreja apostólica. Lucas as menciona regularmente nos Atos dos Apóstolos.

Após a frase intermediária (verso 14), Lucas continua a descrição das coisas especiais que acontecem por meio dos apóstolos. Jerusalém se torna um grande hospital, pois os doentes estão deitados por toda parte nas ruas, todos buscando a cura dos apóstolos. O poder do Espírito é tão forte que todos são curados. Ao contrário das reuniões de cura de hoje, todos são curados, sem exceção. Não há falhas ou curas apenas parciais.

Um poder especial emana de Pedro. Ele cura com suas mãos e com sua sombra. A sombra de uma pessoa não é a própria pessoa, mas está intrinsicamente ligada a ela. As sombras são causadas pelo curso do sol. Pedro apenas transmite o que o Senhor Jesus – de quem o sol é uma imagem

– lhe dá. Não apenas os habitantes doentes de Jerusalém são curados, mas também todos aqueles que são trazidos das cidades ao redor de Jerusalém. Nessa época, Jerusalém ainda é o centro das atividades dos apóstolos. Todos os doentes são trazidos a eles lá. Mais tarde, os apóstolos se dispersaram.

Certa vez, li uma amostra da insensatez dos curandeiros de hoje, que acham que podem imitar tudo o que os apóstolos fizeram nos primeiros dias, em um fórum da web onde alguém transmitiu o seguinte relato: “Durante um discurso na igreja pentecostal em Alkmaar (15 de fevereiro de 2014) [um pregador] disse: “Eu também frequentei uma escola bíblica e lá aprendi sobre Pedro, que quando sua sombra caía sobre os doentes, eles eram curados (Atos 5:15). Isso me impressionou. Um dia, vi uma pessoa sentada em uma cadeira de rodas na rua e passei pelo lado ensolarado, de modo que minha sombra caiu sobre o homem. Infelizmente, ele não melhorou. Bem, eu poderia tentar. Se você não tentar nada, não saberá o resultado.” A pessoa que transmitiu esse relatório abordou esse assunto. Ela observou o seguinte: “Pessoalmente, nunca pensei na ideia, e nunca pensei depois do discurso. Mesmo assim, me ocorreu. Você já tentou fazer isso? Acho que você também nunca experimentou, mas por que não?” Em minha opinião, é supérfluo comentar tanta tolice.

Atos 5:17-25 | Presos e libertados

17 E, levantando-se o sumo sacerdote e todos os que estavam com ele (e eram eles da seita dos saduceus), encheram-se de inveja, 18 e lançaram mão dos apóstolos, e os puseram na prisão pública. 19 Mas, de noite, um anjo do Senhor abriu as portas da prisão e, tirando-os para fora, disse: 20 Ide, apresentai-vos no templo e dizei ao povo todas as palavras desta vida. 21 E, ouvindo eles isto, entraram de manhã cedo no templo e ensinavam. Chegando, porém, o sumo sacerdote e os que estavam com ele, convocaram o conselho e a todos os anciãos dos filhos de Israel e enviaram servidores ao cárcere, para que de lá os trouxessem. 22 Mas, tendo lá ido os servidores, não os acharam na prisão e, voltando, lho anunciaram, 23 dizendo: Achamos realmente o cárcere fechado, com toda a segurança, e os guardas, que estavam fora, diante das portas; mas, quando abrimos, ninguém achamos dentro. 24 Então, o capitão do templo e os principais dos sacerdotes, ouvindo estas palavras, estavam perplexos acerca de-

les e do que viria a ser aquilo. 25 E, chegando um, anunciou-lhes, dizendo: Eis que os homens que encerrastes na prisão estão no templo e ensinam ao povo.

O sumo sacerdote e seus companheiros, os saduceus, se levantam. Isso não é apenas uma indicação de uma mudança de postura, mas também mostra uma reação espiritual. Eles se levantam contra a obra do Espírito. A obra do Espírito constantemente se alterna com as contra-ações de Satanás. Agora vem a próxima resistência. Neste mundo, o bem sempre trabalha na presença do poder do mal.

Os líderes religiosos temem qualquer ameaça à sua posição. Eles não podem ficar de braços cruzados e observar a influência dos apóstolos minar sua influência. Eles precisam se unir ou atacar. Mas, como estão tão cheios de inveja, não há como se juntar a eles, então decidem atacar. Dessa vez, eles capturam não apenas Pedro e João, mas todos os apóstolos e os colocam na prisão.

Parece ser o fim do dia novamente, porque os apóstolos não são interrogados imediatamente. Quando a noite cai sobre Jerusalém, os olhos de Deus estão fixos na prisão. Ele ri da fúria dos líderes religiosos (Slm 2:4). Ele envia um anjo para libertar seus fiéis apóstolos. Vemos a ironia de Deus aqui, que envia um anjo no mesmo lugar em que os saduceus aparecem como oponentes que não acreditam em anjos (Atos 23:8).

O Senhor não dá a seus apóstolos o poder de se livrarem. O anjo faz o que os homens não podem fazer. Ele abre as portas da prisão e sai diante deles. Devia estar completamente escuro na prisão e era impossível para os apóstolos encontrarem a saída. Mas a luz do anjo lhes mostra o caminho.

Quando estão do lado de fora, o anjo dá aos apóstolos uma missão. Fica claro com esse encargo que eles foram liberados para retomar suas atividades normais e não para fugir. Ele indica o lugar onde devem pregar e lhes diz sobre o que devem falar. Eles devem retornar ao seu lugar no templo e falar “ao povo todas as palavras desta vida”.

A graça de Deus para seu povo vai além. Ele quer que o povo ouça “todas” as palavras desta vida. São palavras dEle e sobre o Senhor Jesus, por meio das quais todos que as ouvirem e aceitarem serão salvos (Atos 13:26). Também é nosso privilégio falar palavras desta vida às pessoas que ainda não conhecem Cristo para que sejam salvas. As palavras do Senhor Jesus

“são espírito e são vida” (Joã 6:63). Falemos essas palavras às pessoas e não nos percamos em disputas sobre palavras que levam à queda dos ouvintes (2Tim 2:14).

Os apóstolos fazem o que o anjo disse porque reconhecem claramente a comissão do Senhor nisso. Eles cumprirão essa missão com alegria e convicção depois de serem tão encorajados por essa libertação notável. Em vez de irem para a cama, eles oraram até poderem ir ao templo de manhã cedo. Uma vez lá, eles não contam uma grande história sobre sua libertação espetacular, mas ensinam o povo. Eles corajosamente continuam seus ensinamentos ao povo sem medo dos líderes religiosos, que, é claro, os esperam. Eles não demoram a chegar.

Antes de chegar a hora, Lucas menciona que os líderes se reuniram para julgar os apóstolos. É óbvio que nenhum deles tem a menor ideia do que aconteceu durante a noite. Pensando que têm o assunto sob controle, eles enviam servos para buscar os apóstolos na masmorra. Quando os servos chegam, não encontram mais os apóstolos lá. Isso deve ter causado grande espanto.

Eles retornam aos sacerdotes e relatam sua descoberta. Eles descrevem em detalhes o que encontraram quando chegaram lá. A princípio, tudo parecia estar em perfeita ordem. As portas da masmorra não estavam abertas, mas cuidadosamente trancadas. Os guardas também estavam em seus postos. Não havia nada que indicasse que os prisioneiros não estavam mais lá. Mas quando eles entraram e abriram as portas mais internas para buscar os prisioneiros, não havia ninguém lá.

Esse relato dos servos sobre todo o cuidado e os guardas fornece uma prova adicional de que Deus estava agindo. Por melhor que tenha sido a segurança, isso não importa para Deus. Ele simplesmente torna os guardas cegos e surdos durante o tempo que Ele precisa.

Isso nos faz lembrar dos eventos que cercaram o túmulo do Senhor Jesus e certamente fez com que os chefes dos sacerdotes se lembrassem disso. Naquela ocasião, eles haviam se certificado de que o túmulo estava bem fechado por uma pedra selada, com um guarda na frente para proporcionar segurança adicional (Mat 27:62-66). Entretanto, nenhuma de suas medidas poderia impedir que o Senhor Jesus ressuscitasse dos mortos.

Pelo contrário, suas medidas forneceram uma prova adicional de sua ressurreição. Eles queriam desfazer essa prova subornando os soldados para que espalhassem uma mentira (Mat 28:11-15).

Agora o centurião e os chefes dos sacerdotes estão confusos com a situação. Onde estão seus prisioneiros? Sua pergunta não fica sem resposta por muito tempo. Alguém chega com a notícia de que os prisioneiros estão no templo ensinando o povo. Os apóstolos fazem o que o Senhor Jesus fez. Eles ensinam o povo interpretando o Antigo Testamento a fim de provar que Jesus é o Cristo (cf. Atos 28:23).

Atos 5:26-28 | Presos pela segunda vez

26 Então, foi o capitão com os servidores e os trouxe, não com violência (porque temiam ser apedrejados pelo povo). 27 E, trazendo-os, os apresentaram ao conselho. E o sumo sacerdote os interrogou, dizendo: 28 Não vos admoestamos nós expressamente que não ensinásseis nesse nome? E eis que enchestes Jerusalém dessa vossa doutrina e quereis lançar sobre nós o sangue desse homem.

Depois de saberem onde estão os prisioneiros, o centurião vai até lá com os servos. Eles percebem que o povo tem os apóstolos em alta estima. Eles não usam a violência habitual ao fazer prisioneiros, pois assim incorreriam na ira do povo. Portanto, fazem o possível para persuadir gentilmente os apóstolos a irem com eles.

Os apóstolos vão com eles sem resistir. Tampouco pedem ajuda ao povo, que claramente os apoia. Em nenhum lugar os crentes são chamados a se defender quando são feitos prisioneiros por causa de sua fé. Responsabilidade é a missão (1Ped 3:15).

O centurião e os servos levam os apóstolos ao Sinédrio. O sumo sacerdote começa imediatamente o interrogatório, que contém uma acusação. Ele acusa os apóstolos de desobediência à mais alta autoridade religiosa, que lhes havia ordenado severamente que não ensinassem em nome do Senhor Jesus (Atos 4:18). Portanto, eles não deram ouvidos a isso. Não, eles precisam reconhecer que os apóstolos encheram Jerusalém com seus ensinamentos.

É intolerável para eles que esses indivíduos, que não pertencem à autoridade religiosa reconhecida, estejam interpretando as Escrituras para o

povo. Eles reivindicam o direito de fazer isso somente para si mesmos, excluindo todos aqueles que consideram não qualificados. Eles percebem que os apóstolos não apenas encheram Jerusalém com seus ensinamentos, mas também trouxeram o sangue “desse homem” (eles não querem pronunciar o nome do Senhor Jesus) sobre eles.

Eles sabem muito bem o que significa a pregação do Cristo ressuscitado: Deus os condenou por terem matado alguém injustamente. Ao fazer isso, eles estariam de fato trazendo o sangue dele sobre si mesmos. Isso é exatamente o que eles fizeram e o que eles mesmos testemunharam claramente no julgamento contra o Senhor (Mat 27:25). Na verdade, Deus os toma pela palavra deles.

Atos 5:29-32 | Testemunho de Pedro e dos apóstolos

29 Porém, respondendo Pedro e os apóstolos, disseram: Mais importa obedecer a Deus do que aos homens. 30 O Deus de nossos pais ressuscitou a Jesus, ao qual vós matastes, suspendendo-o no madeiro. 31 Deus, com a sua destra, o elevou a Príncipe e Salvador, para dar a Israel o arrependimento e remissão dos pecados. 32 E nós somos testemunhas acerca destas palavras, nós e também o Espírito Santo, que Deus deu àqueles que lhe obedecem.

A resposta de Pedro e dos apóstolos é mais um anúncio de um propósito firme do que um testemunho. Está claro que os governantes se opõem a Deus. No entanto, não há desafio ou vontade própria entre os apóstolos. Trata-se de obediência a Deus. Eles começam sua resposta com obediência (verso 29) e a terminam com ela (verso 32).

Os sumos sacerdotes e os seus não são mais do que “homens” para eles. Eles rejeitam resolutamente a acusação de desobediência. Eles não deixam mais para a consciência dos líderes decidir a quem eles devem obedecer mais, mas afirmam em termos gerais que “um”, ou seja, todos, devem obedecer a Deus mais do que aos homens. Foi por isso que eles agiram da maneira que agiram. Nem mais, nem menos.

Agora eles se tornam os acusadores. Eles ainda ocupam o lugar no centro de Israel quando dizem “o Deus de nossos pais”. De forma impressionante e muito compacta, mas também muito contundente, eles contrastam a forma como Deus trata o Senhor Jesus com a forma como esses líderes

agem. Deus o ressuscitou dos mortos, enquanto eles o mataram pendurando-o no madeiro. A morte na cruz é a forma romana de execução, mas eles atribuem esse ato à comunidade judaica. Eles também não falam de “crucificá-lo”, mas de “pendurá-lo em um madeiro”. Ao fazer isso, eles enfatizam que rotularam Cristo como alguém amaldiçoado por Deus (Deu 21:23; Gal 3:13).

Mas àquele a quem eles rotularam e trataram dessa forma, Deus deu toda a honra que Lhe é devida. Eles – como falsos líderes – O negam como líder, mas para Deus Ele é o príncipe, o líder supremo (Atos 3:15; Heb 2:10; 12:2). Eles já haviam amaldiçoado o povo (Joã 7:49), agora O rejeitam como Salvador, mas para Deus Ele é o Salvador. Deus O exaltou aos céus com Sua mão direita. Portanto, Ele vive em glória, onde todo o favor de Deus repousa sobre Ele.

Deus O exaltou para dar a Israel o arrependimento e o perdão dos pecados. Portanto, um tempo de graça é acrescentado ao tempo que já passou, no qual Israel não fez uso dessa graça. Tanto a conversão quanto o perdão são vistos aqui como uma dádiva de Deus e ainda são oferecidos ao povo neste momento. Todas as pessoas que chegaram à fé no Senhor Jesus também receberam essa graça. No entanto, o povo como um todo, representado por seus líderes, mais uma vez O rejeitou.

Pedro e os apóstolos não contam coisas que sabem por ouvir dizer, mas que eles mesmos testemunharam e vivenciaram. Não se espera que as testemunhas façam nada além de dizer a verdade (cf. Joã 15:26,27). Os apóstolos são testemunhas e o Espírito Santo é uma testemunha. Portanto, esse é um testemunho duplo. O Espírito Santo não dá testemunho somente por meio dos apóstolos.

A presença do Espírito Santo na Terra é, por si só, um testemunho (Joã 16:7-11). Deus concedeu esse Espírito Santo a todos que Lhe obedecem. Aqui, o dom do Espírito Santo está ligado à responsabilidade do homem. A obediência não é apenas cumprir a lei, mas a obediência da fé é ouvir a ordem de Deus para se converter e crer no Senhor Jesus (Atos 17:30; 16:31). Aqueles que creem no evangelho de sua salvação recebem o Espírito Santo (Efé 1:13).

Atos 5:33-39 | O conselho de Gamaliel

33 Porém, ouvindo eles isto, se enfureceram e deliberaram matá-los. 34 Mas, levantando-se no conselho um certo fariseu chamado Gamaliel, doutor da lei, venerado por todo o povo, mandou que, por um pouco, levassem para fora os apóstolos; 35 e disse-lhes: Varões israelitas, acautelai-vos a respeito do que haveis de fazer a estes homens. 36 Porque, antes destes dias, levantou-se Teudas, dizendo ser alguém; a este se ajuntou o número de uns quatrocentos homens; o qual foi morto, e todos os que lhe deram ouvidos foram dispersos e reduzidos a nada. 37 Depois deste, levantou-se Judas, o galileu, nos dias do alistamento, e levou muito povo após si; mas também este pereceu, e todos os que lhe deram ouvidos foram dispersos. 38 E agora digo-vos: Dai de mão a estes homens, e deixai-os, porque, se este conselho ou esta obra é de homens, se desfará, 39 mas, se é de Deus, não podereis desfazê-la, para que não aconteça serdes também achados combatendo contra Deus.

Depois que Pedro deu o testemunho claro do apreço de Deus por Cristo, a medida está completa para os líderes. Eles entendem muito bem o que isso significa. Suas consciências foram picadas e eles foram acusados de assassinato. Mas, em vez de se curvarem diante de Deus, eles mostram como seus corações ainda são assassinos, pois se recusam terminantemente a abrir mão de sua posição de prestígio entre o povo. Seu ódio é tão grande que eles querem matar os apóstolos. O assassinato enche o coração deles, inspirado por Satanás, o assassino de homens desde o princípio (João 8:44).

No entanto, há alguém no Sinédrio que mantém a cabeça fria. Trata-se de Gamaliel. Ele é um mestre da lei que é honrado por todo o povo. Ele é o próximo instrumento que Deus usa em sua providência para restaurar a liberdade de seus apóstolos, assim como usou anteriormente o anjo (verso 19). Gamaliel faz com que o Sinédrio se acalme. Ele tem autoridade, pois ordena que “o povo” seja retirado da sala por um momento.

Em seguida, ele inicia sua recomendação ao Sinédrio. Sua recomendação não vem de um diálogo com Deus, mas da sabedoria humana. No entanto, Deus usa esse conselho para atingir seu objetivo. Gamaliel se dirige ao Sinédrio como “homens de Israel”, ou seja, como homens que pertencem ao povo escolhido de Deus. Ele os exorta a pensar cuidadosamente antes de ofender “estes homens”.

Para convencê-los de que precisam ser cuidadosos e não se apressar em julgar estes homens, ele aponta para duas pessoas de sua história recente que também se apresentaram como líderes. Em primeiro lugar, ele se refere a Theudas, que é completamente desconhecido para nós. Esse homem dizia de si mesmo que era muito importante. A modéstia não era sua maior virtude. Ele conquistou um grupo de cerca de 400 homens, mas o que aconteceu com ele e seu movimento? Ele foi morto. Ao mesmo tempo, todos os seus seguidores se dispersaram. Todos os planos e promessas grandiosos não deram em nada.

Depois, há outro enganador do povo, Judas, o galileu. Cerca de 30 anos atrás, essa pessoa queria se destacar como líder. O povo não se opôs de forma alguma, pois eram os dias do alistamento. Esses dias lembravam explicitamente a ocupação romana. Naquela época, o clima era propício para uma revolta contra os romanos. Ele também foi acompanhado por seguidores que ficaram impressionados com suas ideias. Mas os romanos reprimiram sua revolta. Ele foi morto e esse foi o fim de seu movimento. Todos os que lhe obedeceram foram dispersos.

Pessoas como Teudas e Judas, o galileu, são ladrões e assaltantes, dos quais o Senhor falou quando se referiu às pessoas que entram no aprisco por outro caminho que não a porta (Joã 10:1). Ao apresentar a questão dessa forma, Gamaliel coloca o Senhor em pé de igualdade com eles.

Sua mente sóbria, embora obscurecida, o leva a uma conclusão sóbria. Ele simplesmente diz que, se eles deixarem esse assunto de lado, sempre estarão certos. Esse “homem” poderia ser um sedutor e, então, o cristianismo se desvaneceria. Os agitadores vêm e vão, assim como acontecerá com esse novo movimento. No entanto, se for uma obra de Deus, todo o esforço humano será em vão e eles se mostrarão como aqueles que lutam contra Deus. Essa recomendação de Gamaliel ainda hoje é dada aos judeus ortodoxos quando eles entram em diálogo com os judeus messiânicos.

Gamaliel teria feito melhor se tivesse sugerido ao Sinédrio que o assunto fosse analisado com base no Antigo Testamento. O Senhor Jesus nunca disse que era alguém importante, ao contrário de Theudas e muitos outros com ele. Ao longo do tempo, surgiram cerca de quarenta falsos messias, dos quais Bar Kochba é certamente o mais conhecido. Todos eles alegaram

ser os libertadores de Israel da escravidão das nações. Mas todos eles falharam miseravelmente e arrastaram muitos para sua queda.

O único que pode afirmar ser o Messias tem uma mensagem que é acreditada em todo o mundo e tem milhões de seguidores. Eles não foram dispersos, mas todos foram batizados em um só corpo por um só Espírito.

Atos 5:40-42 | Açoitados, libertados e seguindo em frente

40 E concordaram com ele. E, chamando os apóstolos e tendo-os açoitado, mandaram que não falassem no nome de Jesus e os deixaram ir. 41 Retiraram-se, pois, da presença do conselho, regozijando-se de terem sido julgados dignos de padecer afronta pelo nome de Jesus. 42 E todos os dias, no templo e nas casas, não cessavam de ensinar e de anunciar a Jesus Cristo.

O Sinédrio está convencido. Embora o Sinédrio siga a recomendação de Gamaliel e, assim, mostre que não quer lutar contra Deus, eles ainda se mostram inimigos de Deus. Eles chamam os apóstolos de volta, mas não para se desculparem. Embora seus planos assassinos não tenham sido executados, o ódio deles não diminuiu. Isso é demonstrado pelo fato de que eles espancam os apóstolos. Eles também ordenam que eles parem de falar “em nome de Jesus”. Em seguida, soltaram os apóstolos.

Mas esses não são homens quebrados que agora saem da sala do tribunal. Muitas vezes temos medo de dar um testemunho se esperamos um olhar malicioso ou um sorriso zombeteiro. Com os apóstolos é diferente. Os espancamentos que os apóstolos sofreram levaram apenas ao resultado de que eles se regozijavam por terem sido considerados dignos de suportar a desonra pelo nome do Senhor (Mat 5:10-12; 1Ped 4:13).

A ameaça de não mais falar “em nome de Jesus” apenas os leva a ensinar a palavra de Deus com zelo ainda maior, tanto publicamente no templo quanto nos lares. Eles proclamam que o Senhor Jesus é o Cristo prometido. A proibição de parar de “falar em nome de Jesus” é tão tola quanto ordenar que o sol pare de brilhar.

Atos 6

Atos 6:1-2 | Murmuração na igreja

1 Ora, naqueles dias, crescendo o número dos discípulos, houve uma murmuração dos gregos contra os hebreus, porque as suas viúvas eram desprezadas no ministério cotidiano. 2 E os doze, convocando a multidão dos discípulos, disseram: Não é razoável que nós deixemos a palavra de Deus e sirvamos às mesas.

À medida que o número de discípulos aumenta, aumentam também os perigos da carne pecaminosa que todo crente tem dentro de si. No capítulo anterior, ela se manifestou em dois dos discípulos com uma atitude bem pensada e, portanto, astuta. O julgamento foi de acordo com isso. Agora a carne pecaminosa se revela de uma forma diferente da do capítulo anterior.

Não se trata de um pecado astuto e bem pensado, mas um espírito de discórdia surge na congregação, que se expressa em murmuração. Não é uma rebelião, mas ainda é mortal se não for respondida da maneira correta (1Cor 10:10). Assim como no caso de Ananias e Safira, o dinheiro é a causa. Para eles, tratava-se de doá-lo; aqui, trata-se de distribuí-lo, possivelmente principalmente na forma de bens e coisas do gênero.

A murmuração decorre das diferentes condições de vida dos discípulos. Os judeus de língua grega são da opinião de que suas viúvas não são tratadas da mesma forma que os hebreus na distribuição dos bens que a igreja recebeu de seus membros mais ricos. Aqui vemos dois grupos com origens diferentes. Os judeus de língua grega são judeus que vieram da dispersão. Eles falam o idioma grego e estão familiarizados com a cultura grega, o que pode ter ficado evidente em seu comportamento. Os hebreus são os judeus que falam hebraico ou aramaico. Eles têm suas raízes em Israel e são caracterizados pela lei.

Portanto, são dois grupos que têm seus perigos e precisam aprender a tolerar um ao outro. Os falantes de grego correm o risco de introduzir o estilo de vida mundano na congregação; os hebreus correm o risco de introduzir o legalismo na congregação.

O Pregador já observou esse perigo e advertiu contra ele (Ecl 7:15-18). Ele fala do contraste entre o justo, que apela para a sua justiça (alguém que se vê como a norma, traduz essa norma em leis e as impõe aos outros), e o sem lei, que apela para a sua liberdade (ele não reconhece uma única lei). A única maneira de evitar cair em qualquer um dos extremos é temer a Deus.

A pessoa temente a Deus tem reverência pela Palavra de Deus e não acrescenta nada a ela e não tira nada dela, escapando assim de ambos os perigos. O Senhor Jesus andou no caminho estreito, no meio das veredas do juízo (Prv 8:20), nem para a direita nem para a esquerda. Devemos sempre nos alinhar com Ele (Isa 30:21). Se não fizermos isso, Satanás conseguirá trazer desunião entre os crentes por meio do descontentamento e da inveja.

Satanás usa as pequenas diferenças que existem na igreja para colocá-los uns contra os outros. Nesse caso, trata-se de bens terrenos. Se estivermos contentes com o que temos (Heb 13:5), não sentiremos inveja do que os outros têm ou podem fazer. O contentamento é inseparável do temor de Deus (1Tim 6:6).

Os apóstolos – aqui chamados de “os doze” – reconhecem o problema. Eles até reconhecem que contribuíram para a geração do problema. Eles assumiram tarefas que não eram diretamente deles. Isso desafia os problemas. Um efeito colateral disso é que eles não conseguiram mais cumprir plenamente sua tarefa real.

Se alguém faz mais do que deveria fazer, nada é feito corretamente. Os apóstolos não são mais capazes de cumprir sua tarefa real de pregar a palavra de Deus; a tarefa adicional que eles assumiram, servir as mesas, não foi bem executada. Servir às mesas refere-se à distribuição de dinheiro e bens entre os crentes.

É também um importante lembrete para que nos atenhamos ao que o Senhor nos deu para fazer. Se assumirmos outras tarefas, por mais bem-intencionadas que sejam, para as quais o Senhor não nos deu um encargo, isso será feito em detrimento da tarefa real. Mesmo a tarefa adicional não é realizada de forma satisfatória.

Os próprios apóstolos sentem que isso não é satisfatório. Felizmente, eles percebem seu erro a tempo. Eles ouvem os sinais de insatisfação devido às reclamações e agem antes que ocorra um tumulto. Isso lhes permite conter

e eliminar o perigo. Eles querem voltar à sua tarefa original. O aspecto social da comunidade, que também existe e é muito importante, deve ser confiado a outras pessoas.

Atos 6:3-7 | Nomeação dos sete diáconos

3 Escolhei, pois, irmãos, dentre vós, sete varões de boa reputação, cheios do Espírito Santo e de sabedoria, aos quais constituamos sobre este importante negócio. 4 Mas nós perseveraremos na oração e no ministério da palavra. 5 E este parecer contentou a toda a multidão, e elegeram Estêvão, homem cheio de fé e do Espírito Santo, e Filipe, e Prócoro, e Nicanor, e Timão, e Pármenas e Nicolau, prosélito de Antioquia; 6 e os apresentaram ante os apóstolos, e estes, orando, lhes impuseram as mãos. 7 E crescia a palavra de Deus, e em Jerusalém se multiplicava muito o número dos discípulos, e grande parte dos sacerdotes obedecia à fé.

A fim de lidar com as dificuldades que haviam surgido, os apóstolos sugeriram aos irmãos que escolhessem sete homens que pudessem assumir essa tarefa (a distribuição de dinheiro e bens). Os apóstolos não os escolhem, mas apenas dão instruções sobre o que a congregação deve observar para realizar essa tarefa. As qualidades descritas que esses irmãos devem possuir mostram a importância desse ministério. Os homens que poderiam ser considerados para esse trabalho devem ter um bom testemunho em sua vizinhança. O Espírito Santo também deve ser capaz de trabalhar livremente neles e eles devem ser capazes de cumprir sua tarefa com sabedoria (cf. 1Tim 3:8-13).

Embora se trate de coisas práticas, os irmãos que praticam essas coisas devem corresponder a certas características espirituais. Não se trata de irmãos práticos que são bons em contabilidade, por exemplo, mas de irmãos de mente espiritual que sentem a necessidade dos crentes e a atendem com sabedoria. A igreja não é uma organização, não é um sistema com regras em que você pode ver como tudo pode ser regulado da melhor maneira. É o Espírito de Deus que, em sua sabedoria, conhece todas as necessidades e pode dizer exatamente onde e como elas devem ser atendidas e como isso pode levar à glorificação de Cristo.

Esses homens são eleitos pela igreja (2Cor 8:19). Isso funciona de forma diferente do que acontece com os dons da graça na igreja. Esses não são determinados pela igreja, mas são dados pelo Senhor e usados na igreja (1Cor 12:28). A igreja deve aceitá-los e reconhecê-los como dados pelo Senhor (Efé 4:7, 11). Em resumo, a igreja pertence ao Senhor e, portanto, Ele escolhe os dons e dá aqueles que são necessários para a edificação da igreja; no entanto, a igreja administra fielmente o dinheiro e nomeia aqueles que serão responsáveis por sua administração.

Depois que os apóstolos fizeram sua proposta, eles também disseram o que eles mesmos fariam. Eles disseram que negligenciaram a palavra de Deus. Mas quando eles têm suas mãos livres novamente para assuntos práticos, a primeira coisa que querem fazer é orar. E não apenas uma vez ou em uma ocasião especial, mas querem perseverar nisso. Em seguida, acrescentam que também querem perseverar no ministério da Palavra.

É notável que os apóstolos mencionem primeiro a oração como sua missão e depois a pregação. Sua batalha contra o poder do mal é travada primeiramente na oração. Na oração, mais do que em outros ministérios, tomamos consciência do poder de Deus, que é necessário para todos os outros ministérios. É importante primeiro falar com Deus sobre as pessoas e depois falar com as pessoas sobre Deus.

A proposta dos apóstolos recebe a aprovação geral da multidão de crentes. Eles escolhem sete homens que cumprem os requisitos. Isso significa que a igreja também avançou espiritualmente, e foi demonstrado que ela foi capaz de reconhecer esses requisitos nesses homens. Lucas menciona os nomes dos sete escolhidos. No caso de Estêvão, ele menciona a característica adicional de ser “cheio de fé e do Espírito Santo”. Ele confia totalmente em Deus para que o Espírito Santo possa trabalhar nele sem impedimentos.

Pelo que podemos ver, todos os nomes dos sete mencionados são gregos. Essa é certamente uma concessão amorosa ao grupo de crentes que se queixou. Não haverá mais acusações de favoritismo por parte desse grupo. Quando o amor de Deus preenche os corações, ele supera o egoísmo e a estreiteza de espírito. A igreja de hoje é governada com base na democra-

cia, com cada facção exigindo que seus representantes estejam em cada comissão que ela acha que deve criar.

De acordo com o conhecido comentarista bíblico F. W. Grant (1834-1902), os nomes têm os seguintes significados:

1. Estêvão – coroa
2. Filipe – amante de cavalos, corredor veloz
3. Prócoro – regente do hino de louvor
4. Nicanor – vencedor
5. Timão – honrado
6. Parmenas – duradouro
7. Nicolau – conquistador do povo.

Dois desses homens se destacam e os encontraremos várias vezes neste livro: Estêvão e Filipe.

A igreja coloca esses sete homens diante dos apóstolos. Antes de os apóstolos se unirem à eleição da congregação, impondo as mãos sobre eles (cf. Lev 3:2; Núm 27:18; Deu 34:9), eles oram. Eles certamente oraram por esses homens para que o Senhor lhes desse graça e sabedoria para cumprir adequadamente essa importante tarefa. Afinal de contas, o bem-estar da igreja está em jogo.

Parece que o aumento ou o crescimento da influência da Palavra na vida dos crentes, de que Lucas fala no verso 7, é resultado da eleição dos diáconos. Isso significa que os apóstolos estão mais uma vez livres para pregar a palavra, o que não é sem consequências. A vida espiritual dos crentes cresce como resultado. E não é só isso. Lemos também que o número de discípulos em Jerusalém aumentou muito. Portanto, os homens também estão chegando à fé por meio da pregação da Palavra. Entre eles, há um grande número de sacerdotes. Eles se tornam obedientes à fé. Isso contrasta com sua vida anterior, que era caracterizada pela obediência à lei.

A propósito, o verso 7 pode ser visto como um verso que conecta duas partes. Encontramos versos semelhantes várias outras vezes (Ats 9:31; 12:24; 16:5; 19:20; 28:30,31). Isso divide o livro em seis partes.

Atos 6:8-10 | O surgimento de Estêvão

8 E Estêvão, cheio de fé e de poder, fazia prodígios e grandes sinais entre o povo. 9 E levantaram-se alguns que eram da sinagoga chamada dos Libertos, e dos cireneus, e dos alexandrinos, e dos que eram da Cilícia e da Ásia, e disputavam com Estêvão. 10 E não podiam resistir à sabedoria e ao Espírito com que falava.

Depois de saber que Estêvão é um dos sete diáconos (verso 5), agora ouvimos mais sobre ele. Como já mencionamos, Estêvão (derivado de stefanos) significa “coroa”. Esse nome se refere à coroa de um vencedor. Há outra palavra para coroa (diadema = diadema). Essa é a coroa real. O diadema pode ser herdado, mas o stefanos deve ser conquistado.

Vemos que o trabalho de Estêvão não se limitava ao “serviço diário” (verso 1). Ele realiza “milagres e grandes sinais entre o povo”. Ele faz isso “cheio de graça e poder”. O poder gracioso de Deus é revelado nele. Ele mostra a poderosa eficácia da graça ao realizar milagres que são uma bênção para o povo. Os milagres que ele realiza são grandes sinais porque todos eles apontam para o Senhor Jesus no céu.

Em Estêvão, vemos a livre obra do Espírito (1Cor 12:11). Nenhum dos apóstolos o comissionou para fazer esse trabalho. Não se trata de a igreja tê-lo empregado para fazer esse trabalho. Qualquer pessoa que tenha um dom não só deve ser livre para exercê-lo, mas também tem a obrigação de fazê-lo perante o Senhor.

Estêvão é um homem “cheio do Espírito” e “cheio de sabedoria” (verso 3), “cheio de fé” (verso 5) e “cheio de graça e poder” (verso 8). “Ser cheio” significa que se pode dizer que as pessoas são controladas por ele. Há somente Um de quem se pode dizer que Ele é “cheio de graça e de verdade” (Joã 1:14).

Ao realizar milagres e sinais, Estêvão faz algo que só vimos nos apóstolos. No entanto, seus milagres não são descritos, porque nossa atenção não deve se concentrar em seus milagres, mas inteiramente em sua pregação.

Sua aparição na plenitude da fé, da graça e do poder provoca resistência. Dessa vez, a resistência vem da sinagoga. Vários grupos protestam contra ele e discutem com ele. Mas Estêvão não tem medo deles. Ele permanece

ali como uma testemunha solitária da verdade contra uma maioria de oponentes da verdade.

Não importa o quanto eles tentem menosprezá-lo, não conseguem. Estêvão é fortemente apoiado pelo Espírito Santo. De acordo com a promessa do Senhor, ele demonstra uma sabedoria e um espírito que silenciam seus adversários (Luc 21:15; 12:12). Para nós, devemos estar sempre prontos para dar testemunho da esperança que há em nós (1Ped 3:15).

Atos 6:11-15 | A prisão de Estêvão

11 Então, subornaram uns homens para que dissessem: Ouvimos-lhe proferir palavras blasfemas contra Moisés e contra Deus. 12 E excitaram o povo, os anciãos e os escribas; e, investindo com ele, o arrebataram e o levaram ao conselho. 13 Apresentaram falsas testemunhas, que diziam: Este homem não cessa de proferir palavras blasfemas contra este santo lugar e a lei; 14 porque nós lhe ouvimos dizer que esse Jesus Nazareno há de destruir este lugar e mudar os costumes que Moisés nos deu. 15 Então, todos os que estavam assentados no conselho, fixando os olhos nele, viram o seu rosto como o rosto de um anjo.

Os adversários de Estêvão não conseguem aceitar o fato de que não podem derrotá-lo com palavras. É por isso que eles recorrem a falsas acusações. Eles nem mesmo as proferiram, mas secretamente apresentaram homens para afirmar que tinham ouvido Estêvão dizer palavras blasfemas contra Moisés e Deus.

É notável que eles tenham colocado Moisés à frente de Deus. Em seu tradicionalismo e formalismo, sua visão da Lei de Moisés é o filtro pelo qual eles julgam Deus e, portanto, falam humanamente sobre Deus. Quando outras pessoas dizem coisas que não estão de acordo com sua visão de Moisés, elas são repreensíveis, por mais que possam refletir os pensamentos de Deus.

Eles tratam Estêvão como trataram o Senhor Jesus. O povo, que inicialmente tinha os apóstolos em alta estima, se rebelou contra Estêvão sob a influência de um discurso blasfemo. Essa é a inconstância do favor popular. Esses blasfemadores encontram apoiadores agradecidos nos anciãos e nos escribas.

O grupo inteiro ataca Estêvão. Eles o prendem e o levam perante o Sinédrio. Eles acham que já sabem como lidar com ele. Eles trazem testemunhas falsas e sacrílegas (Slm 35:11). Eles o acusam de blasfêmia porque dizem que ele falou contra o templo e a lei.

No entanto, Estêvão, assim como o Senhor, falou a verdade à consciência deles. Por não quererem se curvar à verdade, eles a distorcem e a transformam em uma mentira. Eles querem se apegar à sua própria verdade sobre o templo e a lei, pois isso lhes dá prestígio entre os homens. Por isso, ele deve ser acusado de falar contra o templo e a lei.

A acusação deles deixa claro que Estêvão lhes atribuiu as consequências de sua incredulidade. Em seu sermão, ele apontou para o Senhor Jesus como aquele que previu que o templo seria destruído (Luc 21:6,20). Ele deve ter apontado o vazio do serviço do templo por causa da rejeição de Cristo. Ele também teria apontado que a lei não é suficiente como meio de justificação. Mas eles não quiseram ouvir. Eles falam desse “Jesus, o Nazareno” com desprezo indisfarçável.

Depois dessas acusações, eles veem o rosto de Estêvão não como o rosto de um demônio, mas como o de um anjo. Eles veem no esplendor de seu rosto o reflexo da glória do céu. Talvez alguns até tenham pensado no rosto de Moisés, que estava radiante (Êxo 34:30). É como se Deus estivesse dizendo: “Este homem não é contra Moisés, mas é como Moisés, um dos meus servos fiéis”.

No capítulo seguinte, ouvimos o impressionante discurso de Estêvão. Ali vemos que os papéis estão invertidos. O Sinédrio não é o tribunal perante o qual Estêvão é convocado, mas Estêvão é o tribunal perante o qual o Sinédrio é convocado.

Atos 7

Atos 7:1 | Introdução ao discurso de Estêvão

| *1 E disse o sumo sacerdote: Porventura, é isto assim?*

O sumo sacerdote ouviu as acusações e deu a Estêvão a oportunidade de responder. O discurso que ele faz não é uma defesa, mas uma acusação. Ele censura os judeus por sua própria história, que eles conhecem muito bem. Mas conhecer a história e tirar as devidas lições dela são duas coisas diferentes. Estêvão deixa claro que eles estão totalmente condenados por sua própria história. Eles estão fazendo exatamente o que seus pais fizeram.

Estêvão não está tentando se defender. Aqui ele é o juiz que pronuncia o julgamento. Ele é o memorial do povo por meio do qual eles são levados à presença de Deus. Em relação à bondade de Deus para com Israel, José e Moisés são colocados em primeiro plano. Israel havia rejeitado os dois. Eles entregaram José às nações e rejeitaram Moisés como juiz e líder. Isso é exatamente o que fizeram com o Senhor Jesus, e ele os repreende de forma clara no final.

Estêvão apresenta uma visão geral dos 2.000 anos de história do povo de Deus, desde Abraão até aquela época. Sua visão geral deixa claro que a história da salvação é uma mudança constante de eventos e lugares. A história não é estática. Nem tudo permaneceu como era. Esse também será o caso do templo, que eles pensavam que seria preservado para sempre.

Com sua visão geral da história deles, ele quer deixar claro que uma nova mudança em sua história ocorreu com a vinda e a rejeição de Cristo. No entanto, eles não têm ouvidos para essa mudança. No final, eles tapam os ouvidos e apedrejam Estêvão.

Atos 7:2-8 | O caminho de Deus com Abraão

| *2 E ele disse: Varões irmãos e pais, ouvi. O Deus da glória apareceu a Abraão, nosso pai, estando na Mesopotâmia, antes de habitar em Harã, 3 e disse-lhe: Sai da tua terra e dentre a tua parentela e dirige-te à terra que eu te mostrar.*

4 Então, saiu da terra dos caldeus e habitou em Harã. E dali, depois que seu pai faleceu, Deus o trouxe para esta terra em que habitais agora. 5 E não lhe deu nela herança, nem ainda o espaço de um pé; mas prometeu que lhe daria a posse dela e, depois dele, à sua descendência, não tendo ele filho. 6 E falou Deus assim: Que a sua descendência seria peregrina em terra alheia, e a sujeitariam à escravidão e a maltratariam por quatrocentos anos. 7 E eu julgarei a nação que os tiver escravizado, disse Deus. E, depois disto, sairão e me servirão neste lugar. 8 E deu-lhe o pacto da circuncisão; e, assim, gerou a Isaque e o circuncidou ao oitavo dia; e Isaque, a Jacó; e Jacó, aos doze patriarcas.

Estêvão se dirige a eles como “irmãos e pais”, pois ele ainda pertence ao mesmo povo. Ele começa seu discurso com o “Deus da glória” e termina dizendo que vê a “glória de Deus” (versos 55-56). E, o tempo todo, seu rosto brilha com a mesma glória (Atos 6:15).

Ele começa com Abraão, o antepassado cujos descendentes eles tanto se gabavam de ser. Sua arrogância é totalmente descabida, pois eles deveriam se lembrar de que Abraão era originalmente um idôlatra na Mesopotâmia (Jos 24:2). Foi nessa terra que o Deus da glória apareceu a ele, e não na terra onde eles vivem agora.

Foi também lá que Deus falou com ele, disse-lhe que deixasse sua terra e seus parentes e o convidou a ir para a terra que Ele lhe mostraria (Gên 12:1). Ele teve de deixar sua terra e ir para a terra que Deus lhe mostrou. Ele teve de deixar sua família para começar uma nova família. Ele teve até mesmo de deixar a casa de seu pai, à qual ainda pertencia, para se tornar o pai de muitas nações. O chamado de Deus é sempre pessoal. O caminho de Deus está sempre com o indivíduo. Deus chamou Abraão como “ele só” (Isa 51:2).

Inicialmente, Abraão obedeceu, mas sua obediência não foi completa. A razão disso foi que não foi ele, mas seu pai, Terá, que tomou a iniciativa de partir (Gên 11:31). Como resultado, ele não foi além da etapa de Harã, onde vivia agora. Somente depois que seu pai morreu é que ele se mudou para essa terra.

Já está claro aqui qual é o objetivo do discurso de Estêvão. Ele mostra que toda mudança sempre provocou resistência. Isso já começou com Abraão. Ele não seguiu todo o caminho que Deus lhe disse para seguir. Ele foi

até Harã e ficou lá até seu pai morrer, que não deveria ter ido com ele. A resistência de Abraão tinha a ver com seus relacionamentos familiares. Esses eram mais importantes para ele do que a ordem de Deus. Somente quando Deus pôs fim a essa ligação por meio da morte de seu pai é que ele ficou livre para seguir em frente.

Era mais uma questão para Deus do que para Abraão seguir em frente. Como Estevão diz, Deus levou Abraão para a terra onde eles viviam agora. Portanto, é pura graça o fato de eles viverem ali, e tudo é obra de Deus. Deus transferiu Abraão para a terra, mas não lhe deu nenhuma herança nela, nem mesmo o menor pedaço de terra que ele pudesse dizer que era seu. Em vez disso, ele recebeu a promessa de que um dia a possuiria, assim como seus descendentes depois dele. Deus lhe deu essa promessa em uma época em que ele nem sequer tinha um filho.

No entanto, isso não mudou sua fé, mas mudou sua permanência na terra. Isso fez com que a terra da promessa se tornasse uma terra estrangeira e ele um estrangeiro nessa terra (Heb 11:9). Portanto, ele não reivindicou para si nada do que Deus havia destinado para o futuro. Seus descendentes agora a possuíam, mas ele mesmo ainda estava esperando o cumprimento da promessa. Estêvão quer deixar claro que eles não têm nada a reivindicar.

Entretanto, não foi somente Abraão que não recebeu imediatamente a terra prometida. Seus descendentes também teriam que esperar o tempo necessário e passar por todo tipo de experiência antes de poderem entrar na terra prometida. Deus informou a Abraão que seus descendentes primeiro viveriam na escravidão em vez de herdar bênçãos. Eles seriam habitantes em uma terra estrangeira, onde seriam transformados em escravos e maltratados. Isso duraria quatrocentos anos (Gên 15:13,14). Ao mesmo tempo, porém, Deus também proferiu palavras de esperança. Ele prometeu que julgaria o povo que os mantinha como escravos. Depois disso, eles poderiam sair para servir a Deus “neste lugar”, com o que Estêvão se referia à terra de Canaã (cf. Êxo 3:12).

Tudo o que Estêvão disse sobre Abraão tinha a intenção de enfatizar a origem humilde e auto-humilhante do povo, porque seus ouvintes tinham muito orgulho disso (cf. Deu 7:7). De passagem, ele menciona a circuncisão de Abraão como um sinal da aliança que Deus havia feito com ele e

seus descendentes (Gên 17:10-14). Essa era outra coisa da qual os israelitas se orgulhavam muito.

Eles, e somente eles, eram o povo da aliança (Rom 9:4). Eles também se orgulhavam desse status. Ele também menciona que Abraão, como homem circuncidado, foi pai de Isaque, a quem também circuncidou no oitavo dia. Jacó descende de Isaque e os doze patriarcas descendem de Jacó, de onde surgiria o povo da aliança. Mas como o povo da aliança se comportou no início de sua formação?

Atos 7:9-16 | Rejeição e reinado de José

9 E os patriarcas, movidos de inveja, venderam a José para o Egito; mas Deus era com ele. 10 E livrou-o de todas as suas tribulações e lhe deu graça e sabedoria ante Faraó, rei do Egito, que o constituiu governador sobre o Egito e toda a sua casa. 11 Sobreveio, então, a todo o país do Egito e de Canaã fome e grande tribulação; e nossos pais não achavam alimentos. 12 Mas, tendo ouvido Jacó que no Egito havia trigo, enviou ali nossos pais, a primeira vez. 13 E, na segunda vez, foi José conhecido por seus irmãos, e a sua linhagem foi manifesta a Faraó. 14 E José mandou chamar a Jacó, seu pai, e a toda sua parentela, que era de setenta e cinco almas. 15 E Jacó desceu ao Egito e morreu, ele e nossos pais; 16 e foram transportados para Siquém e depositados na sepultura que Abraão comprara por certa soma de dinheiro aos filhos de Hamor, pai de Siquém.

Os patriarcas já haviam mostrado sua verdadeira natureza. A inveja os levou a rejeitar José. A inveja deles foi o resultado da revelação que José havia recebido e contado a eles. A revelação era sobre sua futura glorificação se eles se curvassem diante dele (Gên 37:5-11). Mas eles nunca quiseram fazer isso! Por isso, certificaram-se de que nada resultaria de seus sonhos e o venderam ao Egito. Os paralelos entre José e o Senhor Jesus são muito claros. Alguém certa vez contou que cerca de trezentos paralelos podem ser traçados entre a história de José e a do Senhor Jesus.

Tudo o que Estevão recita da história de José deve ter lembrado seus ouvidos do que eles haviam feito com Cristo. Será que eles se lembraram das 30 moedas de prata (Mat 26:15,16)? Por mais que os irmãos detestassem José e o rejeitassem, Deus estava com ele. Depois que ele foi rejeitado, Deus o livrou de todas as aflições e garantiu que Faraó, o rei do Egito, o

favorecesse. José revelou a sabedoria de Deus ao sugerir ao Faraó como a terra poderia ser salva.

Como resultado, o Faraó fez de José o homem mais poderoso do Egito e até lhe confiou a administração de sua casa (Gên 41:40-44; Slm 105:21). Estêvão fala sobre o “governador” (literalmente líder), o que deve ter lembrado os ouvintes mais uma vez do Senhor Jesus. Foi assim que Pedro o chamou recentemente quando se apresentou diante do mesmo sínodo (Atos 5:31).

Os irmãos não tinham ideia do que Deus estava fazendo com José. Mas Deus fez questão de colocá-los frente a frente com José, o poderoso governante do Egito. Ele usou a fome que causou em todo o Egito e Canaã para esse propósito (Gên 41:54; 42:5). Estêvão chama isso de “grande tribulação”, o que lembra o tempo do qual o Senhor Jesus falou e para o qual Ele usou a mesma expressão (Mat 24:21; cf. Jer 30:7). O Senhor estava se referindo a um tempo futuro no qual o povo seria severamente castigado e do qual um remanescente seria salvo depois de reconhecê-lo como o Messias. O objetivo de Deus com a fome era o mesmo. Ele queria levar os irmãos a José e a perceber que Ele era o Salvador deles. Isso exigiu uma longa jornada.

Estêvão fala sobre “nossos pais” que não conseguiam encontrar comida. Ele ainda está se conectando com seus ouvintes. Ele os leva adiante na história dos irmãos e conta como eles foram conduzidos a José. Quando Jacó soube que havia grãos no Egito, ele “enviou ali nossos pais, a primeira vez” (cf. Gên 42:1,2). Estêvão passa por cima do que aconteceu nessa primeira ocasião e imediatamente acrescenta que eles foram uma segunda vez. Nessa segunda ocasião, José se deu a conhecer a seus irmãos (Gên 45:3,4).

Aqui encontramos um vislumbre de esperança para Israel no discurso de Estêvão. O Senhor Jesus também virá ao seu povo uma segunda vez e se dará a conhecer a eles. Então eles verão Aquele a quem traspassaram (Zac 12:10), e Ele conduzirá o remanescente arrependido à bênção. José também fez isso com seus irmãos depois de ter se dado a conhecer a eles. Então, Ele também expressará Sua origem como um homem verdadeiro para Deus, por assim dizer, com as palavras: “Eis-me aqui a mim e aos filhos que

Deus me deu” (Heb 2:13). Pois somente como um homem verdadeiro Ele poderia unir os homens a Si mesmo.

Depois de se revelar a seus irmãos, José envia seus irmãos para buscar seu pai Jacó e todos os seus parentes. Eles têm permissão para viver com José no Egito. Dessa forma, Deus transformou em bem todo o mal que os irmãos haviam planejado (Gên 50:20).

Mas tudo isso chegou ao fim. Jacó e “nossos pais” morreram. Seus corpos foram levados de volta à terra de Canaã e enterrados no túmulo que Abraão havia comprado. Eles ainda não possuíam a terra prometida, mas, em vista do cumprimento da promessa, queriam ser enterrados no túmulo em que Abraão também havia sido enterrado (Gên 49:29,30; 50:13; Jos 24:32).

Atos 7:17-22 | Nascimento e educação de Moisés

17 Aproximando-se, porém, o tempo da promessa que Deus tinha feito a Abraão, o povo cresceu e se multiplicou no Egito; 18 até que se levantou outro rei, que não conhecia a José. 19 Esse, usando de astúcia contra a nossa linhagem, maltratou nossos pais, ao ponto de os fazer enjeitar as suas crianças, para que não se multiplicassem. 20 Nesse tempo, nasceu Moisés, e era mui formoso, e foi criado três meses em casa de seu pai. 21 E, sendo enjeitado, tomou-o a filha de Faraó e o criou como seu filho. 22 E Moisés foi instruído em toda a ciência dos egípcios e era poderoso em suas palavras e obras.

Estêvão chega agora à terceira e mais longa seção de seu discurso, na qual Moisés assume o centro do cenário como a figura do Senhor Jesus. Ele havia sido acusado de falar palavras blasfemas sobre Moisés (Atos 6:11). O que ele diz sobre Moisés mostra como essa acusação é falsa.

Estêvão continua a história sobre o povo de Deus e agora passa a falar sobre o cumprimento das promessas de Deus. Ele usa essa história para mostrar aos seus ouvintes que uma nova mudança estava próxima. A situação do povo no Egito não permaneceu a mesma. O tempo da promessa estava se aproximando, ou seja, o tempo em que a promessa de que Deus os levaria para Canaã seria cumprida. Para fazer isso, Ele teve de tirar Seu povo do Egito. As circunstâncias que Ele usou para fazer isso são novamente humilhantes para Seus ouvintes.

No início de seu tempo no Egito, parecia que o povo era particularmente abençoado. Eles cresceram e se multiplicaram no Egito (Êxo 1:7). Isso não era um problema, desde que o povo fosse governado por reis que haviam conhecido José. Eles estavam cientes de que deviam a ele a continuidade da existência de sua terra. Como sinal de agradecimento, foi permitido que o povo continuasse a viver no Egito. Mas então surgiu um rei que não conhecia José (Êxo 1:8). Ele não tinha nenhum relacionamento com ele, nem havia qualquer gratidão.

Esse rei viu o crescimento contínuo do povo como uma ameaça à sua própria posição. Para conter a expansão de “nossa geração”, ele recorreu a truques (Êxo 1:16) e começou a maltratar e oprimir “nossos pais” (Êxo 1:10,11). Quando isso não ajudou a desacelerar o crescimento do povo, ele ordenou que as crianças pequenas não ficassem com seus pais, mas fossem jogadas no Nilo (Êxo 1:22).

Enquanto o povo gemia sob esse governo cruel, Deus começou a cumprir sua promessa: Moisés nasceu. Estevão diz que ele era “mui formoso”, ou seja, formoso para Deus (Êxo 2:2; Heb 11:23). Seus pais não o levaram diretamente para o Nilo, como o Faraó havia ordenado, mas o criaram por três meses “na casa de seu pai”. Depois disso, ele teve que compartilhar a sorte de todo menino. Ele foi levado para o Nilo e abandonado lá. Mas a filha do Faraó o encontrou e o criou como seu próprio filho. Mais tarde, Moisés se recusou a ser “chamado filho da filha de Faraó” (Heb 11:24).

A educação de seus pais, tementes a Deus, não deixou de atingir seu objetivo. Deus usou a ordem criminosa do Faraó para levar Moisés à sua corte. Ao fazer isso por meio da filha do Faraó, Ele zombou de todo o poder do Faraó. Essa é a sabedoria de Deus. O plano de Deus com Seu povo não só foi cumprido apesar de Faraó, mas também por meio de sua cooperação, sem que ele quisesse ou soubesse disso. Na corte, Moisés foi instruído em toda a sabedoria dos egípcios. Moisés tornou-se sábio, mas era poderoso em suas palavras e ações. Ele adquiriu sabedoria por meio da instrução, mas recebeu poder como um dom especial de Deus. Ele revelou ambas as qualidades no Egito. Em relação a Deus, ele falou do oposto (Êxo 4:10) e sentiu sua incapacidade.

Atos 7:23-29 | Moisés visita seus irmãos e foge

23 E, quando completou a idade de quarenta anos, veio-lhe ao coração ir visitar seus irmãos, os filhos de Israel. 24 E, vendo maltratado um deles, o defendeu e vingou o ofendido, matando o egípcio. 25 E ele cuidava que seus irmãos entenderiam que Deus lhes havia de dar a liberdade pela sua mão; mas eles não entenderam. 26 E, no dia seguinte, pelejando eles, foi por eles visto e quis levá-los à paz, dizendo: Varões, sois irmãos; por que vos agravais um ao outro? 27 E o que ofendia o seu próximo o repeliu, dizendo: Quem te constituiu príncipe e juiz sobre nós? 28 Queres tu matar-me, como ontem mataste o egípcio? 29 E a esta palavra fugiu Moisés e esteve como estrangeiro na terra de Midiã, onde gerou dois filhos.

O primeiro período da vida de Moisés na corte do faraó durou quarenta anos. Mas todo o esplendor e a pompa da corte de Faraó não puderam impedir que o coração de Moisés pulsasse por seus irmãos em sua aflição. Um dia, ele os procurou. Seu coração ardia de amor por seu povo. Ele não veio para dizer-lhes o que estavam fazendo de errado, mas para olhar para suas “cargas” (Êx 2:11). O Senhor Jesus também não veio para julgar, mas para salvar (João 3:17).

Quando Moisés viu um de seus irmãos sofrendo injustamente, ele o defendeu. Ele o defendeu e vingou o homem oprimido matando o egípcio. Naquela época, ele ainda vivia na corte. Ao defender o povo com tanta clareza, ele pensou que seus irmãos o veriam como o libertador por meio de cuja mão Deus lhes daria a salvação e a libertação. No entanto, eles não pensaram assim. Pelo contrário. Quando ele se apresentou novamente aos seus irmãos no dia seguinte, ficou claro que eles não aprovavam sua interferência de forma alguma.

Mais uma vez, Moisés percebeu que havia sido cometida uma injustiça. Dessa vez, porém, não se tratava de um egípcio que havia cometido injustiça contra um israelita, mas de dois israelitas que haviam cometido injustiça um contra o outro. Quando quis reconciliá-los, perguntou a um deles por que estava batendo em seu próximo, mas este se voltou contra ele. Ele repreendeu Moisés por ter se arrogado a si mesmo e ter se tornado “governante e juiz”.

Aqui vemos que sua autoridade foi rejeitada desde sua primeira aparição para seu povo, como foi o caso de José. Aconteceu com Moisés o mesmo que aconteceu com José anteriormente, quando ele perguntou sobre o bem-estar de seus irmãos: ele foi rejeitado pelos seus (Gên 37:14, 18).

Assim como José, Moisés é, nesse aspecto, uma figura de Cristo, que também não foi aceito pelos seus (João 1:11). Os membros de seu povo odiaram Cristo, rejeitaram-no, negaram-no e até o mataram. Em termos proféticos, portanto, foi também a reprovação de Cristo que Moisés suportou quando cuidou de seus irmãos e quis compartilhar a sorte deles (Heb 11:26).

A rejeição de Moisés foi claramente expressa nas palavras do israelita que injustiçou seu vizinho: “Quem te tem posto a ti por maior e juiz sobre nós?” (Êxo 2:14). O homem acrescentou que não o via como um libertador, mas como uma ameaça à sua vida. Isso mostra que o povo preferiu permanecer na escravidão em vez de reconhecer um libertador. O povo não queria aceitar um governante e juiz. A acusação de que Moisés agiu dessa forma é mencionada duas vezes por Estêvão (versos 27 e 35), enfatizando a seriedade dessa acusação. Depois de ficar tão claro que seu povo não o queria, Moisés fugiu.

O que Estêvão chama de fuga, de acordo com o relato em Êxodo (Êxo 2:15), é descrito em Hebreus 11 como um ato de fé (Heb 11:27). Assim, por um lado, o Senhor Jesus foi rejeitado por Seu povo e, por outro lado, Ele retornou ao céu para esperar lá por um tempo até que Seu povo O aceitasse como Salvador.

Durante o período em que Moisés esteve em Midiã, ele teve uma esposa pagã e dois filhos com ela (Êxo 2:21-22; 18:3-4). Isso pode ser comparado ao Senhor Jesus, que adquire a igreja como noiva durante esse período. Os nomes que Moisés deu a seus filhos mostram que ele não se esqueceu de seu povo, mesmo em uma terra estrangeira, assim como o Senhor Jesus, que agora está no céu, não se esquece de seu povo terreno.

Atos 7:30-35 | Deus aparece a Moisés

30 E, completados quarenta anos, apareceu-lhe o anjo do Senhor, no deserto do monte Sinai, numa chama de fogo de um sarçal. 31 Então, Moisés, quando viu isto, se maravilhou da visão; e, aproximando-se para observar, foi-lhe dirigida

a voz do Senhor, 32 dizendo: Eu sou o Deus de teus pais, o Deus de Abraão, e o Deus de Isaque, e o Deus de Jacó. E Moisés, todo trêmulo, não ousava olhar. 33 E disse-lhe o Senhor: Tira as sandálias dos pés, porque o lugar em que estás é terra santa. 34 Tenho visto atentamente a aflição do meu povo que está no Egito, e ouvi os seus gemidos, e desci a livrá-los. Agora, pois, vem, e enviar-te-ei ao Egito. 35 A este Moisés, ao qual haviam negado, dizendo: Quem te constituiu príncipe e juiz? A este enviou Deus como príncipe e libertador, pela mão do anjo que lhe aparecera no sarça.

Moisés tinha quarenta anos de idade quando fugiu. Quarenta anos foram cumpridos no deserto. Quarenta é o número da provação. Deus o formou no deserto em sua melhor idade. Quem escolheria esse treinamento na solidão do deserto quando todos os desafios da vida estão à sua frente? No entanto, Deus lhe ensinou ali lições que ele não poderia ter aprendido de nenhuma outra forma.

Moisés é chamado pelo Senhor aos 80 anos de idade. Isso aconteceu no final de sua vida natural, como ele mesmo diz no Salmo 90 (Slm 90:10). Antes que o Senhor possa usar alguém, a pessoa precisa aprender a não confiar em suas habilidades naturais. Moisés aprendeu isso. No entanto, não é suficiente não confiar em suas próprias habilidades; ele também deve aprender a confiar no poder de Deus.

Moisés agora está pronto para que Deus apareça a ele. Ele o faz na forma de um anjo na chama ardente da sarça. A atenção de Moisés é despertada: a sarça arde, mas não se queima (Êxo 3:3). A sarça é uma imagem do homem pecador como ele é por natureza. Também vemos nela todo o povo de Israel, que está na fornalha ardente do Egito. Ao mesmo tempo, vemos que Deus está no fogo. Por isso a sarça não se queima.

Deus usa o fogo da provação para purificar Seu povo. E assim Ele nos purifica também. O que não está de acordo com Ele é consumido pelo fogo. Isso nos torna cada vez mais alinhados com Seu objetivo para nós, que é nos tornarmos mais parecidos com o Senhor Jesus. Ele também está conosco na provação (Dan 3:23-25; Isa 63:9).

O SENHOR vê Moisés se aproximando da sarça para ver a aparição milagrosa. Ele se dá a conhecer a Moisés como o Deus da aliança com os patriarcas: com Abraão (Gên 15:13,14), Isaque (Gên 26:3) e Jacó (Gên 46:4).

Essa é a base sobre a qual Ele age. Ele está satisfeito com o fato de Moisés demonstrar interesse em Sua revelação. Ao mesmo tempo, porém, Ele age de acordo com Sua santidade.

Moisés fica profundamente impressionado com a aparência de Deus e Suas palavras. Ele começa a tremer e não se atreve a investigar mais o assunto. Ele sabe que está na presença do Deus santo. Onde Deus está, há santidade. Deus deixa claro para ele que está em solo santo. Por isso ele deve tirar os sapatos (cf. Jos 5:15). A consciência de estar em solo sagrado estava completamente ausente no Sinédrio que Estevão enfrentou, embora eles afirmassem viver na Terra Santa.

Depois que Moisés assumiu seu lugar certo diante de Deus, Deus lhe diz o que Ele mesmo viu e o que deseja fazer. Deus lhe diz que viu o que foi feito ao Seu povo e que ouviu o quanto eles estão gemendo. Ele conhece o sofrimento deles. Isso o leva a agir. Ele desceu para redimi-los e levá-los para uma terra que Ele escolheu para eles. Moisés é o homem que Ele quer usar para cumprir Seu plano.

O Senhor Jesus desceu à Terra para redimir homens que gemiam sob o jugo do pecado. Assim como aconteceu com Israel, Ele não falou do céu, mas Ele próprio desceu do céu à Terra. Como é comovente ler que Deus chama esse miserável povo escravo do Egito de “meu povo”! Ele é como o pai que abraça o filho pródigo enquanto ele ainda está com as roupas sujas (Luc 15:20).

Depois de Estêvão ter descrito de forma impressionante a revelação de Deus a Moisés e sua missão de ir ao Egito para libertar seu povo, ele repete como Moisés foi rejeitado como governante e juiz (verso 27). Ele fala no plural (“nós”) e, assim, transforma o pecado de um homem em um pecado coletivo, ou seja, o pecado de todo o povo.

Para enfatizar ainda mais a seriedade do assunto, Estêvão fala do fato de que eles negaram Moisés, embora Deus tivesse aparecido a Moisés e o tivesse enviado a eles como seu líder e redentor. Essa é uma ilustração impressionante da rejeição do povo judeu a Cristo. Afinal de contas, Ele era o líder para a vida (cf. Atos 3:14,15; 4:10-12).

Atos 7:36-43 | Moisés rejeitado – Idolatria – Julgamento

36 Foi este que os conduziu para fora, fazendo prodígios e sinais na terra do Egito, no mar Vermelho e no deserto, por quarenta anos. 37 Este é aquele Moisés que disse aos filhos de Israel: O Senhor, vosso Deus, vos levantará dentre vossos irmãos um profeta como eu; a ele ouvireis. 38 Este é o que esteve entre a congregação no deserto, com o anjo que lhe falava no monte Sinai, e com nossos pais, o qual recebeu as palavras de vida para no-las dar. 39 Ao qual nossos pais não quiseram obedecer, antes o rejeitaram e, em seu coração, se tornaram ao Egito, 40 dizendo a Arão: Faze-nos deuses que vão adiante de nós; porque a esse Moisés, que nos tirou da terra do Egito, não sabemos o que lhe aconteceu. 41 E, naqueles dias, fizeram o bezerro, e ofereceram sacrifícios ao ídolo, e se alegraram nas obras das suas mãos. 42 Mas Deus se afastou e os abandonou a que servissem ao exército do céu, como está escrito no livro dos profetas: Porventura, me oferecestes vítimas e sacrifícios no deserto por quarenta anos, ó casa de Israel? 43 Antes, tomastes o tabernáculo de Moloque e a estrela do vosso deus Renfã, figuras que vós fizestes para as adorar. Transportar-vos-ei, pois, para além de Babilônia.

Depois que Estevão apresentou a criação, a educação e o chamado especial de Moisés aos seus ouvintes com grande ênfase, ele continua de forma igualmente impressionante com o ministério de libertação de Moisés. Repetidamente, ele aponta o que Moisés fez ou disse. Ele e ninguém mais os conduziu para fora do Egito. E de que maneira! Realizando sinais e maravilhas. O Senhor Jesus também não se revelou dessa forma no meio de seu povo? Os apóstolos também não atuaram dessa forma entre o povo, e Estêvão também não atuou dessa forma?

Moisés não apenas os libertou do Egito, mas também os conduziu pelo Mar Vermelho até o deserto. Lá ele lhes mostrou o caminho por quarenta anos. Foi Moisés quem disse aos filhos de Israel – e os que estavam no Sinédrio se referiram a isso, não foi? – que Deus levantaria um profeta para eles, assim como levantou Moisés. Ficou claro para o Sinédrio que isso significava o Messias, que atuaria como Salvador e Juiz, assim como Moisés.

Estêvão dá a Moisés ainda mais honra. Ele aponta para Moisés e diz que ele foi o único – e nenhum outro – que recebeu a lei no deserto por meio da mediação de anjos. A lei consistia nas palavras de Deus. Portanto, eram palavras vivas. Deus as havia dado a Moisés no monte de Deus. Moisés

era o mediador, porque estava com o anjo no deserto e no monte, e estava com “nossos pais”.

Ele deu a “nós” as palavras vivas, ou seja, Israel naquela época e agora. Mas o que “nossos pais” fizeram com tudo o que Deus lhes havia dado por meio de Moisés e dito a eles? Eles deliberadamente desobedeceram a Ele. Eles não queriam obedecê-Lo. Eles O repeliram para longe deles. Não o queriam com seu discurso sobre obedecer a Deus.

Em seus corações, voltaram para o Egito. Pelo menos lá eles podiam fazer o que quisessem. Não pensaram mais no fato de que lá viviam em escravidão e dificuldades. Tudo isso era melhor do que a obediência opressiva a Deus. E, por falar nisso, para onde Moisés tinha ido? Ele havia se ausentado por tanto tempo que provavelmente nunca mais voltaria.

Por isso, disseram a Arão para fazer ídolos que eles pudessem ver e seguir. Assim, eles fizeram um bezerro durante a ausência de Moisés. Ofereceram sacrifícios a esse ídolo e desfrutaram das obras de suas mãos. Não pensavam mais na honra e na obra de Deus. Por isso, Deus se afastou. Ele se afastou deles e os entregou à idolatria em julgamento (cf. Rom 1:23-26,28).

Estêvão censura o Sinédrio pelo fato de o povo não ter feito outra coisa senão servir aos ídolos ao longo de sua história. Abraão os serviu antes que Deus o chamasse (Jos 24:2), o povo os serviu no Egito (Jos 24:14) e os serviu no deserto (Am 5:25-27).

Estêvão cita o profeta Amós juntamente com o julgamento que os babilônios realizariam ao levar o povo para o cativeiro. Trata-se, portanto, de um julgamento duplo. Há o julgamento de Deus, por meio do qual Ele os entrega à idolatria, e o julgamento de Deus para levá-los ao cativeiro, para longe de sua terra.

O discurso de Estêvão enfatiza repetidamente que Deus aborda Seu povo de forma diferente a cada vez, porque Seu povo se afasta Dele repetidamente e se torna infiel a Ele. Eles sempre rejeitaram tudo o que Ele deu e, em vez disso, escolheram ídolos.

Atos 7:44-50 | A morada de Deus

44 Estava entre nossos pais no deserto o tabernáculo do Testemunho (como ordenara aquele que disse a Moisés que o fizesse segundo o modelo que tinha

visto), 45 o qual nossos pais, recebendo-o também, o levaram com Josué, quando entraram na posse das nações que Deus lançou para fora da presença de nossos pais, até aos dias de Davi, 46 que achou graça diante de Deus e pediu que pudesse achar tabernáculo para o Deus de Jacó. 47 E Salomão lhe edificou casa; 48 mas o Altíssimo não habita em templos feitos por mãos de homens, como diz o profeta: 49 O céu é o meu trono, e a terra, o estrado dos meus pés. Que casa me edificareis, diz o Senhor, ou qual é o lugar do meu repouso? 50 Porventura, não fez a minha mão todas estas coisas?

Agora Estevão chega a uma nova seção em seu discurso. Depois de expressar longamente sua reverência por Moisés, o que contrasta com a acusação deles de que ele blasfemaria contra Moisés, ele fala sobre a habitação de Deus. Afinal, eles também acusaram Estêvão de proferir palavras contra o templo, apontando para sua desolação (Atos 6:14). Estêvão agora mostrará que as antigas habitações de Deus eram habitações temporárias e nem mesmo habitações reais.

Ele primeiro menciona o tabernáculo, que ele chama pelo nome detalhado de “tabernáculo do testemunho”. É a tenda da qual Deus testemunhava e falava com seu povo. Mas que tipo de tenda era essa? Era uma tenda feita sob medida, confeccionada por Moisés por ordem de Deus, de acordo com o modelo que ele havia visto no monte (Êxo 25:40). Estêvão deixa claro que o tabernáculo era uma habitação temporal de Deus e que apontava para uma realidade mais elevada, ou seja, o céu. O tabernáculo não permaneceria como a habitação de Deus para sempre.

Quando “nossos pais” entraram na terra com Josué, eles levaram o tabernáculo com eles (Jos 3:14-17). Estêvão chama Josué pelo nome. Esse é o nome hebraico para o nome grego “Jesus”. Portanto, ele está realmente dizendo que o povo tomou posse da terra com “Jesus”. Deus libertou a terra de seus habitantes originais (Jos 23:9; 24:18), que eram todos idólatras. O tabernáculo teve seu lugar ali até a época de Davi.

Houve uma mudança com Davi. A mudança tem a ver com o tipo de adoração, não com o princípio de servir a Deus. Deus quer que os homens O sirvam o tempo todo, mas às vezes Ele muda a maneira como a adoração deve ser praticada. No início, isso aconteceu no tabernáculo e, sob o comando de Davi, aconteceu no templo.

Deus também é livre para determinar o respectivo construtor. Embora Davi tenha sido favorecido aos olhos de Deus e desejasse construir uma habitação para Deus (Slm 132:5), ele não teve permissão para fazê-lo (2Sam 7:2-17). Deus designou Salomão para construir o templo (1Rei 6:1,14; 8:19,20), mas, por mais magnífico que fosse o templo, ele não era a verdadeira habitação de Deus.

Os ouvintes de Estêvão reivindicaram Deus para si mesmos, apontando o templo como a habitação de Deus. Para eles, o templo era a prova inabalável da presença de Deus. Quem quer que fosse ao templo, ia a Deus. Estêvão destrói essa ideia ao apontar que Deus não habita em um templo feito por mãos humanas. Ele reforça suas palavras citando o que o próprio Deus disse sobre isso pela boca do profeta Isaías (Isa 66:1,2; cf. 1Rei 8:27).

Atos 7:51-53 | A acusação de Estêvão

51 Homens de dura cerviz e incircuncisos de coração e ouvido, vós sempre resistis ao Espírito Santo; assim, vós sois como vossos pais. 52 A qual dos profetas não perseguiram vossos pais? Até mataram os que anteriormente anunciaram a vinda do Justo, do qual vós agora fostes traidores e homicidas; 53 vós que recebestes a lei por ordenação dos anjos e não a guardastes.

Nesse ponto de suas observações, Estêvão parece indicar ao Sinédrio que eles entendem que ele está falando deles. Em seu discurso, ele desviou as flechas que lhe foram apontadas na direção deles. Ele transformou todos os argumentos a favor de sua condenação na condenação deles. Agora eles são os réus.

Em vez de abaixar o tom e ceder sob o olhar ameaçador deles, Estêvão ergue a voz e os chama a atenção para a situação deles. Ele os chama de “de dura cerviz” porque eles não querem curvar o pescoço a Deus. Foi assim também que Deus falou a Moisés sobre seu povo (Êxo 33:5).

Ele também os chama de “incircuncisos de coração e de ouvidos”. Eles podem pertencer ao povo de Deus por meio de sua circuncisão exterior, mas interiormente são como os gentios incircuncisos, cujos corações não estão orientados para Deus e que não o ouvem (Jer 9:25; Rom 2:25). Ao se afastarem de Deus, eles resistiram à obra do Espírito Santo. Eles fizeram isso não apenas uma vez, mas constantemente (Isa 63:10; cf. Slm 106:33).

Até agora, Estêvão sempre falou de “nossos pais”, mas nesse ponto de seu discurso ele se distancia deles e fala de “vossos pais”. Seus pais e eles fizeram a mesma coisa ao resistir ao Espírito Santo. Eles fizeram isso de forma ainda mais óbvia do que seus pais, pois o Espírito havia chegado e estava claramente agindo em um homem como Estêvão (Atos 6:5,10).

Ele os repreende com uma pergunta retórica sobre qual dos profetas seus pais não haviam perseguido. Eles não podem citar uma exceção, porque todos os profetas enviados por Deus para apontar os pecados de seu povo e chamá-los à conversão foram rejeitados por eles (2Crô 36:16; Jer 2:30; Mat 23:31). Todos esses profetas também apontaram para a vinda do Justo, o Senhor Jesus. E o que eles, o Sinédrio, fizeram com Ele? Eles O traíram e O assassinaram.

Pedro também já havia feito essa acusação (Atos 3:14,15). Mas enquanto Pedro ainda leva em conta a “ignorância” deles como circunstância atenuante, Estêvão considera esse grupo de líderes religiosos completamente responsável por esse maior crime de todos os tempos. Eles rejeitaram todas as novas revelações de Deus, até o Filho de Deus.

As últimas palavras que Estêvão pode proferir dizem respeito à maneira como eles receberam a lei e ao fato de que não a cumpriram. Eles o acusaram de falar contra a lei (Atos 6:11,13), mas aqui ele dá à lei a mais alta honra e lhes diz como usar a lei corretamente. Ele reconhece a origem sublime da lei (Gal 3:19; Heb 2:2) e aplica sua autoridade completa aos membros do Sinédrio.

Atos 7:54-60 | Estêvão é apedrejado

54 E, ouvindo eles isto, enfureciam-se em seu coração e rangiam os dentes contra ele. 55 Mas ele, estando cheio do Espírito Santo e fixando os olhos no céu, viu a glória de Deus e Jesus, que estava à direita de Deus, 56 e disse: Eis que vejo os céus abertos e o Filho do Homem, que está em pé à mão direita de Deus. 57 Mas eles gritaram com grande voz, taparam os ouvidos e arremeteram unânimes contra ele. 58 E, expulsando-o da cidade, o apedrejavam. E as testemunhas depuseram as suas vestes aos pés de um jovem chamado Saulo. 59 E apedrejaram a Estêvão, que em invocação dizia: Senhor Jesus, recebe o meu

espírito. 60 E, pondo-se de joelhos, clamou com grande voz: Senhor, não lhes imputes este pecado. E, tendo dito isto, adormeceu.

Quando ele diz que eles são transgressores da lei, eles já estão fartos. Toda a sua raiva reprimida é liberada. Eles não podem responder nada a Estêvão. Sua evidência da culpa deles é irrefutável. Em vez de suas palavras tocarem o coração deles e perguntarem o que deveriam fazer (cf. Atos 2:37), quanto mais o discurso continua, mais ele se torna um tormento para eles, uma tortura para seu espírito. Eles rangem os dentes contra ele. Isso mostra o tormento deles, que é característico do inferno ao qual estão associados (Luc 13:28; Slm 35:16).

À medida que a raiva deles aumenta no decorrer do discurso de Estêvão, o que pode ser visto em seus rostos, Estêvão reflete cada vez mais a glória do céu. Eles estão cheios de raiva, ele está cheio do Espírito Santo. Em sua fúria, eles veem diante de si um homem que querem matar. Ele não vê a multidão enfurecida, mas está completamente dominado pelo Espírito Santo e pelo que vê no céu: a glória de Deus e Jesus à direita de Deus.

A glória de Deus havia saído do templo (Eze 10:18; 11:23) e retornado ao céu. Essa glória havia reaparecido na Terra em Cristo, mas foi rejeitada novamente e voltou para o céu. Agora Estêvão vê essa glória, o que significa que a glória é visível para os cristãos que possuem o Espírito de Deus.

Depois de seu julgamento afiado, ele agora fala sobre o céu, que ele vê aberto e onde ele vê o Senhor Jesus à direita de Deus como o Filho do Homem. Assim como a visão da glória de Deus, a visão do céu aberto também é uma marca registrada do cristianismo. No judaísmo, o acesso a Deus era fechado porque Ele estava oculto por trás do véu.

Depois que o sínédrio ouviu tudo isso, eles explodiram. Eles começam a gritar de tal forma que mal conseguem ouvir o que Estêvão poderia ter dito. E, no entanto, se uma palavra desse – aos olhos deles – terrível ofensor tivesse chegado aos seus ouvidos por meio da gritaria, eles não teriam sido capazes de ouvi-la porque haviam tapado os ouvidos (Slm 58:4-5).

Eles não conseguem suportar o que Estêvão diz. Ele não dá testemunho da glória de Deus (o que seria normal no céu), mas do Filho do Homem em glória. Está completamente claro para eles o que ele está dizendo. Ele diz

nada mais nada menos que que vê o Messias que eles rejeitaram e que ele é o Filho de Deus (Dan 7:13).

Mas Estêvão diz algo mais. Ele também diz que vê que o Filho do Homem “está de pé”. Isso mostra que a rejeição do Senhor Jesus ainda não está completa e que Ele está, por assim dizer, pronto para voltar se o povo ainda se converter. No entanto, isso não acontece. Pelo contrário. Ao apedrejar Estêvão, eles enviam um enviado atrás do Senhor Jesus. Ao fazer isso, eles deixam claro que não O querem como Rei (Luc 19:14).

Com a morte de Estêvão, eles também rejeitam o testemunho do Espírito Santo. Enquanto o Senhor foi submetido a um julgamento simulado, Estêvão é levado para fora da cidade e apedrejado até a morte sem qualquer forma de julgamento. Assim, ele sofre o destino de um blasfemador (Lev 24:16). As falsas testemunhas realizam o apedrejamento (Atos 6:13).

Eles colocaram suas roupas aos pés de um jovem chamado Saulo para que não fossem impedidos de atirar pedras. Mais tarde, Saulo, então como Paulo, mencionará seu envolvimento e esse cuidado com as roupas dos atiradores de pedras como algo muito lamentável (Atos 22:20). Aqui ele é mencionado pela primeira vez. Ele estava totalmente de acordo com o apedrejamento desse “blasfemador”.

Enquanto Estêvão está sendo apedrejado, ele clama ao Senhor para que receba seu espírito. O céu não só tinha que receber o Senhor Jesus até os tempos da restauração (Atos 3:20,21), mas também as almas dos Seus que acreditam Nele. Por meio da visão do Cristo glorificado no céu, Estêvão, assim como qualquer outro crente, é transformado e se torna semelhante a Ele. Isso pode ser visto em suas últimas palavras.

Suas últimas palavras não são mais dirigidas ao povo – ele não tinha mais nada a dizer para eles – mas ao seu Senhor. Enquanto as pedras caíam sobre ele, ele se ajoelha em silêncio e depois pede perdão aos seus assassinos em voz alta para que todos possam ouvir (cf. Luc 23:34).

O fato de ele ver o Senhor Jesus lhe dá essa calma nessas circunstâncias. Também vemos essa paz na maneira como a morte de Estêvão é descrita: ele adormeceu. O adormecimento se refere ao corpo, não à alma ou ao espírito. Estêvão é tirado no auge da maturidade dessa vida que foi um testemunho.

Jim Elliot, que foi morto aos 28 anos de idade pelas lanças dos índios Auca, a quem ele queria pregar o evangelho, escreveu: “Não busco uma vida longa, mas uma vida plena”. E: “Deus quer povoar a eternidade, e eu não quero limitá-Lo a pessoas idosas”.

Atos 8

Atos 8:1-4 | Perseguição – Sepultando Estêvão

1 E também Saulo consentiu na morte dele. E fez-se, naquele dia, uma grande perseguição contra a igreja que estava em Jerusalém; e todos foram dispersos pelas terras da Judéia e da Samaria, exceto os apóstolos. 2 E uns varões piedosos foram enterrar Estêvão e fizeram sobre ele grande pranto. 3 E Saulo assolava a igreja, entrando pelas casas; e, arrastando homens e mulheres, os encerrava na prisão. 4 Mas os que andavam dispersos iam por toda parte anunciando a palavra.

Quando Estêvão foi apedrejado até a morte, Saulo participou guardando as roupas (Atos 7:58). Lucas agora menciona que ele concordou com o apedrejamento. Imediatamente depois, Lucas menciona a primeira grande perseguição à igreja. A barragem se rompe com a morte de Estêvão. O espírito de ódio dos líderes religiosos se apodera totalmente deles e atinge sua plenitude.

Com a morte de Estêvão, o ano extra de graça que Deus havia concedido a Israel para que produzisse frutos para Ele também chega ao fim (Luc 13:6-9). Depois que Estêvão é rejeitado e, com ele, a segunda oferta de graça, a salvação se estende às nações. Para esse fim, Deus usará o homem que ainda está ocupado em se tornar o maior perseguidor dos cristãos.

Mas primeiro o evangelho chega às regiões da Judéia e Samaria. É lá que a igreja está espalhada. Essas são as regiões nomeadas pelo Senhor Jesus quando ele comissionou seus discípulos a pregar o evangelho ali (Atos 1:8). Eles ainda não haviam cumprido essa missão. O Senhor usa a perseguição para que isso aconteça (verso 4). Como resultado, eles são enviados para a colheita, por assim dizer (Luc 10:2). Os apóstolos permaneceram em Jerusalém. Será que, com isso, eles estavam desobedecendo à sua comissão? É possível que tenha sido muito corajoso permanecer em Jerusalém nesse momento específico e que Deus quisesse que fosse assim.

Depois que o Sinédrio esfriou sua raiva ao apedrejar Estêvão, esse primeiro mártir da fé é sepultado por homens tementes a Deus. O grande

lamento que eles fazem é apropriado. Eles estavam tristes, mas não como os incrédulos que não têm esperança (1Tes 4:13,14).

Lucas, então, volta nossa atenção para Saulo. Ele viu com alegria que Estêvão havia sido morto. Esse acontecimento desencadeou nele os sentimentos ocultos de ódio que o levaram a perseguir a igreja (cf. Slm 83:5). Ele foi muito preciso em sua abordagem. Ele entrou em todas as casas onde suspeitava que os cristãos estivessem vivendo ou se reunindo (Atos 2:46; 5:42).

Se os encontrava, amarrava-os e os entregava à prisão (Atos 22:4), onde tentava forçá-los a blasfemar sob tortura (Atos 26:9-11). Ele não faz distinção entre homens e mulheres. As pessoas que são movidas pelo ódio não prestam atenção às diferenças de resistência. As pessoas mais fracas, em particular, são um alvo bem-vindo para eles.

Todo o ódio que é liberado leva ao cumprimento da vontade de Deus, porque o evangelho chega a muitos lugares como resultado da dispersão que ocorre. A perseguição é como um vento desagradável que leva a semente para outros lugares, com a consequência benéfica de que ela brota lá. O ódio que os afugentou não os amedrontou, mas, pelo contrário, tornou-os testemunhas corajosas.

A proclamação da palavra aconteceu por meio de cada um dos crentes dispersos. A proclamação do evangelho aqui, portanto, claramente não depende de um dom, mas de um coração cheio do Senhor. O que o inimigo pretendia erradicar, Deus usa para divulgar sua obra.

Aqui encontramos uma bela aplicação do enigma de Sansão: “Do devorador saiu comida, e do homem forte saiu doçura” (Jui 14:14). O devorador e o homem forte são o inimigo que anda em derredor como leão que ruge, procurando a quem possa tragar (1Ped 5:8). Mas, em vez de os crentes serem devorados, uma nova vida é criada como resultado da fé no evangelho pregado. Temos um belo exemplo disso na região de Samaria, que Lucas relata na próxima seção.

Atos 8:5-8 | Filipe em Samaria

5 E, descendo Filipe à cidade de Samaria, lhes pregava a Cristo. 6 E as multidões unanimemente prestavam atenção ao que Filipe dizia, porque ouviam e viam

os sinais que ele fazia, 7 pois que os espíritos imundos saíam de muitos que os tinham, clamando em alta voz; e muitos paralíticos e coxos eram curados. 8 E havia grande alegria naquela cidade.

Já conhecemos Filipe antes: Ele era um dos sete diáconos (Atos 6:5). Ele se dedicou fielmente à sua tarefa como diácono e, assim, adquiriu muita ousadia na fé (1Tim 3:13). Como resultado, ele agora era ativo como evangelista (Atos 21:8). Ele pregou em Samaria.

Os habitantes de Samaria, os samaritanos, são uma mistura de judeus e gentios que vivem em Israel desde o êxodo assírio das 10 tribos (2Rei 17:24-41). Inicialmente, eles eram adoradores de ídolos, mas depois também começaram a adorar o SENHOR. No entanto, eles só aderiram aos cinco livros de Moisés. Por causa dessa mistura, os verdadeiros judeus os desprezavam. Eles tinham o Monte Gerizim como local de adoração, em contraste com os judeus, que tinham Jerusalém como local de adoração (Joã 4:20). Por meio da proclamação de Cristo, a nova forma de adoração também chega a eles, desvinculada de Jerusalém e do Monte Gerizim (Joã 4:21-24).

Filipe não pregou uma doutrina, mas uma pessoa: Cristo. Mais adiante no capítulo, vemos que ele pregou Jesus ao eunuco porque deu continuidade ao que o eunuco havia lido. Ele leu Isaías 53, no qual o Senhor Jesus é descrito em sua humilhação (verso 35). Ao pregar Cristo em Samaria, Filipe se vinculou à ressurreição e à glorificação do Senhor (Atos 2:36).

A pregação de Filipe foi muito bem-sucedida. Uma das razões para isso é que o próprio Senhor já havia trabalhado em Samaria e que muitos O conheciam lá e também se tornaram testemunhas (Joã 4:39). A semente já havia sido lançada ali e agora podia ser colhida (Joã 4:35-38). A semente do sermão caiu em terreno preparado. Havia também fé na vinda do Messias (Joã 4:25). Filipe foi capaz de pregá-Lo como Aquele que já havia chegado.

Seu sermão gerou unidade entre a multidão. A obediência à palavra de Deus gera unidade. Eles não apenas ouviram o sermão, que é a primeira coisa mencionada, mas também viram os sinais que ele fez. A propósito, vemos que, no livro de Atos, os sinais e as maravilhas são realizados apenas por Estêvão (Atos 6:8) e Filipe (aqui), além dos apóstolos. Os sinais que

Filipe realizou consistem na libertação milagrosa de pessoas do cativo espiritual e físico.

Eles não são chamados de milagres, mas de sinais, porque todas essas curas são referências ao Senhor glorificado, que assim enfatizou e confirmou a palavra pregada (Mar 16:20). O Cristo que Filipe pregou provou seu poder libertador e restaurador por meio desses milagres. Todos esses milagres são sinais do poder de libertação e restauração. Eles foram uma antecipação dos milagres da era vindoura (Heb 6:5). O fato de os espíritos imundos saírem gritando em voz alta prova que eles estavam completamente relutantes em deixar suas vítimas, mas tiveram de fazê-lo por meio do poder maior do Senhor Jesus.

A libertação do poder do pecado por meio da obra de Cristo, acompanhada da libertação benéfica das consequências do pecado, traz grande alegria. O efeito da pregação de Filipe ao eunuco também é a alegria (verso 39). A alegria é inseparável do evangelho. O anjo que anunciou o nascimento do Senhor Jesus falou em conexão com a vinda do Senhor Jesus de “grande alegria que haverá para todo o povo” (Luc 2:10). Onde quer que o Senhor Jesus seja recebido, a tristeza pelos pecados é seguida pela alegria do perdão (1Tes 1:6). A alegria pertence ao reino de Deus (Rom 14:17) e faz parte do fruto do Espírito (Gal 5:22).

Atos 8:9-13 | Simão, o mágico

9 E estava ali um certo homem chamado Simão, que anteriormente exercera naquela cidade a arte mágica e tinha iludido a gente de Samaria, dizendo que era uma grande personagem; 10 ao qual todos atendiam, desde o mais pequeno até ao maior, dizendo: Este é a grande virtude de Deus. 11 E atendiam-no a ele, porque já desde muito tempo os havia iludido com artes mágicas. 12 Mas, como cressem em Filipe, que lhes pregava acerca do Reino de Deus e do nome de Jesus Cristo, se batizavam, tanto homens como mulheres. 13 E creu até o próprio Simão; e, sendo batizado, ficou, de contínuo, com Filipe e, vendo os sinais e as grandes maravilhas que se faziam, estava atônito.

Antes de Filipe chegar a Samaria, havia um homem que trabalhava lá e deixava as pessoas em êxtase. Ele usava magia para fazer isso. Ele não se mostrava modesto, mas fingia ser “alguém grande”, era um fanfarrão. (Re-

lendo este comentário, encontrei um cartão em minha caixa de correio que mostra que pessoas como Simão ainda estão vivas e atuantes. O cartão diz: “Sou um grande médium africano e sou clarividente... ofereço a solução para todos os seus problemas... e proteção contra más influências... ajudo você... trago sucesso”. Esse servo do demônio não sofre de complexo de inferioridade).

Com suas habilidades mágicas, Simão concentrou a atenção em si mesmo, e com sucesso. Ele conseguiu fazer com que todos o notassem. Ele exerceu uma grande atração sobre todos; atraiu jovens e idosos. Todos ficavam impressionados com ele e lhe atribuíam poder divino. Suas feitiçarias eram milagres de falsidade (2Tes 2:9). Não se tratava de uma moda passageira. Ele não era uma estrela que apareceu e desapareceu de repente. Pelo contrário. Ele deixou o povo fora de si por um “longo tempo”. Mas o que o diabo tem a oferecer dura apenas um tempo limitado e nunca satisfaz plenamente.

O evangelho, por outro lado, tem consequências duradouras. As pessoas que ouvem Filipe com atenção e prestam atenção à sua pregação descobrem isso. Quando não sabiam o que fazer, estavam sob o feitiço da magia de Simão. Mas quando viram os milagres de Filipe, perceberam claramente a diferença entre a imitação e a realidade e que a realidade e a imitação não têm nada a ver uma com a outra. “Que tem a palha em comum com o grão?” (Jer 23:28). Simão pregava a si mesmo, Filipe pregava o reino de Deus e o nome de Jesus Cristo.

O reino de Deus é o reino no qual o senhorio do Senhor Jesus é reconhecido. É por meio da fé no nome do Senhor Jesus que a pessoa entra nesse reino. Por isso o batismo é imediatamente seguido como prova externa de que alguém deseja pertencer ao Senhor e segui-Lo. O batismo é realizado tanto em homens quanto em mulheres. No Antigo Testamento, somente os homens eram circuncidados. No Novo Testamento, não há mais diferença entre homens e mulheres com relação à salvação e a seguir Cristo diante de Deus (Gal 3:27,28).

Entretanto, não há menção aqui do recebimento do Espírito Santo, conforme relatado no capítulo 2 (Atos 2:38). Os samaritanos só receberam o Espírito Santo depois que Pedro e João vieram de Jerusalém e se tornaram

um com eles por meio da imposição de mãos. Deus deliberadamente faz isso dessa maneira. Havia uma rivalidade religiosa entre Jerusalém e Samaria, que não foi alimentada por isso para fazer uma obra destrutiva.

Simão também creu e foi batizado. Ele não via Filipe como um rival, mas como alguém que era superior a ele em força. Simão permaneceu constantemente perto de Filipe, como se tivesse depositado sua esperança nele. Foi diferente com o eunuco (verso 39). A fé de Simão é do tipo mencionado em João 2 (Joã 2:23). Filipe se deixa enganar por Simão e o batiza (ou faz com que ele seja batizado).

O que realmente levou Simão a fazer isso foram os sinais e os grandes milagres realizados por Filipe. Ainda hoje, há muitas pessoas que são atraídas para a fé cristã por causa de coisas sensacionais, como curas e as chamadas profecias, que elas experimentam em certas ocasiões.

Atos 8:14-17 | Pedro e João em Samaria

14 Os apóstolos, pois, que estavam em Jerusalém, ouvindo que Samaria recebera a palavra de Deus, enviaram para lá Pedro e João, 15 os quais, tendo descido, oraram por eles para que recebessem o Espírito Santo. 16 (Porque sobre nenhum deles tinha ainda descido, mas somente eram batizados em nome do Senhor Jesus.) 17 Então, lhes impuseram as mãos, e receberam o Espírito Santo.

Os apóstolos em Jerusalém ouvem que Samaria recebeu a palavra de Deus. Isso não os deixa invejosos, mas os leva a enviar Pedro e João para fazer contato com Samaria. Uma vez lá, eles não repreendem os crentes por não entrarem em contato com eles ou com a igreja em Jerusalém, mas reconhecem que Deus está agindo aqui. Portanto, Pedro usará as chaves pela segunda vez para abrir o reino dos céus (Mat 16:19), dessa vez para os samaritanos. O reino dos céus não é o reino celestial, mas um reino governado por um rei que governa de acordo com os princípios celestiais. No capítulo 2, Pedro abriu o reino para os judeus. Mais tarde, ele usará as chaves mais uma vez para os gentios (Atos 10:48).

Ao reconhecer essa obra de Deus em Samaria, a conexão prática entre Samaria e Jerusalém também é reconhecida. As igrejas locais não estão separadas umas das outras, mas pertencem umas às outras, incidentalmente

sem que haja qualquer comunicação oficial a outras igrejas ou que isso implique o registro em uma lista de “igrejas reconhecidas”. Não há mais inimizade ou competição aqui (João 4:9). Pedro e João descem de Jerusalém; isso é mais do que apenas uma referência geográfica. A aplicação espiritual é certamente permitida, pois os apóstolos não dão sua aprovação de uma posição exaltada, mas se unem a eles.

Eles demonstram sua dependência de Deus ao orar e pedir que Ele dê o Espírito Santo aos samaritanos que haviam chegado à fé. O Espírito Santo ainda não tinha vindo sobre eles porque era uma comunidade que, de certa forma, estava ligada ao judaísmo. Eles precisavam primeiro ser totalmente reconhecidos pelos judeus convertidos para que a unidade pudesse ser preservada. Portanto, o recebimento do Espírito Santo é precedido pelo batismo e pela imposição das mãos dos apóstolos.

Não há menção da imposição de mãos para os judeus convertidos. Entretanto, eles são batizados primeiro e só depois recebem o Espírito Santo (Atos 2:38). Na conversão dos gentios, vemos que o Espírito Santo é recebido com base na fé e que o batismo ocorre depois (Atos 10:44; Efé 1:13). Essa ainda é a ordem atual.

Em Samaria, a imposição de mãos pelos apóstolos Pedro e João sela a conexão entre os crentes em Jerusalém e Samaria e os samaritanos que chegaram à fé recebem o Espírito Santo. Isso evita a ideia de duas congregações separadas, uma judaica e outra samaritana. A imposição de mãos mostra unidade e reconhecimento. Isso era muito importante porque não havia nenhuma conexão prática entre judeus e samaritanos, mas ódio mútuo. Não encontramos aqui nenhuma menção de fenômenos de acompanhamento externamente perceptíveis, como ocorreu no derramamento do Espírito Santo no Pentecostes.

Atos 8:18-25 | Pedro reconhece Simão

18 E Simão, vendo que pela imposição das mãos dos apóstolos era dado o Espírito Santo, lhes ofereceu dinheiro, 19 dizendo: Dai-me também a mim esse poder, para que aquele sobre quem eu puser as mãos receba o Espírito Santo. 20 Mas disse-lhe Pedro: O teu dinheiro seja contigo para perdição, pois cuidaste que o dom de Deus se alcança por dinheiro. 21 Tu não tens parte nem sorte

nesta palavra, porque o teu coração não é reto diante de Deus. 22 Arrepende-te, pois, dessa tua iniquidade e ora a Deus, para que, porventura, te seja perdoado o pensamento do teu coração; 23 pois vejo que estás em fel de amargura e em laço de iniquidade. 24 Respondendo, porém, Simão disse: Orai vós por mim ao Senhor, para que nada do que dissestes venha sobre mim. 25 Tendo eles, pois, testificado e falado a palavra do Senhor, voltaram para Jerusalém e, em muitas aldeias dos samaritanos, anunciaram o evangelho.

O único sinal externo é a imposição de mãos pelos apóstolos. Simão percebeu isso. Ele entendeu que era algo que ele não podia fazer, mas que queria fazer por causa de sua disposição espiritual. Ele estava disposto a pagar algo por isso e ofereceu dinheiro a Pedro e João para que lhe dessem esse poder.

É daí que vem o termo “simonia”. Significa que alguém busca uma vantagem financeira em questões espirituais ou compra ministérios. Essas pessoas acreditam que a piedade é um meio de ganho (1Tim 6:5). Isso inclui todas as formas de comércio de coisas espirituais. Essa é a terceira vez que o mal aparece na igreja, e todas as vezes ele tem a ver com dinheiro.

Simão não tinha nenhuma participação na nova vida interior. Isso é demonstrado pelas palavras de Pedro a Simão. Para ele, parecia ótimo poder impor as mãos sobre as pessoas e, assim, transmitir-lhes o Espírito Santo. Isso lhe devolveria seu poder sobre as pessoas. O que Filipe não reconheceu, Pedro denunciou nos termos mais fortes. Simão é um homem depravado.

Qualquer pessoa que acredite que os dons espirituais ou até mesmo o Espírito Santo de Deus podem ser obtidos por meio do dinheiro torna a obra de Cristo sem valor. Essa é a maior desonra que pode ser feita a Deus e a Cristo, e nada mais é do que a obra de Satanás. O julgamento severo de Pedro é a única reação correta. Simão era um seguidor externo, mas em seu coração ele estava decidido a outras coisas. Ele ainda estava preocupado consigo mesmo.

Pedro conclui, a partir da questão de Simão, que o coração dele não é sincero diante de Deus. Após Pedro ter pronunciado seu julgamento, ele indica a Simão o caminho da salvação. Isso exige que ele se arrependa de sua maldade. Ele deve condenar radicalmente o desejo maligno de poder e prestígio

diante de Deus e dar as costas a ele. Ao mesmo tempo, ele deve pedir perdão ao Senhor por essa ofensa em seu coração. Aqui vemos que não apenas as ações são julgadas, mas também os motivos do coração. Isso se refere à ponderação de seu coração e ao desejo pelo mal, mesmo antes de ele ter acontecido de fato. Ainda havia esperança para Simão se ele se convertesse.

Por meio do Espírito Santo, Pedro reconhece o espírito que motiva Simão (1Cor 12:10) e vê em que ele está preso. Ele está em “fel de amargura” porque perdeu sua influência sobre os samaritanos que acreditavam no evangelho. Ele também está em “laços de injustiça” porque não está buscando o direito de Deus, mas o seu próprio direito.

Simão está mais chocado com o que Pedro disse – ou seja, com as consequências do mal – do que com seu ato em si. Não parece realmente arrependimento, ainda mais porque ele está procurando um mediador humano. Em vez de orar por si mesmo, ele pede a Pedro que ore ao Senhor em seu nome para salvá-lo das terríveis consequências que Pedro lhe anunciou.

Isso é comparável ao arrependimento de Faraó, que pediu a Moisés que orasse por ele para que as pragas parassem, mas que depois endureceu seu coração novamente (Êxo 8:8,15). Também não havia nele nenhum traço de arrependimento genuíno, mas apenas o desejo de ser libertado das pragas. Não lemos nada sobre a resposta de Pedro ao pedido de Simão.

Pedro e João não parecem ter ficado com Filipe por muito tempo. No entanto, eles testemunharam e falaram a palavra do Senhor antes de retornarem a Jerusalém. Eles encontraram ouvidos abertos para a palavra do Senhor em toda a região de Samaria. Quando o Senhor Jesus quis visitar uma aldeia samaritana, eles não quiseram recebê-Lo (Luc 9:52-53). Pedro e João estavam lá na ocasião, e João era um dos discípulos que queria fazer descer fogo do céu para consumi-los por causa da recusa deles (Luc 9:54). Felizmente, o Senhor proibiu isso. João voltou para cá apesar de seu desejo na época. Agora, junto com Pedro, ele tem permissão para pregar o evangelho em muitas aldeias samaritanas no caminho de volta a Jerusalém.

Atos 8:26-29 | Uma nova missão para Filipe

26 E o anjo do Senhor falou a Filipe, dizendo: Levanta-te e vai para a banda do Sul, ao caminho que desce de Jerusalém para Gaza, que está deserto. 27 E

levantou-se e foi. E eis que um homem etíope, eunuco, mordomo-mor de Candace, rainha dos etíopes, o qual era superintendente de todos os seus tesouros e tinha ido a Jerusalém para adoração, 28 regressava e, assentado no seu carro, lia o profeta Isaías. 29 E disse o Espírito a Filipe: Chega-te e ajunta-te a esse carro.

Na seção que se segue (Atos 8:26-10:48), Lucas descreve a história da conversão de três pessoas: o eunuco (Atos 8), Saulo (Atos 9) e Cornélio (Atos 10). Todos eles são descendentes dos três filhos de Noé: Sem, Cam e Jafé (Gên 9:18), que povoaram o mundo inteiro (Gên 9:19; 10:1,32). O eunuco, o etíope, era descendente de Cam (etíope ou Cush (= negro), Gên 10:6). Saul, o judeu, descendia de Sem e Cornélio, o romano, de Jafé. Os filhos de Cam povoam a África, os semitas a Ásia e os jaféticos a Europa. Esses três continentes se encontram em Jerusalém. Portanto, Jerusalém também é o lugar estrategicamente mais favorável para que o Evangelho seja levado ao mundo. O eunuco, Saulo e Cornélio juntos representam toda a raça humana.

Todos os três eram pessoas moralmente corretas e, mesmo assim, tiveram que se converter. Socialmente, eles estavam entre as pessoas mais difíceis de serem alcançadas pelo evangelho. O eunuco era um político, Saulo um teólogo e Cornélio um soldado. Dois deles já estavam pedindo pelo evangelho. Tanto o eunuco quanto Cornélio eram buscadores. Deus já estava trabalhando neles. Com Saulo, foi completamente diferente. Esse homem não estava buscando a paz, mas as vítimas a quem ele invejava essa paz.

O Senhor tem um mensageiro especial para cada um deles. Para o eunuco é Filipe, para Saulo é Ananias e para Cornélio é Pedro. A maneira como o Senhor se dirige a eles também é diferente. O eunuco é alcançado com a palavra, Saulo pelo próprio Senhor e Cornélio por um anjo em uma visão. As circunstâncias em que eles se encontravam quando se converteram também são diferentes. O eunuco estava a caminho de casa, Saulo estava voltando de casa e Cornélio estava em casa.

Filipe teve de deixar uma área de trabalho onde havia muito trabalho, para servir a uma única pessoa. O Senhor fez o mesmo: teve de passar por Samaria para levar o evangelho a uma única mulher no poço de Jacó (Joã

4:4,7,8). Filipe é necessário para que o evangelho possa chegar às nações. Deus usa um anjo para mostrar o caminho a Filipe. Mas Filipe deve proclamar o evangelho ele mesmo. Ele recebeu instruções precisas sobre o local para onde deveria ir, mas não sabia de antemão o que deveria fazer lá.

Havia duas estradas que desciam de Jerusalém para Gaza. Ele deveria pegar a estrada árida. Um evangelista jamais escolheria a estrada árida. Filipe, porém, não faz perguntas, mas vai. Deus teve de se esforçar ainda mais para enviar Ananias a Saulo e Pedro a Cornélio. O medo de Ananias levou a uma objeção e os preconceitos judaicos de Pedro o impediram de obedecer imediatamente. O Senhor removeu os dois obstáculos, de modo que ambos acabaram partindo.

Em Filipe, vemos um exemplo de obediência imediata e incondicional com simplicidade de coração. Ele não pensa na diferença entre Samaria, onde foi notado e amado, e a estrada para Gaza, que é desolada. Ele confia em seu Mestre, que quer usá-lo em vista de um eunuco que estava em Jerusalém para adorar e agora está voltando para seu país.

A palavra eunuco significa literalmente eunuco ou castrado, ou seja, alguém que foi castrado. Além do fato de ser um estrangeiro, ele nunca poderia ter sido adicionado ao povo de Deus, mesmo como eunuco (Deu 23:2). No entanto, ele viajou cerca de dois mil quilômetros até Jerusalém. Pois havia salvação até para o estrangeiro e o emasculado (Isa 56:3). Sua conversão e fé no Senhor Jesus são, portanto, um pré-cumprimento do que vemos no Salmo 68 (Slm 68:31). Desde então, muitos etíopes estenderam suas mãos a Deus.

Deus usa sua palavra e seu servo Filipe para guiar o eunuco no caminho da salvação. O que o eunuco havia buscado em Jerusalém, cumprindo os deveres e as cerimônias da lei, ele não encontrou lá. Ele estava em Jerusalém para adorar o Deus verdadeiro, mas tudo o que encontrou lá foi um formalismo frio. Apesar de seu coração em busca, o Senhor não permitiu que algum dos apóstolos cruzasse seu caminho. O eunuco não encontrou paz em Jerusalém, mas levou algo mais com ele de Jerusalém, ou seja, uma porção da Palavra de Deus. Ele se sentou em sua carruagem e a leu. Com isso, ele tem consigo um tesouro maior do que todos os tesouros que administrou para a rainha.

Agora o encontro entre Filipe e o eunuco está sendo preparado pelo Espírito. Ele diz a Filipe que ele deve ir em direção a “esta” carruagem, a carruagem do eunuco, e ficar por perto. Agora se trata da pregação do evangelho, e não é um anjo que vem a Filipe (verso 26), mas é o Espírito que guia Filipe. O Espírito deixa claro exatamente para onde ele deve ir e o que deve fazer.

Mais tarde, Ananias (em relação a Saulo) e Pedro (em relação a Cornélio) também receberam instruções precisas para procurá-los e levar-lhes a mensagem de Deus (Atos 9:11; 10:19,20). Dessa forma, o Senhor também quer deixar sua vontade clara para nós quanto ao lugar para onde devemos ir, o que devemos fazer e o que devemos dizer.

Atos 8:30-35 | Filipe prega Jesus ao eunuco

30 E, correndo Filipe, ouviu que lia o profeta Isaías e disse: Entendes tu o que lês? 31 E ele disse: Como poderei entender, se alguém me não ensinar? E rogou a Filipe que subisse e com ele se assentasse. 32 E o lugar da Escritura que lia era este: Foi levado como a ovelha para o matadouro; e, como está mudo o cordeiro diante do que o tosquia, assim não abriu a sua boca. 33 Na sua humilhação, foi tirado o seu julgamento; e quem contará a sua geração? Porque a sua vida é tirada da terra. 34 E, respondendo o eunuco a Filipe, disse: Rogo-te, de quem diz isto o profeta? De si mesmo ou de algum outro? 35 Então, Filipe, abrindo a boca e começando nesta Escritura, lhe anunciou a Jesus.

Agora que Filipe sabe o lugar aonde deve ir, não ouvimos o Espírito dar mais nenhuma instrução. Não lhe é dito quando ele deve se aproximar do eunuco ou o que ele deve dizer ao eunuco. Isso não é difícil para um evangelista como Filipe. Ele sabe que é guiado pelo Espírito e logo encontra uma ocasião para conversar. Todo o seu comportamento contém muitas instruções para qualquer pessoa que queira compartilhar o evangelho com as pessoas.

Seguindo as instruções do Espírito, vemos que Filipe corre rapidamente para lá. Mais tarde, Ananias reluta muito em procurar Saulo (Atos 9:10-17), e Pedro até mesmo se recusa resolutamente a procurar um gentio no início (Atos 10:14). Mas Filipe anseia por pregar o evangelho a esse homem. O amor de Cristo o compele (2Cor 5:14). Ele adota uma abordagem pondera-

da para o assunto. Primeiro, ele verifica com o que a pessoa está ocupada, pois a ouve lendo o profeta Isaías. Portanto, o eunuco estava lendo em voz alta, o que era costume na época.

Filipe conhece sua Bíblia; ele percebe que o eunuco está lendo o profeta Isaías.

Ele inicia a conversa com a pergunta amigável: “Você entende o que está lendo?” Sua pergunta mostra seu interesse nas perguntas que o eunuco possa ter. Conhecemos as perguntas que movem as pessoas? Podemos sentir empatia por elas? A resposta do eunuco mostra um coração humilde que está esperando que alguém o ajude.

Ele convida Filipe a se sentar ao seu lado. Aqui temos uma pista importante sobre como podemos passar a palavra adiante. Não se fala aqui de diferenças raciais, mas de ocupar um lugar no nível do outro. Assim como Filipe se sentou ao lado do eunuco, nós também devemos nos sentar ao lado das pessoas. A proclamação do evangelho não deve ser feita de cima para baixo. Se percebermos que somos, por natureza, iguais àqueles a quem proclamamos o evangelho, nos sentaremos ao lado deles.

Lucas cita a escritura que o eunuco leu. É significativo o fato de que, no exato momento em que o eunuco leu essa passagem, o Espírito levou Filipe a se aproximar da carruagem. O eunuco encontra Filipe no momento certo. Esse momento vem do Senhor, pois essa passagem das Escrituras fala especialmente do Senhor Jesus.

A escritura é a seguinte: “Foi conduzido como ovelha ao matadouro e, como o cordeiro mudo perante o tosquiador, assim ele não abre a boca. Na sua humilhação foi-lhe tirado o juízo; mas quem descreverá a sua geração? Porque a sua vida foi tirada da terra” (Isa 53:7,8, citado da Septuaginta, a tradução grega do Antigo Testamento). Esses versículos descrevem o sofrimento, a morte e o sepultamento do Senhor Jesus e as consequências correspondentes.

Ele era como uma ovelha conduzida ao matadouro, mas não abriu a boca, curvou-se e sofreu voluntariamente. O profeta Jeremias também se compara a um cordeiro, mas não manteve a boca fechada e clamou por vingança (Jer 11:19,20; 12:1-4). Para o Senhor Jesus, o caminho para o abate foi muitas vezes pior. Ele tinha plena consciência de onde estava indo, mas

não abriu a boca. Isso enfatiza a rendição voluntária de Cristo. A tosquia significa que tudo o que é importante para um homem é retirado. No entanto, Ele não protestou contra o tratamento desumano a que estava sendo submetido.

Tudo expressa Sua devoção voluntária de uma forma única. Ninguém pode ser comparado a Ele. Ele foi tratado de forma degradante e Seu julgamento foi retirado, o que indica que Ele nem mesmo recebeu uma condenação justa, pois Sua sentença foi fixada de antemão: Ele tinha que morrer.

Mas quem pensa em “ Sua geração” para dizer algo sobre isso? Ele foi considerado tão sem valor que é impossível imaginar algo além disso. Mas qualquer um que preste atenção a Ele, sendo ensinado como o eunuco, descobre quem é Sua geração. “Sua geração” pode se referir às consequências de Sua morte, por meio da qual foi produzida uma grande descendência espiritual. “Sua geração” também pode se referir à Sua origem, por meio da qual podemos pensar em Sua existência como o Filho eterno e em Sua humilde descendência como um ser humano da família de carpinteiros de José. Mas nenhum de Seus contemporâneos pensa nisso. Para eles, Ele foi tirado da Terra e Sua vida acabou: Ele não existe mais.

A mensagem desses versículos não é fácil, mas o eunuco refletiu sobre o que leu. Ele entende que se trata de uma pessoa. Sua pergunta é um bom ponto de partida para Filipe pregar Jesus a ele. Ele havia pregado Cristo em Samaria (verso 5). Os samaritanos deveriam saber que Cristo havia chegado. O eunuco deveria saber que Jesus era o Messias.

Atos 8:36-39 | Filipe batiza o eunuco

36 E, indo eles caminhando, chegaram ao pé de alguma água, e disse o eunuco: Eis aqui água; que impede que eu seja batizado? 37 E disse Filipe: É lícito, se crês de todo o coração. E, respondendo ele, disse: Creio que Jesus Cristo é o Filho de Deus. 38 E mandou parar o carro, e desceram ambos à água, tanto Filipe como o eunuco, e o batizou. 39 E, quando saíram da água, o Espírito do Senhor arrebatou a Filipe, e não o viu mais o eunuco; e, jubiloso, continuou o seu caminho.

Não sabemos o que mais eles conversaram no caminho. Mas podemos ver o resultado. O eunuco aceitou o Senhor Jesus como o Messias pela fé e,

assim, nasceu de Deus (1João 5:1). Quando chegaram a um tanque de água, ele pediu para ser batizado. Filipe provavelmente deve ter falado sobre o batismo, mas o pedido vem do próprio eunuco.

O batismo é realizado com base na confissão de fé. Não há menção aqui de um período de provação. Filipe também não precisa obter o consentimento dos apóstolos ou da igreja em Jerusalém. Ele o faz imediatamente. Ambos descem à água. Isso mostra que o batismo ocorreu por imersão.

O batismo é uma questão pessoal com a qual a igreja não tem nada a ver. O Senhor enviou Seus discípulos (e não a igreja) para batizar. Eles são tão responsáveis perante Ele por isso quanto são pela pregação da Palavra, o que também não é feito pela igreja (a igreja não ensina).

Depois que o batismo foi realizado e eles saíram da água novamente, a tarefa de Filipe com relação ao eunuco foi cumprida. Filipe é arrebatado pelo Espírito do Senhor e levado para outro lugar. O tempo e o espaço não limitam Deus. Esse arrebatamento sobrenatural pertence aos primeiros dias, que eram cheios de milagres e sinais.

Sem se surpreender com o súbito desaparecimento de seu companheiro, o eunuco continua seu caminho, regozijando-se com a redenção que havia buscado em vão em Jerusalém. Ele encontrou o que estava procurando na Palavra de Deus e em Jesus Cristo. Quando alguém realmente encontra Cristo, o servo desaparece de seu campo de visão. Então Cristo é tudo.

O eunuco e Filipe não voltaram a se ver na Terra. Isso não era necessário. O eunuco foi capaz de se manter em pé como um cristão independente. Os servos não devem prender ninguém a si mesmos. O eunuco voltou para seu país. Ele provavelmente retomou seu trabalho diário e permaneceu na posição que tinha quando foi chamado pelo evangelho (1Cor 7:24).

Atos 8:40 | O ministério posterior de Filipe

40 E Filipe se achou em Azoto e, indo passando, anunciava o evangelho em todas as cidades, até que chegou a Cesaréia.

Filipe não foi levado de volta a Samaria pelo Espírito para se tornar um “pastor do rebanho” lá, por exemplo. Ele vai aonde o Espírito o conduz e, portanto, é encontrado em Asdode, uma cidade filisteia. Ele prega o

evangelho ali, bem como nas outras cidades de toda a região de Gaza, a terra à beira-mar (Sof 2:4,5). De lá, viajou pelo país até finalmente chegar a Cesaréia, onde aparentemente morava (Atos 21:8).

Atos 9

Atos 9:1-9 | A conversão de Saulo

1 E Saulo, respirando ainda ameaças e mortes contra os discípulos do Senhor, dirigiu-se ao sumo sacerdote 2 e pediu-lhe cartas para Damasco, para as sinagogas, a fim de que, se encontrasse alguns daquela seita, quer homens, quer mulheres, os conduzisse presos a Jerusalém. 3 E, indo no caminho, aconteceu que, chegando perto de Damasco, subitamente o cercou um resplendor de luz do céu. 4 E, caindo em terra, ouviu uma voz que lhe dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? 5 E ele disse: Quem és, Senhor? E disse o Senhor: Eu sou Jesus, a quem tu persegues. Duro é para ti recalcitrar contra os aguilhões. 6 E ele, tremendo e atônito, disse: Senhor, que queres que faça? E disse-lhe o Senhor: Levanta-te e entra na cidade, e lá te será dito o que te convém fazer. 7 E os varões, que iam com ele, pararam espantados, ouvindo a voz, mas não vendo ninguém. 8 E Saulo levantou-se da terra e, abrindo os olhos, não via a ninguém. E, guiando-o pela mão, o conduziram a Damasco. 9 E esteve três dias sem ver, e não comeu, nem bebeu.

Saulo se comportou como um homem frenético em relação à nova seita que o cristianismo era considerado nos primeiros dias. Ele achava que estava prestando um serviço a Deus (Joã 16:2,3). O Senhor permitiu que isso acontecesse porque queria fazer desse grande inimigo da igreja a maior testemunha e apóstolo de Sua graça soberana na igreja. Sua história de conversão é mencionada três vezes nos Atos dos Apóstolos, uma vez por Lucas (neste capítulo) e duas vezes pelo próprio Paulo convertido (capítulos 22 e 26).

A morte de Estêvão reforçou a firme intenção de Saulo de devastar a igreja. O fato de “respirar ainda ameaças e mortes” indica que ele os exalava. Isso vinha de dentro. Onde quer que fosse, ele causava a morte dos cristãos e, em sua fúria, cuspiam veneno contra eles. Em sua sede insaciável pelo sangue desses inimigos da religião dos pais, ele não limitou sua perseguição a Jerusalém e aos arredores. Ele também os procurou em cidades estrangeiras (Atos 26:11). Damasco também estava em sua lista.

Damasco tinha uma grande comunidade judaica com várias sinagogas. Entre eles poderia haver aqueles que haviam se tornado cristãos, pois ainda não estavam separados dos judeus. O sumo sacerdote em Jerusalém ainda tinha autoridade espiritual sobre essas sinagogas. A jurisdição do Sinédrio também se aplicava às sinagogas em cidades estrangeiras. As autoridades desses países lhes concediam certa autoridade porque achavam que isso serviria para a paz de seu país.

O novo movimento, o cristianismo, é chamado de “o Caminho” (Atos 19:9,23; 22:4; 24:14). Isso mostra a dinâmica do cristianismo em seu desenvolvimento. Acima de tudo, ele aponta para o Senhor Jesus, que disse: “Eu sou o caminho” (João 14:6). O objetivo de Saulo ao viajar para Damasco era prender homens e mulheres que eram “do Caminho” e levá-los a Jerusalém. Lá eles seriam levados perante o Sinédrio para serem condenados.

Mas, no caminho para Damasco, algo completamente imprevisível e também completamente indesejável, até mesmo extremamente odiado, aconteceu com ele. De repente, uma luz do céu brilhou ao seu redor, fazendo-o cair no chão. Saulo devia estar viajando a pé. Como fariseu, é muito improvável que ele estivesse viajando a cavalo. A distância entre Jerusalém e Damasco é de cerca de duzentos quilômetros. Portanto, a viagem teria levado vários dias. Por isso, é compreensível que a notícia de sua vinda tenha viajado à frente e que os cristãos em Damasco estivessem cientes dela (verso 14). Na luz que brilha ao seu redor, o Senhor Jesus aparece a esse filho de Abraão (verso 17; cf. Atos 7:2).

As palavras que o Senhor Jesus diz a Saulo em Sua aparição mostram que Ele se torna um com os Seus na Terra. Ao perseguir os Seus na Terra, Saulo O está perseguindo. A unidade completa do Senhor glorificado no céu com a igreja na Terra será o conteúdo do ministério de Saulo, o posterior Paulo. O mistério de Cristo foi revelado a ele, ou seja, a unidade da igreja como um povo celestial com Cristo glorificado no céu (Efé 3:3-11).

A autoridade da pessoa que está falando não pode ser negada. Saulo se dirige a Ele diretamente como “Senhor”, embora ainda não soubesse quem Ele era. É por isso que ele então pergunta quem Ele é. Essas são as primeiras palavras de um Saulo que foi paralisado e prostrado. A resposta que

o Senhor lhe dá também o derruba espiritualmente no chão. “Jesus” falou com ele!

Jesus, que se pensava estar morto, parecia estar vivo e ser o Senhor da glória. Que descoberta chocante! Além disso, Jesus não era apenas o Senhor da glória, mas também reconheceu os discípulos como um com Ele, os quais Saulo queria prender. Além disso, ele chegou à conclusão de que o zelo pelo judaísmo significava zelo contra o Senhor.

A conversão de Paulo é um exemplo da conversão de Israel quando eles ficarão face a face com aquele que rejeitaram (Zac 12:10). Sua conversão também é um exemplo para todos os outros homens: Se o maior pecador (1Tim 1:15) for salvo, há esperança para todos os outros pecadores, que inevitavelmente devem ser pecadores menores.

O Senhor Jesus começou a realizar uma obra que transformou o maior oponente da fé cristã em seu mais ardente defensor. Para continuar com isso, Ele instrui Saulo a se levantar e ir para a cidade. Lá lhe será dito o que fazer. O Senhor o deteve pessoalmente em sua fúria contra Ele. Ele agora usará outros para continuar a moldar Saulo.

Saulo não viajou sozinho. Havia homens com ele que, podemos supor, o ajudaram a cumprir sua missão. É óbvio que eles eram seguranças do Sinédrio. Esses homens também haviam caído no chão como resultado da luz repentina que os cercou (Atos 26:13,14). Eles ouviram a voz, mas não viram ninguém. Foi um fenômeno inexplicável para eles, que não conseguiam descrever.

Eles compartilharam todos os sinais exteriores que acompanharam o encontro de seu líder com o Senhor da glória, mas não tiveram participação no evento real. O Senhor Jesus não apareceu a eles, nem eles entenderam Suas palavras a Saulo. Eles estavam cegos e surdos para Ele e Suas palavras.

O efeito do encontro é ainda mais impressionante para Saulo. Não há uma única palavra de protesto, sua vontade é quebrada, seu coração é dominado e seu espírito é esmagado. Ele se submete completamente à voz que fala com ele. Na presença de Deus, não há desculpa nem justificativa. Como ele havia imaginado diferente sua chegada a Damasco! Seu plano foi completamente frustrado.

Sem nenhuma objeção de sua parte, ele é pego pela mão e conduzido a Damasco para ser infligido a uma comunidade que ele buscava exterminar. Aquele que odiava e devastava a comunidade tornou-se como um cordeiro manso que se deixa conduzir sem vontade própria. Ele não teve escolha a não ser entregar-se à liderança de outros, pois estava cego. Nesse estado de cegueira, sua mente não podia ser distraída por nada. Sua cegueira também deixou claro para ele que, de agora em diante, ele não deveria mais ter olhos para o esplendor e o brilho da adoração judaica, que se concentrava no exterior.

À luz da angústia de sua alma, as necessidades de seu corpo também desapareceram. Ele não comia nem bebia nada. Durante esses dias, ele deve ter se dado conta do horror de sua ira contra o Senhor (1Tim 1:12-17). Não lemos nada sobre seus companheiros de armas se o visitaram e tentaram confortá-lo. Mas o Senhor tratou com ele.

Atos 9:10-16 | O Senhor e Ananias

10 E havia em Damasco um certo discípulo chamado Ananias. E disse-lhe o Senhor em visão: Ananias! E ele respondeu: Eis-me aqui, Senhor! 11 E disse-lhe o Senhor: Levanta-te, e vai à rua chamada Direita, e pergunta em casa de Judas por um homem de Tarso chamado Saulo; pois eis que ele está orando; 12 e numa visão ele viu que entrava um homem chamado Ananias e punha sobre ele a mão, para que tornasse a ver. 13 E respondeu Ananias: Senhor, de muitos ouvi acerca deste homem, quantos males tem feito aos teus santos em Jerusalém; 14 e aqui tem poder dos principais dos sacerdotes para prender a todos os que invocam o teu nome. 15 Disse-lhe, porém, o Senhor: Vai, porque este é para mim um vaso escolhido para levar o meu nome diante dos gentios, e dos reis, e dos filhos de Israel. 16 E eu lhe mostrarei quanto deve padecer pelo meu nome.

Depois de seu próprio trabalho, que nenhum homem poderia fazer, o Senhor agora usa discípulos para preparar Saulo. Não é Pedro que é enviado a Saulo, mas um simples discípulo desconhecido para nós até agora. Tudo o que o Senhor faz com Saulo acontece fora de Jerusalém. Ananias significa “o Senhor é gracioso”. Isso fica evidente em todas as suas relações com Saulo.

Nunca teríamos ouvido falar de Ananias se Deus não o tivesse usado em relação a Saulo. Ele era um discípulo comum, despercebido pelos homens, mas útil a Deus no momento em que Ele precisava dele. Muitos discípulos ocultos foram usados por Deus dessa maneira. Eles estão na retaguarda de muitos servos notáveis e, assim, contribuíram para o ministério deles e sua preparação. O Senhor fala com Ananias como um homem fala com seu amigo. Assim que Ele fala com ele, ele está imediatamente pronto para ouvir. Ele responde com “Eis-me aqui, Senhor” e se coloca imediatamente à disposição do Senhor. Ele não se assusta com a voz do Senhor, mas está acostumado ao contato pessoal com o Senhor.

O Senhor explica a Ananias aonde ele deve ir e por quem deve pedir. Ele recebe um endereço e o nome do proprietário da casa. Lá ele deve procurar o homem que vem de Tarso e atende pelo nome de Saulo. Como ele deve perguntar nessa casa, a casa de Judas provavelmente era uma pousada com vários hóspedes. O nome da rua, a rua direita, contrasta com o caminho tortuoso que Saulo havia percorrido até aquele momento. Embora lhe parecesse ser um caminho reto, seu fim levaria à morte (Pro 14:12; 16:25).

Ananias recebe uma descrição adicional para que ele possa reconhecer Saulo, que é o que Saulo está fazendo: ele está orando. Portanto, ele não precisa ter medo da atitude ameaçadora de Saulo. Ele é tão manso quanto um cordeiro. Essa é a primeira expressão da nova vida que ouvimos de Saulo. A dependência expressa na oração caracterizará todo o seu ministério. O Senhor também diz a Ananias que preparou Saulo para a Sua vinda. Ele informou Saulo em uma visão sobre a pessoa que viria vê-lo, o que faria com ele e que ele voltaria a ver.

Depois de receber a missão e as informações detalhadas sobre ela, Ananias ainda tem reservas. Com uma franqueza impressionante, ele fala com o Senhor sobre Saulo de forma totalmente confidencial e aberta. O Senhor permite que ele expresse suas preocupações sem interrompê-lo. Com a devida reverência, Ananias se dirige a Ele como “Senhor” e lhe conta o que ouviu sobre Saulo. Ele ouviu de uma fonte confiável o quanto esse homem fez mal aos crentes em Jerusalém. Ele fala com o Senhor sobre os crentes e os chama de “teus santos”. Trata-se de uma comunidade que pertence a Cristo, que Ele separou do mundo (1Cor 6:11).

Ananias também sabe que Saulo tem autoridade dos principais sacerdotes para prender todos os que oram ao Senhor Jesus como Deus. Esse é o grande incômodo dos judeus pelo fato de os cristãos reconhecerem o Messias como Deus. Para eles, já é uma ofensa ver o desprezado Jesus como o Messias, mas é ainda pior quando alguém também considera o Messias como Deus. Para o judeu ortodoxo, o Messias é um homem, um homem especial, com certeza, mas não mais do que um homem.

O Senhor não responde às preocupações de Ananias com autoridade estrita, mas lhe dá uma explicação paciente, embora Ananias deva, é claro, obedecer. O Senhor fala com ele como alguém digno de confiança e lhe explica o que pretende fazer com Saulo. Saulo é um “vaso escolhido” pelo Senhor. Com a palavra “vaso”, o Senhor deixa claro que deseja usar Saulo como um instrumento a Seu serviço. Ele encherá esse “vaso” com Suas designações.

O cumprimento dessas comissões fará de Saulo uma testemunha do nome do Senhor Jesus, tanto diante das nações, ou seja, dos povos em geral, quanto diante dos reis, ou seja, dos homens de posição elevada. Ele também levará o nome do Senhor Jesus aos filhos de Israel. É notável que eles sejam mencionados por último aqui.

Ele não cumprirá essas missões como que por conta própria, sem esforço, mas sofrerá muito por esse nome. Esses sofrimentos já começaram em seu primeiro sermão (versos 23-29).

Atos 9:17-19 | Ananias com Saulo

17 E Ananias foi, e entrou na casa, e, impondo-lhe as mãos, disse: Irmão Saulo, o Senhor Jesus, que te apareceu no caminho por onde vinhas, me enviou, para que tornes a ver e sejas cheio do Espírito Santo. 18 E logo lhe caíram dos olhos como que umas escamas, e recuperou a vista; e, levantando-se, foi batizado. 19 E, tendo comido, ficou confortado. E esteve Saulo alguns dias com os discípulos que estavam em Damasco.

Depois que o Senhor explicou o que aconteceria com Saulo, Ananias vai até a casa onde Saulo está. Depois de entrar na casa, impõe as mãos sobre ele. Foi isso que o Senhor indiretamente o instruiu a fazer quando lhe contou a visão que Saulo tivera (verso 12). A vinda de Ananias fortalece a fé de

Saulo, porque Ananias pode lhe contar o que aconteceu com ele, embora não tenha saído da cidade.

Ananias morava em Damasco e, portanto, também estava na lista de pessoas que Saulo queria matar. Agora Ananias impõe as mãos sobre ele, chama-o de “irmão” e, assim, retribui-lhe o mal com o bem. Ele não impõe as mãos sobre ele para consagrá-lo para seu ministério, nem para lhe conceder os dons do Espírito. Ele impõe as mãos sobre ele para reconhecê-lo como irmão e para se tornar um com ele na fé.

Essa também é uma prova de que ser cristão não é uma questão individual. Os cristãos procuram uns aos outros e têm um desejo de comunhão. Aqui se encontram dois homens que nunca se viram antes. No entanto, eles foram reunidos pelo Senhor depois que cada um deles foi informado pelo Senhor sobre o outro.

Um simples discípulo tem pena de alguém que se tornará o grande apóstolo e permite que ele experimente a primeira comunhão que caracteriza os cristãos. Dessa forma, pelas mãos desse simples discípulo, e não de um dos apóstolos, Saulo também recupera a visão e é cheio do Espírito Santo. Deus é soberano para usar quem Ele quiser. Isso evita qualquer presunção humana em relação ao chamado desse servo em particular.

Saulo passa seus primeiros dias como cristão com os discípulos em Damasco. Ele fica ao lado deles e dá testemunho público do fato de que crê no que eles crêem. Ele certamente terá sido provido por eles para que pudesse desfrutar dos primeiros benefícios dessa nova comunidade à qual agora pertence. Com gratidão, ele faz uso da comida que lhe dão. Desse modo, ele recupera suas forças, que usa de agora em diante para servir a outro Senhor.

Atos 9:20-25 | O sermão de Saulo e um ataque

20 E logo, nas sinagogas, pregava a Jesus, que este era o Filho de Deus. 21 Todos os que o ouviam estavam atônitos e diziam: Não é este o que em Jerusalém perseguia os que invocavam este nome e para isso veio aqui, para os levar presos aos principais dos sacerdotes? 22 Saulo, porém, se esforçava muito mais e confundia os judeus que habitavam em Damasco, provando que aquele era o Cristo. 23 E, tendo passado muitos dias, os judeus tomaram conselho

entre si para o matar. 24 Mas as suas ciladas vieram ao conhecimento de Saulo; e, como eles guardavam as portas, tanto de dia como de noite, para poderem tirar-lhe a vida, 25 tomando-o de noite os discípulos, o desceram, dentro de um cesto, pelo muro.

A marca de uma verdadeira conversão é o fato de alguém confessar imediatamente o Senhor Jesus (Rom 10:9-10). Saulo imediatamente prega Jesus como o Filho de Deus, Ele em Sua glória pessoal. Por ter confessado essa verdade, o Senhor Jesus foi condenado à morte (Mat 26:63-66). Pedro já pregava o Senhor Jesus como Senhor e Cristo, ou seja, como o Messias. Saulo agora o prega como o Filho de Deus.

Não se pode falar de uma conversão genuína enquanto não houver confissão de que Jesus é o Filho de Deus(1Joã 4:15; 5:12). Os judeus acreditam no Messias, mas não que Ele é Deus. Para eles, o Messias nada mais é do que um homem, embora seja um homem extraordinário. Saulo acreditava nisso até aquele momento e lutou com todas as suas forças contra a confissão de que Ele era o Filho de Deus.

Saulo foi chamado por Deus para pregar o Senhor Jesus como o Filho de Deus. Deus queria revelar seu Filho nele(Gal 1:16). Ali não se diz: "para ele", mas: "nele ". Isso aponta para a conexão interior e íntima que surge entre o crente e o Senhor Jesus na conversão e que permanece a partir de então. O termo "filho" contém toda a riqueza do evangelho. Esse é o conteúdo de seu primeiro sermão. Ele proclama uma pessoa, não uma doutrina. Essa pessoa é o Filho eterno.

Ele O pregou nas Sinagogas. Isso mostra o que encontraremos consistentemente em seu ministério: Ele primeiro se dirige aos judeus e só depois aos gentios. Mais tarde, nós o veremos agindo dessa forma repetidamente, pois quando ele chega a uma cidade, sempre visita a Sinagoga primeiro.

A mudança que ocorreu em Saulo causa espanto geral. Da mesma forma, toda conversão sincera causará espanto com a mudança. A mudança deve ser notada, ela não pode permanecer oculta. A mudança em Saulo foi o fato de ele ter se unido aos cristãos que ele havia perseguido anteriormente e de ter levado a mensagem aos judeus que ele havia tentado erradicar inicialmente.

Depois de um comportamento inicialmente hesitante e cauteloso, Saulo tornou-se cada vez mais resoluto em sua abordagem. Nesse meio tempo, ele pode ter passado três anos na Arábia (Gal 1:17), onde foi instruído por Deus e depois retornou a Damasco. Ele continua seu sermão, mas também acrescenta que Jesus é o Cristo. Ele não apenas prega isso, mas também prova.

Com seu sólido conhecimento do Antigo Testamento e a iluminação do Espírito Santo, ele é excepcionalmente qualificado para fornecer essa evidência. Isso confunde os judeus em Damasco. Sua confissão pública o faz crescer em força. A confissão pública de fé também é um dos pré-requisitos para o crescimento na fé hoje.

Depois que Saulo faz isso por muitos dias, a resistência também aumenta. Os judeus, que ele tenta convencer, ficam muito irados e pensam em matá-lo. Eles odeiam Saulo mais do que qualquer outro cristão porque, a seus olhos, ele é um judeu apóstata. Em sua segunda carta aos Coríntios, podemos ler que os judeus conseguiram fazer do governador seu aliado, possivelmente rotulando Saulo como um grande perigo para a vida social (2Cor 11:32,33).

Assim, ele rapidamente compartilha a sorte do Senhor Jesus. Isso é um rápido cumprimento das palavras que o Senhor Jesus disse a Ananias sobre seu sofrimento pelo nome do Senhor (verso 16). No entanto, ele ficou sabendo do ataque planejado. Lucas não nos conta como isso aconteceu. Esse é um motivo para ele fugir. Enquanto o governador vigiava as portas, Saul escapou do ataque.

A fuga não é espetacular. O Senhor poderia ter atingido os guardas com cegueira e aberto os portões, como havia feito anteriormente quando Pedro e João foram libertados da prisão (Atos 5:19). Saulo foge da maneira clássica. Ele agora tem alguns discípulos. Durante a noite, eles o levam para uma abertura na muralha da cidade, por onde o baixam em um cesto. Assim, o grande apóstolo, dependente de seus discípulos, fica pendurado em um cesto na muralha da cidade. Eles descem o cesto com uma corda até que ele finalmente pousa em segurança na parte inferior do muro e pode fugir, presumivelmente em direção a Jerusalém.

Atos 9:26-30 | Saulo em Jerusalém

26 E, quando Saulo chegou a Jerusalém, procurava ajuntar-se aos discípulos, mas todos o temiam, não crendo que fosse discípulo. 27 Então, Barnabé, tomando-o consigo, o trouxe aos apóstolos e lhes contou como no caminho ele vira ao Senhor, e este lhe falara, e como em Damasco falara ousadamente no nome de Jesus. 28 E andava com eles em Jerusalém, entrando e saindo. 29 E falava ousadamente no nome de Jesus. Falava e disputava também contra os gregos, mas eles procuravam matá-lo. 30 Sabendo-o, porém, os irmãos, o acompanharam até Cesaréia e o enviaram a Tarso.

Depois que Saulo chega a Jerusalém, ele não procura seus antigos amigos, os fariseus e os sumos sacerdotes, mas quer se juntar a seus novos amigos, os discípulos. No entanto, como eles são muito desconfiados, não é fácil para ele estabelecer relações. Eles o conhecem como um perseguidor e têm medo de que ele tente enganá-los para que se juntem a ele e depois os prenda. Eles simplesmente não acreditam que ele tenha se tornado um discípulo. Parece que não ouviram falar de sua conversão. E se ouviram algo sobre isso, ainda têm dúvidas. Saulo não se ofende com a atitude deles.

O Senhor oferece uma saída por meio de um de seus servos, Barnabé, de quem já ouvimos falar anteriormente (Atos 4:36,37). Ele é um verdadeiro filho da consolação que une as pessoas. Ele está sempre à disposição para resolver problemas. Ele tem olhos para a obra de Deus e também para a obra do inimigo.

Barnabé leva Saulo consigo e o leva até os apóstolos. Ele lhes conta sobre a conversão de Saulo, como ele conheceu o Senhor e como o Senhor falou com ele. Barnabé também menciona a evidência de sua conversão: ele relata como Saulo falava livremente em nome de Jesus em Damasco. Depois disso, eles receberam Saulo em seu meio.

Não nos é dito de onde Barnabé obteve suas informações, mas ele é um homem confiável e “bom”, e é por isso que seu testemunho é aceito. Aprendemos com isso que nenhum crente pode ser admitido com base em seu próprio testemunho, mas com base no testemunho confiável de outra pessoa que possa testemunhar um encontro com o Senhor e apresentar as evidências desse encontro. Isso pode – como aqui – ser feito verbalmente ou por escrito (Atos 18:27; 2Cor 3:1). Mais tarde, Paulo escreverá uma carta

inteira, a carta a Filemom, na qual ele incentiva os outros a aceitarem um novo convertido para o qual também não havia sentimentos calorosos (Flm 1:10-17).

A aceitação de Saulo na igreja em Jerusalém significa muito mais do que apenas poder celebrar a Ceia do Senhor com eles. Ele “entrava e saía com eles”. Isso indica que ele não apenas assistia às reuniões dos cristãos, mas também participava de toda a vida da igreja. Como é importante que nossa comunhão como cristãos não se limite a algumas reuniões, mas que a vivenciemos constantemente. Saulo se torna completamente uno com eles e, ao mesmo tempo, cumpre sua própria missão especial. Unidade não é uniformidade.

O testemunho de Barnabé sobre a franqueza com que Saulo falava em Damasco é confirmado pela aparição de Saulo em Jerusalém. Apesar da crueldade dos judeus em Damasco, que o levou a ter de fugir da cidade, Saulo também falou livremente em nome do Senhor em Jerusalém.

Com base em sua experiência anterior, ele sabia que sua mensagem encontraria uma resistência ainda maior em Jerusalém. É isso que acontece agora. Ele se dirige especialmente aos judeus de língua grega. Ele fala com eles e discute com eles. Ele quer tentar de todas as formas convencê-los do nome do Senhor. Mas a verdade revela o ódio do coração deles. Eles tentam matá-lo. No entanto, antes que eles pudessem executar seu plano, o Senhor lhe dá a conhecer o plano deles (Atos 22:17-21) e também lhe diz para deixar Jerusalém.

Assim como em Damasco, há também crentes em Jerusalém que o ajudam a fugir. Novamente, meios comuns são usados para escapar de um ataque. O fato de quererem matá-lo em Jerusalém deve ter sido uma grande decepção para ele. Mas o Senhor executa Seu plano com ele, e também usa os inimigos do evangelho para fazer isso. Embora Jerusalém queira se livrar da presença do pregador de Cristo, assim como eles se livraram do próprio Cristo, Deus usa isso para enviá-lo às nações.

Assim, Jerusalém perde seu status de centro da evangelização mundial. Esse centro é transferido para Antioquia, como veremos mais adiante (Atos 13:1-3). Acompanhado pelos “irmãos” (uma palavra maravilhosa de comunhão), ele chega a Cesaréia, de onde o enviam a Tarso. Deus usa

os irmãos para levá-lo à próxima etapa de seu ministério para o Senhor. Assim, Saulo se deixa guiar pelo Senhor e por seus irmãos.

Atos 9:31 | A igreja tem paz

31 Assim, pois, as igrejas em toda a Judéia, e Galiléia, e Samaria tinham paz e eram edificadas; e se multiplicavam, andando no temor do Senhor e na consolação do Espírito Santo.

Após as perseguições, houve um tempo de paz na igreja em toda a Judeia, Galileia e Samaria. O evangelho foi proclamado e resultou no estabelecimento de várias comunidades. No entanto, Lucas fala da “ igreja” [JFAA e KJA] e não de “ igrejas”. (O fato de Lucas não fazer isso aqui não significa que esse termo não ocorra; veja Gal 1:22; 1Tes 2:14).

Ele está enfatizando a unidade da única igreja, embora vejamos que, na prática, há várias igrejas locais. Cada igreja local é (ou pelo menos deveria ser) um reflexo de toda a igreja.

De acordo com a palavra do Senhor Jesus (Atos 1:8), foi nessas regiões, agora incluindo a Galileia, que o evangelho foi pregado e a igreja foi estabelecida. Antes de deixarmos essa área para seguir a obra do Espírito até os confins da terra, Lucas nos conta algumas belas características da igreja nessas regiões. Podemos orar para que o Senhor traga essas características para a igreja local ou regional hoje. A paz das igrejas foi provavelmente o resultado da conversão de Saulo, que fez com que o motor da perseguição parasse.

A paz não se refere apenas às circunstâncias externas, mas também às internas, à paz no coração dos crentes. Esse tempo e essa atitude de paz criam as condições para o crescimento espiritual, para a edificação por meio dos ensinamentos da Palavra de Deus.

Mesmo hoje, os crentes devem fazer bom uso dos momentos de paz para se edificarem em sua fé (Judas 1:20). A instrução que é verdadeiramente recebida com o coração levará automaticamente a uma caminhada no temor do Senhor, por assim dizer. Uma vida no temor do Senhor não é uma caminhada no medo do Senhor, mas na reverência ao Senhor.

Isso, por sua vez, resulta no crescimento da igreja. Uma caminhada em reverência ao Senhor atrai pessoas. Quando as pessoas se convertem e são acrescentadas à igreja, essa é a obra do Espírito Santo. Essa obra é chamada aqui de “encorajamento”.

Atos 9:32-35 | A cura de Enéias

32 E aconteceu que, passando Pedro por toda parte, veio também aos santos que habitavam em Lida. 33 E achou ali certo homem chamado Enéias, jazendo numa cama havia oito anos, o qual era paralítico. 34 E disse-lhe Pedro: Enéias, Jesus Cristo te dá saúde; levanta-te e faze a tua cama. E logo se levantou. 35 E viram-no todos os que habitavam em Lida e Saroná, os quais se converteram ao Senhor.

Depois de Lucas, guiado pelo Espírito Santo, ter descrito a conversão de Saulo e suas primeiras atividades como cristão, ele agora volta nossa atenção para Pedro e seu ministério. Os dois incidentes que formam o final deste capítulo estão entre a conversão de Saulo e a de Cornélio. A conversão de Saulo é o início da grande colheita que é trazida entre as nações, da qual Cornélio é o início. Pode surgir a pergunta: Já acabou com Israel? Encontramos a resposta para isso nos dois milagres de Pedro. Com isso, podemos aprender que Deus não abandonou seu povo para sempre.

Pedro viajou por toda parte para fortalecer e incentivar as novas igrejas. Em sua viagem, ele também visitou os santos que viviam em Lida. É possível que a igreja ali tenha surgido por meio do trabalho do evangelista Filipe, que viajou pelo país de Asdode a Cesaréia, proclamando o evangelho a todas as cidades (Atos 8:40). Aqui os crentes são novamente chamados de “santos”, como no verso 13 e no verso 41.) Os santos são um grupo especial de pessoas que não pertencem mais ao mundo, mas ao Senhor Jesus. Eles formam uma comunidade nova e separada no mundo, que possui um novo objeto de amor: o Cristo glorificado.

Entre esses santos, Pedro encontra um homem chamado Enéias, que ficou paralisado e confinado à sua cama por oito anos. Podemos ver nele um retrato do judaísmo, que não tem força própria para fazer o que Deus diz em sua palavra. Pedro fala com o paralítico, como fez com o paralítico na porta do templo (Atos 3:6).

Ele menciona seu nome e o aponta para Jesus Cristo, que o cura. Pedro não tem poder para curar ninguém. Somente o Senhor Jesus pode fazer isso. Pedro não diz: "vai te curar", mas "te dá saúde ". Pedro é simplesmente o instrumento do poder do Senhor. O poder vem por meio de Jesus Cristo, por meio de Jesus, o Messias. O Senhor Jesus proporciona saúde imediata e perfeita.

Pedro ordena que ele se levante e faça sua própria cama. Enéias obedece imediatamente e se levanta. Sua cura é um testemunho claro do nome do Senhor. Como resultado, todos os moradores de Lida e Saron que viram Enéias se converteram ao Senhor. O milagre faz com que os corações se concentrem no Senhor e não em homens.

Saron era uma faixa costeira fértil que se estendia de Lida ao Monte Carmelo. A fecundidade parece se referir não apenas ao solo, mas também ao fruto espiritual que agora vem da conversão ao Senhor. Aqui encontramos um pré-cumprimento espiritual das palavras de Isaías: "Sarom se tornará pasto para ovelhas" (Isa 65:10).

Atos 9:36-43 | Elevação de Dorcas

36 E havia em Jope uma discípula chamada Tabita, que, traduzido, se diz Dorcas. Esta estava cheia de boas obras e esmolas que fazia. 37 E aconteceu, naqueles dias, que, enfermado ela, morreu; e, tendo-a lavado, a depositaram num quarto alto. 38 E, como Lida era perto de Jope, ouvindo os discípulos que Pedro estava ali, lhe mandaram dois varões, rogando-lhe que não se demorasse em vir ter com eles. 39 E, levantando-se Pedro, foi com eles. Quando chegou, o levaram ao quarto alto, e todas as viúvas o rodearam, chorando e mostrando as túnicas e vestes que Dorcas fizera quando estava com elas. 40 Mas Pedro, fazendo-as sair a todas, pôs-se de joelhos e orou; e, voltando-se para o corpo, disse: Tabita, levanta-te. E ela abriu os olhos e, vendo a Pedro, assentou-se. 41 E ele, dando-lhe a mão, a levantou e, chamando os santos e as viúvas, apresentou-lha viva. 42 E foi isto notório por toda a Jope, e muitos creram no Senhor. 43 E ficou muitos dias em Jope, com um certo Simão, curtidor.

Havia também uma igreja em Jope, a cerca de dezenove quilômetros de Lida. Essa congregação teve o privilégio de ter a irmã Tabita em seu meio. Seu nome em aramaico significa "gazela", que em grego significa Dorkas.

Ela era uma discípula, uma seguidora do Senhor Jesus. O fato de ela ser realmente digna de levar esse nome é demonstrado pelo testemunho que prestou. Com ela encontramos “obras de amor” (1Tes 1:3). Essas eram obras de fé; a prova de que ela possuía fé. Ela era o oposto de Enéias.

Enquanto exercia seus “trabalhos de amor”, ela adoeceu e morreu. O fato de estar ocupada com coisas que agradam ao Senhor não significa que a pessoa esteja imune à doença e à morte. O que parecia ser um golpe para a igreja e para aqueles a quem ela servia com suas boas obras e caridade torna-se um testemunho para o Senhor.

Em primeiro lugar, vemos a fé naqueles que tiveram compaixão dela depois que ela morreu. Eles a lavaram e a colocaram em um cenáculo. Teria sido normal que ela fosse unguida depois de lavada e sepultada logo em seguida. No entanto, eles não fazem isso, mas a colocam em um quarto superior. Talvez estivessem pensando nas duas ressurreições do Antigo Testamento, em que os falecidos também foram colocados em uma sala superior (1Reis 17:19; 2Reis 4:21).

De qualquer forma, eles contam com fé com a possibilidade de Tabita ser ressuscitada, porque os discípulos enviam dois homens a Lida para buscar Pedro. São dois homens para que o assunto possa ser confirmado de forma confiável (cf. 2Cor 13:1). Eles são enviados a Pedro com a mensagem de que ele deve vir imediatamente.

Lucas não relata que eles deveriam dizer a Pedro o motivo de seu pedido, mas sabemos que o motivo não era que ele deveria comparecer ao funeral, mas que isso seria evitado. Também não vemos que Pedro tenha falado primeiro com o Senhor sobre isso. Ele vê o pedido como um convite claro do Senhor para ir com eles. E assim ele o faz.

Assim que chega ao local, ele é conduzido ao cenáculo. As viúvas a quem Tabita havia servido já estavam lá. Elas sofreram uma grande perda com sua morte. O que elas mostram a Pedro é evidência da verdadeira adoração (Isa 58:7). Isso é o oposto da conversa piedosa, que não ajuda os necessitados (Tia 2:15,16). As viúvas, ao mostrarem as obras de Tabita, vemos que as obras dela a seguem (cf. Apo 14:13).

Pedro sabe o que tem de fazer. Para fazer isso, porém, ele precisa estar a sós com o Senhor, sem nada que o distraia. Sozinho com o corpo e o

Senhor, Pedro se ajoelha e ora. Dessa forma, ele se convence do que Deus quer. Então, ele dirige a palavra de autoridade a Tabita para que ela se levante. Ele se volta para o corpo. Depois de ordenar que ela se levantasse, Tabita abre os olhos. Ela olha para Pedro e se senta. Tabita é levantada por meio da oração e da palavra de poder.

Depois que ela se senta, Pedro lhe dá a mão e a ajuda a se levantar. Em seguida, ele chama os santos e as viúvas e apresenta Tabita viva a eles. Por meio da ressurreição, ela pode servir novamente. Isso é uma indicação de que nossas oportunidades de servir a Deus não se limitam a esta vida, mas que continuaremos a fazê-lo por toda a eternidade após a ressurreição (Apo 22.3-5). Esse é o resultado da ressurreição do Senhor Jesus. A eternidade é cheia de atividades; não haverá tédio nessa época.

A ressurreição de Tabita fez com que “muitos” em Jope viessem à fé no Senhor. Em Lida e Sarom, “todos” os que moravam lá se converteram depois de um pequeno milagre. O milagre da ressurreição de Tabita é maior, mas o número de convertidos é menor, porque aqui não estamos falando de “todos”, mas de “muitos”.

Após a ressurreição de Tabita, Pedro não retorna a Lida, mas permanece em Jope por mais tempo. Os servos nem sempre precisam estar viajando. Depois de um ministério “abençoado”, é necessário ficar a sós com o Senhor para refletir, orar e esperar por novas instruções do Senhor.

Pedro, o grande apóstolo da circuncisão, vive em Jope com um homem simples, um curtidor. Os judeus consideravam impura a profissão de curtidor. Ele curtia peles, principalmente para fazer recipientes de couro para água. A permanência de Pedro com esse homem é possivelmente uma indicação de que Deus pode tornar algo puro a partir de algo impuro, assim como um recipiente de couro pode conter água pura.

Atos 10

Atos 10:1-8 | Um anjo visita Cornélio

1 E havia em Cesaréia um varão por nome Cornélio, centurião da coorte chamada Italiana, 2 piedoso e temente a Deus, com toda a sua casa, o qual fazia muitas esmolas ao povo e, de contínuo, orava a Deus. 3 Este, quase à hora nona do dia, viu claramente numa visão um anjo de Deus, que se dirigia para ele e dizia: Cornélio! 4 Este, fixando os olhos nele e muito atemorizado, disse: Que é, Senhor? E o anjo lhe disse: As tuas orações e as tuas esmolas têm subido para memória diante de Deus. 5 Agora, pois, envia homens a Jope e manda chamar a Simão, que tem por sobrenome Pedro. 6 Este está com um certo Simão, curtidor, que tem a sua casa junto do mar. Ele te dirá o que debes fazer. 7 E, retirando-se o anjo que lhe falava, chamou dois dos seus criados e a um piedoso soldado dos que estavam ao seu serviço. 8 E, havendo-lhes contado tudo, os enviou a Jope.

Neste capítulo, fica claro pela primeira vez que a salvação se volta para as nações. No capítulo 8, a obra de Deus entre os samaritanos já havia sido renunciada. Os samaritanos também não eram judeus, mas estavam associados a eles, embora de forma mista. O eunuco é outro exemplo de uma pessoa que não era judeu, um verdadeiro gentio. No entanto, ele tinha uma certa ligação com Jerusalém. Ele simpatizava com a adoração judaica e, por isso, havia visitado a cidade.

Mas agora vemos como a história da Igreja continua se abrindo para povos que não tinham nenhuma ligação com o povo judeu. O sinal mais claro desse novo desenvolvimento é que as nações são aceitas na igreja de Jesus Cristo sem serem circuncidadas.

Embora Saulo já tenha se convertido como apóstolo dos gentios, Pedro ainda é necessário para abrir a salvação também para os gentios. Após a conversão dos samaritanos e do eunuco, a conversão de Cornélio é a prova de que todas as nações agora são totalmente admitidas à salvação. Cornélio se converteu completamente fora de Jerusalém. Sua conversão ocorre em Cesaréia, onde ele é visitado por Pedro e ouve o evangelho.

O nome Cesaréia é uma reminiscência do imperador romano. Cornélio pertencia ao exército romano.

Isso demonstra plenamente que o favor de Deus não se limitava aos judeus e que não era necessário tornar-se judeu para participar da salvação que há em Cristo. No entanto, por meio da conversão de Cornélio, a verdade sobre a igreja, de que ela está unida como um só corpo com a cabeça no céu, ainda não veio à tona. Entretanto, sua conversão já era a preparação para isso, pois alguém das nações foi admitido sem antes se tornar judeu.

Um belo testemunho é dado sobre Cornélio. O que é dito sobre ele é uma raridade para um não judeu. Além disso, ele estava em uma posição profissional, no exército, onde a impiedade era praticada da maneira mais grosseira. Ele não era um prosélito, mas simpatizava fortemente com a adoração judaica. Toda a sua atitude mostra que ele já era convertido; no entanto, ele ainda não tinha a certeza da salvação. Pedro explica isso mais tarde em seu relatório em Jerusalém (Atos 11:13,14).

Toda a sua casa estava sob a influência de seu temor a Deus. Pessoalmente, ele era piedoso. Era cheio de reverência a Deus. Ele também amava o povo terreno de Deus, o que é evidente nas esmolas que dava ao povo. Sua vida foi caracterizada pela dependência de Deus, o que pode ser visto pelo fato de que ele orava a Deus o tempo todo.

Deus responde a essa atitude e a essa vida de oração. Ele vem ao encontro de pessoas que oram. Ele usa uma visão para falar com Cornélio. Deus faz isso na hora nona, que é a hora da oração e do holocausto da tarde (veja a interpretação do capítulo 3:1). Nessa hora, Cornélio vê claramente, ou seja, não vagamente, um anjo de Deus vindo até ele. O anjo o cumprimenta e menciona seu nome. De certa forma, ele está dizendo que Deus o conhece. Cornélio olha para o anjo cheio de temor. Muitas vezes vemos esse temor em pessoas que viram anjos (por exemplo, Luc 1:12; 2:9, 10).

Ele então faz a pergunta ansiosa sobre o motivo de sua vinda. No entanto, o anjo o tranquiliza. Não apenas seu nome é conhecido por Deus, mas também suas orações e suas esmolas. Essas coisas são constantes diante de Deus. Elas estão em Seus pensamentos, e em Seu tempo Ele as responde. Deus nunca se esquece de nada que alguém sinceramente diz a Ele ou faz

por Ele. Ele responderá em Seu próprio tempo. Para Cornélio, esse tempo chegou.

Deus diz a Cornélio, por meio do anjo, que agora ele deve enviar homens a Jope para convidar Pedro. O anjo pode dar instruções para fazer algo, mas não pode evangelizar. Um anjo não pode proclamar a mensagem da graça. Somente uma pessoa que tenha recebido a graça pode fazer isso. O anjo diz, onde pode encontrar Pedro, a saber, na casa de um certo Simão. Ele lhe diz a profissão de Simão e onde fica a casa.

A casa de um curtidor não é um lugar luxuoso para se hospedar. O cheiro lá é ruim. Muito já foi dito sobre o significado simbólico da profissão de curtidor nos comentários do capítulo 9:43. Há algo mais aqui que também tem um significado simbólico. Diz-se que a casa fica perto do mar. O mar é um símbolo do mar das nações. Essa é uma referência ao fato de que o evangelho é destinado às nações e que Pedro é o instrumento para abrir o evangelho às nações.

Depois que o anjo foi embora, Cornélio age imediatamente. Ele não precisa ficar pensando antes. A missão é clara. Ele chama dois servos e um soldado temente a Deus. Cornélio deve ter sido um chefe muito simpático que tinha um relacionamento de confiança com seu pessoal. Ele os informa sobre a visita do anjo e o que ele lhe disse. Os homens partem sem fazer perguntas. Cornélio age em obediência a Deus, e seus homens agem em obediência a Cornélio.

Atos 10:9-16 | A visão de Pedro

9 E, no dia seguinte, indo eles seu caminho e estando já perto da cidade, subiu Pedro ao terraço para orar, quase à hora sexta. 10 E, tendo fome, quis comer; e, enquanto lhe preparavam, sobreveio-lhe um arrebatamento de sentidos, 11 e viu o céu aberto e que descia um vaso, como se fosse um grande lençol atado pelas quatro pontas, vindo para a terra, 12 no qual havia de todos os animais quadrúpedes, répteis da terra e aves do céu. 13 E foi-lhe dirigida uma voz: Levanta-te, Pedro! Mata e come. 14 Mas Pedro disse: De modo nenhum, Senhor, porque nunca comi coisa alguma comum e imunda. 15 E segunda vez lhe disse a voz: Não faças tu comum ao que Deus purificou. 16 E aconteceu isto por três vezes; e o vaso tornou a recolher-se no céu.

Os ouvintes foram preparados por Deus, mas agora o pregador ainda precisava ser preparado. Não havia apenas alguém buscando oração, havia também um servo que orava. Pedro busca estar a sós com Deus. Ele se dedicou à oração para que pudesse ministrar a palavra de Deus (Atos 6:4). Pedro também teve uma visão; isso o preparou para a visita dos homens de Cornélio. Ele recebe a visão quando está com fome e deseja comer. Deus usa essa necessidade prática para torná-lo receptivo à mensagem que Ele tem para Pedro.

Enquanto prepara a refeição, Pedro vê os céus se abrirem. Ele vê algo descendo de lá que o faz lembrar de um grande lençol. Ele vê o lençol sendo baixado até a terra pelos quatro cantos. Em seguida, ele vê no lençol todos os tipos de animais quadrúpedes e rastejantes da terra e pássaros do céu. Os peixes estão faltando. Todos eles são animais que também entraram na arca com Noé. Naquela época, os peixes também estavam faltando (Gên 7:14). Todos esses animais entraram na arca salvadora e foram salvos do Dilúvio.

Noé tinha animais limpos e impuros na arca. Deus salvou todos esses animais. Aqui, Deus abrange um grande arco temporal ao vincular a história do Dilúvio com essa época em que o evangelho é aberto a todas as pessoas, judeus e não judeus, como um evangelho salvador. Assim como todos os animais na arca foram salvos, também há salvação para todos os que estão em Cristo. Pedro pode ver isso na visão.

Essa visão inclui várias referências ao evangelho, por meio do qual a igreja se expande. Por exemplo, vemos que desce do céu, o que aponta para a origem do evangelho e também da igreja. Também chamamos a atenção para o fato de que o lençol é grande, que está abaixado pelos quatro cantos e que a Terra é a área para a qual ele é abaixado. O lençol grande indica o tamanho da congregação: Há espaço para todos. Os quatro cantos indicam o alcance do evangelho: ele é dirigido a todos, a todos os cantos da Terra. A terra inteira é a área onde ele é pregado. A mistura de animais e aves limpos e impuros mostra que a distinção entre limpo e impuro desapareceu. Para Deus não há aceitação de pessoas (Rom 10:12,13).

A comissão de Pedro vem do céu. Ele é ordenado a se levantar, abater e comer. Pedro reage em choque. Por mais faminto que esteja, ele não se

atreve a fazer isso. Como judeu devoto, ele ainda seguia as leis dietéticas, que proibiam o consumo de animais impuros (Lev 11:46,47; Deu 14:3-21). Eles deveriam observar as leis dietéticas para se manterem limpos das nações. O alimento forma uma pessoa. Se ele comesse o alimento das nações, ele se tornaria como elas.

Mas agora o lençol desce do céu. Todos esses animais no lençol estão juntos, figurativamente falando, a igreja, que consiste em todos os homens que alcançaram a fé, tanto judeus quanto gentios. A parede divisória foi removida, as leis dietéticas não se aplicam à igreja (Col 2:20,21), porque a igreja é do céu e para o céu. As leis dietéticas eram para a terra e para um povo terreno.

Pedro precisa aprender a ver as coisas novas como algo que vem do Senhor. Isso lhe custa esforço. Os velhos preconceitos demoram a morrer, especialmente quando se trata de coisas que sempre fizeram parte da verdadeira adoração. Esse era um problema para sua consciência. Também podemos ter uma certa convicção de que algo é bom e, ainda assim, não ousar colocá-lo em prática porque nossa consciência fala contra. O Senhor entende isso e garante que não tenhamos de fazer algo com a consciência pesada. No entanto, pode ser que, como resultado, nos tornemos “mais papais do que o Papa”. Se Deus diz que podemos ou devemos comer, não devemos dizer “não” por motivos de consciência. Pedro agora fica sabendo que Deus está mudando as regras anteriores.

A cruz mudou tudo e eliminou a diferença entre judeus e gentios. Para os cristãos, as leis dietéticas não têm mais nenhum significado. Deus pode dar a lei relativa a animais limpos e impuros, mas também pode aboli-la para um determinado grupo de pessoas. Esse grupo de pessoas consiste em todos aqueles que estão em Cristo, para os quais, portanto, não há mais condenação (Rom 8:1), assim como não houve julgamento para todos os que estavam na arca.

Para que Pedro entenda bem o significado da visão, ele ouve três vezes que não deve considerar profano o que Deus santificou. Há mais coisas que ocorreram três vezes na vida de Pedro: três vezes ele negou o Senhor, e três vezes o Senhor lhe perguntou se ele O amava.

Depois de ter sido dito a ele três vezes, o lençol é puxado para o céu novamente. Isso confirma a figura da igreja. O lençol desce do céu: a igreja é de origem celestial; o lençol é puxado para lá novamente: O propósito da igreja também é celestial.

Atos 10:17-23 | Os enviados de Cornélio

17 E, estando Pedro duvidando entre si acerca do que seria aquela visão que tinha visto, eis que os varões que foram enviados por Cornélio pararam à porta, perguntando pela casa de Simão. 18 E, chamando, perguntaram se Simão, que tinha por sobrenome Pedro, morava ali. 19 E, pensando Pedro naquela visão, disse-lhe o Espírito: Eis que três varões te buscaram. 20 Levanta-te, pois, e desce, e vai com eles, não duvidando; porque eu os enviei. 21 E, descendo Pedro para junto dos varões que lhe foram enviados por Cornélio, disse: Sou eu a quem procurais; qual é a causa por que estais aqui? 22 E eles disseram: Cornélio, o centurião, varão justo e temente a Deus e que tem bom testemunho de toda a nação dos judeus, foi avisado por um santo anjo para que te chamasse a sua casa e ouviu as tuas palavras. 23 Então, chamando-os para dentro, os recebeu em casa. No dia seguinte, foi Pedro com eles, e foram com ele alguns irmãos de Jope.

Sua visão, que acabara de ver, não era imediatamente clara para ele, mas isso logo mudará. Enquanto ele estava pensando nisso, os homens de Cornélio se apresentaram. Outro grande momento do Senhor, como vimos com Filipe, que também se aproximou do eunuco exatamente no momento certo (Atos 8:29,30). O Espírito conduz Pedro mais adiante. Ele não explica a visão para ele, mas continua a prepará-lo para o seu significado. Ele diz a Pedro que três homens estão procurando por ele e ordena que ele se levante, desça as escadas e vá com eles sem duvidar. Como garantia adicional, o Espírito lhe diz que Ele os enviou.

Podemos interpretar a menção de que Pedro deve descer como significando que Pedro deve se afastar de seus preconceitos e descer ao nível dos gentios. Ele também não deve pensar se deve ir com eles ou não, mas deve ir com eles sem duvidar. Essa é realmente uma comissão do Espírito de Deus. Pedro então obedece e desce.

Ele diz aos homens que eles encontraram aquele que estavam procurando. No entanto, ele gostaria de saber qual é o motivo da vinda deles. Ele ainda não sabia. O espírito não havia lhe contado. Os homens de Cornélio contam a Pedro o motivo de sua vinda. Eles dão um belo testemunho sobre Cornélio. É o mesmo testemunho que o Espírito Santo deu sobre ele no verso 2. Os que o cercavam também o conheciam assim. É bom quando também podemos transmitir esse testemunho de outros crentes a outras pessoas.

Depois de os homens terem declarado o motivo da visita, Pedro os convida a entrar e lhes oferece acomodação. Simão deve ter lhe dado permissão para dispor de sua casa. Depois de uma boa noite de sono, os homens voltam com Pedro para Cornélio. Alguns dos irmãos de Jope também foram com eles (seis em número, Atos 11:12). Deve ter sido bom para Pedro o fato de os crentes locais estarem tão interessados nesse trabalho que enviaram uma delegação com ele. Ele agiu em comunhão com seus irmãos. Era uma questão para a igreja.

Atos 10:24-27 | Pedro chega a Cornélio

24 E, no dia imediato, chegaram a Cesaréia. E Cornélio os estava esperando, tendo já convidado os seus parentes e amigos mais íntimos. 25 E aconteceu que, entrando Pedro, saiu Cornélio a recebê-lo e, prostrando-se a seus pés, o adorou. 26 Mas Pedro o levantou, dizendo: Levanta-te, que eu também sou homem. 27 E, falando com ele, entrou e achou muitos que ali se haviam ajuntado.

Quando Pedro chega a Cornélio, este parece estar atento. Ele está aguardando ansiosamente a chegada de Pedro. Ele já convidou outras pessoas para ouvir as palavras que Pedro dirá. Trata-se de sua família e de seus amigos, com quem ele falava familiarmente sobre as coisas de Deus, porque essas coisas também os interessavam. Essa é uma expressão da nova vida, porque aqueles que a possuem ou estão interessados nela são atraídos pelas coisas de Deus.

Eles terão ouvido uma coisa e outra de Pedro e terão ficado impressionados com esse servo especial de Deus. Assim que Pedro entra, Cornélio se aproxima dele, cai a seus pés e lhe presta homenagem. O que Cornélio fez não foi bom, mas mostra sua atitude, pois, como centurião romano, ele se

prostra aos pés de um simples pescador da Galileia. Pedro, no entanto, não aceita a homenagem de um homem (veja também Apo 19:10). A adoração é devida somente a Deus. As pessoas são meros servos.

O que Pedro diz a Cornélio é uma condenação do papado. O papa se permite ser adorado e alega seguir os passos de Pedro, porque ele pensa que é o sucessor de Pedro, que, em sua opinião, foi o primeiro papa. Deus julgará essa presunção atroz (Apocalipse 17 e 18).

Pedro então entra com Cornélio. Lá ele encontra todo o grupo que Cornélio havia convidado. O verso 22 menciona apenas que Cornélio deveria ouvir as palavras. Entretanto, ele não era o único que queria ouvir essas palavras. Ele havia convidado muitos. Isso significa que ele havia falado sobre o assunto com outras pessoas e não se envergonhava do nome de Deus. Ao mesmo tempo, essa é uma prova adicional de sua firme confiança no que Deus havia dito sobre a vinda de Pedro.

Atos 10:28-29 | Pedro relatou a razão de sua vinda

28 E disse-lhes: Vós bem sabeis que não é lícito a um varão judeu ajuntar-se ou chegar-se a estrangeiros; mas Deus mostrou-me que a nenhum homem chame comum ou imundo. 29 Pelo que, sendo chamado, vim sem contradizer. Pergunto, pois: por que razão mandastes chamar-me?

Pedro primeiro diz que eles sabiam que, como judeu, ele não tinha permissão para se unir a um estrangeiro, mas que deveria permanecer separado das nações. Esse mandamento é baseado na lei (Deu 7:1-4,6; cf. João 18:28). Quando lemos essa parte da lei, lemos sobre a proibição de se associar com as nações, mas em nenhum lugar está escrito que o contato com as nações era proibido. Isso tem a ver com a interpretação exagerada dos rabinos.

A fim de evitar uma catástrofe como o êxodo para a Babilônia, que foi o resultado da mistura de Israel com as nações, os rabinos construíram uma cerca em torno da lei. Eles reforçaram o mandamento para evitar que a lei fosse violada. Ao fazer isso, eles tornaram a lei mais restrita do que Deus a havia dado. Eles realmente queriam levar a lei de Deus a sério, mas foram longe demais em seu zelo.

Até mesmo Pedro foi envolvido nisso; Deus teve de deixar isso claro para ele. Pedro relata isso quando diz que Deus lhe mostrou que não deveria chamar ninguém de profano ou impuro. Pedro agora aplica o que o próprio Deus lhe mostrou por meio do grande lençol. Ele entendeu o que Deus quis dizer com isso e também levou a instrução a sério. Ele entendeu que, se Deus considera as pessoas limpas, então ele deve fazer o mesmo. Foi por isso que ele aceitou o convite e foi até Cornélio sem mais objeções.

A propósito, o cancelamento da distinção entre limpo e impuro não significa que o contato livre com o mundo agora pode ocorrer. A amizade com o mundo ainda é proibida. A luz e as trevas não são compatíveis, e a amizade com o mundo é inimizade contra Deus (2Cor 6:14; Tia 4:4). Não podemos evitar nosso contato com o mundo (1Cor 5:9,10), mas não devemos fazer amizade com ele.

Trata-se de nossa atitude interior em relação ao mundo, o qual sabemos que rejeitou e continua a rejeitar o Senhor Jesus. O Senhor Jesus era conhecido como amigo dos cobradores de impostos e dos pecadores (Mat 11:19), mas esses eram os cobradores de impostos e os pecadores que tinham um interesse genuíno Nele. De forma alguma Ele fez causa comum com suas práticas erradas. Os fariseus não tinham esse contato e, por isso, condenaram o Senhor. Ele era amigo dos publicanos e pecadores, mas inimigo do mundo.

No entanto, Pedro ainda não sabia por que deveria procurar Cornélio. Por isso, ele o questiona sobre isso. É importante que o próprio Cornélio diga o que precisa. Também devemos fazer perguntas primeiro e aprender a ouvir o que preocupa as pessoas. Filipe também abordou o eunuco com uma pergunta (Atos 8:30).

Atos 10:30-33 | Cornélio explica o convite

30 E disse Cornélio: Há quatro dias estava eu em jejum até esta hora, orando em minha casa à hora nona. 31 E eis que diante de mim se apresentou um varão com vestes resplandecentes e disse: Cornélio, a tua oração foi ouvida, e as tuas esmolas estão em memória diante de Deus. 32 Envia, pois, a Jope e manda chamar Simão, o que tem por sobrenome Pedro; este está em casa de Simão, curtidor, junto do mar, e ele, vindo, te falará. 33 E logo mandei chamar-te, e

bem fizeste em vir. Agora, pois, estamos todos presentes diante de Deus, para ouvir tudo quanto por Deus te é mandado.

Cornélio explica que a origem de seu pedido foi uma oração. Cornélio era um homem que continuamente rogava ao Senhor. Ele não orava ocasionalmente por uma coisa, mas constantemente. Ele enfatizou a intensidade de sua oração por meio do jejum.

Deus quer ser solicitado. Ele responderá. Para Cornélio, a resposta veio do céu na forma de um homem vestindo um manto brilhante. A resposta de Deus irradia beleza. Cornélio repete o que o anjo havia dito no verso 4. No verso 2, a ordem ainda é: esmola e oração. Deve ter sido assim para Cornélio. Mas Deus menciona primeiro a oração de Cornélio e depois fala da esmola.

Cornélio é um homem nascido de novo. Somente pessoas nascidas de novo buscam a Deus de verdade. Ao mesmo tempo, ele também é um homem que ainda não conhece o evangelho da salvação (Atos 11:14). Ele tem a vida de Deus, mas ainda não tem a certeza da salvação; alguém recebe isso quando recebe o Espírito Santo como penhor da salvação (Efé 1:13). Pedro teve de pregar essas palavras de salvação. Por isso, Cornélio teve de mandar buscar Pedro em Jope. O anjo havia dito a Cornélio exatamente quem ele deveria chamar, onde essa pessoa estava e também por que ele deveria chamá-la. Também lhe foi dada a certeza de que Pedro viria.

Cornélio continua contando como fez imediatamente o que o anjo disse e enviou uma mensagem a Pedro. Ele elogia Pedro por ter vindo. Esse é um momento sagrado e um lugar sagrado. A presença de Pedro e dos seis irmãos da igreja de Jope dá a todos a sensação de que estão na presença de Deus. É assim que Cornélio fala. Essa é a atmosfera certa para ouvir as palavras do Senhor. Pedro tem permissão para transmitir o que lhe foi ordenado pelo Senhor. Cornélio e os outros não esperam outra coisa.

Atos 10:34-43 | O sermão de Pedro

34 E, abrindo Pedro a boca, disse: Reconheço, por verdade, que Deus não faz acepção de pessoas; 35 mas que lhe é agradável aquele que, em qualquer nação, o teme e faz o que é justo. 36 A palavra que ele enviou aos filhos de Israel, anunciando a paz por Jesus Cristo (este é o Senhor de todos), 37 esta pala-

vra, vós bem sabeis, veio por toda a Judéia, começando pela Galiléia, depois do batismo que João pregou; 38 como Deus ungiu a Jesus de Nazaré com o Espírito Santo e com virtude; o qual andou fazendo o bem e curando a todos os oprimidos do diabo, porque Deus era com ele. 39 E nós somos testemunhas de todas as coisas que fez, tanto na terra da Judéia como em Jerusalém; ao qual mataram, pendurando-o num madeiro. 40 A este ressuscitou Deus ao terceiro dia e fez que se manifestasse, 41 não a todo o povo, mas às testemunhas que Deus antes ordenara; a nós que comemos e bebemos juntamente com ele, depois que ressuscitou dos mortos. 42 E nos mandou pregar ao povo e testificar que ele é o que por Deus foi constituído juiz dos vivos e dos mortos. 43 A este dão testemunho todos os profetas, de que todos os que nele crêem receberão o perdão dos pecados pelo seu nome.

Pedro agora começa seu discurso evangelístico, que é a chave com a qual a porta do evangelho é aberta para as nações. É um discurso completamente diferente daquele do capítulo 2. Ele sabe que esse é um público diferente e leva isso em consideração em seu discurso.

Em suas primeiras palavras, ele reconhece a soberania de Deus: ele elimina qualquer diferença entre os homens. Não se trata de saber se alguém pertence ao povo certo por nascimento, mas se alguém teme a Deus e demonstra isso fazendo o que agrada a Deus. Essas são palavras incomuns vindas da boca de um homem judeu, mas são os pensamentos de Deus. Pedro começa a se dar conta da lição. Cornélio é um homem que teme a Deus e pratica a justiça. Pedro reconhece que ele é agradável aos olhos de Deus.

Em seu sermão, Pedro fala sobre os grandes fatos da salvação em relação ao Senhor Jesus. Ele fala sobre sua vida, sua morte, sua ressurreição e sua glorificação. Quando Deus enviou o Verbo aos filhos de Israel, Ele o fez proclamando a paz por meio de Jesus Cristo. Mas a vinda de Jesus Cristo não é importante apenas para Israel. Pedro deixa isso claro logo de início ao falar sobre Ele como “Senhor de todos”. Portanto, Ele não é apenas o Senhor dos israelitas (Atos 2:36), mas é o Senhor de todas as nações.

Pedro então retoma o que eles sabiam sobre João Batista. Desse momento em diante, ele leva seus ouvintes a Jesus Cristo, assim como João Batista apontou para Ele. É importante continuar enfatizando as grandes verdades sobre a vida e a obra do Senhor Jesus.

Pedro fala sobre Ele como “Jesus de Nazaré”. Isso é o que Ele é em virtude de Seu nascimento e dos anos em que viveu em Nazaré, ou seja, desde o momento em que viveu lá até Sua aparição pública entre o povo. Esse nome evoca desprezo entre os homens (João 1:46). Mas para Deus, Ele é o Filho escolhido e amado. Ele O ungiu. A unção expressa o favor de Deus e Sua eleição. Deus estava com Ele porque Ele sempre fez o que era agradável a Deus.

Sua unção também ocorreu em relação ao Seu ministério. O Espírito Santo deu a Ele o poder para o Seu ministério. Ele foi dotado de poder que veio sobre Ele, como aconteceu mais tarde com os discípulos (Luc 24:49). Nós também somos ungidos (2Cor 1:21), porque também precisamos da unção para o nosso ministério. O ministério do Senhor Jesus incluía fazer o bem, curar e quebrar o poder do diabo. Em tudo o que Ele fez, Deus estava com Ele, porque tudo o que Ele fez foi uma alegria para o coração de Deus.

Pedro pode citar a si mesmo e aos outros apóstolos como testemunhas de tudo isso. Ele viu o que o Senhor Jesus fez na terra dos judeus, na Judeia e em Jerusalém, ou seja, no coração da adoração judaica. Foi lá que Ele sofreu a maior resistência ao Seu ministério, e foi lá que finalmente O mataram, pendurando-O em um madeiro. Foi lá que foi lançado o alicerce para todas as boas obras, para as curas e para a destruição do poder do diabo. Foi lá que Deus deu Seu Filho para destruir o pecado para todos os que crêem Nele.

No entanto, Sua morte não foi o fim. Como poderia ser esse o caso! As pessoas podem rejeitá-Lo como desprezível e pensar que se livraram Dele, mas para Deus a situação é diferente. Foi precisamente em Sua rejeição que Deus encontrou o maior motivo de Seu prazer. Foi exatamente em sua rejeição que o Senhor Jesus cumpriu tudo o que Deus exigiu dele. É por isso que Deus demonstrou Seu total favor a Ele e à Sua obra ao ressuscitá-Lo dos mortos no terceiro dia. Ao fazer isso, Ele deu a Ele a oportunidade de se revelar a várias pessoas após Sua ressurreição.

Ele não apareceu para o povo incrédulo de Israel, mas para os crentes. Ele apareceu para muitos a fim de dar o testemunho inegável de Sua ressurreição. Na ressurreição, só pode haver comunhão com aqueles que O têm como vida e que, portanto, compartilham Sua vida de ressurreição.

Vivemos no tempo da fé, não da visão (2Cor 5:7), mas a ressurreição está documentada como um fato que muitos viram com seus olhos. Pedro e os outros apóstolos foram incumbidos de dar testemunho do Cristo ressuscitado na Terra (Atos 1:22). Paulo deveria se tornar a testemunha do Senhor glorificado no céu, que ele havia visto a caminho de Damasco.

Pedro ainda não mencionou em seu discurso que a salvação também é para os gentios. Até agora, ele é apenas um Cristo para Israel. A ordem para pregá-Lo foi dada com relação ao povo terreno de Deus. Para concluir seu discurso, Pedro, portanto, O apresenta como o juiz dos vivos e dos mortos designado por Deus. Esse é o ponto final da vinda de Cristo para o Seu povo.

Pedro então introduz que o testemunho não se limita a Israel, mas que há perdão dos pecados por meio de Seu nome para todo aquele que crê em Cristo. O anterior foi necessário para chegar a esse ponto. Trata-se da fé Nele. Todos os profetas apontaram isso. Os profetas também indicaram que há perdão para todo aquele que crê Nele. Nesse ponto, acontece o avanço.

Atos 10:44-48 | As consequências do discurso

44 E, dizendo Pedro ainda estas palavras, caiu o Espírito Santo sobre todos os que ouviam a palavra. 45 E os fiéis que eram da circuncisão, todos quantos tinham vindo com Pedro, maravilharam-se de que o dom do Espírito Santo se derramasse também sobre os gentios. 46 Porque os ouviam falar em línguas e magnificar a Deus. 47 Respondeu, então, Pedro: Pode alguém, porventura, recusar a água, para que não sejam batizados estes que também receberam, como nós, o Espírito Santo? 48 E mandou que fossem batizados em nome do Senhor. Então, rogaram-lhe que ficasse com eles por alguns dias.

Durante o discurso, o Espírito Santo repentinamente cai sobre todos os que ouvem a palavra de salvação. O dom do Espírito Santo, o selo da bênção cristã entre os judeus e o fruto da obra de redenção que o Senhor Jesus realizou, é concedido tanto às nações quanto aos judeus. Portanto, aqui encontramos a ordem: ouvir e crer na Palavra, depois receber o Espírito Santo e depois o batismo (verso 48).

O Espírito é dado aqui após o testemunho sobre a ressurreição do Senhor Jesus, da qual eles obviamente não tinham ouvido nada. Eles sabiam de sua vida e morte. Sem primeiro serem batizados (como na conversão dos judeus no capítulo 2) e sem a imposição de mãos (como na conversão dos samaritanos no capítulo 8), o Espírito Santo vem sobre aqueles que ouviram a palavra. Aqui vemos os gentios sendo acrescentados à igreja de Deus por meio do evangelho. Essa ainda é a maneira como Deus age (Efé 1:13).

Os judeus crentes, que aqui são explicitamente chamados de “os crentes da circuncisão”, estão perplexos. Eles não conseguem entender o que está acontecendo. Era difícil para os judeus aceitarem o fato de que as nações estavam entrando no mesmo relacionamento com Deus que eles, o povo escolhido, e de uma maneira mais simples, porque eles primeiro tinham que ser batizados.

Deus estava prestes a romper as fronteiras ao redor de Israel. Ele provou que aceitava as nações. Ele enfatiza isso ao vincular o milagre do dom do Espírito Santo com o sinal de falar em línguas, exatamente como no capítulo 2. Aqui, também, é o sinal de que Deus está se dirigindo a todas as nações. Esse foi um sinal para os judeus crentes que ainda eram incrédulos em alguns aspectos, porque não podiam acreditar que os gentios também eram aceitos por Deus (cf. 1Cor 14:21,22).

Os gentios receberam o Espírito Santo sem antes se tornarem judeus. Deus não exigiu que eles confessassem sua impureza como gentios, mas os aceitou sem condições. Eles não devem nem mesmo ser levados ao judaísmo. Eles são o novo rebanho fora dos limites do judaísmo (Joã 10:16). Eles agora pertencem à igreja. Somente a fé é suficiente para receber o Espírito Santo. Se Deus não impuser nenhuma outra condição, as pessoas não poderão fazê-lo exigindo que guardem a lei ou partes dela.

Se Deus os acrescenta ao corpo somente com base na fé por meio do dom do Espírito Santo, as pessoas não podem negar-lhes acesso ao círculo de crentes na Terra, o que ocorre por meio do batismo com água. No passado, o batismo significava que alguém era batizado para pertencer ao povo judeu: batismo prosélito. Aqui, o batismo significa admissão ao cristianismo. Cornélio e sua família são batizados em nome de Jesus Cristo.

Depois que Cornélio e seus seguidores são batizados, o ministério de Pedro é cumprido. Eles desejam receber mais instruções e, portanto, pedem que ele fique mais alguns dias. Pedro certamente terá cumprido esse desejo.

Atos 11

Atos 11:1-3 | Pedro é acusado

1 E ouviram os apóstolos e os irmãos que estavam na Judéia que também os gentios tinham recebido a palavra de Deus. 2 E, subindo Pedro a Jerusalém, disputavam com ele os que eram da circuncisão, 3 dizendo: Entraste em casa de varões incircuncisos e comeste com eles.

Na primeira parte deste capítulo, Pedro faz outro relato detalhado do que aconteceu na casa de Cornélio e do que o precedeu. No início do capítulo 10, temos o relato de Lucas sobre tudo o que Cornélio e Pedro vivenciaram. Mais adiante nesse capítulo, durante o encontro entre Pedro e Cornélio, algumas coisas desse relato são repetidas novamente no que Pedro diz a Cornélio.

Temos dois relatos detalhados; alguns detalhes são até mencionados três vezes. Há uma razão para isso. O Espírito Santo obviamente dá ênfase especial a essa história, assim como o relato da conversão de Saulo é mencionado três vezes neste livro. Esses são eventos que desempenham um papel fundamental neste livro. Todos eles têm a ver com a grande obra de Deus entre as nações. Como já foi mencionado, essa é a terceira vez que Pedro usa as chaves que o Senhor lhe deu para o reino dos céus.

Vemos em Cornélio que os gentios são acrescentados como um grupo à igreja de Deus. Ao colocar essa admissão nas mãos do líder dos crentes da circuncisão, Deus garante que a unidade entre os crentes da circuncisão e os crentes dos gentios seja preservada e sustentada. Para conseguir isso, Pedro faz um relatório aos apóstolos e à igreja em Jerusalém. Eles ouviram que os gentios também haviam aceitado a palavra de Deus.

No início, isso foi um grande choque para esses crentes, assim como Pedro não queria saber nada disso no início. Em suas mentes, ainda não havia espaço para um lugar separado para os cristãos. Para eles, o cristianismo era um novo movimento judaico. Para eles, tudo no cristianismo ainda estava ligado ao judaísmo. Mas o que havia acontecido em Cesaréia tinha acontecido fora do judaísmo. No entanto, ainda era impossível para eles aceitar isso como uma questão de Deus.

Pedro vai a Jerusalém para explicar esse novo desenvolvimento. Lá, ele entra em conflito com os “da circuncisão”, ou seja, os cristãos do judaísmo, que ainda estavam presos à sua maneira judaica de pensar. Por exemplo, eles acreditavam que um gentio tinha de ser circuncidado para receber a bênção completa. Veremos isso em detalhes no capítulo 15.

Em vez de se alegrarem, eles criticaram o que Pedro havia feito. Eles ouviram o que ele fez e tiraram suas conclusões a partir disso. Pedro está sendo julgado e condenado por ter se encontrado com um gentio, e eles presumem que ele também comeu com eles.

Essa é uma advertência para que tenhamos cuidado para não julgar alguém apenas pela aparência. Vamos primeiro pedir uma explicação. O Senhor pode enviar alguém e deixar que ele aja como achar melhor. No entanto, a reação deles é compreensível porque nos lembramos de como foi difícil para Pedro cruzar aquele limiar. Ele era igual a eles.

No entanto, o comentário dele sobre comer na casa de Cornélio vai além da percepção de que Pedro havia parado na casa de Cornélio. É assim que acontece com os boatos. Eles ouviram falar da visita e acrescentam que ele também comeu lá. Eles assumem o que acreditam ser um fato. Para eles, não pode ser outra coisa senão que ele também comeu com esses pagãos. Isso, por sua vez, significa que ele comeu coisas que são proibidas para um judeu ou que comeu coisas que foram preparadas de maneira errada.

Por exemplo, ele poderia ter comido carne cozida no leite, o que era comum entre os gentios. De acordo com a lei, cozinhar carne no leite era proibido em certos casos, como ferver uma cabra no leite de sua mãe (Deu 14:21). Para evitar que isso acontecesse, a preparação do leite e a preparação da carne eram estritamente separadas. Aqui temos outro exemplo de como uma cerca foi erguida em torno da lei. É novamente o exagero para não violar a lei, o que torna o mandamento mais difícil do que Deus pretendia que fosse. Mas, como eu disse, isso também foi apenas uma insinuação.

Atos 11:4-18 | Pedro responde por si mesmo

4 Mas Pedro começou a fazer-lhes uma exposição por ordem, dizendo: 5 Estando eu orando na cidade de Jope, tive, num arrebatamento dos sentidos, uma visão; via um vaso, como um grande lençol que descia do céu e vinha até junto

de mim. 6 E, pondo nele os olhos, considerei e vi animais da terra, quadrúpedes, e feras, e répteis, e aves do céu. 7 E ouvi uma voz que me dizia: Levanta-te, Pedro! Mata e come. 8 Mas eu disse: De maneira nenhuma, Senhor; pois nunca em minha boca entrou coisa alguma comum ou imunda. 9 Mas a voz respondeu-me do céu segunda vez: Não chames tu comum ao que Deus purificou. 10 E sucedeu isto por três vezes; e tudo tornou a recolher-se no céu. 11 E eis que, na mesma hora, pararam junto da casa em que eu estava três varões que me foram enviados de Cesaréia. 12 E disse-me o Espírito que fosse com eles, nada duvidando; e também estes seis irmãos foram comigo, e entramos em casa daquele varão. 13 E contou-nos como vira em pé um anjo em sua casa, e lhe dissera: Envia varões a Jope e manda chamar a Simão, que tem por sobrenome Pedro, 14 o qual te dirá palavras com que te salves, tu e toda a tua casa. 15 E, quando comecei a falar, caiu sobre eles o Espírito Santo, como também sobre nós ao princípio. 16 E lembrei-me do dito do Senhor, quando disse: João certamente batizou com água, mas vós sereis batizados com o Espírito Santo. 17 Portanto, se Deus lhes deu o mesmo dom que a nós, quando cremos no Senhor Jesus Cristo, quem era, então, eu, para que pudesse resistir a Deus? 18 E, ouvindo estas coisas, apaziguaram-se e glorificaram a Deus, dizendo: Na verdade, até aos gentios deu Deus o arrependimento para a vida.

Pedro reage com muita calma às acusações. Afinal de contas, uma resposta branda afasta a ira (Pro 15:1). Os comentários dos irmãos da circuncisão dão a Pedro a oportunidade de explicar que coisas especiais Deus havia feito na casa desse gentio! Sua explicação ordenada mostra que ele é contido e não faz uma descrição incoerente sob a pressão da reprovação.

Lucas menciona o relato de Pedro novamente neste capítulo, embora ele já o tenha mencionado sob a orientação do Espírito Santo no capítulo 10. Isso dá ao que aconteceu na casa de Cornélio um significado especial. Na verdade, trata-se de um evento que anuncia uma nova era, para a qual os olhos espirituais do coração dos judeus devem ser abertos ou, em outras palavras, por meio da qual a cegueira deles deve ser removida.

Pedro quer deixar claro, por meio de seu relato, que se trata de uma obra de Deus e que ele não tinha permissão para se opor a ela. Eles também não têm permissão para fazer isso agora. O resultado desse relatório é que os apóstolos e os crentes glorificam a Deus (verso 18). Pedro pode dar seu relatório sem ser interrompido. Ele relata em detalhes tudo o que foi

necessário para que ele chegasse até aqui. Eles não deveriam pensar que ele tinha ido para os gentios tão facilmente. Foi preciso muito esforço do Senhor para que ele chegasse até aqui.

Ele primeiro relata onde estava e o que viu quando foi arrebatado. Sabemos onde ele estava e o que viu no capítulo anterior. Aqui, porém, ele acrescenta: “um certo vaso ... veio até mim”. Ele experimentou a visão como uma visão especialmente destinada a ele. Ele também acrescenta aqui que “olhava para ela sem pestanejar”. Ele absorveu tudo muito bem. Como resultado, agora ele pode relatá-la como se estivesse gravada em sua memória. Não foi uma visão fugaz.

Ele também pode repetir textualmente as palavras que lhe foram ditas do céu. Ele repete sua resposta, mas vai um pouco mais longe do que quando isso aconteceu. Naquela ocasião, ele disse que nunca havia comido nada profano ou impuro. Aqui ele diz que nada profano ou impuro jamais entrou em sua boca. Ele explica que isso aconteceu três vezes seguidas. Ao fazer isso, ele enfatiza mais uma vez a importância desse evento. Qualquer dúvida sobre sua autenticidade é infundada.

Pedro então relata como, imediatamente após a visão, os três homens enviados por Cornélio foram até ele. Sem dizer mais nada sobre a conversa com esses homens, ele relata que o Espírito o levou a ir com eles sem duvidar. Três eventos sucessivos convenceram Pedro de que Deus queria usá-lo para buscar um gentio: a visão, os três homens que o buscaram e o Espírito que lhe disse para ir com eles. Esses testemunhos também devem convencer seus ouvintes.

Em seguida, ele inclui em seu relatório os seis irmãos que foram com ele a Cornélio e também passaram a noite lá. Ele os chama de “estes seis irmãos” e aponta para eles. Portanto, eles também foram com ele a Jerusalém para confirmar seu testemunho sobre os acontecimentos na casa de Cornélio. Portanto, os apóstolos e os irmãos em Jerusalém têm um total de sete testemunhas diante de si.

Pedro continua relatando como Cornélio explicou o que tinha visto e que havia sido instruído a enviar a Jope para convidar Pedro. Ele ouviria dele palavras pelas quais seria salvo. Essas palavras não estão registradas no

capítulo 10. No entanto, elas são de grande importância. Elas mostram que Cornélio ainda não conhecia a salvação, embora já tivesse se convertido.

A salvação vem por meio da fé na obra consumada do Salvador. Veja também a parábola do filho pródigo, que se converteu no momento em que se levantou e foi até seu pai. Mas foi somente quando seu pai o abraçou que ele soube que estava salvo, que tinha o perdão de seus pecados e que era aceito (Luc 15:17-20). Tudo isso o aguardava, mas ele ainda não o tinha quando se levantou. Deus completa a obra que começou em uma alma.

Quando Cornélio e seus seguidores ouviram o evangelho da salvação e creram, o Espírito Santo veio sobre eles. Pedro acrescenta explicitamente: “assim como foi sobre nós no princípio”. Ele deixa claro para seus ouvintes que o dom do Espírito Santo não se limitou aos crentes da circuncisão, mas que Deus concedeu esse dom aos crentes das nações da mesma forma.

Em seu relato, Pedro não menciona o falar em línguas. Ele fala do dom do Espírito como um evento sobre o qual ele não teve influência. Aconteceu repentinamente como um ato de Deus. Para enfatizar isso, ele menciona que se lembrou de uma palavra do Senhor (Atos 1:5). Pedro avalia o evento com base na palavra do Senhor; esse é seu guia e sua pedra de toque.

Nesse ponto de sua exposição, ele lhes apresenta uma pergunta para a qual eles só podem dar uma resposta: Se Deus está agindo, ele poderia ter evitado isso? Pedro fala da fé deles no Senhor Jesus Cristo como algo que só começou no dia de Pentecostes. Eles já criam Nele há algum tempo, mas desde o Pentecostes também creram em Sua glorificação. Essa é a razão pela qual eles receberam o dom do Espírito Santo de Deus. Quem pode excluir outros a quem Deus também concedeu esse dom?

O relato de Pedro os convenceu. Eles não têm mais nada a dizer contra isso, pelo contrário, eles glorificam a Deus. O dom do Espírito Santo era a prova de que o próprio Deus estava agindo (verso 17). Isso convenceu os ouvintes, de modo que eles glorificaram a Deus. Sua conclusão é plausível e gloriosa. Eles reconhecem e concordam que Deus não está mais limitado a eles, mas que as nações também compartilham da vida que lhes é dada por meio da conversão. Isso evita o perigo iminente de uma separação de espíritos na igreja jovem.

Atos 11:19-21 | A pregação aos dispersos

19 E os que foram dispersos pela perseguição que sucedeu por causa de Estêvão caminharam até à Fenícia, Chipre e Antioquia, não anunciando a ninguém a palavra senão somente aos judeus. 20 E havia entre eles alguns varões de Chipre e de Cirene, os quais, entrando em Antioquia, falaram aos gregos, anunciando o Senhor Jesus. 21 E a mão do Senhor era com eles; e grande número creu e se converteu ao Senhor.

Com o verso 19, voltamos brevemente à situação descrita por Lucas no capítulo 8 (Atos 8:1-4). Lá ele falou sobre uma grande perseguição. Lucas retoma o assunto aqui para nos contar o que aconteceu com o povo disperso. No capítulo 8, eles estavam na Judéia e em Samaria. Nesse meio tempo, eles seguiram em frente. Viajaram pela terra até o norte da Fenícia, o atual Líbano. Em seguida, viajaram para a ilha de Chipre, no Mediterrâneo, e de lá para Antioquia, na Síria.

Antioquia agora se destaca como o grande centro da igreja entre os gentios. Isso é possível agora que a porta foi aberta para os gentios na pessoa de Cornélio. Paulo começará suas viagens missionárias a partir de Antioquia. Ele também retorna para lá no final das duas primeiras viagens. Os que foram dispersos não pregavam a palavra, mas falavam a palavra. Isso indica que era por meio de contato pessoal.

No entanto, eles se limitaram aos judeus, que já haviam sido dispersos muito antes com o êxodo das dez tribos. Eles se dirigiram apenas aos seus compatriotas, as ovelhas perdidas da casa de Israel (Mat 10:6), possivelmente por medo do contato com as nações impuras. Eles também precisavam ser libertados disso. Não há menção de milagres aqui. Os milagres só aconteciam na terra de Israel entre os judeus e os samaritanos.

Mas nem todos os judeus tinham medo da contaminação por meio do contato com as nações. Entre os que foram dispersos havia alguns homens cipriotas e cireneus. Esses eram judeus que não haviam crescido na terra de Israel, mas no mundo de língua grega. Eram de origem judaica, mas falavam grego e falavam nessa língua com pessoas que falavam grego. Esses não são os judeus de língua grega do capítulo 6, mas os gentios de língua grega com os quais eles entraram em contato durante a dispersão.

Esses judeus originalmente estrangeiros não tinham a barreira interna do contato com os gentios. Isso os levou a pregar espontaneamente o evangelho aos gentios. Ao mesmo tempo, isso trouxe consigo o perigo de que eles se adaptassem facilmente aos costumes dos gentios. Eles falaram com eles sobre o Senhor Jesus, proclamaram-no e apresentaram-no como as boas novas.

É impressionante o quão pouco está oficialmente relacionado com esse trabalho. Não há menção de qualquer nomeação para pregar. Não há uma única consulta com os apóstolos em Jerusalém. Nenhum nome dessas pessoas que participaram da obra do Senhor é mencionado aqui. O Senhor Jesus foi proclamado. É impressionante como o fato de Ele ser “Senhor” é enfatizado nesses versículos. Isso confirma que Ele recebeu todo o poder. O Senhor abençoa a pregação deles e um grande número de pessoas se torna crente. Repetidamente, fala-se do “Senhor”. Ele acompanha os pregadores e os homens se voltam para Ele.

Atos 11:22-24 | Barnabé e a igreja em Antioquia

22 E chegou a fama destas coisas aos ouvidos da igreja que estava em Jerusalém; e enviaram Barnabé até Antioquia, 23 o qual, quando chegou e viu a graça de Deus, se alegrou e exortou a todos a que, com firmeza de coração, permanecessem no Senhor. 24 Porque era homem de bem e cheio do Espírito Santo e de fé. E muita gente se uniu ao Senhor.

Jerusalém ainda é o centro do novo movimento, que também é controlado de lá. Muitos fugiram de Jerusalém como resultado da perseguição, mas a igreja em Jerusalém não deixou de existir como resultado (veja também o verso 1). A igreja parece ter “ouvidos”, porque chega “aos ouvidos” da igreja que uma obra do Senhor surgiu em outro lugar. A obra não acontece por meio deles, mas por meio de outros. Dessa vez, Pedro também não está envolvido, como no caso de Cornélio, mas a obra é realizada por crentes cujos nomes não são mencionados.

No entanto, nenhum apóstolo se propõe a usar sua autoridade para averiguar a situação, mas, em sua sabedoria, enviam Barnabé, um homem com habilidades especiais, para confortar os outros. Não se tratava de exercer autoridade, mas de cuidar de uma igreja jovem. Barnabé era ideal para

isso. Ele era um homem altruísta que havia renunciado às suas próprias posses. A tendência no mundo e também entre os cristãos é o egoísmo e o amor próprio, mas Barnabé se preocupa com os outros (Atos 4:36; 9:27). Ele é capaz de ajudar nos problemas.

Barnabé não pertencia aos judeus domésticos de mentalidade exclusiva, mas era um judeu estrangeiro (veio de Chipre); ele sabia que Deus pode trabalhar não apenas de uma determinada maneira, mas de maneiras diferentes. Ele não se achava inspirado pela ideia de que era o melhor. Aqueles que não têm contato com os outros rapidamente têm a impressão de que são os melhores.

Barnabé é o homem certo para julgar se algo era do Senhor ou não. O que ele vê quando chega é exatamente o que ele experimenta em suas relações com Deus: graça. Ele não vê problemas primeiro, mas a graça de Deus. Ele reconhece que o que Deus está fazendo entre as nações é uma obra de Sua graça.

Isso o encanta. Não há nele nenhum sinal de inveja, nenhuma crítica à obra de Deus, pelo contrário, ele se alegra com ela. Não há reprovação por eles não terem feito contato com Jerusalém como a “igreja-mãe” ou com os apóstolos como servos especiais de Deus.

Ele reconhece a obra de Deus, reconhece-a e se une a ela. Ele assume seu lugar nessa obra com a contribuição que o Senhor lhe deu. Essa contribuição consiste em incentivá-los a permanecer com o Senhor com determinação de coração. Barnabé não estabelece regras para eles seguirem, mas conecta o coração deles com o Senhor. Ele os incentiva a decidirem em seus corações permanecer com o Senhor para que possam crescer na fé.

Ele faz isso em vista dos perigos que existem, das forças que procuram separar os crentes do Senhor. Isso pode acontecer principalmente por meio da desunião entre os crentes, enfatizando as diferenças e forçando a própria visão sobre os outros.

Todo o procedimento de Barnabé e seu ministério para esses crentes é completamente desvinculado de Jerusalém. Os crentes de lá não precisam responder a Jerusalém. Jerusalém não é mais o centro, como era no Antigo Testamento e também no início do livro de Atos (cf. Joã 4:20-24).

As características de Barnabé são particularmente adequadas para um ministério entre jovens crentes. Ele era um homem bom; a bondade emanava dele. Não era uma bondade doce, mas uma bondade que vinha do Espírito Santo. Ele também era cheio de fé, cheio de confiança no Senhor. Sua presença certamente contribuiu para que uma multidão considerável fosse acrescentada ao Senhor.

Atos 11:25-26 | Barnabé e Saulo em Antioquia

25 E partiu Barnabé para Tarso, a buscar Saulo; e, achando-o, o conduziu para Antioquia. 26 E sucedeu que todo um ano se reuniram naquela igreja e ensinaram muita gente. Em Antioquia, foram os discípulos, pela primeira vez, chamados cristãos.

Quando Barnabé está em Antioquia, ele se lembra de Saulo. Ele pode tê-lo procurado porque não podia executar o trabalho sozinho. Trata-se de uma igreja dos gentios, e ele conhece a vontade do Senhor em relação a Saulo (Atos 9:15). Ele também deve ter reconhecido suas qualidades especiais.

Ele se esforça muito para procurá-lo em Tarso (na atual Turquia), onde ele havia crescido. Alguns anos atrás, Saulo foi enviado novamente para lá pelos irmãos (Atos 9:30) para testemunhar ali e receber mais instruções do Senhor. Saulo havia sido enviado anteriormente a Jerusalém por seus pais para receber uma educação religiosa que o tornou excepcionalmente religioso. Portanto, Saulo era tanto um hebreu versado nas Escrituras quanto um helenista, o que também o tornava uma pessoa adequada para Antioquia. O que Barnabé faz com Saulo é um exemplo de como os jovens crentes são apresentados à igreja por crentes mais velhos e ensinados a cumprir sua tarefa.

Barnabé não se importava em ficar em segundo lugar. De forma altruísta e com o bem-estar da igreja em mente, ele procurou Saulo, a quem havia apresentado à igreja em Jerusalém oito ou nove anos antes. Uma igreja tão jovem como a de Antioquia ainda não tinha seu próprio mestre em seu meio. Barnabé não procurou os apóstolos em Jerusalém para instruir a igreja em Antioquia. Ele provavelmente não se via em posição de fazer isso.

Barnabé conhecia seus limites. Ele entendia que o conforto e a exortação não são suficientes e que também deve haver ensino. Ele estava ciente de

que a ferramenta apropriada para isso era Saulo. Assim, ele evangeliza (verso 20), exorta e conforta (verso 23) e agora ensina (verso 26). Vemos evangelistas, pastores e mestres, todos exercendo seu ministério sem terem sido nomeados pelos apóstolos. O Senhor concede os dons. No verso 27, também profetizam. Dessa forma, os vários dons trabalham juntos e se complementam.

Saulo tem a incumbência de exercer o ministério de instrução na Palavra de Deus para que eles possam ser estabelecidos no ensino da Palavra de Deus. É disso que essa jovem igreja precisa, ao mesmo tempo em que funciona como uma igreja. Ela não precisa de instrução para poder funcionar como igreja em um determinado momento, depois de receber instrução suficiente. Para Saulo, esse ministério de ensino foi uma preparação para seu ministério, por meio do qual muitas igrejas seriam plantadas.

Pela primeira vez, a totalidade dos crentes em um lugar é chamada de “a igreja”, o que a distingue da igreja em Jerusalém. É uma igreja que consistia principalmente de crentes das nações, embora também incluísse judeus crentes. O nome “cristãos” também é usado aqui pela primeira vez como uma designação para os crentes (mais tarde, somente em Atos 26:28 e 1Ped 4:16). O termo cristão é derivado de Cristo, que significa ungido. Um cristão é um seguidor do Cristo glorificado.

O nome cristão foi dado aos crentes pelo mundo ao redor deles. Eles lhes deram o nome do homem que pregavam. Isso acontece quando os cristãos demonstram em suas vidas sua conexão com o Senhor Jesus como Senhor. Esse nome ainda é usado, mas infelizmente não é mais entendido como significando apenas os verdadeiros crentes. O mundo não sabe mais quem é um cristão verdadeiro e quem é um falso cristão. Infelizmente, o mundo tem uma falsa impressão do Senhor Jesus devido ao comportamento errado dos cristãos nominais e, infelizmente, ainda mais dos cristãos verdadeiros. Mas esse não era o caso naquela época.

Atos 11:27-30 | Ágabo profetiza uma fome

27 Naqueles dias, desceram profetas de Jerusalém para Antioquia. 28 E, levantando-se um deles, por nome Ágabo, dava a entender, pelo Espírito, que haveria uma grande fome em todo o mundo, e isso aconteceu no tempo de Cláu-

dio César. 29 E os discípulos determinaram mandar, cada um conforme o que pudesse, socorro aos irmãos que habitavam na Judéia. 30 O que eles com efeito fizeram, enviando-o aos anciãos por mão de Barnabé e de Saulo.

Depois de Barnabé, mais alguns profetas chegam a Antioquia vindos de Jerusalém. Os profetas são dons para toda a igreja. Eles podem ser ativos em Jerusalém, mas também podem facilmente ir a Antioquia para realizar seu ministério lá. Jerusalém não é um centro, mas há uma conexão. Os profetas são mencionados aqui pela primeira vez no Novo Testamento. Lemos um capítulo inteiro sobre o ministério deles em 1 Coríntios 14. Eles transmitem a palavra de Deus a partir da presença de Deus. Eles falam para a edificação, exortação e conforto da igreja (1 Cor 14:3). Eles não fazem previsões sobre eventos futuros, mas aplicam a palavra de Deus ao coração e à consciência.

No entanto, há um profeta entre eles que faz uma previsão como exceção: Ágabo. Lemos sobre ele que se levantou e anunciou pelo Espírito que uma grande fome viria sobre o mundo inteiro. Portanto, não se trata de alguém que afirma ser um profeta. O fato de sua profecia ser genuína foi demonstrado pelo seu cumprimento sob Cláudio, que reinou a partir do ano 41. A fome viria sobre toda a Terra, inclusive sobre eles.

Embora a profecia só viesse a se cumprir mais tarde, sob o reinado de um imperador posterior, ela levou os crentes de Antioquia a expressarem sua solidariedade com os crentes de Jerusalém, fornecendo ajuda. Os crentes não podiam evitar a fome, mas podiam fazer o que fosse necessário para aliviar a necessidade. Portanto, a profecia teve um impacto sobre os ouvintes, e esse é o propósito de todo ministério profético. Ao levar a profecia a sério, os crentes podiam, ao mesmo tempo, expressar sua gratidão pelas bênçãos espirituais que haviam recebido dos crentes da circuncisão. Depois de as nações de Jerusalém terem recebido uma parte das bênçãos espirituais, elas agora queriam servi-los com seus bens materiais (Gal 6:6; Rom 15:23-28).

O que está escrito aqui é o padrão para a doação cristã e não tanto o que encontramos nos capítulos 2 e 4, que tratavam do relacionamento dos judeus entre si (Atos 2:44, 45; 4:32-37). A doação ocorreu de acordo com as respectivas possibilidades (2Cor 8:12-15; 9:7). A doação era feita com a

consciência de sermos um só corpo. A profecia exige ação direta mesmo antes de haver evidências de que ela é boa. É uma obra do Espírito de Deus no coração. Os profetas nos dias de Esdras pediram a reconstrução do templo antes que o rei os colocasse em posição de fazê-lo e impedisse a oposição (Esd 5:1,2). É abençoado agir com base em motivos celestiais em questões terrenas.

As ações dos crentes em Antioquia devem ter sido um grande incentivo para os crentes em Jerusalém em sua experiência de unidade. O dinheiro foi para os anciãos (mencionados aqui pela primeira vez em conexão com a igreja; a forma como foram nomeados não é mencionada aqui), ou seja, os irmãos responsáveis da igreja, que puderam então redistribuí-lo. Isso expressa o vínculo de forma prática, como já havia sido expresso de forma espiritual anteriormente (verso 22).

Barnabé e Saulo levaram a dádiva com eles. Eles não se consideravam finos demais para isso, nem achavam que o trabalho espiritual era mais importante. O desejo deles era atender a todas as necessidades. Vemos aqui novamente que Barnabé está envolvido, porque uma comissão com dinheiro exige irmãos confiáveis. Barnabé já havia demonstrado que não dava valor às posses terrenas (Atos 4:36,37).

Atos 12

Atos 12:1-2 | Herodes mata Tiago

1 Por aquele mesmo tempo, o rei Herodes estendeu as mãos sobre alguns da igreja para os maltratar; 2 e matou à espada Tiago, irmão de João.

O capítulo 12:1-24 é uma interrupção. A partir do versículo 25, a história é retomada com Barnabé e Saulo, sobre os quais lemos no último versículo do capítulo anterior. Nessa interrupção, Lucas relata como Herodes mata Tiago e também descreve como Herodes leva Pedro como prisioneiro, como ele é libertado de suas mãos e como Herodes morre.

O significado mais profundo dessa seção intermediária parece estar em seu significado tipológico. Nos capítulos 10 e 11, tivemos diante de nós a obra do Espírito de Deus que Ele iniciou entre as nações. Isso significa que os laços com o judaísmo foram cortados. O foco muda para o cristianismo entre as nações.

Antes que essa mudança para as nações seja descrita em mais detalhes, vemos nessa seção como Deus retoma o assunto com Israel – quando a dispensação das nações termina. Por isso, somos levados de volta a Jerusalém por um momento, para depois deixarmos esse lugar para sempre (exceto por um evento especial lá). Lá encontramos Herodes, que é uma figura do Anticristo perseguindo o remanescente fiel em Jerusalém.

Encontramos uma figura do remanescente fiel em Tiago e Pedro. Assim como no caso desses dois apóstolos, também vemos no remanescente que, durante a grande tribulação, uma parte é morta e outra é poupada.

O Herodes que desempenha o papel principal nessa passagem é o terceiro Herodes mencionado no Novo Testamento. O primeiro queria assassinar o Senhor, o segundo mandou decapitar João Batista e, portanto, é responsável pela morte de Tiago. Tiago foi morto da mesma forma que muitos mártires do Antigo Testamento (Heb 11:37).

Há outro aspecto que podemos reconhecer em Herodes que está ligado ao evangelho. Com relação à proclamação do evangelho, vemos em Herodes o obstáculo político à proclamação do evangelho, um obstáculo

que é superado pela oração. No caso de Pedro, as leis de pureza eram um obstáculo ao evangelho, ou seja, um obstáculo religioso, mas Deus venceu isso também. Tanto as autoridades religiosas quanto as políticas têm sido repetidamente instrumentos nas mãos de Satanás para impedir o curso do evangelho, mas sempre em vão.

Parece que Herodes foi bem-sucedido em sua campanha contra os cristãos. Ele se apodera de alguns membros da congregação para lhes fazer o mal. Quando ele se apodera de Tiago, tem em suas mãos um dos líderes do novo movimento. Ele manda matar Tiago à espada, o que sugere que ele o mandou decapitar. Trata-se de Tiago, que é descrito como “o irmão de João”. Isso é para que ele não seja confundido com Tiago, o irmão do Senhor.

Ele, João e Pedro estavam com o Senhor durante sua glorificação no monte e foram testemunhas oculares da glória do Senhor (Luc 9:28,32). A experiência no monte foi a confirmação das promessas do Antigo Testamento sobre a vinda de Cristo em glória. Eram três testemunhas que viram isso. Herodes começa a matar essas testemunhas. Ele matou Tiago, quer matar Pedro, e quem pode dizer que João não estava também em sua lista depois. O diabo sempre quer eliminar as testemunhas.

Tiago é o primeiro dos apóstolos a morrer como mártir. Ele não é substituído como apóstolo, ao contrário de Judas na época (Atos 1:20-26).

Atos 12:3-6 | Pedro é feito prisioneiro

3 E, vendo que isso agradara aos judeus, continuou, mandando prender também a Pedro. E eram os dias dos asmos. 4 E, havendo-o prendido, o encerrou na prisão, entregando-o a quatro quaternos de soldados, para que o guardassem, querendo apresentá-lo ao povo depois da Páscoa. 5 Pedro, pois, era guardado na prisão; mas a igreja fazia contínua oração por ele a Deus. 6 E, quando Herodes estava para o fazer comparecer, nessa mesma noite, estava Pedro dormindo entre dois soldados, ligado com duas cadeias, e os guardas diante da porta guardavam a prisão.

Nos versículos seguintes, Lucas mais uma vez chama a atenção para Pedro em detalhes antes que ele desapareça de cena para nós, com exceção de sua aparição no capítulo 15. Os judeus ainda não perderam o ódio contra

os cristãos. Eles reagiram com alegria à morte de Tiago. Quando Herodes percebe isso, ele quer tirar proveito político do fato. Para deixar os judeus em um clima ainda mais favorável, ele continua sua campanha de expurgos. Ele também prende Pedro, que é aprisionado pela terceira vez.

Assim como Pilatos, Herodes também age tendo em mente o favor do povo. Sentimentos comuns de ódio unem Herodes e os judeus. O ódio dos judeus estava relacionado à adoração do Senhor Jesus como Deus. Na opinião deles, isso era apostasia de Deus, porque para eles Ele era apenas um homem, e adorar um homem era punível com a morte.

Por causa da festa, a execução não ocorre imediatamente. A referência aos Dias dos Pães Ázimos significa que a Páscoa era celebrada. Essa era uma lembrança do tempo em que o povo estava sob o domínio estrangeiro, mas do qual Deus havia libertado seu povo. Aqui, o povo cristão de Deus é oprimido pelo poder político, assim como acontecerá com o remanescente fiel no fim dos tempos. Mas assim como Deus libertou Seu povo naquela época para que eles O servissem, Ele está libertando o Seu povo agora e continuará a fazê-lo no futuro. Ao longo dos tempos, os poderes políticos tentaram impedir o povo de servir a Deus.

Com relação a Pedro, Herodes não deixa nada ao acaso. Ele certamente ouviu falar das prisões anteriores de Pedro e de como ele foi libertado das duas vezes. Isso não acontecerá com ele. Portanto, ele impedirá que esses cristãos fracos planejem libertá-lo com suas medidas de segurança. Mas a questão não é o que Herodes faz; é o que Deus pode fazer.

As medidas de segurança de Herodes são bastante especiais. Pedro é guardado por quatro vezes quatro soldados. Isso significa que ele é guardado por quatro soldados de cada vez, que são substituídos a cada três horas, de acordo com as quatro vigílias noturnas. Dois de cada quatro soldados estavam acorrentados a Pedro e dois soldados ficavam de guarda na porta. Portanto, a guarda era extremamente segura.

Mas em outra área, há uma batalha sendo travada que está destruindo todas as medidas de segurança possíveis. Essa é a batalha da oração. A congregação orou. Ela havia sido criada em uma atmosfera de oração (Atos 1:14; 2:42) e perseverava nessa atitude. A demora na execução de Pedro é usada pela igreja para orar por ele.

Foi realmente uma reunião de oração! A prisão de Pedro levou a congregação a uma oração persistente – que tinha a terrível morte de Tiago fresca em suas mentes. O poder da oração é maior do que o poder de Herodes, sim, até mesmo do que o poder do inferno. Passaram vários dias em oração, com apenas um pedido: Pedro. Foi uma oração comunitária ardente, dirigida a Deus, e foi uma oração específica, a saber, por Pedro (Heb 13:3; Apo 5:8).

Podemos ver um efeito inicial da oração na calma que Pedro irradiava. Embora soubesse o que Herodes havia planejado para ele, não ficou inquieto e agitado, mas dormiu. Esse sono foi uma vitória da fé. Ele dormiu o sono dos justos. Por um lado, ele sabia o que havia acontecido com seu bom amigo Tiago; por outro lado, ele já havia experimentado que o Senhor o havia libertado da prisão. Mas ele havia deixado tudo nas mãos do Senhor. O que Ele decide é bom, e isso lhe deu paz para dormir. De fato, ele já havia dormido em ocasiões em que deveria ter ficado acordado, como na glorificação do Senhor no monte (Luc 9:32) e na oração do Senhor no Getsêmani (Mat 26:40), mas agora ele dormia em paz (Slm 4:8; 3:5,6).

Atos 12:7-11 | Pedro é libertado

7 E eis que sobreveio o anjo do Senhor, e resplandeceu uma luz na prisão; e, tocando a Pedro no lado, o despertou, dizendo: Levanta-te depressa! E caíram-lhe das mãos as cadeias. 8 E disse-lhe o anjo: Cinge-te e ata as tuas sandálias. E ele o fez assim. Disse-lhe mais: Lança às costas a tua capa e segue-me. 9 E, saindo, o seguia. E não sabia que era real o que estava sendo feito pelo anjo, mas cuidava que via alguma visão. 10 E, quando passaram a primeira e a segunda guarda, chegaram à porta de ferro que dá para a cidade, a qual se lhes abriu por si mesma; e, tendo saído, percorreram uma rua, e logo o anjo se apartou dele. 11 E Pedro, tornando a si, disse: Agora, sei, verdadeiramente, que o Senhor enviou o seu anjo e me livrou da mão de Herodes e de tudo o que o povo dos judeus esperava.

No verso 6, Lucas mais uma vez se refere à boa guarda de Pedro, mas agora vemos como o Senhor zomba dele. Ele envia um de Seus anjos à cela onde Pedro está dormindo. Ele usa o anjo para trazer a luz celestial para a cela. Pedro não acorda, então o anjo tem de cutucá-lo (cf. 1Rei 19:5).

Ele é então instruído a se levantar “depressa”. O fato de haver uma libertação sobrenatural não significa que Pedro não tenha que fazer o que é necessário por si mesmo, e ainda rápido. Deus planejou um determinado tempo para a libertação e ela deve acontecer dentro desse tempo. A intervenção de Deus e o que o homem deve fazer se unem novamente aqui.

As correntes caem de suas mãos para que ele possa se levantar rapidamente. Os grilhões não são um problema para Deus, assim como as portas fechadas ou os túmulos. A queda das correntes certamente causou barulho. Podemos presumir que Deus colocou os guardas em um sono profundo. Assim como o guarda que deveria guardar o túmulo do Senhor Jesus foi desligado, Deus também desligou esse guarda. No túmulo de Jesus, os guardas ficaram “como mortos” quando um anjo apareceu (Mat 28:4); aqui eles não perceberam nada. Deus os trata como se não estivessem lá. Eles não são despertados pela luz ou pelo barulho.

O anjo então dá a Pedro instruções para sua fuga. O anjo havia soltado os grilhões de Pedro, e ele mesmo teve de vestir suas roupas e sapatos. Para calçar os sapatos, ele teve que se abaixar e então pôde andar. Será que Pedro não se lembrou dessa extraordinária libertação toda vez que calçou os sapatos? Será que sua confiança no Senhor não foi encorajada por isso?

Pedro faz o que o anjo diz e o segue para fora. Isso é tudo o que ele precisa fazer naquele momento. É como um sonho. Isso lembra a experiência que o remanescente fiel também terá quando for libertado pelo Senhor nos últimos dias da maior angústia (Slm 126:1).

Em seu caminho para a liberdade atrás do anjo, os dois passam por dois guardas que não dão o alarme. A porta de ferro, que representa um último obstáculo no caminho para a liberdade, abre-se por si mesma. É o braço poderoso de Deus que abre o caminho para a liberdade. Depois de passar por ela, eles se encontram na cidade. O anjo caminha por mais uma rua. Com isso, seu ministério chega ao fim. Ele desaparece sem dizer mais nada e retorna ao céu para ficar diante do Senhor, pronto para ser enviado para o próximo ministério.

Pedro agora está ali sozinho. Então ele volta a si. Pedro se dá conta de que é livre e de que nada resultará das expectativas de Herodes e do povo (cf. Rom 15:31). Vemos que Pedro também está ciente da estreita conexão

entre esses inimigos do cristianismo. Como já foi mencionado, essa estreita ligação entre Herodes e o povo judeu é uma ilustração da ligação entre o Anticristo e a multidão depreciadora do povo judeu. Sua libertação não o deixa descuidado. Ele sabe que precisa deixar esse lugar.

Agora que já consideramos a morte de Tiago e a libertação de Pedro, surge a pergunta: Por que Tiago foi morto e por que Pedro foi libertado da prisão? Essas perguntas surgem, mas não podemos respondê-las. Esses são os caminhos do governo de Deus que não podemos compreender. Nesse ponto, cabe a nós confiar plenamente em Deus, pois Ele não se engana.

Atos 12:12-17 | Pedro vai para a congregação

12 E, considerando ele nisso, foi à casa de Maria, mãe de João, que tinha por sobrenome Marcos, onde muitos estavam reunidos e oravam. 13 E, batendo Pedro à porta do pátio, uma menina chamada Rode saiu a escutar. 14 E, conhecendo a voz de Pedro, de alegria não abriu a porta, mas, correndo para dentro, anunciou que Pedro estava à porta. 15 E disseram-lhe: Estás fora de ti. Mas ela afirmava que assim era. E diziam: É o seu anjo. 16 Mas Pedro perseverava em bater, e, quando abriram, viram-no e se espantaram. 17 E, acenando-lhes ele com a mão para que se calassem, contou-lhes como o Senhor o tirara da prisão e disse: Anunciai isto a Tiago e aos irmãos. E, saindo, partiu para outro lugar.

Agora que Pedro está livre, ele sabe para onde ir. Ele sabe que os crentes estão se reunindo na casa de Maria, que é descrita com mais detalhes como a mãe de João, que também é chamado de Marcos. Ouviremos mais sobre esse João Marcos. Quanto à reunião que foi realizada ali, vemos que muitos estavam reunidos. Ninguém deve ter se ausentado por falta de interesse. Os crentes foram reunidos por pressão de fora; eles buscavam a face de Deus juntos.

O fato de que eram muitos não significa necessariamente que toda a igreja estava lá. Também lemos que Pedro mandou levar a notícia de sua libertação a Tiago e aos irmãos (verso 17). Portanto, é óbvio que eles não estavam lá.

Depois que Pedro chegou ao local, ele teve de bater à porta, como de costume. Essa porta não se abriu sozinha como a porta da prisão. Em resposta à sua batida, uma criada chega. Lucas menciona o nome dela: Seu nome é

Rode. Ele não diz nada sobre a idade dela, mas é óbvio que essa moça tem uma tarefa importante na comunidade. Espera-se que ela conheça aqueles que querem entrar e que os avise se suspeitar que alguém está vindo com motivos falsos. Ela é uma verdadeira serva da igreja.

É óbvio que Pedro não apenas bateu à porta, mas também chamou baixinho, porque ela reconhece a voz de Pedro. Isso também indica seu grande interesse pelas coisas do Senhor. Ela deve tê-lo ouvido falar com frequência. Pedro já havia sido reconhecido por uma criada, mas naquela ocasião ele não quis ser reconhecido e negou seu Senhor (Luc 22:56).

Em sua empolgação com a súbita aparição de Pedro, ela corre e informa que Pedro está do lado de fora do portão. Ela se esquece de abrir a porta. Esse esquecimento é a razão pela qual a incredulidade da congregação é revelada. Embora Pedro já tivesse sido libertado por intervenção divina anteriormente (Atos 5:19), eles não acreditaram que o que Rode disse era verdade.

Não precisamos censurá-los por isso, pois muitas vezes nós mesmos duvidamos quando a resposta já está à porta. Por outro lado, a reação deles deixa claro que as libertações milagrosas e os milagres em geral não eram eventos cotidianos. A vida do crente não é uma sequência de todos os tipos de milagres que o livram de situações incômodas ou doenças desagradáveis.

A primeira reação deles é que Rode está fora de si. Rode, no entanto, não tem dúvidas. Ela garante aos crentes que realmente é Pedro que está na porta. Mas os crentes não querem acreditar nisso. Então, eles acham que deve ser o anjo dele. Eles não querem dizer o anjo da guarda dele, mas que o espírito dele se manifestou a ela, que ela ouviu um ser sobrenatural representando Pedro. Por causa do Antigo Testamento, eles estavam familiarizados com a ideia de que os anjos podem aparecer para as pessoas. Os anjos têm uma função de proteção, preservação e ministração (Slm 91:11, 12; Heb 1:14).

Enquanto tudo isso está acontecendo lá dentro, Pedro continua a bater. Quando chegam juntos à porta e a abrem, eles o veem. Eles não conseguem acreditar em seus olhos e ficam fora de si. Provavelmente estavam mais

impressionados com o poder de Herodes do que com o poder de Deus. Eles devem ter bombardeado Pedro com perguntas.

Mas Pedro os acalma acenando com a mão, aparentemente sem dizer nada. Sua libertação não o torna descuidado. Ele os admoesta a ficarem quietos. O barulho que eles fazem penetra muito na quietude da noite e poderia revelar onde ele está. Ele lhes conta como foi resgatado. Não foi um anjo que teve a honra de libertá-lo, mas o Senhor.

Ele pede que contem a Tiago e aos irmãos sobre sua libertação, que certamente também estiveram orando e estão ansiosos para saber o que acontecerá em seguida. Ele menciona Tiago em particular, porque ele provavelmente era responsável pela igreja em Jerusalém junto com Pedro. Esse Tiago é o irmão do Senhor (Mar 6:3), que, como lemos mais tarde, era um líder da igreja em Jerusalém (Atos 15:13; 21:18). Paulo considera Tiago, juntamente com Pedro e João, como um dos três pilares da igreja (Gal 2:9).

Depois que Pedro é solto, ele não volta para a cidade, como no capítulo 5 (Atos 5:20), mas vai para outro lugar. Lucas não nos diz o lugar. Na verdade, esse é o fim da história de Pedro. Nós o encontramos novamente no capítulo 15 de Atos dos Apóstolos. Não lemos mais nada sobre onde e como ele trabalhava. A Igreja Católica Romana afirma que ele foi a Roma para iniciar seu reinado de 45 anos como papa, mas essa é apenas uma ideia tola. Pedro partiu por volta do ano 44. Ele escreveu suas cartas em meados dos anos sessenta.

Atos 12:18-19 | A reação de Herodes

18 E, sendo já dia, houve não pouco alvoroço entre os soldados sobre o que seria feito de Pedro. 19 E, quando Herodes o procurou e o não achou, feita inquirição aos guardas, mandou-os justificar. E, partindo da Judéia para Cesaréia, ficou ali.

Embora Pedro tenha desaparecido de cena, a história não termina aí. Lucas nos conta como Herodes reagiu a esse fato e, por fim, nos fala sobre seu fim. Como já foi mencionado, isso parece indicar que o significado exemplar de toda essa história está em jogo. Após a libertação de Pedro como uma figura do remanescente, segue-se o julgamento de Herodes como uma figura do Anticristo. Esse julgamento o atinge porque ele se permitiu ser adorado como Deus, e o Anticristo fará o mesmo.

No que diz respeito ao desaparecimento de Pedro, é compreensível que isso cause grande consternação entre os soldados. Eles estavam lá quando Pedro desapareceu, mas não participaram do fato, não perceberam nada a respeito e, portanto, não puderam impedir. Essa é a perplexidade das pessoas que acham que têm tudo sob controle, embora, ao mesmo tempo, as coisas em que estão intimamente envolvidas aconteçam sem o seu envolvimento. Essa é a cegueira dos homens que não contam com Deus. Isso também se aplica a Herodes.

Primeiro, ele procurou Pedro por algum tempo, mas não o encontrou (cf. Jer 36:26). Ele então interroga os guardas. É claro que eles não conseguem dar uma resposta satisfatória sobre o desaparecimento de Pedro. Ele então ordena que os guardas sejam levados para serem executados. Eles devem pagar pela fuga de Pedro com suas próprias vidas, pois foram responsáveis por ela (cf. 1 Reis 20:39). Pedro não morreu naquele dia, mas vários soldados morreram em seu lugar (Pro 11:8).

Atos 12:20-23 | A morte de Herodes

20 E ele estava irritado com os de Tiro e de Sidom; mas estes, vindo de comum acordo ter com ele e obtendo a amizade de Blasto, que era o camarista do rei, pediam paz, porquanto o seu país se abastecia do país do rei. 21 E, num dia designado, vestindo Herodes as vestes reais, estava assentado no tribunal e lhes dirigiu a palavra. 22 E o povo exclamava: Voz de Deus, e não de homem! 23 No mesmo instante, feriu-o o anjo do Senhor, porque não deu glória a Deus; e, comido de bichos, expirou.

Lucas descreve a morte de Herodes. Os eventos que levaram à sua morte estão ligados ao seu relacionamento com os tírios e sidônios. Por motivos desconhecidos, Herodes estava irritado com os tírios e sidônios, habitantes de duas cidades comerciais no Mediterrâneo. Essas cidades dependiam de Israel para o fornecimento de alimentos. Por causa da raiva de Herodes, esse suprimento foi interrompido. A fim de retomá-lo, eles tentaram se aproximar de Herodes.

Para restaurar as relações diplomáticas, entraram em contato com um dos servos mais próximos de Herodes, o oficial da corte Blasto. Eles conseguiram persuadi-lo – talvez com suborno – a ponto de ele querer fazer a

mediação com Herodes em nome deles. Eles pediram paz, ou seja, pediram a Herodes que se reconciliasse com eles novamente. Herodes concordou com o pedido e marcou um dia para fazer um discurso para a legação e para o povo de Cesaréia. De acordo com o historiador judeu Josefo Flávio, esse era o segundo dia de uma festa que Herodes havia organizado para comemorar a vitória do imperador Cláudio.

Josefo também fala sobre o manto real que Herodes vestiu. Ele diz que era um manto tecido inteiramente de prata. Aqui, Herodes se apresenta enfaticamente como rei e, assim, chama toda a atenção para si. Nessa qualidade e com o esplendor esmagador da pompa, ele se senta na cadeira do juiz para fazer seu discurso de lá. Herodes primeiro se apresenta como rei; ele se arroga essa posição como um edomita. E ele não para por aí. Nessa posição, ele se transforma em um deus enquanto fala.

Ele reconhece com grande prazer como o povo o chama (por mais hipócrita que seja, pois querem trazê-lo de volta para o lado deles) que sua voz é a de um deus e não a de um homem. Eles lhe oferecem adoração divina, que ele aceita sem hesitar. Aqui, também, vemos nele uma figura do Anticristo, pois esse homem perverso também se permitirá ser adorado como Deus (2Tes 2:4).

Por meio dessa adoração, que ele aceita dos homens, ele atrai a ira de Deus sobre si mesmo; ele a experimenta imediatamente depois. O que é a regra entre os pagãos e nem sempre é julgado por Deus imediatamente, Deus julga Herodes imediatamente. Herodes sabia que não deveria ter aceitado essa honra.

Deus deixa claro aqui que Ele é o governante do mundo, por maior que seja o orgulho do homem. Como Herodes aceitou essa adoração, Deus o feriu por um anjo (cf. Dan 4:30,31; Jó 40:11,12). Aqui Deus dá testemunho do fato de que Ele é o verdadeiro governante e não o homem que persegue os cristãos.

Isso conclui o interlúdio deste capítulo. Tratamos do ministério de Pedro, incluindo os sete discursos que ele fez. Em seguida, começa o ministério de Paulo; aqui também encontraremos sete discursos.

Atos 12:24-25 | A transição para o ministério de Paulo

24 E a palavra de Deus crescia e se multiplicava. 25 E Barnabé e Saulo, havendo terminado aquele serviço, voltaram de Jerusalém, levando também consigo a João, que tinha por sobrenome Marcos.

Os governantes podem ir e vir, mas a palavra de Deus cresce e se multiplica. A morte de Tiago e a partida de Pedro não são obstáculos para o crescimento da palavra e o aumento da igreja. O crescimento e o aumento da Palavra de Deus são demonstrados na conversão de almas individuais. Na vida de cada alma convertida, a Palavra de Deus ganhou um pouco mais terreno. A Palavra aumenta sua presença na Terra em cada crente que se submete ao governo da Palavra.

No início deste capítulo, Herodes ameaçou destruir a igreja. O final desse capítulo descreve como o próprio Herodes é aniquilado e como a igreja cresce. Essa também é a transição para uma nova seção deste livro, a descrição do ministério de Paulo. Barnabé e Saulo (a partir do capítulo 13:9 Lucas usará o nome Paulo para ele) retornam a Antioquia depois de cumprirem o ministério que lhes foi dado em Jerusalém no capítulo 11 (Atos 11:30). Marcos está com eles. Ele é mencionado porque estava lá quando Paulo iniciou sua primeira viagem missionária.

Atos 13

Atos 13:1-3 | Barnabé e Saulo são chamados

1 Na igreja que estava em Antioquia havia alguns profetas e doutores, a saber: Barnabé, e Simeão, chamado Níger, e Lúcio, cireneu, e Manaém, que fora criado com Herodes, o tetrarca, e Saulo. 2 E, servindo eles ao Senhor e jejuando, disse o Espírito Santo: Apartai-me a Barnabé e a Saulo para a obra a que os tenho chamado. 3 Então, jejuando, e orando, e pondo sobre eles as mãos, os despediram.

Depois de acompanhar o ministério de Pedro na primeira parte de Atos (capítulos 1-12), Lucas descreverá principalmente o ministério de Paulo do capítulo 13 em diante. A partir desse capítulo, vemos como uma pequena seita judaica continua a se desenvolver em um movimento global. Já vimos os preparativos para isso na conversão de Saulo (capítulo 9), na conversão do eunuco (capítulo 8) e na de Cornélio (capítulo 10). Deus já havia começado esse desenvolvimento quando os crentes foram dispersos.

Na parte anterior, Jerusalém era o centro do cristianismo, que ainda era basicamente judaico na época. No ministério de Paulo, esse lugar será substituído por Antioquia como o centro do cristianismo não judeu. A propósito, o vínculo com Jerusalém permanece. Depois de algum tempo, Antioquia não é mais mencionada como o centro. O cristianismo não tem um centro geográfico.

No início do capítulo 13, Lucas dirige nossa atenção para Antioquia como um lugar onde há uma igreja. Ele também menciona que há profetas e mestres lá. Não há menção de qualquer nomeação por homens. É óbvio que também não há menção de um ministério de um homem só. O Senhor Jesus deu essa tarefa aos profetas e mestres e os colocou em sua igreja (Efé 4:11).

Parece que os cinco irmãos mencionados eram tanto profetas quanto mestres. Os cinco formavam uma boa equipe. Eles serviam ao Senhor juntos, jejuando. Essa é a atmosfera na qual o Espírito pode falar e tornar sua vontade conhecida. O Espírito Santo fala a esse grupo de irmãos. Ele

poderia ter falado diretamente a Barnabé e Saulo, mas não o fez. Embora Ele envie – e não a igreja – Sua missão não está desvinculada da igreja. O ministério daqueles que são enviados ocorre no território da igreja. Em seu ministério, eles acrescentam à igreja por meio da pregação do evangelho, enquanto edificam a igreja por meio de seu ensino.

Eles não são enviados pela congregação, mas estão comprometidos com o Senhor para o seu ministério. Quando mais tarde retornam a Antioquia com seu relatório, não é para responder por si mesmos, mas para relatar o que o Senhor fez por meio deles entre as nações (Atos 14:27). Não temos aqui um Cristo na Terra que envia seus discípulos. O envio de Paulo (aqui ainda Saulo) e Barnabé ocorre sob a influência direta do Espírito Santo.

Aqui também fica claro que o Espírito Santo é uma pessoa. O Espírito Santo, sem dúvida, terá usado a boca de um dos profetas para tornar sua vontade conhecida. O envio é feito de uma cidade da Síria e não de Jerusalém. O Espírito Santo trabalha sem os apóstolos, de forma independente, como sempre. Seu ponto de partida é um Cristo glorificado no céu.

Quando foram chamados para o ministério, eles já estavam trabalhando para o Senhor há vários anos. Não eram neófitos. O chamado de Saulo ocorreu no capítulo 9 (Atos 9:15; cf. Gál 1:15,16), cerca de oito anos antes. Agora vem a comissão para seguir esse chamado. Portanto, há uma diferença entre o chamado e o envio. O período intermediário é um tempo de preparação.

O Espírito Santo pôde fazer com que Sua vontade fosse conhecida por eles porque concentraram suas vidas no Senhor Jesus e em servi-Lo. Isso também incluía o jejum. Eles se abstiveram voluntariamente de certos alimentos a fim de estarem abertos à vontade do Senhor. Isaías 58 mostra que o que conta para Deus é a atitude interior que faz parte do jejum, não o jejum em si (Isa 58:1-14).

Depois que o Espírito Santo lhes deu a conhecer sua vontade, eles jejuam novamente e pedem em oração mais orientação do Senhor. Ao fazer isso, eles percebem que devem impor as mãos sobre Barnabé e Saulo e deixá-los ir. O fato de deixá-los ir significa que não colocaram nada em seu caminho, embora a partida deles tenha sido uma grande perda para a igreja. Eles carregam o envio em seus corações e permanecem envolvidos nele.

A imposição de mãos não tem nada a ver com emprego humano, mas é um sinal da comunhão que tiveram com eles nessa questão. Em um verdadeiro ministério do Senhor, o Senhor chama o servo pessoalmente, sem o envolvimento da igreja. Ao mesmo tempo, o servo também receberá de bom grado a imposição de mãos para realizar o serviço do Senhor com o apoio da igreja. A imposição de mãos significa tornar-se um (por exemplo, Lev 1:4; 3:2,8,13; 4:4,15,24,29,33).

Atos 13:4-5 | Início da primeira jornada missionária

4 E assim estes, enviados pelo Espírito Santo, desceram a Selêucia e dali navegaram para Chipre. 5 E, chegados a Salamina, anunciavam a palavra de Deus nas sinagogas dos judeus; e tinham também a João como cooperador.

Agora começa a primeira viagem missionária. Ela é descrita até o capítulo 14:26. Depois de terem sido chamados pelo Espírito Santo – ou seja, explicitamente não por homens (Gál 1:1) – Ele também os envia – ou seja, explicitamente não pela igreja. Sem que tenhamos lido que o Espírito Santo lhes disse para onde ir, eles partiram.

Parece que Chipre não foi uma escolha aleatória. É o local de nascimento de Barnabé (Atos 4:36). É possível que Barnabé quisesse começar a pregar o evangelho ali. Quando desembarcaram em Salamina, foram primeiro às sinagogas dos judeus. Havia várias sinagogas ali, o que mostra que havia uma grande comunidade judaica na ilha. Embora tenham sido enviados às nações, eles primeiro procuraram os judeus na vizinhança dos gentios. Paulo sempre faria isso mais tarde. Em seu amor pelo povo terreno de Deus, ele continua o mesmo: primeiro os judeus e depois os gregos (Rom 1:16).

Eles proclamaram a palavra de Deus em Salamina. João Marcos também estava presente nessa pregação. Ele foi com eles para servir a eles. Ele queria dedicar seu tempo e energia ao evangelho, o que provavelmente fez ao ajudar esses dois pregadores com todos os tipos de coisas práticas.

Atos 13:6-12 | Elimas e Sérgio Paulo

6 E, havendo atravessado a ilha até Pafos, acharam um certo judeu, mágico, falso profeta, chamado Barjesus, 7 o qual estava com o procônsul Sérgio Paulo,

varão prudente. Este, chamando a si Barnabé e Saulo, procurava muito ouvir a palavra de Deus. 8 Mas resistia-lhes Elimas, o encantador (porque assim se interpreta o seu nome), procurando apartar da fé o procônsul. 9 Todavia, Saulo, que também se chama Paulo, cheio do Espírito Santo e fixando os olhos nele, disse: 10 Ó filho do diabo, cheio de todo o engano e de toda a malícia, inimigo de toda a justiça, não cessarás de perturbar os retos caminhos do Senhor? 11 Eis aí, pois, agora, contra ti a mão do Senhor, e ficarás cego, sem ver o sol por algum tempo. No mesmo instante, a escuridão e as trevas caíram sobre ele, e, andando à roda, buscava a quem o guiasse pela mão. 12 Então, o procônsul, vendo o que havia acontecido, creu, maravilhado da doutrina do Senhor.

Não ouvimos falar de nenhuma reação à proclamação da palavra de Deus em Salamina. Uma possível razão para isso poderia ser a influência das atividades de um homem possuído por demônios que também era judeu. Esse homem era particularmente ativo em Pafos. Barnabé e Saulo o encontraram lá depois de terem viajado por toda a ilha. Ele era chamado de Bar-Jesus, que significa “filho de Jesus”. O Espírito Santo nos mostra nesse homem alguém que tinha um parentesco muito próximo com Jesus no nome, mas que na verdade estava muito distante do Senhor Jesus. Ele não transmitia a verdadeira palavra de Deus, mas falsificava a palavra de Deus.

Elymas servia ao procônsul Sérgio Paulo, que representava a autoridade romana em Chipre. O governador não conhece o verdadeiro Deus, mas, por outro lado, é um homem de entendimento. Isso é demonstrado por seu desejo sincero de preencher o vazio interior que sentia diante da irrelevância das cerimônias pagãs e da imoralidade abominável.

No falso profeta e feiticeiro, o judeu Elimas, vemos um representante da inimizade contra o cristianismo. Veremos repetidas vezes como os judeus também rejeitam a palavra fora da terra de Israel e, ao mesmo tempo, querem impedir que ela seja proclamada às nações (cf. verso 45). Em Elimas, vemos como os poderes diabólicos estão em ação. Por isso, Paulo também o desmascara em público.

Esse é o momento em que Lucas muda o nome e passa a chamar Saulo de Paulo a partir de agora. Em conexão com o judaísmo, Lucas sempre o chamou por seu nome hebraico. Saulo significa “o procurado” ou “o dese-

jado". A partir desse nome, podemos supor os grandes planos que seus pais podem ter tido para ele. Talvez tenham lhe dado esse nome por admiração pelo rei Saul. O rei Saul literalmente se destacava de todos, desde os ombros para cima, sobressaía a todo o povo; eles esperavam que seu filho Saulo fosse religiosamente superior a todos os outros. Foi o que aconteceu (Gál 1:14). Mas de agora em diante ele é chamado de Paulo. Agora que ele está totalmente dedicado ao ministério entre as nações, Lucas o chama pelo seu nome gentio.

Isso acontece durante o confronto de Paulo com o falso profeta. Ao fazer isso, ele prova onde se encontra seu poder, ou seja, não em si mesmo, mas no Espírito Santo. Em vez de ser o maior de todos, ele aprendeu que o verdadeiro poder só pode ser encontrado em ser o menor de todos (Luc 22:26,27). Paulo significa "o menor".

A humildade é um pré-requisito para a evangelização mundial. Somente assim alguém tem a mentalidade certa para poder se posicionar firmemente contra a resistência que se levanta contra o evangelho. Paulo encontra essa força no Espírito Santo, do qual ele é cheio. Estar cheio com o Espírito Santo indica uma realização temporal para este momento. No momento do cumprimento, o Espírito Santo dá um poder especial para o que precisa ser dito.

Cheio do Espírito Santo, Paulo se dirige a esse falso profeta, que se revela tão claramente como um oponente do evangelho, da maneira mais poderosa. Com um indignado "Oh, você", Paulo se dirige diretamente a esse homem e o expõe completamente como um homem cheio de astúcia e malícia. Não há nada de bom nesse homem. Paulo o chama, com razão, de "filho do diabo" e "inimigo de toda a justiça". Ele tem o diabo como pai e se revela como alguém que abomina a justiça. Alguém só é chamado de filho do diabo se demonstrar resistência obstinada e criteriosa (Joã 8:44; 1Joã 3:10). Em sua depravação, ele também apresenta os caminhos retos do Senhor (Osé 14:10) de forma distorcida. No entanto, ele é reconhecido (Pro 10:9).

Com autoridade apostólica, Paulo julga esse filho do diabo e o cega, trazendo a mão do Senhor sobre ele. Essa é a segunda vez que a "mão do Senhor" é mencionada, aqui para julgamento e no capítulo 11 para bênção

(Atos 11:21). Paulo limita o tempo da cegueira, que é apenas “por algum tempo”.

Nessa cegueira temporal, Elimas é uma representação do povo incrédulo dos judeus, sobre o qual há um véu no tempo presente, mas que um dia será removido. É um endurecimento temporal (Rom 11:25). Eles são atingidos pela cegueira porque têm inveja da pregação do evangelho às nações (veja 1Tes 2:16). Como resultado, o judaísmo tem procurado por muitos séculos por pessoas que possam pegá-lo pela mão e guiá-lo. Eles dependem do favor das nações, que buscam constantemente.

Outra consequência da cegueira dos judeus é o fato de o evangelho ter chegado aos gentios (Rom 11:11,15). Também vemos isso na história de Elimas. Depois que ele foi atingido pela cegueira, Deus abriu a porta do coração do gentio Sérgio Paulo para a fé. O governador não ficou tão impressionado com o que aconteceu, mas com o ensinamento do Senhor. Não o milagre, mas a palavra é a base da conversão.

Atos 13:13-15 | De Chipre para Antioquia na Pisídia

13 E, partindo de Pafos, Paulo e os que estavam com ele chegaram a Perge, da Panfília. Mas João, apartando-se deles, voltou para Jerusalém. 14 E eles, saindo de Perge, chegaram a Antioquia da Pisídia e, entrando na sinagoga, num dia de sábado, assentaram-se. 15 E, depois da lição da Lei e dos Profetas, lhes mandaram dizer os principais da sinagoga: Varões irmãos, se tendes alguma palavra de consolação para o povo, falai.

Aqui a referência é a “Paulo e seus companheiros”. Isso parece indicar que o grupo não era mais composto apenas por Paulo, Barnabé e João Marcos. É possível que pessoas tenham se convertido à fé junto com o governador, algumas das quais se juntaram a Paulo e Barnabé. A referência a “Paulo e seus companheiros” também significa que Paulo agora assume a liderança e Barnabé fica em segundo lugar. Paulo caracteriza esse grupo de viajantes; eles seguem em frente sob sua liderança e responsabilidade.

Paulo e seus companheiros deixam a ilha de Chipre. Eles desembarcam em Pafos e viajam para Panfília, que fica no sul da Galácia. Eles desembarcam em Perge. Lá, João Marcos se separa deles. Ele não vê mais como sua tarefa continuar viajando com esses dois servos. Eles agora precisam passar sem

seu serviço. João é a ilustração do servo infiel. Parece que ele ainda não era adequado para esse ministério. Barnabé e Paulo não haviam percebido isso. Sem qualquer comentário de sua parte, eles deixaram João Marcos ir embora. Eles mesmos viajaram para o interior de Perge.

Em sua jornada, chegaram a uma cidade na província da Pisídia, também chamada Antioquia. Naquela época, havia várias cidades com esse nome. Aqui também Paulo visita a sinagoga pela primeira vez. Eles conhecem os costumes da sinagoga e se sentam lá. Eles sabem que, após a leitura da lei, há uma oportunidade de falar com os judeus. Vemos como o culto é conduzido nas sinagogas. Havia grande liberdade no culto, mais do que em muitas igrejas de hoje. Após a leitura da lei, houve uma proclamação livre. A presença de Paulo e Barnabé é notada e pede-se a eles que digam uma palavra que possa servir para encorajar o povo.

Atos 13:16-21 | O tempo dos pais até Saúl

16 E, levantando-se Paulo e pedindo silêncio com a mão, disse: Varões israelitas e os que temeis a Deus, ouvi: 17 O Deus deste povo de Israel escolheu a nossos pais e exaltou o povo, sendo eles estrangeiros na terra do Egito; e com braço poderoso o tirou dela; 18 e suportou os seus costumes no deserto por espaço de quase quarenta anos. 19 E, destruindo a sete nações na terra de Canaã, deu-lhes por sorte a terra deles. 20 E, depois disto, por quase quatrocentos e cinqüenta anos, lhes deu juizes, até ao profeta Samuel. 21 E, depois, pediram um rei, e Deus lhes deu, por quarenta anos, a Saul, filho de Quis, varão da tribo de Benjamim.

Paulo aceita prontamente o convite para falar uma palavra ao povo. Certamente ele tem uma palavra de encorajamento ou exortação, que será o fato de que eles não podem ser justificados pela lei, mas somente pela fé no Senhor Jesus. Sem preparação, Paulo pode usar a oportunidade oferecida a ele para pregar a Palavra de Deus. Ele está ciente do tipo de público que tem diante de si. Ele acena com a mão para acalmar a multidão (cf. Atos 12:17) e começa seu discurso.

Ele se dirige aos israelitas como “homens de Israel” e aos prosélitos como “você que temem a Deus”. Paulo primeiro deixa claro que Israel é o povo escolhido de Deus. Ele lembra seus ouvintes da escravidão no Egito e de

como Deus os tirou de lá. Ele apresenta tanto a eleição dos pais, que eram idólatras, quanto a libertação da escravidão do Egito, que eles não haviam pedido, como a ação da graça soberana de Deus.

Em todo o seu discurso, ele se refere repetidamente ao lado gracioso das relações de Deus com seu povo, não à infidelidade deles e ao que mereciam com base na lei. Ele deixa isso claro ao apresentar a eles o cuidado de Deus que haviam experimentado durante quarenta anos no deserto. Ele está preocupado com o lado da graça de Deus e não com o constante fracasso do povo no deserto. Por causa da lei, eles teriam perecido completamente.

Ele aponta para a mesma graça quando os lembra de como Deus eliminou sete nações diante deles da terra de Canaã para lhes dar a terra. Eles não receberam a terra porque a mereciam (Deu 9:4). Deus também não deu essa terra sem mais nem menos, mas a deu a eles como herança, como uma terra que Ele havia escolhido especialmente para eles e que lhes deu como uma posse real. O tempo em que Deus lidou com Seu povo dessa forma durou cerca de 450 anos. Essa é a soma dos 400 anos no Egito, dos quarenta anos de peregrinação no deserto e dos dez anos de conquista da terra.

Depois de chegarem à terra, Deus lhes deu juízes. Ele deu esses juízes repetidas vezes em Sua graça, como resultado de seu clamor a Deus. Paulo não menciona que esse clamor a Deus foi novamente o resultado da opressão do inimigo que Deus havia trazido sobre eles por causa de sua infidelidade. O único juiz que Paulo menciona é o último que Deus deu: Samuel. Samuel é uma prova especial da graça de Deus. Deus o deu sem que o povo Lhe pedisse.

Quando Paulo então se volta para Saul, o rei que o povo havia pedido, ele também o faz sem dizer nada sobre o que Deus pensava a respeito do pedido do povo. Ele deixa para os ouvintes refletirem sobre o fato de que esse rei havia perseguido o homem segundo o coração de Deus. Ouvir um sermão da Palavra de Deus exige que os ouvintes pensem junto com ele e não devem se limitar a ouvir as palavras. Quando ouvimos, devemos nos perguntar: O que isso significa para mim?

Aqui aprendemos outra coisa que não lemos no Antigo Testamento: Saul foi rei por quarenta anos.

Atos 13:22-25 | O tempo de Davi até o Senhor Jesus

22 E, quando este foi retirado, lhes levantou como rei a Davi, ao qual também deu testemunho e disse: Achei a Davi, filho de Jessé, varão conforme o meu coração, que executará toda a minha vontade. 23 Da descendência deste, conforme a promessa, levantou Deus a Jesus para Salvador de Israel, 24 tendo primeiramente João, antes da vinda dele, pregado a todo o povo de Israel o batismo do arrependimento. 25 Mas João, quando completava a carreira, disse: Quem pensais vós que eu sou? Eu não sou o Cristo; mas eis que após mim vem aquele a quem não sou digno de desatar as sandálias dos pés.

Paulo observa que Deus “o rejeitou”. Assim, ele indica indiretamente que Saul não era o rei segundo o coração de Deus. Paulo quer falar sobre Davi. Ele quer usar Davi para apontar para o Senhor Jesus, o homem segundo o coração de Deus. Com a eleição de Davi, Deus estabeleceu um relacionamento completamente novo com seu povo, muito diferente daquele que havia estabelecido anteriormente por meio dos juízes e do primeiro rei Saul. Com o que disse até agora, Paulo quer mostrar como Deus tem salvado repetidamente seu povo por meio da graça soberana. Ao mesmo tempo, ele deixa claro para seus ouvintes que não está trazendo coisas novas, mas o antigo ensinamento.

De Davi, o passo para o Senhor Jesus é dado rapidamente. Isso leva Paulo ao seu tópico real. Israel estava esperando o Messias, e essa expectativa estava ligada à casa de Davi. O Messias é o Filho de Davi, nascido da casa de Davi. Paulo mostra a seus ouvintes que esse filho prometido de Davi, depois da promessa a Israel, foi trazido por Deus na pessoa de Jesus. A promessa foi feita primeiramente a Davi, mas também a toda a nação. Deus o deu a seu povo como Salvador. Nesse nome, ouvimos a palavra “salvação”.

Paulo menciona o precursor do Messias, João, porque eles também conheciam João aqui. Ele também se refere ao sermão de João sobre o batismo para a conversão de toda a nação de Israel. Seus ouvintes em Antioquia da Pisídia também pertencem a esse grupo. Ao mencionar o conteúdo do sermão de João, ele chama a atenção de seus ouvintes para a necessidade de conversão. Em seguida, ele permite que o próprio João dê sua opinião. Após o cumprimento de sua missão, ou seja, pouco antes de sua prisão,

João rejeitou qualquer honra própria. Ele apontou para Ele, que é digno de toda honra, dele e de todos os outros, pois Ele está acima de tudo e de todos.

Atos 13:26-31 | O que aconteceu com o Senhor Jesus

26 Varões irmãos, filhos da geração de Abraão, e os que dentre vós temem a Deus, a vós vos é enviada a palavra desta salvação. 27 Por não terem conhecido a este, os que habitavam em Jerusalém e os seus príncipes, condenaram-no, cumprindo assim as vozes dos profetas que se lêem todos os sábados. 28 E, embora não achassem alguma causa de morte, pediram a Pilatos que ele fosse morto. 29 E, havendo eles cumprido todas as coisas que dele estavam escritas, tirando-o do madeiro, o puseram na sepultura. 30 Mas Deus o ressuscitou dos mortos. 31 E ele, por muitos dias, foi visto pelos que subiram com ele da Galiléia a Jerusalém, e são suas testemunhas para com o povo.

Depois que Paulo apresentou o passado a seus ouvintes, no qual a graça de Deus foi demonstrada repetidas vezes, ele mais uma vez pede enfaticamente a atenção dos dois grupos que compõem seu público. Ele chega à prova suprema da graça de Deus, explicando-lhes que a “palavra desta salvação” foi enviada a eles. Ele não se exclui.

A palavra dessa salvação chegou a eles em uma pessoa, na pessoa do Senhor Jesus. Ele veio, mas os habitantes de Jerusalém e seus líderes religiosos não entenderam quem Ele realmente era. Eles não o reconheceram como o Messias. Isso os levou a condená-Lo. Ao fazer isso, eles cumpriram a palavra dos profetas, cujas vozes são ouvidas todos os sábados na sinagoga, quando leem as escrituras. Os profetas profetizaram sobre a rejeição. O fato de terem cumprido os profetas ao rejeitarem o Senhor Jesus não os torna menos culpados.

Paulo não diz nada sobre a vida do Senhor Jesus, mas se concentra em sua execução e morte. Não apenas Israel é culpado por essa morte, mas as nações também são culpadas. Paulo dá a entender que essas últimas estão envolvidas ao mencionar Pilatos. Deus permitiu que eles (os judeus) fizessem o que quisessem com Ele. Ao fazer isso, eles ignorantemente – mas ainda assim totalmente responsáveis – cumpriram o que está escrito sobre

Ele. Os “eles” que O tiraram do madeiro e O colocaram em uma sepultura foram José e Nicodemos.

Depois de descrever as ações dos homens, Paulo diz o que Deus fez com Ele. Deus O ressuscitou dentre os mortos. A ressurreição não é uma ilusão, mas uma realidade. Os discípulos O viram como o Ressuscitado. Aquele que apareceu a eles é o mesmo com quem eles viajaram pela terra, da Galiléia a Jerusalém. Eles ainda podem perguntar a essas testemunhas, porque elas ainda estão vivas em Israel. Paulo não menciona seu próprio testemunho de que ele também tinha visto o Senhor. Ele não era uma testemunha do Senhor na terra, mas de Cristo na glória. Seu discurso é sobre o fato de que Aquele que morreu é o mesmo que foi ressuscitado por Deus.

Atos 13:32-39 | A proclamação da promessa

32 E nós vos anunciamos que a promessa que foi feita aos pais, Deus a cumpriu a nós, seus filhos, ressuscitando a Jesus, 33 como também está escrito no Salmo segundo: Meu filho és tu; hoje te gerei. 34 E que o ressuscitaria dos mortos, para nunca mais tornar à corrupção, disse- o assim: As santas e fiéis bênçãos de Davi vos darei. 35 Pelo que também em outro Salmo diz: Não permitirás que o teu Santo veja corrupção. 36 Porque, na verdade, tendo Davi, no seu tempo, servido conforme a vontade de Deus, dormiu, e foi posto junto de seus pais, e viu a corrupção. 37 Mas aquele a quem Deus ressuscitou nenhuma corrupção viu. 38 Seja-vos, pois, notório, varões irmãos, que por este se vos anuncia a remissão dos pecados. 39 E de tudo o que, pela lei de Moisés, não pudestes ser justificados, por ele é justificado todo aquele que crê.

Paulo pode passar a proclamar o cumprimento da promessa com relação a “nós”, ou seja, os filhos dos pais, isto é, os israelitas. O cumprimento da promessa aconteceu quando Deus ressuscitou Jesus. Essa ressurreição refere-se tanto ao levantamento do Senhor Jesus pelo Espírito Santo em Maria (Luc 1:35) quanto ao fato de que Deus o ressuscitou dentre os mortos. Paulo cita as Escrituras para ambos os aspectos do reavivamento.

Em primeiro lugar, ele cita o Salmo 2 (Slm 2:7). A partir dessa citação, fica claro que o Senhor Jesus é mais do que apenas o Filho de Davi, pois aqui fica claro que, por meio de Seu nascimento, Ele também é o Filho de Deus como um homem. Portanto, não se trata de reavivamento no sentido de

ressurreição, mas realmente da origem de Sua vida como um homem na Terra.

Após a citação que mostra seu surgimento, Paulo passa imediatamente para a ressurreição de Jesus dentre os mortos. Ele a apresenta como a ressurreição para uma vida imperecível. O Senhor Jesus jamais veria a decomposição. Paulo prova isso com uma citação de Isaías 55 (Isa 55:3) em conexão com outra citação do Salmo 16 (Slm 16:10).

Todo judeu que lê Isaías 55:3 sabe que se trata do grande Filho de Davi, em quem Deus mostra ao seu povo as misericórdias seguras de Davi. Todas as bênçãos que Deus prometeu a Davi são realizadas por meio do grande Filho de Davi. Portanto, também está claro que esse filho não poderia permanecer na sepultura e que Deus não permitiu que ele visse a corrupção, como diz o Salmo 16:10. Deus nos dá Seus benefícios Nele, Ele é o Beneficente e Santo.

Para esclarecer ainda mais sua aplicação do Salmo 16:10 ao Messias, Paulo ressalta que essa palavra do salmo não pode, é claro, ser aplicada ao próprio Davi. Em sua geração, Davi cumpriu a vontade de Deus; depois morreu e foi sepultado. Depois disso, ele viu a decomposição, o que não aconteceu com o Senhor Jesus. Mais uma vez Paulo prova que o Senhor Jesus, a quem Deus ressuscitou dos mortos, não viu a decomposição.

Depois que Paulo estabeleceu os fatos tremendos em vista de tudo o que Deus fez com o homem segundo o seu próprio coração, Paulo pode proclamar as graças de Davi aos seus ouvintes. O caminho está livre para oferecê-las a todos os que creem. A primeira graça é o perdão dos pecados. E não apenas isso: há mais do que o perdão, há também a justificação. Essa é a pergunta que aparece duas vezes no livro de Jó: “Como pode um homem ser justo diante de Deus?” (Jó 9:2; 25:4). Essa pergunta é respondida aqui.

A lei permite que o homem se preocupe consigo mesmo; a justificação permite que ele veja o que Deus fez em Cristo. Não é possível ser justificado com base na lei. Toda transgressão da Lei de Moisés aumenta o julgamento justo associado à transgressão da Lei. No entanto, a justificação não é impossível. Ela é possível, mas somente por meio da fé na obra consumada de Cristo.

Atos 13:40-41 | Uma advertência no final

40 Vede, pois, que não venha sobre vós o que está dito nos profetas: 41 Vede, ó desprezadores, e espantai-vos e desaparecei; porque opero uma obra em vossos dias, obra tal que não creereis se alguém vo-la contar.

O versículo anterior teria sido uma boa conclusão. Mas Paulo olha ao redor e agora espera uma reação ao seu discurso. Portanto, ele termina seu discurso com uma severa advertência da Palavra para qualquer um que rejeite a oferta da graça. Pois se eles rejeitarem essa oferta, a palavra do profeta Habacuque se cumprirá neles (Hab 1:5). Esse versículo anuncia a situação da queda do estado de Israel. Isso também pode acontecer com eles. Se esse será o caso, dependerá do fato de eles aceitarem ou não a mensagem.

A obra de Deus nos dias de Habacuque foi que Deus enviou os caldeus para castigar seu povo, uma obra na qual eles não queriam acreditar. O fato de Deus castigar seu povo por meio de uma nação perversa e pagã era algo surpreendente. Paulo aplica essa palavra sobre a obra de Deus no julgamento à obra do evangelho que Deus estava realizando agora. Se eles o rejeitassem, isso traria desgraça sobre eles de uma forma comparável aos dias de Habacuque.

Paulo fez esse apelo sério à consciência de seus ouvintes no ano 45/46 e sabemos que, vinte e cinco anos depois, o estado foi destruído porque eles haviam rejeitado a salvação.

Atos 13:42-44 | Efeito do sermão

42 E, saídos os judeus da sinagoga, os gentios rogaram que no sábado seguinte lhes fossem ditas as mesmas coisas. 43 E, despedida a sinagoga, muitos dos judeus e dos prosélitos religiosos seguiram Paulo e Barnabé, os quais, falando-lhes, os exortavam a que permanecessem na graça de Deus. 44 E, no sábado seguinte, ajuntou-se quase toda a cidade a ouvir a palavra de Deus.

Agora vemos o efeito do discurso de Paulo. O povo está muito impressionado. Ainda não há inveja, apenas o desejo de ouvir mais. Muitos não conseguem esperar até o sábado seguinte e seguem Paulo e Barnabé, não por causa das pessoas, o que geralmente acontece, mas para ouvir mais.

De agora em diante, com algumas exceções (Atos 14:14; 15:12,25), a ordem em que os nomes são mencionados é sempre Paulo – Barnabé.

Paulo e Barnabé atendem de bom grado ao pedido e lhes dão mais instruções sobre a “graça de Deus”. Eles os exortam a perseverar na graça de Deus que lhes foi proclamada no evangelho. Eles também devem se tornar praticantes da palavra e viver pela graça e com ela. Eles precisarão dessa graça na resistência que experimentarão ao seguir um Cristo rejeitado, enquanto Ele ainda não tiver retornado para estabelecer Seu reino na Terra.

No sábado seguinte, vemos como a palavra falada no sábado anterior causou uma profunda impressão. Ela não havia sido dirigida a ouvintes esquecidos. Esses dois homens, desconhecidos de todos, não trouxeram sua própria palavra, mas a palavra de Deus. Eles fizeram bom uso da semana para proclamar o evangelho. No sábado seguinte, eles realizaram outra reunião. Agora quase toda a cidade se reúne. Eles querem ouvir a palavra que vem do Senhor glorificado e que tem Ele como tema. A palavra do evangelho refere-se a Ele.

Atos 13:45-52 | Expulsos pelos judeus

45 Então, os judeus, vendo a multidão, encheram-se de inveja e, blasfemando, contradiziam o que Paulo dizia. 46 Mas Paulo e Barnabé, usando de ousadia, disseram: Era mister que a vós se vos pregasse primeiro a palavra de Deus; mas, visto que a rejeitais, e vos não julgais dignos da vida eterna, eis que nos voltamos para os gentios. 47 Porque o Senhor assim no-lo mandou: Eu te pus para luz dos gentios, para que sejas de salvação até aos confins da terra. 48 E os gentios, ouvindo isto, alegraram-se e glorificavam a palavra do Senhor, e creram todos quantos estavam ordenados para a vida eterna. 49 E a palavra do Senhor se divulgava por toda aquela província. 50 Mas os judeus incitaram algumas mulheres religiosas e honestas, e os principais da cidade, e levantaram perseguição contra Paulo e Barnabé, e os lançaram fora dos seus limites. 51 Sacudindo, porém, contra eles o pó dos pés, partiram para Icônio. 52 E os discípulos estavam cheios de alegria e do Espírito Santo.

Quando os judeus viram as multidões, ficaram com inveja. Enquanto o sermão acontecia na sinagoga, diante de um público seletivo, eles ainda presumiam que se tratava de uma mensagem de Deus para eles, os judeus.

Mas agora eles veem que muitos que nunca foram à sinagoga também ouvem sobre o Senhor Jesus. Eles não conseguiam superar isso com sua arrogância e exclusivismo nacional.

Onde a graça é pregada, ela sempre provocará a inimizade das pessoas que se levam a sério em seu serviço a Deus. É o ciúme que rejeita a graça para as nações. É por isso que elas começam a falar blasfêmias contra o que inicialmente receberam com entusiasmo. Aqueles que não aceitam a graça para si mesmos também a invejarão para os outros.

Paulo não diz às multidões para irem à sinagoga; em vez disso, ele dirige a palavra aos judeus. Eles receberam preferência na proclamação da graça, mas a graça coloca todos no mesmo nível diante de Deus. Se eles não querem a graça e a rejeitam, com isso dizem que não querem a vida eterna. Por isso ele e Barnabé não se voltam mais para eles, mas para as nações.

Isso é difícil para um judeu crente aceitar, mas para um judeu incrédulo é repreensível. Isso provoca todo o seu ódio. No entanto, eles perderam o direito à bênção com base na lei porque não cumpriram os requisitos. Como também não querem a graça, eles também a perdem. Ao fazer isso, eles se marginalizaram. Dessa forma, o que inicialmente era uma pequena seita judaica – também devido à resistência dos judeus – lentamente se transformou em um movimento mundial.

A pregação às nações não é algo inventado por Paulo. O Senhor já havia pensado nos gentios no Antigo Testamento a fim de torná-los participantes da salvação (Isa 49:6). Isaías 49 fala do Senhor Jesus como o Servo do Senhor. As palavras que Paulo cita são destinadas em Isaías como encorajamento para o Servo do SENHOR depois que Ele expressou Seu desapontamento com Sua rejeição por Israel. Isso também acontece com Paulo e Barnabé. Eles também são rejeitados pelos judeus incrédulos. Por isso Paulo diz em sua citação: “Porque assim nos ordenou o Senhor”. Ele está se referindo a ele e a Barnabé. Agora que eles, como pregadores da graça, foram rejeitados pelos judeus incrédulos, eles se voltarão para as nações, exatamente como o servo do Senhor foi instruído a fazer.

Quando as nações ouvem isso, elas se regozijam. Elas glorificam a palavra do Senhor, aceitam-na e a valorizam muito. A palavra faz seu trabalho nelas. Como resultado, muitos passam a ter fé. Os que chegam à fé são

aqueles que são destinados por Deus à vida eterna. Aqui encontramos o lado da predestinação. Deus tem perfeito conhecimento daqueles que acreditarão, porque Ele mesmo os destinou a isso. Isso também significa que somente aqueles que Deus destinou acreditarão.

Entretanto, a predestinação não nos isenta da responsabilidade de pregar o evangelho. Encontramos a contrapartida disso logo no primeiro versículo do próximo capítulo. Paulo, que conhecia a verdade da predestinação como ninguém, também pregava o evangelho como ninguém. Ele também não sabia quem iria crer. Deus não implora que apenas os eleitos se reconciliem com Ele, mas todas as pessoas (2Cor 5:20). Portanto, os cristãos também devem acreditar que o número de pessoas que Deus destinou será convertido e que eles devem pregar o evangelho de forma que muitos se convertam.

Por mais que o inimigo faça o possível para impedir a propagação da palavra, o curso da palavra não pode ser interrompido. A palavra do Senhor em Antioquia tem um enorme impacto em toda a área circundante. É impressionante a frequência com que o termo “Senhor” é usado nessa passagem (versos 44,47-49), sendo que a “palavra do Senhor” é mencionada três vezes (versos 44,48,49). Isso enfatiza que a palavra de Deus para aqueles a quem ela é pregada e que a aceitam é a palavra daquele que tem autoridade e que é o Senhor. Eles devem se submeter a ele.

Os judeus incitam mulheres religiosas respeitáveis e outras pessoas ilustres a assumirem o papel de perseguidores. Pessoas nobres e respeitadas percebem o evangelho como uma ameaça à sua honra e reputação. Elas se recusam a reconhecer qualquer autoridade que ameace sua posição especial. Se não houver desejo pelo evangelho, essas pessoas podem facilmente se transformar em adversários. Os judeus conseguem fazer isso muito bem com suas insinuações.

Como resultado, Paulo e Barnabé são expulsos da região. Eles saem de Antioquia e sacodem a poeira de seus pés contra eles. Ao fazer isso, deixam claro que não têm nada a ver com essas pessoas que os estão perseguindo. Eles não querem ter nada a ver com a poeira da cidade. Em seguida, partiram para Icônio, seu próximo destino.

Quando Paulo e Barnabé seguem em frente, não deixam para trás um número de discípulos em pânico, mas discípulos cheios de alegria e do Espírito Santo. Embora os pregadores tenham partido, a alegria e o Espírito Santo permanecem. A alegria e o Espírito Santo estão juntos. Eles estão cheios de ambos. Deus dá isso onde os corações estão centrados no Senhor Jesus e a resistência é feroz.

Atos 14

Atos 14:1-7 | Pregação em Icônio e fuga de Icônio

1 E aconteceu que, em Icônio, entraram juntos na sinagoga dos judeus e falaram de tal modo, que creu uma grande multidão, não só de judeus, mas também de gregos. 2 Mas os judeus incrédulos incitaram e irritaram, contra os irmãos, os ânimos dos gentios. 3 Detiveram-se, pois, muito tempo, falando ousadamente acerca do Senhor, o qual dava testemunho à palavra da sua graça, permitindo que por suas mãos se fizessem sinais e prodígios. 4 E dividiu-se a multidão da cidade: uns eram pelos judeus, e outros, pelos apóstolos. 5 E, havendo um motim, tanto dos judeus como dos gentios com os seus principais, para os insultarem e apedrejarem, 6 sabendo-o eles, fugiram para Listra e Derbe, cidades da Licaônia, e para a província circunvizinha; 7 e ali pregavam o evangelho.

O que já havia acontecido em Antioquia da Pisídia se repete em Icônio. Paulo e Barnabé vão primeiro para a sinagoga. A perseguição em Antioquia não havia diminuído a coragem e o zelo deles em proclamar o evangelho. Eles falam de tal forma que uma grande multidão, tanto de judeus quanto de gentios, passa a crer. O discurso deve ser tal que o Senhor possa usá-lo (cf. Ecl 12:10). Trata-se de uma habilidade que deve vir de Deus (2Cor 3:5), que é Seu dom, mas que também deve ser usada. A palavra tem poder e dá frutos.

Assim como em Antioquia da Pisídia, os judeus incrédulos aqui também resistem ferozmente ao evangelho. Aqui, também, eles sabem como agitar a mente do povo e provocá-lo a se opor aos irmãos. Mas os irmãos não recuam diante da ira do povo. Eles permanecem por algum tempo sem serem atraídos pelas tentativas dos judeus de expulsá-los. Eles falam livremente sobre o Senhor e dão testemunho Dele.

Por Sua vez, o Senhor dá testemunho da palavra de Sua graça, permitindo que Suas testemunhas realizem sinais e maravilhas. Esses sinais e maravilhas servem para confirmar a Palavra. Isso é exatamente o que o Senhor lhes prometeu quando os encarregou de pregar o evangelho (Mar 16:20; Heb

2:3,4). No entanto, não lemos que todos os sermões do livro de Atos foram acompanhados de sinais e maravilhas. Portanto, não há automatismo.

Depois que o evangelho foi proclamado com tanta força, a multidão se dividiu. A pregação do evangelho leva à divisão. A resistência em Icônio cresce e se torna uma ameaça. A hostilidade assume tais proporções que se fala em abusar e apedrejar os apóstolos. Esse plano é acordado entre as nações, os judeus e seus governantes. A realização de tal plano mostra quão profundamente enraizado está o ódio contra os pregadores do evangelho. O plano deles não apenas prevê a morte por apedrejamento, mas também maus-tratos prévios.

Embora eles não tenham sido derrotados inicialmente pelo humor amargo do povo, chegou o momento em que parece aconselhável fugir (Mat 10:23). Eles querem fazer o que o Espírito Santo quer, porque são guiados por Ele. Os apóstolos não são caracterizados por um tipo de heroísmo, mas por algo muito melhor: a simplicidade da graça. Assim, em sua fuga, eles chegam a Listra e Derbe. Essas são cidades da Licaônia, às quais é dada a oportunidade de ouvir o evangelho.

Atos 14:8-10 | Um homem coxo é curado em Listra

8 E estava assentado em Listra certo varão leso dos pés, coxo desde o seu nascimento, o qual nunca tinha andado. 9 Este ouviu falar Paulo, que, fixando nele os olhos e vendo que tinha fé para ser curado, 10 disse em voz alta: Levanta-te direito sobre teus pés. E ele saltou e andou.

Não há menção de uma sinagoga em Listra. Parece ser uma cidade pagã. Ao passarem por Listra, eles viram um homem que não conseguia andar desde que nasceu. Lucas chama nossa atenção para esse homem, cuja deficiência o torna muito semelhante ao homem que conhecemos no início de Atos dos Apóstolos (Atos 3:2), a quem Pedro e João curaram. Naquela época, tratava-se de um homem judeu, agora trata-se de um gentio. Como um verdadeiro evangelista, Paulo vê que o homem ouve com grande interesse o que ele tem a dizer.

Paulo pode perceber se é apenas curiosidade ou se há uma necessidade mais profunda por trás desse interesse. Ele vê que esse homem tinha fé para ser salvo, tanto no que diz respeito ao seu corpo quanto à sua alma.

Portanto, ele não precisa pensar muito para reconhecer o que deve fazer. Ele diz ao homem em voz alta: “Levante-se direito sobre seus pés!” O homem obedece imediatamente. Ele dá um pulo e anda. A recuperação é imediata e completa. Esse é o caso de todos os milagres do Novo Testamento. Todos eles têm um resultado imediato e completo. Não há menção de uma medida gradual ou pela metade.

A propósito, Paulo não estava procurando alguém que ele pudesse curar. Ele não curava simplesmente pessoas doentes em toda parte, mas com esse homem ele viu algo especial.

Atos 14:11-18 | O sermão de Paulo em Listra

11 E as multidões, vendo o que Paulo fizera, levantaram a voz, dizendo em língua licaônica: Fizeram-se os deuses semelhantes aos homens e desceram até nós. 12 E chamavam Júpiter a Barnabé, e Mercúrio, a Paulo, porque este era o que falava. 13 E o sacerdote de Júpiter, cujo templo estava em frente da cidade, trazendo para a entrada da porta touros e grinaldas, queria com a multidão sacrificar-lhes. 14 Ouvindo, porém, isto os apóstolos Barnabé e Paulo, rasgaram as suas vestes e saltaram para o meio da multidão, clamando 15 e dizendo: Varões, por que fazeis essas coisas? Nós também somos homens como vós, sujeitos às mesmas paixões, e vos anunciamos que vos convertais dessas vaidades ao Deus vivo, que fez o céu, e a terra, e o mar, e tudo quanto há neles; 16 o qual, nos tempos passados, deixou andar todos os povos em seus próprios caminhos; 17 contudo, não se deixou a si mesmo sem testemunho, beneficiando-vos lá do céu, dando-vos chuvas e tempos frutíferos, enchendo de mantimento e de alegria o vosso coração. 18 Dizendo isto, com dificuldade impediram que as multidões lhes sacrificassem.

Com sua visão errada das coisas, as multidões também interpretam mal o que está acontecendo. Elas acreditavam que os deuses estavam descendo. Não havia idolatria intelectual em Listra, apenas idolatria primitiva. Eles dão diretamente a Barnabé e Paulo os nomes de seus ídolos mais importantes, porque está claro para eles que os deuses apareceram entre eles em forma humana. Eles chamam Paulo de Hermes, porque Hermes era o mensageiro de Zeus. Barnabé era o mais silencioso, então eles o adoravam como Zeus, seu deus principal. Como Paulo falava, eles lhe deram o lugar de mensageiro.

O templo de Zeus ficava em frente à cidade como um posto avançado para proteger a cidade. Esse templo tem um sacerdote que vem rapidamente com touros para sacrificar a esses “deuses”. Como tudo isso está acontecendo em Licaônia, Paulo e Barnabé não percebem o que está acontecendo a princípio. Mas quando percebem a intenção, eles imediatamente se opõem. Eles rejeitaram imediata e radicalmente a homenagem dessas pessoas.

Todo esse movimento foi uma enorme ameaça à fé cristã, maior do que qualquer outra oposição. Assim, inúmeras pessoas toleraram a reverência das pessoas. Herodes foi punido por isso por Deus com uma morte terrível (Atos 12:23).

Paulo e Barnabé não querem saber de sua honra. Para chamar a atenção no meio do tumulto, eles precisam gritar bem alto. Eles gritam para a multidão perguntando por que estão fazendo isso, pois é completamente repreensível, já que eles próprios são apenas criaturas (Atos 10:26; Apo 19:10). A situação é urgente e eles precisam mudar de ideia rapidamente.

Eles aproveitam a oportunidade para pregar o evangelho a eles. Paulo não está citando o Antigo Testamento; ele faz isso quando está falando aos judeus. Aqui ele está falando a gentios ignorantes. Por isso, ele começa com o Criador e a criação, um tópico que é de grande interesse para os gentios. É sempre bom estar ciente de quem você tem diante de si para que possa focar seu sermão neles. Ele continua explicando que, após a criação – como resultado da queda do homem, que Paulo não menciona – Deus permitiu que as nações seguissem seu próprio caminho.

Ele também não fala sobre a eleição de um povo para o seu nome dentre todas as nações. Ele está falando sobre o fato de que, embora Deus tenha deixado as nações seguirem seus próprios caminhos, Ele ainda se importava com elas. Seu cuidado com elas foi expresso – e ainda é expresso – no fato de Ele ter dado chuva do céu e estações frutíferas. “Do céu” significa: da presença de Deus. Cada colheita é uma prova de Sua bondade. Ele também proveu seus corações com alimento, ou seja, com bênçãos por terem trabalhado diligentemente, o que traz alegria.

Há inúmeras bênçãos terrenas que também enchem os incrédulos de alegria. Até mesmo os incrédulos conhecem a satisfação e a alegria de

um bom casamento e de bons relacionamentos familiares, da saúde e do trabalho agradável. A alegria que Deus proporciona nos relacionamentos naturais é um testemunho de Sua bondade para com o homem em geral. É uma dádiva Dele. Deus é o sustentador de todas as pessoas (1Tim 4:10; Slm 104:27,28). O mesmo Deus agora torna conhecido o evangelho da salvação por meio de Jesus Cristo.

Depois que os apóstolos disseram isso, as pessoas em Listra se abstiveram de sacrificar a eles. Parece que o perigo da adoração demoníaca foi afastado. Mas outros perigos estão à espreita.

Atos 14:19-20 | Paulo é apedrejado

19 Sobrevieram, porém, uns judeus de Antioquia e de Icônio, que, tendo convencido a multidão, apedrejaram a Paulo e o arrastaram para fora da cidade, cuidando que estava morto. 20 Mas, rodeando-o os discípulos, levantou-se e entrou na cidade. E, no dia seguinte, saiu, com Barnabé, para Derbe.

Quando os judeus de Antioquia e Icônio chegam a Listra, não fazem objeções à idolatria dos gentios. Tampouco se colocaram do lado de Paulo e Barnabé contra a idolatria. Pelo contrário, eles se opõem aos dois servos de Deus. Seu ódio ao evangelho é maior do que sua aversão ao paganismo e sua idolatria.

Os judeus de Antioquia e Icônio não estão satisfeitos com o fato de terem expulsado os mensageiros do evangelho de suas próprias cidades. Eles perseguem os apóstolos e também influenciam as multidões aqui em Listra com suas insinuações infames. Isso levou a uma revolta contra Paulo e Barnabé também em Listra. A multidão agarrou Paulo e o apedrejou como se ele fosse um falso profeta. Depois o arrastaram para fora da cidade, acreditando que ele havia morrido.

Quando os homens adoram outros homens, o homem é exaltado. Mas quando aparece alguém que condena essa adoração e aponta para o Senhor Jesus como o único que pode ser adorado, ele atrai o ódio do povo. No início, eles queriam adorá-lo como Deus, mas quando se descobre que ele condena a adoração deles, eles se voltam contra ele e o assassinam. Pelo menos é isso que eles pensam.

O poder da vida é maior do que o poder do diabo e da morte. Cercado pelos discípulos, Paulo volta à vida. Essa é uma bela figura: os discípulos estão ao redor dele como um círculo de vida (presumivelmente eles estavam orando por ele). Isso cria uma atmosfera na qual a morte cede e a vida pode se revelar.

Depois que Paulo se levantou, ele volta para a cidade, não para ser honrado como um deus que tem poder sobre a morte, mas para completar uma ou duas coisas. Foi um milagre de Deus o fato de que ele estava quase morto e, um momento depois, conseguiu se levantar saudável e forte e continuar seu caminho.

Depois de completar sua missão em Listra, ele vai para Derbe com Barnabé no dia seguinte. Eles também pregam o evangelho lá, e com grande sucesso. Muitos creram e se tornaram discípulos. Isso significa que esses crentes foram batizados e ensinados a viver como seguidores do Senhor. Provavelmente foi nessa região e durante essa visita que Timóteo foi levado ao Senhor por Paulo (Atos 16:1; 1Tim 1:2; 2Tim 1:2).

Atos 14:21-25 | De volta a Antioquia da Síria

21 E, tendo anunciado o evangelho naquela cidade e feito muitos discípulos, voltaram para Listra, e Icônio, e Antioquia, 22 confirmando o ânimo dos discípulos, exortando-os a permanecer na fé, pois que por muitas tribulações nos importa entrar no Reino de Deus. 23 E, havendo-lhes por comum consentimento eleito anciãos em cada igreja, orando com jejuns, os encomendaram ao Senhor em quem haviam crido. 24 Passando depois por Pisídia, dirigiram-se a Panfília. 25 E, tendo anunciado a palavra em Perge, desceram a Atália.

Em ordem inversa, eles agora visitam novamente as cidades onde já haviam pregado o evangelho. Agora eles querem fortalecer os discípulos. Eles realizam um ministério de acompanhamento, um ministério de pastoreio. Esse é um ministério de amor necessário que os novos convertidos precisam em particular. Eles retornam destemidamente aos lugares de onde haviam sido expulsos anteriormente. Quando o Senhor Jesus estava viajando em Israel, os discípulos não ousaram voltar ao lugar onde queriam apedrejá-lo (João 11:8). Paulo e Barnabé não têm esse medo agora. Eles

andam no poder do Espírito e sabem que Deus – como aconteceu com Jó – determina os limites da atividade de Satanás.

Podemos ver em Paulo que eles estão bem cientes do que encontraram em sua primeira visita. Quando ele escreve sua carta de despedida a Timóteo no final de sua vida, ele se refere mais uma vez a todo o sofrimento que experimentou nesses três lugares (2Tim 3:11). Isso foi logo no início de seu ministério. Ele nunca se esqueceu disso. Esses foram os lugares onde os judeus, em particular, o perseguiram amargamente e tentaram matá-lo. Mas o Senhor o livrou deles.

Desta vez, o ministério nos lugares mencionados não consiste em uma proclamação pública do evangelho, mas – como eu disse – no fortalecimento da alma dos discípulos na fé. Eles instruem os discípulos sobre a verdade da fé e os incentivam a se apegarem a ela. Trata-se de se apegar a toda a palavra de Deus. É necessário permanecer na fé porque há muita tentação e tribulação.

Paulo também deixa claro que as aflições fazem parte do evangelho. Mais do que qualquer outra pessoa, ele sabe do que está falando quando diz isso. Ele conhece por experiência própria as aflições que a entrada no reino de Deus acarreta. Aquele que diz isso acabou de passar por um apedrejamento (cf. Col 1:28,29).

Esses crentes continuaram a viver em lugares onde havia grande oposição ao evangelho. Por isso precisavam de fortalecimento e incentivo. Eles já haviam entrado no reino de Deus pela fé (João 3:5), mas ainda não na realidade, porque isso só acontecerá quando o Senhor Jesus voltar para estabelecer seu reino. As tribulações estão entre esses dois eventos (2Ped 1:11).

Aqui Paulo apresenta o reino de Deus como ele será no futuro, porque ele fala de entrar. Somente os crentes entrarão nele, porque os incrédulos não podem “ganhar” o reino passando por tribulações. Para o crente, há tribulações agora e descanso depois (2Tes 1:6,7).

Além do ensinamento com o qual os apóstolos incentivam os crentes, eles fazem outra coisa que ajudará esses jovens crentes quando eles seguirem em frente. Eles nomeiam anciãos em cada igreja. Os apóstolos nomeiam esses presbíteros depois de eles mesmos os terem escolhido. Em ambas

as ações, selecionar e nomear, não há menção de que a congregação esteja envolvida. Só encontramos a nomeação de presbíteros em Tito 1 (Tit 1:5).

A nomeação de presbíteros diz respeito apenas às congregações gentias. Isso não era necessário para as igrejas de origem exclusivamente judaica, porque já havia anciãos nelas há anos. No caso deles, não lemos nada sobre uma nomeação formal. Os presbíteros das igrejas gentias não foram nomeados por Paulo e Barnabé imediatamente quando as igrejas foram fundadas, mas em sua segunda visita. Havia ocorrido um amadurecimento dos crentes e alguns que possuíam as qualidades necessárias podiam agora ser nomeados.

Paulo escreveu os requisitos para um ancião (ou “supervisor”) em sua primeira carta a Timóteo e em sua carta a Tito (1Tim 3:1-7; Tit 1:5-9). A palavra para “anciãos” é, na verdade, “mais velhos”, ou seja, crentes mais maduros entre os crentes jovens. Nas passagens em que ocorre a nomeação de anciãos, reconhecemos que a autoridade dos apóstolos é a fonte para isso. A nomeação de anciãos não é mais possível desde que os apóstolos adormeceram.

Embora não haja mais anciãos oficialmente empregados, felizmente ainda há crentes mais velhos que trabalham como anciãos nas igrejas locais. Eles são designados pelo Espírito Santo e podem ser reconhecidos por suas qualidades. A igreja deve reconhecê-los em seu ministério (Atos 20:28; cf. Heb 13:7,17,24; 1Tes 5:12). Se a igreja contrata presbíteros, isso é contrário à ordem dada por Deus, porque a autoridade sempre vem de cima. Na igreja, há somente a autoridade do Espírito Santo e dos apóstolos. Os apóstolos não estão mais aí, mas o Espírito Santo está.

Observamos que, após as atividades dos apóstolos como evangelistas, eles uniram os convertidos em uma igreja local, para a qual foram escritas cartas mais tarde. Nessas cartas, Paulo continua a instruir os crentes sobre como as coisas devem ser organizadas em uma igreja local. É bom lembrar que a igreja local é uma representação da igreja mundial (1Cor 12:27). Os crentes locais são membros da igreja. Eles podem saber que, quando se reúnem como uma igreja, o Senhor Jesus está no meio deles, de acordo com Sua promessa (Mat 18:20).

Após a eleição dos anciãos, Paulo e Barnabé entregaram os crentes ao Senhor com jejum e oração. Lucas acrescenta: “em quem haviam crido”. Ele enfatiza mais uma vez que os crentes haviam confiado suas vidas ao Senhor. Com essa confiança, os apóstolos seguiram em sua viagem de volta.

Em sua viagem de volta, eles atravessaram a Pisídia e chegaram à costa no sul da Panfília. Lá eles visitaram Perge, onde já haviam estado em sua viagem de ida e onde Marcos os havia deixado. Dessa vez, eles discursam ali. Em seguida, viajam para a cidade portuária de Atália.

Atos 14:26-28 | Chegada e relatório da viagem em Antioquia

26 E dali navegaram para Antioquia, onde tinham sido recomendados à graça de Deus para a obra que já haviam cumprido. 27 E, quando chegaram e reuniram a igreja, relataram quão grandes coisas Deus fizera por eles e como abriera aos gentios a porta da fé. 28 E ficaram ali não pouco tempo com os discípulos.

Eles saem de Atália e atravessam o Mediterrâneo para desembarcar novamente em Antioquia. Trata-se de Antioquia, na Síria, de onde eles haviam iniciado sua primeira viagem missionária cerca de um ano antes. A igreja não os havia enviado, mas os havia confiado à graça de Deus para o trabalho que Ele os havia chamado para fazer. A igreja tinha reconhecido o mesmo. Agora os apóstolos querem que os crentes participem das coisas que o Senhor realizou por meio do ministério deles (cf. Atos 21:19).

Portanto, não há menção aqui de que eles tenham de prestar contas à igreja. A igreja não é a fonte do envio, mas participa do que o Senhor faz para a bênção de outros. Deus era o agente, eles eram apenas os instrumentos. Ainda hoje, é emocionante para os crentes que têm permissão para fazer um trabalho para o Senhor em outro lugar quando a “igreja de origem” mostra interesse no que o Senhor está fazendo lá.

Acima de tudo, Paulo e Barnabé dizem aos crentes que se reuniram de várias igrejas que Deus abriu uma porta de fé para as nações. Esse já era o caso anteriormente em Antioquia, porque Antioquia também é uma cidade gentia. No entanto, a existência de uma congregação de gentios ainda era um caso isolado. Agora foi demonstrado que Deus está trabalhando por meio de Paulo e Barnabé em todos os lugares fora de Israel e que os gentios

estão vindo à fé em massa, juntamente com alguns judeus que também vivem nesses lugares.

A obra da graça de Deus entre os gentios por meio de Sua palavra e do poder do Espírito Santo – fora da igreja em Jerusalém e da lei – levanta a questão entre os judeus convertidos sobre se isso está certo. Essa questão será decidida no capítulo seguinte. Veremos que a graça de Deus também tem uma resposta para isso.

Após o relato da viagem, Paulo e Barnabé não partem imediatamente para continuar pregando o evangelho às nações. Eles permanecem com os discípulos por um longo período de tempo. Sua “igreja doméstica” é uma espécie de porto de paz depois de todo o tumulto que experimentaram em seu trabalho. Lá eles podem ter comunhão.

Deve ter sido revigorante para eles ter permissão para ficar com esses crentes – chamados de “discípulos” por Lucas. O fato de os crentes serem chamados de discípulos se deve ao fato de seguirem constantemente o Senhor Jesus. Ter permissão para ficar com esses crentes é uma bênção para qualquer pessoa que também queira seguir o Senhor Jesus de forma consistente, como sabemos por Paulo e Barnabé.

Atos 15

Atos 15:1-2 | Salvação e circuncisão

*1 Então, alguns que tinham descido da Judéia ensinavam assim os irmãos: Se vos não circuncidardes, conforme o uso de Moisés, não podeis salvar-vos.
2 Tendo tido Paulo e Barnabé não pequena discussão e contenda contra eles, resolveu-se que Paulo, Barnabé e alguns dentre eles subissem a Jerusalém aos apóstolos e aos anciãos sobre aquela questão.*

Depois da resistência de fora, dos judeus incrédulos e dos gentios, a resistência agora surge em meio dos crentes. Os judeus crentes da Judéia, que ainda viviam de acordo com as exigências da lei, queriam impor essas exigências aos crentes das nações. Eles vieram ao novo centro da obra em Antioquia para impor seus ensinamentos aos crentes de lá. Seus ensinamentos consistiam em tornar a salvação dependente da circuncisão.

Esse foi um ataque frontal ao evangelho da graça de Deus, e isso no seio da igreja. Essas pessoas queriam impedir que o cristianismo se desvinculasse do judaísmo. Se isso tivesse sido bem-sucedido, o cristianismo teria se tornado apenas uma seita judaica. O que esses judaístas estão dizendo é como se dissessem: se você não pertence ao nosso grupo, não pode ser salvo, porque não há salvação fora de nós. Para aqueles que exigem isso, não há dúvida de que eles estão certos. Não há a menor dúvida sobre sua doutrina legal.

Agora, seu ensinamento não causaria muita agitação se os próprios crentes permanecessem firmes na verdade e se apegassem a ela. As pessoas que ensinam uma doutrina legalista não têm o apoio das Escrituras nem dos apóstolos. Mas os crentes podem ser influenciados, e essas pessoas falam com voz alta e persuasão. Por isso devemos tomar medidas enérgicas contra elas.

Não se trata de uma pequena diferença de entendimento, mas diz respeito ao cerne do evangelho. Aqueles que introduzem a lei negam a ressurreição e a glorificação de Cristo. Eles negam que Cristo realizou tudo o que era necessário para sermos salvos. Essas pessoas olhavam para o tempo ante-

rior à cruz, para as coisas e pessoas na Terra. Elas não viam Cristo acima através de um véu rasgado. Eles queriam se apegar à antiga glória dos judeus, que lhes dava sua própria honra. Eles ensinavam que só poderia haver salvação se alguém se tornasse completamente judeu.

O objetivo deste capítulo é estabelecer que a salvação vem somente por meio da fé no Senhor Jesus, sem nenhuma condição adicional. Além do fato de que essa situação de crise diz respeito a uma doutrina de extrema importância, ela também trata de evitar uma divisão na igreja entre judeus e gentios crentes.

Os cristãos judeus continuaram sendo fanáticos pela lei. Isso, por si só, não era o problema. O problema era que eles queriam obrigar os crentes gentios a também guardarem os mandamentos da lei. Para eles, o cristianismo era uma continuação do judaísmo, mas agora com fé no Messias Jesus. Para eles, as igrejas entre os gentios eram comunidades de prosélitos. Eles consideravam esses crentes como pessoas que haviam se convertido ao judaísmo. Para eles, não havia nada além do judaísmo. Mas eles viam isso de forma errada, porque o cristianismo é algo completamente novo que não tem nada em comum com o judaísmo.

Entretanto, se os crentes continuassem a se apegar ao judaísmo ou fossem obrigados a se apegar a ele, o cristianismo seria reduzido ao judaísmo. Mais tarde, Paulo trará à luz a nova dispensação em todas as suas facetas em várias cartas que ele escreve a diferentes igrejas. Na carta aos Efésios, em particular, ele explica que judeus e gentios juntos se tornaram algo novo na igreja.

O falso ensino está causando grande debate, discórdia, agitação e confusão. Paulo e Barnabé, que viram seu trabalho ameaçado, protestaram vigorosamente contra esse falso ensino. Felizmente, os irmãos de Antioquia tinham tanta confiança em Paulo e Barnabé que decidiram que eles deveriam ir a Jerusalém com alguns outros para levar essa disputa aos apóstolos e anciãos.

O problema não era apenas de Antioquia. Jerusalém também estava diretamente envolvida. De acordo com o plano de Deus, essa questão não deveria ser resolvida pela autoridade apostólica ou pela ação do Espírito Santo em Antioquia. Isso poderia ter dividido a igreja. A fim de preservar

a unidade, essa questão teve de ser esclarecida em uma conferência em Jerusalém, o centro do sistema judaico. Em Jerusalém, os cristãos judeus, os apóstolos, os anciãos e toda a igreja tiveram que declarar que os crentes gentios estavam livres da lei. As questões em jogo tocavam o âmago do cristianismo. Havia grande interesse em tomar uma posição de acordo com os pensamentos de Deus.

Atos 15:3-6 | Viajando para Jerusalém

*3 E eles, sendo acompanhados pela igreja, passaram pela Fenícia e por Samaria, contando a conversão dos gentios, e davam grande alegria a todos os irmãos.
4 Quando chegaram a Jerusalém, foram recebidos pela igreja e pelos apóstolos e anciãos e lhes anunciaram quão grandes coisas Deus tinha feito com eles. 5 Alguns, porém, da seita dos fariseus que tinham crido se levantaram, dizendo que era mister circuncidá-los e mandar-lhes que guardassem a lei de Moisés.
6 Congregaram-se, pois, os apóstolos e os anciãos para considerar este assunto.*

A viagem para Jerusalém foi para a glória de Deus e uma bênção para as igrejas. No caminho, o grupo de viajantes relatou a conversão das pessoas das nações nas regiões por onde passaram. Eles fizeram isso na Fenícia (atual Líbano) e em Samaria (atual Cisjordânia). Seus relatos causaram grande alegria. Quando eles próprios ouviram e aceitaram o evangelho há algum tempo, isso os deixou felizes (Atos 8:8). Agora há grande alegria quando eles ouvem que outros que não eram judeus o aceitaram.

Os irmãos não tinham ouvido falar dessa obra antes. O que eles ouviram é novo para eles, mas eles o reconhecem com grande alegria. É importante lembrar sempre que o aspecto especial da conversão dos gentios é que ela ocorre independentemente do judaísmo, sem que eles tenham de se tornar judeus após a conversão.

Quando os viajantes chegam a Jerusalém, são recebidos pela igreja, que, sem dúvida, foi convocada. Os apóstolos e os anciãos são mencionados em particular. Paulo, Barnabé e os outros não começam imediatamente a disputa. Primeiro eles relatam, como haviam feito no caminho, tudo o que Deus havia feito com eles. Eles relatam como Deus havia criado igrejas gentias em toda parte.

Essa é a razão para alguns fariseus se levantarem e explicarem seus pontos de vista sobre a circuncisão e a lei. Eles não são impedidos de expressar seus ensinamentos, mas têm ampla oportunidade de dizer o que querem. Para uma boa solução, é importante que todos tenham a oportunidade de expressar seus pensamentos. Essas coisas não são simplesmente reguladas por uma única palavra.

Os defensores da lei são, portanto, os primeiros a ter a oportunidade de apresentar seus pontos de vista. Eles têm muito a criticar sobre o relatório, pois são totalmente contra o fato de que os apóstolos não pregaram a circuncisão e não disseram nada sobre guardar a Lei de Moisés. Como fariseus, os porta-vozes estão muito familiarizados com toda a lei, que eles mesmos observam com muito rigor.

Lucas fala da “seita dos fariseus”. Uma seita é um grupo que se distingue de outros grupos. A palavra “seita” significa “escolher”. Não é necessário que se trate de falsos ensinamentos, mas provavelmente se trata de enfatizar demais um ensinamento ou destacar uma pessoa em particular.

A palavra “seita” ocorre nove vezes no Novo Testamento, seis vezes nos Atos dos Apóstolos e três vezes nas cartas (1Cor 11:19; Gal 2:20; 2Ped 2:1). Em Corinto, trata-se de grupos de crentes que se separam uns dos outros por seguirem pessoas que lhes são favoráveis. Na carta aos Gálatas, as seitas são contadas entre as obras da carne. Pedro escreve sobre seitas destrutivas como obra de falsos mestres.

Uma seita não vem do Espírito, mas do homem, da carne e do diabo. Os fariseus que levantam suas vozes aqui passaram a acreditar no Messias Jesus, mas continuam apegados à lei e aos seus costumes de coração e alma. Afinal de contas, essas eram ordenanças de Deus que, portanto, também deveriam ser observadas pelos crentes dos gentios, como eles pensavam.

Depois que os fariseus fizeram suas observações e, assim, delinearam o cerne do problema, os apóstolos e os anciãos se reuniram para lidar com esse problema. Parece que somente os apóstolos e os anciãos discutiram esse assunto sem que toda a igreja estivesse presente. De qualquer forma, os irmãos que são responsáveis pela igreja conversaram sobre o assunto entre si. O assunto não foi tratado apenas por alguns apóstolos que impus-

eram sua decisão aos demais. É bom envolver o maior número possível de irmãos responsáveis no processo de tomada de decisão.

Atos 15:7-11 | A reação de Pedro

7 E, havendo grande contenda, levantou-se Pedro e disse-lhes: Varões irmãos, bem sabeis que já há muito tempo Deus me elegeu dentre vós, para que os gentios ouvissem da minha boca a palavra do evangelho e cressem. 8 E Deus, que conhece os corações, lhes deu testemunho, dando-lhes o Espírito Santo, assim como também a nós; 9 e não fez diferença alguma entre eles e nós, purificando o seu coração pela fé. 10 Agora, pois, por que tentais a Deus, pondo sobre a cerviz dos discípulos um jugo que nem nossos pais nem nós podemos suportar? 11 Mas cremos que seremos salvos pela graça do Senhor Jesus Cristo, como eles também.

Mesmo no pequeno círculo de irmãos responsáveis, inicialmente não há unanimidade. Há muita troca de palavras. Há liberdade para dizer o que está em seu coração, embora a carne possa abusar disso. No entanto, não se diz: “Não há discussão aqui”. Tampouco são criadas estruturas para impedir essas discussões. Isso restringiria a liberdade de se expressar. Todas as trocas de palavras devem ser sobre a busca de entender a vontade do Espírito Santo para que se possa dizer que “o Espírito Santo e nós” chegamos a uma determinada decisão (vers 28).

Durante a troca de palavras, Pedro se levanta. Após ser libertado da prisão, ele havia se mudado para outro lugar (Atos 12:17), mas aqui está de volta a Jerusalém. O que ele diz mostra que aprendeu muito bem o ensino relacionado a Cornélio (Atos 10:34). Ele ouviu atentamente o que os outros estavam dizendo e, guiado pelo Espírito, levantou-se no momento certo (Pro 18:13). Depois que as pessoas expressaram seus pensamentos, os pensamentos de Deus são agora expressos para que se possa chegar a uma decisão unânime.

Ele começa lembrando-os de como Deus o usou como um instrumento especial com a intenção de que, por meio de sua boca, os gentios ouvissem o evangelho e também acreditassem nele. A intenção de Deus não era que eles apenas ouvissem o evangelho, não, o objetivo era que eles também viessem a crer.

Deus provou que eles de fato chegaram à fé ao dar-lhes o Espírito Santo, “assim como fez conosco”, ou seja, com os judeus crentes. Ao dar Seu Espírito também aos gentios convertidos, o próprio Deus deu testemunho do fato de que os havia salvado (Rom 8:9; Efé 1:13). Deus selou a fé deles com o Espírito Santo sem nenhuma condição prévia, mas com base somente na fé. Deus conhecia o coração de Cornélio e dos seus e viu a fé nesses corações. Ele nunca teria dado Seu Espírito em seus corações se eles não tivessem sido purificados pela fé.

Então, como os homens poderiam impor condições adicionais, condições que nem sequer foram cumpridas por aqueles que as impuseram? Deus não exige um ato externo, como a circuncisão ou o batismo de prosélitos, mas Deus purifica os corações por meio da fé. A tarefa da lei é condenar o homem. Por meio da lei vem o conhecimento do pecado, mas a lei não traz a salvação do pecado.

Pedro explica a função da lei e o efeito da lei. Ele enfatiza que o jugo que não pode ser suportado e a impossibilidade de ser salvo por ele certamente não devem ser impostos aos outros. Como isso poderia ser possível e por que eles deveriam fazer isso? É um pecado tão grande que Pedro os coloca em pé de igualdade com Deus. Isso é desafiar Deus e colocá-Lo à prova para ver até onde você pode ir.

É um insulto a Deus dizer que, além da obra que o Senhor Jesus realizou, algo mais deve acontecer para que sejamos salvos. Não, o fundamento sobre o qual os gentios se apóiam é o da graça e da fé. É sobre essa base que eles foram salvos. Pedro cita a maneira pela qual Deus salva os gentios como um exemplo de como os judeus também podem ser salvos – e não o contrário. A origem está na graça do Senhor Jesus, e a graça coloca todos em pé de igualdade diante de Deus.

Atos 15:12 | Reação de Barnabé e Paulo

12 Então, toda a multidão se calou e escutava a Barnabé e a Paulo, que contavam quão grandes sinais e prodígios Deus havia feito por meio deles entre os gentios.

O silêncio da multidão deixa claro que eles não têm nenhuma objeção ao que Pedro disse. Responder significaria que eles estavam contradizendo

a Deus. Enquanto eles permanecem em silêncio, Barnabé e Paulo tomam a palavra. Depois de Pedro ter olhado para o passado, Barnabé e Paulo falam sobre os atos atuais de Deus. Tiago, então, olhará para o futuro. Barnabé é mencionado primeiro aqui em Jerusalém, possivelmente por ter falado mais.

Toda a multidão ouve quando Barnabé e Paulo contam os milagres que Deus realizou entre os gentios. O que Deus fez entre os gentios é prova de que Ele também se volta para eles em Sua graça. Barnabé e Paulo já haviam relatado a obra de Deus entre os gentios no verso 4. Agora eles querem deixar claro que o que aconteceu como um evento único em Cesaréia está acontecendo em todos os lugares entre os gentios. É impressionante que Deus não tenha dado uma única indicação de que algo estava faltando em sua obra, como a observância da lei.

Com seu relatório, Barnabé e Paulo apóiam e enfatizam o relatório de Pedro. Os sinais e maravilhas que eles mencionam em seu relatório são uma confirmação de Deus da mensagem de salvação também para os gentios. Assim, Deus enfatizou que era de acordo com a sua vontade que eles proclamassem o evangelho aos gentios.

A propósito, vemos que sempre que sinais e maravilhas são mencionados, eles são realizados pelos apóstolos e somente pelos “simples” crentes Estêvão e Filipe. Portanto, a realização de sinais e maravilhas não é algo feito por todos os crentes em geral, mas apenas por um grupo seletivo que Deus autorizou a fazer isso.

Atos 15:13-18 | A reação de Tiago

13 E, havendo-se eles calado, tomou Tiago a palavra, dizendo: Varões irmãos, ouvi-me. 14 Simão relatou como, primeiramente, Deus visitou os gentios, para tomar deles um povo para o seu nome. 15 E com isto concordam as palavras dos profetas, como está escrito: 16 Depois disto, voltarei e reedificarei o tabernáculo de Davi, que está caído; levantá-lo-ei das suas ruínas e tornarei a edificá-lo. 17 Para que o resto dos homens busque ao Senhor, e também todos os gentios sobre os quais o meu nome é invocado, diz o Senhor, que faz todas estas coisas 18 que são conhecidas desde toda a eternidade.

Depois que Barnabé e Paulo terminam de falar, Tiago toma a palavra. Ele é o líder da igreja em Jerusalém e, portanto, tem uma posição especial. Embora não seja um dos doze apóstolos, ele ainda é chamado de apóstolo (Gal 1:19). Tiago é o irmão do Senhor Jesus (1Cor 15:7) e o escritor da carta de Tiago. É de extrema importância que Tiago fale sobre isso. Suas palavras serão de importância decisiva na discussão sobre o significado da lei para os gentios. Seu grande zelo pela lei é claro para todos. Quando ele diz que os gentios não precisam guardar a lei, isso silenciará todos os fanáticos pela lei.

Ele começa seu discurso pedindo atenção para o que tem a dizer. Em primeiro lugar, ele se refere ao que Pedro disse. Tiago usa o nome hebraico de Pedro e fala de Simão. Ele segue seu relato. Pelo que ele diz, fica claro que ele entendeu que a obra da qual Pedro falou não era para fazer prosélitos. Ele entendeu que Deus estava ocupado em adquirir um povo para si mesmo dentre os gentios, um povo dentre os povos, “para o seu nome”.

Para os defensores da lei, “para o seu nome” só poderia significar que se tratava do povo de Israel, porque esse era o povo que Deus havia escolhido para o seu nome. Portanto, todos os que viessem à fé dos gentios teriam de se unir a Israel. No entanto, Tiago mostra que o Antigo Testamento já fala dos gentios nas quais o nome do Senhor foi proclamado independentemente de Israel. Portanto, não se trata de um fenômeno desconhecido, um novo ensinamento, mas de algo sobre o qual os profetas falaram nas Escrituras do Antigo Testamento.

Tiago cita um exemplo do profeta Amós. Isso não é um cumprimento do que Amós disse (o cumprimento só acontece no reino de paz), mas é a mesma coisa. Fica claro nessa citação que as nações serão abençoadas no reino de paz, não por se unirem a Israel, mas por buscarem o SENHOR. A expressão “como está escrito” é o fim de toda contradição. Isso reforça o que os outros apóstolos já haviam dito.

Tiago cita o versículo de acordo com seu conteúdo. Deus promete por meio de Amós que “o tabernáculo de Davi” será reconstruído. O “tabernáculo de Davi” refere-se à família real. Ela se desfez desde o cativeiro babilônico. Naquela época, a realeza da Casa de Davi chegou ao fim, embora Deus

tenha prometido que a Casa de Davi permaneceria para sempre (Slm 89:3,4,38-40).

Essa profecia de Amós se cumpriu com a vinda do Senhor. Embora Ele tenha sido rejeitado e Seu reinado não seja visível na Terra, Ele recebeu toda a autoridade no céu e na Terra (Mat 28:18). Isso pode ser visto somente pela fé. Em breve, todos poderão vê-lo quando Ele se sentar no trono de Seu pai Davi em Israel. Então as nações O buscarão e Ele proclamará Seu nome sobre elas.

Assim também é hoje. Ele proclama Seu nome sobre todos aqueles que buscam o Senhor com fé, que se voltam para Deus e aceitam o Senhor Jesus com fé. Isso é totalmente independente do judaísmo e da adesão ao judaísmo como prosélito. Isso está no coração de Deus desde a eternidade, quando não havia dúvida sobre o judaísmo. Qualquer pessoa que conheça Deus sabe que Ele é assim e age assim.

Atos 15:19-21 | O julgamento de Tiago

19 Pelo que julgo que não se deve perturbar aqueles, dentre os gentios, que se convertem a Deus, 20 mas escrever-lhes que se abstenham das contaminações dos ídolos, da prostituição, do que é sufocado e do sangue. 21 Porque Moisés, desde os tempos antigos, tem em cada cidade quem o pregue e, cada sábado, é lido nas sinagogas.

Como Deus quer transformar um grande número de pessoas dos gentios em seu povo, sem que eles tenham que se tornar judeus, Tiago julga que não se deve criar dificuldades para os gentios. Essas dificuldades seriam a imposição do jugo da lei. Os gentios têm seu próprio lugar nos caminhos de Deus.

O fato de que a lei não deve ser imposta a eles não significa que elas não tenham nada a ver com os mandamentos do Senhor. Tiago menciona quatro coisas das quais os gentios devem se abster. As coisas que ele menciona não são impostas por ele como quatro mandamentos da lei a fim de impor mandamentos aos gentios de uma forma indireta. São coisas que não são judaicas em si, mas que têm a ver com os direitos de Deus como Criador.

A primeira, a idolatria, interfere na autoridade de Deus. A “contaminação dos ídolos” diz respeito a tudo o que está associado à idolatria. O fato

de que eles deveriam se manter longe da idolatria não precisava ser explicitamente declarado novamente. Afinal de contas, eles tinham acabado de se converter da idolatria. No entanto, o perigo estava na contaminação que emanava dela. Comer carne em um templo idólatra é um exemplo de contaminação (1Cor 8:10), pois poderia dar aos outros a impressão de que alguém ainda era idólatra.

O que se aplica à idolatria também se aplica à segunda, a fornicação. Qualquer pessoa convertida sabe que a fornicação é um pecado. A fornicação se opõe à vontade de Deus em relação ao casamento, no qual a mulher está unida somente ao homem na santidade do matrimônio. Portanto, o significado de “abster-se da fornicação” refere-se, acima de tudo, às formas de fornicação que são encobertas e toleradas.

Refere-se a todos os tipos de uniões matrimoniais que Deus chama de fornicação, mas que são geralmente reconhecidas na sociedade. Podemos pensar no casamento com uma pessoa divorciada, no sexo antes do casamento ou nas relações homossexuais. Todos eles desconsideram a única aliança de casamento que Deus instituiu.

A terceira e quarta proibição de se abster “da carne de animais sufocados e do sangue” tem a ver com o fato de que o sangue – a vida – pertence a Deus. Ele é o único que tem o direito à vida. Após a queda no pecado, o homem recebeu carne como alimento (Gên 9:3,4), mas o homem deve sempre ter em mente que o sangue não lhe é dado como alimento. O sangue é a vida que pertence ao Criador e, portanto, o sangue de um animal que serve de alimento deve fluir para a terra a fim de devolvê-lo a Deus, por assim dizer.

Tiago não está apresentando aos seus ouvintes uma nova lei. Ele também não está atendendo aos preconceitos dos judeus, como se estivesse tratando os gentios no mesmo nível que os judeus. No entanto, as coisas que ele lista não são desconhecidas do judaísmo. Elas podem não ser de caráter judaico, mas ainda assim estão de acordo com a lei. Os judeus também tinham que, pelo menos, observar essas coisas. Todos eles sabiam disso, porque todo sábado a lei era lida nas sinagogas. Quando a lei era lida, todos os presentes na sinagoga ouviam o sermão de Moisés.

Atos 15:22-29 | A carta aos gentios

22 Então, pareceu bem aos apóstolos e aos anciãos, com toda a igreja, eleger varões dentre eles e enviá-los com Paulo e Barnabé a Antioquia, a saber: Judas, chamado Barsabás, e Silas, varões distintos entre os irmãos. 23 E por intermédio deles escreveram o seguinte: Os apóstolos, e os anciãos, e os irmãos, aos irmãos dentre os gentios que estão em Antioquia, Síria e Cilícia, saúde. 24 Porquanto ouvimos que alguns que saíram dentre nós vos perturbaram com palavras e transtornaram a vossa alma (não lhes tendo nós dado mandamento), 25 pareceu-nos bem, reunidos concordemente, eleger alguns varões e enviá-los com os nossos amados Barnabé e Paulo, 26 homens que já expuseram a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. 27 Enviamos, portanto, Judas e Silas, os quais de boca vos anunciarão também o mesmo. 28 Na verdade, pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor mais encargo algum, senão estas coisas necessárias: 29 Que vos abstenhais das coisas sacrificadas aos ídolos, e do sangue, e da carne sufocada, e da fornicação; destas coisas fareis bem se vos guardardes. Bem vos vá.

As pessoas reunidas foram convencidas

1. por Pedro, que relatou o que Deus havia feito em relação a Cornélio,
2. pelo relato de Barnabé e Paulo sobre os feitos de Deus durante sua jornada missionária e
3. pela voz de Deus nas Escrituras citadas por Tiago.

Eles decidem enviar uma carta aos gentios. Eles chegaram a um acordo, todos se curvando ao julgamento de Tiago, de que não se pode impor a lei aos gentios.

A igreja não é um corpo democrático no qual as decisões são tomadas por maioria de votos. Não há votação. Os apóstolos, juntamente com os anciãos e toda a igreja, que estão aqui novamente, decidem que Paulo e Barnabé devem viajar de volta a Antioquia para relatar o resultado das deliberações em Jerusalém.

Para evitar qualquer possibilidade de dar uma impressão errada, alguns dos irmãos de Jerusalém também deveriam ir com Paulo e Barnabé. Eles escolheram Judas e Silas para esse fim. Esses homens eram líderes entre os

irmãos (cf. Heb 13:7,17,24). Eram homens que conheciam os crentes de Jerusalém, que os ensinavam e exemplificavam o que Deus espera dos seus.

O resultado de suas deliberações está registrado em uma carta que eles entregaram ao grupo de viajantes. O resultado da troca de palavras é que todos os irmãos, os apóstolos e os anciãos podem endereçar uma carta aos irmãos das nações. Não se trata de uma carta apostólica, mas de uma carta da igreja. Nessa carta, eles se dirigem aos “irmãos dos gentios” nas áreas em que a confusão havia surgido. Obviamente, esse não era apenas o caso em Antioquia, mas também na Síria e até mesmo na Cilícia.

Eles começam a carta pedindo desculpas pelo fato de que “alguns [que saíram] de entre nós” haviam causado confusão entre os irmãos gentios por meio de suas palavras. As palavras que eles disseram abalaram a alma dos crentes. Aqui vemos como a introdução da lei destrói a segurança da fé. A introdução da lei ou de princípios legalistas afeta a segurança da fé e transforma crentes firmes em almas vacilantes.

Os remetentes da carta se distanciam claramente das palavras de seus companheiros de fé. Esses crentes haviam agido por iniciativa própria e não em nome da igreja em Jerusalém. As pessoas que pregam a lei sempre o fazem por iniciativa própria e não por recomendação da igreja. Os irmãos que eles estão enviando agora, no entanto, vêm com uma carta de recomendação da igreja. Como pode ser visto nas palavras “pleno acordo”, alguma coisa deve ter acontecido antes de esses homens serem escolhidos para ir até eles em nome da igreja em Jerusalém.

Judas e Silas vão com Barnabé e Paulo, a quem a igreja chama de “nossos amados”. O uso dessa expressão mostra claramente o quanto esses dois apóstolos eram reconhecidos e valorizados pela igreja em Jerusalém. Isso também significa que eles reconhecem plenamente o trabalho desses servos entre os gentios. Eles também mencionam que são pessoas “que têm exposto a vida pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo”. Dificilmente poderia ser dada uma recomendação mais impressionante. Ao falar sobre “nosso” Senhor Jesus Cristo, usando o nome completo do Senhor, eles expressam a comunhão que os crentes têm nesse nome.

Além de Barnabé e Paulo, Judas e Silas também estarão presentes na entrega da carta. Eles explicarão a carta oralmente. A carta não é uma instrução

legal, mas um relatório, em que uma explicação mais detalhada torna o significado compreensível. A missão deles foi além da entrega fria e formal de uma carta.

Eles foram testemunhas de como o conteúdo foi produzido. Eles testemunharam como o Espírito Santo levou os crentes à decisão unânime que eles agora comunicavam às nações. Isso lhes permitiu escrever: “Porque assim pareceu bem ao Espírito Santo e a nós”. Isso significa que o Espírito Santo pôde trabalhar na reunião. A unanimidade a que chegaram foi obra Dele.

Se a carta afirmasse que os crentes de Jerusalém haviam se tornado unânimes e agora comunicavam sua decisão na carta, ninguém teria duvidado de que isso havia sido provocado pelo Espírito Santo. No entanto, o fato de o Espírito Santo ser mencionado explicitamente diz respeito a toda a obra do Espírito Santo entre os gentios. Essa obra é reconhecida pelos irmãos, pelos anciãos e pelos apóstolos. Como resultado, eles chegaram à conclusão de que não é a lei que deve ser observada, mas apenas os mandamentos de aplicação geral.

Esses mandamentos de aplicação geral lhes são impostos e eles não podem evitá-los. Essas coisas são chamadas de “coisas necessárias”. São “coisas necessárias” porque têm a ver com

1. o relacionamento de fidelidade a Deus, a quem somente o sacrifício pode ser feito,
2. o reconhecimento de seu direito exclusivo à vida e
3. fidelidade absoluta no relacionamento mais íntimo com o próximo, ou seja, o casamento.

Quem cuida dessas coisas necessárias faz bem. A observância dessas coisas é uma bênção para a vida espiritual. Eles concluem a carta com a saudação e o desejo: “Saúde”.

Atos 15:30-35 | Recebimento da carta em Antioquia

30 Tendo-se eles, então, despedidos, partiram para Antioquia e, ajuntando a multidão, entregaram a carta. 31 E, quando a leram, alegraram-se pela exortação. 32 Depois, Judas e Silas, que também eram profetas, exortaram e confirmaram os irmãos com muitas palavras. 33 E, detendo-se ali algum tempo,

os irmãos os deixaram voltar em paz para os apóstolos, 34 mas pareceu bem a Silas ficar ali. 35 E Paulo e Barnabé ficaram em Antioquia, ensinando e pregando, com muitos outros, a palavra do Senhor.

A igreja libera os enviados. Isso mostra que eles apoiam sua missão. Quando os quatro chegam a Antioquia, a congregação de crentes é convocada para uma reunião. Depois disso, os irmãos que vieram de Jerusalém entregam a carta. A carta de Jerusalém traz alegria porque eles foram libertados do jugo da lei. A ordem de se abster de coisas necessárias também faz parte da alegria. Jerusalém garante a liberdade para os gentios, mesmo que eles próprios se apeguem à lei. Essa é a atitude correta ao lidarmos uns com os outros como igrejas quando se trata de regulamentos e ordenanças aos quais alguns acham que devem se apegar.

Além do conforto que os crentes receberam por meio da carta, há também uma oportunidade para Judas e Silas confortarem e fortalecerem os crentes verbalmente. Como profetas, eles puderam falar palavras completamente diferentes das de seus antecessores, que não tinham comissão e falavam palavras que perturbavam as almas (verso 24). As muitas palavras ditas por Judas e Silas serviram para fortalecer a fé. É maravilhoso falarmos uns com os outros dessa maneira e também sermos edificados na fé por aqueles que receberam o dom do Senhor para fazer isso.

Depois que Judas e Silas realizaram seu ministério de consolo e fortalecimento por algum tempo, eles voltaram para aqueles que os haviam enviado, ou seja, para a igreja em Jerusalém. Os irmãos os deixaram ir em paz. Há paz e harmonia na igreja. Quando Judas e Silas partem, eles deixam para trás uma igreja com a qual têm a mesma opinião. O relato que eles farão mais tarde a Jerusalém sobre sua estada e ministério em Antioquia certamente terá trazido alegria para lá também.

Paulo e Barnabé permanecem em Antioquia. Juntamente com muitos outros, eles ensinam e proclamam a palavra do Senhor. Isso mostra que há uma grande igreja em Antioquia e que há uma variedade de dons ali. Mas todos eles têm o mesmo objetivo. Trata-se da edificação dos crentes, e isso só é possível por meio da palavra do Senhor. Novamente, aqui não se trata da “palavra de Deus”, mas da “palavra do Senhor”. O objetivo do

ministério é que a vida dos crentes, em todas as suas partes, esteja sob a autoridade do Senhor.

Atos 15:36-39 | Separação entre Paulo e Barnabé

36 Alguns dias depois, disse Paulo a Barnabé: Tornemos a visitar nossos irmãos por todas as cidades em que já anunciamos a palavra do Senhor, para ver como estão. 37 E Barnabé aconselhava que tomassem consigo a João, chamado Marcos. 38 Mas a Paulo parecia razoável que não tomassem consigo aquele que desde a Panfília se tinha apartado deles e não os acompanhou naquela obra. 39 E tal contenda houve entre eles, que se apartaram um do outro. Barnabé, levando consigo a Marcos, navegou para Chipre.

Com tantos proclamando a palavra do Senhor em Antioquia, podemos imaginar que, depois de alguns dias, Paulo pensa em ministrar em outro lugar. Ele pensa nos irmãos das cidades onde ele e Barnabé estiveram na primeira viagem missionária. Seu coração anseia por eles e ele gostaria de saber como estão. Ele diz a Barnabé o que está pensando. Essa reflexão de Paulo é a introdução à sua segunda viagem missionária.

Ao mesmo tempo, é o início de uma triste separação entre Paulo e Barnabé. Barnabé concorda com Paulo e quer ir com ele para visitar as cidades de que Paulo falou. Mas ele quer que João Marcos vá com ele. Ele também estava lá na primeira vez, mas voltou atrás no meio do caminho. Que bom seria se Marcos tivesse uma segunda chance e fizesse toda a viagem.

Barnabé, como um verdadeiro “filho da consolação”, acha que isso é muito importante. Mas Paulo não concorda com ele. Ele acha que Marcos não é um companheiro adequado. Isso não significa que ele tenha descartado Marcos para sempre. Mais tarde, ele escreverá a Timóteo que ele deve trazer Marcos com ele, porque Marcos é muito útil para ele no ministério (2Tim 4:11). Nesse momento, Paulo obviamente ainda não o considera maduro o suficiente.

Alguns supõem que Barnabé tenha se deixado levar demais pela afeição que sentia por seu sobrinho Marcos. O afeto é bom, mas não é uma base para a devoção. O mel não deveria ser usado na oferta de cereal (Lev 2:11). O mel é uma figura da afeição natural e a oferta de cereal é uma figura da completa devoção a Deus.

O amor natural é bom. Ai de nós se não tivermos amor natural. A falta de amor natural é uma marca dos últimos dias (2Tim 3:3). Mas o amor natural não deve afetar nossa devoção total no serviço ao Senhor. Será que Barnabé era muito mole e Paulo muito duro? O Senhor escondeu isso de nós. Podemos tirar lições gerais desse fato, mas não podemos identificar as causas.

Aqui, dois devotados servos do Senhor, que se conhecem há muito tempo e que fizeram muito juntos pelo Senhor, têm uma diferença de opinião que não é resolvida. Este capítulo começou com um desacordo sobre uma questão doutrinária. Essa discordância dizia respeito à doutrina da salvação e precisava ser resolvida. O compromisso não é apropriado em um conflito como esse. Portanto, esse conflito também foi resolvido.

A diferença entre os dois homens de Deus é de natureza diferente. Ela diz respeito a uma questão de julgamento, e isso continua sem solução. Essa diferença leva até mesmo à amargura. Ambos eram culpados pela amargura. Pelo fato de Paulo e Silas terem feito uma viagem com a bênção dos irmãos, não devemos concluir apressadamente que Barnabé e Marcos tomaram o caminho errado. É possível que Barnabé tenha viajado rapidamente para evitar que a divisão entre ele e Paulo afetasse os outros irmãos.

A amargura não é boa e, no entanto, agora que eles seguiram caminhos diferentes, duas equipes estão partindo para o Senhor. Às vezes, nossas imperfeições são oportunidades para Deus realizar Sua obra. Barnabé, sem dúvida, também foi usado pelo Senhor em seu ministério. Não ouvimos mais nada sobre isso. Ele partiu para Chipre, sua terra natal, que havia escolhido como seu primeiro destino com Paulo durante sua primeira viagem missionária (Atos 13:4).

Mais tarde, quando Paulo volta a falar de Barnabé, não há mais nenhum traço de amargura. Ele fala com apreço de Barnabé como um companheiro de serviço e o coloca no mesmo nível que ele em seu serviço ao Senhor (1Cor 9:6).

Atos 15:40-41 | Início da segunda viagem missionária

40 E Paulo, tendo escolhido a Silas, partiu, encomendado pelos irmãos à graça de Deus. 41 E passou pela Síria e Cilícia, confirmando as igrejas.

Paulo quer um companheiro que possa tomar o lugar de Barnabé. Sua escolha recaiu sobre Silas. Ele havia conhecido Silas por algum tempo durante seu ministério em Antioquia e, portanto, conhecera suas qualidades. Silas havia viajado de volta a Jerusalém (verso 33). Lucas não nos diz como Paulo entrou em contato com ele novamente. Juntos, os irmãos os confiam à graça do Senhor antes de partirem.

Não é um local geográfico de partida, mas o local espiritual de partida que é decisivo para o ministério. A graça do Senhor é o ponto de partida para Paulo e Silas em sua segunda jornada missionária. Os irmãos que os confiam a essa graça sabem que o sucesso dessa jornada missionária depende da graça.

Para Paulo e Silas, uma base doméstica que avalia corretamente a importância disso é um grande incentivo. Com esse apoio, Paulo viajou pela Síria e pela Cilícia, onde as almas inicialmente estavam confusas e depois foram fortalecidas. Ele continua esse trabalho. Ele fortalece as igrejas onde quer que elas tenham sido estabelecidas.

Atos 16

Atos 16:1-4 | Paulo leva Timóteo com ele

1 E chegou a Derbe e Listra. E eis que estava ali um certo discípulo por nome Timóteo, filho de uma judia que era crente, mas de pai grego, 2 do qual davam bom testemunho os irmãos que estavam em Listra e em Icônio. 3 Paulo quis que este fosse com ele e, tomando-o, o circuncidou, por causa dos judeus que estavam naqueles lugares; porque todos sabiam que seu pai era grego. 4 E, quando iam passando pelas cidades, lhes entregavam, para serem observados, os decretos que haviam sido estabelecidos pelos apóstolos e anciãos em Jerusalém,

Depois de viajar pela Síria e Cilícia, Paulo chega às cidades de Derbe e Listra (Atos 14:6). Em Listra, ele encontra um discípulo chamado Timóteo. Timóteo é mencionado aqui pela primeira vez. Ouviremos falar muito sobre ele no restante do livro de Atos e também nas cartas de Paulo.

Parece que ele chegou à fé por meio da pregação de Paulo durante sua primeira viagem missionária. Podemos ver isso nas cartas que Paulo escreveu posteriormente a Timóteo. Nelas, ele o chama de seu filho na fé (1Tim 1:2) e se dirige a ele como seu filho amado (2Tim 1:2; cf. 1Cor 4:17). Ele se tornará o companheiro de trabalho de Paulo, a quem ele mais valorizava.

O casamento do qual Timóteo era oriundo era completamente proibido de acordo com os padrões da lei (Deu 7:3; Nee 13:25). Mas a graça triunfa e transforma o homem nascido de um casamento ilegal em um instrumento para a glória de Deus (seu nome significa “honrar a Deus”). Sua mãe e sua avó eram mulheres crentes (2Tim 1:5) que o instruíram nas Escrituras. Ele conhecia as Escrituras desde sua juventude (2Tim 3:15).

Desde sua conversão, Timóteo tem crescido na fé. Graças ao seu conhecimento das Escrituras, ele logo foi capaz de ministrar a Palavra. Os irmãos de Listra, onde ele morava, observaram seu desenvolvimento espiritual. O mesmo aconteceu com os irmãos de Icônio, onde ele obviamente ia de vez em quando para ministrar a Palavra.

Quando Paulo retorna a Listra e sua atenção é, sem dúvida, atraída por esse jovem promissor, ele quer que Timóteo vá viajar com ele. Pelas cartas

que Paulo escreverá mais tarde a Timóteo, sabemos que ele foi especialmente capacitado para o ministério. Podemos descobrir quatro aspectos que desempenharam um papel nesse processo: profecias anteriores (1Tim 1:18), um dom da graça de Deus (1Tim 4:14; 2Tim 1:6), a imposição das mãos de Paulo (2Tim 1:6) e a imposição das mãos dos presbíteros (1Tim 4:14). Como já foi mencionado, a imposição de mãos não significa consagração ou chamado, mas unificação e comunhão (Atos 6:6; 13:3).

Depois disso, Paulo faz algo que, à primeira vista, parece muito estranho, porque se trata de algo contra o qual ele havia lutado recentemente em grande escala. Ele mesmo circuncidou Timóteo. A razão vem logo em seguida. Ele circuncidou Timóteo a fim de superar os preconceitos dos judeus (1Cor 9:20). Timóteo teria sido inaceitável para os judeus se não fosse completamente judeu.

Paulo permaneceu na liberdade do Espírito. Por isso ele pôde circuncidar Timóteo. Ele o fez sem que nenhuma coerção fosse exercida sobre ele. Quando foi instado a circuncidar Tito, ele não o fez (Gal 2:3). A liberdade cristã reconhece plenamente a lei em seu lugar, embora a lei em si não tenha lugar na liberdade cristã. Tito estava preocupado com a doutrina cristã, como se não houvesse salvação sem circuncisão. Por isso Tito não era circuncidado.

Com Timóteo, a questão é o que é útil para a obra. Foi útil circuncidá-lo para ter melhor acesso aos judeus e para conquistá-los. A circuncisão de Timóteo, portanto, não tem nada a ver com sua salvação, mas tem tudo a ver com o trabalho que ele faria entre os crentes judeus.

Como a mãe de Timóteo era judia, ele também era judeu de nascimento. A razão para isso é que era mais fácil provar que a mãe era judia do que que o pai judeu. Além disso, uma criança é muito mais influenciada pela religião da mãe do que pela religião do pai.

Em nenhum lugar Paulo pediu aos judeus que deixassem de observar a lei. Onde foi útil, ele se submeteu à lei por causa da proclamação do evangelho entre os judeus. Somente na carta aos Hebreus ele escreve sobre o desaparecimento da era da lei e o significado associado da lei para os judeus; ele os convida a deixar o arraial.

Juntamente com Silas e Timóteo, Paulo viajou pelas cidades para transmitir às igrejas de todos os lugares o que havia sido decidido em Jerusalém com relação às coisas necessárias que deveriam ser observadas pelos crentes dos gentios. Não há menção de guardar os mandamentos da lei.

Atos 16:5 | Fortalecimento e crescimento das igrejas

| *5 de sorte que as igrejas eram confirmadas na fé e cada dia cresciam em número.*

Lucas novamente faz um relatório provisório sobre o desenvolvimento da igreja. O verso marca a transição entre duas partes desse livro. A parte que começa no verso 6 se estende até o capítulo 19:20, onde Lucas apresenta novamente esse relatório provisório (Atos 19:20).

Agora que a questão da lei foi resolvida, há espaço para mais crescimento. A liberdade da lei cria uma atmosfera na qual as igrejas podem ser fortalecidas em sua fé. Ainda eram os primeiros dias, com a poderosa obra do Espírito e servos dedicados. O fato de que pessoas eram acrescentadas às igrejas todos os dias mostra a poderosa obra do Espírito. As conversões não eram casos isolados. Elas não aconteciam de vez em quando e aqui e ali, mas as pessoas se convertiam todos os dias.

Atos 16:6-10 | O Chamado Macedônio

| *6 E, passando pela Frígia e pela província da Galácia, foram impedidos pelo Espírito Santo de anunciar a palavra na Ásia. 7 E, quando chegaram a Mísia, intentavam ir para Bitínia, mas o Espírito de Jesus não lho permitiu. 8 E, tendo passado por Mísia, desceram a Trôade. 9 E Paulo teve, de noite, uma visão em que se apresentava um varão da Macedônia e lhe rogava, dizendo: Passa à Macedônia e ajuda-nos! 10 E, logo depois desta visão, procuramos partir para a Macedônia, concluindo que o Senhor nos chamava para lhes anunciarmos o evangelho.*

Como a pregação do evangelho abrange toda a criação, é preciso orientação para saber qual caminho seguir. Com relação à sua primeira viagem missionária, Paulo pode apontar para um mandato claro do Espírito Santo (Atos 13:2). Ele empreende sua segunda viagem missionária sem essa comissão, mas com instruções claras.

O motivo da segunda viagem missionária foi o desejo de ver como os crentes estavam se saindo nas regiões onde ele havia estado em sua primeira viagem missionária (Atos 15:36). Não foi necessária nenhuma comissão especial do Espírito para isso, porque esse trabalho está de acordo com a ordem geral das Escrituras de cuidar dos jovens convertidos, os cordeiros do rebanho. Paulo está preocupado com o bem-estar dos crentes. Isso o levou a agir. Essa ação atesta a maturidade espiritual. É a maneira normal pela qual o Espírito Santo guia, porque uma das razões pelas quais Ele habita nos crentes é para que possa sempre guiá-los (Rom 8:14).

Na segunda viagem missionária, Paulo percorreu a Frígia e a Galácia, onde pregou a palavra de Deus e igrejas foram estabelecidas. Em seguida, eles viajaram mais para o oeste, para a Ásia. A Ásia é uma parte da Ásia Menor, cuja capital é Éfeso. Mas lá eles são impedidos “pelo Espírito Santo” de anunciar a palavra. Posteriormente, ele trabalhará lá por vários anos e pregará o evangelho por muito tempo. Éfeso será então seu principal centro de atividade. Agora ainda não era o tempo de Deus.

Lucas fala aqui sobre o Espírito Santo, enfatizando que Paulo e seus companheiros estavam cercados por espíritos profanos que queriam levá-los a cometer atos profanos. As ações profanas podem ser o resultado de todos os tipos de boas intenções que não são do Espírito Santo. Essa é uma advertência para que não sejamos guiados por pensamentos positivos. O Senhor pode guiar nossa vida de diferentes maneiras. Ele pode nos guiar por meio das Escrituras, das circunstâncias, de outros irmãos e irmãs, do Espírito Santo ou de uma reflexão sóbria.

Depois de serem impedidos de falar a palavra na Ásia, eles se dirigem para o norte e tentam viajar pela Mísia e Bitínia. No entanto, essa viagem é impedida pelo “Espírito de Jesus”. O Espírito de Jesus é, obviamente, nada menos que o Espírito Santo. O fato de Ele ser chamado de Espírito de Jesus aqui nos remete à vida do Senhor Jesus em Sua humilhação na terra, pois é isso que Seu nome “Jesus” nos lembra. O Senhor Jesus se permitiu ser guiado pelo Espírito Santo em tudo e sempre enquanto esteve na Terra. O Espírito e o Senhor Jesus estão tão intimamente ligados que podemos falar do Espírito de Jesus. Assim como o Senhor Jesus era dependente do Pai, Paulo também precisa aprender a ser dependente de Deus. Ninguém pode lhe ensinar isso melhor do que o Espírito de Jesus.

Não sabemos como o Espírito impediu a viagem para Bitínia. Agora que o caminho para Bitínia está impedido, eles seguem para o oeste. Vemos que, embora Paulo quisesse viajar pelo Senhor, ele não recebeu orientações completas do Senhor. Ele teve de aprender a depender de passo a passo. É assim que eles chegam a Trôade.

Em Trôade, Paulo recebe uma nova rota no silêncio da noite. Deus usa um sonho para isso (Jó 33:15). Podemos ver o homem que aparece a Paulo em uma visão como uma aparição simbólica na qual toda a Europa aparece diante do espírito de Paulo. O homem não está pedindo que eles venham e preguem o evangelho, mas está pedindo ajuda. Uma parte do mundo está necessitada. Um evangelista é um ajudante na necessidade. Ele é um ajudante para as pessoas que andam curvadas sob o peso do pecado, para que o fardo possa ser retirado de seus ombros e elas possam ser iluminadas pela fé.

A visão não fornece mais detalhes sobre a viagem ou o destino. É uma indicação geral da orientação de Deus, mas eles ainda não têm clareza sobre os detalhes. As coisas ficam mais claras quando eles falam sobre o que a visão significa para eles. Eles concluem que Deus os chamou para pregar o evangelho aos macedônios.

Lucas, o escritor de Atos dos Apóstolos, concorda com esse raciocínio. Ele se juntou discretamente ao grupo de viajantes. Até agora, Lucas sempre escreveu sobre “eles”; do verso 10 em diante, ele fala de “nós”. Ele agora faz parte do grupo de viajantes e se torna uma testemunha ocular dos eventos. Esse grupo agora é formado por quatro pessoas.

Atos 16:11-15 | A conversão da Lídia

11 E, navegando de Trôade, fomos correndo em caminho direito para a Samotrácia e, no dia seguinte, para Neápolis; 12 e dali, para Filipos, que é a primeira cidade desta parte da Macedônia e é uma colônia; e estivemos alguns dias nesta cidade. 13 No dia de sábado, saímos fora das portas, para a beira do rio, onde julgávamos haver um lugar para oração; e, assentando-nos, falamos às mulheres que ali se ajuntaram. 14 E uma certa mulher, chamada Lídia, vendedora de púrpura, da cidade de Tiatira, e que servia a Deus, nos ouvia, e o Senhor lhe abriu o coração para que estivesse atenta ao que Paulo dizia. 15 Depois que foi

batizada, ela e a sua casa, nos rogou, dizendo: Se haveis julgado que eu seja fiel ao Senhor, entrai em minha casa e ficai ali. E nos constrangeu a isso.

De Trôade, na Ásia, o grupo viajou para Samotrácia, um pouco mais acima na Ásia. De lá, atravessaram para a Macedônia, na Europa, onde desembarcaram em Neápolis. De Neápolis, eles viajaram a pé para Filipos, a cidade mais nobre dessa parte da Macedônia, a 20 km de distância.

Antes de o evangelho ser transmitido, Paulo e seus companheiros passaram alguns dias na cidade. Isso permitiu que eles conhecessem as pessoas da cidade. É importante primeiro mostrar interesse pelas pessoas para que o evangelho possa ser levado a elas.

Filipos é uma colônia romana, ou seja, uma área onde os cidadãos tinham os mesmos direitos que nas cidades da Itália. Em Filipos, poderia se pensar que se estava em Roma. Lá, as coisas eram exatamente iguais às de Roma. As pessoas em Filipos viviam como romanos sob a autoridade de Roma. Na carta que Paulo escreverá mais tarde para os crentes dessa cidade, ele destacará que os crentes do mundo também vivem da mesma maneira. Assim como os habitantes de Filipos vivem como romanos em um ambiente estrangeiro, os crentes vivem como cidadãos do céu de acordo com as normas do céu na terra, cercados por um mundo ao qual não pertencem (Flp 3:20).

Ao explorar a cidade, eles também devem ter descoberto que não havia sinagoga ali, mas havia um lugar de oração. Parece que um local de oração era comum se não houvesse uma sinagoga na cidade. Nessa genuína cidade romana, não era natural que houvesse uma sinagoga. De acordo com a tradição, eram necessários pelo menos dez judeus para uma sinagoga, com base na oração de Abraão por Sodoma, que acabou envolvendo dez justos (Gên 18:32).

Paulo foi ao local de oração para pregar o evangelho aos judeus. Quando chegou o sábado, eles foram ao local onde supunham que as pessoas estavam reunidas para orar. Ao chegarem, viram que havia mulheres reunidas ali. Paulo e seus companheiros sentaram-se com elas. Nessa atitude de calma, eles falaram com as mulheres.

Pela reação das mulheres, especialmente de Lídia, vemos que Deus já havia começado uma obra em Filipos. Em seu tempo, ele levou Paulo até lá para

completar sua obra em prol das almas. No entanto, Lucas não menciona aqui que uma igreja caracterizada pelo amor e pelo cuidado também está sendo estabelecida ali. Isso pode ser visto mais tarde na carta que Paulo escreve a ela.

Lídia é provavelmente uma mulher grega que se converteu ao judaísmo. Ela não adora mais os muitos ídolos do Império Romano, mas o único Deus dos judeus. Ela veio originalmente de Tiatira, que era conhecida por sua tinturaria de tecidos. Lídia comercializa esses tecidos em Filipos. Enquanto Paulo fala (portanto, foi mais uma conversa do que um sermão formal), Lídia ouve. Então o Senhor abre seu coração para que ela preste atenção ao que Paulo está dizendo. Ela leva a palavra de Deus ao coração e aceita com fé o que Deus diz.

Aqui vemos os dois lados da verdade que encontramos em toda a Bíblia. Por um lado, vemos Lídia que ouve e presta atenção e, por outro lado, o Senhor abre seu coração para que ela aceite o que é dito. O mesmo acontece na vida de nós, crentes. Vamos à reunião para ouvir a Palavra e, ao mesmo tempo, pedimos que a Palavra faça sua obra em nós.

Após sua conversão, ela é imediatamente batizada, o que indica que Paulo também deve ter falado sobre o batismo. Não somente ela é batizada, mas também sua casa, ou seja, todos os que pertencem a ela. A salvação é uma questão individual. Ninguém é salvo porque outra pessoa é crente. As crianças não são salvas porque seus pais são crentes. Cada pessoa deve crer pessoalmente no Senhor Jesus.

No entanto, a intenção de Deus não é apenas salvar indivíduos, mas famílias inteiras. Também encontramos isso nas Escrituras. Deus já disse a Noé que preparasse uma arca para salvar sua casa (Heb 11:7). Deus dá aos pais a grande responsabilidade de criar seus filhos na disciplina e na admoestação do Senhor (Efé 6:4). O outro lado é a graça de Deus que, quando os pais fazem isso, Ele vincula Sua promessa à salvação dos filhos. Para que isso aconteça, os filhos devem se converter e chegar à fé. Quando há um chefe de família crente, toda a família entra na atmosfera da Palavra de Deus.

Quando Lídia e sua família são batizadas, ela pede a Paulo que fique em sua casa por um tempo. Ela se refere à sua fidelidade ao Senhor. Tudo

isso mostra que ela honrava a Deus. Seu batismo prova que ela quer ser obediente. Sua hospitalidade prova que ela tem uma nova vida e quer experimentar os novos relacionamentos que agora existem entre os filhos de Deus. Ela certamente queria ouvir mais sobre o Senhor Jesus e Sua obra.

Atos 16:16-18 | Expulsão de um espírito de adivinhação

16 E aconteceu que, indo nós à oração, nos saiu ao encontro uma jovem que tinha espírito de adivinhação, a qual, adivinhando, dava grande lucro aos seus senhores. 17 Esta, seguindo a Paulo e a nós, clamava, dizendo: Estes homens, que nos anunciam o caminho da salvação, são servos do Deus Altíssimo. 18 E isto fez ela por muitos dias. Mas Paulo, perturbado, voltou-se e disse ao espírito: Em nome de Jesus Cristo, te mando que saias dela. E, na mesma hora, saiu.

No caminho para o local de oração, Paulo e seus companheiros encontram uma jovem que tinha um espírito de pítion, por meio do qual praticava a adivinhação. A jovem está realmente possuída, realmente sob o poder de um espírito maligno, o que fez com que ela perdesse sua identidade. Ela é um instrumento de Satanás, que a explora sem piedade. Os senhores da jovem ganham um bom dinheiro com ela. Havia muitas pessoas que lhe pediam conselhos em troca de pagamento.

Quando ela cruza o caminho de Paulo, o espírito de adivinhação se revela em alto e bom som. Ele elogia “esses homens” como “servos do Deus Altíssimo” que proclamam o caminho da salvação. Aqui vemos as táticas sedutoras de Satanás. Aqui na Europa, ele não ataca o evangelho publicamente, mas tenta interferir no trabalho do evangelho por meio de apoio enganoso.

No grego, vemos que a jovem não está falando sobre o caminho, mas sobre um caminho. Ela também diz “que proclamam a vocês” um caminho, e não “que proclamam a nós” um caminho. Ela não faz propaganda do evangelho, mas fala do evangelho como um caminho para a salvação de muitos. Isso é tipicamente demoníaco, negar exclusividade ao evangelho. Há espaço para Jesus nas religiões mundiais, como o budismo ou o islamismo, mas somente ao lado de outros ídolos.

O texto também fala de Paulo e seus colaboradores como servos do Deus Altíssimo. No contexto grego, entretanto, isso significa que ela fala deles

como servos de Zeus. Ela fala de um caminho de salvação, não sobre a salvação dos pecados, mas a salvação de certas circunstâncias infelizes da vida, que ela também proclamou como uma cartomante. Ela apresentou um caminho que levaria ao bem da humanidade, mas que, na realidade, terminaria em destruição eterna.

Paulo não tomou medidas imediatas contra a moça. Ele suportou os gritos dela por muitos dias. Mas então chegou o momento em que ele não pôde mais suportar. Isso não significa que ele ficou envergonhado, mas que uma maior tolerância teria tornado o evangelho impotente. Os gritos da jovem concentravam a atenção das pessoas nela e não no evangelho. Em um determinado momento, Paulo se vira e ordena que o espírito se afaste dela em nome de Jesus Cristo. Paulo não expulsa o espírito com sua própria força, mas com a autoridade do nome do Senhor Jesus. Esse nome está acima de toda autoridade e poder (Atos 3:6,16; 4:10). O Espírito obedece imediatamente.

Infelizmente, a pregação do evangelho hoje em dia é muitas vezes uma pregação que tem a aprovação do mundo porque o evangelista permite que o mundo se una à sua pregação. A justificativa é que, em última análise, o objetivo é que o evangelho seja aceito. Mas não foi assim que Paulo procedeu. Ele rejeita a mistura e isso lhe custa muito caro, como veremos a seguir.

Atos 16:19-24 | Lançado na prisão

19 E, vendo seus senhores que a esperança do seu lucro estava perdida, prenderam Paulo e Silas e os levaram à praça, à presença dos magistrados. 20 E, apresentando-os aos magistrados, disseram: Estes homens, sendo judeus, perturbaram a nossa cidade. 21 E nos expõem costumes que nos não é lícito receber nem praticar, visto que somos romanos. 22 E a multidão se levantou unida contra eles, e os magistrados, rasgando-lhes as vestes, mandaram açoitá-los com varas. 23 E, havendo-lhes dado muitos açoites, os lançaram na prisão, mandando ao carcereiro que os guardasse com segurança, 24 o qual, tendo recebido tal ordem, os lançou no cárcere interior e lhes segurou os pés no tronco.

Se Satanás não consegue atingir seu objetivo com bajulação, ele se transforma em um leão que ruga (1Ped 5:8). Seus instrumentos são os senhores

da jovem. Sua fonte de renda secou por causa desses homens. Por isso eles não estão nem um pouco gratos pela libertação da jovem, mas particularmente irritados ao verem seus lucros se esvaindo. Eles arrastam Paulo e Silas diretamente para as autoridades, que são representadas por dois magistrados. Os magistrados eram oficiais romanos, uma espécie de prefeito.

Os senhores da jovem que foi libertada por Paulo acusam Paulo e Silas de instigar um motim. Essa é uma acusação séria, pois qualquer coisa que ameace a unidade e a tranquilidade do Império Romano é severamente punida. Em sua astúcia, esses homens transformam o que Paulo e Silas fizeram em uma questão política. Eles sabem que têm uma chance de serem condenados. Eles também fazem alusão ao ódio contra os judeus, falando sobre “[“esses homens sendo judeus”].

Além disso, acusam Paulo e Silas de pregar costumes que são contra os costumes romanos. (Lucas e Timóteo eram menos importantes aos olhos deles, por isso os deixaram ir). Os costumes têm a ver com a cultura. Eles os acusam de destruir a cultura deles com o evangelho. Deus colocou a cultura no caráter nacional. Ela é diferente para cada nação, mas nas mãos de Satanás pode se tornar um meio de resistir ao evangelho. Depois que as acusações foram feitas, a multidão, que está sempre buscando uma mudança, também se voltou contra Paulo e Silas.

Os magistrados consideram desnecessária uma investigação mais detalhada. Sem nenhum outro julgamento, os dois servos de Deus são despojados de suas roupas pelos magistrados. Eles então ordenaram que fossem açoitados. Os homens que executam a flagelação não consideram sua tarefa leviana e dão “muitos açoites” nos dois pregadores.

Deus permite que seus servos sejam açoitados e é uma honra para eles não resistirem. Isso dá um testemunho ainda mais glorioso de sua palavra e de seus servos. No que diz respeito ao corpo, o mundo é mais forte do que o cristão, se Deus permitir; mas na alma o cristão está acima das circunstâncias, desde que esteja ciente da presença de Deus. Sua presença é maior do que todas as circunstâncias e pode superar tudo o mais (1Joã 5:4). Assim, é possível se alegrar no sofrimento (Atos 5:41, Rom 5:5).

Após a flagelação, eles são jogados na prisão. O carcereiro recebe a ordem de guardá-los cuidadosamente. Ele não deixa nada ao acaso. Ele os joga no mais profundo do cárcere – não há nada mais profundo do que isso. E como se isso não fosse seguro o suficiente, ele cuidadosamente prende seus pés no tronco. A fuga é impossível. Parece que eles foram completamente eliminados e o inimigo venceu. Como pode ser desanimador pensar que essa foi a recepção deles na Europa, apesar de terem reconhecido claramente a orientação do Senhor Jesus de vir para cá.

Atos 16:25-26 | Orando e cantando na prisão

25 Perto da meia-noite, Paulo e Silas oravam e cantavam hinos a Deus, e os outros presos os escutavam. 26 E, de repente, sobreveio um tão grande terremoto, que os alicerces do cárcere se moveram, e logo se abriram todas as portas, e foram soltas as prisões de todos.

Mas veja, e acima de tudo: ouça como os evangelistas reagem a todos os tormentos e humilhações que sofrem. Em vez de ficarem desanimados, cantarem lamentações ou implorarem a Deus por vingança por causa da humilhação que sofreram, eles oraram e cantaram. A oração e o canto são armas poderosas com as quais grandes vitórias são conquistadas sobre o inimigo (2Crô 20:21-30; Atos 4:23-31). Eles buscam sua força em Deus e O louvam por quem Ele é. Eles não fazem isso silenciosamente. Eles não fazem isso em silêncio, mas de forma audível para todos os cativos.

Os prisioneiros não gritam com eles para ficarem calados, mas os ouvem. Eles nunca experimentaram ou ouviram nada parecido com isso. Quanto mais difíceis forem nossas circunstâncias, mais impressionante será nossa alegria para aqueles que estão nos observando.

Enquanto Paulo e Silas estão orando e cantando e os prisioneiros os ouvem, Deus intervém repentinamente. Ele responde ao canto e à oração de seus servos com um grande e repentino terremoto. É um terremoto muito especial. Ele se limita a um prédio. O chão não se abre, e todas as paredes permanecem de pé. Somente as portas se abrem e os grilhões de todos os prisioneiros são soltos! Um milagre adicional e possivelmente ainda maior é que ninguém aproveita a oportunidade para fugir. Todos eles estão “pre-

gados no chão”. Esses terremotos especiais são necessários na vida de uma pessoa para que ela reconheça a necessidade de salvação.

Atos 16:27-34 | A conversão do carcereiro

27 Acordando o carcereiro e vendo abertas as portas da prisão, tirou a espada e quis matar-se, cuidando que os presos já tinham fugido. 28 Mas Paulo clamou com grande voz, dizendo: Não te faças nenhum mal, que todos aqui estamos. 29 E, pedindo luz, saltou dentro e, todo trêmulo, se prostrou ante Paulo e Silas. 30 E, tirando-os para fora, disse: Senhores, que é necessário que eu faça para me salvar? 31 E eles disseram: Crê no Senhor Jesus Cristo e serás salvo, tu e a tua casa. 32 E lhe pregaram a palavra do Senhor e a todos os que estavam em sua casa. 33 E, tomando-os ele consigo naquela mesma hora da noite, lavou-lhes os vergões; e logo foi batizado, ele e todos os seus. 34 Então, levando-os a sua casa, lhes pôs a mesa; e, na sua crença em Deus, alegrou-se com toda a sua casa.

O terremoto também acorda o carcereiro. Quando ele se dá conta de que as portas estão abertas, só pode concluir que todos os prisioneiros fugiram. Era seu trabalho vigiá-los e ele sente que falhou. Ele quer colocar as mãos sobre si mesmo. Mas Deus o impede e lhe proclama a salvação. No momento em que o homem está prestes a se matar, a voz de Paulo ressoa na escuridão.

Paulo não poderia ter visto que o homem queria cometer suicídio. Estava escuro como breu e ele estava na prisão mais interna. Deus deixou a situação clara para ele. Portanto, ele clama: “Estamos todos aqui”. O Deus que soltou as algemas também impede que nenhum prisioneiro escape. Ninguém pode resistir a Ele e escapar. Assim, todos os pecadores são mantidos no inferno por toda a eternidade pelo poder de Deus.

As palavras de Paulo impedem o homem de pôr as mãos sobre si mesmo. Isso significa que ele acredita em Paulo. Ele quer ir até Paulo, mas precisa de luz para fazer isso. Ele a recebe. Então ele salta e cai tremendo diante de Paulo e Silas. Não lemos que foi o terremoto que fez o carcereiro tremer, mas sim a voz de Paulo que o alcançou na escuridão total. Ele deve ter reconhecido que essa era a voz de Deus, o Deus para quem a escuridão é tão brilhante quanto o dia (Slm 139:12).

A graça tem um efeito devastador sobre o pecador convicto. Ao mesmo tempo, a graça também levanta a questão da salvação. O carcereiro dirige essa pergunta a Paulo e Silas. Ele agora os chama de “senhores” e, portanto, os reconhece como estando acima dele. Ele pergunta sobre o caminho da salvação porque talvez já tenha ouvido falar sobre isso antes. Ele pode ter rido disso na época, mas agora ele pergunta sobre isso em sua angústia. É assim que Deus sempre trabalha na conversão dos pecadores.

O carcereiro pergunta: “O que devo fazer para ser salvo?” Então ele pensa que é preciso fazer algo para a salvação. Mas ninguém precisa fazer nada para ser salvo; de fato, é impossível fazer algo por si mesmo. É por isso que ele não é instruído a fazer certas obras. Paulo lhe apresenta a única maneira pela qual alguém pode ser salvo, que é crer no Senhor Jesus.

É fundamental que ele deposite sua confiança no Senhor Jesus. Ele deve lançar sua âncora no Senhor Jesus. Isso não é uma conquista, mas uma necessidade. A fé não é mais uma conquista do que quando alguém em perigo mortal agarra a boia salva-vidas que lhe é lançada.

Paulo não está falando apenas sobre a salvação do carcereiro, mas também sobre a salvação de sua família. A salvação significa que há uma separação radical do mundo. Já vimos com Lídia que é a ordem normal que, quando o chefe de uma família chega à fé, Deus estende a salvação aos membros da casa (verso 15). A casa em que a luz do evangelho é acesa não está mais no reino do mundo, mas em um reino em que o Espírito Santo está agindo e a Palavra é falada por meio Dele. A ordem nessa casa é a ordem Dele.

Depois que Paulo e Silas falaram sobre o fato de que uma pessoa só pode ser salva por meio da fé no Senhor Jesus, eles agora anunciam “a palavra do Senhor” a ele e a todos os que estão com ele em sua casa. Aqueles que alcançaram a fé colocaram suas vidas sob a autoridade do Senhor. O Senhor deixa claro por meio de Sua palavra (“a palavra do Senhor”) como alguém pode servi-Lo. Paulo e Silas os ensinam sobre isso.

O carcereiro mostra que se converteu ao levar Paulo e Silas consigo a essa hora da noite. Não há mais necessidade de dormir. Aqui está um homem que passou por uma grande mudança interior e também prova isso exteriormente. Ele leva seus ex-prisioneiros, de quem agora se tornou irmão, para sua casa e cuida deles lavando-lhes as feridas. Imediatamente depois,

ele é batizado junto com todos os seus. Agora uma luz brilha em outra casa em Filipos, depois de já ter sido acesa na casa de Lídia. O carcereiro se regozija na fé. Ele já havia percebido a tristeza de sua miséria e tinha ouvido e aceito o evangelho para sua salvação.

Lídia já era uma mulher temente a Deus (verso 14), mas ainda precisava ser salva, assim como vimos com Cornélio (Atos 10:1,2; 11:14). O carcereiro era um homem ímpio. Ele também precisava de salvação. Tanto as pessoas boas quanto as ruins precisam de salvação.

Atos 16:35-40 | Libertação de Paulo e Silas

35 E, sendo já dia, os magistrados mandaram quadrilheiros, dizendo: Soltai aqueles homens. 36 O carcereiro anunciou a Paulo estas palavras, dizendo: Os magistrados mandaram que vos soltasse; agora, pois, sai e ide em paz. 37 Mas Paulo replicou: Açoitaram-nos publicamente, e, sem sermos condenados, sendo homens romanos, nos lançaram na prisão, e agora, encobertamente, nos lançam fora? Não será assim; mas venham eles mesmos e tirem-nos para fora. 38 E os quadrilheiros foram dizer aos magistrados estas palavras; e eles temeram, ouvindo que eram romanos. 39 Então, vindo, lhes dirigiram súplicas; e, tirando-os para fora, lhes pediram que saíssem da cidade. 40 E, saindo da prisão, entraram em casa de Lídia, e, vendo os irmãos, os confortaram, e depois partiram.

Parece que os magistrados não ouviram nada sobre o que aconteceu durante a noite. Eles querem que Paulo e Silas sejam soltos. Para eles, uma flagelação e uma noite na prisão são suficientes para ensinar uma lição a essas pessoas. O carcereiro dá a notícia a Paulo. Se ele estava pensando no que fazer com Paulo e Silas, a notícia de que poderia soltar os prisioneiros foi um grande alívio para ele. Ele pode lhes dizer que estão livres e podem ir em paz.

No entanto, Paulo não concorda com a proposta do carcereiro. Ele sabe o que significa o fato de eles deixarem a cidade dessa forma. Se fossem libertados em silêncio, a suspeita de que eram rebeldes permaneceria para sempre. Afinal de contas, eles haviam sido espancados publicamente e jogados na prisão sem condenação. Todos tinham visto isso. Portanto, uma reivindicação pública tinha de ocorrer para que todos pudessem recon-

hecer que eles não eram rebeldes. A suspeita de que eles haviam feito algo contra as autoridades precisava ser dissipada. Afinal de contas, essa era a acusação pública de que haviam sido acusados na praça.

Para que essa reivindicação ocorresse, Paulo invocou sua cidadania romana. Silas também parece ter essa cidadania, pois Paulo diz: “sendo homens romanos”. Eles não fizeram uso dessa cidadania para escapar do tratamento brutal e dos maus-tratos. Eles não queriam escapar do sofrimento por Cristo. Ele estava apenas exercendo seu direito de remover a aparência de que eles haviam cometido um delito.

A justificativa deles também era importante para a jovem igreja, para que ficasse claro para eles que Paulo e Silas estavam preocupados com o que era honroso. Dessa forma, os jovens convertidos não seriam equiparados aos malfeitores por pessoas de fora, o que teria acontecido de outra forma.

Quando os magistrados ficam sabendo que açoitaram e prenderam romanos, eles ficam com medo. Eles percebem que isso poderia lhes custar a vida se Paulo e Silas os acusassem. Os magistrados não podem deixar de concordar com o pedido de Paulo e Silas. Eles os acompanham para fora da prisão e lhes pedem que deixem a cidade. Eles não podem fazer nada com os evangelistas. Eles também mandam o evangelho embora com eles, porque não querem ter nada a ver com ele.

Paulo e Silas não atendem imediatamente ao pedido de deixar a cidade. Depois de deixar a prisão, eles primeiro vão até Lídia para se despedir dela. Quando chegam à casa dela, encontram outros crentes. Vários deles haviam aceitado o evangelho. Talvez eles sejam os mencionados no verso 15, que pertenciam à “sua casa”.

É digno de nota o fato de que aqui se diz: “e, vendo os irmãos”. Eles veem crentes com quem têm a nova vida em comum e em quem reconhecem isso. Eles são novos membros da família de Deus. Ao vê-los, eles aproveitam a oportunidade para exortá-los, ou seja, para incentivá-los a permanecerem fiéis ao Senhor. Então eles partem.

Os “eles” que partem são Paulo, Silas e Timóteo. Lucas permanece em Filipos. Ele não fala de si mesmo. Da mesma forma discreta como se juntou ao pequeno grupo de viajantes no capítulo 16 (Atos 16:10), ele os deixa novamente de forma igualmente discreta. Entretanto, podemos dizer que

seu ministério contribuiu para que Filipos se tornasse uma igreja na qual o amor e o cuidado mútuo eram abundantes.

Atos 17

Atos 17:1-3 | A pregação de Paulo em Tessalônica

1 E, passando por Anfípolis e Apolônia, chegaram a Tessalônica, onde havia uma sinagoga de judeus. 2 E Paulo, como tinha por costume, foi ter com eles e, por três sábados, disputou com eles sobre as Escrituras, 3 expondo e demonstrando que convinha que o Cristo padecesse e ressuscitasse dos mortos. E este Jesus, que vos anuncio, dizia ele, é o Cristo.

Depois que Paulo, Silas e Timóteo saíram de Filipos, eles viajaram mais para o sul, para Anfípolis e Apolônia. Em Apolônia, seguiram para o oeste e chegaram a Tessalônica. Aqui é mencionado, em particular, que havia uma sinagoga dos judeus. Isso pode ser uma indicação de que não havia sinagoga nos dois lugares anteriores, razão pela qual ele passou por esses lugares. Sabemos que Paulo aderiu ao princípio de “primeiro ao judeu e também ao grego” sempre que possível (cf. Rom 1:16). Era seu costume (cf. Luc 4:16) visitar a sinagoga primeiro quando viajava para uma cidade.

A sinagoga tem a vantagem de que nela podem ser encontrados tanto judeus quanto gentios interessados no Deus de Israel. Essa era uma boa oportunidade de levar o evangelho a pessoas preparadas. A sinagoga é um local de instrução onde os judeus se reuniam não apenas no sábado, mas também em outros dias. Portanto, pode-se presumir que, embora Paulo falasse principalmente aos visitantes da sinagoga no sábado, ele também falava às pessoas interessadas em outros dias.

Lucas relata “três sábados”. Isso também é uma referência ao tempo que Paulo passou em Tessalônica. Portanto, deve ter sido de três a quatro semanas. Durante essas três semanas, mais ou menos, ele falou com eles sobre as Escrituras. Ao citá-las, explicou-lhes que Cristo, ou seja, o Messias, tinha de sofrer e ressuscitar dos mortos em sua vinda. Primeiro, ele teve de explicar isso para eles porque estavam procurando um Messias que os libertaria do jugo dos romanos como seu líder político. Mas as escrituras falam uma linguagem diferente, e ele apresenta isso para eles primeiro.

Então, ele pode simplesmente apontar para o Senhor Jesus como o Messias e dizer que Cristo veio em Jesus.

O Cristo, de quem ele acabou de mostrar, com base nas Escrituras, o que tinha de acontecer com Ele, não é outro senão “Jesus”. Esse é o conteúdo de sua proclamação. A essência do evangelho está resumida nesse único verso, assim como pode ser proclamada hoje, especialmente para os judeus. A essência é que o Messias Jesus veio, sofreu, morreu e ressuscitou.

Nas poucas semanas em que Paulo esteve em Tessalônica, ele não apenas pregou o evangelho, mas também falou sobre verdades proféticas. Ao fazer isso, ele enfatizou a segunda vinda de Cristo. As cartas que ele escreveu para eles testemunham isso. Em sua segunda carta, ele os lembra dos ensinamentos orais que lhes deu quando estava com eles (2Tes 2:5).

Atos 17:4-9 | Reações ao seu sermão em Tessalônica

4 E alguns deles creram e ajuntaram-se com Paulo e Silas; e também uma grande multidão de gregos religiosos e não poucas mulheres distintas. 5 Mas os judeus desobedientes, movidos de inveja, tomaram consigo alguns homens perversos dentre os vadios, e, ajuntando o povo, alvoroçaram a cidade, e, assaltando a casa de Jasom, procuravam tirá-los para junto do povo. 6 Porém, não os achando, trouxeram Jasom e alguns irmãos à presença dos magistrados da cidade, clamando: Estes que têm alvoroçado o mundo chegaram também aqui, 7 os quais Jasom recolheu. Todos estes procedem contra os decretos de César, dizendo que há outro rei, Jesus. 8 E alvoroçaram a multidão e os principais da cidade, que ouviram estas coisas. 9 Tendo, porém, recebido satisfação de Jasom e dos demais, os soltaram.

A convicção com que Paulo e Silas falaram não foi sem resultado. Eles falaram a palavra com poder (1Tes 1:5). Isso causou uma impressão tão grande em três grupos de pessoas que elas se juntaram a Paulo e Silas. O primeiro grupo consiste em alguns “deles”, ou seja, alguns dos judeus, porque eles haviam falado em sua sinagoga (verso 1). O segundo grupo consiste em uma “grande multidão de gregos religiosos”. Esses não são prosélitos, mas aqueles que adoravam o Deus de Israel e guardavam a aliança de Noé. O terceiro grupo consiste nas “mulheres distintas”.

Ainda hoje, as mulheres costumam ser a maioria quando se trata de aceitar o evangelho. Isso pode ter a ver com o fato de que elas se submetem à autoridade mais facilmente do que os homens. As mulheres também estão mais familiarizadas com os sofrimentos do mundo devido à sua natureza. Ela experimenta isso pessoalmente, por exemplo, ao dar à luz filhos, o que está associado à dor (Gên 3:16). Ela também se pergunta, mais do que o homem, por que há sofrimento no mundo. É por isso que ela geralmente é mais aberta ao evangelho. Os homens geralmente são insensíveis às consequências do pecado.

Depois dos três grupos que se juntaram a Paulo e Silas, surge um grupo que é muito resistente ao evangelho. A maioria dos judeus não quer ter nada a ver com a mensagem que Paulo traz. Vemos repetidas vezes que eles rejeitam o evangelho e também não permitem que outros ouçam sobre ele. Eles contratam gente que andava pelas praças (esse é o significado literal da palavra “vadios”). Essas pessoas que não servem para nada são facilmente persuadidas a iniciar um tumulto e agitar a cidade.

Eles vão à casa de Jasom e esperam encontrar Paulo e Silas lá. Aparentemente, Jasom estava abrigando esses dois pregadores. Eles pretendem levar Paulo e Silas à presença do povo para que possam ser condenados por um representante do povo. Mas eles não encontram Paulo nem Silas na casa de Jasom.

Em vez disso, em sua frustração, prendem Jasom e alguns dos irmãos e os arrastam diante dos governantes da cidade, acusando-os das coisas que queriam acusar Paulo e Silas. Assim, Jasom e os irmãos participam da perseguição por causa do evangelho, porque se tornaram um com ele ao hospedar Paulo e Silas. Lucas fala com mais frequência sobre a prática da hospitalidade (Atos 16:15; 18:3; 21:16). O Senhor Jesus expressa seu apreço por isso (Mat 25:38-40; cf. 1Ped 4:9; 3Joã 1:5-8).

A acusação é de que eles estão agitando o mundo. Por um lado, eles testemunham, sem querer, o poder do cristianismo. Por outro lado, estão dizendo que o cristianismo é uma ameaça ao Estado. Os cristãos que são fiéis à Bíblia também são cada vez mais confrontados com esse tipo de acusação. Eles são rapidamente rotulados como fundamentalistas e considerados pessoas que representam um perigo para a sociedade. De acordo com os

acusadores, o incitamento do mundo (que é o Império Romano; cf. Luc 2:1) tem sua origem na proclamação de um rei que não é o imperador: “Jesus”.

A palavra “outro” significa “de um tipo diferente”, ou seja, não como César. Portanto, não se refere apenas a uma pessoa diferente de César, mas a alguém que é diferente em sua natureza. Se há alguém que tem todo o poder no céu e na terra, ele é a maior ameaça imaginável ao império. Vemos aqui – assim como quando o Senhor Jesus estava diante de Pilatos – que se trata do contraste entre Cristo e o Império Romano. Isso também será visto no fim dos tempos.

Os judeus ainda preferem reconhecer o imperador como seu rei em vez de aceitar o Senhor Jesus como seu rei. Afinal de contas, eles disseram a Pilatos que não tinham outro rei senão César (Joã 19:15). No final dos tempos, o povo apóstata confirmará essa escolha ao aceitar o Anticristo e, com ele, o ditador do Império Romano restaurado (Apo 13:11; 13:1).

A acusação deixa claro que Paulo e Silas estavam falando sobre a realeza do Senhor Jesus. Essa realeza também é um tema central nas duas cartas que Paulo escreve aos tessalonicenses. Ele trata desse assunto em quase todos os capítulos. A realeza de Cristo significa que Ele tem um reino. Esse reino ainda não se manifestou na Terra, mas já existe. Ele existe no coração daqueles que O reconhecem como Senhor de suas vidas (Rom 14:17). No entanto, ele também será estabelecido publicamente na Terra quando o Senhor Jesus retornar do céu e assumir Seu lugar no trono na Terra.

A primeira parte da acusação não é justificada. Em nenhum lugar Paulo e Silas violaram os decretos de César. Em nenhum lugar os cristãos são chamados a estabelecer o reino de Deus por meio de atividades políticas, mas a esperar por aquele que o fará.

Com suas ações, os judeus – e não os pregadores do evangelho – causam tumulto a todos que ouvem suas acusações. Os oponentes do evangelho nunca trazem paz. Nem podem, porque os argumentos que eles apresentam contra o evangelho são inadequados. Os oponentes do evangelho nunca têm argumentos claros, mas usam uma linguagem vaga, por mais convincentes que sejam.

Jasom e aqueles que foram arrastados com ele perante os governantes da cidade foram libertados sob fiança. Nada poderia ser feito contra eles.

Obviamente, eles não poderiam ser punidos por suas relações com os pregadores “antiestatais”. No entanto, os líderes da cidade queriam usar a garantia para assegurar que não apoiariam mais esses intrusos.

Atos 17:10-15 | Paulo e Silas em Beréia

10 E logo os irmãos enviaram de noite Paulo e Silas a Beréia; e eles, chegando lá, foram à sinagoga dos judeus. 11 Ora, estes foram mais nobres do que os que estavam em Tessalônica, porque de bom grado receberam a palavra, examinando cada dia nas Escrituras se estas coisas eram assim. 12 De sorte que creram muitos deles, e também mulheres gregas da classe nobre, e não poucos varões. 13 Mas, logo que os judeus de Tessalônica souberam que a palavra de Deus também era anunciada por Paulo em Beréia, foram lá e excitaram as multidões. 14 No mesmo instante, os irmãos mandaram a Paulo que fosse até ao mar, mas Silas e Timóteo ficaram ali. 15 E os que acompanhavam Paulo o levaram até Atenas e, recebendo ordem para que Silas e Timóteo fossem ter com ele o mais depressa possível, partiram.

Os irmãos acham que Paulo e Silas devem deixar Tessalônica. É muito perigoso para eles ficarem lá. Paulo e Silas ouvem os irmãos. Eles reconheceram a voz do Senhor no que os irmãos estavam dizendo. Os irmãos também decidem para onde eles devem ir, pois os enviam para Beréia. Paulo e Silas saem sem serem notados durante a noite. Depois de chegarem a Beréia, eles procedem da mesma forma que sempre faziam: primeiro vão à sinagoga dos judeus.

Lucas descreve os judeus que eles encontraram na sinagoga como “mais nobres do que os de Tessalônica”. Isso não tem a ver com uma linhagem nobre, mas com a disposição deles de receber a palavra. Trata-se de uma disposição nobre.

O fato de que eles receberam a palavra de bom grado não significa que a receberam sem análise. Eles a examinaram com base nas escrituras. Eles ouviram muitas coisas sobre o Messias e examinaram o Antigo Testamento para ver se o que ouviram correspondia ao que estava escrito. Examinar significa comparar escritura com escritura, ou seja, investigar minuciosamente. Eles faziam isso não apenas em certas ocasiões, mas diariamente.

Por meio desse estudo, muitos passaram a crer. Essa fé tem um sólido fundamento nas Escrituras.

Vemos na sequência (primeiro receber de bom grado e depois examinar) uma indicação importante para o estudo frutífero da Bíblia. Ele começa com a atitude de disposição para aprender algo e, em seguida, vem o estudo da Bíblia. Portanto, não é o contrário. Isso seria o estudo da Bíblia sem a disposição de fazer o que a Bíblia diz. Isso leva ao formalismo e ao legalismo. Essa ordem não leva ao conhecimento dos pensamentos de Deus, mas à arrogância.

Além dos muitos judeus que vieram à fé, muitas mulheres e homens gregos também vieram à fé. As mulheres são mencionadas primeiro, o que pode indicar que elas eram a maioria ou que foram convencidas mais rapidamente do que os homens.

Essa vitória do evangelho em Beréia chega aos ouvidos dos judeus em Tessalônica. O relato os atinge como uma bomba. O efeito é, portanto, explosivo. Os judeus de Tessalônica se mudam para Beréia. A inveja e o ódio que sentem pelo evangelho são tão grandes que eles estão dispostos a andar de setenta a oitenta quilômetros para resistir ao evangelho também em Beréia. Eles influenciam as multidões com suas ideias falsas sobre o evangelho. Isso também cria agitação e nervosismo ali. Os irmãos de Beréia também consideram aconselhável que Paulo siga em frente.

O ódio dos judeus está concentrado em Paulo. Silas e Timóteo podem ficar para continuar instruindo os crentes de Beréia na fé. Os irmãos sugerem que Paulo viaje até o mar. Alguns dos irmãos vão com Paulo para acompanhá-lo. Esses irmãos chegaram a acompanhá-lo até o mar. Esses irmãos o acompanharam até Atenas. Acompanhá-lo por uma distância tão grande também demonstra a disposição deles de compartilhar o evangelho. Eles se empenharam nisso. De lá, eles voltam para Beréia.

Paulo lhes dá a mensagem para Silas e Timóteo, dizendo que eles devem vir até ele em Atenas o mais rápido possível. Ele não quer pressionar o ministério deles, mas gostaria de tê-los com ele. Ele era muito dependente da companhia deles porque eles o apoiavam em seu ministério. É importante que os servos não sigam seu próprio caminho como solitários, mas reconheçam que precisam uns dos outros. Esse é um reconhecimento da

diversidade de dons que o Senhor concedeu e que se complementam mutuamente.

Atos 17:16-18 | Paulo em Atenas

16 E, enquanto Paulo os esperava em Atenas, o seu espírito se comovia em si mesmo, vendo a cidade tão entregue à idolatria. 17 De sorte que disputava na sinagoga com os judeus e religiosos e, todos os dias, na praça, com os que se apresentavam. 18 E alguns dos filósofos epicureus e estoicos contendiam com ele. Uns diziam: Que quer dizer este paroleiro? E outros: Parece que é pregador de deuses estranhos. Porque lhes anunciava a Jesus e a ressurreição.

A mensagem que Paulo havia dado aos irmãos sobre Silas e Timóteo o comoveu muito. Ele os espera em Atenas. Essa parece ser a principal razão pela qual ele ficou em Atenas. No entanto, isso não significa que ele se retirou silenciosamente para um quarto de hotel para aguardar a chegada dos dois colaboradores. Dessa vez, ele não visita diretamente uma sinagoga, mas faz um passeio pela cidade. Durante esse passeio, ele fica profundamente comovido com os muitos ídolos que vê ali.

Atenas era o grande centro da cultura, do aprendizado e da filosofia gregos. No entanto, também era uma cidade com o glamour de tempos passados e cheia de ídolos. Diz-se que a cidade tinha mais ídolos do que habitantes e que era mais fácil encontrar um ídolo do que um ser humano. Infelizmente, Deus já teve de dizer algo semelhante sobre Israel (Jer 2:28; 11:13).

O que ele viu não lhe permitiu descansar. Seu espírito se agitou dentro dele quando viu tanta coisa errada e que levava as pessoas a um caminho errado. Ele se sentiu compelido a prestar testemunho. Afinal de contas, ele não estava na cidade como turista, mas como pregador. Quando se tratava de pregar, ele primeiro voltava à sinagoga para falar com os judeus e os fiéis. No entanto, ele também podia ser encontrado no mercado, porque sempre havia muitas pessoas lá também.

Ele “falava” com eles. Em outras palavras, ele não fazia um discurso, mas mantinha uma conversa, um diálogo, com eles. Ele também fez isso na igreja em Trôade (Atos 20:7). Essa discussão envolve os ouvintes. Isso os força a pensar por si mesmos. Qualquer pessoa que converse com alguém

também deve ouvir atentamente para reconhecer o que está na mente da outra pessoa.

Os habitantes de Atenas são caracterizados por uma enorme atividade intelectual e uma fome insaciável de novas ideias e das mais recentes visões filosóficas. Entre os ouvintes de Paulo, há dois grupos de filósofos que o atacam. Eles não ouvem, mas iniciam uma discussão.

Um grupo é formado por seguidores da doutrina do prazer de um certo Epicuro. Esse homem ensinava que o maior bem de uma pessoa está na satisfação de seus próprios desejos. Se ela pudesse satisfazer seus desejos, seria feliz. Essas pessoas são materialistas e ateus, e o objetivo de suas vidas é o prazer (1Cor 15:32). Isso também significa que elas evitam o sofrimento, porque o sofrimento impede o prazer. Seu modo de vida as eleva acima dos outros. Em essência, isso é egoísmo total. Não há espaço para Deus. Eles não existem mais como um grupo, mas hoje têm inúmeras pessoas com a mesma mentalidade.

O outro grupo é formado por seguidores de uma doutrina que diz que uma pessoa só é feliz quando está completamente livre de emoções e sentimentos. Essa doutrina está em contraste com a de Epicuro. Os filósofos estoícos (chamados de *stoa poikile* em homenagem ao salão de colunas na Ágora onde essa filosofia era ensinada) dizem que todo prazer e sofrimento terrenos devem ser completamente suprimidos. Trata-se de não ter emoções e experimentar a alegria e o sofrimento sem se impressionar. Aqueles que não se deixam influenciar por sentimentos internos ou circunstâncias externas têm a si mesmos sob controle total e, portanto, desfrutam da mais alta felicidade. Isso naturalmente alimenta seu orgulho e os torna independentes de Deus.

Ambos os grupos não têm interesse em Paulo, a quem eles arrogantemente chamam de “tagarela”. Por “tagarela” eles entendem alguém que coleta os vários pontos de vista dos outros (colhe sementes em toda parte; literalmente “tagarela” significa colhedor de sementes) e depois os transmite como se fossem suas próprias ideias. Dessa forma, eles querem ridicularizar a verdade e privá-la de sua originalidade. Eles negam sua origem divina. Zombar da verdade ou apresentar o evangelho como não original é muitas vezes um meio nas mãos do inimigo para afastar as almas da

verdade. Isso causa medo nas pessoas de se identificarem com coisas que são desprezadas pelos outros.

Para outros, porém, o que Paulo pregava era novidade. Em “Jesus e a ressurreição”, que ele proclamou, eles viram deuses dos quais nunca tinham ouvido falar antes. Eles entenderam que ele estava falando de dois deuses: Jesus e Anastasis (a palavra grega para ressurreição). Essa visão mostra sua completa cegueira para a revelação de Deus em Cristo. Eles veem não apenas Jesus como Deus, mas também a ressurreição. A ressurreição dos mortos era desconhecida para eles; portanto, pensavam que a ressurreição também era um ídolo. Para eles, Paulo proclamou um deus e uma deusa.

Atos 17:19-21 | Paulo é levado ao Areópago

19 E, tomando-o, o levaram ao Areópago, dizendo: Poderemos nós saber que nova doutrina é essa de que falas? 20 Pois coisas estranhas nos trazes aos ouvidos; queremos, pois, saber o que vem a ser isso. 21 (Pois todos os atenienses e estrangeiros residentes de nenhuma outra coisa se ocupavam senão de dizer e ouvir alguma novidade.)

Curiosos, eles querem saber mais. Não se fala em hostilidade, mas sim em aprovação benevolente, que eles lhe mostram para que ele possa dar testemunho. Eles até lhe perguntam gentilmente se podem saber “o que é esse novo ensinamento” do qual ele está falando. Eles o levam com eles ao Areópago, onde o “Ministério da Religião” – na presença de muitas pessoas interessadas em um “palco público” – quer discutir essas coisas. Eles querem ouvir Paulo falar sobre o que consideram ser uma “nova doutrina” e “coisas estranhas”. Para eles, essas são palavras desconhecidas com significados desconhecidos.

Paulo certamente falou em grego que é fácil de entender, mas, mesmo assim, esses pensadores altamente talentosos não entendem absolutamente o significado do que ele está dizendo. Eles pensam que são iluminados em seus pensamentos, mas, na realidade, suas mentes estão obscurecidas. É por isso que eles não entendem nada do que Paulo diz (1Cor 2:14). Para entender, eles precisam primeiro se converter. Portanto, as observações de Paulo também equivalem a um chamado à conversão, que ele vincula à ressurreição do Senhor Jesus (verso 31).

Antes que isso aconteça, Paulo tem a oportunidade de explicar seu ensino. Está de acordo com a atitude dos atenienses que lhe oferecem essa oportunidade, pois eles só gostavam de conversar. Atenas era uma verdadeira cidade da conversa. A única coisa que faziam o dia todo era conversar. Se houvesse algo novo, era uma oportunidade bem-vinda para conversar.

Atos 17:22-29 | O discurso de Paulo

22 E, estando Paulo no meio do Areópagos, disse: Varões atenienses, em tudo vos vejo um tanto supersticiosos; 23 porque, passando eu e vendo os vossos santuários, achei também um altar em que estava escrito: AO DEUS DESCONHECIDO. Esse, pois, que vós honrais não o conhecendo é o que eu vos anuncio. 24 O Deus que fez o mundo e tudo que nele há, sendo Senhor do céu e da terra, não habita em templos feitos por mãos de homens. 25 Nem tampouco é servido por mãos de homens, como que necessitando de alguma coisa; pois ele mesmo é quem dá a todos a vida, a respiração e todas as coisas; 26 e de um só fez toda a geração dos homens para habitar sobre toda a face da terra, determinando os tempos já dantes ordenados e os limites da sua habitação, 27 para que buscassem ao Senhor, se, porventura, Tateando, o pudessem achar, ainda que não está longe de cada um de nós; 28 porque nele vivemos, e nos movemos, e existimos, como também alguns dos vossos poetas disseram: Pois somos também sua geração. 29 Sendo nós, pois, geração de Deus, não havemos de cuidar que a divindade seja semelhante ao ouro, ou à prata, ou à pedra esculpida por artifício e imaginação dos homens.

Paulo começa seu discurso fazendo referência à vida dos atenienses. Ele sabe que tipo de público tem diante de si. Com os judeus, ele se referia às Escrituras, porque os judeus também se referiam a elas porque as conheciam. Os atenienses não conheciam as Escrituras, e é por isso que Paulo não as cita. Entretanto, tudo o que ele diz é baseado inteiramente nas Escrituras. Ele não começa com uma condenação da idolatria deles (cf. Rom 1:22,23), mas com uma declaração neutra. Ele não expressa nem apreço nem censura.

Ele relata o que notou enquanto caminhava pela cidade. Entre os muitos objetos de adoração, ele também encontrou um altar dedicado ao “deus desconhecido”. Eles haviam erigido um altar ao deus desconhecido porque tinham medo de esquecer um deus que deveria ser honrado. Também é

possível que fosse uma espécie de “deus da lixeira”, ao qual as pessoas recorriam quando não conseguiam fazer algo com os “deuses conhecidos”.

Paulo aproveitou essa brecha na idolatria deles como uma oportunidade para proclamar-lhes o verdadeiro Deus. Ele não diz que está proclamando o Deus desconhecido a eles, como se estivesse preenchendo a lacuna no arsenal idólatra deles. Ele não diz “a quem vocês adoram sem conhecê-lo”, mas “o que vocês adoram sem conhecer”. O que Paulo proclama derruba todo o sistema de idolatria deles. Ele não começa com a ignorância deles sobre um deus específico, mas com a ignorância deles sobre tudo o que tem a ver com Deus. Paulo não está proclamando um novo Deus, mas o Deus dos deuses.

Antes de tudo, ele diz que Deus é o Criador. Se não O conhecermos como Criador, não O conheceremos de fato. Nessa cidade intelectual, Paulo precisa descer até o degrau mais baixo da escada da verdade. Essa é a consequência da cultura intelectual sem Deus. Paulo aborda as perguntas fundamentais que toda pessoa que pensa faz: De onde venho? Por que estou aqui? Para onde estou indo?

Deus criou tudo, o mundo inteiro e tudo o que há nele (Slm 146:6; Isa 42:5). Isso contrasta totalmente com o pensamento grego, que pressupõe que a matéria é eterna. Mas Deus fez o mundo, o mundo veio a existir de Deus. Ele chamou as coisas que não são, como se fossem (Rom 4:17; Heb 11:3). Isso significa que tudo o que existe veio do único Deus. Deus não faz parte da criação ou está unido a ela. Ele está lá e está acima da criação.

Embora esteja acima de Sua criação, Ele está envolvido com ela. Ele não é um Deus que se mantém à distância, separado de Sua criação. Tampouco é um prisioneiro de Sua criação, como se estivesse encerrado nela. Ele é grande demais para habitar nas obras das mãos humanas, mas também não é grande demais para não se preocupar com as necessidades dos homens. Os homens têm de carregar seus ídolos, cuidar deles e até levá-los para o cativoiro, etc. (Isa 46:1,2), mas o próprio Deus verdadeiro serve ao homem e carrega os seus (Isa 46:3,4).

Deus não precisa de nada do homem, mas o homem depende dEle. Os templos não podem conter Deus e o serviço no templo não acrescenta nada a Deus. Deus não pode ser limitado espacialmente, mas é onipresente. Sa-

lomão estava ciente disso quando construiu um templo para Deus (1Rei 8:27). Os pagãos só têm deuses locais.

Com esses argumentos, Paulo elimina todo o sistema deles. Deus é a fonte de toda boa dádiva. Ele está tão interessado no homem que dá a todos “vida, fôlego e tudo mais” (Slm 50:12). Para Ele, todos os homens também são iguais, porque Ele os fez todos de um só sangue, ou seja, todos têm um progenitor. Deus tem Seu evangelho proclamado a todos esses homens. Deus não apenas deu aos homens vida, respiração e tudo mais como indivíduos, mas também os agrupou em nações e deu a cada povo seu próprio território. Deus guia a história de todos os povos e designou a cada povo o seu próprio lugar na Terra, começando pelo povo de Israel (Deu 32:8).

Deus não criou o homem para deixá-lo à própria sorte, mas para que ele O buscasse. Na essência mais profunda do homem há um anseio por Deus. Foi assim que Deus o criou. Deus não está longe do homem. No Evangelho, Ele se aproxima do homem. O buscador sincero O encontrará. Deus fez tudo para que o homem possa encontrá-Lo facilmente.

Paulo usa a palavra “tateando” para indicar o quanto o homem está no escuro quando se trata de Deus. Você tateia seu caminho quando não tem luz. O homem vive em trevas, seu entendimento está obscurecido pelo Deus deste século (2Cor 4:4). É por isso que ele não percebe Deus, embora Deus possa ser visto onde quer que o homem olhe.

A fim de tornar esse fato da proximidade de Deus claro para os atenienses, ele se refere a alguns de seus poetas mais conhecidos, que disseram que o homem é a descendência de Deus. O que esses poetas disseram, disseram com relação a Zeus, mas Paulo o aplica em seu significado real a Deus. Adão veio de Deus, foi criado por Ele e, portanto, é Sua descendência. Nesse sentido, Adão também é chamado de “filho de Deus” (Luc 3:38). O homem foi criado à imagem de Deus e é semelhante a Ele em certas características, o que o capacita a agir como um ser responsável. Onde quer que haja homens, vemos a imagem de Deus.

Também podemos reconhecê-Lo na criação, ou seja, Seu poder eterno e Sua divindade (Rom 1:20). Nesse sentido, também é totalmente correto dizer que Ele não está longe de cada um de nós, porque vivemos Nele, nos

movemos Nele e estamos Nele. O fato de o homem ainda não conseguir encontrá-Lo mostra quão grande é a alienação do homem em relação a Deus. Na realidade, o homem também não está procurando por Deus. Não há ninguém que busque a Deus, porque todos se desviaram do plano original de Deus para o homem (Rom 3:11-12).

Paulo aborda cuidadosamente esse desvio, salientando que eles não deveriam pensar que a Divindade está em imagens feitas por homens. Atenas estava cheia dessa tolice. Se somos da “sua raça”, ou seja, se Deus nos criou à sua imagem, é loucura fazermos imagens de Deus à nossa própria imagem. Todo mundo que faz uma imagem dessas o faz de acordo com sua própria ideia de Deus. Isso não pode deixar de destruir a grandeza de Deus no que diz respeito ao conhecimento do homem sobre Ele. Se o homem começa a fazer isso, não pode deixar de destruir essa imagem.

Atos 17:30-31 | Apelo à conversão

30 Mas Deus, não tendo em conta os tempos da ignorância, anuncia agora a todos os homens, em todo lugar, que se arrependam, 31 porquanto tem determinado um dia em que com justiça há de julgar o mundo, por meio do varão que destinou; e disso deu certeza a todos, ressuscitando-o dos mortos.

Paulo chega à sua mensagem real. A ignorância que eles admitiram com o altar ao Deus desconhecido não era apenas uma lacuna em seu conhecimento, mas refletia sua total ignorância. Essa ignorância se estende por todas as eras passadas. Paulo põe um fim a essa ignorância. Deus é um Deus de paciência que permitiu que todo o tempo passasse sem intervir. Ele ainda não intervém, mas em Sua graça permite que o evangelho seja proclamado agora, neste tempo.

Isso significa que eles precisam se converter: precisam mudar completamente a maneira de pensar. Eles achavam que tinham tudo sob controle, mas precisam perceber que estão completamente errados. Isso é um sinal de fraqueza para alguém que sempre fez tudo com suas próprias forças, com fé em si mesmo. Ao mesmo tempo, é uma prova de autoconquista quando alguém se submete à ordem de Deus. Trata-se da obediência da fé (Rom 1:5).

Deus ordena que todos os homens, sem exceção, sejam eles bons ou maus, onde quer que estejam, mesmo em Atenas, se convertam. Ao mesmo tempo, Deus estabelece um limite para a pregação. Deus diz ao homem que ele deve se converter em vista do dia que Ele determinou que surgirá. Trata-se do dia do julgamento. A paciência de Deus um dia chegará ao fim. Então, Ele se mostrará como o Deus do julgamento justo. A justiça é introduzida por meio do julgamento (Isa 26:9). Antes que a paz possa vir, a justiça deve primeiro ser estabelecida tanto na terra quanto no coração do homem, com relação a tudo que merece julgamento.

Deus trará esse juízo sobre o mundo inteiro por meio de um homem, um ser humano. Paulo não menciona o nome do homem, mas apenas menciona uma característica. No entanto, essa característica é de importância decisiva e estabelece de forma irrevogável que o julgamento virá. A característica desse homem é o fato de ele ter sido ressuscitado dos mortos por Deus. Mais uma vez Paulo fala da ressurreição. O homem que foi ressuscitado por Deus tem um corpo de ressurreição. Ele também é humano na ressurreição. E, exatamente porque Ele é o Filho do Homem, Ele exercerá o julgamento (Joã 5:27). Deus deu provas de que esse homem exercerá o julgamento ao ressuscitá-lo dentre os mortos.

Atos 17:32-34 | Reações

32 E, como ouviram falar da ressurreição dos mortos, uns escarneciam, e outros diziam: Acerca disso te ouviremos outra vez. 33 E assim Paulo saiu do meio deles. 34 Todavia, chegando alguns varões a ele, creram: entre os quais estava Dionísio, o areopagita, e uma mulher por nome Dâmaris, e, com eles, outros.

Até seu comentário sobre a ressurreição, o público ouvia atentamente. Mas quando ele fala sobre a ressurreição, as línguas se soltam. Para esses pensadores gregos, o corpo era uma masmorra na qual o espírito estava aprisionado e impedido de se desenvolver. Portanto, era uma grande loucura para eles imaginar que o corpo deveria servir novamente como uma masmorra para o espírito. Só de pensar nisso, alguns zombavam.

Outros foram embora com um comentário não muito sério: “Queremos ouvi-lo novamente sobre isso”. Essas são pessoas que adiam a tomada de

uma decisão. Assim, Paulo sai do meio deles, do meio daqueles que zombam e procrastinam.

No entanto, há também homens e mulheres que se juntam a ele e creem. Mas essa não é uma grande colheita. Onde a razão e a filosofia dão o tom, o coração não é receptivo ao evangelho (cf. 1Cor 1:26).

Atos 18

Atos 18:1 | Paulo chega a Corinto

| *1 Depois disto, partiu Paulo de Atenas e chegou a Corinto.*

O próximo destino de Paulo é Corinto, a capital da província de Acaia. Corinto tinha dois portos no Mediterrâneo e era rival de Atenas. Por ser uma cidade portuária, era um ponto de encontro e lar de várias nacionalidades. Assim como Atenas, Corinto era conhecida por sua sabedoria e erudição, mas ainda mais por sua degeneração e imoralidade. Isso pode ser visto pelo fato de que uma palavra de ação foi derivada do nome da cidade: Corintonizar. A palavra significa algo como “viver em fornicação”.

Paulo não foi até lá com a intenção de dar uma lição a essa cidade mundana. Ele estava ciente de que estava entrando em uma área onde as pessoas não consideravam Deus e seus mandamentos de forma alguma e onde não havia respeito pela vida humana. É por isso que ele foi até lá “com temor e muito tremor” (1Cor 2:3,4).

Ele não usou a excelência do discurso ou da sabedoria para conquistá-los para o evangelho. Isso não os teria convencido de sua pecaminosidade, mas os teria tornado pouco receptivos ao evangelho. Não, quando ele se aproximou deles, resolveu não conhecer nada entre eles além de “Jesus Cristo, e este crucificado”.

Ele apresentou Cristo em face de toda a imoralidade, e Ele crucificado. Ele lhes mostrou a pessoa de Cristo e Sua obra na cruz. Por um lado, ele lhes deu a conhecer a graça de Deus e, por outro lado, também deixou claro o julgamento de Deus sobre o pecado.

Atos 18:2-3 | Paulo e Áquila e Priscila

| *2 E, achando um certo judeu por nome Áquila, natural do Ponto, que havia pouco tinha vindo da Itália, e Priscila, sua mulher (pois Cláudio tinha mandado que todos os judeus saíssem de Roma), se ajuntou com eles, 3 e, como era do mesmo ofício, ficou com eles, e trabalhava; pois tinham por ofício fazer tendas.*

Tendo como pano de fundo essa fortaleza extremamente secular e sua chegada e permanência solitária na cidade, o encontro com o casal Áquila e Priscila deve ter sido um incentivo para Paulo. Deus usou a ordem do imperador Cláudio em Roma para que esse encontro acontecesse. Ele sempre sabe como usar os grandes homens da Terra para promover Sua obra (veja também Luc 2:1-7). O imperador Cláudio havia emitido uma ordem antissemita e mandado os judeus embora de Roma.

Supõe-se que o motivo dessa ordem tenha sido a disputa e a agitação que surgiram entre os judeus sobre a questão de o Senhor Jesus ser ou não o Messias. Como Áquila era judeu, como Lucas menciona explicitamente, ele também teve de deixar Roma. Não sabemos se sua esposa também era judia. Áquila veio de Ponto, que fica no sul da atual Turquia. Mais tarde, ele se mudou para Roma. Também não sabemos onde ele conheceu Priscila e se eles tiveram filhos. A maneira pela qual eles chegaram à fé também é desconhecida. Pode ter sido por meio da pregação de Paulo.

Áquila e Priscila são mencionados aqui pela primeira vez. Encontramos seus nomes seis vezes no total. Eles se tornaram colaboradores fiéis e valiosos de Paulo, arriscando suas vidas por ele e tendo a congregação em sua casa (Rom 16:3-5; 1Cor 16:19). Paulo se lembrou deles até o fim de sua vida (2Tim 4:19). Quando Paulo os menciona em suas cartas, ele escreve “Priscila” e não “Priscila”, como Lucas faz três vezes neste capítulo. “Priscila” é a forma diminutiva de Priska. Talvez possamos deduzir disso que Paulo fala de forma particularmente discreta sobre “Priscila” porque se trata de uma irmã.

Paulo vai até eles. Ele aprecia o companheirismo deles. Ele descobre o interesse deles pelas coisas do Senhor. Mas ele descobre outra coisa que eles têm em comum: Áquila é um fabricante de tendas por profissão, e ele também. Paulo havia aprendido um ofício de acordo com o bom costume judaico, que era esperado de todos os meninos judeus. “Quem não ensina seu filho a trabalhar, ensina-o a roubar”, diziam os rabinos. O ofício que Paulo aprendeu foi, portanto, o de fabricante de tendas.

Como Áquila, ao que parece, tinha um negócio de fabricação de tendas, Paulo pôde trabalhar para ele e ficar lá. Desse modo, ele conseguiu seu próprio sustento. Ele fez isso para ser completamente independente dos

coríntios e para evitar qualquer suspeita de que estava atrás do dinheiro deles por meio da pregação do evangelho. No entanto, ele aceitava dinheiro de outras igrejas. Por exemplo, quando estava em Tessalônica, por duas vezes recebeu apoio de Filipo (Flp 4:15,16). Mas em Corinto, onde havia abundância de dinheiro e comércio, ele não aceitou nenhum apoio.

Ele simplesmente trabalhava com suas próprias mãos. Ele tinha o direito de viver do evangelho, mas não exerceu esse direito em Corinto (1Cor 9:14; cf. Atos 20:34,35). Ele não queria dar a impressão, de forma alguma, de que estava pregando o evangelho para ganhar dinheiro com isso ou para transformar o evangelho em uma mercadoria, assim como tudo nessa cidade era uma mercadoria.

Atos 18:4-8 | O sermão de Paulo em Corinto

4 E todos os sábados disputava na sinagoga e convencia a judeus e gregos. 5 Quando Silas e Timóteo desceram da Macedônia, foi Paulo impulsionado pela palavra, testificando aos judeus que Jesus era o Cristo. 6 Mas, resistindo e blasfemando eles, sacudiu as vestes e disse-lhes: O vosso sangue seja sobre a vossa cabeça; eu estou limpo e, desde agora, parto para os gentios. 7 E, saindo dali, entrou em casa de um homem chamado Tito Justo, que servia a Deus e cuja casa estava junto da sinagoga. 8 E Crispo, principal da sinagoga, creu no Senhor com toda a sua casa; também muitos dos coríntios, ouvindo-o, creram e foram batizados.

Paulo vai à sinagoga em seu tempo livre, ou seja, no sábado. Em Corinto, também, ele vai primeiro ao lugar onde encontra a melhor oportunidade para ensinar com base nas Escrituras. O público de lá, formado por judeus e gregos, está familiarizado com as Escrituras ou está interessado nelas. Paulo aproveita esse fato com gratidão para ter acesso ao coração deles.

Ele convence tanto judeus quanto gregos do que as Escrituras dizem sobre Cristo, o Messias. Antes de tudo, ele mostra que as Escrituras falam sobre a vinda do Messias. Ele também fala sobre o fato de que Ele seria rejeitado e morto em Sua vinda, e que também ressuscitaria e voltaria para o céu. Essa convicção das Escrituras é o trabalho preparatório para poder testemunhar depois que o Messias de fato veio, ou seja, na pessoa de Jesus.

Paulo fala sobre isso depois que Silas e Timóteo vieram da Macedônia e se juntaram a ele. Silas e Timóteo provavelmente trouxeram consigo o apoio financeiro dos crentes da Macedônia (2Cor 11:9). Isso permitiu que Paulo dedicasse todo o seu tempo à pregação da palavra. A vinda dos dois irmãos também foi, naturalmente, um grande incentivo para o apóstolo. Apoiado pela presença deles, ele se dedicou totalmente à palavra, o que agora tinha a oportunidade de fazer todos os dias e não apenas no sábado. Seu principal objetivo ao pregar a palavra era convencer os judeus de que Jesus era o Messias. Com esse testemunho, ele também parece estar se dirigindo apenas aos judeus.

Embora os judeus estivessem inicialmente convencidos de tudo o que estava escrito sobre o Messias, eles se rebelaram contra isso pouco tempo depois e deliberadamente falaram mal do Senhor Jesus. Eles não querem reconhecer que Jesus é o Messias. Eles revelam seu ódio profundamente enraizado contra o ungido de Deus. Quando Paulo vê isso, ele coloca a responsabilidade pela vida deles sobre suas próprias cabeças.

Ele os advertiu e está livre do julgamento que cairá sobre eles, do qual ele simbolicamente dá testemunho sacudindo suas roupas. Não há culpa de sangue em sua cabeça. Uma pessoa incorre em culpa de sangue ao ser culpada pela morte de outra. Existe uma dívida de sangue em que incorremos quando somos negligentes na proclamação do evangelho. O cristão é um devedor a todas as pessoas (cf. Eze 3:18; 18:13; 33:4-9).

A rejeição dos judeus abre o caminho para Paulo ir às nações (cf. Atos 13:46; 28:18). Paulo os deixa sob sua própria responsabilidade depois de ter cumprido sua responsabilidade. Ele está limpo e, por estar limpo, pode ir às nações. Não há mais nada a fazer com eles ou por eles. É revelador o fato de que, depois disso, ele se afastou de lá. Ele teve de dar as costas a eles.

O Senhor confirma Sua decisão ligando-o diretamente às nações por meio da pessoa de Justo. Justo simpatizava com os judeus e ouviu a palavra na sinagoga. Ele leva Paulo para sua casa. A referência de Lucas ao fato de a casa de Justo ser “adjacente à sinagoga” também é significativa. A casa em que Paulo e, com ele, o evangelho entram, fica ao lado da sinagoga. A

bênção não se encontra mais na sinagoga, mas permanece na vizinhança imediata, por assim dizer.

No entanto, é um judeu, o líder da sinagoga, Crispo, sobre quem lemos que foi a primeira pessoa em Corinto a crer no Senhor Jesus, e com ele toda a sua casa. Mais uma vez, uma família inteira é salva (Atos 10:24,44; 16:15,34). Crispo é batizado por Paulo. A propósito, Crispo é um dos poucos convertidos em Corinto que Paulo batizou pessoalmente (1Cor 1:14,15). Assim como nas questões financeiras, Paulo sempre tomava cuidado com as questões espirituais para não ser suspeito de estar buscando vantagem própria.

Crispo e sua família são as primícias em Corinto. Depois disso, muitos outros vieram à fé após ouvirem Paulo. Eles também são batizados. A obra segue seu curso. Vemos que essa obra ocorre na ordem que ainda é comum hoje: ouvir, crer, ser batizado.

Atos 18:9-11 | O Senhor incentiva Paulo

9 E disse o Senhor, em visão, a Paulo: Não temas, mas fala e não te cales; 10 porque eu sou contigo, e ninguém lançará mão de ti para te fazer mal, pois tenho muito povo nesta cidade. 11 E ficou ali um ano e seis meses, ensinando entre eles a palavra de Deus.

Enquanto o trabalho segue seu curso e muitos se convertem, o Senhor fala a Paulo durante a noite em uma visão e o encoraja. Podemos reconhecer, pelas palavras do Senhor, que Paulo estava com medo e pensava em permanecer em silêncio dali em diante. Não é coincidência o fato de o Senhor dizer que Paulo não deveria ter medo e que ele deveria falar e não permanecer em silêncio.

Poderíamos nos perguntar se tantas bênçãos em seu trabalho já não eram um grande incentivo e se seu medo e seus pensamentos sobre não continuar pregando não atestam pouca fé ou até mesmo incredulidade. Mas lembramos que tipo de cidade era Corinto (veja também 1Cor 6:11) e que Paulo permaneceu lá com temor e tremor. Ele também não aceitou com tranquilidade a campanha de ódio dos judeus (verso 6). Paulo estava bem ciente da enorme oposição. Há resultados, mas em que ambiente!

A bênção não dá força. Somente o Senhor dá força. O Senhor sabe o que está acontecendo com Seu servo; portanto, Ele o encoraja, tendo em vista a oposição dos judeus e a grande imoralidade da cidade. Todo servo que está ciente do mundo em que vive precisa desse incentivo.

O Senhor dá a Paulo dois incentivos para continuar. O primeiro é que Ele mesmo está com ele. Saber que o Senhor está com você dá força. Assim, sabemos que estamos em comunhão com Aquele a quem foi dada toda a autoridade no céu e na terra (Mat 28:18). Ele disse: “E eis que estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos” (Mat 28:20; Isa 43:5). Esse incentivo serve para garantir que sejamos capazes de cumprir a tarefa que nos foi designada (Juí 6:12).

Ninguém poderá prejudicá-lo, pois o próprio Senhor o protegerá para que ele possa cumprir sua tarefa. Podemos ver em que consiste essa tarefa no segundo encorajamento. O segundo encorajamento está na mensagem de que o Senhor tem um grande povo nesta cidade. O Senhor sabe quem acreditará Nele (Atos 13:48) e Ele quer usar Paulo para revelá-los. Assim, Paulo fica sabendo que há muitos escolhidos a quem ele ainda precisa pregar o evangelho. Ele não sabe quem são, mas eles serão revelados por meio de sua pregação.

Embora ainda tenha que ficar claro quem pertence ao seu povo, o Senhor não diz: “Eu terei um grande povo nesta cidade”, mas: “Eu tenho um grande povo nesta cidade”. Para ele, algo que ainda está para acontecer é como se já tivesse acontecido. Ele pode falar sobre coisas futuras como se elas já tivessem acontecido.

Incentivado pelo Senhor, Paulo continuou a grande obra em Corinto por pelo menos um ano e meio, embora estivesse em uma viagem missionária.

Atos 18:12-17 | O tribunal de Gallion

12 Mas, sendo Gálio procônsul da Acaia, levantaram-se os judeus concordemente contra Paulo e o levaram ao tribunal, 13 dizendo: Este persuade os homens a servir a Deus contra a lei. 14 E, querendo Paulo abrir a boca, disse Gálio aos judeus: Se houvesse, ó judeus, algum agravo ou crime enorme, com razão vos sofreria; 15 mas, se a questão é de palavras, e de nomes, e da lei que entre vós há, vede-o vós mesmos; porque eu não quero ser juiz dessas coisas!

16 E expulsou-os do tribunal. 17 Então, todos agarraram Sóstenes, principal da sinagoga, e o feriram diante do tribunal; porém, a Gálio nada destas coisas o incomodava.

A promessa do Senhor de que ninguém lhe tocaria é rapidamente cumprida. Gálio tornou-se procônsul da província romana da Acaia no 13º ano de Cláudio César – o ano 53. Portanto, Paulo deve ter chegado a Corinto por volta do ano 52. Quando um novo procônsul, Gálio, chegou, os judeus viram sua chance de acusar Paulo. Juntos, eles queriam convencer o recém-chegado Gálio de que Paulo era uma ameaça ao Estado. Eles acreditam que Gallion será receptivo ao plano deles, porque o homem naturalmente quer manter a paz em sua província. Eles se oferecem para ajudá-lo a fazer isso, trazendo-lhe essa pessoa hostil como prova.

Como em outras cidades, os cidadãos parecem ter tido o direito de prender alguém e levá-lo a julgamento. Era sempre uma questão de ameaça à ordem pública. Essa também é a acusação aqui. Eles estão acusando Paulo de conversar com as pessoas para persuadi-las a adorar a Deus. E isso é muito contra a lei. Os acusadores, sabiamente, não mencionam a qual lei estão se referindo. É óbvio que eles querem politizar uma questão religiosa, assim como suas táticas em Filipos (Atos 16:20,21).

Quando Paulo quer abrir a boca para se defender, não lhe é dada a oportunidade. O Senhor a tira dele por meio da reação de Gálio à aparição dos judeus. Os judeus cometeram um erro completo com relação a Gálio. Gálio não é apenas um homem simpático (como os historiadores o caracterizam), mas também um homem completamente indiferente. Ele sabe por que os judeus se aborreceram, mas não está nem um pouco preocupado com isso. Ele também diz que o evangelho não é uma ameaça ao Estado. O evangelho não o cativa, mas também não o prejudica. Então, por que ele deveria tomar medidas contra isso? Se fosse uma questão de ofensa criminal ou patifaria, ele certamente lidaria com a acusação deles, e ele os chama explicitamente de “judeus”.

Ao se dirigir a eles de forma tão enfática, ele deixa claro que tem uma ideia muito clara de suas intenções. Ele então explica isso quando diz que não se trata de nada além de disputas sobre palavras e nomes e a lei que eles têm. Ele entende muito bem o que está em jogo. Ao mesmo tempo, ele

revela sua total indiferença ao Senhor Jesus e à Sua obra. Ele reduz toda a fé a uma palavra, alguns nomes e a lei. Talvez ele tenha aprendido uma palavra como “ressurreição” ou nomes como “Jesus” e “Cristo” e tenha aprendido algo sobre a lei judaica. Mas ele não está interessado em nada disso. Os judeus têm em sua consciência essa total falta de interesse (Rom 2:24), mas isso não torna Gálio menos culpado.

Ainda hoje há muitas dessas pessoas indiferentes que não se interessam por questões de fé por causa das brigas entre os cristãos por causa de trivialidades. Como cristãos, temos que confessar nossa culpa. Por outro lado, para aqueles que usam o comportamento dos cristãos como desculpa para não se preocuparem com questões de fé, isso não é justificativa para sua indiferença. Essas pessoas frequentemente se gabam de sua tolerância religiosa.

No que diz respeito a Gálio, ele não se deixa levar pela emoção de fazer uma declaração sobre o assunto que lhe foi apresentado. Ele não quer ouvir nem mais uma palavra sobre o assunto e afasta todos eles do tribunal. No entanto, os judeus não cedem e encontram uma nova vítima em Sóstenes, o líder da sinagoga. Frustrados por sua acusação infrutífera contra Paulo, eles lidam com ele de forma ainda mais severa do que com Paulo, espancando-o diante do tribunal.

Se esse Sóstenes for o mesmo que Paulo menciona como coenviado de sua primeira carta aos coríntios (1Cor 1:1), é possível que nesse momento ele já tivesse demonstrado interesse no Jesus pregado por Paulo como o Cristo. Sóstenes, que presumivelmente seguiu Crispo como líder da sinagoga, é um novo traidor aos olhos deles. Isso deve tê-los deixado particularmente irritados. Nada disso importa para Gálio. Assim como ele não se incomodou com a história deles sobre a suposta violação da lei por Paulo, ele também não se incomodou com o comportamento violento dela contra Sóstenes.

A completa indiferença de Gálio também mostra claramente como as tão elogiadas normas da lei romana eram tratadas naquela época. Deus usou isso para proteger seus servos, mas como um exercício da lei é completamente arbitrário.

Atos 18:18-21 | Breve visita a Éfeso

18 E Paulo, ficando ainda ali muitos dias, despediu-se dos irmãos e dali navegou para a Síria e, com ele, Priscila e Áquila, tendo rapado a cabeça em Cencrécia, porque tinha voto. 19 E chegou a Éfeso e deixou-os ali; mas ele, entrando na sinagoga, disputava com os judeus. 20 E, rogando-lhe eles que ficasse por mais algum tempo, não conveio nisso. 21 Antes, se despediu deles, dizendo: Querendo Deus, outra vez voltarei a vós. E partiu de Éfeso.

Depois de Paulo ter estado em Corinto por um ano e meio, ele permanece lá por mais alguns dias. Então chega o momento em que ele se despede dos irmãos. Acompanhado por Áquila e Priscila, ele embarca para a Síria. Isso mostra que Áquila e Priscila também não estão presos a um único lugar. Eles são flexíveis e simplesmente se mudam para outro lugar quando seu serviço ao Senhor assim o exige.

Há outra observação digna de nota que Lucas faz sobre Paulo. Paulo, que era tão contrário à lei, submete-se a uma ordem judaica. De qualquer forma, a raspagem de sua cabeça em conexão com um voto sugere isso. Isso é uma reminiscência do voto de um nazireu (Números 6:18). Ele faz algo semelhante no capítulo 21 (Atos 21:23). Lá ele provavelmente quer ser um judeu para os judeus (1Cor 9:20). Em vista da atitude extremamente hostil dos judeus, não podemos necessariamente pensar nisso aqui.

Lucas não diz qual era a natureza do voto. É possível que Paulo, sob a pressão das circunstâncias em Corinto, tenha feito um voto ao Senhor de que teria sua cabeça raspada se o Senhor o ajudasse. Em si, um voto não precisa ser errado. Você ainda pode fazer um voto hoje (mas veja Ecl 5:1-6). No entanto, a questão é se um voto é apropriado para a posição de um cristão e se Paulo não está agindo abaixo dessa posição aqui, porque suas ações lembram um costume do Antigo Testamento.

Podemos aplicar essas considerações a nós mesmos, mas não a Paulo. Simplesmente não sabemos o que o motivou. Lucas diz apenas que ele raspou a cabeça, que o fez por causa de um voto e que o fez em Cencrécia. Isso não contradiz sua pregação contra a lei, porque ele não coloca nada no caminho de quem quer guardar a lei. Portanto, não precisa ser um problema para nós se os judeus messiânicos quiserem guardar a lei. Entretanto, Paulo se

opõe fortemente à lei quando ela é imposta às nações. Essa também deve ser a nossa reação à pregação da lei.

Depois que Paulo teve sua cabeça raspada em Cencrécia, eles partiram da Grécia para a Turquia. Depois de chegarem a Éfeso, Paulo seguiu seu próprio caminho sem o casal. O casal ficou em Éfeso quando Paulo viajou mais tarde. Mas antes de seguir viagem, ele visita a sinagoga, onde conversa com os judeus. O que ele diz aos judeus sobre Cristo não é recebido com resistência, mas sim com apreciação, pois eles lhe pedem para ficar mais um pouco. Por enquanto, porém, essa conversa única deve permanecer, porque o destino de sua viagem não é Éfeso, mas Jerusalém. Pelo menos essa parece ser a explicação para a pressa com que ele queria continuar.

Ele parte com a promessa de voltar para eles. No entanto, ele diz que fará isso se estiver de acordo com a vontade de Deus. Encontramos o cumprimento de sua promessa no capítulo 19.

Atos 18:22-23 | Fim da segunda e início da terceira viagem missionária

22 E, chegando a Cesaréia, subiu a Jerusalém e, saudando a igreja, desceu a Antioquia. 23 E, estando ali algum tempo, partiu, passando sucessivamente pela província da Galácia e da Frígia, confirmando a todos os discípulos.

Depois de chegar a Cesaréia por mar e desembarcar lá, ele “sobe”, ou seja, vai para Jerusalém. Lá ele participa da festa, saúda a igreja e depois viaja para Antioquia. Sua segunda viagem missionária termina aqui.

Depois de passar algum tempo em Antioquia, ele inicia sua terceira viagem missionária. O relato dessa viagem se estende até o capítulo 21:16, onde ele viajou pela primeira vez pela Galácia e Frígia, a região onde Derbe, Listra e Icônio estão localizadas. Ele também esteve lá em sua primeira e segunda viagens missionárias. Assim como na segunda viagem missionária, ele não prega o evangelho ali, mas fortalece todos os discípulos. Pouco depois dessa visita, as igrejas da Galácia devem ter se desviado da verdade do evangelho devido ao aparecimento de mestres judaizantes, o que levou Paulo a escrever-lhes sua carta circular (a carta aos Gálatas).

Atos 18:24-28 | Apolo em Éfeso

24 E chegou a Éfeso um certo judeu chamado Apolo, natural de Alexandria, varão eloqüente e poderoso nas Escrituras. 25 Este era instruído no caminho do Senhor; e, fervoroso de espírito, falava e ensinava diligentemente as coisas do Senhor, conhecendo somente o batismo de João. 26 Ele começou a falar ousadamente na sinagoga. Quando o ouviram Priscila e Âqüila, o levaram consigo e lhe declararam mais pontualmente o caminho de Deus. 27 Querendo ele passar à Acaia, o animaram os irmãos e escreveram aos discípulos que o recebessem; o qual, tendo chegado, aproveitou muito aos que pela graça criam. 28 Porque com grande veemência convencia publicamente os judeus, mostrando pelas Escrituras que Jesus era o Cristo.

Paulo está agora a caminho de Éfeso. Em uma seção intermediária, Lucas agora nos conta algo sobre “um judeu chamado Apolo” que chega a Éfeso. Apolo, natural de Alexandria, no Egito, é um homem eloquente (ou culto). Ele não usava essas habilidades naturais para si mesmo, mas para a glória de Deus. O fato de ele ser poderoso nas Escrituras não significa que podia memorizar textos longos (talvez ele também pudesse fazer isso), mas que conhecia o contexto das Escrituras e entendia seu significado.

Apolo é alguém em quem o poder do Espírito Santo é revelado sem que o apóstolo ou os doze estejam envolvidos. Ele é um instrumento do Espírito e trabalha independentemente dos apóstolos. Essa também é a intenção do Espírito Santo, que distribui a todos como quer (1Cor 12:11). Também vemos mais tarde que Apolo agiu de forma independente quando não seguiu a recomendação de Paulo. Ele seguiu seu próprio caminho, o que Paulo também aceitou (1Cor 16:12).

Não havia inveja entre esses dois servos. O objetivo deles não era ganhar pessoas para si mesmos. Ambos queriam ganhar pessoas para Cristo. Para eles, era completamente absurdo que os crentes de Corinto os tornassem líderes de um partido, o que causava uma divisão na unidade dos crentes (1Cor 1:10-12).

Apolo provavelmente ouviu e aceitou o evangelho no Egito. Ele então adquiriu conhecimento das Escrituras, ou seja, dos escritos do Antigo Testamento. Ele foi instruído no caminho do Senhor. Isso significa que ele foi instruído sobre os ensinamentos do Senhor Jesus e também sobre como

esses ensinamentos devem ser colocados em prática para que literalmente adquiram consistência física. O objetivo da instrução com a Palavra de Deus é sempre que ela tenha um efeito na vida.

Lucas não nos conta como Apolo passou a crer. No entanto, o fato de que ele realmente chegou à fé é evidente em sua vida. Ele está cheio do que descobriu nas Escrituras. Isso acendeu nele um ardor que se expressa em sua fala e em seu ensino. Esse ardor do Espírito em Apolo não é um traço de caráter, mas um ardor que é operado pelo Espírito, que todos nós deveríamos possuir (Rom 12:11).

Ele conhece o ardor do Espírito, assim como os profetas do Antigo Testamento. Ele não apenas transmite o conhecimento, mas também é dominado por ele. Ele tem um grande conhecimento das Escrituras e também é capaz de transmiti-lo aos outros. Os ouvintes reconhecem muito bem se alguém está repetindo uma teoria vazia ou se está falando sobre algo que o comove.

Apolo não sabia nada sobre tudo o que havia acontecido com Cristo. Ele só sabia sobre o batismo de João. Isso significa que ele aceitou a pregação de João, converteu-se e creu em Cristo, a quem João se referiu. Entretanto, ele não sabia nada sobre a morte e a ressurreição do Senhor Jesus e a vinda do Espírito Santo. Ele, por assim dizer, parou antes do Pentecostes. O que ele sabe, porém, proclama livremente na sinagoga de Éfeso. Priscila e Áquila também foram até lá para ouvi-lo pregar. No início da igreja, os cristãos ainda (também) iam à sinagoga. Esse casal sempre encontrava pessoas extraordinárias. Em Corinto, eles conheceram Paulo, e aqui em Éfeso, Apolo.

Esse encontro deve tê-los tocado particularmente. Enquanto ouvem, eles percebem que ainda está faltando alguma coisa. Percebem que ele não sabe o que aconteceu com Jesus de Nazaré. Eles não se levantam na sinagoga para corrigi-lo, mas o levam para casa para lhe dizer o que está faltando. O fato de Apolo, poderoso orador, se permitir ser ensinado por simples fazedores de tendas é um argumento a favor de Apolo. Áquila e Priscila transmitem a Apolo o que eles próprios, sem dúvida, já haviam recebido anteriormente dos ensinamentos de Paulo.

Como é maravilhoso quando há casais que podem introduzir os servos mais profundamente na palavra de Deus e disponibilizar sua casa e seu

tempo para esse propósito. Juntos, eles explicam o caminho de Deus com mais detalhes. Priscila é mencionada primeiro; talvez ela tenha sido a primeira a reconhecer que ele estava perdendo alguma coisa. As mulheres geralmente são mais sensíveis do que os homens nesse aspecto. Talvez ela tenha sugerido que seu marido o levasse consigo. Somente em terceiro lugar é mencionado que os dois interpretaram o caminho de Deus para ele com mais precisão. Ao interpretar o caminho de Deus de forma mais precisa para Apolo, Priscila certamente não violou o mandamento de que não é permitido à mulher ensinar ou governar sobre o marido (1Tim 2:12).

Uma observação geral é apropriada nesse contexto. Um homem geralmente fica sensível quando outra pessoa sabe mais do que ele. Então você precisa se superar para convidar a outra pessoa a participar. A questão não é que esse tenha sido o caso de Áquila, não devemos presumir isso, mas é bom que os servos considerem esse fato. Por exemplo, pode acontecer de um irmão mais velho que tenha um bom conhecimento das Escrituras ter dificuldade em aceitar que um irmão mais novo tenha um conhecimento ainda maior das Escrituras.

Apolo foi instruído no caminho do Senhor. Isso o levou a submeter sua vida à autoridade do Senhor. Agora ele ouve algo sobre o caminho de Deus, que é o caminho da fé para o cristão, como pode ser reconhecido nas Escrituras. Nas Escrituras, aprendemos como Deus tem lidado com seu povo e com os seus ao longo da história da salvação. Deve ter sido uma alegria para Apolo receber esses ensinamentos.

Agora que o caminho de Deus lhe foi explicado com mais detalhes, Apolo quer ir para a Acaia, onde fica Corinto. De onde ele tirou a ideia de ir a Corinto? Por que não para Atenas ou Filipos? É possível que ele tenha ouvido de Áquila e Priscila uma coisa ou outra sobre Corinto. Eles devem ter lhe dito que havia dificuldades lá. Essa pode ter sido a razão para Apolo ir até lá. Dessa forma, os obreiros recebem diferentes tipos de indicações para irem a algum lugar.

Os irmãos em Éfeso viam Apolo como um servo talentoso de Deus e o encorajavam em seu ministério, além de recomendá-lo. A carta de recomendação que ele recebeu não tem nada a ver com ser admitido à

Mesa do Senhor para participar da Ceia do Senhor, mas com ser admitido como servo de Cristo (cf. 2Cor 3:1; Rom 16:1,2).

Uma carta de recomendação não está vinculada a uma igreja local, mas ao fato de os remetentes serem conhecidos no lugar para onde o servo está indo e se os remetentes são conhecidos lá como crentes em cujo julgamento espiritual se pode confiar. Quando esses crentes dão um testemunho a uma pessoa que não é conhecida no local, isso inspira confiança no servo que está indo para lá. Em ambos os casos, escrever e receber uma carta de recomendação é um privilégio e expressa solidariedade. Um testemunho pessoal não é suficiente (Atos 9:26-28; 2Cor 13:1).

Apolo viajou de Éfeso para Corinto com a carta de recomendação de um ministério. Lá ele regará o que Paulo plantou (1Cor 3:6). Ele tem permissão para continuar e aprofundar o trabalho de Paulo. O fato de sua chegada a Corinto ter gerado divisão apenas enfatiza a necessidade de seu ministério. Havia pessoas em Corinto que ficaram particularmente impressionadas com seu talento para falar e o tornaram seu líder sem sua vontade.

Lucas menciona que ele foi um grande apoio para os crentes. Isso não se deveu a suas habilidades, mas à graça de Deus. Também era verdade para ele que nada poderia fazer sem o Senhor Jesus (Joã 15:5). Somente a graça nos permite ser uma ajuda para os outros. Toda bênção que transmitimos vem do Senhor.

O ministério de Apolo tinha como alvo principal os judeus, que repetidamente colocavam os cristãos em apuros por resistirem à verdade. Apolo refuta todos os ataques com as Escrituras de maneira incomparável, porque por meio delas ele prova que Jesus é o Cristo. Ele refuta todos os argumentos de seus oponentes com as Escrituras. Provar significa apresentar algo de forma convincente e vívida. A palavra de Deus é conclusiva.

Atos 19

Atos 19:1-7 | Os primeiros discípulos em Éfeso

1 E sucedeu que, enquanto Apolo estava em Corinto, Paulo, tendo passado por todas as regiões superiores, chegou a Éfeso e, achando ali alguns discípulos, 2 disse-lhes: Recebestes vós já o Espírito Santo quando crestes? E eles disseram-lhe: Nós nem ainda ouvimos que haja Espírito Santo. 3 Perguntou-lhes, então: Em que sois batizados, então? E eles disseram: No batismo de João. 4 Mas Paulo disse: Certamente João batizou com o batismo do arrependimento, dizendo ao povo que crese no que após ele havia de vir, isto é, em Jesus Cristo. 5 E os que ouviram foram batizados em nome do Senhor Jesus. 6 E, impondo-lhes Paulo as mãos, veio sobre eles o Espírito Santo; e falavam línguas e profetizavam. 7 Estes eram, ao todo, uns doze varões.

Após a inserção sobre Apolo, Lucas continua seu relato da terceira viagem missionária de Paulo, que começou no capítulo 18: 23. Apolo faz seu trabalho em Corinto, independentemente de Paulo, mas em total concordância com os ensinamentos de Paulo, que ele recebeu por meio de Áquila e Priscila. Enquanto Apolo está em Corinto e é uma grande ajuda para os crentes de lá por meio da graça (Atos 18:27), Paulo cumpre sua promessa e vai para Éfeso (Atos 18:21). Ele chega a Éfeso através das “regiões superiores”, ou seja, através da Galácia e da Frígia (Atos 18:23).

Talvez a expressão “regiões superiores” já simbolize os lugares celestiais sobre os quais Paulo escreve em sua carta aos Efésios. Os lugares celestiais são o reino onde Cristo está, onde o cristão possui suas bênçãos (Efé 1:3) e onde ocorre a luta de um cristão (Efé 6:12). Esse último se encaixaria muito bem na escuridão espiritual em que Éfeso se encontrava. Éfeso era conhecida por seu ocultismo e magia. Paulo chega aqui a uma fortaleza de Satanás. Na primeira parte desse capítulo, fala-se muito sobre o Espírito Santo e os espíritos, e também sobre o Senhor Jesus, o vencedor de todos os poderes malignos.

Antes de Lucas relatar isso com mais detalhes, ele insere um evento notável. Paulo encontra alguns discípulos em Éfeso. Isso parece indicar

que ele os procurou deliberadamente. Quando ele conversa com eles, percebe que são crentes, mas não cristãos. Talvez sejam seguidores de Apolo desde antes de ele ser instruído com mais detalhes.

Ele lhes faz algumas perguntas para descobrir onde estão espiritualmente. A primeira pergunta diz respeito ao Espírito Santo. Ele pergunta se eles receberam o Espírito Santo quando chegaram à fé. Não está claro como Paulo chegou a essa pergunta. Ele certamente já lhes falou sobre o Senhor Jesus e tudo o que aconteceu com Ele. Ele deve ter percebido, pelas reações deles, que lhes faltava a habitação do Espírito Santo.

A resposta deles confirma essa conclusão. Esses discípulos são completamente ignorantes quanto à presença do Espírito Santo na Terra. A resposta deles não tem a ver com o fato de não acreditarem no Espírito Santo. Eles acreditavam. Eles sabiam, pelas escrituras, que Deus derramaria seu Espírito (Isa 44:3; Joel 2:28). Eles acreditavam que o Espírito Santo sempre esteve presente, mas não sabiam que Ele havia se estabelecido na Terra desde o dia de Pentecostes como resultado da glorificação do Senhor Jesus (Joã 7:39).

Como não haviam recebido o Espírito, não eram cristãos (Rom 8:9). Eles haviam chegado à fé, mas ainda não tinham sido selados com o Espírito Santo. Alguém recebe o Espírito Santo quando crê no evangelho da salvação (Efé 1:13). O evangelho da salvação implica que alguém creia que Cristo morreu por seus pecados de acordo com as Escrituras e que Ele foi sepultado e ressuscitou de acordo com as Escrituras (1Cor 15:3,4). Esse evangelho da salvação ainda não havia sido pregado a esses discípulos, portanto, eles ainda não podiam crer nele. Eles estavam no estado de crentes do Antigo Testamento.

Agora que Paulo ficou sabendo que eles não receberam o Espírito Santo, ele faz outra pergunta. Essa pergunta está relacionada ao batismo. Ele não pergunta se eles foram batizados, mas em que foram batizados. A resposta a essa pergunta mostra em que estágio espiritual eles se encontram. Eles estão tão adiantados quanto Apolo quando chegou a Éfeso (Atos 18:25). Eles ouviram a mensagem como João Batista a pregou e se converteram. Paulo pode se basear nisso. Agora que ele percebe onde eles ficaram presos em seu desenvolvimento espiritual, ele lhes apresenta o evangelho com-

pleto, porque era isso que lhes faltava. Ele lhes diz que “Jesus” é aquele para quem João Batista apontou, e ele pode lhes dizer que Ele veio.

Vemos aqui a grande diferença entre a fé no Messias Jesus de acordo com o conceito do Antigo Testamento e a fé Nele como o Cristo que veio e agora é glorificado. A diferença está na obra realizada no Gólgota e no derramamento do Espírito Santo. Esses discípulos seguiram o convite de João para crer naquele que viria depois dele. Eles o fizeram, mas não passaram disso. Não receberam mais nenhuma informação sobre a rejeição, a morte, a ressurreição e a ascensão do Messias e, portanto, não sabiam que Ele havia enviado o Espírito Santo do céu.

Quando ouvem o evangelho completo de Paulo, eles aceitam o Senhor Jesus como o Cristo que veio, morreu, ressuscitou e foi glorificado. Em seguida, são batizados em nome do Senhor Jesus. Isso os acrescenta a um Cristo que morreu. Portanto, eles são batizados novamente. No entanto, isso não é um “rebatismo”, porque o batismo com o qual eles são batizados agora é um batismo completamente diferente. Eles são batizados em nome do Senhor Jesus e, portanto, unidos ao Senhor Jesus, a quem Deus fez Senhor e Cristo (Atos 2:36). Por meio de seu batismo, eles expressam que não querem mais viver para si mesmos. Eles são batizados em Sua morte e simbolicamente sepultados com Ele por meio da imersão na água (Rom 6:3.4). De agora em diante, eles O reconhecem como o Senhor de suas vidas, querem segui-Lo e viver de acordo com Sua vontade.

Depois de terem sido batizados, Paulo impõe as mãos sobre eles. Assim, ele se torna um com eles e os reconhece como companheiros cristãos. Deus coloca Seu selo sobre eles, dando-lhes o Espírito Santo. Portanto, o Espírito Santo não vem por meio da imposição das mãos de Paulo sobre eles, mas o segue. Com Pedro e João, a imposição de mãos também não é o meio pelo qual o Espírito Santo veio, mas a expressão da unidade entre Samaria e Jerusalém (Atos 8:14-17). Esse sinal de unidade, que é expresso por meio da imposição de mãos, é confirmado por Deus por meio do dom do Espírito Santo.

O evento com os “cerca de doze homens” é único e nunca foi repetido. A razão para isso é o estado intermediário especial em que esse pequeno grupo se encontrava. Esses crentes, que ainda estavam no terreno do

Antigo Testamento, precisavam ser transformados em cristãos do Novo Testamento no sentido adequado pela autoridade apostólica. A natureza especial desse evento é enfatizada pelo falar em línguas e profetizar, como já vimos no dia de Pentecostes em Jerusalém (Atos 2:4,17). O sinal de falar em línguas confirma que se trata de algo completamente novo que vai além do Antigo Testamento e da fé associada a ele. Essa é a última menção do falar em línguas no livro de Atos.

Atos 19:8-10 | A sinagoga e a escola de Tirano

8 E, entrando na sinagoga, falou ousadamente por espaço de três meses, disputando e persuadindo-os acerca do Reino de Deus. 9 Mas, como alguns deles se endurecessem e não obedecessem, falando mal do Caminho perante a multidão, retirou-se deles e separou os discípulos, disputando todos os dias na escola de um certo Tirano. 10 E durou isto por espaço de dois anos, de tal maneira que todos os que habitavam na Ásia ouviram a palavra do Senhor Jesus, tanto judeus como gregos.

Depois de se reunir com esse grupo específico de discípulos, Paulo vai à sinagoga em Éfeso. Lá ele fala, discursiva e convence as pessoas sobre as coisas do reino de Deus. O reino de Deus está presente na Terra, embora em oculto. Portanto, seu assunto não era tanto a igreja. Ele não pregava o evangelho do reino. Foi isso que João Batista pregou (Mat 3:2) e depois o Senhor Jesus (Mat 4:23), porque isso tem a ver com o governo público do Senhor Jesus. Como o Senhor Jesus foi rejeitado, a forma pública do reino de Deus foi adiada.

Em outro sentido, porém, o reino de Deus também é o tema do sermão de hoje, não como futuro, mas como presente. As coisas do reino de Deus são todas aquelas que têm a ver com a autoridade daquele que reina sobre o reino de Deus, ou seja, o Senhor Jesus. Mesmo que Ele não esteja visivelmente presente como Rei na Terra, ainda assim Ele está presente e ativo no coração dos crentes. Portanto, os ensinamentos sobre o reino de Deus também são da maior importância para nós, porque se trata do discipulado de todos aqueles que O reconhecem como seu Senhor.

No entanto, essa mensagem encontra crescente rejeição entre alguns judeus, que se manifestam por meio de endurecimento, desobediência e

palavras maldosas sobre “o caminho” diante da multidão. O Caminho é a nova doutrina, a nova fé que chamamos de cristianismo. Isso encontra resistência por parte dos judeus, mas isso só tem o efeito de separar os verdadeiros discípulos desse caminho dos judeus. Houve uma ruptura com os judeus.

Paulo mudou o local de seu ensino da sinagoga para a escola de Tirano. Essa mudança também é uma referência simbólica à coisa nova que está sendo formada, ou seja, a igreja. Aqui vemos como a igreja forma uma comunidade separada, independente dos gentios e dos judeus. É uma nova comunidade composta por gentios e judeus que, juntos, formam a igreja. Isso torna a igreja em Éfeso um protótipo da igreja. Não há outra carta em que Paulo explique o que é a igreja tão claramente quanto na carta à igreja em Éfeso. Ao mesmo tempo, ela fala de “discípulos”, o que indica que as características do reino também estão presentes entre eles.

Tanto a igreja quanto o reino pertencem à esfera de poder do Senhor Jesus. Essa esfera de poder se expande por meio do ensino que Paulo dá diariamente, não mais na sinagoga, mas na escola de Tirano. “Tyrannus” é derivado de ‘tirano’. Um tirano é alguém que exerce poder sobre os outros sem qualquer compaixão. Na escola em que Satanás exerce seu poder como um tirano, o poder do Senhor é agora revelado em contraste com o poder de Satanás.

Paulo treinou extensivamente os discípulos nos princípios do reino de Deus. Ele trabalhou e ensinou em Éfeso por mais tempo do que em Corinto, e fazia isso todos os dias. Isso também é demonstrado pelo interesse da igreja em Éfeso.

Os discípulos não apenas apreciaram o ensino, mas também espalharam a palavra na Ásia. Todos os que vivem na Ásia foram alcançados pela palavra do Senhor. Todas as pessoas ouviram a palavra sobre aquele que tem autoridade sobre o reino. A divulgação da palavra não aconteceu somente por meio de Paulo, mas também por meio dos discípulos. A instrução leva à atividade. A separação dos discípulos na escola de Tirano, portanto, não significava isolamento. Paulo ensina de forma isolada, mas o testemunho se espalha entre todos os judeus e gregos.

Atos 19:11-17 | Obras milagrosas de Deus e imitação diabólica

11 E Deus, pelas mãos de Paulo, fazia maravilhas extraordinárias, 12 de sorte que até os lenços e aventais se levavam do seu corpo aos enfermos, e as enfermidades fugiam deles, e os espíritos malignos saíam. 13 E alguns dos exorcistas judeus, ambulantes, tentavam invocar o nome do Senhor Jesus sobre os que tinham espíritos malignos, dizendo: Esconjuro-vos por Jesus, a quem Paulo prega. 14 Os que faziam isto eram sete filhos de Ceva, judeu, principal dos sacerdotes. 15 Respondendo, porém, o espírito maligno, disse: Conheço a Jesus e bem sei quem é Paulo; mas vós, quem sois? 16 E, saltando neles o homem que tinha o espírito maligno e assenhoreando-se de dois, pôde mais do que eles; de tal maneira que, nus e feridos, fugiram daquela casa. 17 E foi isto notório a todos os que habitavam em Éfeso, tanto judeus como gregos; e caiu temor sobre todos eles, e o nome do Senhor Jesus era engrandecido.

Deus enfatiza a pregação e os ensinamentos de Paulo com milagres extraordinários realizados pelas mãos de Paulo. O que acontece ali se parece com milagres do paganismo. Parece que todos os tipos de objetos recebem um efeito mágico. Mas no que Paulo faz não há nada do diabo. Deus é a fonte desses milagres. Não são os panos e aventais de Paulo que proporcionam a cura, não são os objetos, mas a obra de Deus. Deus mostra seu poder de forma extraordinária em uma área em que o diabo pensa que é senhor e mestre. Isso é um aviso para ele e para todos os que o honram: Todo o poder pertence a Deus.

Deus usa as mãos e as vestes do apóstolo Paulo para revelar seu poder. Também vimos uma revelação especial do poder de Deus em Pedro (Atos 5:15). Essas são as obras milagrosas de um apóstolo (2Cor 12:12). Hoje não temos mais apóstolos e, portanto, não temos mais a revelação de poderes e milagres. Também não são coisas que todos os crentes faziam naquela época. Além dos apóstolos, lemos apenas que Filipe e Estêvão realizaram milagres e sinais.

Lemos que outros queriam fazer o mesmo, mas foram expostos como enganadores, como instrumentos de iniquidade. Vimos isso com Simão, o feiticeiro (Atos 8:18-24), e vemos isso aqui no incidente a seguir. Como comentário geral, gostaria de acrescentar o seguinte: O Senhor nos capacita a realizar a obra de Deus com fé e a vencer o poder de Satanás. Os pré-requi-

sitos são: Oração, jejum, fé e uma atitude de perdão (Mar 9:29; 11:22-25). As condições que devemos cumprir também deixam clara a grande distância que existe entre nós e o Senhor Jesus. Para o Senhor Jesus, todo exercício de poder era e é um desdobramento de Sua própria majestade.

O poder de Satanás tenta se unir à obra de Deus e, assim, minar o reino de Deus e impedir que ele se espalhe. Isso corresponde ao que o espírito de adivinhação queria fazer com relação ao sermão de Paulo em Filipos (Atos 16:16), e também ao que fizeram os mágicos no Egito que imitaram os milagres de Moisés (Êxo 7:10,11). Aqui Satanás usa exorcistas judeus.

Em sua graça, Deus havia dado a alguns de seu povo o poder de expulsar demônios (Mar 6:7; 9:38; Luc 10:17). No entanto, também havia judeus que arrogavam esse poder para si mesmos, como os filhos dos fariseus, ou seja, os discípulos dos fariseus (Mat 12:27). Sete filhos de Ceva, um sumo sacerdote judeu, também pertencem a essa categoria. Esse Ceva não criou seus filhos no temor do Senhor, mas os introduziu nas práticas obscuras do poder de Satanás.

Esses sete saíram para praticar suas artes ocultas onde quer que pudessem. Em sua viagem, eles também foram a Éfeso. Quando notaram o sucesso que Paulo teve lá em relação ao uso do nome “Jesus”, eles também tomaram o nome de Jesus em suas bocas e tentaram expulsar espíritos malignos. Eles usaram o nome “Jesus” (sem o “Senhor” na frente, é claro) como uma espécie de fórmula mágica, como uma palavra mágica. Mas somente a fé no que esse nome representa dá poder, não a palavra em si.

Eles se referem ao “Jesus que Paulo prega”, o que imediatamente deixa claro que eles não têm nenhuma conexão com o Senhor Jesus. Eles usam o nome Dele sem crer pessoalmente Nele, apenas pelo que o nome faz aos outros. Infelizmente, essa também é a aparência da vida de fé de muitos cristãos. Há uma certa profissão de fé, mas eles não vivem de acordo com ela (cf. 2Tim 3:5).

O fato de o espírito maligno não se impressionar com essas pessoas é demonstrado por sua resposta e pela ação subsequente. Ele conhece Jesus e também sabe sobre Paulo. É um saber e um conhecimento sem que haja qualquer conexão interior. O diabo tem fé (Tia 2:19) e conhecimento porque sabe que está lidando com uma pessoa divina que ele não pode

negar, mas não se submete a ela. Ele revela um profundo desprezo por aqueles que estão em seu poder, assim como tem um ódio profundamente enraizado contra o Senhor Jesus e contra aqueles que O seguem fielmente. Vemos aqui o desprezo de Satanás por seus escravos, a quem ele afasta como ajudantes incompetentes, humilhando-os espiritualmente e ferindo-os fisicamente.

O que era uma artimanha de Satanás acaba fazendo com que o medo caia sobre todos os habitantes de Éfeso, tanto judeus quanto gregos, e que o nome do Senhor Jesus seja exaltado. Isso não significa que todos vieram à fé, mas Lucas menciona o testemunho que emana desse evento. Assim, o esforço de Satanás para frustrar a obra de Deus é usado por Deus para fazer com que o testemunho do evangelho se destaque ainda mais claramente.

Atos 19:18-20 | O efeito da palavra do Senhor

18 Muitos dos que tinham crido vinham, confessando e publicando os seus feitos. 19 Também muitos dos que seguiam artes mágicas trouxeram os seus livros e os queimaram na presença de todos, e, feita a conta do seu preço, acharam que montava a cinqüenta mil peças de prata. 20 Assim, a palavra do Senhor crescia poderosamente e prevalecia.

Entretanto, o testemunho faz com que muitos cheguem à fé. Em todos os que crêem, o poder de Satanás é quebrado e seu campo de atividade é dominado. Houve um avanço nessa cidade demoníaca. A conversão a Deus e a fé no Senhor Jesus são reais. Vemos isso quando eles vêm, confessam e publicam seus atos.

Aqueles que se converteram e tiveram fé não têm nada a reter. Toda presunção e tudo o que os mantinha cativos é confessado como pecado. Entre os que se converteram à fé, há muitos que praticavam artes mágicas. Eles adquiriram essas práticas ocultas por meio de livros. Eles coletam esses livros e os queimam. Dessa forma, ninguém mais pode ser prejudicado.

Somente depois que os livros são queimados é que eles calculam seu valor. Se eles tivessem calculado o valor antecipadamente, talvez tivessem reconsiderado. Afinal de contas, uma fortuna inteira se transformou em fumaça. Uma peça de prata é provavelmente comparável a uma dracma

ou um denário, que corresponde ao salário de um dia. Naquela época, um denário era o salário de um trabalhador diarista (Mat 20:2). Atualmente, o salário mínimo para um trabalhador com 23 anos ou mais é de cerca de 70 euros brutos por dia. Isso corresponde a aproximadamente 50 euros líquidos. Por uma questão de simplicidade, assumiremos 50 euros. O valor material dos livros queimados hoje seria de cerca de 2,5 milhões de euros. Felizmente, ainda hoje há crentes que demonstram a autenticidade de sua conversão queimando ou destruindo músicas ou filmes demoníacos que dominavam suas vidas antes da conversão.

Ao jogar fora o que é errado, cria-se espaço para a palavra, aqui novamente chamada de “a palavra do Senhor”. No verso 20, Lucas descreve novamente a obra geral do Senhor, como já vimos várias vezes antes (Atos 6:7; 12:24; 16:5).

Atos 19:21-22 | Jerusalém e Roma

21 E, cumpridas estas coisas, Paulo propôs, em espírito, ir a Jerusalém, passando pela Macedônia e pela Acaia, dizendo: Depois que houver estado ali, importa-me ver também Roma. 22 E, enviando à Macedônia dois daqueles que o serviam, Timóteo e Erasto, ficou ele por algum tempo na Ásia.

Agora chega o momento em que Paulo se despede de Éfeso. Ele tem outro plano. Ele está preocupado com Jerusalém, onde gostaria de participar da festa de Pentecostes (Atos 20:16). Ele pensa ainda mais à frente. Depois de ir a Jerusalém, ele também quer ir a Roma. Ele também irá para lá, mas de uma forma diferente do que pensa, ou seja, como prisioneiro. Sua jornada para lá começa aqui, e no final de Atos ele está lá como prisioneiro. Jerusalém e Roma são os dois lugares entre os quais este livro se passa agora. Ele anseia por levar a palavra ao coração do mundo gentio, assim como já a havia levado ao coração do mundo religioso.

Ele quer ir a Jerusalém por causa de seu amor ardente por seu povo. Ele envia dois dos que o serviam à sua frente, enquanto ele mesmo permanece na Ásia por algum tempo. Dos dois que ele enviou à frente, conhecemos Timóteo. O outro, Erasto, é desconhecido para nós. Erasto, assim como Timóteo, deve ter sido instruído pelo apóstolo. Juntos, eles vão para a Macedônia, provavelmente para Corinto, onde, como seus representantes,

punderam transmitir as instruções que haviam recebido do apóstolo. Talvez tenham levado com eles a primeira carta que Paulo escreveu aos coríntios nessa época.

Atos 19:23-32 | Demétrio desencadeia um tumulto

23 Naquele mesmo tempo, houve um não pequeno alvoroço acerca do Caminho. 24 Porque um certo ourives da prata, por nome Demétrio, que fazia, de prata, nichos de Diana, dava não pouco lucro aos artífices, 25 aos quais, havendo-os ajuntado com os oficiais de obras semelhantes, disse: Varões, vós bem sabeis que deste ofício temos a nossa prosperidade; 26 e bem vedes e ouvis que não só em Éfeso, mas até quase em toda a Ásia, este Paulo tem convencido e afastado uma grande multidão, dizendo que não são deuses os que se fazem com as mãos. 27 Não somente há o perigo de que a nossa profissão caia em descrédito, mas também de que o próprio templo da grande deusa Diana seja estimado em nada, vindo a majestade daquela que toda a Ásia e o mundo veneram a ser destruída. 28 Ouvindo isto, encheram-se de ira e clamaram, dizendo: Grande é a Diana dos efésios! 29 E encheu-se de confusão toda a cidade, e unânimes correram ao teatro, arrebatando a Gaio e a Aristarco, macedônios, companheiros de Paulo na viagem. 30 E, querendo Paulo apresentar-se ao povo, não lho permitiram os discípulos. 31 Também alguns dos principais da Ásia, que eram seus amigos, lhe rogaram que não se apresentasse no teatro. 32 Uns, pois, clamavam de uma maneira, outros, de outra, porque o ajuntamento era confuso; e os mais deles não sabiam por que causa se tinham ajuntado.

Enquanto Paulo está fazendo os preparativos para sua viagem à Macedônia, um grande tumulto irrompe em Éfeso. Como em Filipos, esse tumulto não vem de uma fonte judaica, mas de uma fonte pagã. Lucas descreve seu desenrolar em detalhes e de forma vívida. Talvez ele faça isso para mostrar que, além de um anseio interior de ir a Jerusalém, havia também uma razão externa para deixar Éfeso. O tumulto surge por causa do “caminho”. O caminho aqui se refere à fé cristã que é disseminada por aqueles que passaram a crer no Senhor Jesus. Essa propagação da fé não acontece tanto por meio de palavras, mas sim por meio de ações, por meio de uma caminhada no caminho da fé.

A vida de muitos em Éfeso foi completamente mudada pelo fato de seguirem consistentemente o Senhor Jesus. Demétrio sentiu isso em sua

carteira. Devido às muitas conversões, seu negócio não estava mais indo tão bem. A demanda por seus templos de prata caiu rapidamente. Isso revelou seu ódio arraigado ao evangelho. Todo o sistema que havia lhe trazido prosperidade começou a vacilar e, com ele, o prestígio que seu comércio havia lhe proporcionado.

Os templos que ele fazia eram dedicados a Ártemis, a deusa da caça. Essa deusa mãe é o grande contraste com o Deus da Bíblia, que é o pai. Vemos aqui o grande contraste entre o Caminho, ou seja, a fé cristã, e o paganismo. Por trás dos ídolos estão ocultos poderes demoníacos. O deus Mamom também está escondido por trás da idolatria. Com Demétrio, o dinheiro e a idolatria andam de mãos dadas.

Quando ele vê seus lucros despencarem, ele fala do declínio econômico como algo que afeta todos em seu próprio negócio e seus fornecedores. Não se pode atingir as pessoas do mundo com mais força do que quando se tira a riqueza delas e os luxos que a acompanham. Quando isso acontece, há uma revolta. Demétrio identifica Paulo como o culpado porque ele se esforçou para afirmar que os deuses deles não eram deuses.

Os pequenos templos, portanto, não são apenas lembranças, mas objetos com significado religioso. A mensagem de Paulo estava sendo confrontada com isso. Sem perceber, Demétrio reconhece o poder do evangelho em sua acusação. Muitos devem ter aceitado o evangelho porque Demétrio pode dizer que esse negócio está ameaçado (embora ele certamente esteja exagerando) porque seus templos não estão mais vendendo tão bem.

Em seguida, ele habilmente coloca em jogo o declínio da adoração à “grande deusa Ártemis”. Ao fazer isso, ele transfere o ataque da esfera econômica para a religiosa. Não há nada em que uma pessoa seja mais fanática do que sua religião. Se você o atacar aqui, ele ficará indignado e não estará mais aberto a discussões. Isso fica evidente imediatamente após seus comentários. Todos ficam furiosos e gritam sem restrições. Eles declaram sua solidariedade com a Ártemis dos efésios. Toda a cidade fica confusa.

Mas a confusão é tão grande que a raiva não busque uma saída: eles querem encontrar aqueles que insultaram sua grande Ártemis. Parece que eles não conseguem encontrar Paulo. Então eles arrastam dois dos compan-

heiros de viagem de Paulo com eles para o teatro, que geralmente também era usado para assembléias populares.

Paulo quer ir para o meio do povo por causa de seus amigos que foram arrastados por causa dele. Mas os discípulos o impedem de fazer isso e o seguram. Não teria sido sábio fazer isso. Alguns governantes da Ásia, amigos de Paulo, enfatizam a correção das ações dos discípulos. Eles enviam uma mensagem pedindo a Paulo que não vá ao teatro. É muito difícil dissuadir Paulo de ir. Mas, no final, ele não vai.

O fato de alguns dos líderes também terem boa vontade com Paulo mostra o tremendo impacto que a pregação de Paulo teve sob a bênção do Senhor. Não está claro se esses líderes eram crentes. De qualquer forma, eles estavam do lado dele.

No tumulto geral, as pessoas nem sequer sabem do que se trata, são simplesmente levadas pelo clima geral. Quando uma pessoa se encontra no meio da multidão, há um grande perigo de que ela perca sua personalidade e, portanto, também sua capacidade de julgar uma situação pessoalmente.

Atos 19:33-41 | A ira do povo diminui

33 Então, tiraram Alexandre dentre a multidão, impelindo-o os judeus para diante; e Alexandre, acenando com a mão, queria dar razão disto ao povo. 34 Mas, quando conheceram que era judeu, todos unanimemente levantaram a voz, clamando por espaço de quase duas horas: Grande é a Diana dos efésios! 35 Então, o escrivão da cidade, tendo apaziguado a multidão, disse: Varões efésios, qual é o homem que não sabe que a cidade dos efésios é a guardadora do templo da grande deusa Diana e da imagem que desceu de Júpiter? 36 Ora, não podendo isto ser contraditado, convém que vos aplaqueis e nada façais temerariamente; 37 porque estes homens que aqui trouxestes nem são sacrílegos nem blasfemam da vossa deusa. 38 Mas, se Demétrio e os artífices que estão com ele têm alguma coisa contra alguém, há audiências e há procônules; que se acusem uns aos outros. 39 Mas, se alguma outra coisa demandais, averiguar-se-á em legítimo ajuntamento. 40 Na verdade, até corremos perigo de que, por hoje, sejamos acusados de sedição, não havendo causa alguma com que possamos justificar este concurso. 41 E, tendo dito isto, despediu o ajuntamento.

Depois de vermos Paulo com os discípulos e depois com os gentios, agora vemos um terceiro grupo, os judeus. Eles levam Alexandre à frente. É muito provável que esse Alexandre seja o latoeiro contra o qual Paulo adverte Timóteo, porque ele lhe resistiu muito (2Tim 4:14,15). Timóteo está em Éfeso nessa época e deve tê-lo conhecido.

O judeu Alexandre quer se defender, mas contra o quê? Os judeus provavelmente estão com muito medo de também se tornarem alvo do ódio dos gentios. Por isso, é aconselhável que eles deixem claro que não têm nada a ver com os cristãos. Uma vez que ele tenha se manifestado, depois de sua defesa, ele poderá apontar suas flechas para os cristãos para colocá-los em maus lençóis, de modo que a raiva do povo seja direcionada ainda mais fortemente contra eles.

Mas a situação já estava tão acirrada que Alexandre não teve a chance de se defender em nome dos judeus. Seja o que for que Alexandre quisesse dizer, quando a multidão percebe que ele é judeu, eles irrompem em gritos extasiados, que continuam por duas horas. Eles não estão visando apenas os cristãos, mas também os judeus, porque eles também não aceitam outro Deus além do Deus único. Sem Deus, é impossível resistir ao diabo, como os exorcistas judeus tentaram fazer (versos 13-16). Mas é igualmente impossível defender a verdade do único Deus sem Deus, como os judeus estão tentando fazer aqui.

O único que pode acalmar a multidão é o escrivão da cidade. Ele é um deles. Suas táticas são refinadas. Ele aborda o que é irrefutável para eles e o que todos reconhecem sem contradição. O fato de haver alguns judeus e cristãos que não sabem disso ou até mesmo o negam não deve ser levado tão a sério! Por que eles estão tão aborrecidos com isso?

Depois de lhes dizer isso, ele os admoesta a permanecerem calmos e a não se deixarem levar pelas emoções. Em seguida, ele aponta os discípulos que eles levaram consigo. Ele está bem informado sobre as atividades dos cristãos e sabe que eles não são sacrílegos e que não foram contra sua deusa em sua pregação. Paulo e seus seguidores pregaram a palavra sem criticar a religião à qual os efésios aderiram. Aliás, é notável o fato de que as autoridades seculares nos Atos dos Apóstolos frequentemente testemunham a inocência dos cristãos.

No que diz respeito a Demétrio e aos artistas, eles podem apresentar seu caso aos juízes em um determinado dia. Lá eles podem acusar a outra parte e a outra parte tem a oportunidade de se defender. Se eles tiverem outros casos legais, o processo legal é fixo, pois eles podem ser decididos na assembleia estatutária.

A palavra para “assembleia” é literalmente ekklesia. Essa palavra também é usada para a congregação de Israel e para a igreja dos cristãos. A palavra já existia. Significa “uma comunidade de pessoas convocadas [para algum lugar]”. Essas são as pessoas convocadas da cidade de Éfeso que se reúnem na assembleia da cidade para discutir as preocupações da cidade.

A palavra ekklesia é uma palavra importante em relação à igreja do Senhor Jesus. O Senhor Jesus fala pela primeira vez na história sobre a “minha” ekklesia quando fala sobre a igreja que Ele construirá (Mat 16:18). Os gentios têm a sua ekklesia (aqui), Israel tem a sua ekklesia (Atos 7:38) e agora o Senhor Jesus também tem a Sua ekklesia.

Mas que diferença há entre a sua ekklesia e as outras duas! Se alguém que pertence à ekklesia dos gentios ou de Israel morre, ele deixa de pertencer a essa ekklesia. Entretanto, qualquer pessoa que pertença à ekklesia do Senhor Jesus pertence a ela por toda a eternidade, mesmo que tenha morrido. As portas do Hades não podem dominar essa ekklesia (Mat 16:18).

O último argumento que o secretário da cidade usa para acalmar os ânimos exaltados é apontar que não há base legal para esse tumulto. Depois que o secretário da cidade acalma a multidão apelando para a razão, ele dispensa a assembleia. Isso significa que a multidão se dispersa e as pessoas voltam para casa ou para o trabalho.

Atos 20

Atos 20:1-6 | De Éfeso a Trôade

1 Depois que cessou o alvoroço, Paulo chamou a si os discípulos e, abraçando-os, saiu para a Macedônia. 2 E, havendo andado por aquelas terras e exortando-os com muitas palavras, veio à Grécia. 3 Passando ali três meses e sendo-lhe pelos judeus postas ciladas, como tivesse de navegar para a Síria, determinou voltar pela Macedônia. 4 E acompanhou-o, até à Ásia, Sópatro, de Beréia, e, dos de Tessalônica, Aristarco e Segundo, e Gaio, de Derbe, e Timóteo, e, dos da Ásia, Tíquico e Trófimo. 5 Estes, indo adiante, nos esperaram em Trôade. 6 E, depois dos dias dos pães asmos, navegamos de Filipos e, em cinco dias, fomos ter com eles a Trôade, onde estivemos sete dias.

Após o tumulto, Paulo chama os discípulos de Éfeso para junto de si e os admoesta (ou encoraja, conforta). Ele se despede deles com uma saudação e, como havia planejado, viaja para a Macedônia (Atos 19:21). Lá ele escreve sua segunda carta aos coríntios depois de receber as boas notícias de Tito sobre a resposta dos coríntios à sua primeira carta. A viagem pela Macedônia é mencionada em poucas palavras, sem qualquer indicação do local ou do tempo de permanência.

Enquanto viajava, Paulo visitou e confortou os crentes várias vezes. Embora não haja menção de uma longa estadia, ele não falou palavras passageiras ou superficiais. Ele exortou ou encorajou os crentes intensamente e “com muitas palavras”. Ele os encorajou e os edificou em sua santíssima fé.

Em seguida, ele chega à Grécia sem indicar o local. Nos três meses em que Paulo está na Grécia, ele certamente terá visitado a igreja em Corinto. Durante esses três meses, ele escreve sua carta aos romanos em Corinto. Ele se abstém de viajar para a Síria. Ele gostaria de ter feito isso, pois poderia ter viajado para Jerusalém via Antioquia e, assim, executado a primeira parte de seu plano. No entanto, os judeus o obrigam a mudar sua rota. Eles planejam outro ataque contra ele. Isso faz com que ele retorne por terra pela Macedônia. Sem dúvida, ele foi guiado pelo Espírito, mas, ao mesmo

tempo, isso está totalmente de acordo com seus próprios pensamentos sobre como ele deveria reagir ao plano dos judeus de matá-lo.

Lucas então lista os companheiros de viagem de Paulo. São sete no total. A lista de nomes mostra o interesse de Deus pelas pessoas que viajaram com Paulo e apoiaram seu ministério. Eles vêm de diferentes lugares onde Paulo pregava o evangelho e ensinava os crentes.

Sópatro vem de Beréia, onde os crentes receberam a palavra que Paulo trouxe com toda a prontidão, examinando as Escrituras diariamente para ver se o que Paulo dizia estava de acordo com elas (Atos 17:11). Um crente tão disposto, amadurecido pelas Escrituras, terá sido um grande apoio para Paulo. Ele era filho de Pirro, que significa “ardente”. É possível que Sópatro, como Apolo, estivesse “ardendo em espírito”.

Aristarco e Segundo vêm de Tessalônica, onde Paulo pregava o Senhor Jesus como Senhor. Eles se colocam sob sua autoridade. Paulo chama Aristarco de seu “companheiro de prisão” e seu “cooperador” (Col 4:10; Flm 1:24). Segundo significa “segundo”, um nome que indica que ele ocupa o segundo lugar e que, para ele, o Senhor Jesus é o primeiro.

Gaio vem de Derbe, de onde também vem Timóteo. Tíquico e Trófimo são da província da Ásia; sabemos que Trófimo é de Éfeso (Atos 21:29). Paulo chama Tíquico de “irmão amado e fiel ministro do Senhor” e “conservo no Senhor” (Efé 6:21; Col 4:7). Trófimo teve de abandonar a viagem porque adoeceu, então Paulo teve de deixá-lo em Mileto (2Tim 4:20).

Esses sete homens seguiram para Trôade, onde esperaram por Paulo e Lucas. Podemos ver, pelo uso da palavra “nós”, que Lucas já havia se juntado a Paulo. Paulo e Lucas, que haviam ficado em Filipos (veja o “eles” em Atos 16:40 após o “nós” em Atos 16:10), partem de Filipos após os Dias dos Pães Ázimos.

A propósito, há um intervalo de tempo de cerca de seis a sete anos entre o momento em que Paulo deixa Filipos enquanto Lucas fica para trás e o momento aqui em que eles se encontram novamente. Lucas deve ter servido à igreja durante esse período. No entanto, ele não diz nada sobre isso. Ele fica completamente em segundo plano. Ele está preocupado com a obra de Deus por meio do vaso escolhido por Ele para esse propósito.

Lucas menciona que o tempo de partida de Filipos foi “depois dos dias dos pães ázimos”. Portanto, faltam apenas sete semanas para o dia de Pentecostes, o tempo em que Paulo quer estar em Jerusalém (verso 16). A pressa é necessária. Essa pressa não leva à pressa, porque depois que Paulo e Lucas chegam a Trôade, eles ficam lá por sete dias.

Atos 20:7 | O primeiro dia da semana

7 No primeiro dia da semana, ajuntando-se os discípulos para partir o pão, Paulo, que havia de partir no dia seguinte, falava com eles; e alargou a prática até à meia-noite.

A razão para a permanência de sete dias em Trôade parece não ser outra senão o fato de que eles queriam celebrar a Ceia do Senhor em Trôade (cf. Atos 21:4,5; 28:14). Eles fizeram isso na noite do primeiro dia da semana. A reunião foi à noite porque o domingo era um dia normal de trabalho. Assim, Paulo e Lucas chegaram na segunda-feira. Eles não organizam uma reunião na segunda ou na terça-feira para celebrar a Ceia do Senhor nesses dias porque estão com pressa, mas esperam até o domingo.

Esse é o dia apropriado para celebrar a Ceia do Senhor, em conexão com a igreja local (veja 1Cor 10:14-22; 11:17-34). Não há menção de uma celebração de comunhão com seus companheiros em algum lugar na estrada, sem uma igreja local. Assim, todos eles se reúnem no primeiro dia da semana com os crentes locais para partir o pão. Paulo ocupa o mesmo lugar que o mais jovem na fé.

O primeiro dia da semana é o dia da ressurreição do Senhor Jesus (Mat 28:1-10). Ele apareceu aos Seus discípulos duas vezes nesse dia, quando estavam reunidos (Joã 20:19,26). Esse dia também é significativamente chamado de “o dia do Senhor” (Apo 1:10). É o dia particularmente adequado para a celebração da “Ceia do Senhor” (1Cor 11:20).

Não deixa de ser significativo que em ambos os casos seja usada uma palavra em grego antes de “o Senhor” que só ocorre nesses dois casos e significa “pertencente ao Senhor”. Essa é certamente uma indicação clara de que a Ceia do Senhor deve ser celebrada no Dia do Senhor. Se levarmos em conta o que encontramos aqui entre os crentes de Trôade, onde se diz tão enfaticamente que eles se reúnem no primeiro dia da semana para par-

tir o pão, então temos indicações claras do dia em que os cristãos devem celebrar a Ceia do Senhor.

O fato de que nenhum mandamento é dado aqui, mas apenas indicações, está de acordo com o cristianismo. Procurar dias alternativos geralmente significa abandonar a posição cristã para voltar ao judaísmo, que está ligado à criação. Aqueles que fazem isso se esquecem de que o sétimo dia da criação abriu caminho para um novo começo a partir da morte. Em vez de descansar após uma semana de trabalho, a vida de um cristão começa com o descanso. Podemos expressar isso na Ceia do Senhor.

Depois de Paulo ter celebrado a Ceia do Senhor com os crentes, ele faz um discurso para a congregação. Portanto, o primeiro objetivo da reunião era partir o pão, embora o grande apóstolo Paulo estivesse no meio deles. Mas, depois que o pão foi partido, a congregação deu a Paulo a oportunidade de levar-lhes a palavra de Deus.

Atos 20:8-9 | A queda de Êutico

8 Havia muitas luzes no cenáculo onde estavam juntos. 9 E, estando um certo jovem, por nome Êutico, assentado numa janela, caiu do terceiro andar, tomado de um sono profundo que lhe sobreveio durante o extenso discurso de Paulo; e foi levantado morto.

Lucas então descreve um evento que tem um significado importante no ministério de Paulo. Vemos no que acontece com Êutico o perigo que ameaça cada igreja e cada crente individualmente. Lucas primeiro descreve a sala em que os crentes estavam reunidos. É um cenáculo, em algum lugar de um prédio comum no terceiro andar. Em nenhum momento as Escrituras mencionam um edifício especialmente consagrado onde os cristãos se reuniam.

Lucas não apenas diz que se trata de um cenáculo, mas também que há muitas lâmpadas ali. É possível que Lucas mencione isso para que possamos imaginar que o local era bastante quente, pois as lâmpadas a óleo não apenas fornecem luz, mas também calor. Talvez isso também tenha feito Êutico adormecer. Isso seria possível. Mas como os outros na sala poderiam suportar isso? Afinal de contas, Êutico estava sentado onde havia mais ar fresco. Sua posição até mesmo impediu que o ar fresco necessário fluísse

para o cenáculo, sem dúvida cheio. Portanto, parece que a menção das “muitas lâmpadas” significa mais do que apenas a indicação de uma causa natural para a queda de Êutico.

Sem dúvida, essa história contém uma lição para nós. Vemos que Êutico assumiu uma posição perigosa. Ele está sentado na janela, na interface entre dois mundos. Por um lado, há uma sala com muita luz e, por outro, ele ouve a agitação do mundo lá embaixo. A menção “tomado de um sono profundo” indica que ele não foi subitamente dominado pelo sono, mas que adormeceu lenta mas seguramente. Esse se tornou seu sono da morte, pois ele cai e é levantado morto. Ele precisa ser despertado de seu sono de morte. É isso que Paulo faz. Essa é uma ilustração do que Paulo pede aos crentes em Éfeso. Ele lhes diz para acordarem porque estão dormindo. Eles precisam acordar e se levantar dentre os mortos (Efé 5:14). Há tão pouca atividade com os que estão dormindo quanto com os mortos.

A discussão sobre se Êutico estava realmente morto ou se sua alma ainda estava nele não é tão importante. O ponto é que não há mais vida visível. Nós também podemos nos encontrar em tal situação se a luz que nos foi permitida não estiver associada a Cristo. A vida só se torna visível quando Cristo brilha sobre nós. Talvez devêssemos nos fazer a seguinte pergunta: O que realmente me mantém acordado? Os cristãos que cochilam quando a palestra dura uma hora, talvez sejam perfeitamente capazes de passar uma noite pescando, assistindo a eventos esportivos, a concertos ou a longos programas de televisão.

Êutico não estava nem dentro nem fora. Talvez ele tenha vindo para ver e ouvir o grande apóstolo falar. Ainda hoje, os jovens podem correr atrás de grandes nomes, mas geralmente não participam das reuniões. Talvez não tenha sido do seu agrado e ele gradualmente perdeu o interesse no que Paulo estava dizendo. Talvez ele tenha visto seus amigos ou pensado neles e nas coisas boas que poderia ter feito com eles enquanto estava aqui em uma sala abafada com pessoas abafadas ouvindo um sermão abafado.

Êutico teve de aprender, e cada um de nós deve aprender, que não é o pregador que torna a palavra valiosa, mas o estado da alma do ouvinte. Muitas vezes, uma queda, um ato pecaminoso, é o resultado de negligência em assuntos espirituais. Antes de Êutico cair da janela, ele primeiro

caiu no sono. Nós também podemos cair no sono quando ouvimos Paulo, ou seja, quando lemos suas cartas. O sono em que a igreja caiu e o estado de morte ou quase-morte resultante disso também se deve ao fato de as pessoas não prestarem mais atenção ao que Paulo disse.

Atos 20:10-12 | A restauração de Êutico

10 Paulo, porém, descendo, inclinou-se sobre ele e, abraçando-o, disse: Não vos perturbeis, que a sua alma nele está. 11 E, subindo, e partindo o pão, e comendo, ainda lhes falou largamente até à alvorada; e, assim, partiu. 12 E levaram vivo o jovem, e ficaram não pouco consolados.

A maneira como Paulo lida com Êutico é impressionante e instrutiva. Em primeiro lugar, Paulo desce até ele. Ele desce ao nível do jovem caído e, assim, revela a verdadeira atitude de um pastor. Em segundo lugar, ele se lança sobre ele. Portanto, ele não dirige todos os tipos de censuras ao jovem do terceiro andar, de cima, por exemplo, que ele não deveria ter sido tão tolo a ponto de se sentar na janela naquele lugar perigoso. Ele não o repreende por sua própria culpa. Nada disso teria sentido, porque Êutico não ouviu nada mesmo. Não faz sentido confrontar alguém que tenha se desviado dessa maneira. É importante descer ao nível dele e depois falar com ele. Ao lançar-se sobre o jovem, ele se torna um com ele, por assim dizer (cf. 1Rei 17:21,22; 2Rei 4:34). Em terceiro lugar, Paulo abraça o jovem. Em vez de rejeitá-lo, ele o deixa sentir seu amor e aceitação.

Dessa forma, podemos dividir os três passos que Paulo desce em três passos que são necessários para trazer alguém de volta à comunhão com Cristo e com os crentes:

1. descer ao nível dele.
2. lançar-se sobre ele, ou seja, tornar-se um com suas ações e, a partir dessa atitude, apresentar a ele o que ele fez.
3. abraçá-lo, ou seja, conquistá-lo em amor para Cristo, contra quem ele pecou.

Paulo diz aos outros que não se preocupem. Ficar chateado com alguém que se desviou não ajuda em nada. É importante apoiar o pastoreio com oração fiel, em vez de ficar chateado com a queda que aconteceu com al-

guém. Por meio do Espírito, Paulo recebe o poder de restaurar as funções da vida. A conexão entre a alma e o corpo é restaurada.

Após a restauração de Êutico, Paulo volta para o andar de cima. O evento não o chocou nem o irritou. Ele provavelmente ficou com fome e, portanto, comeu pão. Depois disso, ele conversa com eles por um longo tempo, pois sabe que não os verá novamente na Terra. Pela manhã, chega a hora, não de ir para a cama, mas de partir. Paulo é um homem de energia incomparável.

Ele deixa os crentes em Trôade com uma grande quantidade de ensinamentos e com grande consolo pela restauração de Êutico. As palavras e o que aconteceu com Êutico terão servido como um poderoso estímulo para a vida de fé da igreja em Trôade por muito tempo.

Atos 20:13-16 | De Trôade a Mileto

13 Nós, porém, subindo ao navio, navegamos até Assôs, onde devíamos receber a Paulo, porque assim o ordenara, indo ele por terra. 14 E, logo que se ajuntou conosco em Assôs, o recebemos e fomos a Mitilene. 15 E, navegando dali, chegamos no dia seguinte defronte de Quios, no outro, aportamos a Samos e, ficando em Trogílio, chegamos no dia seguinte a Mileto. 16 Porque já Paulo tinha determinado passar adiante de Éfeso, para não gastar tempo na Ásia. Apressava-se, pois, para estar, se lhe fosse possível, em Jerusalém no dia de Pentecostes.

O grupo parte de Trôade no início da manhã de segunda-feira. O próximo destino é Assôs. O destino deve ser alcançado de navio. No entanto, Paulo quer caminhar até Assôs, a cerca de 40 quilômetros de Trôade. O fato de Paulo empreender essa caminhada depois de uma noite sem dormir deixa claro, mais uma vez, que ele possuía grande força de vontade, além de grande força física.

Lucas não menciona por que Paulo queria caminhar. No entanto, podemos imaginar que ele queria ficar sozinho para conversar com o Senhor sobre seu trabalho. Ele queria ouvi-Lo e estar em Sua presença sem a presença de pessoas que – embora não intencionalmente – muitas vezes causam “ruídos perturbadores” ao lidar com o Senhor. Todo servo precisa desse tempo de vez em quando para que possa (re)ver seu trabalho e a responsabilidade associada a ele como Deus o vê.

Em Assôs, Paulo se junta a eles novamente. Lucas e os outros o recebem a bordo. Eles devem ter lhe dado uma recepção calorosa. Talvez tenham conversado entre si durante o caminho sobre o motivo pelo qual Paulo estava viajando a pé. Afinal de contas, ele estava com muita pressa. Mas parece que eles não lhe fizeram nenhuma pergunta e o aceitaram como ele era. Eles confiam que ele seguirá seu caminho com o Senhor. Essa confiança é de grande importância em qualquer situação em que alguém esteja trilhando um caminho diferente do nosso. Se soubermos que alguém está caminhando com o Senhor, é importante dar a essa pessoa uma recepção calorosa quando ela vier até nós.

De Assôs, o grupo viaja para Mitilene. Um dia depois, eles chegam às alturas de Quios. Outro dia depois, atracam em Samos, onde têm uma curta estadia em Trogílio. Depois de mais um dia, chegam a um dos portos de Mileto. Eles haviam passado por Éfeso. Paulo estava ciente disso. Ele sabe que atracar em Éfeso significaria uma estadia mais longa. Seu plano estava traçado e o tempo urgia.

Atos 20:17 | Paulo chama os anciãos de Éfeso para junto de si

| *17 De Mileto, mandou a Éfeso chamar os anciãos da igreja.*

Embora Paulo não tenha ido a Éfeso devido a restrições de tempo, ele ainda queria ter contato com a igreja. Não era possível chamar toda a igreja até ele, mas era possível chamar os líderes da igreja. É por isso que ele ficou em Mileto para chamar os anciãos da igreja de Éfeso para junto de si.

Seu discurso para eles deixa claro que ele fez isso com uma intenção especial e não simplesmente por emoção. Seus dois primeiros discursos foram dirigidos primeiramente aos judeus (Atos 13:15-41) e, em seguida, aos gentios (Atos 17:22-31). Aqui ele se dirige aos anciãos da igreja em Éfeso e, portanto, a toda a igreja de lá e, além deles, à igreja mundial.

Os presbíteros são sempre mencionados no plural e estão sempre associados à igreja local. Portanto, não existe um ancião pastor ou um ancião mestre. Anciãos e bispos se referem às mesmas pessoas. Isso também pode ser visto no verso 28, onde Paulo chama o mesmo grupo de anciãos de bispos (cf. Tit 1:5,7).

Lucas dedica muito espaço a esse discurso porque ele não é importante apenas para os anciãos de Éfeso e a igreja de lá, mas para toda a igreja cristã. Nele encontramos um resumo do ministério de Paulo. Não se trata tanto do impacto externo de seu ministério e dos resultados que ele produziu para os outros. Trata-se, acima de tudo, do lado interior de seu ministério, o que ele mesmo experimentou e viveu, a luta e os exercícios da alma que estavam ligados a ele, as lágrimas e as tristezas e a dedicação com que ele desempenhou seu ministério. Nesse pequeno grupo de líderes, ele se sente livre para expressar seus sentimentos e compartilhá-los com eles como amigos.

Seu discurso também tem um alcance profético. Ele fala sobre qual será o efeito de seu ministério na história da igreja cristã quando ele e os outros apóstolos tiverem partido.

Em seu discurso, ele olha para o passado (versos 18-21), olha para o presente (versos 22-27) e olha para o futuro (versos 28-31). Ele fala sobre seu ministério como evangelista (versos 21-24), como mestre (versos 25-27), como profeta (versos 29-30) e como pastor (versos 31-35). Como pastor, ele tem em mente todo o rebanho e menciona particularmente seu cuidado com os enfermos (verso 35).

Podemos dividir seu discurso em quatro seções, com as palavras “agora (logo)” marcando as diferentes seções:

1. o exemplo do apóstolo (versos 17-21)
2. o caminho do apóstolo (versos 22-24)
3. os acontecimentos após sua partida (versos 25-31)
4. ele os entrega a Deus e à sua graça (versos 32-35).

Atos 20:18-21 | O ministério de Paulo entre os efésios

18 E, logo que chegaram junto dele, disse-lhes: Vós bem sabeis, desde o primeiro dia em que entrei na Ásia, como em todo esse tempo me portei no meio de vós, 19 servindo ao Senhor com toda a humildade e com muitas lágrimas e tentações que, pelas ciladas dos judeus, me sobrevieram; 20 como nada, que útil seja, deixei de vos anunciar e ensinar publicamente e pelas casas, 21 testificando,

tanto aos judeus como aos gregos, a conversão a Deus e a fé em nosso Senhor Jesus Cristo.

Depois que os anciãos chegaram a ele, Paulo começa seu impressionante discurso de despedida. Podemos compará-lo com os discursos de Josué e Samuel em suas despedidas (Jos 23:1-16; 24:1-28; 1Sam 12:1-24). Seu discurso mostra que ele não está pedindo que eles se submetam à sua autoridade ou à de um possível sucessor, mas está pedindo que sigam seu exemplo.

Ele começa seu discurso lembrando os anciãos de seu primeiro encontro. Ele não veio até eles para pedir que fizessem um tour pela cidade e lhe mostrassem todos os tipos de lugares interessantes. Ele não precisava de tempo para se familiarizar, investigar coisas ou criar diplomaticamente uma certa atmosfera para sua mensagem. Ele estava dedicado à sua tarefa desde o primeiro momento. Eles tinham visto isso. Seu comportamento entre eles era transparente. Não havia necessidade de se perguntar o que ele estava fazendo. Ele estava “com eles”, portanto, era um deles e não um pregador que estava acima deles.

Antes de tudo, ele os lembra de sua atitude de servo. Em seguida, ele lhes dá uma visão geral de seu ministério: ele deu testemunho do arrependimento e da fé (verso 21), depois deu testemunho do evangelho da graça de Deus (verso 24); pregou o reino de Deus (verso 25) e proclamou todo o conselho de Deus (verso 27). Mas ele começa com uma referência à sua atitude. Não se trata apenas do que alguém diz, mas também de quem o diz e como o diz. Ele fez isso com humildade. Assim, ele serviu aos crentes, mas aqui ele diz que serviu ao Senhor.

O serviço aos crentes realmente significa serviço ao Senhor, e Ele recompensará esse serviço (Mat 25:40). Ele serviu com humildade e não como uma alteza célebre que exigia que os outros o servissem. Ele é um verdadeiro seguidor de seu Senhor, de quem aprendeu essa humildade (Mat 11:29).

Essa humildade é expressa de maneira especial pelas lágrimas que vieram à tona durante seu ministério. Ele não serviu com frieza, de cima para baixo ou à distância. Suas lágrimas demonstram seu interesse pelos outros. Ele não se envergonhava de suas lágrimas (versos 31,37; 2Cor 2:4; Flp

3:18). Deus conta essas lágrimas (Slm 56:8) e logo enxugaria toda lágrima de seus olhos (Apo 7:17).

Essa humildade e essas lágrimas não eram um sinal de fraqueza. Elas foram acompanhadas de provações por meio de ataques dos judeus contra sua vida. Qualquer pessoa que permaneça firme diante disso não é um fraco, mas um homem de coragem, força e determinação.

Ele era guiado pelo que era útil para os crentes e não por suas próprias preferências. Ele sempre se preocupava com o Senhor e, como o interesse do Senhor pelos outros sempre está em primeiro plano, esse também era o caso de Paulo. Como ele buscava o que era útil para os outros, ele não se retinha. Ele proclamou tudo o que lhe foi confiado para a igreja. Se ele tivesse retido algo, isso significaria que ele era infiel àquele que o havia enviado e que não compartilhava os sentimentos do Senhor Jesus para sua igreja. Entretanto, Paulo ministrou aos crentes tanto em público, ou seja, na sinagoga e na escola de Tirano, quanto em um círculo menor, nos lares.

A primeira parte de seu ministério consistia em testemunhar o arrependimento a Deus, e a fé no Senhor Jesus estava intimamente ligada a isso. Ele deu esse testemunho – a base de tudo – a judeus e gregos (primeiro aos judeus). Conversão a Deus significa: alguém se vê na presença de Deus, e isso o leva a um completo julgamento de si mesmo. Na presença de Deus, tudo é julgado como é aos olhos de Deus. Não nos justificamos mais e não queremos mais nos justificar.

Isso é seguido pela confissão dos pecados perante Deus por meio de uma consciência que está ciente da presença de Deus (Heb 4:12). Justificamos Deus condenando a nós mesmos, mas, ao mesmo tempo, confiamos em Sua graça. Pois Aquele que é luz também é amor. Isso nos leva à fé no Senhor Jesus.

A fé no Senhor Jesus significa que confiamos em Sua obra, por meio da qual nossos pecados são removidos, porque Ele morreu por nossos pecados. Depois disso, Ele se assentou à direita da Majestade nas alturas (Heb 1:3). A fé é direcionada exclusivamente à Sua pessoa. Ele também é a nossa justiça diante de Deus. Nele nos tornamos aceitáveis (Efé 1:6).

Quando ocorre uma conversão genuína a Ele na presença de Deus, a confiança e a paz surgem por meio da fé no Senhor Jesus. A conversão e a fé

são ambas necessárias e não podem ser separadas uma da outra. Somente quando ambos os aspectos estão presentes é que alguém se torna um filho de Deus.

Atos 20:22-24 | O evangelho da graça de Deus

22 E, agora, eis que, ligado eu pelo espírito, vou para Jerusalém, não sabendo o que lá me há de acontecer, 23 senão o que o Espírito Santo, de cidade em cidade, me revela, dizendo que me esperam prisões e tribulações. 24 Mas em nada tenho a minha vida por preciosa, contanto que cumpra com alegria a minha carreira e o ministério que recebi do Senhor Jesus, para dar testemunho do evangelho da graça de Deus.

Em seguida, Paulo revela aos anciãos o seu destino e o desejo que sente de ir para lá. Há algum tempo, ele tem sentido um forte impulso interior para ir a Jerusalém. Ele diz que está preso em seu espírito (ou seja, em seu próprio espírito humano e não no Espírito Santo); isso pode indicar que foi um compromisso por amor ao seu povo que não teve sua origem diretamente em uma comissão de Deus, embora também não precisasse necessariamente ser contra a vontade de Deus. É semelhante ao desejo que ele expressou de ser removido de Cristo por meio de uma maldição por causa de seus irmãos segundo a carne (Rom 9:3).

Esses desejos de Paulo não têm nada a ver com a carne pecaminosa; no máximo, eles poderiam ser um zelo com os motivos mais elevados. Se isso parece fraqueza, então não há egoísmo algum. O único motivo é seu amor ardente por seu próprio povo. Isso o leva à cova dos leões, por assim dizer.

Paulo é, na verdade, um escravo (o que está contido na palavra “ligado”) de sua própria mente. Ele é empurrado de tal forma que nenhum outro caminho se abre para ele. Embora seja possível que Paulo não esteja agindo sob a orientação direta do Espírito Santo, mas por causa da fraqueza de seu próprio espírito em relação ao seu amor por seus parentes segundo a carne, o Senhor, no entanto, usará isso para a honra de Seu nome. Paulo não está sujeito ao autoengano.

Também reconhecemos isso pelo que o Espírito Santo testifica dele. O testemunho do Espírito poderia ter sido um motivo para Paulo procurar uma saída, mas ele não o fez. Ele sabia o que o Espírito Santo estava lhe

dizendo e isso poderia significar que ele não precisava ir. O Espírito não lhe disse diretamente para não ir, mas apenas lhe disse o que esperar.

Paulo escolheu deliberadamente o que o aguardava por amor ao Senhor Jesus e ao seu povo terreno, a fim de salvar alguns de seus membros. Ele sabia que a mão de Deus estava nisso. E sabemos que Deus usou sua prisão para que ele pudesse escrever cartas com as mais elevadas verdades cristãs.

Todo o sofrimento não podia impedir Paulo de fazer a vontade de Deus. Ele havia aprendido com seu Mestre como o sofrimento serve para glorificar a Deus em um mundo cheio de pecado e miséria. Paulo trazia as marcas desses sofrimentos em seu corpo (Gal 6:17).

Paulo sabia fazer contas. Ele calculou o valor de sua vida quando a vivia para si mesmo, por um lado, e o valor de sua vida a serviço do Senhor, por outro. Esse cálculo coloca tudo na sombra diante do Senhor Jesus e da comissão que Ele lhe deu (cf. Flp 3:8,11). Ele via sua vida como um presente de Deus para ele, com quem Deus tinha um plano: um ministério que ele queria cumprir completamente. Ele completaria seu curso (2Tim 4:6,7). Para Paulo, isso significa que, no cumprimento de sua carreira, ele também deve testemunhar o evangelho da graça de Deus ao seu próprio povo.

O evangelho da graça de Deus é o evangelho completo. A graça de Deus abrange mais do que a conversão e a fé. Com a conversão e a fé, a ênfase está mais na necessidade do pecador. No evangelho da graça de Deus, a ênfase está no lado de Deus, em tudo o que Ele fez para tornar Sua graça conhecida. Encontramos esse evangelho na carta aos Romanos. Lá aprendemos, entre outras coisas, que o crente está na graça de Deus e que ele é justificado somente pela fé, com base na morte e ressurreição do Senhor Jesus (Rom 5:1,2).

Atos 20:25-27 | O reino e o conselho de Deus

25 E, agora, na verdade, sei que todos vós, por quem passei pregando o Reino de Deus, não vereis mais o meu rosto. 26 Portanto, no dia de hoje, vos protesto que estou limpo do sangue de todos; 27 porque nunca deixei de vos anunciar todo o conselho de Deus.

Paulo anuncia sua partida. Será uma despedida final. Ele sabe que eles não se verão novamente. No contexto desse anúncio, ele lembra aos anciãos que esteve entre eles para pregar o reino de Deus. O reino de Deus é mencionado aqui pela quinta vez – ele é mencionado um total de sete vezes no livro de Atos (Atos 1:3; 8:12; 14:22; 19:8; 20:25; 28:23,31).

Paulo não apenas falou sobre o reino em sua forma gloriosa futura, como será quando o Senhor Jesus reinar na Terra. Ele também proclamou o significado do reino neste momento, quando ele ainda não é visível, mas está presente (Col 1:13; Rom 14:17). Nesse reino, os crentes são súditos do Senhor Jesus. A ideia de domínio e serviço está associada ao reino. Os crentes reconhecem o Senhor Jesus como seu Senhor e O servem. O reino tem a ver com o nosso reconhecimento do senhorio do Senhor Jesus na vida diária, em todas as áreas.

Já que eles não verão mais o Seu rosto (“portanto”), Ele testifica nesse dia que está limpo do sangue de todos. Ele já havia dito anteriormente aos incrédulos que estava limpo do sangue deles (Atos 18:6); aqui ele diz isso aos crentes. Ele sabia que não era culpado em relação a eles. Afinal de contas, ele havia lhes dito tudo o que precisava dizer. A palavra “porque” indica a razão pela qual ele estava limpo do sangue de todos, e não apenas em relação aos anciãos. Ele não reteve nada de todo o conselho de Deus.

A proclamação do conselho de Deus é a quarta parte de seu ministério. Mais tarde, ele explicaria o conselho, especialmente nas cartas às igrejas de Colossos e Éfeso. É o conselho de Deus que se estende de eternidade a eternidade. Seu ministério em vista do conselho de Deus chega ao fim, porque ele comunicou tudo o que tinha para comunicar. Depois do que lhe foi confiado, nenhuma outra coisa nova seria revelada (Col 1:25).

Atos 20:28-31 | Advertências

28 Olhai, pois, por vós e por todo o rebanho sobre que o Espírito Santo vos constituiu bispos, para apascentardes a igreja de Deus, que ele resgatou com seu próprio sangue. 29 Porque eu sei isto: que, depois da minha partida, entrarão no meio de vós lobos cruéis, que não perdoarão o rebanho. 30 E que, dentre vós mesmos, se levantarão homens que falarão coisas perversas, para atraírem

os discípulos após si. 31 Portanto, vigiai, lembrando-vos de que, durante três anos, não cessei, noite e dia, de admoestar, com lágrimas, a cada um de vós.

Ele já respondeu por seus motivos e por seu ministério. Agora ele se dirige aos anciãos. Ele os convida a prestar atenção, antes de tudo, em sua própria disposição espiritual. Só então, se isso estiver em ordem, eles também poderão cuidar do rebanho a fim de dar-lhes o que é necessário (cf. 1Tim 4:16). Como já mencionado, Paulo se dirige a esse grupo de presbíteros como supervisores. Ele também chama a atenção deles para a origem de seu ministério. Ninguém menos que o Espírito Santo lhes deu esse lugar na igreja em Éfeso.

Não há menção de que os anciãos tenham sido nomeados pela igreja ou por uma ou outra organização humana. O Espírito Santo os nomeia. Se algum homem desempenha um papel nesse processo, é o apóstolo ou alguém indicado por ele. Isso pode ser visto nas passagens em que a nomeação de anciãos é mencionada (Atos 14:23; Tit 1:5). Como não há mais apóstolos, a nomeação por homens está fora de questão.

Como já foi mencionado, anciãos e bispos são designações para as mesmas pessoas. Isso era tratado de forma diferente na igreja. A palavra grega para “ancião” é presbíteros. Nossa palavra “sacerdote” é derivada dessa palavra. A palavra grega para “bispo” é episkopos. A palavra “bispo” foi criada a partir dela. No início da igreja cristã, foi feita uma distinção entre ancião e bispo. Entretanto, essa distinção não existe no Novo Testamento. Trata-se das mesmas pessoas com uma ênfase diferente. No caso dos anciãos, trata-se mais da idade, da sabedoria e da experiência de vida. Os bispos estão mais preocupados com sua tarefa e com o cuidado do rebanho.

Os anciãos ou bispos realizam seu trabalho na igreja local. A igreja local é uma representação em miniatura da igreja mundial. A igreja inteira é a igreja de Deus. Ele a adquiriu por meio do sangue de seu próprio Filho. Portanto, seu próprio sangue também não é o sangue de Deus. Isso é ir longe demais, pois em nenhum lugar das Escrituras está escrito isso. Em toda parte das Escrituras, o sangue está ligado ao Senhor Jesus, o Filho de Deus, que se tornou homem para poder dar seu sangue como preço de compra pela igreja.

É a igreja de Deus e não a dos anciãos ou de qualquer homem. Isso pode ser feito inconscientemente por alguns, mas qualquer líder que fale de “minha igreja” está sendo muito presunçoso em relação aos direitos de Deus. Somente o Senhor Jesus tem o direito de dizer “minha igreja” (Mat 16:18). Nenhum homem adquiriu a igreja. O Senhor Jesus fez isso. Portanto, é muito inapropriado que uma pessoa fale de sua igreja.

Paulo então fala de um futuro muito próximo. Ele fala sobre o tempo “depois da minha partida”. Primeiro, ele diz que lobos maus virão de fora (cf. Mat 7:15; Joã 10:12) para fazer seu trabalho destrutivo na igreja. Eles podem entrar porque os pastores não permaneceram vigilantes. Temos um exemplo dessas pessoas na segunda carta de João, onde também encontramos a instrução de que esses lobos maus devem ter seu acesso negado (2Joã 1:10,11).

Em segundo lugar – e isso é ainda pior – surgirão pessoas no meio da igreja que distorcem a verdade. Elas fazem isso para se tornarem o centro das atenções em vez de Cristo. Os falsos mestres não apenas trazem falsos ensinamentos, mas também buscam seguidores. Eles se apresentam como líderes de cultos. Geralmente são mais difíceis de reconhecer do que os lobos maus. Temos um exemplo revelador desses perigos internos na terceira carta de João, na pessoa de Diótrefes (3Joã 1:9,10).

Em relação ao que está prestes a acontecer, Paulo pede vigilância. Ele os lembra de sua responsabilidade. Eles deveriam se lembrar do que ele lhes havia dito para fazer a fim de mantê-los no caminho certo e como ele havia feito isso. Dia e noite (Gên 31:38-40; 1Sam 25:16), ele esteve constantemente ocupado com isso durante três anos. As lágrimas corriam constantemente, pois ele estava muito preocupado com seus amados efésios. Sua mensagem foi acompanhada de lágrimas. Essas palavras devem chegar ao seu destino em corações cheios de preocupação genuína com a igreja.

Atos 20:32 | Deus e a palavra de sua graça

32 Agora, pois, irmãos, encomendo-vos a Deus e à palavra da sua graça; a ele, que é poderoso para vos edificar e dar herança entre todos os santificados.

Paulo falou sobre seu ministério, tanto em termos de sua atitude e comportamento quanto do conteúdo. Ele também lhes apontou a responsabi-

lidade deles em vista dos acontecimentos futuros. Agora ele os entrega a Deus e à sua graça, conforme expressa em sua palavra. Paulo e os outros apóstolos não colocaram sua autoridade em mãos humanas. Em nenhum lugar há qualquer menção à sucessão apostólica. O que permanece quando os apóstolos não estão mais lá é Deus e a palavra de sua graça.

A palavra sempre permaneceu. O crente pode obter força dessa fonte em todos os momentos para conhecer os pensamentos de Deus sobre o Senhor Jesus e viver para a honra dele. Mas os ataques com o objetivo de impedir que o povo de Deus extraia sua força dela também permaneceram. São feitas tentativas de acrescentar novas revelações à Palavra, tanto por meio de tradições quanto por meio de pessoas que dizem que Deus lhes mostrou certas coisas. Na história da igreja, tradições determinaram a interpretação desde o início. Hoje, a autoridade da Palavra é minada e criticada.

Só poderemos nos defender de todos esses ataques se reconhecermos a autoridade completa da Palavra sobre nossa vida e estivermos cientes de que a graça de Deus quer nos ajudar nisso. Então, a Palavra não apenas oferece proteção, mas também nos edifica, nos estabelece, nos conforta, nos encoraja e nos leva à herança. Já participamos da herança dos santos na luz (Col 1:12) e participaremos dela de forma visível quando reinarmos com Cristo (Efé 1:10-14).

“Entre todos os santificados” significa: no meio de todos os santificados, junto com eles. Os santificados são um grupo de pessoas que Deus separou para possuir essa herança. É um grande privilégio fazer parte dos santificados. Devemos isso exclusivamente a Deus e à palavra de Sua graça.

Atos 20:33-35 | Paulo aponta para o seu exemplo

33 De ninguém cobicei a prata, nem o ouro, nem a veste. 34 Vós mesmos sabeis que, para o que me era necessário, a mim e aos que estão comigo, estas mãos me serviram. 35 Tenho-vos mostrado em tudo que, trabalhando assim, é necessário auxiliar os enfermos e recordar as palavras do Senhor Jesus, que disse: Mais bem-aventurada coisa é dar do que receber.

Paulo não apenas lhes deixou seu ensino, mas também seu exemplo. O ensino e a prática andam juntos. A transmissão da doutrina deve ser acompanhada de um bom exemplo. Para alguns líderes cristãos, o dinheiro é

a força motriz de seu trabalho. Para eles, a religião é uma fonte de renda (1Tim 6:5). Esse não era o caso de Paulo. Ele queria ser completamente independente deles. Ele também não se importava em simplesmente trabalhar com suas próprias mãos. Ele mostrou aos anciãos suas mãos sulcadas e calejadas. Ele não havia trabalhado apenas para si mesmo, mas também para aqueles que estavam com ele.

Que compromisso sem reservas esse homem demonstrou, e tudo para o bem dos outros. Acima de tudo, ele cuidava dos pobres. Não devemos nos aproveitar dos fracos, mas sim defendê-los. Com que facilidade preferimos defender as pessoas de quem gostamos. Ou intercedemos por causa da vantagem que isso nos traz. Então não somos como o Senhor Jesus. Paulo queria ser como o Senhor Jesus, e é isso que ele apresenta aos anciãos e a nós.

Paulo cita uma palavra do Senhor Jesus para enfatizar a importância do trabalho. Quando lemos os Evangelhos, não nos deparamos com essa palavra. Mas será que essa palavra não nos mostra a atitude básica da vida do Senhor e não está de acordo com o que Ele ensinou sobre dar (Luc 14:14)?

Atos 20:36-38 | A despedida

36 E, havendo dito isto, pôs-se de joelhos e orou com todos eles. 37 E levantou-se um grande pranto entre todos e, lançando-se ao pescoço de Paulo, o beijavam, 38 entristecendo-se muito, principalmente pela palavra que dissera, que não veriam mais o seu rosto. E acompanharam-no até ao navio.

Paulo não esperava uma resposta. Ele falou de seu coração àqueles que amava. Agora tudo o que resta é colocar suas palavras em ação e recomendá-los a Deus com base na palavra de sua graça. É por isso que ele se ajoelha e ora com todos eles. Não é dito se eles também oraram. Mas lemos que eles choraram muito. O que Paulo disse causou uma profunda impressão neles. Isso certamente também é uma consequência das palavras que ele lhes disse com relação aos eventos futuros. O que mais os entristeceu, no entanto, foi o fato de Paulo ter dito que não o veriam novamente.

Por meio dessa observação profunda, o Espírito Santo talvez esteja tentando nos dizer que eles não entenderam totalmente a seriedade do que Paulo lhes disse. Caso contrário, eles não teriam chorado mais pelos perigos imi-

mentes que Paulo havia anunciado do que por sua partida? Sabemos que a igreja já estava ameaçada por grandes perigos naquela época (1Tim 1:3,4; cf. Apo 2:1-5).

Seja como for, eles o amavam muito. A tristeza deles com sua partida era sincera. Suas expressões de amor eram emocionantes. Se nós mesmos já passamos pela experiência de ver alguém que significava muito para nós não estar mais presente, e a impressão que isso causou em nós, então podemos imaginar que a despedida final dele os atingiu duramente. Depois de uma cena comovente de choro, abraços e beijos, eles levam Paulo para o navio.

Atos 21

Atos 21:1-3 | De Mileto a Tiro

1 E aconteceu que, separando-nos deles, navegamos e fomos correndo caminho direito e chegamos a Cós e, no dia seguinte, a Rodes, de onde passamos a Pátara. 2 Achando um navio que ia para a Fenícia, embarcamos nele e partimos. 3 E, indo já à vista de Chipre, deixando-a à esquerda, navegamos para a Síria e chegamos a Tiro; porque o navio havia de ser descarregado ali.

Depois de seu discurso urgente aos anciãos de Éfeso, Paulo tem de seguir em frente novamente. Os anciãos não o deixam ir embora. Como eles gostariam de tê-lo mantido com eles. Paulo e seus companheiros têm de se separar. Fica claro o forte vínculo que a afeição cristã representa.

O que se segue é um relato de viagem comum. Deus está interessado em tudo o que seu servo faz, até mesmo nas coisas que não são espetaculares. O Senhor Jesus também passou a maior parte de Sua vida escondido dos olhos dos homens. Durante todo esse tempo, Ele foi um favor para Seu Pai. Temos permissão para fazer as coisas mais comuns para a glória de Deus, como comer e beber (1Cor 10:31).

Ao mesmo tempo, também vemos a mão do Senhor no relato da viagem. Lemos que eles encontraram um navio para levá-los ao seu destino. Paulo também não teria ficado grato por um vento favorável e uma travessia tranquila?

O que o apóstolo deve ter pensado quando avistaram Chipre? Isso também não foi escrito em vão. Isso não o teria feito lembrar de Barnabé e Marcos (Atos 13:4; 15:39)? Tiro também pode tê-lo lembrado de tempos anteriores, da época em que o Senhor Jesus estava perto dali (Mat 15:21).

A permanência ali é tão planejada pelo Senhor quanto a descoberta do navio no verso 2. O motivo da permanência é bastante prático, pois o navio precisava descarregar uma carga. A orientação do Senhor geralmente acontece de forma bastante natural. A questão é se estamos atentos a isso.

Atos 21:4-7 | Em Tiro e Ptolemaida

4 E, achando discípulos, ficamos ali sete dias; e eles, pelo Espírito, diziam a Paulo que não subisse a Jerusalém. 5 E, havendo passado ali aqueles dias, saímos e seguimos nosso caminho, acompanhando-nos todos, cada um com sua mulher e filhos até fora da cidade; e, postos de joelhos na praia, oramos. 6 E, saudando-nos uns aos outros, subimos ao navio; e eles voltaram para casa. 7 E nós, concluída a navegação de Tiro, viemos a Ptolemaida; e, havendo saudado os irmãos, ficamos com eles um dia.

Para Paulo e seus companheiros, a estadia em Tiro oferece uma boa oportunidade, não para um passeio pela cidade, mas para procurar os discípulos. Depois de encontrá-los, eles podem ficar lá por sete dias. Assim como em Trôade (Atos 20:6,7), isso só pode significar que eles também queriam celebrar a Ceia do Senhor em Tiro no primeiro dia da semana. Paulo deve ter ensinado a palavra de Deus ali todos os dias.

Mas os discípulos não apenas ouviram Paulo, eles também tinham uma mensagem para ele. Eles lhe disseram que ele não deveria subir a Jerusalém. Essa é uma mensagem que Lucas nos diz ter sido dada pelo Espírito. Já lemos anteriormente como o Espírito Santo tratou com Paulo a respeito de sua intenção de subir a Jerusalém (Atos 20:23). O que lemos aqui vai além do que lemos no capítulo 20:23. Lá, parece que o Espírito Santo queria levar Paulo a pensar sobre seu plano de ir a Jerusalém. Aqui, no entanto, não se trata mais de algo para se pensar, mas de uma clara advertência para não ir.

O melhor caminho para Paulo teria sido não ir. No entanto, o caminho do Senhor é completado quando Paulo sobe a Jerusalém. Ele era o apóstolo das nações, mas não podia negar seu amor por seu povo. Esse amor era tão grande que ele se desviou do caminho da fé e escolheu o caminho do amor natural.

É difícil dizer que um homem como Paulo agiu conscientemente contra a vontade do Espírito Santo. Em minha opinião, também não se pode falar em desobediência direta. Paulo tinha motivos completamente altruístas. Não se trata de uma questão de preto ou branco, mas de uma escolha entre o que é bom e o que é melhor. Não cabe a nós criticar o apóstolo.

Lemos que os discípulos disseram a Paulo “pelo Espírito” que ele não deveria subir, mas eles não disseram: “Isso é o que o Espírito Santo diz”. Mais tarde, Ágabo fará isso, não como uma advertência, mas como uma profecia (verso 11). Quantas vezes ficamos atentos ao fato de que outros nos disseram algo “pelo Espírito Santo”?

Em sua fraqueza, em seu amor por seu povo, ele estava disposto a ir a Jerusalém, apesar das tribulações e dos laços que o aguardavam lá. Ele está até mesmo preparado para morrer por isso, como ele diz mais tarde (verso 13). Não é que ele tenha jogado ao vento uma ordem explícita do Espírito Santo, mas seguiu seu amor natural por seu povo. Tampouco foi a arrogância que o fez não saber o que estava fazendo quando não deu atenção aos avisos sobre tribulação e gangues. Ele sabia muito bem dessas coisas.

Além disso, depois que Paulo foi preso em Jerusalém, o Senhor o encorajou com a incumbência de que, assim como ele havia testemunhado Dele em Jerusalém, ele também deveria testemunhar Dele em Roma (Atos 23:11). O Senhor não o repreende. Como poderíamos, portanto, condenar as ações de Paulo ou ter algo contra ele?

Podemos ver que seu desejo de ir a Jerusalém não estava de acordo com a fé que ele pregava entre as nações. Deus não o havia enviado a Jerusalém. Também podemos ver que ele não estava agindo no auge da fé quando se submeteu a uma ordenança de purificação para satisfazer seus irmãos segundo a carne. Ele pregava em toda parte que o crente não está sob a lei. Entretanto, seria desejável que todos os cristãos tivessem o mesmo desejo de Paulo de levar o evangelho a seus irmãos. É de se temer que muitos não cheguem nem mesmo a esse nível em relação às pessoas com as quais estão ligados por laços naturais.

Os dias em que ele está com os discípulos em Tiro estão chegando ao fim. A viagem precisa continuar. Todos os discípulos o acompanham com suas esposas e filhos até a cidade. As crianças também estão lá para se despedir do “tio” Paulo. O apóstolo certamente demonstrou seu interesse por elas. Com isso, ele seguiu seu Senhor, que também se interessava por elas (Mat 19:13-15).

Todo o grupo se ajoelha na praia e ora. Isso deve ter impressionado as pessoas que podem ter visto o fato. As pessoas também os terão visto se

despedindo uns dos outros. É nesse momento que a nova vida se torna visível. Por um lado, há o amor a Deus e, por outro, o amor mútuo. Um não é possível sem o outro. Esse belo testemunho de vida nova pode ser visto publicamente na praia.

Depois de se separarem, eles seguem caminhos diferentes. Paulo e seus companheiros embarcam no navio para continuar sua viagem a Jerusalém. Os outros vão para casa para transmitir seu testemunho.

De Tiro, eles viajam para Ptolemaida. Mesmo em Ptolemaida, onde ficaram apenas um dia, eles passaram um tempo com os irmãos. Vemos Paulo sempre buscando comunhão com os crentes locais. Ele não apenas prega sobre a igreja, mas também a vivencia.

Atos 21:8-14 | Em Cesaréia

8 No dia seguinte, partindo dali Paulo e nós que com ele estávamos, chegamos a Cesaréia; e, entrando em casa de Filipe, o evangelista, que era um dos sete, ficamos com ele. 9 Tinha este quatro filhas donzelas, que profetizavam. 10 E, demorando-nos ali por muitos dias, chegou da Judéia um profeta, por nome Ágabo; 11 e, vindo ter conosco, tomou a cinta de Paulo e, ligando-se os seus próprios pés e mãos, disse: Isto diz o Espírito Santo: Assim ligarão os judeus, em Jerusalém, o varão de quem é esta cinta e o entregarão nas mãos dos gentios. 12 E, ouvindo nós isto, rogamos-lhe, tanto nós como os que eram daquele lugar, que não subisse a Jerusalém. 13 Mas Paulo respondeu: Que fazeis vós, chorando e magoando-me o coração? Porque eu estou pronto não só a ser ligado, mas ainda a morrer em Jerusalém pelo nome do Senhor Jesus. 14 E, como não podíamos convencê-lo, nos aquietamos, dizendo: Faça-se a vontade do Senhor!

A viagem marítima termina em Cesaréia. A partir daí, a viagem continua por terra. Em Cesaréia, Paulo procura o evangelista Filipe, que era um dos sete servos (Atos 6:5). Depois de seu sermão em Samaria e de seu encontro com o eunuco etíope, Filipe chegou a Cesaréia (Atos 8:5,40). Ele vive lá desde então. Ele é casado e tem quatro filhas solteiras, todas elas profetizando.

A casa é expressamente chamada de “a casa de Filipe, o evangelista”, e a profecia de suas filhas também está relacionada a ela. Débora também profetizava em casa (Juí 4:4,5). O Senhor também concede às mulheres o dom da profecia. As filhas de Filipe falavam para exortar, edificar e confortar

(1Cor 14:3). Elas fizeram isso em casa e não na reunião da igreja, porque não é permitido que as mulheres falem lá (1Cor 14:34). Portanto, não são as filhas de Filipe que têm uma mensagem para Paulo no meio da igreja. Em vez disso, o Senhor envia Ágabo da Judeia para Cesareia.

Ágabo primeiro apresenta sua mensagem de forma figurada. Ele pega o cinto de Paulo e se amarra com ele, primeiro os pés, é claro, e depois as mãos. O cinto é uma imagem de serviço. O serviço de Paulo aos judeus fará com que ele seja feito prisioneiro por eles. Então Ágabo, como a boca do Espírito Santo, fala sobre o que acontecerá com Paulo em Jerusalém.

O que os chamados profetas de hoje afirmam quando dizem: “Assim diz o Senhor”, não encontramos em nenhum dos profetas do Novo Testamento, mas somente nos profetas do Antigo Testamento. Os chamados profetas de hoje estão, pelo menos, se apoiando em bases do Antigo Testamento com essa declaração.

Ágabo tem uma mensagem que vem diretamente do Espírito Santo. Essa mensagem não tem a intenção de persuadir Paulo mais uma vez a abandonar seu plano de ir a Jerusalém, mas é uma explicação mais detalhada do testemunho anterior dado pelo Espírito (Atos 20:23).

Depois que o grupo que acompanhava Paulo e também os crentes locais ouviram o que Ágabo disse por meio do Espírito Santo, eles querem impedir Paulo de ir a Jerusalém. A resposta de Paulo ao apelo urgente deles para que não subisse é a resposta de um homem que está profundamente convencido. Enquanto em outros lugares Paulo se permitiu ser avisado e, assim, escapou do perigo, ele não o faz aqui por causa de seu amor forte e natural por seu povo segundo a carne. Deus está acima disso e usa tudo isso para atingir seu objetivo.

As lágrimas deles comovem Paulo, mas não mudam seu plano. Seus motivos são bons, ele não é egoísta, pois está preocupado com seus compatriotas cegos, a quem ele quer tanto apresentar o Senhor Jesus como Messias. Ele não está pensando em si mesmo. Não é apropriado que reprovemos Paulo, mas sim que o admiremos. Nossa admiração não é por Paulo, o homem, mas por seu amor devotado.

Ele está preparado não apenas para ser preso, mas até mesmo para morrer em Jerusalém, não por seu povo ou seus ideais, mas “pelo nome do Senhor

Jesus". Essa é a única coisa que o motiva. É por isso que sua firme determinação não é uma confiança na carne, como foi o caso de Pedro antes de negar o Senhor (Luc 22:33-34). Para ele, tudo se resume ao nome do Senhor Jesus.

Quando fica claro que Paulo não se deixará influenciar, tanto os companheiros de viagem quanto os crentes locais deixam o assunto nas mãos do Senhor. De agora em diante, eles permanecem em silêncio. Há um tempo para falar, mas também há um tempo para ficar em silêncio (Ecl 3:7). Eles estão cientes de que nem tudo está em seu poder. A vontade de Deus às vezes é muito mais complicada do que podemos explicar. A vontade de Deus sempre é cumprida, mas, às vezes, de uma forma completamente diferente do que pensamos. É um sinal de sabedoria dizer exatamente isso: "Seja feita a vontade do Senhor!"

Atos 21:15-16 | De Cesaréia a Jerusalém

15 Depois daqueles dias, havendo feito os nossos preparativos, subimos a Jerusalém. 16 E foram também conosco alguns discípulos de Cesaréia, levando consigo um certo Mnason, natural de Chipre, discípulo antigo, com quem havíamos de hospedar-nos.

Tudo está preparado para a última etapa da viagem. Embora os companheiros de viagem de Paulo tenham tentado impedi-lo de ir a Jerusalém, eles ainda o acompanham. Eles estão convencidos de que, afinal, é a vontade do Senhor que Paulo vá. Mesmo que estejam convencidos de que teria sido melhor se ele não tivesse ido, eles o acompanham. Eles também percebem que não podemos falar de vontade própria no caso dele. O mesmo se aplica aos crentes locais. Eles também haviam pressionado Paulo a não subir. Quando ele vai, alguns dos discípulos de Cesaréia vão com ele.

Isso demonstra grande confiança, não em Paulo, mas em seu Senhor. Eles veem que o Senhor está indo com Paulo e, portanto, eles também podem ir com ele. Isso significa que não é uma questão de quem está certo, mas se reconhecemos a vontade do Senhor em um assunto.

Quando eles percebem que não podem persuadir Paulo a não ir, eles entregam o assunto ao Senhor. Que ótimo exemplo para nós. Às vezes, podemos ver que alguém, em seu amor pelo Senhor e por si mesmo, segue

um caminho que estamos convencidos de que não deveria seguir. Podemos até ser instruídos pelo Senhor a dizer à outra pessoa que não siga esse caminho. Mas, se virmos que a outra pessoa está, mesmo assim, seguindo esse caminho e, ao mesmo tempo, percebermos que há motivos verdadeiramente altruístas por trás disso, devemos fazer a declaração sincera: “Seja feita a vontade do Senhor!”

Essa é uma pedra de toque para nossa visão das coisas. Podemos ficar desapontados porque a outra pessoa não quer ouvir. Não notamos nada disso com os companheiros de viagem de Paulo e os crentes locais em Cesaréia. Pelo contrário, eles continuam a acompanhá-lo até Jerusalém. Isso significa que eles também se expõem aos perigos que foram profetizados para Paulo.

Assim, eles o acompanham e o levam ao cipriota Mnason. Ele é um discípulo idoso, o que pode significar que ele já é um homem velho ou um discípulo que segue o Senhor Jesus há muito tempo. Paulo e seus companheiros de viagem recebem abrigo ali.

É notável como Paulo e seus companheiros de viagem foram repetidamente recebidos e hospedados por crentes. Somente o vínculo da fé pode proporcionar isso. A fé não apenas obteve acesso ao coração dos crentes, mas também a todos os seus bens, que eles disponibilizaram para o evangelho. Dessa forma, inúmeros crentes, desconhecidos para nós, contribuíram para a propagação do evangelho e promoveram a obra do Senhor. Esse tipo de cooperação com o evangelho ainda está aberto a todo crente hoje.

Atos 21:17-19 | Paulo visita Tiago

17 E, logo que chegamos a Jerusalém, os irmãos nos receberam de muito boa vontade. 18 No dia seguinte, Paulo entrou conosco em casa de Tiago, e todos os anciãos vieram ali. 19 E, havendo-os saudado, contou-lhes minuciosamente o que por seu ministério Deus fizera entre os gentios.

A terceira viagem missionária de Paulo termina com sua chegada a Jerusalém, assim como seu ministério público como um homem livre. Até o final do livro, Lucas descreve em detalhes o que Paulo vivenciou como resultado de seu desejo de ganhar seus irmãos judeus para o evangelho ou, pelo menos, de remover todos os obstáculos para ganhá-los para o

evangelho. Para isso, ele está preparado para se submeter a certos costumes judaicos. Para ganhar os judeus, ele quer se tornar um judeu para os judeus e um judeu para aqueles que estão sob a lei, como alguém que está sob a lei (1Cor 9:20). Ele faz tudo por causa do evangelho (1Cor 9:23).

No entanto, parece que sua intenção tem o efeito oposto. Seu desejo de levar o evangelho libertador a seus compatriotas o leva às mãos de judeus hostis e, depois, às mãos de gentios. Esse desenvolvimento termina com sua prisão em Roma.

Paulo já havia dado os primeiros passos desse desenvolvimento em seu coração algum tempo antes e os colocou em prática em sua viagem a Jerusalém. Isso deu início a um processo irreversível. Os passos que se seguem são o resultado dos anteriores.

Paulo é calorosamente recebido pelos irmãos em Jerusalém. Isso não significa que eles concordavam de todo o coração com o rumo que Paulo estava tomando, mas eles o aceitaram. O fato de eles terem suas dúvidas sobre as ações de Paulo fica claro quando eles visitam Tiago no dia seguinte, onde todos os anciãos da igreja de Jerusalém também vieram. Tiago era provavelmente o irmão com maior influência na igreja de Jerusalém.

Deus tolerou o fato de que havia uma igreja em Jerusalém que havia permanecido completamente judaica. Ele até inspirou Tiago, por meio de seu Espírito, a escrever uma carta a esse grupo especial de cristãos judeus, que temos na Bíblia como a “Carta de Tiago”. Os cristãos judeus diferiam de seus companheiros judeus descrentes em nada além do fato de reconhecerem o Messias em Jesus. Além disso, eles continuam a aderir a todas as regras e costumes judaicos.

Não devemos condenar o que Deus suportou por um tempo. Pela boca de Tiago, esses crentes libertaram os crentes das nações, pelo Espírito, de se submeterem aos mandamentos e regulamentos judaicos. Vimos isso no capítulo 15. No entanto, quando alguém se juntou a eles e entrou na atmosfera de sua experiência e prática de fé, percebemos quão grande era sua influência sobre eles. Isso será visto mais tarde nas ações do apóstolo dos gentios, que sabia por si mesmo que não estava sob a lei e que também podia ser um judeu para os judeus a fim de conquistá-los para o evangelho.

Após a saudação habitual – que é mais do que uma formalidade e expressa solidariedade – Paulo faz um relato detalhado. Ele fala sobre a obra de Deus entre os gentios por meio de seu ministério. Sem dúvida, o Senhor queria abrir o coração dos crentes judeus para isso. Eles estavam concentrados apenas no desenvolvimento do cristianismo judaico e não sabiam o que Deus estava fazendo entre as nações por meio de seus irmãos gentios.

Atos 21:20-21 | Reações ao relatório de Paulo

20 E, ouvindo- o eles, glorificaram ao Senhor e disseram-lhe: Bem vês, irmão, quantos milhares de judeus há que crêem, e todos são zelosos da lei. 21 E já acerca de ti foram informados de que ensinas todos os judeus que estão entre os gentios a apartarem-se de Moisés, dizendo que não devem circuncidar os filhos, nem andar segundo o costume da lei.

O relatório de Paulo é muito bem recebido por Tiago e pelos anciãos de Jerusalém. Eles glorificam a Deus. Mas depois falam diretamente sobre o que os preocupa. Eles se dirigem a ele como “irmão”, o que significa que o consideram como um dos seus. Em seguida, eles se referem ao grande número de judeus que chegaram à fé. Todos esses judeus são fanáticos pela lei. Todos eles acreditam no Messias, mas se apegam à lei, sem conhecer o verdadeiro cristianismo e as coisas celestiais.

Como eu disse antes, Deus tolera isso. Mas para qualquer pessoa que conheça o verdadeiro cristianismo e as coisas celestiais e entre em seu mundo de fé, isso é um perigo. É isso que Paulo está fazendo. Paulo está agora em uma área onde toda a atenção está voltada para o judaísmo e onde as exigências da lei se aplicam. A atmosfera que prevalece ali não está de acordo com a comissão especial que lhe foi confiada: pregar o Cristo glorificado. Ele também não pode fazer isso porque esses crentes não estão abertos a isso. Mais uma vez: Deus tolera esse cristianismo judaico. Mas isso não significa que os crentes das nações devam se comportar da mesma maneira, e certamente não o apóstolo Paulo. Mas Paulo não pode mais voltar atrás.

Ele é confrontado com uma acusação. Em Jerusalém, os cristãos judeus ouviram que ele estava ensinando a apostasia de Moisés. Eles também disseram em que consistia essa apostasia. Paulo estava supostamente ensinando que os judeus entre as nações não precisavam mais circuncidar

seus filhos e que não precisavam viver de acordo com os costumes. Isso significa que ele atingiu esses cristãos judeus no coração. Isso derruba os pilares de sua fé.

Mas esses são rumores malignos. Muitos danos já foram causados por boatos maldosos. Eles são proferidos e passados adiante sem serem investigados para se descobrir a verdade. Muitos servos de Deus já foram colocados em uma situação ruim como resultado disso. As pessoas gostam de dar ouvidos a boatos. Neemias também passou por isso (Ne 6:6).

Atos 21:22-24 | A proposta a Paulo

22 Que faremos, pois? Em todo o caso é necessário que a multidão se ajunte; porque terão ouvido que já és vindo. 23 Faze, pois, isto que te dizemos: temos quatro varões que fizeram voto. 24 Toma estes contigo, e santifica-te com eles, e faze por eles os gastos para que rapem a cabeça, e todos ficarão sabendo que nada há daquilo de que foram informados acerca de ti, mas que também tu mesmo andas guardando a lei.

Os rumores sobre Paulo não eram verdadeiros. Por exemplo, sabemos pela circuncisão que ele mesmo circuncidou Timóteo (Atos 16:3). Tiago e os anciãos não perguntam a Paulo se os rumores são verdadeiros. Eles sabem que esses rumores não são verdadeiros. Mas a multidão de milhares de judeus que haviam se tornado crentes não sabia disso. É preciso provar a eles, de forma convincente, que Paulo não está pregando contra a lei e a circuncisão.

Os milhares de judeus que creram estavam muito ansiosos para circuncidar seus filhos e guardar a lei. Não que a salvação ainda dependesse da circuncisão para eles, mas eles guardavam a ordenança conforme dada por Deus. Eles estavam tão fortemente ligados a ela em sua consciência que continuaram a fazê-lo. Como Paulo não pregava a circuncisão para as nações, os judeus incrédulos o tinham colocado em uma posição ruim. Pelo fato de que ele não pregava a circuncisão e a lei, eles haviam feito parecer que ele pregava contra a circuncisão e a lei.

A fim de mostrar aos milhares de judeus que acreditavam no Messias que essas acusações não eram verdadeiras, os irmãos em Jerusalém fizeram uma proposta a Paulo. Se ele fizer o que eles sugeriram, mostrará que não

há verdade nessas acusações. Se ele se recusasse a aceitar a proposta deles, daria à multidão a impressão de que os boatos eram verdadeiros. No entanto, se ele concordasse com o pedido deles, não estaria defendendo a liderança do Espírito em toda a liberdade e o amor como princípio. Esse problema surge porque Paulo não foi até lá por causa de uma comissão direta do Senhor, mas por causa de sua afeição por seus amados compatriotas judeus. Paulo se encontra em uma situação em que não pode deixar de fazer um favor aos judeus crentes.

No entanto, ficará claro que o Senhor também está usando as circunstâncias aqui para atingir seus objetivos. Ao responder à proposta, Paulo mostrará a resistência obstinada dos judeus incrédulos a tal ponto que até mesmo os judeus que crêem no Messias se darão conta do tipo de sistema em que ainda se encontram, no qual o mal é obstinadamente disseminado por meio do evangelho. O restante do livro de Atos deixa claro o quão corrupta era toda a liderança da Jerusalém religiosa e, ao mesmo tempo, hostil a Deus. Isso ajudará os judeus crentes a se libertarem interiormente do judaísmo e a se voltarem completamente para o novo.

Isso também os tornará interiormente receptivos aos ensinamentos da carta aos Hebreus. Embora a carta não mencione um remetente, o conteúdo mostra que ela não poderia ter sido escrita por outra pessoa que não Paulo, muito provavelmente da prisão em Roma (Heb 13:24). Essa carta foi uma consequência de todo o desenvolvimento que finalmente levou Paulo a Roma.

A proposta dos irmãos de Jerusalém, na qual havia uma certa compulsão, é que Paulo se unisse a quatro homens que haviam feito um voto. Esses quatro homens são cristãos judeus. Seu voto parece ter sido o voto de nazireu, no qual eles prometeram fazer ou não fazer algo por um determinado período de tempo. Durante o período de seu voto, deve ter acontecido algo que os contaminou, e agora eles tinham de raspar a cabeça e se purificar (Núm 6:8-12).

O que se espera de Paulo não é algo pecaminoso. Ele está agindo por seu amor pelo povo. Mas, ao concordar com as ações deles, Paulo não dá a impressão de que está sob a lei e que a lei é a norma de sua vida?

Atos 21:25-26 | Paulo responde à proposta

25 Todavia, quanto aos que crêm dos gentios, já nós havemos escrito e achado por bem que nada disto observem; mas que só se guardem do que se sacrifica aos ídolos, e do sangue, e do sufocado, e da prostituição. 26 Então, Paulo, tomando consigo aqueles varões, entrou, no dia seguinte, no templo, já santificado com eles, anunciando serem já cumpridos os dias da purificação; e ficou ali até se oferecer em favor de cada um deles a oferta.

Os irmãos de Jerusalém deixam claro para Paulo que entendem muito bem que o ponto de vista deles não se aplica aos crentes dos gentios. Eles ainda sabem muito bem o que escreveram para os crentes dos gentios. Isso continua sendo verdade para eles. Eles também não tentam impor a lei às nações. A decisão que foi tomada em Jerusalém (Atos 15:19,20) foi transmitida aos gentios por Paulo, entre outros (Atos 15:22-29). Mas com seu retorno a Jerusalém, Paulo agora é forçado a se submeter a uma disposição dessa lei, por mais bem-intencionado que tenha sido o motivo.

Paulo é tão prisioneiro de seu amor por seus parentes segundo a carne que faz o que eles sugerem sem uma palavra de protesto. Ele até toma a iniciativa. Ele leva os quatro homens com ele e se purifica com eles. Ele também anuncia quando os dias de sua purificação serão cumpridos, ou seja, quando o sacrifício tiver sido feito por cada um deles.

Aqui temos a estranha situação em que o apóstolo toma para si a responsabilidade de trazer sacrifícios, como se todos eles não tivessem sido eliminados pelo sacrifício do Senhor Jesus. Paulo se coloca na posição que Davi assumiu quando se juntou aos filisteus para lutar contra seu próprio povo (1Sam 27:1). Felizmente, por meio do tumulto que surge, o Senhor impede que Paulo realmente faça um sacrifício, assim como impediu que Davi realmente lutasse contra seu povo (1Sam 29:6-10).

Atos 21:27-30 | Paulo é preso no templo

27 Quando os sete dias estavam quase a terminar, os judeus da Ásia, vendo-o no templo, alvoroçaram todo o povo e lançaram mão dele, 28 clamando: Varões israelitas, acudi! Este é o homem que por todas as partes ensina a todos, contra o povo, e contra a lei, e contra este lugar; e, demais disto, introduziu também no templo os gregos e profanou este santo lugar. 29 Porque tinham visto com ele na cidade a Trófimo, de Éfeso, o qual pensavam que Paulo introduzira no

templo. 30 E alvoroçou-se toda a cidade, e houve grande concurso de povo; e, pegando de Paulo, o arrastaram para fora do templo, e logo as portas se fecharam.

Paulo passa os sete dias de purificação no templo. Quando esse tempo está quase acabando e ele está prestes a sacrificar, as coisas saem do controle. Os judeus da Ásia, onde Paulo trabalhou por muito tempo, especialmente em Éfeso, onde muitos o conheciam e resistiam a ele, o reconhecem. Eles também estão em Jerusalém para celebrar a festa de Pentecostes. Quando o veem, agitam a multidão. Eles aproveitam a oportunidade e Paulo também. Paulo queria mostrar, por meio de suas ações, que era um deles, a fim de ter acesso a eles para o evangelho. Mas eles se voltaram maciçamente contra ele.

O tumulto que ocorre aqui é uma reminiscência do tumulto em Éfeso (capítulo 19). Lá foi por causa de um templo pagão, aqui é por causa do templo de Deus. Lá os perpetradores eram idólatras, aqui é o antigo povo de Deus. Em ambos os casos, isso foi feito por meios sujos.

Enquanto o prendem, eles clamam para que os homens de Israel venham em seu auxílio. Eles prenderam o homem que ensina e faz as coisas mais terríveis. Aos olhos desses judeus incrédulos, Paulo é um judeu apóstata. Ele não pregava a exclusividade do judaísmo e não exigia que as nações se submetessem aos regulamentos da lei. Ele abriu a porta de Deus para os gentios ao pregar o evangelho a eles sem obrigá-los a se juntar ao povo de Israel e sem impor a lei de Israel a eles.

Eles o acusam de dizer que nenhuma pessoa (“todos”) e nenhum lugar (“em toda parte”) está a salvo de seus ensinamentos malignos. Seus ensinamentos malignos dizem respeito “ao povo, à lei e a este lugar”. Seus ensinamentos contra “o povo” podem ser reconhecidos pelo fato de que ele abole a exclusividade do judaísmo e oferece salvação fora do judaísmo. Seus ensinamentos contra “a lei” podem ser reconhecidos pelo fato de que ele não impõe a lei às nações, mas, ao contrário, diz que os crentes das nações estão livres da lei. Seus ensinamentos contra “este lugar”, ou seja, o templo, podem ser vistos em seus ensinamentos sobre a igreja, que ele também compara a um templo (1Cor 3:16; Efé 2:21,22).

Eles fazem acusações das quais Paulo, de acordo com Tiago e os anciãos, deveria ter se libertado ao se submeter à lei. Seus inimigos vão além, acrescentando que ele também trouxe um gentio para o templo, não apenas para o pátio dos gentios, mas para a parte que era reservada apenas para os judeus. Ao fazer isso, ele profanou o templo.

Eles não se limitam a um grego que viram junto com Paulo, mas falam de gregos em geral que ele havia trazido ao templo. Eles baseiam sua insinuação ou conclusão no fato de terem visto Paulo junto com seu amigo originalmente pagão Trófimo na cidade. É uma insinuação tola, mas é feita mesmo assim, e essa acusação é a gota d'água. Muitas pessoas estão presentes na festa e sua gritaria causa um tumulto.

Os ânimos ficam cada vez mais exaltados. Eles agarram Paulo e o arrastam para fora do templo. As portas do templo se fecham logo atrás dele. A santidade externa é tudo. O templo está contaminado aos olhos deles e deve ser limpo antes que o serviço possa ser realizado novamente. Talvez eles também estejam fazendo isso para evitar que Paulo se separe e fuja para dentro do templo para se apoderar das pontas do altar e, assim, escapar de sua punição (Êxo 21:13,14; 1Rei 2:28,29).

Atos 21:31-36 | Paulo libertado pelos romanos

31 E, procurando eles matá-lo, chegou ao tribuno da coorte o aviso de que Jerusalém estava toda em confusão. 32 Este, tomando logo consigo soldados e centuriões, correu para eles. E, quando viram o tribuno e os soldados, cessaram de ferir a Paulo. 33 Então, aproximando-se o tribuno, o prendeu, e o mandou atar com duas cadeias, e lhe perguntou quem era e o que tinha feito. 34 E, na multidão, uns clamavam de uma maneira; outros, de outra; mas, como nada podia saber ao certo por causa do alvoroço, mandou conduzi-lo para a fortaleza. 35 E sucedeu que, chegando às escadas, os soldados tiveram de lhe pegar por causa da violência da multidão, 36 porque a multidão do povo o seguia, clamando: Mata-o!

Parece que a última hora de Paulo chegou. Provavelmente ele mesmo se sentia assim. Os judeus, seu povo, estão contra ele. Não ouvimos mais nada de seus companheiros judeu-cristãos aqui. Mas, então, o Senhor o conduz de modo que o tribuno da coorte fica sabendo do fato. Ele assume

uma posição firme. Ele conhece os judeus, que se irritam facilmente, e certamente colocou seus soldados em alerta máximo por causa da festa, para que pudessem intervir imediatamente no caso de um confronto. Havia sempre uma guarnição de soldados no Castelo de Antônia pronta para intervir. Desse castelo, eles tinham uma boa visão da praça do templo.

O tribuno pega um destacamento de seus soldados e vai até o local onde o linchamento está em pleno andamento. Quando os que estavam atacando Paulo veem o tribuno e os soldados, eles param de bater em Paulo. Ele já deve ter recebido alguns socos e chutes. O tribuno liberta Paulo, mas não o deixa ir embora. Ele dá a ordem de atar Paulo com duas cadeias. Ele deve ter pensado que qualquer pessoa que incorresse na ira do povo dessa forma teria algo em sua consciência. Ele imediatamente percebeu que não se tratava de uma briga comum. Ele pergunta à multidão sobre Paulo e o crime que ele obviamente cometeu. Como acontece com frequência, a multidão não é unânime porque há muitos envolvidos no tumulto que nem sabem do que se trata.

O tribuno não consegue entender o que está acontecendo e ordena que Paulo seja levado ao alojamento no Castelo de Antônia para ser interrogado. O caminho segue pelas escadas que vão do pátio dos gentios até o castelo. Essa escada se torna o palco para o discurso de Paulo ao povo. Ela tem um significado simbólico de que ele está falando ao povo que está reunido aqui no pátio dos gentios. O pátio dos gentios, aliás, foi construído com base na palavra de que a casa de Deus deve ser uma casa de oração para todas as nações (Is 56:7).

Paulo pode ter sido libertado e feito prisioneiro pelo tribuno e pelos soldados, mas isso não significa que o desejo de sangue da multidão tenha sido saciado. Eles veem sua presa desaparecer e tentam colocar as mãos nele novamente. Os soldados precisam protegê-lo da violência da multidão; eles o levam para o meio deles e o carregam. Quando o saque escapa de suas mãos, eles gritam: "Mata-o!" Isso também é o que eles gritaram para o Senhor Jesus (Luc 23:18). Paulo compartilha os sofrimentos de Cristo aqui (Flp 3:10).

Atos 21:37-40 | Paulo deseja falar ao povo

37 E, quando iam introduzir Paulo na fortaleza, disse Paulo ao tribuno: É-me permitido dizer-te alguma coisa? E ele disse: Sabes o grego? 38 Não és tu, porventura, aquele egípcio que antes destes dias fez uma sedição e levou ao deserto quatro mil salteadores? 39 Mas Paulo lhe disse: Na verdade, eu sou um homem judeu, cidadão de Tarso, cidade não pouco célebre na Cilícia; rogo-te, porém, que me permitas falar ao povo. 40 E, havendo-lho permitido, Paulo, pondo-se em pé nas escadas, fez sinal com a mão ao povo; e, feito grande silêncio, falou-lhes em língua hebraica, dizendo:

Paulo não quer simplesmente se livrar de seus perseguidores. Ele não aproveita com gratidão o fato de ter sido libertado das mãos daqueles que queriam assassiná-lo. Por causa de seu amor por eles, ele quer se defender ou responder a eles. Ele está sempre interessado em ganhar os judeus para o evangelho. Ele pede permissão ao tribuno, reconhecendo assim o poder daquele de quem é prisioneiro.

Paulo fala com o tribuno em grego, a língua dos eruditos. O tribuno fica atônito, pois tinha uma impressão completamente diferente do homem que era a causa de tal tumulto. Ele achava que tinha obtido um grande sucesso e colocado as mãos no egípcio, que levou pelo menos 4.000 saltadores para fora da cidade, para o deserto, a fim de lançar novos ataques entre o povo de lá. Sicários, ou salteadores, são pessoas de um partido judeu fanático que se misturam com o povo durante as festas para depois esfaquear secretamente seus oponentes com um punhal (sica em latim).

Paulo declara que não pertence a esse partido. Pelo contrário, ele tem uma origem judaica honrosa e um status cívico igualmente honroso, pois vem da conhecida cidade universitária de Tarso, na província romana da Cilícia. O tribuno deve ter ficado surpreso ao saber que Paulo era judeu. Ele deve ter se perguntado o que esses judeus, fervendo de raiva, tinham contra ele. Ele também deve ter ficado intrigado com o local de origem desse judeu. Essa informação é suficiente para que o tribuno conceda o pedido de Paulo.

Depois que Paulo recebeu a permissão, ele acena com a mão para que haja silêncio e ele possa dizer algo. Há um grande silêncio. Paulo se levanta com dignidade nos degraus do castelo, coberto de sangue e de feridas cau-

sadas pelos maus-tratos do povo, e se dirige ao povo. Ele se dirige a eles em hebraico, em seu próprio idioma, o idioma que usavam entre si como membros do povo de Deus.

Atos 22

Atos 22:1-5 | O modo de vida antigo de Paulo

1 Varões irmãos e pais, ouvi agora a minha defesa perante vós. 2 (E, quando ouviram falar-lhes em língua hebraica, maior silêncio guardaram.) E disse: 3 Quanto a mim, sou varão judeu, nascido em Tarso da Cilícia, mas criado nesta cidade aos pés de Gamaliel, instruído conforme a verdade da lei de nossos pais, zeloso para com Deus, como todos vós hoje sois. 4 Persegui este Caminho até à morte, prendendo e metendo em prisões, tanto homens como mulheres, 5 como também o sumo sacerdote me é testemunha, e todo o conselho dos anciãos; e, recebendo destes cartas para os irmãos, fui a Damasco, para trazer manietados para Jerusalém aqueles que ali estivessem, a fim de que fossem castigados.

Paulo se dirige a seus ouvintes como “irmãos e pais”. Dirigir-se a eles como “irmãos” expressa sua proximidade com eles, enquanto ele usa “pais” (do povo) para expressar seu respeito. Ele lhes pede que ouçam a sua defesa.

O povo já estava silencioso, mas ficou ainda mais silencioso quando o ouviram se dirigir a eles em seu próprio idioma. Ele se aproxima deles o máximo possível. A defesa de Paulo consiste no relato de sua conversão. Aqui ele conta sua história para a multidão judaica. No capítulo 26, ele contará a história de sua conversão pela segunda vez, diante do rei Agripa e sua comitiva, ou seja, uma plateia formada por pessoas de alto escalão. No capítulo 9, também tivemos a história diante de nós, pois o Espírito Santo inspirou Lucas a escrevê-la.

Em sua responsabilidade para com os judeus, ele quer mostrar a eles que é um judeu fiel e não um judeu apóstata. Ele também deixa claro que, se ele faz seguidores para o Messias em todos os lugares sem obrigá-los a cumprir a lei, ele não está fazendo isso por seus próprios motivos, mas porque recebeu um chamado do alto, do céu. Ele o recebeu do Senhor Jesus. A propósito, ele menciona o nome do Senhor Jesus apenas uma vez.

Ele repete para o povo o que também disse ao governador sobre sua origem. Ele é um homem judeu, um deles. Ele nasceu em Tarso, na Cilícia, onde hoje é a Turquia, onde havia uma grande comunidade judaica. Estêvão

havia discutido com judeus da Cilícia em Jerusalém (Atos 6:9), mas esses homens não conseguiram resistir ao espírito e à sabedoria de Estêvão. Há também um judeu da Cilícia aqui, mas um judeu completamente diferente daquele que concordou com a morte de Estêvão na época. Ele explicará em breve como essa mudança ocorreu.

Primeiro, ele leva os ouvintes em uma jornada por sua vida e enfatiza o quanto ele e seus ouvintes têm em comum. Ele lhes conta que se mudou de Tarso para Jerusalém (“esta cidade”) a fim de ser educado aqui. Paulo cresceu em Tarso, em meio ao paganismo. Em Jerusalém, ele foi instruído na lei de seu pai, à qual também se submeteu completamente em todo o seu comportamento.

Ele se sentou aos pés do geralmente respeitado Gamaliel e recebeu instruções dele. De acordo com a tradição, Gamaliel tinha 500 discípulos, entre os quais Paulo se destacava em particular (Gal 1:13,14). Ele absorveu todas as tradições associadas à lei; elas o moldaram. Tudo o que aprendeu, ele colocou em prática com zelo inimitável, assim como eles ainda fazem. Quanto a si mesmo, ele fala no tempo passado, e quanto a eles, no tempo presente.

Seu antigo modo de vida corresponde totalmente às ideias deles. Ele os elogia por serem devotos de Deus. Na carta aos Romanos, ele diz que esse é um zelo sem entendimento (Rom 10:2). Ele explica como, em um zelo cego pela aplicação da lei paterna, ele foi à luta contra tudo o que deixava de lado o significado da lei. Por isso os cristãos tiveram que pagar.

Esse novo “caminho”, essa nova corrente ou seita ou direção no judaísmo, como o cristianismo ainda era visto nos primeiros dias, era, a seus olhos, uma enorme ameaça à religião dos pais. Qualquer um que escolhesse esse caminho merecia ser morto. Para esse fim, ele entregou os que pertenciam a esse caminho a grilhões e prisões, sem fazer qualquer distinção entre homens e mulheres.

Em sua paixão, ele chegou a viajar para Damasco para levar discípulos presos de lá para Jerusalém. Uma vez que os possuía, ele fazia tudo o que podia para garantir que eles nunca escapassem dele. Por isso, ele os prendeu e os levou presos para Jerusalém. Os testemunhos sobre a veracidade dessas ações poderiam ser obtidos do sumo sacerdote e de todo o conselho

de anciãos. Eles sabem disso porque lhe forneceram cartas para que ele pudesse fazer seu “trabalho”.

Atos 22:6-10 | Paulo encontra o Senhor glorificado

6 Ora, aconteceu que, indo eu já de caminho e chegando perto de Damasco, quase ao meio-dia, de repente me rodeou uma grande luz do céu. 7 E caí por terra e ouvi uma voz que me dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? 8 E eu respondi: Quem és, Senhor? E disse-me: Eu sou Jesus, o Nazareno, a quem tu persegues. 9 E os que estavam comigo viram, em verdade, a luz, e se atemorizaram muito; mas não ouviram a voz daquele que falava comigo. 10 Então, disse eu: Senhor, que farei? E o Senhor disse-me: Levanta-te e vai a Damasco, e ali se te dirá tudo o que te é ordenado fazer.

Agora Paulo chega a um ponto importante em sua defesa. Seu zelo em perseguir os cristãos dá uma guinada radical aqui. Ele relata como essa mudança ocorreu. Quando ele estava a caminho de Damasco e estava quase chegando lá, um evento inesperado aconteceu de repente. Ele se lembra de que era por volta do meio-dia (não lemos isso no capítulo 9), quando o sol está em seu ponto mais alto no céu e brilha mais intensamente. Se uma luz que é ainda mais brilhante do que o sol se torna visível nesse momento, ela deve vir do céu (2Cor 4:5,6). É a luz que vem da presença de Deus, uma luz que ultrapassa a luz do sol, da criação. O resultado é que ele cai no chão. Paulo não se envergonha de mencionar esse fato.

Ele continua dizendo aos seus ouvintes que ouviu uma voz que lhe dizia: “Saulo, Saulo, por que me persegues?” Perseguir os cristãos era perseguir Aquele que falava com ele do céu. Ele era tão uno com os Seus na Terra. Ele também se lembra de como respondeu a essa pergunta. Essas são as primeiras palavras de Saulo ao Senhor. Sua resposta consiste em uma pergunta ao Senhor: “Quem és, Senhor?” Essa é a pergunta com a qual todos os que chegam à fé devem começar. É a pergunta sobre a pessoa do Senhor Jesus. Trata-se de conhecê-Lo.

A resposta à sua pergunta deve tê-lo perturbado. Então parece que ele estava lidando com “Jesus, o Nazareno”. Ele o estava perseguindo! Portanto, ele não estava perseguindo cristãos mal orientados que – por qualquer meio – precisavam ser dissuadidos de suas ilusões, mas um Jesus verda-

deiramente vivo. Portanto, Jesus, a quem ele perseguia, não estava mais na morte, mas glorificado no céu. Isso deve ter feito os judeus a quem ele estava falando pensarem duas vezes, porque eles ainda acreditavam nas mentiras que os soldados haviam espalhado depois de serem subornados pelos líderes religiosos (Mat 28:11-15).

O Senhor Jesus chama a si mesmo de “nazareno”, ou seja, veio de Nazaré. Era assim que os judeus O conheciam quando Ele estava na Terra, e era assim que O desprezavam. Mas, para o horror de Saulo, Ele parece ser o Cristo glorificado.

Os companheiros de viagem de Saulo eram testemunhas inegáveis do que estava acontecendo, mas a mensagem era destinada apenas a Paulo. Eles não ouviram “a voz”, mas ouviram o som de uma voz (Atos 9:7; cf. Joã 12:28,29). Eles ouviram que algo foi dito, mas não o que foi dito. É assim que muitos hoje em dia ouvem o som do evangelho sem captar a mensagem.

Saulo então se dirige ao Senhor pela segunda vez, novamente na forma de uma pergunta. A segunda pergunta que ele faz ao Senhor é: “Senhor, que farei?” Todo crente deve fazer essa pergunta como um princípio para toda a sua vida. Para obter uma resposta à pergunta “Quem és tu, Senhor?”, é necessário sentar-se aos pés do Senhor, alimentar-se Dele e conhecê-Lo (cf. Luc 10:39). Então, a segunda pergunta surge por si mesma, ou seja, o que podemos fazer pelo Senhor, como podemos servi-Lo. A vida cristã é um equilíbrio entre instrução e prática.

Para Paulo, isso significava que ele deveria ir a Damasco, onde o Senhor havia preparado um discípulo simples para lhe dar mais instruções. Ele não deveria voltar a Jerusalém para ser guiado pelos apóstolos de lá. Saulo não mais determinava sua própria vida, mas Deus determinava o que ele deveria fazer. O mesmo acontece conosco. A questão é que andemos nas boas obras que Deus preparou de antemão (Efé 2:10).

Atos 22:11-16 | Paulo em Damasco com Ananias

11 E, como eu não via por causa do esplendor daquela luz, fui levado pela mão dos que estavam comigo e cheguei a Damasco. 12 E um certo Ananias, varão piedoso conforme a lei, que tinha bom testemunho de todos os judeus que

ali moravam, 13 vindo ter comigo e apresentando-se, disse-me: Saulo, irmão, recobra a vista. E naquela mesma hora o vi. 14 E ele disse: O Deus de nossos pais de antemão te designou para que conheças a sua vontade, e vejas aquele Justo, e ouças a voz da sua boca. 15 Porque há de ser sua testemunha para com todos os homens do que tens visto e ouvido. 16 E, agora, por que te deténs? Levanta-te, e batiza-te, e lava os teus pecados, invocando o nome do Senhor.

A glória da luz era tão grande que o cegou. Ele havia se convertido, mas ainda estava em trevas. Ele ainda precisava ouvir a palavra de salvação. Para isso, foi levado pela mão por aqueles que estavam com ele. Foi assim que ele chegou a Damasco. Essa foi uma chegada diferente daquela que ele havia imaginado. Ele também descreve essa cena sem se envergonhar dela. Ele, o grande perseguidor dos cristãos perde completamente o rumo, achando que tinha tudo sob controle ou que conseguiria. Ele teve de ser levado pela mão para chegar aonde queria ir, para encontrar alguém que queria capturar em Damasco.

O nome desse homem era Ananias, que significa “o Senhor é misericordioso”. Paulo o apresenta aos seus ouvintes como um homem temente a Deus, de acordo com a lei. E esse não foi um testemunho que ele deu por vontade própria, mas todos os judeus de Damasco o conheciam como tal. Todos eles lhe deram um bom testemunho. Isso foi para convencer seus ouvintes de que o que Ananias fez com ele estava completamente de acordo com a maneira de pensar deles. Paulo se refere repetidamente à conexão com o judaísmo, não apenas antes de sua conversão, mas também durante e depois dela.

Esse Ananias veio a Saulo e o apoiou. Foi o judeu Ananias que ficou ao lado de Paulo, como se quisesse lhe garantir seu apoio. Ananias enfatiza esse fato com as palavras: “Irmão Saulo”. Ele o reconhece como um irmão, como um membro da família. Ananias segue essas palavras com as palavras libertadoras: “Recobra a vista!” Saulo recuperou a visão e pôde ver Ananias. Ele olhou para ele. Isso também significa que ele deu a Ananias um lugar mais alto do que ele. Saulo havia visto o Senhor primeiro e agora via um irmão. Isso sempre vem junto. Não é possível ver o Senhor e não ter olhos para nossos irmãos e irmãs.

Paulo então relata a mensagem que Ananias tinha para ele em nome de Deus. Ananias chama Deus de “o Deus de nossos pais”. Com essa referência, ele se reconecta com seus ouvintes judeus em sua história. Mas ele também diz isso para deixar claro para os judeus que eles estão lidando com Deus e que a resistência a ele (Paulo) significava que eles estavam se opondo ao Deus em que diziam crer.

Paulo tinha visto “o Justo” na estrada para Damasco. Esse nome glorioso do Senhor Jesus descreve adequadamente toda a Sua revelação na Terra. Ele era o homem na Terra que era perfeitamente justo em todos os relacionamentos e dava a todos o que lhe era devido. Isso também se aplicava ao Seu relacionamento com Deus. Paulo O via como o justo no céu, porque o que Ele era na Terra, Ele também é no céu. Deus designou Paulo para ser uma testemunha desse Justo para todas as pessoas.

A expressão “todos os povos” implica que Paulo não seria uma testemunha apenas para os judeus, mas para todos os povos. Ele tinha um chamado para o mundo inteiro. No início do livro de Atos, os doze apóstolos sempre deram testemunho de um Senhor ressuscitado. Eles O tiveram em seu meio por quarenta dias como o Senhor ressuscitado e, assim, puderam dar testemunho Dele. Paulo testificaria de um Senhor glorificado, o homem glorificado à direita de Deus. Ele O tinha visto em glória (1Cor 9:1) e ouvido Sua voz vinda da glória. O testemunho de Paulo, portanto, tem um caráter único.

Depois dessas palavras, Ananias o incentiva a agir. Ele deveria se levantar e ser batizado. Interiormente, em seu coração, Saulo estava do lado do Senhor Jesus. Por fora, porém, ele ainda estava do lado do povo que O havia rejeitado. Ele ainda tinha de ser salvo da geração errada em um sentido externo (Atos 2:40,41). Ele não recebeu um novo nascimento por meio do batismo. Ele já havia nascido de novo. A lavagem dos pecados aqui, portanto, não tem nada a ver com sua salvação para o céu, mas com o testemunho externo associado ao batismo. O batismo não o leva para o céu, mas o acrescenta ao círculo de discípulos na terra. O batismo lava os pecados diante dos olhos dos homens, o sangue lava os pecados diante de Deus.

Por meio do batismo, há uma separação entre a vida anterior no judaísmo e o pertencimento ao cristianismo. Tudo relacionado ao batismo tem a ver apenas com o lado exterior da conversão. Somente Deus e Saulo sabem o que aconteceu no coração de Saulo com relação ao seu relacionamento com Deus. Para que isso se torne visível para os homens e para que o mundo exterior o veja, o batismo deve ocorrer. Ao fazer isso, ele se separa exteriormente do judaísmo. Enquanto estava sendo batizado, ele deveria invocar o nome do Senhor Jesus. Quem invoca o nome de Jesus testifica que Ele é aquele a quem se volta e a quem se submete.

Atos 22:17-21 | O mandato missionário de Paulo

17 E aconteceu que, tornando eu para Jerusalém, quando orava no templo, fui arrebatado para fora de mim. 18 E vi aquele que me dizia: Dá-te pressa e sai apressadamente de Jerusalém, porque não receberão o teu testemunho acerca de mim. 19 E eu disse: Senhor, eles bem sabem que eu lançava na prisão e açoitava nas sinagogas os que criam em ti. 20 E, quando o sangue de Estêvão, tua testemunha, se derramava, também eu estava presente, e consentia na sua morte, e guardava as vestes dos que o matavam. 21 E disse-me: Vai, porque hei de enviar-te aos gentios de longe.

Depois de seu encontro com Ananias, Paulo retornou a Jerusalém. Lá – como ele descreve – ele vai ao templo como um judeu ainda fiel e agora convertido. Enquanto estava orando no templo, foi arrebatado (cf. Atos 10:10). O arrebatamento é um estado em que a consciência normal e a percepção das circunstâncias naturais desaparecem, e a alma se torna receptiva apenas ao que Deus mostra. Saulo está tão absorto em sua oração que se esquece de tudo o que é natural. Então o Senhor aparece a ele pela segunda vez. Não lemos nada sobre essa aparição no capítulo 9. Ele vê o Senhor Jesus pela segunda vez em Sua glória. Ele lhe aparece agora apenas para lhe dizer que deve deixar Jerusalém porque eles não aceitarão seu testemunho sobre Ele.

Paulo relata isso aqui a fim de deixar claro para seus ouvintes judeus que foi por ordem expressa do Senhor que ele deixou Jerusalém. Ele não menciona aqui que o Senhor também usou os irmãos para esse propósito, como podemos ler no capítulo 9 (Atos 9:30). Esses dois aspectos não estão em

oposição um ao outro, mas mostram dois lados do motivo pelo qual ele saiu de Jerusalém.

Seus ouvintes judeus ainda estão em silêncio, mas a raiva deve ter continuado a se acumular em todos eles. Paulo ousa dizer que o Senhor disse que seu testemunho não seria aceito em Jerusalém, Jerusalém, que tem tanto orgulho de seu relacionamento com o Senhor. Como ele ousa insinuar que o povo de Jerusalém não daria ouvidos a Deus, enquanto os gentios dariam? Isso acaba levando à explosão emocional deles. Mas eles poderiam saber pelo profeta Isaías que a salvação de Deus também alcançaria as nações (Isa 49:6). Isso também foi confirmado nos dois mil anos de evangelização mundial.

Paulo continua dizendo que não estava imediatamente pronto para ir e que conversou com o Senhor sobre a missão que havia recebido, assim como Ananias e Pedro haviam feito (Atos 9:13; 10:14). Ele preferia muito mais ter ficado em Jerusalém. Como testemunha, ele se destacaria muito mais lá. Eles o conheciam lá como um zeloso perseguidor de cristãos. Não deveria ele ser capaz de dar testemunho de sua conversão ali, a fim de conquistá-los para o Senhor?

Como um argumento particularmente forte para convencer o Senhor, ele aponta para o seu consentimento com a morte de Estêvão. Ele havia ajudado cuidando das roupas daqueles que apedrejaram Estêvão. Paulo fala de Estêvão como “vossa testemunha”. Ele não acusa o povo de ter derramado o sangue de Estêvão. Ele justifica totalmente Estêvão sem acusar diretamente os judeus.

Em seguida, ele repete as palavras que o Senhor lhe disse e com as quais ele pôs fim às suas dúvidas. Foi-lhe dito: “Vai!” Ele deveria sair de Jerusalém. Também lhe é dito para onde o Senhor o enviaria, a saber, “para longe, entre as nações”.

Atos 22:22-23 | A reação dos judeus

22 E ouviram-no até esta palavra e levantaram a voz, dizendo: Tira da terra um tal homem, porque não convém que viva! 23 E, clamando eles, e arrojando de si as vestes, e lançando pó para o ar,

Quando Paulo diz que foi enviado às nações, a raiva deles é desencadeada. Um judeu não queria ouvir nada sobre ser enviado às nações (cf. Deu 32:21). A razão pela qual eles se enfurecem nesse ponto é porque é exatamente esse ponto que ataca sua exclusividade. Eles haviam sugado com o leite materno que eram as únicas pessoas que estavam em contato com Deus. Somente eles eram o povo escolhido. Se havia bênçãos para outros povos, então somente por meio deles.

A ideia de que o Messias – e Paulo disse que acreditava nele – transformaria as nações em seu povo em vez de restaurar Israel à sua antiga glória era algo que eles não conseguiam digerir de forma alguma. Como se as nações estivessem no mesmo nível, até mesmo acima de Israel! Para eles, era incompatível que se pudesse fazer prosélitos que não pertencessem ao judaísmo. Tudo isso era completamente inaceitável.

Vemos que o testemunho de Paulo não produz outro resultado senão a revelação do ódio. A explosão de raiva se manifesta no fato de eles gritarem, jogarem de si as vestes e lançarem poeira no ar. Essa revelação de ódio confirma o que o Senhor já havia dito vinte anos antes e o que o Espírito Santo também havia testificado pouco antes. Mas a graça do Senhor também está presente para apoiar Paulo enquanto ele dá seu testemunho.

Atos 22:24-30 | Apelo à cidadania romana

24 o tribuno mandou que o levassem para a fortaleza, dizendo que o examinassem com açoites, para saber por que causa assim clamavam contra ele. 25 E, quando o estavam atando com correias, disse Paulo ao centurião que ali estava: É-vos lícito açoitar um romano, sem ser condenado? 26 E, ouvindo isto, o centurião foi e anunciou ao tribuno, dizendo: Vê o que vais fazer, porque este homem é romano. 27 E, vindo o tribuno, disse-lhe: Dize-me, és tu romano? E ele disse: Sim. 28 E respondeu o tribuno: Eu com grande soma de dinheiro alcancei este direito de cidadão. Paulo disse: Mas eu sou-o de nascimento. 29 E logo dele se apartaram os que o haviam de examinar; e até o tribuno teve temor, quando soube que era romano, visto que o tinha ligado. 30 No dia seguinte, querendo saber ao certo a causa por que era acusado pelos judeus, soltou-o das prisões e mandou vir os principais dos sacerdotes e todo o seu conselho; e, trazendo Paulo, o apresentou diante deles.

O tribuno vê como as coisas estão piorando novamente e toma uma atitude. Para ele, é suficiente que as coisas estejam saindo do controle pela segunda vez por causa desse homem. Como Paulo fez seu discurso em hebraico, ele pode não ter entendido tudo. Isso deve tê-lo deixado bastante frustrado. Ele não sabe o que foi dito. Agora as intenções desconhecidas devem ser extraídas do homem. Quando for açoitado, ele dirá a verdade. Enquanto eles se preparam para isso, Paulo pede que lhe expliquem a base legal para o tratamento que ele terá de suportar, mesmo sendo cidadão romano. Paulo tinha o direito de fazer isso. Ele reconhecia que as autoridades eram designadas por Deus para a bênção dos que praticam o bem (Rom 13:3). Ele aponta isso para as autoridades aqui.

Pode ser, como já foi dito, que Paulo não esteja de acordo com seu elevado chamado aqui. Em certo sentido, ele entrou nessas dificuldades por sua própria iniciativa. Em Filipos, ele não invocou sua cidadania quando foi tratado injustamente (Atos 16:23). Ele o fez quando, pouco tempo depois, quiseram libertá-lo secretamente porque isso servia à causa de Cristo ali (Atos 16:37). Mas isso é sobre ele mesmo. Anteriormente, ele havia declarado que era judeu e agora declara que é romano. Nenhum dos dois era pecado, mas seria esse o poder do Espírito Santo e o testemunho a respeito de Cristo? No entanto, podemos perguntar, com igual justificativa, em que ponto o Senhor exige que os Seus se exponham a sofrimentos desnecessários. Em termos gerais, podemos dizer que, para todos aqueles que criticam o comportamento do apóstolo aqui, é mais fácil ser um mártir na teoria do que na prática.

Como Paulo invoca sua cidadania romana, os preparativos para a flagelação são cancelados. O centurião presume que Paulo está dizendo a verdade e informa seu superior. O tribuno quer ter certeza e pergunta a Paulo se ele é romano. Paulo confirma a pergunta de forma sucinta com: "Sim". Ele não entra em detalhes sobre o que tudo isso significa. Ele só quer salientar que algo está acontecendo que contradiz a lei da qual Roma tanto se orgulha.

O tribuno olha para Paulo com desconfiança. Qualquer um pode afirmar que é romano. Ele mesmo comprou essa cidadania por muito dinheiro, porque a cidadania romana lhe dava muitas vantagens. Onde esse pequeno homem teria conseguido o dinheiro? Mas Paulo tinha automaticamente essa cidadania porque nasceu em Tarso.

O fato de Paulo ter invocado sua cidadania romana o livrou imediatamente da ameaça de açoitamento. No entanto, o tribuno ainda quer saber qual é a sua posição em relação a Paulo. Ele manda tirar os grilhões de Paulo e ordena que o sumo sacerdote e todo o sinédrio se reúnam. O tribuno não leva Paulo perante o sinédrio porque se trata de um julgamento, mas para descobrir o que de fato está em jogo aqui por meio do confronto entre as duas partes.

Isso mostra o poder dos romanos sobre o sistema religioso dos judeus. Isso também deixa claro o quão grande é a escravidão em relação às nações, nas quais o povo de Deus caiu por causa de seus pecados. Isso também mostra como o povo é cego e arrogante quando se irrita com o fato de que a salvação de Deus se estende às nações.

Atos 23

Atos 23:1-5 | Paulo em conflito com o sumo sacerdote

1 E, pondo Paulo os olhos no conselho, disse: Varões irmãos, até ao dia de hoje tenho andado diante de Deus com toda a boa consciência. 2 Mas o sumo sacerdote, Ananias, mandou aos que estavam junto dele que o ferssem na boca. 3 Então, Paulo lhe disse: Deus te ferirá, parede branqueada! Tu estás aqui assentado para julgar-me conforme a lei e, contra a lei, me mandas ferir? 4 E os que ali estavam disseram: Injurias o sumo sacerdote de Deus? 5 E Paulo disse: Não sabia, irmãos, que era o sumo sacerdote; porque está escrito: Não dirás mal do príncipe do teu povo.

Paulo se dirige ao Sinédrio e fala com eles. Ele não é questionado primeiro, mas fala imediatamente. Ele está no mesmo nível que eles, porque perante as autoridades – representadas pelo sumo sacerdote – ambos são uma só parte. Ao se dirigir a eles como “irmãos”, ele enfatiza mais uma vez o vínculo que tem com eles, identifica-se com eles e garante que tem a atenção deles.

Ele começa com o testemunho de uma consciência completamente boa diante de Deus. Ele sempre teve isso (2Tim 1:3), mesmo quando estava perseguindo a igreja. Afinal de contas, ele achava que estava prestando um serviço a Deus (João 16:2). Isso nos mostra como a consciência é relativa. Sua mudança, sua conversão, não tem consequências para o efeito de sua consciência. Mesmo depois de sua conversão, ele não fez nada além daquilo de que estava convencido perante Deus. Ele sempre teve o cuidado de manter sua consciência livre de qualquer acusação contra si mesmo (Atos 24:16).

Você pode manter a consciência tranquila se fizer tudo o que sua consciência o orienta a fazer de forma honesta e rigorosa. Ao mesmo tempo, a consciência é uma questão inteiramente pessoal. Somente quando está sujeita à Palavra de Deus é que ela pode funcionar de modo a ser uma bênção para os outros e para a glória de Deus. Justamente pelo fato de

a consciência ser tão fortemente personalizada, ela não é um argumento forte. Ela é muito subjetiva. Ninguém pode controlá-la.

Essas palavras sobre sua consciência são as únicas que Paulo pode dizer. Ele não tem a chance de dizer nada sobre o Senhor Jesus. O sumo sacerdote fica muito irritado, possivelmente tanto pelo zelo de Paulo quanto pelo que ele diz. Como esse judeu apóstata ousa falar sobre andar diante de Deus com a consciência limpa? Ele imediatamente quer resolver o problema com suas próprias mãos e faz isso dando a ordem para proibir Paulo de falar à força. Quando Paulo ouve isso, ele reage imediatamente com um comentário incisivo. Sua resposta é justificada, mas não revela a mansidão de Cristo. O julgamento de Paulo aqui tem o caráter de uma profecia, que também foi cumprida de acordo com a história extrabíblica.

A expressão “parede caiada”, que Paulo usa para o sumo sacerdote, não é algo que ele mesmo inventou. Ele a tomou emprestada do profeta Ezequiel, que usa essa expressão para os governantes hipócritas de Israel que desencaminharam o povo (Eze 13:10; Mat 23:27). O discurso deles se assemelhava ao uso de cal para fechar rachaduras e buracos de modo que não pudessem mais ser vistos. Suas palavras não apenas tornaram invisível o estado dilacerado do povo, mas também lhe deram uma bela aparência. No entanto, Deus revelará e julgará essa condição.

Os participantes ficaram indignados com o insulto ao sumo sacerdote. Para eles, ele era o sumo sacerdote de Deus. Obviamente, o sumo sacerdote não havia se apresentado em trajes oficiais e, portanto, não era reconhecido como tal por Paulo. Também é possível que Paulo não pudesse reconhecê-lo bem, pois tinha uma visão particularmente ruim (Gál 4:15; 6:11). Paulo tem respeito pelo cargo, não pelo homem. Ele não fala do “sumo sacerdote de Deus”.

No entanto, ele aceita a correção de sua ofensa porque é lembrado interiormente de uma palavra das Escrituras (Êxo 22:28). A palavra leva Paulo a se confessar. A palavra citada não se refere a um sumo sacerdote, mas a alguém que exerce autoridade entre o povo. No entanto, o princípio tem validade geral e, portanto, também pode ser aplicado ao sumo sacerdote com relação ao seu cargo, por mais indigno que o homem tenha se comportado nesse cargo.

Paulo não tenta relativizar sua declaração explicando o texto de forma diferente. Nesse aspecto, ele é um modelo para nós. O que o Senhor podia dizer não se aplicava a ele: “Qual de vocês me convence de pecado? (Joã 8:46). O Senhor também nunca precisou dizer: “Eu não sabia”. O Senhor respondeu ao sumo sacerdote de uma maneira perfeitamente digna e também foi atingido no rosto. Sua resposta a isso foi tão perfeitamente digna quanto seu comentário anterior (Joã 18:22,23).

Atos 23:6-10 | Paulo divide o Sinédrio

6 E Paulo, sabendo que uma parte era de saduceus, e outra, de fariseus, clamou no conselho: Varões irmãos, eu sou fariseu, filho de fariseu! No tocante à esperança e ressurreição dos mortos sou julgado! 7 E, havendo dito isto, houve dissensão entre os fariseus e saduceus; e a multidão se dividiu. 8 Porque os saduceus dizem que não há ressurreição, nem anjo, nem espírito; mas os fariseus reconhecem uma e outra coisa. 9 E originou-se um grande clamor; e, levantando-se os escribas da parte dos fariseus, contendiam, dizendo: Nenhum mal achamos neste homem, e se algum espírito ou anjo lhe falou, não resistamos a Deus. 10 E, havendo grande dissensão, o tribuno, temendo que Paulo fosse despedaçado por eles, mandou descer a soldadesca, para que o tirassem do meio deles e o levassem para a fortaleza.

Paulo vê que não há disposição para ouvi-lo. Ele então faz uso de seu conhecimento de ambas as partes e as coloca uma contra a outra. Quando eles se envolvem um com o outro, uma condenação unânime de sua parte está muito longe de acontecer. Ele sabe que uma parte do Sinédrio é formada por fariseus e a outra por saduceus. Em voz alta, ele se dirige ao Sinédrio como “irmãos” novamente. Em seguida, explica que é fariseu, não por ter entrado para esse grupo, mas porque seu pai já era um. Portanto, ele deixa claro a qual dos dois grupos do Sinédrio ele está associado. A princípio, esse grupo não deve ter considerado isso uma honra.

Então Paulo diz algo que divide o Sinédrio. Ele é um fariseu que tem de responder pela esperança e ressurreição dos mortos. No Sinédrio, os dois grupos se davam bem juntos, evitando as coisas que os dividiam. No entanto, quando essa questão doutrinária é levantada em seu meio, ela se torna uma questão de disputa.

A declaração de Paulo de que ele era fariseu não estava errada, mas estava abaixo do nível de suas próprias palavras em Filipenses 3 (Flp 3:7). Lá ele se abstém de fazer isso porque, à luz de Cristo, esse fato não tem mais nenhum significado para ele. Paulo também não está falando sobre a ressurreição dos mortos, a verdade associada ao Cristo glorificado que volta para buscar os seus, mas sobre a ressurreição dos mortos. Todo judeu temente a Deus professava a ressurreição dos mortos, até mesmo os gentios tementes a Deus (Jó 19:25-27).

O espírito e a atmosfera da sociedade em que Paulo se encontrava influenciaram seu testemunho. Paulo queria provar sua lealdade à lei, e isso incluía ser um fariseu. Isso também incluía a ressurreição como a esperança de Israel. Como fariseu, ele fala sobre a esperança messiânica de Israel, porque a esperança de Israel é o Messias. Ele está procurando o que os une como judeus, e isso é a expectativa do Messias.

A disputa que se inicia entre os fariseus e saduceus não é uma disputa sobre Paulo ou sobre a verdade, mas sobre o partido. Os partidários olham para tudo do ponto de vista do partido e não da fonte independente da Palavra de Deus. Os saduceus são os que têm o pensamento livre. O que eles não podem provar, eles não acreditam. É por isso que eles dizem que não há ressurreição e também que não há anjos ou espíritos.

Isso também era evidente em suas vidas. A vida na Terra era tudo para eles. Eles se banhavam no luxo e se entregavam às formas mais grosseiras de hedonismo. Eles se entregavam ao princípio: “Comamos e bebamos, porque amanhã morreremos!” (1Cor 15:32). No entanto, eles se consideravam ortodoxos porque acreditavam nos cinco livros de Moisés, os livros mais importantes dos judeus. Eles afirmavam aderir estritamente à Lei de Moisés, que para eles era a Palavra de Deus.

Por outro lado, os fariseus acreditavam em todos os livros da Bíblia, ou seja, em todo o Antigo Testamento. Eles também acreditavam na ressurreição, nos anjos e nos espíritos. Eles esperavam o Messias. No entanto, eles haviam acrescentado muitas coisas à palavra de Deus. Portanto, aos olhos dos saduceus, eles eram os livres-pensadores.

Se conhecermos a confissão dos saduceus, não é de surpreender que, acima de tudo, eles se revelem como inimigos do evangelho nos Atos dos

Apóstolos. Afinal de contas, a ressurreição do Senhor Jesus é pregada com grande vigor no livro de Atos. É verdade que, durante a vida do Senhor Jesus, os fariseus se revelaram seus adversários, o que, à luz de sua confissão combinada com sua incredulidade, não nos surpreende.

O resultado da habilidade de Paulo não demorou a se manifestar. Seu comparecimento perante o Sinédrio proporciona um mínimo de testemunho e um máximo de confusão. Segue-se um grande clamor, cujo tom é dado por alguns escribas pertencentes aos fariseus. Os escribas dos fariseus desconfiam das palavras de Paulo. Imaginem que esse homem recebeu uma mensagem do mundo invisível...! Agora eles não acusam mais Paulo, mas declaram que estão do lado dele para formar uma frente com ele contra os saduceus.

O tribuno, que estava observando tudo até aquele momento, mais uma vez temeu pela vida de Paulo. Ele intervém pela segunda vez para impedir que Paulo seja assassinado por seu próprio povo.

Atos 23:11 | O Senhor encoraja Paulo

11 E, na noite seguinte, apresentando-se-lhe o Senhor, disse: Paulo, tem ânimo! Porque, como de mim testificaste em Jerusalém, assim importa que testifiques também em Roma.

Paulo não deve ter ficado feliz. Não porque seu estratagema tivesse falhado, pois se ele tivesse apresentado sua crença na ressurreição com a intenção de jogar as duas partes uma contra a outra, então esse estratagema teria sido bem-sucedido. Seu desânimo tem a ver principalmente com o fato de que seu testemunho não foi aceito e que ele nem mesmo teve a chance de testemunhar. Quando ele se senta tão desanimado na prisão, na escuridão de sua cela, na escuridão da noite e no desespero de sua alma, o Senhor aparece a ele. Ele o ilumina ao seu redor, de modo que a escuridão precisa ceder.

O Senhor não repreendeu Paulo. Esse fato, por si só, deveria nos alertar para sermos extremamente cuidadosos em nosso julgamento do caminho que Paulo tomou. O Senhor o encontra em seu desânimo. O Senhor sabe por experiência própria o que significa quando o ministério é rejeitado e a pessoa tem a sensação de que tudo foi em vão (Isa 49:4).

O testemunho que Paulo havia dado em Jerusalém não lhe trouxe o que ele esperava. Por sua própria culpa, ele poderia considerá-lo um fracasso. Mas veja o julgamento do Senhor. O Senhor considera seu testemunho em Jerusalém como suficiente e acrescenta que ele também deve testemunhar da mesma forma em Roma. Mesmo que não haja resultados diretos do testemunho, o Senhor o valoriza. Com um “Tende bom ânimo!”, Ele levanta Paulo (cf. Atos 18:9,10; 27:22-25; 2Tim 4:16,17).

Atos 23:12-15 | A conspiração contra Paulo

12 Quando já era dia, alguns dos judeus fizeram uma conspiração e juraram dizendo que não comeriam nem beberiam enquanto não matassem a Paulo. 13 E eram mais de quarenta os que fizeram esta conjuração. 14 Estes foram ter com os principais dos sacerdotes e anciãos e disseram: Conjuramo-nos, sob pena de maldição, a nada provarmos até que matemos a Paulo. 15 Agora, pois, vós, com o conselho, rogai ao tribuno que vo-lo traga amanhã, como querendo saber mais alguma coisa de seus negócios, e, antes que chegue, estaremos prontos para o matar.

Os judeus estão furiosos com o fato de Paulo não ter sido condenado. Seu grande inimigo ainda está vivo e eles não conseguem superar isso. Então, eles decidem fazer justiça com as próprias mãos. Quarenta judeus armam um plano, uma conspiração para matar Paulo. Eles estão tão sérios que se amaldiçoam com um juramento. Parte do juramento é que não comerão ou beberão nada até que tenham matado Paulo. Eles devem ter quebrado esse juramento ou realmente morreram de fome, porque a conspiração deles foi obviamente notada.

Essas quarenta pessoas vão até os principais sacerdotes e anciãos, que pertenciam principalmente ao partido dos saduceus. Nada é dito aqui sobre os fariseus, aos quais os escribas em particular pertenciam. Eles não estavam mais tão interessados na morte de Paulo. Em primeiro lugar, eles dizem o que impuseram a si mesmos em seu ódio sem limites contra Paulo. Eles só querem uma coisa: sua morte.

Eles apresentam seu plano ao Sinédrio. O Sinédrio deve deixar claro para o tribuno que ele deve apresentar Paulo a eles mais uma vez. A desculpa esfarrapada é que eles querem investigar mais o caso dele. Em seguida, eles

querem preparar uma emboscada para assassiná-lo a partir da emboscada no caminho para o Sinédrio. Eles serão capazes de lidar com as poucas pessoas que o acompanharão.

Atos 23:16-22 | A conspiração descoberta

16 E o filho da irmã de Paulo, tendo ouvido acerca desta cilada, foi, e entrou na fortaleza, e o anunciou a Paulo. 17 E Paulo, chamando a si um dos centuriões, disse: Leva este jovem ao tribuno, porque tem alguma coisa que lhe comunicar. 18 Tomando-o ele, pois, o levou ao tribuno e disse: O preso Paulo, chamando-me a si, me rogou que te trouxesse este jovem, que tem alguma coisa que dizer-te. 19 E o tribuno, tomando-o pela mão e pondo-se à parte, perguntou-lhe em particular: Que tens que me contar? 20 E disse ele: Os judeus se concertaram rogar-te que amanhã leves Paulo ao conselho como tendo de inquirir dele mais alguma coisa ao certo. 21 Mas tu não os creias, porque mais de quarenta homens dentre eles lhe andam armando ciladas, os quais se obrigaram, sob pena de maldição, a não comerem nem beberem até que o tenham morto; e já estão apercebidos, esperando de ti promessa. 22 Então, o tribuno despediu o jovem, mandando-lhe que a ninguém dissesse que lhe havia contado aquilo.

Não importa o quanto o homem possa inventar, Deus está acima de tudo. A pessoa que faz planos sem Deus sempre será envergonhada. Dessa vez, Deus usa um membro da família de Paulo para frustrar o plano maligno dos judeus. Essa é a primeira vez que ouvimos falar de uma das irmãs de Paulo e de seu filho, sobrinho de Paulo. Depois disso, não ouvimos mais nada sobre eles. Eles aparecem brevemente em cena porque Deus quer que apareçam.

Sempre que Deus trabalha, Ele o faz à Sua própria maneira e, muitas vezes, de forma surpreendente. Não existe um procedimento padrão que Ele sempre use. Por exemplo, Ele não aparece novamente a Paulo em uma visão para adverti-lo. Ele usa maneiras comuns. Ele dirige as circunstâncias de modo que o sobrinho de Paulo fica sabendo da conspiração e conta a Paulo.

Quando Paulo ouve isso, ele exerce com prazer seu direito de denunciar esse mal e, assim, garantir sua própria segurança. A promessa do Senhor

no verso 11 não o deixa desamparado. Ele certamente sabia que seu sobrinho era um jovem confiável que não viria até ele com histórias inventadas.

Paulo chama um dos centuriões até ele. Isso mostra que Paulo tem certa liberdade e também certo respeito por parte de seus guardas. Ele pede ao centurião – sem nenhuma explicação adicional – que leve seu sobrinho ao tribuno, pois tem algo a lhe relatar. O centurião faz o que Paulo pede e leva seu sobrinho até o tribuno. Ele relata corretamente o pedido de “Paulo, o prisioneiro”, um termo que Paulo também usa várias vezes para si mesmo (Efé 3:1; 4:1; 2Tim 1:8; Flm 1:9).

O tribuno leva o jovem a sério porque ele foi enviado por Paulo e já conhecia o “Paulo prisioneiro” até certo ponto. Esse prisioneiro em particular deve ter impressionado o homem endurecido. Ele pode ser como o centurião que, na cruz do Senhor Jesus, também chegou à conclusão de que estava lidando com um homem justo (Luc 23:47).

É claro que, em tudo isso, vemos a mão do Senhor, para quem Paulo é, antes de tudo, um prisioneiro. Ele também guia os sentimentos de um homem endurecido que – como Paulo – leva o jovem a sério. Com seu aguçado senso de perigo iminente, ele leva o sobrinho de Paulo à parte. O que esse jovem tem a lhe dizer não se destina a outros ouvidos.

Ele convida o jovem a lhe contar o que tem a relatar. O sobrinho de Paulo conta sobre sua descoberta. Ele conta sobre o acordo que os judeus fizeram com o Sinédrio para pedir ao governante que levasse Paulo perante o Sinédrio. Ele acrescenta as razões que eles deram para isso. O jovem também relata em detalhes o que esses quarenta homens apresentaram ao Sinédrio.

Lucas não relata como ele ficou sabendo disso. Uma explicação óbvia seria o fato de que um segredo que pelo menos quarenta homens deveriam guardar para si mesmos é difícil de ser mantido em segredo. Em um grupo tão grande, é fácil que ocorra um vazamento. Mas ainda há a questão de saber se algo assim é ouvido em primeira mão e com tantos detalhes ou por meio de rumores. De qualquer forma, o Senhor garantiu que o sobrinho de Paulo ouvisse sobre a trama e soubesse exatamente o que estava planejado.

O sobrinho não era mais um menino. Ele podia pensar e raciocinar por si mesmo. Para enfatizar a seriedade do assunto, ele exorta o governante

a não se deixar enganar pelo Sinédrio. É possível que o coronel já tivesse recebido o pedido do Sinédrio quando o sobrinho lhe contou sobre sua descoberta. O jovem diz que o Sinédrio está pronto e esperando por sua promessa. Isso também torna a história crível para o coronel. Caso contrário, ele poderia ter esperado pela investigação do Sinédrio e, assim, verificar se a história do jovem era realmente verdadeira.

O tribuno reconhece o perigo porque agora ele sabe tudo sobre o ódio dos judeus contra Paulo. Ele ordena que o jovem não conte a ninguém sobre o conteúdo da conversa e o dispensa. Assim, esse membro da família desaparece de cena. O Senhor o usou por um curto período de tempo para atingir seu objetivo. Agora o Senhor pega o tribuno pela mão novamente, sem que ele perceba, para levar seu prisioneiro Paulo para onde Ele o quer: para Roma.

Atos 23:23-30 | A carta de Lísias a Félix

23 E, chamando dois centuriões, lhes disse: Aprontai para as três horas da noite duzentos soldados, e setenta de cavalo, e duzentos lanceiros para irem até Cesaréia; 24 e aparelhai cavalgaduras, para que, pondo nelas a Paulo, o levem salvo ao governador Félix. 25 E escreveu uma carta que continha isto: 26 Cláudio Lísias a Félix, potentíssimo governador, saúde. 27 Este homem foi preso pelos judeus; e, estando já a ponto de ser morto por eles, sobrevim eu com a soldadesca e o liberei, informado de que era romano. 28 Querendo saber a causa por que o acusavam, o levei ao seu conselho. 29 E achei que o acusavam de algumas questões da sua lei, mas que nenhum crime havia nele digno de morte ou de prisão. 30 E, sendo-me notificado que os judeus haviam de armar ciladas a esse homem, logo to enviei, mandando também aos acusadores que perante ti digam o que tiverem contra ele. Passa bem.

O tribuno não deixa o assunto crescer. Ele dá instruções para o transporte de Paulo. A hora da partida foi marcada para a terceira hora da noite, ou seja, nove horas da noite. O tamanho da escolta não tinha nada a ver com a segurança de Paulo como cristão, mas como romano. O tribuno ficaria mal se um romano fosse morto durante seu mandato.

O tribuno leva o assunto muito a sério porque sabe como as pessoas religiosas são fanáticas. É por isso que ele envia nada menos que uma tropa

de 470 homens para proteger Paulo. Ele até mesmo fornece a Paulo uma montaria para que ele não tenha que andar. Sua intenção era levar Paulo para Cesaréia, onde morava o governador Félix. Ele acredita que o assunto está além de sua alçada e que Félix, como seu superior e responsável pelo sistema legal na Judeia, deve agora julgar.

Para explicar a entrega do prisioneiro, o tribuno escreve uma carta a Félix, cujo conteúdo Lucas compartilha conosco. Não sabemos como Lucas obteve o conteúdo dessa carta. Tampouco o tribuno tinha ideia de que o que ele havia destinado somente a Félix poderia ser lido por todos na Bíblia hoje. Isso não significa que sua carta tenha sido inspirada, mas que Lucas foi inspirado a incluir essa carta na Palavra de Deus. Há também declarações de incrédulos e até mesmo do diabo na Bíblia. Os incrédulos ou o demônio não são inspirados, mas o escritor da Bíblia que escreveu essas palavras.

Na introdução da carta, aprendemos o nome da pessoa que já encontramos várias vezes e que sempre foi chamada de “potentíssimo”. O nome do superior é, portanto, Cláudio Lísias, mais tarde chamado de “Lísias, o tribuno”.

Em sua carta, Lísias explica o motivo pelo qual está levando Paulo ao governador. Ao fazer isso, ele apresenta os fatos de uma forma favorável a si mesmo, mesmo que aqui e ali ele atente contra a verdade. Por exemplo, ele não havia tirado Paulo dos judeus porque tinha ouvido falar que ele era romano. Ele só recebeu essa informação quando quis que ele fosse açoitado. Ele fez parecer que a situação era melhor do que de fato era. Mas ele continua a fazer um relato preciso dos eventos.

Além disso, é digno de nota que esta carta oficial afirma que Paulo não fez nada digno de morte ou prisão. Mais uma vez, um gentio testemunha a inocência de Paulo. A carta também mostra que ele informou aos acusadores que Paulo havia sido enviado a Cesaréia e que eles poderiam ir até lá para apresentar sua acusação contra Paulo.

Atos 23:31-35 | Paulo é transferido para Félix

31 Tomando, pois, os soldados a Paulo, como lhes fora mandado, o trouxeram de noite a Antipátride. 32 No dia seguinte, deixando aos de cavalo irem com

ele, tornaram à fortaleza; 33 os quais, logo que chegaram a Cesaréia e entregaram a carta ao governador, lhe apresentaram Paulo. 34 E o governador, lida a carta, perguntou de que província era; e, sabendo que era da Cilícia, 35 disse: Ouvir-te-ei quando também aqui vierem os teus acusadores. E mandou que o guardassem no pretório de Herodes.

Começa a transferência do prisioneiro. Como convém a bons soldados, eles seguem as ordens de seu superior (Mat 8:9) e buscam Paulo. A primeira parte da viagem ocorre à noite e tem como destino Antipatris. No dia seguinte, os soldados a pé retornam, enquanto os cavaleiros continuam a viagem para Cesaréia com Paulo no centro. Em Cesaréia, eles vão até o governador Félix e lhe entregam a carta de Cláudio Lísias explicando o motivo da visita. Esse motivo agora está diante dele na pessoa de Paulo.

Depois de ler a carta, Félix pergunta a Paulo de que província ele vem. A resposta é que ele vem da Cilícia, onde Tarso também está localizada. Embora essa não fosse parte da área de autoridade de Félix, ele não viu motivo para transferir Paulo para esse distrito. Talvez ele não quisesse ofender muito os judeus, pois eles teriam que viajar até a Cilícia para apresentar suas acusações.

Ele diz a Paulo que quer interrogá-lo assim que seus acusadores chegarem. A lei romana estipulava que o acusado e os acusadores deveriam comparecer juntos perante o juiz. Os acusadores poderiam, então, apresentar sua acusação, após o que o acusado teria a oportunidade de se defender e refutá-la.

Após sua comunicação a Paulo, Félix ordenou que Paulo fosse mantido no pretório de Herodes. O Pretório de Herodes é o palácio construído por Herodes, o Grande, que havia sido designado pelos romanos como residência oficial do governador.

Atos 24

Atos 24:1-9 | Paulo acusado perante Félix

1 Cinco dias depois, o sumo sacerdote, Ananias, desceu com os anciãos e um certo Tértulo, orador, os quais compareceram perante o governador contra Paulo. 2 E, sendo chamado, Tértulo começou a acusá-lo, dizendo: 3 Visto como, por ti, temos tanta paz, e, por tua prudência, se fazem a este povo muitos elouváveis serviços, sempre e em todo lugar, ó potentíssimo Félix, com todo o agradecimento o queremos reconhecer. 4 Mas, para que te não detenha muito, rogo-te que, conforme a tua equidade, nos ouças por pouco tempo. 5 Temos achado que este homem é uma peste e promotor de sedições entre todos os judeus, por todo o mundo, e o principal defensor da seita dos nazarenos; 6 o qual intentou também profanar o templo; e, por isso, o prendemos e, conforme a nossa lei, o quisemos julgar. 7 Mas, sobrevindo o tribuno Lísias, no-lo tirou dentre as mãos, com grande violência, 8 mandando aos seus acusadores que viessem a ti; e dele tu mesmo, examinando-o, poderás entender tudo o de que o acusamos. 9 E também os judeus o acusavam, dizendo serem estas coisas assim.

O Sinédrio dedicou tempo para preparar bem o assunto. Eles também levaram um orador com eles. Depois de cinco dias, eles compareceram perante o governador com esse orador – um certo Tértulo – e apresentaram acusações contra Paulo. Tértulo havia sido cuidadosamente informado pelo Sinédrio e apresentaria o caso com vigor, mas sem sucesso. Ele foi contratado por causa de seu talento oratório, mas não tinha nenhuma conexão interna com o assunto em si.

Ele começa seu discurso com uma boa dose de lisonja. A “grande paz” que eles “desfrutaram” e o “cuidado com esta nação” que Tértulo exalta como tendo sido trazidos pela liderança de Félix são grandes mentiras. Não se sabe nada sobre essa política desse homem. Pelo contrário, ele era conhecido como um homem que não prestava. A gratidão é completamente falsa, uma hipocrisia da mais alta ordem. Os judeus não gostavam nem um pouco desse homem, mas ficaram calados ou concordaram com um aceno de cabeça diante dessa hipocrisia.

Com seu discurso de bajulação legal, Tértulo apela aos sentimentos do governador. O governador só precisava ouvir por um momento e o assunto ficaria completamente claro para ele. Depois disso, o governador poderia voltar às coisas realmente importantes e difíceis. O homem que está diante dele foi supostamente considerado uma praga. Portanto, ele é um homem doente que também está espalhando essa doença. Está bem claro que ele é um causador de problemas entre todos os judeus da Terra. Poderia haver um infrator maior? Ele também é o líder de uma seita que ameaça o Estado, a seita dos nazarenos.

Tértulo simplesmente oscila de um extremo a outro. Ele elogia Félix como um homem de alta posição e reputação e, ao mesmo tempo, descreve o apóstolo de alta posição como uma praga que prejudica a saúde pública. Com tudo isso, Tértulo quer dar a impressão de que Félix está prestando um grande serviço ao mundo inteiro ao condenar esse homem. Assim, ele está removendo uma fruta podre que, de outra forma, infectaria todas as belas frutas do Império Romano, das quais os judeus também são uma fruta maravilhosa.

Esse homem era realmente um causador de problemas. Em todo lugar que ele ia, havia tumulto e agitação entre os judeus. No entanto, eles mesmos, os judeus, eram os causadores de problemas. Tértulo descreve Paulo como um líder de gangue da “seita dos nazarenos”, um nome para os cristãos que só encontramos aqui. Ele transforma os seguidores do Nazareno, o Senhor Jesus, em uma gangue.

Tértulo também faz uma acusação importante, embora de forma enfraquecida, com relação à profanação do templo. Ele apresenta isso como se Paulo tivesse “tentado” profanar o templo, o que na verdade significa que ele não o fez. Somente a tentativa foi motivo suficiente para prendê-lo e julgá-lo de acordo com a “nossa” lei. Ainda é a velha mentira de que Paulo queria trazer seu amigo grego Trófimo para o templo.

Para enfatizar a acusação, Tértulo aponta para o que Lísias fez ao libertar Paulo. Parece que Tértulo está dizendo que Lísias teria sido melhor se não tivesse feito isso, porque assim Félix não teria que dedicar seu valioso tempo ao assunto. Ao falar de “grande violência”, Tértulo também dá a entender o quanto eles gostariam de tirar esse homem do caminho. Mas o

resultado foi diferente. Eles fizeram o que Lísias ordenou e compareceram diante de Félix. Félix entenderá que não se faz isso quando não se está completamente seguro de si.

Enquanto Tértulo fazia sua defesa, os judeus demonstravam repetidamente sua aprovação. Eles concordaram com Tértulo, afirmando que tudo aconteceu da maneira como Tértulo apresentou.

Atos 24:10-13 | Paulo refuta as acusações

10 Paulo, porém, fazendo-lhe o governador sinal que falasse, respondeu: Porque sei que já vai para muitos anos que desta nação és juiz, com tanto melhor ânimo respondo por mim. 11 Pois bem podes saber que não há mais de doze dias que subi a Jerusalém a adorar; 12 e não me acharam no templo falando com alguém, nem amotinando o povo nas sinagogas, nem na cidade; 13 nem tampouco podem provar as coisas de que agora me acusam.

Félix dá a Paulo a oportunidade de se defender. Ele defende sua própria causa. Ele não precisava de um orador como Tértulo (Mat 10:18-20). Ele faz isso com uma dignidade que ofusca completamente a verborragia de Tértulo. Sem qualquer indício de lisonja, ele reconhece Félix como o juiz do povo judeu. Paulo menciona que sabe que Félix ocupou esse cargo por muitos anos. Isso significa que Félix está bem familiarizado com os costumes do povo. Isso dá a Paulo uma boa coragem em sua defesa. Há uma grande diferença entre explicar algo para pessoas que entendem e explicar para pessoas que não estão completamente familiarizadas com o assunto.

No início, ele ressalta que faz apenas doze dias que ele chegou a Jerusalém. Portanto, não faz sentido retratá-lo como alguém que construiu uma reputação de causador de problemas. Em seguida, ele dá o motivo pelo qual veio a Jerusalém. A razão era que ele queria adorar lá e trazer a reunião das nações para os pobres crentes em Jerusalém (verso 17). Essas são as atividades de um líder de gangue?

Paulo está falando de adoração, mas não no sentido cristão da palavra, e sim de acordo com a norma judaica. Ele está falando aqui como um verdadeiro judeu entre os judeus. A adoração cristã não está vinculada ao lugar de Jerusalém. Aqui ele é o judeu que ainda está ligado ao judaísmo. Embora houvesse uma congregação cristã em Jerusalém que ele visitou,

ele dá a impressão de que não estava interessado na adoração cristã. Ele descarta sua estada no templo e as acusações que eles associam a ela como invenções gratuitas. Paulo rejeita seus acusadores e afirma que eles não podem provar sua acusação a Félix.

Atos 24:14-21 | Paulo explica sua fé ortodoxa

14 Mas confesso-te que, conforme aquele Caminho, a que chamam seita, assim sirvo ao Deus de nossos pais, crendo tudo quanto está escrito na Lei e nos Profetas. 15 Tendo esperança em Deus, como estes mesmos também esperam, de que há de haver ressurreição de mortos, tanto dos justos como dos injustos. 16 E, por isso, procuro sempre ter uma consciência sem ofensa, tanto para com Deus como para com os homens. 17 Ora, muitos anos depois, vim trazer à minha nação esmolas e ofertas. 18 Nisto, me acharam já santificado no templo, não em ajuntamentos, nem com alvoroços, uns certos judeus da Ásia, 19 os quais convinha que estivessem presentes perante ti e me acusassem, se alguma coisa contra mim tivessem. 20 Ou digam estes mesmos se acharam em mim alguma iniquidade, quando compareci perante o conselho, 21 a não ser estas palavras que, estando entre eles, clamei: hoje, sou julgado por vós acerca da ressurreição dos mortos!

Paulo agora explica que ele não é um judeu apóstata, mas que serve ao Deus dos pais. Ele confessa que serve ao mesmo Deus que seus acusadores afirmam servir. Ao mesmo tempo, ele confessa que acredita em tudo o que está escrito na lei e nos profetas. Mas há também uma grande diferença, que ele também menciona. Ele serve ao Deus dos pais e acredita no que está de acordo com a lei e no que está escrito nos profetas, de acordo com o caminho.

Ele confessa que a direção que é considerada uma seita dentro do judaísmo e chamada de Caminho é o padrão de suas ações. Ao fazer isso, ele aponta indiretamente para o Senhor Jesus, aquele que é o caminho de e para Deus. Essa também é a base da esperança que ele tem em Deus – uma esperança que eles também têm –, a saber, que há uma ressurreição. Com isso, Paulo também aponta para o terreno comum em que ele e seus acusadores se encontram.

Naquela época, o cristianismo ainda era visto como uma seita do judaísmo, cujos seguidores afirmavam que o Messias havia chegado, mas que, de outra forma, não diferiam em nada dos judeus ortodoxos. Ao enfatizar repetidamente a base comum, Paulo está, de certa forma, dizendo: Eles podem ter me expulsado, mas eu não os rejeitei. Assim, ele declara sua solidariedade com seu povo. Como ele poderia, portanto, ser chamado de “uma praga”?

A ressurreição era conhecida pelos judeus desde o Antigo Testamento (Jó 19:25-27; Slm 16:9-11; Dan 12:13). No entanto, a diferença entre a ressurreição dos justos e dos injustos não é conhecida no Antigo Testamento. O Novo Testamento nos mostra que há um período de mil anos entre as duas ressurreições (Apo 20:4-6).

Quando Paulo menciona a ressurreição, ele confronta o governador Félix com o estado após a morte. Essa é uma pista para Félix pensar sobre o assunto. Paulo descreve a ressurreição como uma esperança (Atos 23:6; 26:6; 28:20). Essa esperança inclui o cumprimento certo das promessas que Deus fez ao seu povo.

Paulo vivia nessa esperança e expectativa. Esse era o motivo (“Por isso”) para ele servir a Deus com uma consciência sem ofensa. Em nenhuma circunstância ele queria fazer algo que o levasse a perder seu vínculo interior com Deus e a perder de vista o cumprimento das promessas de Deus. Ao falar dessa forma, ele também fala à consciência das pessoas diante das quais ele se apresenta (cf. Atos 23:1). Félix não tinha uma consciência sem ofensa, assim como Tértulo e os judeus incrédulos.

Mais uma vez ele ressalta que não esteve em Jerusalém por muitos anos e que, quando voltou para lá, não veio para causar problemas, mas para fazer o bem. Se Félix quiser, ele pode testar tudo isso e descobrir que está confirmado. Quando ele chegou a Jerusalém, tinha consigo o dinheiro da coleta das nações (Rom 15:25-28; 1Cor 16:1-4; Gál 2:10).

O dinheiro era destinado à “minha nação”. Esses eram seus irmãos judeus crentes da igreja em Jerusalém, com os quais ele também queria oferecer sacrifícios. Não houve nenhum problema até que alguns judeus vieram da Ásia. Félix deveria tê-los interrogado uma vez para que testemunhassem sob juramento que o haviam visto com um gentio no templo. Mas até mes-

mo os judeus de Jerusalém que compareceram diante de Félix poderiam ter feito uma acusação genuína em relação a Paulo.

A única coisa da qual eles poderiam acusá-lo é o que ele proclamou quando estava no meio deles. Ele proclamou algo em que os saduceus se recusaram a acreditar. Essa acusação, no entanto, não causaria nenhuma impressão em Félix. Ele não se envolveria em diferenças teológicas.

Atos 24:22-27 | Félix e Paulo

22 Então, Félix, havendo ouvido estas coisas, lhes pôs dilação, dizendo: Havendo-me informado melhor deste Caminho, quando o tribuno Lísias tiver descido, então tomarei inteiro conhecimento dos vossos negócios. 23 E mandou ao centurião que o guardassem em prisão, tratando-o com brandura, e que a ninguém dos seus proibisse servi-lo ou vir ter com ele. 24 Alguns dias depois, vindo Félix com sua mulher Drusila, que era judia, mandou chamar a Paulo e ouviu-o acerca da fé em Cristo. 25 E, tratando ele da justiça, e da temperança, e do Juízo vindouro, Félix, espavorido, respondeu: Por agora, vai-te, e, em tendo oportunidade, te chamarei; 26 esperando, ao mesmo tempo, que Paulo lhe desse dinheiro, para que o soltasse; pelo que também, muitas vezes, o mandava chamar e falava com ele. 27 Mas, passados dois anos, Félix teve por sucessor a Pórcio Festo; e, querendo Félix comprazer aos judeus, deixou a Paulo preso.

Felix ficou envergonhado com esse assunto. Estava claro para ele que Paulo não tinha feito nada pelo qual a lei romana o considerasse culpado. Ele conhecia muito bem “o caminho”, sobre o qual sua esposa Drusila, que era judia, pode ter lhe informado (verso 24). No entanto, se ele admitisse que Paulo era inocente, incorreria na ira dos judeus, e o favor deles era mais importante para ele do que a justiça. Então ele recorre a uma saída e diz que adiaria o assunto para investigá-lo mais de perto. Ele queria esperar até que Lysias chegasse. No entanto, isso foi uma desculpa porque quando isso deveria acontecer?

Você pode conhecer bem “o caminho” e ainda assim não segui-lo. Sua evasão significou que Paulo permaneceu prisioneiro. No entanto, foi-lhe dada uma boa liberdade de movimentos, o que mostra que Félix não o via como um inimigo do Estado. Assim como Pilatos também estava convencido da inocência do Senhor, mas não O libertou.

Depois de alguns dias, Paulo tem a oportunidade de conversar a sós com o governador. Isso acontece a pedido de Félix, que voltou para Cesaréia com sua esposa Drusila. Ele quer ouvir mais de Paulo sobre a fé em Jesus Cristo. Paulo fala sobre isso e apela à sua consciência. Ele destemidamente conta ao ímpio Félix coisas que deveriam atingir sua consciência.

Ele fala com ele sobre “justiça”. É sobre sua vida em conexão com outras pessoas. Nisso ele certamente não foi justo e ainda agiu injustamente. Ele simplesmente pisoteou os direitos dos outros quando isso lhe deu uma vantagem. Desta forma ele também se apropriou de sua esposa Drusila, que pertencia a outro homem.

“Abstinência” também foi um tema sobre o qual Paulo falou. O autocontrole está relacionado a si mesmo. Ele não tinha nenhum autocontrole, mas cedeu à sua luxúria e já era casado com a terceira princesa.

Finalmente, Paulo apresentou-lhe “o julgamento vindouro” para o qual ele deveria se preparar. Este julgamento afetou Félix no seu relacionamento com Deus. Mas Deus também não deveria ter lugar em seu pensamento. Ele não afirma: “Agora é o momento agradável” (2Cor 6:2).

Paulo conecta tudo isso com a fé no Senhor Jesus. Félix seria capaz de escapar do julgamento por sua injustiça e vida desenfreada de pecado através da fé Nele. Félix sentiu a presença de Deus. Sua consciência fala, embora Paulo não tenha dito nada sobre seu modo de vida corrupto. Paulo apenas deixou a Palavra de Deus brilhar em poder, e isso fez o sua obra.

Mas Félix não quer a luz e manda Paulo embora. Muitos, sem dúvida, ficaram com medo quando estiveram diante de Félix, mas aqui os papéis se invertem. O cristianismo é muito caro para Félix. Ele não quer desistir de sua vida pecaminosa. Ele tem que desistir de muita coisa por isso, e ele não quer isso. Felix reage da mesma forma que muitas pessoas reagiram e ainda reagem.

Lucas menciona outra coisa que impede Félix de aceitar o evangelho: seu amor pelo dinheiro. O amor ao dinheiro é a raiz de todos os males (1Tim 6:10). Ele esperava que Paulo lhe desse dinheiro para que ele o libertasse. Cada vez que ele falava com Paulo, era com esse propósito em mente. Isso o impediu de escolher a Cristo.

Então dois anos se passaram. Estamos agora no ano 60. O sucessor de Félix é Pórcio Festo. Embora Félix estivesse convencido da inocência de Paulo e tivesse a oportunidade de libertá-lo, ainda assim o deixou prisioneiro. Um dos motivos foi que o acusador ainda não havia comparecido. Mas ele não se importava com a justiça. O dinheiro e a opinião pública eram mais importantes para ele.

Paulo já estava preso há mais de dois anos. Mesmo assim, ele não aproveitou a oportunidade para comprar sua liberdade. E por que ele estava preso? Humanamente falando, por causa de uma coisa infeliz que ele causou a si mesmo. Mas Deus usa isso. Isso significa que governadores como Félix (“o Feliz”) e Festo (“Festival”) entram em contato com o evangelho. Se aceitassem, ficariam verdadeiramente felizes e teriam uma verdadeira celebração. Mas, tanto quanto sabemos a sua história a partir das Escrituras, eles perderam a oportunidade de uma vida.

Atos 25

Atos 25:1-5 | Paulo acusado diante de Festo

1 Entrando, pois, Festo na província, subiu dali a três dias de Cesaréia a Jerusalém. 2 E o sumo sacerdote e os principais dos judeus compareceram perante ele contra Paulo e lhe rogaram, 3 pedindo como favor, contra ele, que o fizesse vir a Jerusalém, armando ciladas para o matarem no caminho. 4 Mas Festo respondeu que Paulo estava guardado em Cesaréia e que ele brevemente partiria para lá. 5 Os que, pois, disse, dentre vós têm poder desçam comigo e, se neste varão houver algum crime, acusem-no.

A cena em torno de Paulo mudou. Festo, agora sucessor de Félix como governador da Judéia, estabeleceu-se em Cesaréia. Cesaréia era a capital política, enquanto Jerusalém era a capital religiosa da Judéia, o coração do Judaísmo. As boas relações com Jerusalém foram fundamentais para manter a paz no seu território. É por isso que Festo sai logo após se mudar para sua residência oficial em Cesaréia para conhecer os líderes de lá.

Lá ele fica imediatamente incomodado com o assunto de Paulo. Dois anos depois, os judeus não esqueceram Paulo e o seu ódio ainda existe. Desde a sua chegada a Jerusalém, a sua morte sempre foi o seu objetivo (Atos 21:27-31; 22:22; 23:10-15; 25:3). O desejo dela pela morte dele não diminuiu. Um novo governador é uma nova oportunidade para se livrar do seu arquiinimigo.

Durante sua visita, uma delegação de principais sacerdotes e judeus respeitadas apresentou-lhe acusações contra Paulo. A nobre sociedade dos acusadores deixa claro quão importante o assunto com Paulo ainda é para eles. Além da acusação, eles também fazem um pedido. Paulo ainda estava prisioneiro em Cesaréia, e o pedido deles é que ele fosse transferido para Jerusalém. Agora que Festo está aqui e eles também, o assunto pode ser encerrado.

O plano hediondo deles é emboscar Paulo no caminho e matá-lo. Eles não confiam em Festo para julgá-lo. Se eles conseguirem fazer com que eles próprios matem Paulo, eles definitivamente se livrarão de seu inimigo.

Mas o cálculo não bate. Talvez Festo conheça os planos anteriores ou tenha lido relatórios sobre eles, mas de qualquer forma ele não cede ao pedido dos judeus. Paulo permanece sob custódia em Cesaréia, para onde ele retornará em breve. Nisto vemos a mão de Deus. Festo provavelmente quer fazer um favor aos judeus, dando-lhes a oportunidade para que os influentes viajem com ele e acusem Paulo em Cesaréia.

Atos 25:6-12 | Paulo apela ao imperador

6 E, não se demorando entre eles mais de dez dias, desceu a Cesaréia; e, no dia seguinte, assentando-se no tribunal, mandou que trouxessem Paulo. 7 Chegando ele, o rodearam os judeus que haviam descido de Jerusalém, trazendo contra Paulo muitas e graves acusações, que não podiam provar. 8 Mas ele, em sua defesa, disse: Eu não pequei em coisa alguma contra a lei dos judeus, nem contra o templo, nem contra César. 9 Todavia, Festo, querendo comprazer aos judeus, respondendo a Paulo, disse: Queres tu subir a Jerusalém e ser lá perante mim julgado acerca destas coisas? 10 Mas Paulo disse: Estou perante o tribunal de César, onde convém que seja julgado; não fiz agravo algum aos judeus, como tu muito bem sabes. 11 Se fiz algum agravo ou cometi alguma coisa digna de morte, não recuso morrer; mas, se nada há das coisas de que estes me acusam, ninguém me pode entregar a eles. Apelo para César. 12 Então, Festo, tendo falado com o conselho, respondeu: Apelaste para César? Para César irás.

Depois de oito ou dez dias, Festo retorna a Cesaréia. No dia de seu retorno, ele se senta no tribunal e ordena que Paulo seja apresentado a ele. Ao sentar-se no tribunal, o tratamento do “caso paulino” assume um caráter oficial. Mas que tipo de juiz se senta ali? É um homem que está preocupado exclusivamente com sua própria vantagem.

Esse também era o caso de Pilatos na época, de quem também lemos que ele se sentou “no tribunal” (João 19:13) para julgar o juiz de toda a terra (Gên 18:25). A justiça que ele pronunciou é a maior forma de injustiça já cometida.

É um grande incentivo saber que todos os assentos de julgamento terrenos são contrastados com um tribunal celestial. Os tribunais terrestres foram e são ocupados por pessoas que geralmente não estão em posição de fazer

um julgamento imparcial. No tribunal celestial, entretanto, está sentado um juiz que pronunciará a justiça perfeita (Rom 14:10; 2Cor 5:10).

Os judeus que haviam sido convidados por ele também compareceram diante de Festo. Lucas menciona que eles o cercaram, o que provavelmente se refere a Paulo. Eles o cercaram como cães de caça. Então, uma enxurrada de numerosas e graves acusações caiu sobre ele. Lucas não menciona nenhum detalhe sobre o conteúdo. A partir da defesa de Paulo, podemos deduzir do que eles o acusavam.

Como os judeus ainda não chegaram a nenhuma conclusão com relação à sua acusação, eles devem ter feito muitas acusações e as diversificaram o mais amplamente possível. Ao fazer isso, eles cometeram uma terrível violência contra a verdade. Portanto, não é de surpreender que eles não tenham conseguido provar uma única reclamação. Foi justamente o exagero nas acusações que facilitou a defesa de Paulo.

Além disso, Festo não está nem um pouco interessado no que é importante para os judeus. O que ele tem a ver com a lei dos judeus? Quando os judeus acusam Paulo de ensinar às nações que elas não precisam guardar a lei, isso não significa nada para ele. O mesmo se aplica à acusação de que ele profanou o templo.

A acusação de que ele havia feito algo contra o imperador poderia ser algo interessante. Eles atribuíram essa acusação à pregação de um rei que não era o imperador, ou seja, Jesus (Atos 17:7). Mas Paulo nunca pediu rebelião contra o imperador. Pelo contrário, ele ensinou que as pessoas deveriam se submeter às autoridades (Rom 13:1).

Essa não era uma questão para Festo. Não, ele percebeu que não estava lidando com alguém que era uma ameaça ao Estado, alguém que estava colocando em risco a universalmente elogiada "Pax Romana", a paz romana. Embora Festo tenha se comportado corretamente até esse ponto e devesse ter libertado Paulo, ele faz uma sugestão que é totalmente contrária à lei romana. Ele sugere que Paulo vá para Jerusalém para ser julgado lá.

Lucas menciona o motivo dessa proposta: Festo queria mostrar um favor aos judeus. A principal preocupação de Festo era ganhar o favor dos judeus, como aconteceu com Félix (Atos 24:27) e Pilatos (Mar 15:15). Ele queria aparecer em uma boa posição perante eles. Um bom relacionamento com

os judeus era mais importante para ele do que fazer justiça a um prisioneiro que estava causando problemas. Ele previu que sua libertação só lhe causaria grandes problemas.

No entanto, Paulo percebe suas intenções. Ele costumava querer ir a Jerusalém, mas agora não quer mais. Ele não quer comparecer perante um tribunal judaico, mas perante o tribunal de César. Ao apelar para César, ele reconhece o caminho do Senhor com ele, que o havia conduzido para fora de Jerusalém. Ele também reconhece o tribunal de César, e é isso que ele invoca. O tribunal no qual Festo se assenta é o do imperador. Como seu representante, Festo exerce sua autoridade.

Os primeiros cristãos sofreram muita injustiça; as acusações eram sempre infundadas. Eles obedeciam às leis que as autoridades haviam promulgado, portanto, não havia motivo para acusações. O que eles sofreram foi devido ao fato de serem cristãos (1Ped 4:15,16).

Paulo também fala à consciência de Festo, pois lhe diz que sabe muito bem que Paulo não havia cometido nenhuma injustiça contra os judeus. Com essa declaração, ele desqualifica Festo como juiz. Paulo deixa claro que ele está sujeito à lei. Se ele tivesse feito algo digno de morte, não se recusaria a morrer.

Ele até acusa Festo, de forma oculta, de querer entregá-lo aos judeus por causa do favor. Ele não pode aceitar isso prontamente. É por isso que ele apela para o imperador. Talvez nos perguntemos se não teria sido melhor deixar o assunto nas mãos de Deus, mas, de qualquer forma, está claro que Deus está conduzindo as circunstâncias de tal maneira que Paulo chegará a Roma como resultado, conforme o Senhor lhe disse no capítulo 23 (Atos 23:11). Lá ele testemunharia pessoalmente perante o imperador.

Resta saber se deveríamos nos perguntar se não teria sido melhor para Paulo deixar o assunto nas mãos de Deus. Não é antes nosso dever chamar a atenção das pessoas para sua responsabilidade para com as autoridades?

Não se trata de criticar todas as decisões erradas que as autoridades tomam ou as leis erradas que elas promulgam. Como já foi mencionado, Paulo nunca pediu às autoridades que apontassem tudo o que está errado. Ele também nos diz que devemos nos submeter às autoridades. No entanto, assim que as autoridades exigirem algo que devemos ou não devemos

fazer no que diz respeito ao nosso testemunho do Senhor, podemos seguir os caminhos que estão abertos para nós: Podemos apelar ou possivelmente teremos de obedecer a Deus mais do que aos homens (Atos 5:29). Essa é a razão pela qual Paulo se refere a César aqui.

Parece que Festo não havia se dado conta disso. O que ele deve fazer agora? Ele não pode soltar Paulo, porque então os judeus se revoltarão. Paulo não quer ir a Jerusalém, e ele não pode forçá-lo a ir, porque Paulo é um cidadão romano. Antes de tomar uma decisão, ele primeiro consulta o conselho sobre o que é melhor. Ele os consulta a fim de evitar discussões.

Lucas não nos diz o que foi discutido depois. Isso não é importante, porque o resultado é que Festo confirma o apelo de Paulo ao imperador. O Senhor determinou que Paulo fosse a Roma, então ele foi a Roma. Com as palavras: “A César apelaste, a César irás”, Festo confirma a Paulo que ele irá a César em Roma.

Atos 25:13-22 | Festo apresenta o caso a Agripa

13 Passados alguns dias, o rei Agripa e Berenice vieram a Cesaréia, a saudar Festo. 14 E, como ali ficassem muitos dias, Festo contou ao rei os negócios de Paulo, dizendo: Um certo varão foi deixado por Félix aqui preso, 15 a respeito de quem os principais dos sacerdotes e os anciãos dos judeus, estando eu em Jerusalém, compareceram perante mim, pedindo sentença contra ele. 16 A eles respondi que não é costume dos romanos entregar algum homem à morte, sem que o acusado tenha presentes os seus acusadores e possa defender-se da acusação. 17 De sorte que, chegando eles aqui juntos, no dia seguinte, sem fazer dilação alguma, assentado no tribunal, mandei que trouxessem o homem. 18 Acerca dele, estando presentes os acusadores, nenhuma coisa apontaram daquelas que eu suspeitava. 19 Tinham, porém, contra ele algumas questões acerca de sua superstição e de um tal Jesus, defunto, que Paulo afirmava viver. 20 E, estando eu perplexo acerca da inquirição desta causa, perguntei se queria ir a Jerusalém e lá ser julgado acerca destas coisas. 21 Mas, apelando Paulo para que fosse reservado ao conhecimento de Augusto, mandei que o guardassem até que o envie a César. 22 Então, Agripa disse a Festo: Bem quisera eu ouvir também esse homem. E ele disse: Amanhã o ouvireis.

Foi tomada a decisão de que Paulo irá até o imperador em Roma. No entanto, isso não significa que ele será levado diretamente para lá. Os preparativos necessários ainda precisam ser feitos. A maior preocupação de Festo, como veremos mais adiante, era encontrar um motivo aceitável para justificar o transporte desse prisioneiro até o imperador.

Para sua alegria, o rei Agripa e Berenice apareceram depois de alguns dias. Eles vieram desejar sorte a Festo em seu novo cargo. A visita deles lhe oferece uma solução, pois Agripa conhece muito bem os costumes judaicos. O rei Agripa está acompanhado de sua irmã Berenice, com quem está vivendo em desonra de sangue.

Festo apresenta a Agripa “a questão de Paulo”. Ele conta como foi uma coisa e outra. Como todo mundo no mundo faz, Festo apresenta o caso da maneira que lhe é mais favorável. Ele se apresenta como o defensor da lei, como se ela tivesse de ser cumprida e ele tivesse de defendê-la. Os fatos são como ele os conhece. Ele explica que seu antecessor Félix havia deixado para trás um homem que havia sido acusado pelos judeus em Jerusalém para que pudesse ser condenado.

Com um ar inocente, ele explica que respondeu aos judeus que os romanos não tinham o hábito de expor um homem. Ele simplesmente se esquece de que ele mesmo só havia agido com Paulo para ganhar o favor dos judeus (verso 9) e que Paulo o havia acusado de forma oculta (verso 11).

Ele explica como fez com que “o homem” fosse levado imediatamente ao seu tribunal e ouviu os acusadores. As suspeitas de que Paulo poderia ter feito algo errado pareciam ser infundadas. As acusações diziam respeito apenas a algumas disputas sobre a lei deles. Ele também havia ouvido algo sobre um “certo Jesus que morreu e que Paulo disse estar vivo”.

Festo fala sobre o Senhor Jesus de uma forma que mostra que ele é completamente indiferente. No entanto, Festo ouviu o cerne do evangelho, pois deu a Agripa um resumo: o Senhor Jesus morreu e ressuscitou (1Cor 15:3,4). Para Festo, no entanto, o relato da ressurreição é simplesmente uma superstição judaica. Festo não diz “vive novamente” e não fala de “ressurreição”. Em suma, Festo estabelece a inocência de Paulo. Mais uma vez, o testemunho da inocência de Paulo vem da boca de um servo pagão das autoridades.

Como não sabia mais o que fazer nessa questão, ele sugeriu que Paulo fosse a Jerusalém para ser julgado lá. Sabiamente, ele ocultou de Agripa o motivo de sua sugestão. Em seguida, mencionou que Paulo havia apelado para o imperador. Ele respeitou isso e deu ordens para mantê-lo prisioneiro até o momento de sua transferência para o imperador.

O interesse de Agripa por Paulo foi despertado por esse relato, de modo que ele deseja ouvir “esse homem” por si mesmo. Festo lhe garante que ele terá a oportunidade de fazer isso amanhã.

Atos 25:23-27 | Paulo confrontado por Agripa

23 No dia seguinte, vindo Agripa e Berenice, com muito aparato, entraram no auditório com os tribunos e varões principais da cidade, sendo trazido Paulo por mandado de Festo. 24 E Festo disse: Rei Agripa e todos os varões que estais presentes conosco, aqui vedes um homem de quem toda a multidão dos judeus me tem falado, tanto em Jerusalém como aqui, clamando que não convém que viva mais. 25 Mas, achando eu que nenhuma coisa digna de morte fizera, e apelando ele mesmo também para Augusto, tenho determinado enviar-lho. 26 Dele, porém, não tenho coisa alguma certa que escreva ao meu senhor e, por isso, perante vós o trouxe, principalmente perante ti, ó rei Agripa, para que, depois de interrogado, tenha alguma coisa que escrever. 27 Porque me parece contra a razão enviar um preso e não notificar contra ele as acusações.

No dia seguinte, ocorre o notável encontro entre os grandes da vida e a escória da terra (1Cor 4:13). Agripa e Berenice entram na sala do tribunal com grande esplendor, acompanhados pelos líderes e outras figuras importantes da cidade. Depois que eles tomam seus lugares, Festo manda trazer Paulo diante deles. Em meio ao esplendor e à magnificência do mundo, aparece um homem pequeno e amarrado.

Foi assim que o Senhor o levou a cumprir a palavra que havia proferido quando disse que Paulo levaria seu nome diante dos reis (Atos 9:15). É por isso que o acusado Paulo está diante de homens ímpios com moral corrupta. Nunca antes Paulo teve uma audiência como essa.

Quando Paulo estiver prestes a abrir a boca, o espetáculo mudará. Então, os juízes se tornam os acusados e o acusado se torna o juiz. A piedade pode ter enchido o coração dos dignitários presentes quando viram o pobre

prisioneiro, mas uma piedade ainda maior deve ter enchido o coração de Paulo ao ver todo o vazio dessas almas perdidas.

Festo abre a reunião. Com “você estão vendo este aqui”, ele aponta para Paulo como um espetáculo a ser observado. Esse é o homem que consegue deixar toda a multidão de judeus em tal estado que eles só querem uma coisa: sua morte. Mas, continua Festo, não consegui descobrir nada que ele tenha feito que mereça a pena de morte.

Festo novamente testemunha a Agripa que Paulo é inocente, mas agora ele o faz diante de todos os nobres da cidade (versos 18,25). No entanto, ele não pode libertá-lo porque o prisioneiro apelou ao imperador. Ele concordou com esse apelo. Portanto, ele o entregará ao “senhor” – aqui um termo para o imperador.

Festo então explica o problema que ele tem agora. Ele precisa levar Paulo ao imperador, mas ainda não foi capaz de formular uma acusação concreta. Festo depositou suas esperanças em Agripa para ajudá-lo a colocar algo no papel, de modo que ele não perca a credibilidade quando enviar Paulo a Roma.

Nesse contexto, Festo fala sobre o imperador como “o Senhor”. “O Senhor” é um termo para o imperador no sentido divino da palavra. Assim, ele reconheceu o status divino do imperador. Portanto, também era ofensivo para um romano o fato de os cristãos não reconhecerem outro Senhor senão o Senhor Jesus.

Atos 26

Atos 26:1-3 | O início da defesa de Paulo

1 Depois, Agripa disse a Paulo: Permite-se-te que te defendas. Então, Paulo, estendendo a mão em sua defesa, respondeu: 2 Tenho-me por venturoso, ó rei Agripa, de que perante ti me haja, hoje, de defender de todas as coisas de que sou acusado pelos judeus, 3 mormente sabendo eu que tens conhecimento de todos os costumes e questões que há entre os judeus; pelo que te rogo que me ouças com paciência.

Depois que Festo faz uma apresentação, Agripa assume a presidência da reunião. Ele dá a palavra a Paulo. Paulo levanta sua mão acorrentada em sinal de saudação. Em outras ocasiões em que tomou a palavra, ele também estendeu a mão, mas foi para que houvesse silêncio (Atos 13:16; 21:40; cf. Atos 19:33). Ele então começa sua defesa.

Nessa defesa, ele explica o que havia acontecido com ele. Ele fala longamente sobre como conheceu o Senhor Jesus. Ele havia mencionado isso apenas brevemente a Festo e Félix. Mas aqui ele está diante de alguém que conhecia todos os costumes e disputas dos judeus. Ele enfatiza esse fato em reconhecimento.

Não se trata de bajulação, mas de uma observação justificada. Agripa entenderia o que ele está dizendo. Isso até falaria um pouco à sua consciência. Além disso, Agripa tinha uma atitude favorável em relação a ele. Esse é um bom ponto de partida para qualquer pessoa que tenha algo a dizer para garantir que seu ouvinte o entenda.

Paulo fala em nome de Deus. Ele certamente honra a posição dos grandes homens da terra, mas, ao mesmo tempo, vemos que ele está moralmente muito acima deles. Os dois anos na prisão não enfraqueceram seu coração ou sua fé. Ele dá um testemunho poderoso do que o Senhor fez por ele, mesmo que isso não tenha o efeito desejado em Agripa e Festo. Mas havia outras pessoas presentes. Talvez isso tenha impressionado um deles.

Paulo não repete simplesmente sua história de conversão. Em ambos os casos em que ele conta a história, ele adapta o relato ao público que tem

diante de si. No capítulo 22, ele está diante dos judeus. Aqui ele está diante de alguém que conhece o judaísmo. Mais tarde, ele diz sobre o próprio Agripa que ele acredita nos profetas (verso 27). No entanto, tudo o que vemos sobre Agripa mostra que a fé era apenas uma questão exterior para ele.

Atos 26:4-8 | A juventude de Paulo como judeu

4 A minha vida, pois, desde a mocidade, qual haja sido, desde o princípio, em Jerusalém, entre os da minha nação, todos os judeus a sabem. 5 Sabendo de mim, desde o princípio (se o quiserem testificar), que, conforme a mais severa seita da nossa religião, vivi fariseu. 6 E, agora, pela esperança da promessa que por Deus foi feita a nossos pais, estou aqui e sou julgado, 7 à qual as nossas doze tribos esperam chegar, servindo a Deus continuamente, noite e dia. Por esta esperança, ó rei Agripa, eu sou acusado pelos judeus. 8 Pois quê? Julga-se coisa incrível entre vós que Deus ressuscite os mortos?

Paulo conta a história de sua vida, o que ele mesmo experimentou. Ele chegou a Jerusalém ainda jovem. Lá, ele se destacou na seita mais rigorosa, a seita dos fariseus. Os fariseus já eram rigorosos, mas ele foi além. Seu enorme zelo era tão evidente que todos os judeus sabiam disso. Ele também acrescenta que poderia pedir a eles que testemunhassem o fato, se quisessem.

Ele não tinha sido um “lampejo na panela”, mas tinha vivido de forma consistente. Portanto, Paulo não era um fariseu comum. Ele descreve seu passado como fariseu fanático a Agripa, que conhecia os fariseus, para que este pudesse reconhecer a enorme mudança que havia ocorrido nele.

Como fariseu, ele acreditava no cumprimento das promessas que Deus fez ao seu povo no Antigo Testamento. Essas promessas ainda não haviam sido cumpridas. É por isso que as “doze tribos” ainda estavam esperando o cumprimento. Paulo fala das doze tribos. Para ele, está claro que as dez tribos que estão dispersas participarão das promessas. Não há dúvida de que as dez tribos se perderam. Elas existem por causa da fé; por exemplo, a profetisa Ana veio da tribo de Aser (Luc 2:36). No tempo de Deus, essas tribos também virão à luz. Ao falar das doze tribos que continuamente

servem a Deus dia e noite, Paulo não se refere às massas incrédulas do povo, mas ao Israel de Deus, ou seja, os judeus que acreditam no Messias.

A própria esperança que os judeus tinham como nação era o motivo da acusação contra ele. Os líderes incrédulos desse povo fizeram essa acusação. Eles rejeitaram aquele com quem a esperança do futuro de Israel está inseparavelmente ligada. Essa esperança é o Messias e foi cumprida para os judeus crentes na vinda do Senhor Jesus. Essa é a razão dos ataques dos judeus incrédulos contra eles.

A esperança no cumprimento das promessas também está ligada à crença na ressurreição. Todos os crentes que receberam as promessas do Antigo Testamento morreram sem ter recebido o cumprimento das promessas. No entanto, eles receberão o que lhes foi prometido, ou seja, na ressurreição. Portanto, as promessas e a ressurreição estão juntas. Além disso, isso está ligado à fé na ressurreição do Messias, que veio para cumprir as promessas, mas que eles rejeitaram e mataram. Paulo fala sobre a futura restauração de Israel e, assim, abre uma grande perspectiva para seus ouvintes.

Ele quer particularmente atingir o rei Agripa com suas palavras, que ele expressa com um “Ó rei”. Em seguida, ele faz uma pergunta a todos. Ele pergunta a todos os presentes por que eles não acreditam que Deus pode ressuscitar os mortos. Com essa pergunta, a ressurreição se torna o tema central do discurso de Paulo. Qualquer pessoa que acredite em Deus deve acreditar Nele como o Deus da ressurreição. Esse é o cerne da diferença de opinião entre os judeus e pagãos incrédulos, de um lado, e os cristãos, de outro.

Atos 26:9-11 | O zelo de Paulo contra o cristianismo

9 Bem tinha eu imaginado que contra o nome de Jesus, o Nazareno, devia eu praticar muitos atos, 10 o que também fiz em Jerusalém. E, havendo recebido poder dos principais dos sacerdotes, encerrei muitos dos santos nas prisões; e, quando os matavam, eu dava o meu voto contra eles. 11 E, castigando-os muitas vezes por todas as sinagogas, os obriguei a blasfemar. E, enfurecido demasiadamente contra eles, até nas cidades estranhas os persegui.

Paulo era um homem a quem se aplicavam as palavras do Senhor Jesus aos seus discípulos: “Vem mesmo a hora em que qualquer que vos matar

cuidará fazer um serviço a Deus” (João 16:2). Ele queria dizer que, como judeu, era obrigado a fazer muitas coisas hostis “contra o nome de Jesus, o Nazareno”. O nome expressa tudo o que a pessoa é. Paulo odiava esse nome porque ele não correspondia às suas convicções mais profundas. Jesus, o Nazareno, o homem de Nazaré, era o grande enganador para ele.

Em Jerusalém, Paulo foi contra Ele como um louco, perseguindo e torturando aqueles que ele agora chamava de “santos”. Ele não tinha compaixão por suas vítimas. Ele as forçava a renunciar ao nome do Senhor Jesus e a dizer coisas feias sobre Ele. A propósito, o fato de ele tê-los forçado a blasfemar não significa que os cristãos tenham feito isso.

Ele estava tão ansioso para erradicar essa seita que não limitou seu zelo a Jerusalém. Os santos também não estavam a salvo dele em cidades estrangeiras. Sua mania de perseguição o levou para lá também.

Atos 26:12-15 | A conversão de Paulo

12 Sobre o que, indo, então, a Damasco, com poder e comissão dos principais dos sacerdotes, 13 ao meio-dia, ó rei, vi no caminho uma luz do céu, que excedia o esplendor do sol, cuja claridade me envolveu a mim e aos que iam comigo. 14 E, caindo nós todos por terra, ouvi uma voz que me falava e, em língua hebraica, dizia: Saulo, Saulo, por que me persegues? Dura coisa te é recalçar contra os aguilhões. 15 E disse eu: Quem és, Senhor? E ele respondeu: Eu sou Jesus, a quem tu persegues.

Nele, os sumos sacerdotes tinham uma ferramenta poderosa para suas más intenções. Eles ficaram muito felizes em autorizá-lo e encarregá-lo de buscar e erradicar essa nova tendência em Damasco. E então aconteceu algo completamente inesperado. No auge de seu fanatismo, ocorreu a conversão. No ponto mais emocionante de seu relatório, Paulo revive o impressionante evento. Ele não pode negar o que viu naquele momento. Como alguém pode negar uma experiência pessoal que ele mesmo percebeu?

Com um “ó rei”, Paulo enfatiza a experiência que teve diante de Agripa. No meio do dia, ele viu uma luz que ultrapassava o esplendor do sol do meio-dia. Isso não poderia ser outra coisa senão a luz do Senhor Jesus, que é comparado ao sol (Mal 4:2). Até esse momento, esse homem estava cego

para a graça de Deus em Cristo por causa de seu zelo legalista. Agora a luz brilha em sua alma. Agora, esse Cristo se revela e varre tudo o que Paulo, como judeu, havia imaginado e confiado, tornando-o nada.

Esse é o momento de sua conversão. Paulo chega à sua conversão em plena luz do dia – o carcereiro no meio da noite (Atos 16:25,33). Ele enfatiza a impressão que isso lhe causou muito mais fortemente aqui do que na última vez em que contou a história de sua conversão. Naquela ocasião, ele falou de uma grande luz vinda do céu (Atos 22:6). Agora ele fala de uma luz do céu que ultrapassou o esplendor do sol. Isso mostra que sua impressão da pessoa do Senhor está aumentando cada vez mais. O mesmo deve acontecer conosco. Quanto mais tempo vivermos com o Senhor, maior Ele deve se tornar para nós. Também devemos sempre ser capazes de dar testemunho dessa grandeza crescente.

A luz não apenas cercou Paulo, mas também todos os que viajavam com ele. Todos caíram no chão. O que seus companheiros podem ter pensado ser apenas um fenômeno natural era algo mais para Paulo. Ele ouviu uma voz que falava com ele em hebraico e se dirigia a ele pelo seu nome hebraico.

Seu nome Saulo é uma reminiscência do rei Saul. Talvez seus pais o tenham chamado assim porque esperavam dele o mesmo que sabiam de Saul. O rei Saul era maior do que todas as pessoas e eles queriam que seu filho fosse igual. O paralelo também se cumpriu em termos espirituais, e não apenas no fato de que ele superou seus contemporâneos em conhecimento e zelo. O rei Saul se tornou um perseguidor do ungido de Deus, o rei Davi. O Saul do Novo Testamento tornou-se um perseguidor do Messias de Deus (que significa “o ungido”).

Deus o advertiu sobre esse caminho de resistência e perseguição aos judeus que acreditavam no Messias. Deus o fez sentir os aguilhões de sua palavra (Ecl 12:11). Vemos esses aguilhões no testemunho de Estêvão e dos outros crentes que ele torturou. Ele sentiu as palavras desses crentes, mas não quis ouvi-las. Mas, então, veio o momento da descoberta na estrada para Damasco.

A resposta à pergunta do Senhor é uma pergunta de Paulo que deixa clara sua submissão imediata. Ele pergunta: “Quem és tu, Senhor?” A resposta

foi que ele estava perseguindo “Jesus”, embora estivesse perseguindo a igreja. “Jesus” é o nome do Senhor em Sua humilhação na terra, que se torna um com Sua igreja perseguida e humilhada. Paulo O considerava morto e considerava perigoso o caminho que estava perseguindo. Essa imagem e todas as suas atividades resultantes, por meio das quais ele achava que estava prestando um serviço a Deus, foram subitamente derrubadas por esse encontro.

Atos 26:16-18 | A ordem do Senhor para Paulo

16 Mas levanta-te e põe-te sobre teus pés, porque te apareci por isto, para te pôr por ministro e testemunha tanto das coisas que tens visto como daquelas pelas quais te aparecerei ainda, 17 livrando-te deste povo e dos gentios, a quem agora te envio, 18 para lhes abrires os olhos e das trevas os converteres à luz e do poder de Satanás a Deus, a fim de que recebam a remissão dos pecados e sorte entre os santificados pela fé em mim.

A partir desse momento, sua vida dá uma guinada radical, uma direção completamente diferente. O Senhor não havia falado com ele apenas para levá-lo à conversão e à salvação. Ele deveria se levantar, ficar de pé, porque o Senhor queria fazer dele um servo e uma testemunha. Paulo aprende imediatamente o propósito de sua conversão. Isso também se aplica a nós (1Tes 1:9,10; Heb 9:14). Uma grande obra estava à sua frente. O Senhor havia aparecido a ele com esse propósito.

Portanto, seu testemunho também tinha como conteúdo um Senhor glorificado. Ele é uma testemunha completamente diferente dos doze apóstolos que caminharam com o Senhor por Israel. Assim como o ministério de Pedro e João foi caracterizado por Cristo na Terra, o ministério dele é caracterizado por um Senhor glorificado, um Senhor no céu. O Senhor deveria aparecer a ele ainda mais, em vista da proclamação do mistério: Cristo e sua igreja.

Seu ministério também deveria ser caracterizado pelo distanciamento do judaísmo e de todos os outros povos, a fim de ser separado para um ministério a todos eles. Ele ocupa uma posição escolhida com relação tanto ao judaísmo quanto ao paganismo. Ele tem uma mensagem do Senhor para as pessoas de ambas as áreas, que o envia a elas. Ele deve levar a

mensagem tanto aos judeus cegos quanto aos gentios. O judaísmo perdeu sua posição privilegiada.

De maneira semelhante, também fomos retirados do mundo em nossa conversão (Gál 1:4). Isso não significa que devemos viver isolados, mas sim que somos imediatamente enviados de volta ao mundo (Joã 20:21) para que possamos servir aos perdidos e para que eles também possam se converter.

Somente Deus pode abrir nossos olhos (Slm 146:8). No entanto, Paulo foi incumbido de fazer o mesmo. Abrir os olhos significa que os olhos de alguém são abertos em relação à sua condição diante de Deus para que ele possa ver tudo o que Deus lhe deu. Para podermos abrir os olhos dos outros, precisamos estar atentos às oportunidades que Deus nos dá. Por exemplo, Paulo abriu os olhos dos atenienses apontando-os para o altar do Deus desconhecido (Atos 17:22,23). Aqui ele está diante de Agripa, cujos olhos ele também quer abrir. Ele fala com ele de maneira enfática.

As poucas palavras que o Senhor Jesus lhe disse sobre isso e que ele agora transmite a Agripa contêm a plenitude do evangelho. Por meio do evangelho, os olhos de uma pessoa são abertos e ela vem para a luz e para Deus (cf. Col 1:12) com todas as gloriosas consequências que isso implica. Em primeiro lugar e acima de tudo, trata-se de pessoas que se voltam do poder das trevas para a luz. Paulo acabou de dar um impressionante testemunho pessoal dessa luz. O poder das trevas é a escuridão na qual a alma está envolta pelo pecado. Esse poder das trevas também prevalecia na alma de Paulo, apesar de toda a sua religiosidade.

As pessoas também devem se voltar do poder de Satanás para Deus. O poder de Satanás tem a ver com a escravidão externa na qual as pessoas levam uma vida centrada apenas em si mesmas e na satisfação de suas próprias necessidades. Paulo também testemunhou esse fato. Qualquer pessoa que queira ter uma vida significativa deve se voltar para Deus. Deus é o Criador e sabe perfeitamente o que é necessário para viver uma vida em Sua honra, e Ele fornece tudo o que é necessário para isso. Essa vida é uma vida de piedade, que é útil para todas as coisas, pois “tem a promessa de vida, tanto presente como futura” (1Tim 4:8).

O cristianismo não consiste no cumprimento de um ou outro preceito do judaísmo, mas vai muito além disso. Trata-se de “uma herança entre aqueles que são santificados pela fé em mim”, uma herança junto com todos os outros santos na luz. Não se trata de uma herança na terra, mas na luz (Col 1:12). É uma herança com Cristo (Efé 1:10,11). Todas essas coisas gloriosas se baseiam na fé Nele, a quem Paulo costumava odiar tanto. Foi o Senhor que levantou Paulo.

Atos 26:19-23 | O trabalho de Paulo como apóstolo

19 Pelo que, ó rei Agripa, não fui desobediente à visão celestial. 20 Antes, anunciei primeiramente aos que estão em Damasco e em Jerusalém, e por toda a terra da Judéia, e aos gentios, que se emendassem e se convertessem a Deus, fazendo obras dignas de arrependimento. 21 Por causa disto, os judeus lançaram mão de mim no templo e procuraram matar-me. 22 Mas, alcançando socorro de Deus, ainda até ao dia de hoje permaneço, dando testemunho, tanto a pequenos como a grandes, não dizendo nada mais do que o que os profetas e Moisés disseram que devia acontecer, 23 isto é, que o Cristo devia padecer e, sendo o primeiro da ressurreição dos mortos, devia anunciar a luz a este povo e aos gentios.

Paulo se dirige pessoalmente ao rei Agripa novamente com um “portanto”. Tendo o rei ouvido tudo isso, não está claro que Paulo não poderia desobedecer a essa face celestial? Isso era simplesmente impossível para ele. Era uma questão de obediência direta àquele que lhe havia aparecido, bem como o grande privilégio de tornar conhecido o que ele havia visto. Você simplesmente quer dar testemunho disso, porque é interiormente compelido a fazê-lo. Outros podem rejeitar essa experiência pessoal, mas ninguém pode desfazê-la. Esses encontros pessoais com o Senhor também são decisivos para a maneira como damos testemunho hoje.

Paulo conta o efeito que esse encontro e a missão que ele implicava tiveram sobre ele. Com o mesmo zelo com o qual havia lutado contra o cristianismo, ele trabalhou para difundir-lo por meio da proclamação do evangelho. Ele começou isso imediatamente em Damasco. Em seguida, pregou-o em Jerusalém, depois em toda a Judeia e, por fim, às nações. Ele pregou o evangelho em seus elementos mais básicos.

Ele continua a falar sobre o que pregava. Ao fazer isso, ele também descreve o caminho da salvação para Agripa e todos os outros presentes. Trata-se do arrependimento das pessoas, o que significa que elas mudam seu modo de pensar, caem em si e confessam seus pecados diante de Deus. Essa mudança interior deve ser acompanhada de uma conversão a Deus, o que significa que a Deus é dada autoridade sobre a vida e pode determinar o curso da vida.

Paulo também ressalta para seus ouvintes que isso não é apenas uma questão de falar da boca para fora. Ele também proclamou que o arrependimento e a conversão devem ser seguidos por obras que sejam consistentes com eles (Mat 3:8). A fé sem obras é morta (Tia 2:17). Não se trata de obras que levam à salvação, mas de obras que vêm da salvação.

Essa pregação foi a razão pela qual os judeus o prenderam no templo e tentaram matá-lo (Atos 21:30,31). Ele atribui o fato de não terem conseguido à ajuda de Deus. Deus o manteve vivo para que ele pudesse dar testemunho, o que ele continua fazendo até este momento. Ele está aqui diante dos grandes homens da Terra, mas seu testemunho também é para os pequenos, os cidadãos comuns. Afinal de contas, pequenos e grandes devem assumir responsabilidades e são julgados de acordo com suas próprias obras (Apo 20:12).

Em todos os testemunhos que deu, ele nunca disse nada que não estivesse de acordo com o testemunho dos profetas e de Moisés. Tanto os profetas quanto Moisés anunciaram a vinda do Messias e de seu reino. Portanto, os judeus não estavam enganados quanto à expectativa do Messias e de seu reino, cujo centro seria Israel. Entretanto, eles estavam cegos para o testemunho da lei e dos profetas de que o Messias teria de sofrer, ser morto e ressuscitar dos mortos.

Isso significa que Paulo não havia proclamado nada que contradissesse o Antigo Testamento. Ele não traz nada de novo, nenhum ensinamento contrário, mas o que o Antigo Testamento sempre apresentou como a esperança para Israel e também para as nações (Isa 42:6; 49:6; 60:1-3). O Senhor também explicou isso aos discípulos de Emaús e aos seus discípulos (Luc 24:26,27,44-47). O sofrimento e a ressurreição de Cristo formam o núcleo do evangelho para judeus e gentios.

Atos 26:24-26 | Festo interrompe o discurso de Paulo

24 E, dizendo ele isto em sua defesa, disse Festo em alta voz: Estás louco, Paulo! As muitas letras te fazem delirar! 25 Mas ele disse: Não deliro, ó potentíssimo Festo! Antes, digo palavras de verdade e de um sã juízo. 26 Porque o rei, diante de quem falo com ousadia, sabe estas coisas, pois não creio que nada disto lhe é oculto; porque isto não se fez em qualquer canto.

Quando Paulo fala sobre o sofrimento e a ressurreição de Cristo, Festo o interrompe. Ele diz que Paulo enlouqueceu e está falando absurdos. Quantas vezes os cristãos foram declarados loucos ao longo dos séculos (1Cor 4:10; 2Cor 5:13). O Senhor também foi insultado dessa forma (Mar 3:20,21; Joã 10:20). Festo vê o discurso de Paulo como uma expressão da superstição de um judeu, como o sonho de um homem que não sabe fazer nada além de ler e estudar.

Loucura é o êxtase que Festo acha ter percebido em Paulo, mas ele não entende nada do que Paulo está dizendo. Festo não tem ideia do conteúdo das palavras que ouve. Ele é como os companheiros de viagem de Paulo que estavam com ele na jornada para Damasco. Eles ouviram o som de uma voz, mas não o que estava sendo dito (Atos 9:7; 22:9).

Paulo não se sente derrotado ou ofendido pelo julgamento de valor de Festo. Pelo contrário, ele vê uma nova razão para o evangelho. A fé não está em oposição à verdade ou à razão. A fé testifica precisamente da verdade e de uma mente sã. Ele pode ter ficado fora de si antes (verso 11), mas não agora (cf. Luc 8:35).

Festo realmente teve sua chance. Ele agora se dirige a Agripa, que está bem ciente dessas coisas. Paulo expressa a Festo – e na presença de Agripa – a convicção de que Agripa está plenamente ciente de tudo o que aconteceu. Isso não aconteceu em um lugar pequeno em uma região remota. É notícia mundial.

Atos 26:27-32 | Uma escolha é apresentada a Agripa

27 Crês tu nos profetas, ó rei Agripa? Bem sei que crês. 28 E disse Agripa a Paulo: Por pouco me queres persuadir a que me faça cristão! 29 E disse Paulo: Prouvera a Deus que, ou por pouco ou por muito, não somente tu, mas também todos quantos hoje me estão ouvindo se tornassem tais qual eu sou, exceto estas

cadeias. 30 Dizendo ele isto, se levantou o rei, e o governador, e Berenice, e os que com eles estavam assentados. 31 E, apartando-se dali, falavam uns com os outros, dizendo: Este homem nada fez digno de morte ou de prisões. 32 E Agripa disse a Festo: Bem podia soltar-se este homem, se não houvera apelado para César.

Paulo então se dirige diretamente a Agripa. Paulo sabe que Agripa acredita nos profetas. No entanto, o tipo de fé que Agripa tem não leva ninguém à conversão. Conhecer os fatos do cristianismo não é suficiente. Deve haver uma obra do Espírito Santo no coração e a Palavra de Deus deve ser aplicada ao coração e à consciência para que alguém reconheça seus pecados e se refugie no Senhor Jesus. No entanto, isso não significa que Paulo não leve a sério a confissão de Agripa. Ele a vê como um ponto de partida para conquistá-lo para o evangelho.

Mas para Agripa, que devia estar ouvindo com muita atenção, esse confronto é muito frontal. Ele usa um argumento falso para “tirar sua cabeça do laço”. Embora quisesse saber tudo sobre o novo serviço da igreja, ele não queria ser abordado pessoalmente. Com um comentário possivelmente zombeteiro, ele evita a pressão que Paulo está exercendo sobre ele. Ele percebe muito bem que o objetivo de Paulo é fazer dele um cristão. Ele usa o nome “cristão”, o que mostra que esse nome tem sido comumente usado para os seguidores de Cristo desde o capítulo 11:26. Talvez ele use essa desculpa para não se envergonhar diante da ilustre companhia (cf. Mat 14:9).

Em sua resposta, Paulo faz um apelo ainda mais geral e se dirige a todos. O desejo fervoroso de seu coração não é apenas que Agripa seja salvo, mas que todos sejam salvos. Ele é rico em Deus e, como tal, pode se considerar um exemplo de felicidade. Os anos na prisão foram anos abençoados. Os mais de dois anos em que foi preso injustamente não o tornaram um homem amargo, mas um homem que pode deixar a graça brilhar ainda mais.

Ele lhes concede sua felicidade interior, não suas algemas. Ele não quer que ninguém seja tratado tão injustamente quanto ele. Isso é cristianismo. A graça se eleva acima de todo mal. A graça deseja o melhor para os outros, mesmo para aqueles que se entregam aos prazeres temporais

do pecado. Para Félix, Paulo era o pregador da justiça (Atos 24:25). Para Agripa e Festo, ele é aquele que possui a bênção que vai muito além de toda glória terrena.

Depois dessas palavras de Paulo, não há mais discurso de zombaria ou ameaça. Em vez disso, toda a companhia se levanta e sai. Eles se retiram para consultar uns aos outros. Essa consulta mostra novamente que Paulo não fez nada de errado. A conclusão é que esse homem poderia ter sido libertado. No entanto, como ele apelou para o imperador, deve ir a Roma. Eles não poderiam decidir de outra forma, porque esse é o caminho soberano de Deus que Ele determinou para Seu servo.

Atos 27

Introdução

Este é um capítulo emocionante. Aqui encontramos o relato da viagem marítima de Paulo de Cesaréia para a Itália como prisioneiro: Roma é o destino. Deus o quer lá para que Paulo possa dar testemunho ao imperador sobre quem é Deus. Lucas, que é uma testemunha ocular de todos os eventos que aconteceram com Paulo e com todos os que viajaram com ele, faz um relato vívido.

Paulo viajava frequentemente pelo mar, como Lucas já nos contou nos Atos dos Apóstolos (Atos 13:4,13; 16:11; 18:18; 20:15; 21:1-3,6). Ele não nos deixou um relato detalhado dessas viagens. O fato de Lucas, pouco antes do final desse livro, descrever em detalhes exatamente essa viagem marítima de navio, durante a qual Paulo viajou para Roma como prisioneiro, deve ter um significado mais profundo. Também podemos reconhecer esse significado mais profundo no decorrer do capítulo.

Antes de prosseguir, uma breve explicação do significado mais profundo que acredito ver nessa história. Haverá leitores que questionarão esse significado mais profundo ou o rejeitarão em parte ou até mesmo completamente. Eu posso entender isso. O leitor não precisa concordar comigo em tudo e ainda pode tirar lições dessa viagem marítima. Também é bom ter em mente que uma história nunca pode ser aplicada até o último detalhe. Para mim, essa viagem marítima é sobre o panorama geral. Ao fazer isso, aproveitei com gratidão o que outros disseram e escreveram sobre ela. Na medida em que consigo entender sua aplicação e posso defendê-la, eu a incluí neste comentário. Deixemos que o leitor forme seu próprio julgamento.

Em todo caso, gostaria de começar afirmando o seguinte. No livro de Atos, temos diante de nós a descrição dos primeiros 30 anos da história da igreja. O livro parece terminar abruptamente com o último verso do capítulo 28. Mas é um final aberto, por assim dizer. A história da igreja apenas

começou e continua. O modo como essa história continua é apresentado a nós na descrição da viagem marítima.

O fato de certos eventos históricos também terem um significado simbólico não é novidade. Mesmo em épocas anteriores, inúmeros escritores comparavam a vida a uma viagem. As viagens marítimas com tempestades, em particular, fornecem uma imagem reconhecível da vida humana, na qual também podem ocorrer momentos muito difíceis. Isso também se aplica ao crente, ao servo do Senhor e à igreja cristã, a congregação.

Portanto, veremos que essa jornada tem um significado transferível, assim como encontramos em outras histórias no mar descritas na Bíblia. Por exemplo, há uma história em que o Senhor está dormindo no barco e surge uma tempestade (Mat 8:23-26). Há também uma história em que Ele vem a Seus discípulos durante uma tempestade e eles estão em um barco no meio da tempestade (Mat 14:22-33). Ambos os casos fornecem uma imagem dos tempos em que vivemos hoje. Por um lado, o Senhor está conosco no céu e, por outro lado, Ele também está conosco, mesmo que às vezes pareça estar ausente.

Vemos também que a vida de fé de um indivíduo é comparada a uma viagem de navio que pode naufragar (1Tim 1:18-20). Portanto, vemos que as Escrituras descrevem e usam eventos e expressões de uma viagem que são uma figura para os crentes (veja também o uso da palavra “âncora” em Heb 6:19).

Quando observamos a vida de um crente e servo que está no caminho do Senhor, vemos na jornada de Paulo um caminho que não é suave. Paulo está no caminho para o qual Deus o está conduzindo e experimenta uma verdadeira catástrofe no caminho. Isso deixa claro que, mesmo que estejamos no caminho do Senhor, isso não significa que seremos poupados de dificuldades. Qualquer pessoa que queira prestar um serviço ao Senhor pode sofrer infortúnios e até perecer no processo.

Não lemos nada sobre milagres nessa história. Sabemos que Pedro foi libertado da prisão por um anjo. Aqui, porém, vemos que Paulo continua preso. Nos Evangelhos, o Senhor repreende a tempestade, mas aqui tudo segue seu curso natural. Não vemos aqui que Deus intervém, mas que as pessoas se desesperam e o navio se perde completamente. No entanto, é

exatamente nessas circunstâncias que a fé é revelada e é uma ocasião para testemunhar do Deus vivo. É isso que Paulo faz. Na viagem para Roma, Paulo é o mestre da situação. Ele está tão calmo durante a tempestade quanto estava diante dos governantes e reis.

Lucas mostra aqui como a fé de um homem pode provocar uma grande mudança na vida de muitos que estão viajando com ele. Paulo é aquele que dá conselhos de acordo com a mensagem que recebeu de Deus. Ele encoraja e age de todas as formas em nome de Deus em meio à cena que o cerca, uma cena caracterizada por falsa confiança e medo.

Também descobrimos nessa história como devemos categorizar as forças da natureza. Deus colocou forças tremendas na natureza. Aqui elas são desatadas. Elas têm um poder devastador. As leis naturais não são independentes de Deus. Elas emergem da ação do Filho (Heb 1:3). Elas estão em suas mãos. Ele dispõe delas como bem entende. Ele mesmo pode andar sobre o mar e também permitir que Pedro o faça (Mat 14:25,29). Isso normalmente é impossível para um homem.

Os anjos também desempenham um papel em relação às forças naturais. É dito sobre eles que o Filho os faz ventos e chamas de fogo (Heb 1:7). Jó não foi atingido pelo fogo e pelo vento quando o Senhor permitiu que Satanás fizesse uso deles (Jó 1:12,16,18,19)? O Senhor Jesus também está acima disso. Ele ameaça ou repreende o vento e o mar (Mat 8:26). A palavra também significa “ordenar com veemência” e é usada em referência a demônios (Mar 1:25; 9:25). Quando o Senhor ameaça o vento e o mar, ele está, na verdade, ameaçando os poderes angélicos que estão ocultos por trás do vento e do mar. Portanto, também podemos ver o trabalho dos poderes malignos nas tempestades.

Isso também se aplica à tempestade que atinge o navio em que Paulo está. Satanás sabe que Paulo está a caminho de Roma para dar testemunho de Deus perante César. Satanás governava esse imperador, de modo que o império sobre o qual César governava era, na realidade, governado por Satanás (compare Luc 4:5 com Luc 2:1). Paulo está a caminho para pregar o evangelho a esse homem satânico. Isso intensifica a fúria de Satanás para impedir essa viagem. Mas Paulo chega lá e cumpre essa proclamação durante duas prisões em Roma (Flp 1:12,13; 2Tim 4:17).

Como já foi mencionado, a viagem de Paulo a Roma também dá uma impressão do desenvolvimento da igreja após os primeiros trinta anos. A viagem vai de Jerusalém a Roma e simbolicamente delinea o estado do cristianismo, que se originou em Jerusalém e deslizaria completamente para a igreja romana, onde a igreja professa chegaria ao fim (Apo 17:18). Nesse caminho, Paulo, como representante da verdade da igreja, é um prisioneiro. Ao examinarmos este capítulo, encontraremos vários aspectos disso.

Atos 27:1-5 | Um começo calmo e um vento contrário

1 Como se determinou que havíamos de navegar para a Itália, entregaram Paulo e alguns outros presos a um centurião por nome Júlio, da Coorte Augusta. 2 E, embarcando nós em um navio adramitino, partimos navegando pelos lugares da costa da Ásia, estando conosco Aristarco, macedônio de Tessalônica. 3 E chegamos no dia seguinte a Sidom, e Júlio, tratando Paulo humanamente, lhe permitiu ir ver os amigos, para que cuidassem dele. 4 E, partindo dali, fomos navegando abaixo de Chipre, porque os ventos eram contrários. 5 E, tendo atravessado o mar ao longo da Cilícia e Panfília, chegamos a Mirra, na Lícia.

Paulo apelou para o imperador e deve ir até o imperador. No momento apropriado, é decidido que a viagem para a Itália começará. Reconhecemos, pelo uso da palavra “nós”, que Lucas também está embarcando. Ele não está indo como prisioneiro, mas para acompanhar Paulo no navio. Paulo é um prisioneiro, aquele que é portador da confissão cristã. Ele não é mais um homem livre. Podemos aplicar isso à nossa vida pessoal: Se a Palavra de Deus não puder mais ter seu pleno efeito em nós, isso é um prenúncio de naufrágio.

O homem que deve garantir que Paulo chegue em segurança a Roma, juntamente com alguns outros prisioneiros, é um centurião da “Coorte Augusta” chamado Júlio. Isso enfatiza que Paulo é prisioneiro do imperador em Roma. Júlio escolhe um navio cuja rota leva a Roma. O navio parte então em uma longa viagem.

Além de Lucas, Aristarco também está a bordo. Aristarco decidiu voluntariamente acompanhar Paulo e Lucas em sua jornada. Ao fazer isso, ele se torna um com a desonra do evangelho. Ele sofreu com Paulo por causa

do evangelho (Atos 19:29) e voluntariamente compartilhará a prisão com Paulo em Roma (Col 4:10).

O início da jornada não parece nada ameaçador. Júlio trata Paulo com bondade. Nos primeiros dias, a igreja não sofria muito com as autoridades seculares. Elas até protegiam a igreja, como vimos várias vezes com Paulo nos Atos dos Apóstolos.

Em Sidom, Paulo teve permissão para visitar os crentes que Lucas chama de “amigos”. Em muitos lugares, essa comunhão de pessoas havia se formado por meio da graça do Senhor. Onde o amor da irmandade está presente, podemos falar de amigos (3João 1:15). Paulo vai até lá para ser cuidado por eles; ele desfruta do prazer da atenção dos amigos. Eles certamente lhe deram o que ele precisava para seu corpo. Esse refrigério físico deve ter sido um refrigério espiritual ainda maior para ele.

Depois dessa renovação física e espiritual, a viagem continua. Eles enfrentam um vento contrário, que os obriga a passar perto de Chipre. Um vento contrário ou uma tempestade não significa que você não esteja no caminho do Senhor. O próprio Senhor Jesus também estava em uma tempestade. É importante apenas seguir o curso mais cuidadoso, próximo a um possível porto.

Em seguida, navega-se pelo mar da Cilícia e da Panfília, onde Paulo também navegou em sua primeira viagem missionária durante o retorno a Antioquia da Síria (Atos 14:24-26). Todos esses nomes devem ter trazido lembranças ao apóstolo e o levaram a orar (adicionalmente) pelos crentes dessas regiões. Eles então viajaram para Mirra, na província da Lícia, na costa sul da Ásia Menor.

Atos 27:6-10 | Uma travessia difícil

6 Achando ali o centurião um navio de Alexandria, que navegava para a Itália, nos fez embarcar nele. 7 E, como por muitos dias navegássemos vagarosamente, havendo chegado apenas defronte de Cnido, não nos permitindo o vento ir mais adiante, navegamos abaixo de Creta, junto de Salmona. 8 E, costeando-a dificilmente, chegamos a um lugar chamado Bons Portos, perto do qual estava a cidade de Laséia. 9 Passado muito tempo, e sendo já perigosa a navegação, pois também o jejum já tinha passado, Paulo os admoestava, 10 dizendo-lhes:

Varões, vejo que a navegação há de ser incômoda e com muito dano, não só para o navio e a carga, mas também para a nossa vida.

O navio precisa ser trocado em Mirra. O capitão sai em busca de um navio com destino à Itália. Ele encontra um navio de Alexandria, do Egito. O centurião vai para um navio egípcio com seus prisioneiros. Isso significa que esse navio se torna o navio do testemunho cristão. Nas Escrituras, geralmente vemos o Egito como uma figura do mundo. Por meio da transferência do prisioneiro Paulo para esse navio, vemos figurativamente como o mundo ganha influência sobre a igreja. O mundo toma a igreja para si. Toda a tripulação confia nesse navio, mas como essa confiança é envergonhada. Uma grande tempestade se abate sobre esse navio e, no final, ele se perde. Todos os esforços são feitos para manter o navio navegando ou à deriva até que não haja mais salvação.

A primeira característica de viajar com esse navio é que ele se move lentamente e é conduzido com dificuldade porque o vento está contra eles. Aplicado espiritualmente, vemos que a lentidão, os ventos contrários e o trabalho são causados na igreja pelo apego a formas religiosas (Heb 5:11,12) e ao falso ensino (Efé 4:14). Essas coisas impedem o crescimento espiritual. Então, é hora de cairmos em si e não continuarmos, mas sermos avisados dos perigos iminentes.

Esse é o momento em que Paulo se levanta para fazer uma advertência. Chegou a hora de a navegação se tornar perigosa. Muito tempo havia sido perdido por causa do vento contrário. Lucas menciona que “o tempo de jejum já havia terminado”, ou seja, o jejum do grande Dia da Expição. Esse jejum ocorreu no final de setembro, início de outubro. Essa é uma época em que se tornou perigoso continuar viajando. O inverno seguinte foi ainda mais perigoso.

Ainda não tínhamos ouvido Paulo dizer nada sobre essa viagem, mas agora ele fala. Ele diz o que prevê que acontecerá se a viagem continuar. Ele poderia dizer isso porque o Senhor Ihe havia dito em suas relações com Ele. Ele também poderia dizer isso por causa de sua grande experiência em viagens marítimas. Ele estava acostumado a viajar de navio. Havia aprendido sobre os perigos do mar e até mesmo naufragado em três viagens (2Cor 11:25,26). Portanto, ele certamente sabia o que era viajar por mar.

Paulo não diz ou pensa que tudo dará certo ou que ele será salvo porque ele tem a garantia do Senhor de que chegará a Roma. Isso não diz nada sobre a tripulação com a qual ele se preocupa.

Aqui também, a aplicação ao desenvolvimento da igreja cristã é óbvia. Em suas cartas, ele adverte sobre as tempestades que atingirão o navio (1Tim 4:1-3; 2Tim 3:1-9; cf. Atos 20:29,30). Aqueles que não se permitirem ser avisados sofrerão grandes danos em sua vida de fé e poderão até mesmo naufragar.

Atos 27:11-20 | Toda esperança de salvação se foi

11 Mas o centurião cria mais no piloto e no mestre do que no que dizia Paulo. 12 E, como aquele porto não era cômodo para invernar, os mais deles foram de parecer que se partisse dali para ver se podiam chegar a Fenice, que é um porto de Creta que olha para a banda do vento da África e do Coro, e invernar ali. 13 E, soprando o vento sul brandamente, lhes pareceu terem já o que desejavam, e, fazendo-se de vela, foram de muito perto costeando Creta. 14 Mas, não muito depois, deu nela um pé de vento, chamado Euroaquilão. 15 E, sendo o navio arrebatado e não podendo navegar contra o vento, dando de mão a tudo, nos deixamos ir à toa. 16 E, correndo abaixo de uma pequena ilha chamada Cauda, apenas pudemos ganhar o batel. 17 E, levado este para cima, usaram de todos os meios, cingindo o navio; e, temendo darem à costa na Sirte, amainadas as velas, assim foram à toa. 18 Andando nós agitados por uma veemente tempestade, no dia seguinte, aliviaram o navio. 19 E, ao terceiro dia, nós mesmos, com as próprias mãos, lançamos ao mar a armação do navio. 20 E, não aparecendo, havia já muitos dias, nem sol nem estrelas, e caindo sobre nós uma não pequena tempestade, fugiu-nos toda a esperança de nos salvarmos.

O conselho de Paulo é jogado ao vento. Ele então permanece em silêncio e só abre a boca novamente no verso 21. Assim, a igreja professa também não deu ouvidos a Paulo, e essa é a causa da decadência. As advertências que encontramos nas Escrituras são jogadas ao vento. Os líderes cristãos que afirmam saber e ter um diploma para exibir estão no comando da igreja. O resultado é que o navio se torna presa dos elementos da natureza, sem leme e sem luz.

Essa é uma situação que reconhecemos na história da igreja na Idade das Trevas. A palavra de Deus era completamente desprezada, apenas a palavra dos homens contava. A igreja ensinava e o povo da igreja engolia. Havia um clero que ditava ao povo como a Bíblia deveria ser lida. Encontramos essa situação especialmente na Igreja Católica Romana, mas também encontramos essas coisas nas igrejas protestantes. Os problemas são tratados de forma humana e são usadas soluções humanas. De acordo com o princípio democrático, a maioria decide.

Esse também foi o caso a bordo do navio de Alexandria, onde Paulo estava presente, mas não foi ouvido. A opinião geral era de que o porto não era adequado para o inverno. No entanto, quando se trata de algo razoável, a maioria das pessoas acha que é aconselhável sair e ir para Fenice para passar o inverno lá. Se o texto diz que o que “os demais” aconselharam foi seguido, isso também significa que havia pessoas que teriam preferido seguir o conselho de Paulo. No entanto, elas eram uma minoria.

Depois que o navio deixou o porto, as primeiras experiências parecem confirmar o que “os demais” aconselharam, ou seja, não seguir Paulo. Com o suave vento sul, ninguém suspeitava do caráter forte de Paulo. Isso se torna evidente quando surge um redemoinho. Agora, o passageiro e prisioneiro Paulo assume a liderança. Ele toma decisões e dá instruções que decidem a morte ou a vida de todos.

A impressão de uma decisão correta não dura muito tempo, pois assim que eles estão a caminho, um furacão do nordeste, chamado Euroaquilão, surge repentinamente da ilha. A tempestade é tão violenta que o navio não consegue se manter no curso. A tripulação é impotente contra essa força da natureza. Eles abandonam o navio aos caprichos da natureza. Essa é uma imagem adequada de uma igreja que é sacudida por todos os ventos de doutrina. A Igreja Católica Romana, em particular, tornou-se “morada de demônios, e abrigo de todo espírito imundo, e refúgio de toda ave imunda e aborrecível” (Apo 18:2).

O único meio de resgate é o bote. O bote é a rota de fuga para o momento em que as coisas ameaçam dar errado. O homem quer manter o controle, o que consegue fazer até certo ponto. Mas todas as rotas de fuga e medidas de segurança não levam o navio à terra. A tempestade continua sem parar.

Outra medida de precaução é cingir o navio. Isso significa manter as tábuas do navio unidas para que ele permaneça inteiro. O cingimento do navio é comparável aos meios externos usados para manter a igreja flutuando como um navio, por exemplo, por meio de conselhos. Mas, apesar dessas medidas, o navio continua sem leme.

Como também há um grande perigo de ser arrastado à costa na Sirte, o cordame é baixado. O que ainda poderia, de alguma forma, ajudar a manter o navio no rumo certo, mas que a tempestade já conseguiu colocar em seu poder, é baixado. Embora isso possa evitar o perigo direto, não oferece nenhuma salvação real. A tempestade prejudicial continua.

Isso faz com que a tripulação jogue a carga ao mar no dia seguinte. Talvez fosse uma parte dos grãos, cujo restante é lançado ao mar no verso 38. No terceiro dia, o cordame e o restante do equipamento do navio são jogados fora. Desta forma, a maior superfície de ataque possível é removida do vento tempestuoso. Tudo o que vai ao mar, seja parte do navio ou da carga, rouba o valor e a função do navio.

Assim, ao longo dos séculos, a igreja cristã tem perdido cada vez mais seu valor de acordo com os pensamentos de Deus e seu propósito para Deus e para o mundo. Basta pensar no “terceiro dia”, que comemora a ressurreição do Senhor Jesus. Isso não foi quase lançado ao mar em todo o cristianismo? Isso pode significar que a ressurreição é radicalmente negada ou que a confissão ortodoxa está presente, mas as consequências correspondentes para a vida de fé estão completamente ausentes.

Se esse pilar da fé for derrubado, o resultado é que a fé deixa de nutrir o coração e a pessoa passa a vagar em completa escuridão espiritual. Você não vê mais nenhuma luz celestial. O que era característico da sombria Idade Média, porque a Palavra de Deus era negada ao povo, também é característico do cristianismo atual. Não há mais nada para guiar o caminho do cristão. A esperança de salvação, a salvação baseada na fé, desapareceu.

Atos 27:21-26 | Esperança crescente

21 *Havendo já muito que se não comia, então, Paulo, pondo-se em pé no meio deles, disse: Fora, na verdade, razoável, ó varões, ter-me ouvido a mim e não partir de Creta, e assim evitariam este incômodo e esta perda.* 22 *Mas, ago-*

ra, vos admoesto a que tenhais bom ânimo, porque não se perderá a vida de nenhum de vós, mas somente o navio. 23 Porque, esta mesma noite, o anjo de Deus, de quem eu sou e a quem sirvo, esteve comigo, 24 dizendo: Paulo, não temas! Importa que sejas apresentado a César, e eis que Deus te deu todos quantos navegam contigo. 25 Portanto, ó varões, tende bom ânimo! Porque creio em Deus que há de acontecer assim como a mim me foi dito. 26 É, contudo, necessário irmos dar numa ilha.

Mas quando todos os recursos se esgotam, Deus permanece. Ele conduz o navio para o lugar onde Ele quer que ele esteja. Agora o caminho está aberto para que Paulo se levante como porta-voz de Deus e se coloque no centro. Vemos aqui como surge uma situação em que a Palavra de Deus mais uma vez ocupa o centro do palco. Quando não há alimento por um longo tempo, a Palavra volta a ser nutritiva. Aqui vemos o “*sola scriptura*” (somente a Escritura) da Reforma. A esperança de salvação surge novamente (verso 22).

Quando Paulo começa a falar, ele primeiro os lembra de que eles se recusaram a ouvi-lo. Ele os lembra de sua desobediência. A palavra primeiro diz o que deu errado. Será que nós, como igreja, damos ouvidos ao Senhor Jesus quando Ele nos diz que fizemos algo errado? Paulo não diz isso para mostrar a eles como eram ignorantes, mas para deixar claro o verdadeiro motivo da miséria em que se encontravam. Cada um deve perceber que ele viu as coisas corretamente e que todas as tentativas deles falharam. Quando perceberem que a sabedoria deles não serviu para nada (Slm 107:27), terão prazer em ouvi-lo no futuro e seguir suas ordens. Podemos evitar todos os momentos difíceis em nossa vida pessoal e comunitária se ouvirmos a Palavra de Deus.

Paulo só começa a falar depois de ter recebido uma mensagem de Deus, não antes. Ele não apenas repreende, mas também tem palavras de encorajamento (Deu 31:6,7,23). Em meio à expectativa de morte, palavras de esperança e vida são ouvidas. Ele os encoraja ao prever que todos sobreviverão. Somente o navio de Alexandria se perderá. Nessa história, vemos o provérbio se provar verdadeiro: “Deus não nos prometeu uma travessia tranquila, mas nos prometeu uma chegada segura”. Nas palavras de Paulo à tripulação do navio, ouvimos a certeza que existe para o crente, que

nenhum poder pode separá-lo do amor de Cristo e do amor de Deus (Rom 8:35-39).

Paulo explica por que ele pode falar dessa maneira. Ele foi visitado por um anjo de Deus, o Deus de quem ele é propriedade total, o Deus a quem ele serve com tudo o que é e tem. Esse é um testemunho revelador nessas circunstâncias. Ele relata a promessa que recebeu desse Deus para si mesmo. Ao mesmo tempo, ele pode relatar que Deus prometeu, em relação a isso, que todos os que viajaram com ele também serão salvos. Por meio da fidelidade dos verdadeiros cristãos, a salvação tem sido frequentemente concedida a muitos, tanto pecadores quanto crentes desviados. Aqueles que viajam com Paulo, ou seja, de acordo com o que Paulo escreveu, chegarão ilesos ao seu destino com Paulo.

No verso 25, ele repete sua exortação do verso 22 para que tenham bom ânimo. A confiança da fé é abordada. Vemos isso nos reformadores que redescobriram as Escrituras. É a coragem da fé nas Escrituras. A Palavra de Deus é confiável e digna de confiança. Isso não significa que não haverá dificuldades e que eles mesmos não têm mais nada a fazer. Tampouco significa que Deus descreve todos os detalhes e que não haverá mais surpresas. Deus só compartilha o suficiente para que possamos confiar totalmente Nele para nos levar para casa em segurança. Por outro lado, Ele também mantém as coisas ocultas para nos manter dependentes Dele. Paulo não sabia o nome da ilha. Ele não diz nada além do que ouviu de Deus. Portanto, resta-nos olhar para Ele. A jornada ainda não terminou. A Reforma também não foi o fim. Uma nova noite está surgindo, sem luz.

Atos 27:27-32 | Perto da meia-noite

27 Quando chegou a décima quarta noite, sendo impelidos de uma e outra banda no mar Adriático, lá pela meia-noite, suspeitaram os marinheiros que estavam próximos de alguma terra. 28 E, lançando o prumo, acharam vinte braças; passando um pouco mais adiante, tornando a lançar o prumo, acharam quinze braças. 29 E, temendo ir dar em alguns rochedos, lançaram da popa quatro âncoras, desejando que viesse o dia. 30 Procurando, porém, os marinheiros fugir do navio e tendo já deitado o batel ao mar, como que querendo lançar as âncoras pela proa, 31 disse Paulo ao centurião e aos soldados: Se estes

não ficarem no navio, não podereis salvar-vos. 32 Então, os soldados cortaram os cabos do batel e o deixaram cair.

Não é sem significado que Lucas fala sobre a décima quarta “noite”. Isso ilustra melhor a experiência dos marinheiros. O número de dias não foi esquecido. O tempo também foi registrado. É meia-noite quando os marinheiros suspeitam que a terra está próxima. Isso significa que o resgate está próximo.

A expressão “meia-noite” é uma expressão profética usada em conexão com a vinda do Senhor como noivo (Mat 25:6). Portanto, podemos associar essa expressão à vinda iminente do Senhor. Nesse sentido, podemos dizer que a terra está próxima, ou seja, a terra celestial. Nesse contexto, o dia também está próximo, o dia em que Ele aparecerá. Todos a bordo anseiam que seja dia (verso 29).

Para determinar a profundidade da água, um fio de prumo é lançado. A primeira medição mostra que a água tem vinte braças de profundidade, o que equivale a trinta e seis metros. Quando o fio de prumo é lançado pela segunda vez, verifica-se que a água tem apenas 15 braças de profundidade, ou seja, vinte e sete metros. A água está ficando cada vez mais rasa. Isso significa que a terra está ficando mais próxima.

Se aplicarmos isso à situação do cristianismo, podemos comparar o fio de prumo com a Palavra de Deus. Se lançarmos agora o fio de prumo da Palavra, poderemos medir cinco braças ou menos. Para nós também, a terra está se tornando cada vez mais visível. Também é nosso desejo que seja dia, porque o dia significa salvação para todo o povo de Deus (cf. Rom 13:11,12). O patético desenvolvimento do cristianismo e todas as tentativas de manter o barco à tona falharam miseravelmente. A única coisa que permanece é o desejo pelo dia.

Há também outro lado. Esse é o lado da responsabilidade. Ninguém pode ser salvo por iniciativa própria. É necessário que sejamos salvos juntos, todos no mesmo caminho. A ação dos marinheiros de escapar secretamente com o bote é contraditória, contradiz a confiança na fé de que Paulo estava falando.

Aqueles que conheciam tão bem e determinaram o curso querem abandonar a causa. Isso pode ser chocante para aqueles que são deixados para

trás. Paulo evita que isso aconteça. Para ele, eles pertencem ao grupo e também devem ser salvos, mas também precisam ficar no navio com Paulo e fazer o que ele diz. Deus havia dito que todos seriam salvos, e à sua própria maneira. Esse capítulo também mostra a história da fidelidade de Deus em tudo. Ele chegará ao seu objetivo com seu povo.

Agora ouvimos Paulo. Em meio a todas as circunstâncias causadas pela tempestade, Paulo permanece como uma rocha na tempestade. Sua palavra é acreditada na tempestade. Sua palavra é a prova de que ele está certo. As pessoas de fé provam ser pessoas de fé nas tempestades. Se não houvesse tempestades, não seríamos capazes de demonstrar nossa fé.

Atos 27:33-37 | Paulo incentiva todos a se alimentar

33 E, enquanto o dia vinha, Paulo exortava a todos a que comessem alguma coisa, dizendo: É já hoje o décimo-quarto dia que esperais e permaneceis sem comer, não havendo provado nada. 34 Portanto, exorto-vos a que comais alguma coisa, pois é para a vossa saúde; porque nem um cabelo cairá da cabeça de qualquer de vós. 35 E, havendo dito isto, tomando o pão, deu graças a Deus na presença de todos e, partindo-o, começou a comer. 36 E, tendo já todos bom ânimo, puseram-se também a comer. 37 E éramos ao todo no navio duzentas e setenta e seis almas.

Ao amanhecer o dia, Paulo incentiva todos a comerem. Paulo está atento ao esforço físico pelo qual todos passaram. A liderança espiritual tem em vista a pessoa como um todo. Ele contou os dias em que eles não comeram (cf. Mar 8:2). Para ele, não é a décima quarta noite (verso 27), mas o décimo quarto dia. Ele prova ser alguém que é daquele dia (1Tes 5:8).

O convite para comer também é importante do ponto de vista espiritual. Ele serve para a preservação (ou salvação). Mais do que nunca, os crentes em trevas espirituais precisam ler a Palavra de Deus como alimento para suas almas. O rei Saul proibiu que se levasse comida para a batalha. Jônatas achou que essa era uma proibição tola (1Sam 14:28-30). O alimento da palavra dá força para a preservação (2Tim 3:15).

A palavra “salvar” é uma palavra-chave nessa história. Palavras opostas, como “perecer” ou “não ser salvo”, também ocorrem várias vezes. Deus poderia tê-los salvado em seu estado de fraqueza sem que comessem nada.

Mas Ele os “salvou” ao lhes dar comida. Ele age como quer. Não podemos categorizar as ações de Deus. Ele age soberanamente e os salva de forma natural. Eles precisavam de força para poderem nadar mais tarde.

O fato de que nem um fio de cabelo da cabeça deles seria perdido aponta para um novo período na história da igreja, ou seja, uma época de reavivamento nos séculos 18 e 19. É a época que se segue ao avivamento da Reforma, na qual o acesso à Palavra de Deus foi reaberto. É um movimento de estudo da Bíblia: a Bíblia é lida em seu contexto, principalmente no que diz respeito ao futuro de Israel e à vinda do Senhor. A Palavra realmente voltou a ser alimento. Muitos comentários bíblicos também foram escritos durante esse período. Houve crescimento espiritual e discipulado.

Anteriormente, foi dito que nenhuma vida se perderia (verso 22), agora Paulo diz que nem um fio de cabelo da cabeça se perderia. Isso indica que os crentes estão cada vez mais conscientes da segurança que têm em Cristo. Esse desenvolvimento também ocorre na vida do crente individual que estuda as Escrituras.

O apelo de Paulo para comer esse alimento ainda é válido hoje. Como igreja, também devemos levar a sério esse convite para lermos juntos a Palavra de Deus, a fim de sermos nutridos por ela. Todos nós precisamos disso. Devemos incentivar uns aos outros a participar de reuniões em que a Palavra de Deus é proclamada.

O próprio Paulo é um bom exemplo. Depois de convidar a todos, ele mesmo pega o pão, agradece a Deus por ele na presença de todos, parte um pedaço e começa a comer. Aqui temos um exemplo prático de como devemos agir quando fazemos uma refeição em público (1Tim 4:5,6). Isso também é um testemunho. Paulo não tinha vergonha de fazer isso em voz alta. Isso é o que um homem com força espiritual faz. As palavras de Paulo e seu exemplo fizeram bem a todos. Isso lhes deu coragem e desejo de comer novamente. Eles haviam perdido o desejo de comer. Quando você olha a morte nos olhos, não sente fome.

Se aplicarmos isso à igreja, podemos ver nela uma imagem da adoração e da comunhão à mesa do Senhor. Essas eram coisas que vieram à tona de maneira especial na época do avivamento.

Então, de repente, Lucas menciona o número exato de almas a bordo do navio. Por que ele está fazendo isso aqui? Por que ele não fez isso antes, mas somente no final? Se pudermos supor que esse capítulo nos apresenta a história da igreja na Terra em muitos aspectos, a menção do número exato nesse ponto da história tem um significado que está ligado ao avivamento nos séculos 18 e 19. Não foi uma das grandes descobertas do avivamento o fato de todos os crentes pertencerem um ao outro, onde quer que estejam? Por meio do estudo da Palavra por aqueles que se submeteram fielmente a ela, o Espírito Santo mais uma vez colocou o corpo único como uma verdade viva diante do coração desses crentes.

Atos 27:38-41 | O navio naufraga

38 Refeitos com a comida, aliviaram o navio, lançando o trigo ao mar. 39 E, sendo já dia, não reconheceram a terra; enxergaram, porém, uma enseada que tinha praia e consultaram-se sobre se deveriam encalhar nela o navio. 40 Levantando as âncoras, deixaram-no ir ao mar, largando também as amarras do leme; e, alçando a vela maior ao vento, dirigiram-se para a praia. 41 Dando, porém, num lugar de dois mares, encalharam ali o navio; e, fixa a proa, ficou imóvel, mas a popa abria-se com a força das ondas.

Agora chegou a hora de a tripulação do navio ser abastecida com alimentos. É significativo que eles joguem os grãos ao mar nesse momento. Também vemos isso na história da igreja. Um período de grande desejo pela palavra de Deus é seguido por um período de saciedade. Isso é comparável a dois períodos de tempo que encontramos descritos em Apocalipse 3, ou seja, nas cartas a Filadélfia e Laodicéia.

Filadélfia nos mostra o tempo de reavivamento. Laodicéia nos mostra o tempo que segue o avivamento. Em Filadélfia, há um amor caloroso pelo Senhor, que se expressa no amor por Sua Palavra (Apo 3:8,10). Em Laodicéia, há saciedade, que esfriou o amor até a mornidão e a arrogância (Apo 3:15-17). Lá encontramos indiferença ao alimento da Palavra de Deus. A palavra foi jogada ao mar. O depósito da fé foi jogado fora. É isso que fazem aqueles que naufragam em sua fé. As verdades da fé cristã não são mais valorizadas.

Nos anos anteriores, o cristianismo sempre se espalhou, mas agora há um declínio do cristianismo em países onde antes havia uma tendência de crescimento. Agora o cristianismo está se espalhando no terceiro mundo. Nos países cristãos, a grande apostasia está se tornando evidente.

Quando a Palavra de Deus deixa de ser alimento, o reconhecimento da terra ao amanhecer do dia também desaparece. As âncoras são cortadas. A esperança cristã é abandonada (Heb 6:18,19). Prega-se nos púlpitos que a morte é o fim de tudo.

Ainda há tentativas de trazer o navio para um pouso suave na praia, mas elas falham devido a um banco de areia. O navio encosta nesse banco e finalmente se parte em dois. Uma parte está presa e imóvel, e a outra está completamente despedaçada em tábuas e destroços.

Também vemos essa imagem no fim dos tempos. A parte do navio que permanece intacta representa o ecumenismo, no qual as pessoas querem formar uma unidade a todo custo. A outra parte é a fragmentação em inúmeras seitas, nas quais as pessoas se separam a todo custo de tudo o que não está de acordo com suas próprias ideias (Jud 1:17-19).

Atos 27:42-44 | Todos chegam à terra em segurança

42 Então, a idéia dos soldados foi que matassem os presos para que nenhum fugisse, escapando a nado. 43 Mas o centurião, querendo salvar a Paulo, lhes estorvou este intento; e mandou que os que pudessem nadar se lançassem primeiro ao mar e se salvassem em terra; 44 e os demais, uns em tábuas e outros em coisas do navio. E assim aconteceu que todos chegaram à terra, a salvo.

Pouco antes do fim, surge o grande perigo de que nem todos possam ser resgatados. Depois que parece que a tripulação do navio pode ser resgatada, tudo ameaça dar errado. Os soldados decidem matar os prisioneiros, pensando que eles poderão escapar quando estiverem em terra. Isso lhes custaria a própria vida, pois teriam de empenhar suas vidas pela vida dos prisioneiros.

Mas, mesmo assim, vemos que Deus, em sua providência, usa o centurião para impedir que os soldados realizem seu plano. O capitão ordena que os nadadores sejam os primeiros a pular no mar. Os outros podem então usar as tábuas e os destroços para tentar chegar do navio à terra.

Às vezes, Deus exige que nademos espiritualmente ou que nos agarremos a um pedaço de madeira à deriva, a cruz. Esse é o caso quando nos encontramos em circunstâncias em que não temos mais chão sob nossos pés. Seja como for, todos chegam à praia sãos e salvos. Todos os que viajaram com Paulo chegaram ao destino final.

É assim que todos os filhos de Deus, todos os membros da igreja, um dia chegarão à Pátria celestial. Tudo em que o homem confiava para uma viagem segura e protegida não estará mais lá. O que resta é apenas a graça de Deus, da qual podemos nos orgulhar, porque somente por meio dela todos os Seus chegarão ao destino final em segurança.

Atos 28

Atos 28:1-2 | A recepção em Malta

1 Havendo escapado, então, souberam que a ilha se chamava Malta. 2 E os bárbaros usaram conosco de não pouca humanidade; porque, acendendo uma grande fogueira, nos recolheram a todos por causa da chuva que caía e por causa do frio.

Depois que todos alcançaram a terra em segurança, ficam sabendo que estão na ilha de Malta. Os habitantes locais, ou seja, a população original, demonstram aos naufragados uma “bondade incomum”. Quando consideramos que era costume confiscar tudo o que chegava à costa e matar as pessoas, vemos aqui novamente a graça de Deus que Ele trouxe a essas pessoas.

O tratamento que Paulo recebeu aqui dos gentios forma um grande contraste com o tratamento que ele recebeu de seus irmãos judeus segundo a carne. É também o contraste entre os líderes judeus e os governantes romanos, que, em geral, eram favoráveis aos cristãos.

Parece que nada aconteceu, porque Paulo continua seu trabalho habitual de testemunho. Com o naufrágio, Deus lhe deu uma nova área para fazer isso.

Atos 28:3-6 | Paulo é mordido por uma serpente

3 E, havendo Paulo ajuntado uma quantidade de vides e pondo-as no fogo, uma víbora, fugindo do calor, lhe acometeu a mão. 4 E os bárbaros, vendo-lhe a víbora pendurada na mão, diziam uns aos outros: Certamente este homem é homicida, visto como, escapando do mar, a Justiça não o deixa viver. 5 Mas, sacudindo ele a víbora no fogo, não padeceu nenhum mal. 6 E eles esperavam que viesse a inchar ou a cair morto de repente; mas tendo esperado já muito e vendo que nenhum incômodo lhe sobrevinha, mudando de parecer, diziam que era um deus.

Antes de Paulo começar a prestar testemunho, acontece algo que dará grande poder ao seu testemunho. Os naufragos são convidados pelos ha-

bitantes locais para uma fogueira, para que possam se secar e se aquecer. Eles estavam completamente encharcados. Também começou a chover, então não havia muito como secar. Uma grande fogueira e muita madeira são necessárias para uma multidão tão grande. Portanto, a lenha precisa ser coletada. O Paulo ajuda com isso. Ele não se acha muito importante para ajudar a coletar lenha. A ação coletiva proporciona calor a todos. Até mesmo o trabalho faz isso. Quando você faz algo para o Senhor, isso o mantém aquecido e o impede de congelar de frio.

Paulo juntou “uma quantidade”, não apenas alguns gravetos. Quando ele colocou a lenha no fogo e quis se aquecer, o calor fez com que uma serpente saísse e mordesse sua mão. A cobra é uma figura do diabo. O Diabo não vê com bons olhos o fato de os crentes se defenderem uns aos outros. Ele não tem proveito com o calor do amor fraternal e tenta perturbá-lo. Assim como o calor acorda as serpentes, o amor entre irmãos acorda o diabo, por assim dizer. Quando os crentes estão com frio ou dormindo, o diabo também dorme.

Quando os habitantes locais veem o animal na mão de Paulo, eles imediatamente têm uma teoria em mãos que não faz sentido, mas apenas revela sua maneira idólatra de pensar. Esse tipo de julgamento também pode ocorrer entre os cristãos. Os cristãos também costumam ter uma explicação à mão quando algo ruim acontece com alguém.

A reação de Paulo é a reação da fé (Mar 16:18; Luc 10:19). Ele sacode o animal de si para o fogo. Essa também deve ser a nossa reação quando o diabo tenta nos dominar. Devemos levá-lo com fé para onde ele estará para sempre: no fogo (Apo 20:10). Os habitantes locais expressaram sua opinião sobre a serpente que havia mordido a mão de Paulo. Eles também tinham sua opinião sobre as consequências: ou haveria um inchaço ou ele morreria de repente. Nenhuma dessas coisas aconteceu.

Em termos espirituais, a seguinte aplicação pode ser feita. A mão fala de atividade, de ocupação. Se estivermos ocupados com uma obra para o Senhor, o diabo pode mordê-la. Se não agirmos com determinação e colocarmos o diabo em seu lugar, ficaremos inchados, ou seja, nos tornaremos arrogantes em relação ao que estamos fazendo para o Senhor. Ou morreremos de repente, o que significa que nenhuma vida para Deus será visível

em nós. É Por isso que não devemos dar espaço ao diabo (Efé 4:27), não devemos dar a ele nenhuma oportunidade de fazer seu trabalho prejudicial em nós.

Quando as consequências esperadas não se concretizam, os habitantes locais mudam de ideia. Aqui temos mais uma prova da facilidade com que as pessoas mudam de opinião, como vimos anteriormente em Listra, ao contrário (Atos 14:11-19). Esse tipo de raciocínio pode ser encontrado em pessoas que julgam apenas pelas aparências. Mas Deus tem seu próprio plano para esse evento. Ele usa esse evento para mostrar que, em meio a todos os prisioneiros, esse homem é seu servo.

Atos 28:7-10 | Curas em Malta

7 E ali, próximo daquele mesmo lugar, havia umas herdades que pertenciam ao principal da ilha, por nome Públio, o qual nos recebeu e hospedou benignamente por três dias. 8 Aconteceu estar de cama enfermo de febres e disenteria o pai de Públio, que Paulo foi ver, e, havendo orado, pôs as mãos sobre ele e o curou. 9 Feito, pois, isto, vieram também ter com ele os demais que na ilha tinham enfermidades e sararam, 10 os quais nos distinguiram também com muitas honras; e, havendo de navegar, nos proveram das coisas necessárias.

A boa vontade dos habitantes da ilha é tão grande que até mesmo “o principal da ilha” (um título oficial) recebe Paulo e seu povo com hospitalidade por três dias. Então surge a oportunidade de receber algo em troca. O pai de Públio está gravemente doente. Paulo não é solicitado a ir até ele, mas ele vai. Primeiro, ele ora lá. Ao fazer isso, ele deixa claro que não é ele, mas Deus, quem pode curá-lo. Ele então impõe as mãos sobre ele e o cura. Depois que isso acontece, é a vez dos outros doentes da ilha. Eles vão até ele e são curados.

Não ouvimos mais nada sobre sinais por um longo tempo. Aqui ouvimos falar deles novamente. Os sinais são sempre um apoio para a palavra que os apóstolos falam. Aqui, também, é um sinal realizado por um apóstolo (2Cor 12:12). Os sinais acompanham o início de uma nova era. Paulo está aqui em uma terra inexplorada onde o evangelho nunca foi ouvido. Como é um novo começo para essa ilha, também encontramos sinais aqui. Os sinais não acontecem por si mesmos, mas sempre acompanham a proc-

lamação da palavra (Heb 2:4). É claro que Paulo também proclamou a palavra. Isso é tão evidente que Lucas não o menciona separadamente.

Está claro que os habitantes da ilha estão extraordinariamente gratos por terem ouvido e aceitado o evangelho e por suas doenças terem sido curadas. As honras que eles demonstram a Paulo e seus companheiros não têm nada a ver com a demonstração de honras divinas, porque Paulo as teria rejeitado imediatamente.

Em sua primeira carta, Pedro nos exorta, em um sentido geral, a honrar a todos (1Ped 2:17). Paulo diz que devemos honrar aqueles a quem a honra é devida (Rom 13:7). Trata-se de honrar os outros como criaturas de Deus. E se alguém também fizer o que é honroso, não devemos negar nosso apreço à outra pessoa. Foi isso que os habitantes da ilha fizeram.

Quando o grupo de viajantes deixa a ilha, todos recebem o que precisam para o restante da viagem. Dessa forma, os nativos da ilha os ajudam de uma maneira digna de Deus (cf. 3Joã 1:5-8).

Atos 28:11-16 | Chegada a Roma

11 Três meses depois, partimos num navio de Alexandria, que inverna na ilha, o qual tinha por insígnia Castor e Pólux. 12 E, chegando a Siracusa, ficamos ali três dias, 13 donde, indo costeando, viemos a Régio; e, soprando, um dia depois, um vento do sul, chegamos no segundo dia a Putéoli, 14 onde, achando alguns irmãos, nos rogaram que por sete dias ficássemos com eles; e depois nos dirigimos a Roma. 15 E de lá, ouvindo os irmãos novas de nós, nos saíram ao encontro à Praça de Ápio e às Três Vendas, e Paulo, vendo-os, deu graças a Deus e tomou ânimo. 16 E, logo que chegamos a Roma, o centurião entregou os presos ao general dos exércitos; mas a Paulo se lhe permitiu morar por sua conta, com o soldado que o guardava.

Agora é final de janeiro/início de fevereiro quando eles embarcam mais uma vez em um navio de Alexandria (Atos 27:6) para continuar a viagem a Roma. Como Lucas relata, o navio tem o “emblema Dióscuros” (JFAA). Dioscuri significa “filhos de Zeus”. Eles eram vistos como protetores dos marinheiros e, portanto, eram adorados em muitas cidades portuárias. Ao mencionar o sinal desse navio, no qual Paulo está a bordo, somos lembrados de que a proclamação do evangelho, da qual Paulo é um representante,

é uma batalha espiritual. Essa batalha ainda está em pleno andamento (Flp 1:27,28).

A primeira cidade portuária para a qual navegam é Siracusa, na ilha italiana da Sicília. Eles ficam lá por três dias, talvez para descarregar a carga ou esperar por um vento favorável. De Siracusa, eles partem para Régio, no continente italiano. Como tinham de seguir para o norte e o vento soprava do sul, o restante da viagem transcorreu sem problemas. Depois de dois dias, eles chegaram a Putéoli, o porto de Nápoles.

Em Putéoli, Paulo e seus companheiros procuram por “irmãos”, e os encontram. “Irmãos” era o termo geral para os crentes na época. Os irmãos pediram a Paulo e seus companheiros que ficassem por sete dias. Sete dias sempre significa que um domingo está incluído (Atos 20:6,7; 21:4). Depois, eles seguiram por terra para Roma.

Enquanto Paulo ficou em Putéoli por sete dias, as notícias sobre ele puderam chegar até Roma. De lá, os irmãos foram ao seu encontro. Quando Paulo os viu, agradeceu a Deus e tomou coragem. Ele nunca tinha visto esses irmãos antes, mas o fato de serem irmãos que o cumprimentaram e abraçaram calorosamente foi um grande presente e só poderia ter sido obra de Deus.

Pelo relato de Lucas sobre os encontros de Paulo com os vários grupos de irmãos, podemos concluir que Paulo estava abatido. Ele era um homem com as mesmas emoções que nós. Em um momento anterior de desânimo, o próprio Senhor apareceu a ele para encorajá-lo (Atos 23:11). Aqui o Senhor faz isso por meio dos irmãos.

O amor dos irmãos o encoraja e o fortalece novamente. Ele experimenta o que já havia escrito anteriormente em sua carta “a todos os amados de Deus, que estais em Roma” (Rom 1:7,12). Um grupo de irmãos vem encontrá-lo de Roma, a cerca de sessenta e cinco quilômetros de distância. Ele os abraça em Praça de Ápio. Outro grupo, que talvez tenha saído de Roma um pouco mais tarde, vem ao seu encontro a cerca de cinquenta quilômetros de distância e o abraça em Três Vendas. Assim, o Senhor encoraja Paulo duas vezes na última parte de sua jornada para Roma.

Então, Paulo finalmente chega ao coração do mundo naquela época. O que deve tê-lo comovido ao entrar na cidade que ele desejava visitar há tanto

tempo (Rom 1:10; 15:23). Como mencionado anteriormente, ele chega lá de uma maneira diferente da que havia imaginado. Não deve ter lhe ocorrido que ele viria como prisioneiro. Mas Deus ordenou que fosse assim, e que bênção resultou desse cativo! Basta pensar nas cartas que ele escreveu durante essa prisão e que agora temos na Bíblia.

Além disso, foi justamente como prisioneiro que Paulo teve uma oportunidade que outros em Roma não tiveram, a saber, levar o evangelho à corte de César, o que também foi um incentivo para outros (Flp 1:12-14). Ao mesmo tempo, sua prisão testou a autenticidade da fé de muitos. Havia aqueles que se envergonhavam de seus grilhões e o esqueciam em Roma, enquanto alguém como Onesíforo não se envergonhava e o procurava em Roma (2Tim 1:16,17). Isso aconteceu durante sua segunda prisão, mas o princípio é o mesmo. Paulo era um prisioneiro.

Nessa primeira prisão, Paulo recebe permissão para viver por conta própria, permanentemente algemado e vigiado por um soldado. Comparada a uma cela de prisão, essa forma de aprisionamento pode ser descrita como branda.

Atos 28:17-22 | Primeiro diálogo com os judeus em Roma

17 E aconteceu que, três dias depois, Paulo convocou os principais dos judeus e, juntos eles, lhes disse: Varões irmãos, não havendo eu feito nada contra o povo ou contra os ritos paternos, vim, contudo, preso desde Jerusalém, entregue nas mãos dos romanos, 18 os quais, havendo-me examinado, queriam soltar-me, por não haver em mim crime algum de morte. 19 Mas, opondo-se os judeus, foi-me forçoso apelar para César, não tendo, contudo, de que acusar a minha nação. 20 Por esta causa vos chamei, para vos ver e falar; porque pela esperança de Israel estou com esta cadeia. 21 Então, eles lhe disseram: Nós não recebemos acerca de ti cartas algumas da Judéia, nem veio aqui algum dos irmãos que nos anunciasse ou dissesse de ti mal algum. 22 No entanto, bem quiséramos ouvir de ti o que sentes; porque, quanto a esta seita, notório nos é que em toda parte se fala contra ela.

A natureza branda de sua prisão também se reflete no fato de que ele pode receber livremente ou até mesmo convidar qualquer pessoa. Depois de apenas três dias, ele convida os judeus mais proeminentes para ir até ele.

Como ele não tem a oportunidade de ir a uma sinagoga, isso lhe permite agir em Roma de acordo com o princípio: “primeiro ao judeu e também ao grego” (Rom 1:16). Depois que os judeus mais ilustres chegaram, ele começa a se defender. Ele começa explicando por que veio a Roma, pois o fato de estar aqui como prisioneiro exige uma explicação.

Ele faz um resumo muito breve do que aconteceu. É notável que ele não mencione o motivo ou as tentativas de assassinato. Ele não acusa seus irmãos judeus de nada, não importa o mal que tenham feito a ele. Isso é amor genuíno e altruísta.

Quanto ao tratamento que recebeu dos romanos, ele também os apresenta sob uma luz favorável. Ele apenas menciona que eles queriam libertá-lo porque não haviam encontrado nada nele que merecesse a morte (Atos 23:29; 25:25; 26:32). Paulo, portanto, apresenta os romanos sob uma luz favorável. Esses judeus viviam entre eles e os conheciam.

Sem qualquer julgamento de valor, Paulo fala sobre como os judeus se opuseram à sua absolvição pelos romanos e como ele foi, portanto, forçado a apelar para César. Portanto, ele não está aqui para acusar seus irmãos, mas para deixar que a justiça siga seu curso. Ele queria que eles soubessem disso, e é por isso que os fez vir até ele.

Ao mesmo tempo, ele lhes diz que não é um judeu apóstata, mas que compartilha a esperança de todos os judeus. “A esperança de Israel” refere-se ao cumprimento das promessas feitas aos pais, uma esperança que está inseparavelmente ligada ao Messias. No final desse livro, isso não só esclarece o fato de que o cristianismo é o novo testemunho, mas também que Deus não perde de vista o seu povo. Paulo não acusa seu povo por suas cadeias, mas aponta para a esperança de Israel, para o Messias, como a razão de suas cadeias.

Depois que Paulo termina de falar, os judeus romanos lhe dizem que não sabem nada sobre ele. Nenhuma carta havia sido escrita a eles da Judeia, e nenhum irmão havia chegado a eles de lá para relatar algo ruim sobre ele. Portanto, eles não têm condições de fazer um julgamento. Eles lhe dão a oportunidade de explicar seus pensamentos a eles. Ao mesmo tempo, eles dizem que o que ouviram sobre o cristianismo lhes dá a impressão de que é um movimento oposto que não traz nada de bom para o judaísmo. Nem

mesmo os fariseus deram ao Senhor Jesus essa oportunidade de se explicar, embora Nicodemos tenha falado fortemente a favor do cristianismo (Joã 7:51).

Esses judeus querem ouvir, mas também mostram que são críticos. A atitude desses judeus é digna de ser imitada. É importante que não julgemos os pontos de vista de uma pessoa que não concorda com os nossos até que a pessoa em questão tenha tido a oportunidade de responder.

Atos 28:23-28 | Segunda conversa com os judeus

23 E, havendo-lhe eles assinalado um dia, muitos foram ter com ele à pousada, aos quais declarava com bom testemunho o Reino de Deus e procurava persuadi-los à fé de Jesus, tanto pela lei de Moisés como pelos profetas, desde pela manhã até à tarde. 24 E alguns criam no que se dizia, mas outros não criam. 25 E, como ficaram entre si discordes, se despediram, dizendo Paulo esta palavra: Bem falou o Espírito Santo a nossos pais pelo profeta Isaías, 26 dizendo: Vai a este povo e dize: De ouvido, ouvireis e de maneira nenhuma entenderéis; e, vendo, vereis e de maneira nenhuma perceberéis. 27 Porquanto o coração deste povo está endurecido, e com os ouvidos ouviram pesadamente e fecharam os olhos, para que nunca com os olhos vejam, nem com os ouvidos ouçam, nem do coração entendam, e se convertam, e eu os cure. 28 Seja-vos, pois, notório que esta salvação de Deus é enviada aos gentios, e eles a ouvirão.

Depois da conversa para se conhecerem melhor, eles concordam que querem se aprofundar no assunto. Nessa ocasião, mais pessoas se aproximam de Paulo em sua hospedaria. Ele lhes explica o que é o reino de Deus e o que ele significa. Essa é a sexta vez neste livro que o reino é mencionado. Falar de uma vida no reino de Deus significa falar de uma vida sob o reinado do Senhor Jesus. Um dia esse reino será estabelecido em glória quando o Senhor Jesus vier para reinar na Terra.

Agora que Ele foi rejeitado, o reino de Deus não é visível, mas está lá. Ele está lá onde quer que as pessoas confessem o Senhor Jesus como Senhor e demonstrem isso na prática de suas vidas diárias por meio do poder do Espírito Santo (Rom 14:17). Se cada crente percebesse mais em sua vida o que significa ser um súdito no reino, a verdade seria mais bem colocada em prática pela igreja e muitas divisões dentro da igreja nunca teriam ocorrido.

Paulo interpretou a verdade, explicou o significado e testemunhou – ou seja, falou sobre ela com insistência – que ela também deve ser vivida. Ele fez isso o dia inteiro. Não havia ninguém olhando para o relógio. Deve ter sido extremamente cativante ouvi-lo falar sobre o Senhor Jesus com base na Lei de Moisés e nos Profetas. Ele se dedicou de todo o coração, pois queria muito convencê-los de “Jesus”. Se ao menos eles reconhecessem no Senhor Jesus o Messias enviado por Deus, seriam salvos, e era disso que ele tratava. Aqui vemos que o estudo intensivo da Bíblia com interpretação também é uma forma de ganhar pessoas para Cristo.

As reações não faltam. Como sempre, a pregação da Palavra causa uma divisão entre os ouvintes. Alguns estão convencidos, outros não creem. Depois que Paulo citou uma palavra séria de Isaías (Isa 6:9,10), eles saíram, debatendo. Isaías dirigiu essa palavra ao povo incrédulo como um todo, e Paulo agora a aplica aos judeus incrédulos a quem ele dirigiu a palavra. O Senhor Jesus também usou essa palavra em seus dias com relação ao povo (Mat 13:14-16).

A grande questão de saber se as pessoas ainda virão à fé é claramente respondida com essa citação. Parece ser uma palavra dura, mas se aplica completamente a eles por causa de sua rejeição. É o último e definitivo julgamento sobre o endurecimento que Paulo observou. Eles fecharam seus corações de modo que não podem receber a palavra de Deus. Eles se afastam para sua própria destruição (Heb 10:39).

Essa constatação de seu endurecimento leva Paulo às últimas palavras que ouvimos dele neste livro. Essas palavras dizem respeito ao ponto ao qual fomos conduzidos neste livro, a saber, que a porta da salvação foi aberta aos gentios porque os judeus rejeitaram a salvação (Atos 13:46; 18:6; Rom 11:25-32). A palavra não chegará a eles em vão. Eles também ouvirão. Embora nem todos os povos tenham aceito o evangelho, muitos das nações o ouviram e aceitaram ao longo dos séculos (1Tim 3:16).

Atos 28:29-31 | Paulo continua pregando sem impedimentos

29 E, havendo ele dito isto, partiram os judeus, tendo entre si grande contenda.
30 E Paulo ficou dois anos inteiros na sua própria habitação que alugara e recebia todos quantos vinham vê-lo, 31 pregando o Reino de Deus e ensinando

com toda a liberdade as coisas pertencentes ao Senhor Jesus Cristo, sem impedimento algum.

Lucas dá a duração da prisão de Paulo, que ele foi autorizado a passar “em sua própria casa alugada”, como dois anos inteiros. Parece que Paulo foi solto após esse período porque seus acusadores não apareceram. O julgamento não poderia ocorrer a menos que tanto o acusado quanto os acusadores comparecessem perante o juiz (Atos 23:35; 25:16). Portanto, também não era correto o fato de Paulo não ter sido solto depois de ficar detido por dois anos (Atos 24:27). No caso de os acusadores não comparecerem, a lei romana estipulava que o acusado deveria ser libertado. Os judeus provavelmente achavam que viajar para Roma era uma tarefa muito grande. Talvez tenha sido suficiente para eles o fato de Paulo ter sido capturado e transportado para Roma.

O fato de Paulo ter sido libertado após dois anos sem comparecer perante o imperador não precisa ser visto como uma contradição ao fato de que ele teve de ir a Roma por esse mesmo motivo. De acordo com o texto, não é necessariamente o caso de que seu comparecimento perante o imperador tivesse que ocorrer durante essa prisão. Haveria uma segunda prisão e, então, ele realmente compareceria diante do imperador.

Paulo recebeu a visita de um número desconhecido de pessoas desconhecidas durante essa primeira prisão. Podem ter sido irmãos, judeus e também gentios (1Cor 10:32). Entre eles estava um escravo fugitivo chamado Onésimo, que sabemos ter se convertido por meio do ministério de Paulo (Flm 1:10). Ele deu a esse Onésimo a carta a Filemom, que escreveu durante sua prisão por ocasião da conversão de Onésimo. Durante esses dois anos, ele também escreveu as cartas às igrejas de Éfeso, Filipos e Colossos.

A todos que o procuravam, ele pregava o reino de Deus, que tem como centro o Senhor Jesus Cristo. O livro começou com a pregação do reino de Deus (Atos 1:3) e aqui, onde ele é mencionado pela sétima e última vez, o livro se encerra com ele. Paulo prega o Senhor desse reino na cidade de César, o grande senhor da terra. Ele faz isso “sem impedimentos”. Essa é a última palavra de Atos, pelo menos no texto grego.

O livro termina com um final aberto, porque a obra do Espírito, que não está preso, não está terminada. A história da igreja continua em cada um

de seus membros. Assim, a palavra alcançou os confins do Império Romano. O cristianismo deixou de ser uma seita judaica para se tornar uma “religião mundial”. O Evangelho saiu de Jerusalém até os confins da Terra e continuará a sair até o fim da presente dispensação. Podemos participar da transmissão dessa mensagem, ou seja, que há outro rei além dos governantes do mundo: o Senhor glorificado no céu. Até o momento em que Ele retornar, desejamos que seja dia.

Outras publicações

Em meu site <https://www.kingcomments.com/pt>, todas as publicações traduzidas podem ser lidas digitalmente. Consulte “Informações” no site.

Um aplicativo para Android e Apple pode ser baixado clicando nos emblemas que estão na parte inferior de cada página do site.

No site <https://www.oudesporen.nl/artikelen.php?lang=PT>, todos os comentários disponíveis podem ser baixados gratuitamente.

